

ANAIIS

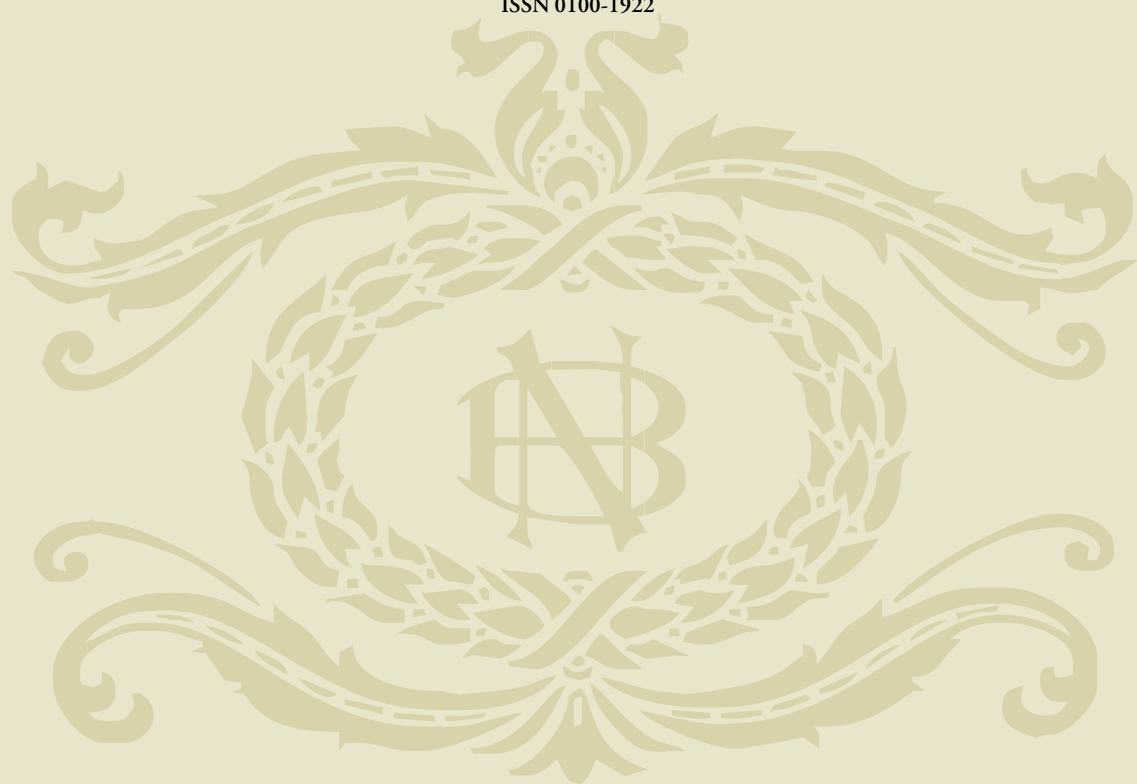
da

BIBLIOTECA

NACIONAL

Vol. 144 • 2025

ISSN 0100-1922



Rio de Janeiro, 2025



ANAIIS

da

BIBLIOTECA NACIONAL

Vol. 144 • 2024



Rio de Janeiro
2025

REPÚBLICA FEDERATIVA DO BRASIL

Presidência da República
Luiz Inácio Lula da Silva

Ministério da Cultura
Margareth Menezes da Purificação Costa

FUNDAÇÃO BIBLIOTECA NACIONAL

Presidência
Marco Americo Lucchesi

Diretoria Executiva
Suely Dias

Centro de Coleções e Serviços aos Leitores
Maria José da Silva Fernandes

Centro de Processamento e Preservação
Gabriela Ayres Ferreira Terrada

Centro de Cooperação e Difusão
Verônica de Oliveira Lessa

Centro de Pesquisa e Editoração
Naira Christofolletti da Silveira

Coordenação de Editoração
Claudio Cesar Ramalho Giolito

Chefe do Serviço de Editoração
Taiyo Jean Omura

Coordenação de Editoração
Av. Rio Branco, 219, 5º andar
Rio de Janeiro – RJ | 20040-008
editoracao@bn.gov.br | www.gov.br/bn

ANAIS DA BIBLIOTECA NACIONAL – VOL. 144, 2024

EDITORIAL

Editoria
Naira Christofolletti da Silveira

Editor Executivo
Claudio Cesar Ramalho Giolito

Coordenação Editorial
Simone Muniz

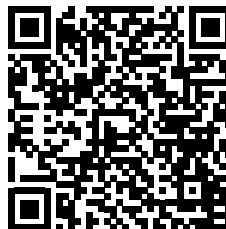
Preparação de Originais
Francisco Madureira, Simone Muniz

Revisão de Provas
Francisco Madureira, Simone Muniz, Taiyo Jean Omura

Projeto Gráfico
Glenda Rubinstein

Diagramação
Varnei Rodrigues (Propagare Ltda.)

Confira outras publicações da
Fundação Biblioteca Nacional



© 2023 Fundação Biblioteca Nacional (FBN)

Biblioteca Nacional (Brasil)

Anais da Biblioteca Nacional. – Vol. 1 (1876). – Rio de Janeiro : A Biblioteca, 1876-
v. : il. ; 17,5 x 26 cm.

Continuação de: Anais da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro.

Vols. 1-50 publicados com o título: Annaes da Bibliotheca Nacional do Rio de Janeiro.

ISSN 0100-1922

1. Biblioteca Nacional (Brasil) – Periódicos. 2. Brasil – História – Fontes. I. Título.

CDD- 027.581

22 ed.

SUMÁRIO

Apresentação	7
XV Encontro Nacional de Obras Raras.....	9
Raridade bibliográfica dos séculos XIX e XX: identificar, fundamentar e preservar	9
Coleções patrimoniais na Fundação Biblioteca Nacional: um passeio pelas estantes da Seção de Obras Raras.....	13
<i>Adriana Dias Gonçalves</i>	
<i>Juliana Borges Cid Taboada</i>	
<i>Valéria Alves de Freitas Werneck</i>	
As preciosidades da Seção de Obras Gerais da Biblioteca Nacional: as marcas de proveniência da coleção bibliográfica de Beatrix Reynal	27
<i>Amanda de Souza</i>	
Em nome do Conde: o destino da Biblioteca do Castelo d’Eu	37
<i>Anderson Leonardo de Azevedo</i>	
Tessituras de raridades na Coleção Pessoal Nélida Piñon da biblioteca do Instituto Cervantes do Rio de Janeiro	53
<i>Carlos Alberto Della Paschoa</i>	
<i>Elisete de Sousa Melo</i>	
<i>Marcelo Carneiro Ruas</i>	
Identificação das obras raras do acervo da Biblioteca Professor João Ferreira da Silva Filho – IPUB/UFRJ e sua contribuição para a história da psiquiatria brasileira.....	63
<i>Cátia Maria Mathias</i>	
Carlos Drummond de Andrade é raridade? Um estudo de caso da Seção de Atendimento e Curadoria de Obras Gerais da Fundação Biblioteca Nacional.....	79
<i>Daniele Cavaliere Brando</i>	
Proposta de um novo critério de raridade ao Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal do Pará	97
<i>Elisangela Silva da Costa</i>	

Edições censuradas como critério de raridade bibliográfica, o processo de Baudelaire	129
<i>Joana Darc Moreno de Andrade</i>	
<i>Gabriela Aparecida Cunha Yamane</i>	
<i>Renata Cristina de Melo</i>	
Critérios de raridade na Biblioteca do Uruguai: um modelo em desenvolvimento	145
<i>Gabriela Jaureguiberry Romanelli</i>	
<i>José Debesa Guillén</i>	
<i>Anilán Nieves González</i>	
<i>Antônio Pacheco Neto</i>	
A Brasileira da Companhia Editora Nacional no acervo da Biblioteca Central do Museu Nacional/UFRJ	163
<i>Leandra Pereira de Oliveira</i>	
<i>Edson Vargas da Silva</i>	
<i>Vânia Melo da Rocha de Jesus Alves</i>	
Avelar Brotero e o primeiro livro jurídico.....	173
<i>Maria Lucia Beffa</i>	
<i>Luciana Maria Napoleone</i>	
As marcas de proveniência nos ex-líbris: achados preliminares em uma coleção ex-librista.....	197
<i>Luiz Felipe P. Stelling</i>	
A Divina Comédia de Dante na Biblioteca Rio-Grandense: a memória leitora rio-grandina resgatada a partir da pesquisa de proveniência.....	207
<i>Alissa Esperon Vian</i>	
<i>Marcia Carvalho Rodrigues</i>	
Primeiros impressos de Brasília como critério de raridade na Coleção de Obras Raras da Biblioteca Nacional de Brasília (BNB).....	223
<i>Mariana Giubertti Guedes Greenhalgh</i>	
Desvendando as marcas de proveniência da Coleção do Imperador Dom Pedro II	231
<i>Priscila de Assunção Barreto Côrbo</i>	
<i>Tatyana Marques de Macedo Cardoso</i>	
Obras raras na saúde: buscando por Hipócrates na coleção especial do Centro de Memória da Medicina da UFMG	249
<i>Ráisa Mendes Fernandes de Souza</i>	
<i>Vitória Chrissie de Oliveira Pinheiro</i>	

As bibliotecas universitárias e a raridade bibliográfica: ensino, pesquisa e extensão nos critérios de raridade da Biblioteca Central da Universidade de Brasília.....	267
<i>Raphael Diego Greenhalgh</i>	
O bibliófilo e o bibliotecário: critérios para identificar, fundamentar e preservar as raridades bibliográficas regionais dos séculos XIX e XX.....	277
<i>Robson Lima da Silva</i>	
<i>Samuel Souza da Silva</i>	
O extraordinário universo dos acervos raros: a Biblioteca de Obras Raras da Escola de Belas Artes (UFRJ).....	293
<i>Rosani Godoy</i>	
<i>Wanessa Oliveira</i>	
A arte que mora no livro: a luz devida aos ilustradores	313
<i>Sonia Alice Monteiro Caldas</i>	
<i>Mônica Carneiro</i>	
Catálogo de autores negros de Santa Catarina: análise gráfica de livretos do século XIX e XX da Coleção Especial Raridade Catarinense da Biblioteca Universitária	329
<i>Verônica Pereira Orlandi</i>	
<i>Miguel Ângelo dos Santos Demétrio</i>	
A Brasileira de León Pinelo no acervo da Fundação Biblioteca Nacional	341
<i>Daniele de Almeida Simas</i>	
Preciosidades do Acervo	383
Os mapas mais influentes dos séculos XIX e XX publicados no Brasil, segundo a obra de Max J. Guedes	385
<i>Leniza de Faria Lima Glad</i>	
<i>Maria Dulce de Faria</i>	
<i>Terezinha de Fatima Puppim dos Reis</i>	

APRESENTAÇÃO

É fascinante participar e acompanhar ativamente a elaboração de uma publicação da Biblioteca Nacional. Sobretudo quando esta consiste em os *Anais da Biblioteca Nacional*, o encanto se torna ainda maior. Isto também porque os *Anais* comemoram, nesta edição, 149 anos de existência, carregando em suas páginas muitas histórias, entre elas as mudanças institucionais, sociais, técnicas e científicas da instituição.

O primeiro número dos *Anais* foi publicado em 1876 e, desde então, muitos outros foram editados, com diferentes equipes e profissionais que contribuíram para registros valiosos. Este é o volume 144, publicado em 2025. Ao percorrer os números anteriores a primeira mudança visível que intriga o leitor está em seu próprio título. Denominado inicialmente como “Annaes da Bibliotheca Nacional”, título vigente até o número 50 (1928), foi alterado no número 51 (1929) para “Anais da Biblioteca Nacional”, ambos publicados em 1936.

Observa-se que a mudança no título incorporou a Reforma Ortográfica da Academia Brasileira de Letras de 1907 e os seguidos debates da década de 1910, consolidados em 1915, que culminaram no Primeiro Acordo Ortográfico Luso-Brasileiro de 1931. Naquela época, os catálogos eram manuais e a mudança na grafia dos títulos resultou na produção de muitas remissivas em papel. Como além de editora deste número também sou bibliotecária e catalogadora, reconheço o quanto as transformações sociais reverberam nas bibliotecas. Assim, a mudança na grafia não somente resultou na mudança do título da publicação, mas também impactou no desenvolvimento técnico-científico em todas as áreas do conhecimento, inclusive na prática biblioteconômica.

Outras alterações também estiveram presentes nos *Anais*, a mais evidente refere-se aos seus conteúdos propriamente ditos. A obra se tratava, inicialmente, de um compilado dos acontecimentos vividos na Biblioteca Nacional, incluindo a lista de livros recém-adquiridos, os discursos e o relatório anual de gestão. Com o passar do tempo, a própria estrutura da instituição mudou, e isso ficou refletido em seus *Anais*. Atualmente, por exemplo, o relatório de gestão segue um modelo da esfera do Governo Federal, não sendo mais condizente com a condição de anais institucionais.

Observa-se também, entre as mudanças ocorridas, a adoção do número de ISSN que era inexistente na época do primeiro número dos *Anais*, porém, essencial para identificação de publicações seriadas a partir da década de 1970. O conteúdo também aos poucos incorporou outros interesses da instituição e passou a registrar os trabalhos apresentados nos eventos técnicos e científicos realizados na Biblioteca. Neste período, os *Anais da Biblioteca Nacional*

adquiriram novo contorno e observou-se um distanciamento do propósito inicial dos Anais para assumir características de uma publicação de anais de evento. Podemos perceber, então, que a publicação passou a ter duas funções: registros institucionais e de evento.

Uma vez que os *Anais da Biblioteca Nacional* passaram a disseminar trabalhos científicos, a publicação começou a ser avaliada pelo Qualis da Capes – Ministério da Educação. Provavelmente, a avaliação da Capes está relacionada às mudanças científicas que passaram a qualificar seus pesquisadores de acordo com o Qualis da sua produção bibliográfica. Mas isso é apenas uma hipótese.

Embora sejam publicados trabalhos de diferentes eventos, em especial os da Jornada de Pesquisadores da Fundação Biblioteca Nacional e os do Encontro Nacional de Acervos Raros, este último evento presente neste número; a sociedade, em especial a comunidade científica, de uma certa forma, clama por mudanças estruturais na produção bibliográfica. Hoje, por exemplo, se discute um substituto para o Qualis da Capes e também há uma demanda da comunidade científica por novos elementos na estrutura de livros e periódicos.

Neste contexto, identificamos que alguns conteúdos não recebem a devida atenção, enquanto outros são omitidos. Assim, entendemos que este número deve fechar um ciclo e que o próximo volume iniciará uma outra etapa, ao retornar à estrutura de narrativas institucionais. Além dessa volta às origens, anseia-se por dar o espaço que os anais científicos merecem. Desejamos que os *Anais da Biblioteca Nacional* voltem a ser um compilado dos principais acontecimentos institucionais, assim como almejamos que os trabalhos científicos possuam o seu próprio espaço, com o merecido reconhecimento, atendendo às exigências acadêmicas e da Ciência.

Com este número encerramos um ciclo da trajetória da publicação, que teve muito sentido em determinado momento, tanto para a história da instituição, como para os diferentes atores sociais, mas que, neste momento, não reflete o que Biblioteca Nacional quer registrar e, portanto, nos parece mais adequado que cada conteúdo tenha sua própria história contada e sua própria publicação. Por fim, nos *Anais da Biblioteca Nacional* identificamos uma única publicação com muitos relatos, histórias que estão entrelaçadas, porém independentes e amadurecidas o suficiente para gerar novas publicações, com identidades próprias.

Naira Christofoletti Silveira
Editora

XV Encontro Nacional de Obras Raras

Raridade bibliográfica dos séculos XIX e
XX: identificar, fundamentar e preservar



O Encontro Nacional de Acervo Raro – Enar, evento bianual realizado pelo Plano Nacional de Recuperação de Obras Raras (Planor) da Fundação Biblioteca Nacional, é considerado um dos maiores eventos científicos da área no Brasil e na América Latina. Promovido desde 1989, reúne profissionais, gestores e alunos das áreas de documentação, preservação/conservação e pesquisa, provenientes de todas as regiões brasileiras e de algumas partes do mundo. Durante o evento são apresentadas comunicações que visam trocas de experiências e de conhecimentos, além de fomentar reflexões sobre temáticas que envolvem acervos raros e de memória.

Nesta edição dos Anais da Biblioteca Nacional, apresentamos os trabalhos aprovados para o XV Encontro Nacional de Acervo Raro, que foi realizado nos dias 28, 29 e 30 de novembro de 2023, das 9h às 17h, em formato digital, por meio do canal do YouTube da Fundação Biblioteca Nacional. Esse Enar teve como temática a “Raridade bibliográfica dos séculos XIX e XX: identificar, fundamentar e preservar”, que, entre outros aspectos, como os voltados às questões patrimoniais e históricas, traz também a expectativa da ampliação dos critérios de raridade em âmbito nacional. A temática da décima quinta edição do Enar se consolidou em decorrência de diversos fatos históricos e movimentos sociais, científicos e culturais ocorridos nos séculos XIX e XX, que foram registrados em bibliografias produzidas por autores renomados, personalidades acadêmicas e científicas, historiadores e especialistas de diversas áreas do conhecimento, salvaguardadas em inúmeras instituições culturais, de ensino, de pesquisa, especializadas, públicas e privadas de nosso país.

Identificar, registrar e preservar essa documentação é de extrema importância para que a própria instituição reconheça o valor de bibliografias dos últimos séculos, bem como possa criar estratégias para sua disseminação e acesso, possibilitando, além do processamento técnico e da transferência de informação, a geração de novos documentos e saberes.

Levando em consideração a crescente relevância e o papel do Encontro Nacional de Acervo Raro como evento gerador de conhecimento científico, a partir do próximo encontro, os trabalhos aprovados e apresentados nele serão disponibilizados ao público em uma nova publicação especificamente dedicada aos temas escolhidos.

Coleções patrimoniais na Fundação Biblioteca Nacional: um passeio pelas estantes da Seção de Obras Raras

Adriana Dias Gonçalves

Bacharel em Biblioteconomia; chefe substituta da Seção
de Obras Raras da Fundação Biblioteca Nacional

Juliana Borges Cid Taboada

Bacharel em Biblioteconomia; bibliotecária da Seção de
Obras Raras da Fundação Biblioteca Nacional

Valéria Alves de Freitas Werneck

Bacharel em Biblioteconomia; chefe da Seção de Obras
Raras da Fundação Biblioteca Nacional





Resumo

As bibliotecas, inclusive as nacionais, passaram por mudanças, deixando de ser tratadas como simples depósitos de livros e se tornaram instituições preocupadas em promover o conhecimento e a proteção de seus acervos. Por isso, passaram a ter um olhar mais atento às suas coleções, procurando identificá-las para assim terem argumentos sólidos no momento de propor ações visando à preservação do patrimônio bibliográfico sob sua guarda. Esse conhecimento mais profundo permite também resgatar a memória institucional por meio da identificação das marcas de proveniência que contam a trajetória de um exemplar até sua chegada à instituição. Sendo assim, este trabalho objetiva apresentar o levantamento inicial das obras escritas pelos ex-dirigentes da Biblioteca Nacional que estão localizadas na Seção de Obras Raras e são parte do patrimônio institucional.

Palavras-chave: Patrimônio bibliográfico. Biblioteca Nacional. Memória institucional. Preservação. Diretores da Biblioteca Nacional.

Abstract

Libraries, including national ones, have undergone changes, no longer being treated as simple book deposits and becoming institutions concerned with promoting knowledge and protecting their collections. To this end, they began to take a closer look at their collections, trying to identify them so that they could have solid arguments when proposing actions aimed at preserving the bibliographic heritage under their care. This deeper knowledge also allows us to recover institutional memory through the identification of provenance marks that tell the story of a specimen until its arrival at the institution. Therefore, this work aims to present the initial survey of works written by former directors of the National Library that are located in the Rare Books Section and are part of the institutional heritage.

Keywords: Bibliographic heritage. National Library. Institutional memory. Preservation. Directors of the National Library.



Introdução

Ao longo do tempo as bibliotecas passaram por transformações, deixando de ser vistas como simples depósitos de livros, com a missão de guardar toda a produção intelectual existente, sem preocupação com questões referentes à preservação e difusão, e tornaram-se instituições envolvidas social e culturalmente com a produção do conhecimento, conscientes da importância de salvaguardar o patrimônio bibliográfico sob sua custódia, para que as gerações futuras pudessem promover e perpetuar a memória coletiva de sua nação (Rodrigues, 2015). Também as bibliotecas nacionais tiveram que se adequar aos novos cenários, divulgando e dando acesso aos seus acervos, que fazem parte do patrimônio cultural do país ao qual pertencem.

Nesse contexto, identificar, fundamentar e preservar se tornaram parte basilar da rotina dos profissionais responsáveis por custodiar esses acervos. Isto é, um olhar mais atento procurando identificar e conhecer melhor as coleções que os compõem, com a finalidade de promover ações que visem à segurança, preservação, divulgação e disseminação desse patrimônio bibliográfico, que muitas vezes não recebe a devida atenção por falta de conhecimento sobre sua importância para a instituição, torna-se essencial.

Esse conhecimento mais profundo permite revelar obras que resgatam a memória da instituição, já que os livros podem trazer informações e contar histórias que vão muito além de suas linhas impressas. Suas encadernações, dedicatórias, carimbos, etiquetas e tantas outras marcas podem traçar a trajetória de um exemplar até sua chegada a uma instituição.

Pensando em todos esses pontos, este trabalho se propõe a apresentar o levantamento inicial das obras escritas pelos ex-dirigentes que passaram pela Biblioteca Nacional no período entre meados do século XIX e as primeiras décadas do século XX, localizadas na Seção de Obras Raras, com o objetivo de identificar suas características extrínsecas que tornam o exemplar único e lhe agregam um valor simbólico, o que possibilita reconstruir a trajetória desses itens, parte da memória e patrimônio institucional da biblioteca.

Para a elaboração desse trabalho, foram realizadas pesquisas dos tipos bibliográfica e documental. A primeira baseou-se em revisão de literatura sobre patrimônio para buscar entender e conceituar esse termo. Para a segunda, foi feita pesquisa sobre os ex-dirigentes da Biblioteca Nacional tanto no site da instituição quanto em obras de referência e consulta na base de dados Sophia (catálogo online utilizado pela biblioteca para a busca e recuperação de informações referentes às obras), a fim de selecionar as obras localizadas na Seção de Obras Raras que fossem de autoria dos pesquisados, além de consulta em sites e páginas da web que trouxessem alguma informação relevante ao tema do trabalho.

Mas o que pode ser considerado patrimônio?

Quando se fala em patrimônio cultural, nota-se que este ainda é um tema visto de forma subjetiva, pois envolve escolhas e análises que levam em conta fatores como contexto histórico, social, regional e local de cada nação. Segundo Gonçalves (2005), para que um conjunto de bens e objetos seja reconhecido pela comunidade como patrimônio é preciso que encontrem “ressonância” junto a essa comunidade, ou seja, ela precisa se sentir representada por aquele conjunto.

O mesmo ocorre com o patrimônio bibliográfico, que é uma das modalidades do patrimônio cultural. A sociedade precisa entender e reconhecer que determinado conjunto bibliográfico e documental representa sua nação, conta sua história, guarda sua memória. Cabral (2013) diz que para ser considerado patrimônio bibliográfico nacional um conjunto de obras precisa contribuir para a percepção da identidade coletiva. Jaramillo e Marín-Agudelo (2014) corroboram falando que esse conjunto pode conter documentos em qualquer meio e formato, desde que representem a expressão e a identidade cultural de uma comunidade ou nação, podendo ser caracterizado pelo seu valor simbólico, de conteúdo ou estético. Já Faria e Pericão (2008) trazem como definição de patrimônio bibliográfico o “conjunto das espécies bibliográficas, seja qual for o seu tipo de suporte, acumuladas ao longo dos séculos e que veiculam a herança cultural de um povo”.

Mas, para que ocorra esse reconhecimento é preciso que se identifique e divulgue esses itens para a comunidade. Essa identificação também permite que se possa propor projetos que objetivem salvaguardar e proteger todos esses conjuntos. É nesse ponto que se torna crucial a atuação dos profissionais que estão responsáveis pela guarda desses acervos. Em relação à relevância de se conhecer esse patrimônio, García Aguilar (2000) e Palma Peña (2013) dizem que conhecer e identificar os elementos que fazem parte desse patrimônio de maneira detalhada, entendendo sua importância, permite pensar em ações que visem sua proteção e preservação.

Não somente os acervos “antigos” e/ou “raros” devem ser contemplados por esse olhar mais atento; também os acervos contemporâneos e atuais precisam ser observados. Conforme explica Fernández de Zamora (2009), o conceito de patrimônio deve contemplar tanto um conjunto de bens culturais produzidos e herdados do passado como aqueles que estão sendo produzidos no presente, pois não se deve considerar apenas os documentos e livros antigos como patrimônio, mas sim todo documento que possua caráter único, singular ou valioso, do passado ou do presente, já que patrimônio pode ser também a produção atual que se deixa para as gerações futuras. Azevedo (2021) complementa falando que a identificação desse patrimônio não deve se limitar apenas aos valores

(critérios de raridade) consagrados universalmente, mas também abranger elementos que representem as realidades locais de cada biblioteca.

Todos esses pontos servem para justificar e fundamentar a importância de se identificar as coleções que compõem os acervos a fim de divulgá-los e protegê-los.

As obras dos ex-dirigentes da Biblioteca Nacional como parte do patrimônio institucional

Sobre a questão da memória, que está intrinsecamente associada ao patrimônio, Nora (1993) afirma que “a memória é um fenômeno sempre atual, um elo vivido no eterno presente [...]” e Halbwachs (1990) expõe que a memória não se conserva no passado e se recupera a partir do presente, ela necessita da aprovação coletiva. Ou seja, a memória vem sendo construída ao longo dos tempos por documentos do passado e do presente que precisam ser validados pela comunidade.

Seguindo esse raciocínio, a trajetória e origem de uma instituição, seja ela pública ou privada, pode ser resgatada pela produção de registros que conservem e transmitam essa memória para gerações futuras por meio de outras tipologias diferentes, além dos documentos arquivísticos. Sendo assim, pode-se entender como patrimônio institucional a identificação e organização do acervo histórico, composto por itens bibliográficos, arquivísticos e museológicos, com o objetivo de preservar as informações produzidas pelas instituições e seus agentes. Daí vem a importância de se identificar e organizar as obras pertencentes aos ex-dirigentes da Biblioteca Nacional como forma de perpetuar a memória institucional.

Apesar de ter sido fundada em 1810, pode-se dizer que a história da Biblioteca Nacional começou já em 1808 com a chegada da família real ao Rio de Janeiro trazendo juntamente com sua corte cerca de 60 mil peças entre livros, manuscritos, mapas, estampas, moedas e medalhas (Fundação Biblioteca Nacional, [2023]). Ao longo de sua trajetória, a biblioteca teve diversos dirigentes, que primeiramente foram chamados de “prefeitos ou encarregados do arranjo e conservação”, título que perdurou até 1822, quando o cargo de dirigente passou a ser intitulado “bibliotecário”. Com a Proclamação da República, houve uma nova modificação na nomenclatura e o cargo passou a ser denominado “diretor”.

Durante a trajetória desses dirigentes foram produzidos inúmeros documentos institucionais como relatórios, boletins, correspondências internas e externas, catálogos, que traziam ao conhecimento público qual era a situação da instituição e de seu acervo naquele determinado período, ou divulgavam uma determinada exposição ou acervo. Além disso, muitos dirigentes eram escritores e produziam obras sobre assuntos diversos e que eram incorporados

ao acervo da biblioteca por doação do próprio ou de terceiros. E esses itens podem ser considerados também parte do patrimônio histórico da biblioteca, juntamente com os demais documentos institucionais.

Partindo dessa premissa, elaborou-se a relação dos dirigentes da Biblioteca Nacional considerando o recorte temporal entre meados do século XIX e as primeiras décadas do século XX, tendo por base pesquisa no *site* da instituição e em obras de referência que trouxessem alguma informação sobre os pesquisados. Constatou-se que a biblioteca teve 14 dirigentes ao longo do período pesquisado, dos quais oito tiveram obras localizadas na Seção de Obras Raras após a busca realizada no catálogo da Biblioteca Nacional, atualmente representado pelo *software Sophia*. O quadro 1, a seguir, traz a relação desses dirigentes cujas obras se encontram na Seção de Obras Raras e o período em que estiveram à frente da Biblioteca Nacional, bem como sua biografia resumida:

Quadro 1 – Relação dos ex-dirigentes da Biblioteca Nacional

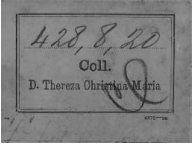
Ex-dirigente	Período	Biografia
 José de Assis Alves Branco Muniz Barreto, 1819-1853	1846 a 1853	Nasceu na Bahia em 27 de setembro de 1819 e faleceu em 17 de março de 1853, na cidade de Niterói. Era formado em Medicina e atuou também como político, jornalista e bibliotecário.
 Benjamin Franklin Ramiz Galvão, 1846-1938	1870 a 1882	Nasceu na província do Rio Grande do Sul em 16 de junho de 1846 e faleceu em 9 de março de 1938, no Rio de Janeiro. Era bacharel em Letras pelo colégio Pedro II e formado em Medicina, atuou também como ensaísta, filólogo e orador. Foi o primeiro e único barão de Ramiz. Em 1882, foi escolhido pelo imperador para ser o tutor dos príncipes.

Ex-dirigente	Período	Biografia
 Francisco Leite de Bittencourt Sampaio, 1836-1894	1889 a 1892	Nasceu na província de Laranjeiras (atual estado de Sergipe) em 1836. Bacharel em Ciências Sociais e Jurídicas, exerceu a advocacia nos auditórios do Rio de Janeiro, foi político e poeta. Foi diretor da Biblioteca Nacional por nomeação do governo provisório poucos dias depois de proclamada a República. Em sua gestão a biblioteca passou por uma reforma.
 Raul D'Avila Pompeia, 1863-1895	1894 a 1895	Nasceu em Angra dos Reis em 12 de abril de 1863 e faleceu no Rio de Janeiro em 25 de dezembro de 1895. Era bacharel em Letras e em Direito, romancista, contista, cronista, jornalista, professor, funcionário público. Ao lado de Luis Gama foi um dos mais esforçados batalhadores em prol da abolição do elemento escravo, tanto na imprensa como na tribuna popular.
 José Alexandre Teixeira de Mello, 1833-1907	1895 a 1900	Nasceu em Campos dos Goytacazes em 28 de agosto de 1833. Era formado em Medicina. Em 1875 mudou-se para o Rio de Janeiro e foi nomeado por decreto imperial de 24 de março de 1876 chefe da secção de manuscritos da Biblioteca Nacional, passando desta secção para a de impressos em dezembro de 1882.
 Rodolfo Augusto de Amorim Garcia, 1873-1949	1932 a 1945	Nasceu no Ceará Mirim, Rio Grande do Norte, em 25 de maio de 1873 e faleceu no Rio de Janeiro em 14 de novembro de 1949. Era formado em Direito, e lecionou História, Geografia, Francês e Português em Pernambuco. Em 1930, assumiu a direção do Museu Histórico Nacional, criando em 1932 o Curso de Museus que funcionou na instituição.

Ex-dirigente	Período	Biografia
 Rubens Borba Alves de Moraes, 1899-1986	1945 a 1948	Nascido em 23 de janeiro de 1899, em Araraquara, interior de São Paulo, Borba de Moraes estudou na Europa e fez sua graduação em Letras na Universidade de Genebra (Suíça), concluída em 1919. No início da década de 1930, foi estudar Biblioteconomia nos Estados Unidos e, ao retornar ao nosso país, foi um dos protagonistas da difusão das bibliotecas públicas na cidade de São Paulo, e da criação de sua Escola de Biblioteconomia. Justamente cognominado o “Mestre dos Livros”, Borba de Moraes foi, além de exímio bibliotecário, bibliógrafo, bibliófilo, historiador, pesquisador brasileiro, um dos organizadores da Semana de Arte Moderna, pioneiro da biblioteconomia no país e diretor da Biblioteca da Organização das Nações Unidas, em Nova Iorque. Edson Nery da Fonseca diz que ele foi, no Brasil, uma espécie de Ramiz Galvão de seu tempo. Colecionador de livros raros e antigos, Rubens Borba de Moraes contribuiu amplamente para o avanço bibliográfico nacional com a inventariação de estudos brasileiros no <i>Manual bibliográfico de estudos brasileiros</i>, publicado em 1949, e na <i>Bibliografia brasileira do período colonial</i>, tornando-se um dos pioneiros da área. Faleceu em São Paulo no ano de 1986.
 Eugênio Gomes, 1897-1972	1951 a 1956	Nasceu no interior da Bahia em 15 de novembro de 1897 e faleceu no Rio de Janeiro em 7 de maio de 1972. Foi crítico literário e escritor, sendo especialista em crítica comparada.

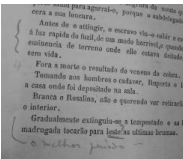
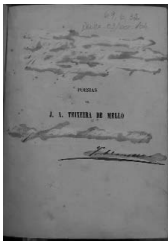
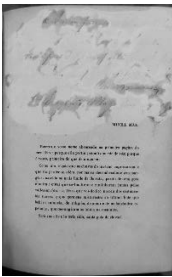
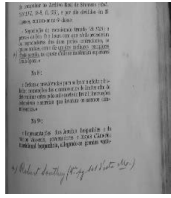
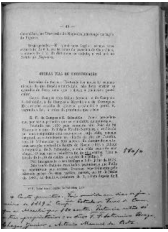
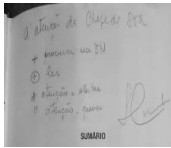
A partir desse levantamento realizado no catálogo Sophia, identificou-se trinta títulos de autoria dos oito ex-dirigentes, totalizando 48 itens, que foram analisados minuciosamente, procurando verificar suas marcas de proveniência como encadernações, anotações, assinaturas e demais características que justificassem sua relevância e traçassem sua jornada até chegar à seção. Após essa análise, foram encontrados carimbos de propriedade, ex-líbris, etiquetas de encadernador, super libris, assinaturas, dedicatórias, anotações manuscritas e encadernações especiais, conforme mostrado a seguir (quadro 2).

Quadro 2 – Relação de marcas encontradas nas obras dos ex-dirigentes da BN

Carimbos da BN ¹				
	 			
Carimbos diversos				
				
Ex-líbris				

1. Imagens do levantamento de carimbos da FBN feito por Thais Almeida (Laboratório de Restauração / FBN) e Nathália Amorim (Coordenação de Protocolo / IFRJ).

Etiquetas				
Super libris				
Assinaturas				
Dedicatórias				

Anotações manuscritas				
				
				
Encader- nações especiais				

Fonte: elaboração própria

Tendo ciência da preciosidade do acervo e da importância das marcas de proveniência para atribuir caráter de unicidade a um exemplar, já que essas marcas “são potencialmente as mais valiosas peças de documentação relacionadas a uma coleção” (Buchaman, 2011 *apud* Leung, 2016, tradução nossa) e registram a jornada do exemplar ao longo de sua vida, essa análise possibilitou um aprofundamento maior nesse universo, pois, apesar de muitas dessas marcas de proveniência estarem descritas na catalogação, diante da monumentalidade do acervo sempre pode surgir algum dado novo ou relações que possam ser desveladas por meio desses registros.

Considerações finais

Identificar os itens que compõem o patrimônio bibliográfico é o marco inicial para que se possam definir normas, leis e instrumentos de proteção e preservação, além de servir como base para a formulação de projetos que visem à conservação e salvaguarda dos acervos e da memória da instituição.

Os profissionais responsáveis pela guarda desses itens que compõem os acervos precisam conhecer a história da instituição para assim conseguir delinear a identidade de um conjunto como sendo relevante para a perpetuação da memória e patrimônio dessa instituição.

No caso da Biblioteca Nacional, esse levantamento inicial permitiu identificar e mapear as marcas de proveniência que estão contidas nas obras escritas pelos ex-dirigentes da biblioteca, proporcionando o resgate da trajetória dessas obras e justificando sua importância como parte da memória da instituição.

Referências

- ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS (ABL). Rodolfo Garcia. *Biografia*. 2016. Disponível em: <https://www.academia.org.br/academicos/rodolfo-garcia/biografia>. Acesso em: 22 nov. 2023.
- AZEVEDO, F. C. Perspectiva e apontamentos sobre patrimônio bibliográfico e documental. In: LOSE, A. D.; MAGALHÃES, L. B. S.; MAZZONI, V. S. de S. (org.). *Paleografia e suas interfaces*: volume 2. Salvador: Memória & Arte, 2021. Disponível em: https://1f11a6e7-5dbd-49ca-a343-4afae8a65778.filesusr.com/ugd/d9b288_42ede573232a4c088a9f84e53a0ffcb9.pdf. Acesso em: 22 nov. 2023.
- BIBLIOTECA DIGITAL DE LITERATURA DE PAÍSES LUSÓFONOS (BLPL). Informações sobre os escritores. Disponível em: <https://www.literaturabrasileira.ufsc.br/autores/>. Acesso em: 22 nov. 2023.
- BLAKE, Augusto Victorino Alves Sacramento. *Diccionario Bibliographico Brasileiro*. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1893. 7 v.
- CABRAL, M. L. *Patrimônio bibliográfico e bibliotecas na construção da identidade colectiva: entre um conceito e o seu desenvolvimento, 1750-1800*. Tese (Doutorado em História Moderna) - Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, Universidade Nova de Lisboa, Lisboa, 2013. Disponível em: <https://run.unl.pt/handle/10362/11407>. Acesso em: 21 nov. 2023.
- EUGENIO Gomes. WIKIPÉDIA: a enciclopédia livre. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Eug%C3%AAnio_Gomes. Acesso em: 23 nov. 2023.
- FARIA, Maria Isabel Ribeiro de; PERICÃO, Maria da Graça. *Dicionário do livro: da escrita ao livro eletrônico*. São Paulo: Edusp, 2008.
- FERNÁNDEZ DE ZAMORA, Rosa María. Conocer, valorar y difundir El patrimonio documental de América latina y El Caribe. In: WORLD LIBRARY

AND INFORMATION CONGRESS: IFLA GENERAL CONFERENCE AND COUNCIL, 75., 2009, Milan, Italy. *Proce-edings...*, Milan: IFLA, 2009. Disponível em: <https://www.ifla.org/past-wlic/2009/98-fernandez-es.pdf>. Acesso em: 21 nov. 2023.

FUNDAÇÃO BIBLIOTECA NACIONAL (Brasil). *Sobre a BN: Histórico*. Rio de Janeiro [2023]. Disponível em: <https://www.gov.br/bn/pt-br/acesso-a-informacao-2/institucional/sobre-a-fbn/historico>. Acesso em: 26 mar. 2024.

GARCÍA AGUILAR, M. I. Legislar para preservar el patrimonio documental mexicano: um reto para el nuevo milênio. *Investigación Bibliotecológica*, México, v. 14, n. 28, p. 97-114, jan.-jun. 2000. Disponível em: https://ru.iibi.unam.mx/jspui/handle/IIBI_UNAM/A362. Acesso em: 22 nov. 2023.

GONÇALVES, J. R. S. Ressonância, materialidade e subjetividade: as culturas como patrimônio. *Horizontes Antropológicos*, Porto Alegre, ano 11, n. 23, p. 15-36, jan.-jun. 2005. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ha/a/wRHHd9BPqsbsDBzSM33NZcG/?lang=pt>. Acesso em: 21 nov. 2023.

HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. Tradução de Laurent Léon Schaffter. São Paulo: Editora Revista dos Tribunais, 1990. p. 29-70. Disponível em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4005834/mod_resource/content/1/48811146-Maurice-Halbwachs-A-Memoria-Coletiva.pdf. Acesso em: 23 nov. 2023.

JARAMILLO, Orlanda; MARÍN-AGUDELO, Sebastián-Alejandro. Patrimonio bibliográfico en la biblioteca pública: memorias locales e identidades nacionales. *El Profesional de la Información*, v. 23, n. 4, p. 425-432, 2014. Disponível em: https://bibliotecadigital.udea.edu.co/bitstream/10495/8356/1/JaramilloOrlanda_2014_PatrimonioBibliograficoBiblioteca.pdf. Acesso em: 23 nov. 2023.

LEUNG, Colette. *The journey of books: rare books and manuscripts provenance metadata in a digital age*. 2016. Dissertação (Master of Arts in Humanities Computing and Master of Library and Information Studies) - University of Alberta, School of Library and Information Studies, Edmonton, Canadá, 2016. Disponível em: <https://goo.gl/L6sHd8>. Acesso em: 26 mar. 2024.

NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. Tradução: Yara Aun Khoury. *Projeto História : Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados de História*, v. 10, (1993). Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/revph/article/view/12101/8763>. Acesso em: 21 nov. 2023.

PALMA PEÑA, Juan Miguel. El patrimonio cultural, bibliográfico y documental de la humanidad. Revisiones conceptuales, legislativas e informativas para una educación sobre patrimonio. *Cuicuilco*, México, v. 20, n. 58, p. 31-57, sep./dic. 2013. Disponível em: http://www.scielo.org.mx/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0185-16592013000300003. Acesso em: 22 nov. 2023.

RODRIGUES, Márcia Carvalho. Memória, patrimônio, bibliotecas nacionais e a construção da identidade coletiva. *Em Questão*, Porto Alegre, v. 21, n. 2, p. 243-262, maio/dez. 2015. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/EmQuestao/article/view/54754>. Acesso em: 21 nov. 2023.

As preciosidades da Seção de Obras Gerais da Biblioteca Nacional: as marcas de proveniência da coleção bibliográfica de Beatrix Reynal

Amanda de Souza

Bibliotecária pela UFF; especialista em Gestão Pública pela UVA e
bibliotecária da Seção de Atendimento e Curadoria de Obras Gerais da FBN





Resumo

O trabalho apresenta a Coleção Bibliográfica da poetisa Beatrix Reynal doada à Fundação Biblioteca Nacional, na década de 1970, e acondicionada na Seção de Atendimento e Curadoria de Obras Gerais. Analisa, de forma preliminar, as marcas de proveniência presentes nas obras. A partir do inventário, foi realizado um recorte e, assim, selecionadas oito obras do escritor Carlos Drummond de Andrade pertencentes à coleção da poetisa. Os resultados, com a identificação das marcas de proveniência encontradas nas obras, como as encadernações em couro, ex-líbris, dedicatórias, entre outras, foram apresentados no XV Encontro Nacional de Acervo Raro, e um projeto de mestrado com aprofundamento do tema está sendo desenvolvido no Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação, da Universidade Federal Fluminense.

Palavras-chave: Coleções. Beatrix Reynal. Fundação Biblioteca Nacional do Brasil. Marcas de proveniência.

Abstract

The article presents the Bibliographic Collection of the poet Beatrix Reynal donated to the National Library Foundation in the 1970s and housed in the General Works Service and Curation Section. Preliminarily analyzes the provenance marks present in the works. From the inventory, a selection was made, thus selecting eight works by the writer Carlos Drummond de Andrade belonging to the poet's collection. The results, with the identification of the marks of provenance found in the works, such as leather bindings, bookplates, dedications among others, were presented at the XV Nacional Meeting of Rare Collections and a master's project with an in-depth look at the topic is being developed in the Postgraduate Program in Information Science at the Fluminense Federal University.

Keywords: Collection. Beatrix Reynal. National Library Foundation of Brazil. Marks of provenance.



Introdução

A Seção de Atendimento e Curadoria de Obras Gerais, sala Ramiz Galvão, é composta pelo acervo mais variado da instituição, entre livros, teses, folhetos, com obras datadas do século XVIII aos dias atuais. A seção possui coleções bibliográficas, como a coleção Thereza Christina Maria, a Coleção Fluminense, a Mário Pedrosa e o objeto deste trabalho: a Coleção Bibliográfica Beatrix Reynal.

Beatrix Reynal (1892-1990), pseudônimo da poetisa Marcelle Jaulente, uruguaia descendente de franceses, radicada no Brasil, além de sua produção no campo literário, atuou na política como ativista durante a Segunda Guerra Mundial, apoiou a Resistência Francesa e, nesse período, produziu textos e programa radiofônico na emissora do Ministério da Educação. A poetisa foi membro dos Diários Associados além de ter abraçado causas sociais, contribuindo com instituições como a Cruz Vermelha e engajando-se em diversas campanhas beneficentes. Em 1922, foi a responsável pelo retorno de Oswaldo Goeldi (1895-1961), após reunir intelectuais e artistas em torno deste propósito.

Beatrix Reynal doou seu acervo para a Fundação Biblioteca Nacional (FBN) na década de 1970. A coleção contempla obras manuscritas, documentos pessoais, itens iconográficos e sua biblioteca. Com o intuito de divulgar este acervo, a FBN publicou o catálogo da coleção em 1977, listando os materiais de forma simplificada, numerando em ordem crescente os itens com uma breve descrição. O conjunto foi desmembrado para que as obras fossem acondicionadas conforme o tipo de acervo, e assim os livros foram para a Seção de Atendimento e Curadoria de Obras Gerais. A coleção bibliográfica nos chama atenção por conter diversas dedicatórias de figuras como Graciliano Ramos, Mário de Andrade, Manuel Bandeira, Carlos Drummond de Andrade, entre tantas outras personalidades contemporâneas, e também por muitos de seus livros apresentarem uma encadernação de luxo, com gravação em dourado com as iniciais BR (Beatrix Reynal) nas lombadas.

O acervo está catalogado na base online da instituição de uma forma simplificada. Não há indicação de marcas ou outras informações que possam identificar a coleção. A análise de uma biblioteca pessoal, a partir de suas marcas de proveniência, podem nos levar ao entendimento das relações entre a coleção e o colecionado, por meio dos “carimbos, assinaturas, ex-líbris, ex-donos e demais itens que compõem as chamadas marcas de proveniência, rastros de memória que servem para contar a história do livro e de seu colecionado” (Juvêncio, Araújo, 2022).

A proposta deste trabalho é a identificação das marcas de proveniência da Coleção Bibliográfica Beatrix Reynal, a partir do inventário, e a atualização da Base de Dados da Fundação Biblioteca Nacional para a divulgação e o acesso à coleção.

A Coleção Beatrix Reynal

A coleção foi doada pela própria poetisa, com documentos de doação datados a partir de 1972. Na listagem inicial analisada havia 470 obras, em sua maioria encadernadas e com dedicatórias dos autores direcionadas a Beatrix Reynal. Essa doação também contemplava desenhos, estampas e matrizes de Oswald Goeldi, sendo Beatrix Reynal nomeada herdeira do artista.

As obras estão acondicionadas em armários localizados no Armazém da Seção de Atendimento e Curadoria de Obras Gerais, devidamente identificadas. As encadernações são variadas: em couro, em couro com ilustrações na capa ou gravações e encadernações em veludo, como mostra a ilustração abaixo.

Foto 1



Algumas obras de sua coleção possuem ex-líbris:

Foto 2



Fonte: ANDRADE, Carlos Drummond de. *Poemas*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1959. 367 p.

Metodologia

Com a finalidade de uma boa gestão do acervo disponível aos leitores e pesquisadores da Seção de Atendimento e Curadoria de Obras Gerais, é necessário que se faça periodicamente o inventário das obras, para que o acervo físico reflita os dados presentes na Base de Dados, mantendo o sistema de consulta consistente e atualizado. Segundo Rossi (2016), é importante inventariar o acervo da biblioteca a fim de:

- Validar o material disponível no sistema com aquele disponível no acervo físico;
- Proteger o patrimônio;
- Embasar o desenvolvimento de coleções;
- Identificar os materiais do acervo que estão danificados e com divergências;
- Averiguar a ordem de classificação;
- Constatar o índice de perda;
- Detectar possíveis falhas.

Com a responsabilidade de captação, guarda, preservação e difusão da produção intelectual do país, a Biblioteca Nacional ao longo de sua história vem revisando e atualizando suas práticas na área de representação da informação. No ambiente biblioteconômico, lugar de surgimento e de aprimoramento de técnicas na organização prévia dos dados, a representação descritiva através da catalogação é uma das chaves para a recuperação de informação e conhecimento. De acordo com Mey (2009, p. 7 *apud* Oliveira, 2014), pode-se definir a catalogação como “o estudo, preparação e organização de mensagens, com base em registros do conhecimento, reais e ciberespaciais, existentes ou passíveis de inclusão em um ou vários acervos”.

A identificação e a correção das falhas no acervo proporcionam ganhos de eficácia, tanto para o usuário na busca da informação desejada quanto para os funcionários no atendimento aos leitores, garantindo a qualidade de serviços prestados. O inventário, prática recorrente nas tarefas da seção, nos dará subsídios sobre o status da Coleção Bibliográfica de Beatrix Reynal. Por meio dele, será possível atestar o estado de conservação das obras, revisar a catalogação, inserir novas informações (tipo de encadernação, dedicatórias, marcas de uso, entre outros). Assim, seguiremos as seguintes etapas:

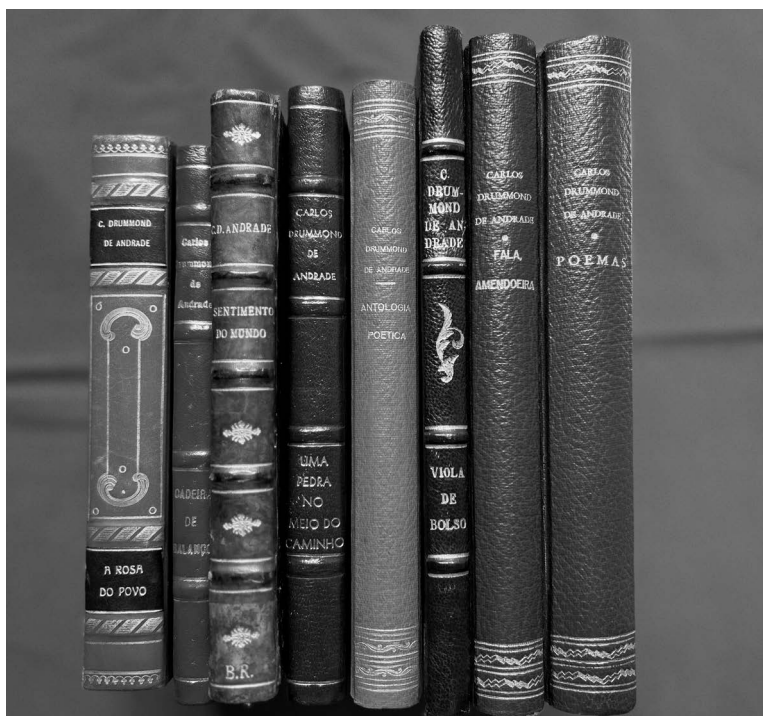
- Análise item a item dos livros e folhetos;
- Preenchimento de tabela para a identificação das informações e das marcas de proveniência encontradas como
 - estado de conservação;
 - tipo de encadernação;
 - dedicatórias;
 - cortes;
 - lombada;
 - marcas de uso
- Atualização das informações na base online;
- Catalogação das obras que não estão presentes no catálogo online;
- Atualização do catálogo da Coleção.

Por fim, as alterações serão realizadas com base nas diretrizes de Representação Descritiva adotadas pela Fundação Biblioteca Nacional.

Resultados parciais

Dentro da coleção, há muitas possibilidades de análise, e nesse sentido fizemos um recorte direcionado às obras do autor Carlos Drummond de Andrade, em que identificamos oito títulos na Coleção Bibliográfica de Beatrix Reynal. Todas as obras estão encadernadas, com gravações em dourado em suas lombadas e apresentam dedicatórias à poetisa. Obras de Carlos Drummond de Andrade presentes na coleção:

Foto 3



Lista das obras de Carlos Drummond de Andrade presentes na Coleção Beatrix Reynal:

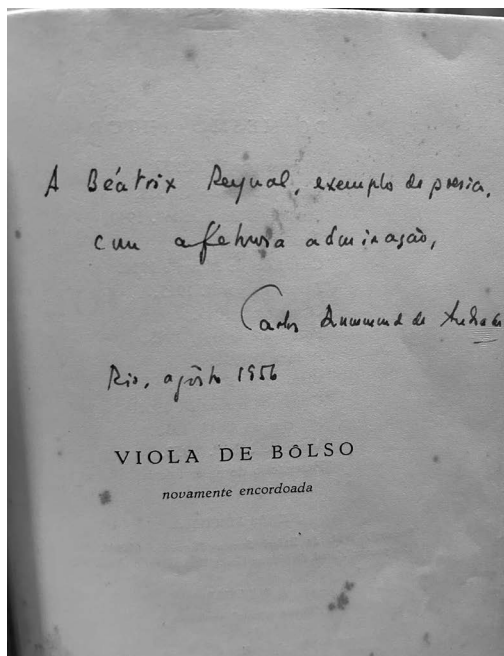
- ANDRADE, Carlos Drummond de. *Antologia poética*. Rio de Janeiro: Edição de autor, 1962.
- ANDRADE, Carlos Drummond de. *Cadeira de balanço*: crônicas. Rio de Janeiro: José Olympio, 1966.
- ANDRADE, Carlos Drummond de. *Fala, amendoeira*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1957.
- ANDRADE, Carlos Drummond de. *Uma pedra no meio do caminho*: biografia de um poema. Rio de Janeiro: Edição de autor, 1967.
- ANDRADE, Carlos Drummond de. *Poemas*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1959. 367 p.
- ANDRADE, Carlos Drummond de. *A rosa do povo*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1945
- ANDRADE, Carlos Drummond de. *Sentimento do mundo*. Rio de Janeiro: Irmãos Pongetti, 1940
- ANDRADE, Carlos Drummond de. *Viola de bolso*: novamente encordoad. Rio de Janeiro: José Olympio, 1955.

Quadro 1- Identificação de marcas de proveniência.

Obra	Tipo de enca- dernação	Dedica- tória	Ex-líbris	Lombada	Locali- zação no acervo	Outras Informa- ções
1	Couro (Sintético)	Sim	Não	Gravação dourada	B-2,13	Exemplar numerado
2	Meia couro	Sim	Não	Gravação dourada + iniciais BR	B-2,43	
3	Couro (Sintético)	Sim	Não	Gravação dourada	B-1,17	
4	Meia couro	Sim	Não	Gravação dourada	B-3,5	Exemplar numerado
5	Couro (Sintético)	Sim	Sim	Gravação dourada	A-4,20	
6	Meia couro	Sim	Não	Gravação dourada	A-3,60	
7	Couro	Sim	Não	Gravação dourada	B-3,46	Exemplar numerado
8	Meio couro com cantoneira	Sim	Não	Gravação dourada	A-4,11	

Fonte: a autora

Foto 4 - Dedicatória de Carlos Drummond de Andrade a Beatrix Reynal.



Fonte: ANDRADE, Carlos Drummond de. *Viola de bolso: novamente encordoadá*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1955.

Transcrição:

"A Beatrix Reynal, exemplo de poesia.

Com afetuosa admiração,

Carlos Drummond de Andrade.

Rio, agosto 1956."

Conclusões parciais

A Coleção Bibliográfica de Beatrix Reynal, sob guarda da Seção de Atendimento e Curadoria de Obras Gerais da Fundação Biblioteca Nacional, é motivo de muito orgulho por se tratar de acervo de uma personalidade feminina atuante na sociedade brasileira na primeira metade do século XX.

Diante da necessidade de lançar luz à seção que mais recebe pesquisadores da FBN e de enaltecer a coleção de uma mulher em uma das maiores instituições de memória do mundo, será necessário dar continuidade ao inventário e atualização das informações no catálogo online. Os números precisos, resultado das atividades desenvolvidas, serão apresentados ao final do inventário e em uma nova edição do Catálogo da Coleção Beatrix Reynal.

Esta análise preliminar elaborada para a apresentação no XV Encontro Nacional de Acervos Raros foi o pontapé inicial para o projeto de mestrado que está sendo desenvolvido no Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação da Universidade Federal Fluminense.

Referências

CHARTIER, Roger. O príncipe, a biblioteca e a dedicatória. In: BARATIN, Marc; JACOB, Christian. *O poder das bibliotecas: a memória dos livros no Ocidente*. Tradução: Marcela Mortara. 3. ed. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, 2008. p.182-199.

JUVÊNCIO, C. H.; ARAÚJO, A. V. de F. Marcas de proveniência como vestígios de uma história: a trajetória da coleção de Ernesto Senna. *Ponto de Acesso*, 16 (3), dez. 2022, p. 483–504. Disponível em: <https://doi.org/10.9771/rpa.v16i3.52321>. Acesso em: 30 ago. 2023.

MURGUIA, E. I. O colecionismo bibliográfico: uma abordagem do livro para além da informação. *Encontros Bibli: Revista Eletrônica de Biblioteconomia e Ciência da Informação*, n. esp. 1. sem., p. 87-104, 2009. Acesso em: 2 set. 2023.

OLIVEIRA, Marcelo Augusto C. de. Breve panorâmico da catalogação: transição do código AACR2 para o RDA. In: ENCONTRO NACIONAL GESTÃO, POLÍTICAS E TECNOLOGIAS DE INFORMAÇÃO, 2014, Goiânia. *Anais...Goiânia: Universidade Federal de Goiás*, 2014. Disponível em: https://files.cercomp.ufg.br/weby/up/715/o/BREVE_PANORAMICO_DA_CATALOGA%C3%87%C3%83O_-_pronto.pdf. Acesso em: 2 mar. 2024.

PEREZ, Eliane (org.). *Guia de coleções da Divisão de Manuscritos da Biblioteca Nacional*. Rio de Janeiro: Biblioteca Nacional, 2018. Disponível em: https://www.bn.gov.br/sites/default/files/documentos/miscelanea/2019/20190312_guia4980.pdf. Acesso em: 30 nov. 2023.

POMIAN, Krzysztof. Coleção. In: GIL, Fernando. *Enciclopédia Einaudi: memória-história*. Lisboa: Imprensa Nacional: Casa da Moeda, 1984. v. 1, p. 51-58.

ROSSI, Tatiana. Inventário em biblioteca universitária: relato de experiência e recomendações. In: SEMINÁRIO NACIONAL DE BIBLIOTECAS UNIVERSITÁRIAS, 19, 2016, Manaus. *Anais... Manaus: UFAM*, 2016. p. 1-13. Disponível em: <http://repositorio.febab.org.br/items/show/4455>. Acesso em: 14 ago. 2019.

Em nome do Conde: o destino da Biblioteca do Castelo d'Eu

Anderson Leonardo de Azevedo

Graduado em Biblioteconomia, doutorando em História,
chefe da Biblioteca Histórica do Itamaraty





Resumo

Este texto aborda os resultados do inventário da Coleção Conde d'Eu, pertencente ao acervo da Biblioteca Histórica do Itamaraty, no Rio de Janeiro. A metodologia adotada foi a qualiquantitativa. A análise revelou que as obras se dividem entre livros e periódicos distribuídos em uma diversidade de temas. A pesquisa classificou como regular o estado geral da maior parte dos itens. Além disso, foram encontradas marcas de proveniência em itens que indicam a procedência tanto dos proprietários quanto de outros membros da família imperial brasileira. A análise considerou que o acervo reflete anseios domésticos como lazer e estudos, mas também os interesses políticos da Princesa Isabel e do Conde d'Eu.

Palavras-chave: Biblioteca do Castelo d'Eu. Princesa Isabel. Conde d'Eu. Biblioteca Histórica do Itamaraty. Coleção Conde d'Eu.

Abstract

This text addresses the results of the inventory of the Conde d'Eu Collection, belonging to the collection of the Itamaraty Historical Library in Rio de Janeiro. The methodology adopted was qualitative-quantitative. The analysis revealed that the works are divided between books and periodicals distributed on a diversity of themes. The survey classified the general condition of most items as fair. Furthermore, provenance marks were found on items that indicate the origin of both the owners and other members of the Brazilian Imperial Family. The analysis considered that the collection reflects domestic desires such as leisure and studies, but also the political interests of Princess Isabel and Conde d'Eu.

Keywords: Castle d'Eu Library. Princess Isabel. Count d'Eu. Itamaraty Historical Library. Count d'Eu Collection.



Introdução

Constituir uma coleção bibliográfica envolve uma prática constante de montar uma narrativa. Acredita-se que o colecionismo de livros vai além do ato de adquirir informação, pois sua apropriação material pode caracterizar motivos diversos que não unicamente a acumulação do conhecimento (Murguia, 2009).

No efervescente cenário intelectual do Brasil no século XIX, as bibliotecas institucionais e particulares surgiam como faróis de conhecimento, iluminando mentes ávidas por aprendizado e descoberta.

Na cidade do Rio de Janeiro, então capital do Império, existiam algumas bibliotecas. Além da Biblioteca Nacional, criada ainda por d. João VI, havia outras com o perfil profissional, como a da Marinha, da Escola Central e da Faculdade de Medicina (Freire, 20--).

Ancoradas em um período de transformações sociais, políticas e tecnológicas, essas bibliotecas abrigavam preciosidades literárias, ao mesmo tempo que testemunhavam os desdobramentos de uma época de intensas transformações culturais e científicas. Nesse perfil incluía-se a Biblioteca da Secretaria dos Negócios Estrangeiros, oficialmente criada pelo ministro de Estado Antônio Peregrino Maciel Monteiro, no ano de 1838, para dar suporte às atividades diplomáticas (Monteiro, 1838).

Essa biblioteca resistiu ao tempo e aos fatos, abrigando peças que fizeram parte da história, e que hoje ajudam a contá-la. Atualmente denominada Biblioteca Histórica do Itamaraty (BHI), possui um conjunto de obras com aproximadamente 150 mil itens, incluindo publicações raras desde o século XV, e faz parte dos acervos históricos que pertencem ao Museu Histórico e Diplomático (MHD) do Ministério das Relações Exteriores (MRE), na cidade do Rio de Janeiro.

Além do acervo bibliográfico geral que contempla as diversas áreas do conhecimento, a BHI possui coleções particulares de indiscutível valor histórico e patrimonial, cujas origens se deram por interesses diversos, adquiridas ao longo dos anos pelo MRE. Algumas dessas coleções procederam de instituições ou personalidades de reconhecida projeção histórica.

As bibliotecas particulares foram os primeiros frutos do iluminismo do Brasil. Os brasileiros mais intelectualmente irrequieten adquiriram livros que as bibliotecas dos colégios e mosteiros não podiam adquirir, pois exprimiam “a crise da consciência europeia”. Foram formando assim, de Norte a Sul, as coleções particulares (Volpato, 1999, p.16).

Entre essas coleções, encontra-se a Biblioteca do Castelo d'Eu, incorporada ao acervo do MRE no ano de 1968 (Miranda, 1972) e denominada na ocasião de Coleção Conde d'Eu (CCDE). Com o intuito de conhecer as particularidades desse importante acervo bibliográfico, foi elaborado projeto de inventariação e análise das obras que o compõem. O trabalho teve como objetivo quantificar, conhecer detalhes e avaliar o estado da referida coleção.

O inventário permite conhecer de forma ampla as obras que constituem o acervo, detectar possíveis falhas e perdas, possibilitando ainda averiguar o patrimônio real existente, e manter atualizado um conjunto de informações consistentes, que atenda às diferentes necessidades da comunidade que o utiliza (Santos, 2010). Por outro lado, Pierotti e Neils (1985, p. 59) afirmam que “[o] inventário [...] possibilita o conhecimento adequado e a avaliação do estado da coleção da biblioteca”.

Essas premissas corroboram o artigo 216 da Constituição Federal de 1988 (Brasil, 2016), que reconhece os documentos históricos como um bem material e cultural brasileiro, e que compete ao poder público a promoção e proteção desse patrimônio, por meio de inventários, registros, vigilância e tombamento.

A abordagem metodológica adotada no inventário da CCDE foi qualiquantitativa, pois se buscou mensurar os diversos aspectos das obras que compõem a coleção (Flick, 2009). O método de avaliação e diagnóstico teve como referência os documentos do Projeto de Conservação Preventiva em Bibliotecas e Arquivos (Beck, 2001).

Conhecer as características e a trajetória dessa biblioteca é adentrar não apenas um espaço físico, mas também um contexto histórico que determinou o destino de uma nação. Nesse sentido, este documento pretende trazer a público os resultados obtidos e as informações encontradas durante a execução do inventário do acervo bibliográfico da Coleção Conde d'Eu.

Isabel e Gastão: entre livros e continentes

Isabel Cristina Leopoldina Augusta Micaela Gabriela Rafaela Gonzaga de Bourbon e Bragança, princesa imperial do Brasil e cognominada ‘a Redentora’, nasceu em 29 de julho de 1846, no Palácio São Cristóvão, no Rio de Janeiro, filha do imperador dom Pedro II e da imperatriz consorte dona Teresa Cristina. Foi a herdeira presuntiva ao trono da monarquia brasileira e regente do império em três ocasiões. Na terceira regência, assinou a Lei Áurea, declarando extinta a escravidão no Brasil (Priore, 2013; Barman, 2005).

Conhecido como conde d'Eu, Luís Filipe Maria Fernando Gastão de Orléans (em francês, Louis Philippe Marie Ferdinand Gaston d'Orléans) nasceu na França, em 28 de abril de 1842. Foi um príncipe francês, membro da Casa de Orléans, filho de Luís de Orléans, duque de Nemours, e da princesa Vitória

de Saxe-Coburgo Gotha. O título francês conde d'Eu remonta ao condado de *Eu* da Idade Média, onde hoje se encontra a comuna francesa de *Eu* (Cascudo, 1933). Tornou-se príncipe consorte ao casar-se com a princesa Isabel em 1864, sendo alçado ao cargo de marechal do Exército quando comandou as forças armadas brasileiras na Guerra do Paraguai (Priore, 2013).

Os príncipes tiveram quatro filhos: uma menina, Luísa Vitória, que faleceu no parto, e três meninos, Pedro, Luís e Antônio (Priore, 2013). Em 1889, com o fim do regime monárquico no Brasil, o casal e os filhos seguiram com outros membros da família imperial para o exílio na França (Vianna, 1968). Em consequência disso, uma quantidade significativa de pertences pessoais foi enviada do Brasil para a Europa, onde Isabel e Gastão estabeleceram residência (Lima Júnior, 2022).

Após alguns anos no exílio, Gastão de Orléans adquire, em 1895, o Castelo d'Eu, com a herança que recebera de seu pai, o duque de Nemours. O edifício era a antiga residência de seu sobrinho, o duque de Orléans. A enorme casa de campo do século XV situava-se no vilarejo de mesmo nome, no litoral normando. No local reuniram móveis, objetos, quadros e papéis pertencentes à família imperial (Barman, 2005; Priore, 2013). Esses itens, chegados do Brasil alguns anos antes, ficaram guardados desde então, sendo, naquele momento, dispostos nos amplos salões do *château*, especialmente na biblioteca.

O objetivo era converter o espaço em “lugar de memória” dos feitos da monarquia brasileira, rememorados a partir desses artefatos remetidos do Brasil após a Proclamação da República em 1889. Dali em diante, o conde e a condessa d'Eu transformariam o local em sua residência, que ficaria associada ao lar da família imperial exilada na França até o fim dos seus dias (Lima Júnior, 2021).

Passados alguns anos, em novembro de 1918, o casal Orléans e Bragança perde o filho caçula Antônio num acidente de avião em serviço militar do exército inglês na Primeira Guerra Mundial. Meses depois, em março de 1920, falece Luís, o segundo filho do casal, em decorrência de doenças contraídas durante seu ativismo como soldado na mesma guerra. Esses acontecimentos impactaram a vida da condessa, que já se encontrava muito fragilizada por causa de problemas cardíacos, vindo a falecer na propriedade em 14 de novembro de 1921. No ano seguinte foi vez do conde d'Eu, que dava seu último suspiro quando regressava ao Brasil em função das comemorações do centenário da Independência em 1922 (Barman, 2002).

Em testamento, o conde d'Eu vinculou o nome do filho mais velho, Pedro d'Orléans e Bragança, príncipe do Grão-Pará (e único filho vivo na ocasião), ao Castelo d'Eu e, por óbvio, tudo que havia em seu interior (Barman, 2002).

Algum tempo depois, com o falecimento do principal herdeiro dos Orléans e Bragança e sua esposa, a condessa de Dobzensky, em 1940 e 1951, respectivamente, o Castelo d'Eu “foi adquirido pelo magnata Francisco de Assis Chateaubriand, com o intuito de ali criar uma Fundação [...], o que ocorreu

em 1952” (Lima Júnior, 2021). Assis Chateaubriand possuía uma força semeadora de grandes ideias. Um dos exemplos dessa sanha idealizadora foi a criação da “Sociedade de Estudos Brasileiros Dom Pedro II” no Castelo d’Eu, na Normandia, voltada para a formação de jovens brasileiros residentes no exterior (Pitanga, 2021).

NA BIBLIOTECA DO CASTELO D’EU — Adquirido com o objetivo de nele ser instalado um centro de estudos, onde mestres e estudantes brasileiros se debruçarão sobre os documentos relativos à História do Brasil, carinhosamente guardados pela família D’Orleans e Bragança, o Castelo D’Eu, situado na “presale” da velha Normandia, foi entregue, recentemente, à Fundação D. Pedro II, em cerimônia a que estiveram presentes a condessa de Paris, o ministro do Brasil e madame Marinho, o prefeito Allard, a princesa Bibesco, o attaché da imprensa da embaixada do Brasil, o senador Assis Chateaubriand, além de outros vultos de destaque nos meios culturais franceses. Antes de retornar ao Brasil, o senador Assis Chateaubriand, em companhia do prefeito Allard, teve oportunidade de fazer uma visita bem mais demorada ao Castelo D’Eu, percorrendo todo o seu interior, interessando-se particularmente pela biblioteca, em cujos arquivos se encontram valiosos documentos relacionados com a nossa História (O Poti, 1955).

Contudo, a referida Fundação sobreviveu por pouco mais de uma década. Lima Júnior (2021) afirma que a morte do jornalista, em abril de 1968, impulsionou a venda do Castelo d’Eu e a restituição ao Brasil dos artefatos históricos, artísticos e documentais ali preservados. O autor ainda relata que Guilherme de Figueiredo, ex-adido cultural do Brasil em Paris, afirmava que o jornalista Carlos Rizzini, muito próximo de Chateaubriand, foi quem o procurou para verificar a possibilidade de trazer da França os objetos históricos existentes no interior do Castelo. Ele ainda complementou que o Itamaraty contribuiu nos trâmites para a repatriação desses bens e que o retorno do acervo ao Brasil contou com a colaboração do filho de Assis, Gilberto Chateaubriand, que na ocasião ocupava o posto de embaixador na Inglaterra (Lima Júnior, 2021).

Em relatórios técnicos da BHI, foi possível identificar a incorporação da Biblioteca do Castelo d’Eu ao acervo do Itamaraty, tendo em vista as seguintes notas:

Cumpre assinalar a incorporação do acervo da Biblioteca do Castelo D’Eu, em tempos pertencente à Sociedade de Estudos Brasileiros D. Pedro II e enviado ao M.R.E. em 1968 (Miranda, 1972).

Em 1973, destacam-se entre as obras incorporadas ao acervo da Guanabara os volumes pertencentes ao Conde d’Eu que merecem citação quer pelo valor intrínseco das obras, quer pelas belíssimas encadernações (Miranda, 1973).

Em pesquisa recente, Lima Júnior (2022) destaca a importância do estudo da trajetória desses objetos, que fizeram a viagem em sentido à Europa em 1889, retornando aos trópicos nas décadas de 1960 e 1970 para serem integrados aos acervos do Museu Imperial, em Petrópolis, e do Palácio do Itamaraty.

Recentemente, foi realizado o inventário da CCDE. Tal iniciativa faz parte do Programa de Aperfeiçoamento, Revitalização e Atualização do Complexo Histórico do Itamaraty no Rio de Janeiro, relacionado ao convênio entre o MRE, Instituto Pedra¹ e Itaipu Binacional.² O mencionado programa tem como objetivo criar meios que permitam a preservação da memória institucional do MRE, assim como do compromisso de sua função social de responsável pela custódia de parcelas importantes do patrimônio histórico e artístico nacional.

Vestígios do passado: o processo de inventário em uma biblioteca histórica

A realização do inventário da CCDE aconteceu entre dezembro de 2021 e maio de 2022. Após o breve estudo sobre a biografia dos antigos detentores da coleção, bem como de sua trajetória, foram definidos quais seriam os critérios de análise e, ainda, os dados a serem coletados, como avaliação do estado físico, o quantitativo por tipologia e área temática, as marcas de proveniência e a cronologia das edições.

Inicialmente, o trabalho consistiu na verificação das informações existentes no antigo catálogo de fichas das Coleções Especiais da BHI e sua comparação com as informações contidas no sistema de gerenciamento eletrônico do acervo utilizado pela biblioteca. Num segundo momento, as obras foram coletadas para a conferência dessas informações e posteriormente serem submetidas aos tratamentos técnicos de desinfestação, higienização e acondicionamento. Ao final do levantamento dos dados foram feitas revisão, compilação e análise das informações bibliográficas coletadas.

Considerou-se entre bom e regular o estado geral da maior parte dos itens, contudo alguns exemplares do acervo apresentavam fragilidades, com problemas de infestação por agentes biológicos. Além disso, identificou-se sujidade, degradação natural da matéria orgânica (ferrugem, esmaecimento e *foxing*³),

1 “O Instituto Pedra é uma organização da sociedade civil sem fins lucrativos baseada em São Paulo. Fundado em fevereiro de 2013, desenvolve projetos no campo do patrimônio cultural” (Instituto Pedra, 2016).

2 “A Itaipu é uma Entidade Binacional criada e regida, em igualdade de direitos e obrigações, pelo Tratado assinado em 26 de abril de 1973, entre a República Federativa do Brasil e a República do Paraguai” (Itaipu Binacional, 200-?).

3 *Foxing* é um processo de deterioração que causa manchas e escurecimento, relacionado ao envelhecimento de documentos em papéis, livros, cartas, selos postais, entre outros (Spinelli; Brandão; França, 2011).

inclusive folhas soltas, perda da camada pictórica e desgaste da pigmentação de algumas capas. A climatização do ambiente não era apropriada, com calor e umidade não controlados, o que favoreceu a degradação natural. Como as obras encontravam-se dispersas no acervo, foram recolhidos alguns livros próximos às janelas em determinados pontos do armazém de guarda, com incidência de luz natural e sem proteção contra raios UVA/UVB, prejudiciais à conservação da coleção.

Ao todo, foram identificados e mapeados cerca de 414 títulos distribuídos em 816 exemplares da coleção, entre livros e periódicos. Aproximadamente 61,44% do acervo de livros versa sobre variados assuntos; já os periódicos, representados por 38,56% do total da coleção, tratam, em sua maioria, de títulos sobre temáticas voltadas para as políticas do império brasileiro.

Após a tabulação dos assuntos, pôde-se perceber parcela significativa de livros de literatura e arte, ou seja, 31,1% do total. De acordo com Bosi (1983), a literatura no século XIX era um dos principais meios de entretenimento da sociedade burguesa da época.

Outra característica observada foi a quantidade de livros supostamente voltados para os estudos, contemplados pela temática de educação, ciências, história e geografia, representada pelo percentual somado de 35,9%.

O restante do acervo de livros retrata a possibilidade de uso destinada à atuação profissional dos colecionadores, considerando que os itens abordam os assuntos de generalidades, economia, política e direito, refletindo 33% do total.

Considera-se, portanto, que, nesse caso, a coleção de livros cumpre com sua função particular, pois aponta para direções distintas em um equilíbrio entre as temáticas voltadas para lazer, estudo e trabalho. Possivelmente essa biblioteca atendia às necessidades básicas informacionais de seus proprietários e, numa abordagem mais ampla, até às necessidades e desejos informacionais dos filhos também.

Ademais, como se tratava de membros da família imperial brasileira, possuir uma biblioteca particular proporcionava status, visto que o acesso aos livros não era fácil e a maior parte da população ainda era analfabeta.

A coleção de periódicos abrange almanaques, anuários, relatórios, coleções de leis, documentos públicos, entre outros.

A imprensa periódica, já presente na América portuguesa regularmente desde o século XVII, através das publicações portuguesas e de outros países da Europa, passa a ser produzida no Brasil em 1808 e se consolidaria a partir de 1821. Não se colocava como mero veículo, mas mecanismo de participação política, espaço de produção de referências e campo de embates simbólicos (Morel, 2005).

Apesar de ser uma imprensa que no século XIX já refletia as diversas áreas do conhecimento, percebe-se na coleção inventariada um predomínio de temáticas

voltadas para temas políticos, devido à presença maciça de relatórios e anuários sobre economia, finanças, leis, agricultura, comércio e justiça, entre outros, ou seja, 96,7% dos itens.

Apenas 3,3% representam cultura, estudo e ciências por meio dos assuntos sobre música, história, geografia e botânica, o que indica que possivelmente havia motivação profissional para concentração temática desse tipo de material bibliográfico.

A cronologia da coleção pode dizer não somente sobre o arco temporal, mas sobre o período em que ela se desenvolveu com maior expressividade. No caso dessa coleção, a obra mais antiga é datada de 1725 e a mais recente, de 1966, um arco temporal de quase de 250 anos.

Sobre o desenvolvimento da coleção, nota-se que houve crescimento exponencial entre as décadas de 1830 e 1880, tendo em conta a quantidade maior de obras publicadas naquele período, o que também pode refletir a difusão da impressão no Brasil, considerando esse recorte temporal. Naquela época, a Impressão Régia havia sido estabelecida por decreto de dom João VI com o objetivo de produzir uma ampla gama de materiais, incluindo documentos oficiais, literatura, obras científicas e religiosas. A crescente demanda por impressos no século XIX incentivou a criação de várias tipografias no Brasil, facilitando a produção mais ágil e acessível de jornais, revistas e livros (Martins, 2001).

No caso dos periódicos, as publicações se concentram, em sua maior parte, entre as décadas de 1860 e 1880. Ambas tiveram declínio a partir da década de 1890, o que pode ser consequência do exílio da família em 1889, tendo em vista que não mais exerciam atividades políticas no Brasil.

Além disso, percebe-se no período cronológico das publicações que algumas datam de antes do nascimento dos príncipes, o que pode significar que sejam livros herdados de família, ou até mesmo adquiridos, tendo em mente possíveis valores intrínsecos das obras. O livro antigo não apenas transporta com ele uma carga simbólica, mas também encarna a manifestação tangível da cultura e do saber. Por conseguinte, adquire atributos que transcendem sua mera utilidade como veículo de ideias, transformando-se em um símbolo do próprio conhecimento. Ele torna-se assim um objeto de prestígio e influência, agregando qualidades que o elevam à condição de objeto digno de admiração (Rodrigues, 2011).

Os dados apontam que a biblioteca continuou a se desenvolver, mesmo de forma menos expressiva, após a mudança da família para a Europa. Como os falecimentos do conde e da condessa d'Eu aconteceram em 1921 e 1922, respectivamente, houve um pequeno crescimento do acervo após esse ocorrido, com alguns livros datados entre 1925 e 1966 que pertenceram ao filho herdeiro, fato confirmado por algumas marcas de proveniência.

No decorrer do processo de análise da coleção, foi encontrada quantidade significativa de itens com a presença de dedicatórias, *super libros*,⁴ monogramas,⁵ carimbos, brasões,⁶ entre outros. Esses vestígios permitem atestar a procedência, a propriedade e a trajetória de um livro ou documento, como afirmam Pinheiro, Von Helde e Pereira (2023). As marcas encontradas remetem à posse não somente da princesa Isabel e do conde d'Eu, mas também de outros membros da família, como o filho mais velho do casal, dom Pedro de Orléans e Bragança, o príncipe do Grão-Pará, e especialmente são referentes à S.M.I. (Sua Majestade Imperial) dom Pedro II.

De acordo com Faria e Pericão (2008), as marcas de proveniência se caracterizam por “nome do possuidor ou outra indicação que refere a origem dos volumes e que precede o nome do atual possuidor”. No século XIX, os livros encadernados em luxuosas capas eram frequentemente adornados com elementos que conferiam não apenas beleza estética, mas também uma aura de distinção e status aos volumes. Os brasões eram emblemas heráldicos que representavam famílias nobres, aristocráticas ou mesmo personalidades proeminentes, identificando assim a propriedade dos livros. Eles geralmente eram elaborados com símbolos e cores específicos, desenhados de forma meticulosa para refletir a linhagem e as conquistas daqueles que vangloriavam. A CCDE ostenta encadernações de luxo trabalhadas em couro de diversas cores, sobretudo em verde, vermelho e azul, contendo as armas imperiais e brasões das famílias Bragança e Orléans, emoldurados por arabescos impressos em dourado na capa.

Já os *super libros* eram dispositivos decorativos adicionados às encadernações para destacar a propriedade e o gosto refinado do proprietário. Eles podiam incluir monogramas, emblemas pessoais, ou até mesmo cenas simbólicas, muitas vezes gravados em ouro ou prata sobre a capa do livro. Estes adornos embelezavam os volumes e serviam como uma forma de expressão da identidade e do prestígio do proprietário, como foi identificado por meio de vários exemplares contendo monogramas ostentando as iniciais ‘PI’ (Princesa Isabel), ‘IC’ (Isabel Cristina), encimadas pela coroa do imperador dom Pedro II, ou de obras com as iniciais ‘GO’ (Gastão de Orléans), ‘LGO’ (Luís Gastão de Orléans) abaixo de uma coroa de duque, honraria da nobreza francesa, possivelmente em respeito ao duque de Nemours, pai do conde d'Eu.

- Outra forma de identificar a proveniência ou pertencimento é a carimbagem. O carimbo, normalmente feito em metal ou madeira, contendo

4 “Marca encontrada na capa, [...] com elementos decorativos em forma de brasões, monogramas ou outro elemento associado ao dono da obra” (Pinheiro; Von Helde; Pereira, 2023).

5 “Combinação ou entrelaçamento de letras ou símbolos com a finalidade de representar a identidade de pessoas, ordens religiosas, empresas ou instituições” (Ibid., 2023).

6 “Desenho criado com a finalidade de identificar indivíduos, famílias, clãs, corporações, cidades, regiões e nações” (Ibid., 2023).

borracha em alto-relevo com dizeres, figuras, sinais ou símbolos, era usado para marcar papéis de caráter oficial ou particular (Faria; Pericão, 2008). No caso da Coleção Conde d'Eu, foi identificado carimbo úmido,⁷ em tinta azul, com monograma 'IG' (Isabel e Gastão) encimado pela coroa do imperador

- Ainda foram encontradas na CCDE encadernações personalizadas, possivelmente de peças recebidas como presentes, pois apresentam aspectos que representam a intenção de homenagear ou atender aos gostos e preferências individuais dos proprietários, refletindo não apenas sua personalidade, mas igualmente seu apreço pelo belo e pelo excepcional. Alguns exemplares incluem elementos decorativos exclusivos aplicados nas folhas de rosto como gravuras, fotografias e pinturas à mão, o que confere às encadernações uma sensação de opulência e sofisticação.

Outra forma de personalizar uma obra são as dedicatórias. Trata-se de uma nota manuscrita ou impressa para um amigo ou autoridade, como forma de agradecimento ou homenagem, como destacam Pinheiro, Von Helde e Pereira (2023). No inventário, foram descobertas ao todo 61 dedicatórias, sendo 27 delas direcionadas ao conde d'Eu, 17 à princesa Isabel, 4 ao conde e condessa d'Eu, 8 ao imperador dom Pedro II e 5 ao Pedro d'Orléans e Bragança, príncipe do Grão-Pará.

Materiais nobres como couros especiais, veludos bordados e adornos decorativos também foram identificados na Biblioteca do Castelo d'Eu, especialmente nos itens que remetem à proveniência de dom Pedro II. Pode-se tomar como exemplo algumas encadernações de luxo em couro especial na cor verde, contendo a identificação 'PII' (Pedro II), encimada por sua coroa ou, ainda, encadernações em veludo, com as iniciais 'DPA' (Dom Pedro de Alcântara) e adornos em bordado dourado. Essas marcas adicionam beleza visual, contam histórias e evocam emoções, tornando cada exemplar verdadeiramente único e memorável.

Convém ressaltar que a encadernação tinha uma função utilitária que simplificava o armazenamento das peças em suas devidas posições e também contribuía para a preservação de seu conteúdo. Isso se devia ao fato de que as capas, em geral feitas de material resistente, funcionam como uma barreira protetora para as páginas internas. Infere-se que, no caso da CCDE, as encadernações contribuíram significativamente para a conservação dos exemplares, além de agregar beleza aos livros e valor de raridade devido à personalização de grande parte dos exemplares.

No desfecho desta análise cabe acrescentar que, ao final do inventário, a CCDE foi submetida aos tratamentos técnicos de desinfestação, higienização e acondicionamento. Simultaneamente, foram realizadas as obras de revitalização

7 Marca realizada sob pressão com a utilização de tinta específica (Ibid., 2023).

dos espaços da biblioteca. A reforma teve como objetivo adequar o local para melhor conservação e preservação de tão rico acervo, o que envolveu a renovação das instalações elétricas, inclusão de sistema de prevenção e combate a incêndio, climatização do ambiente, recuperação do mobiliário, instalação de vidros com proteção contra raios UVA/UVB, entre outros.

Considerações finais

A história da biblioteca do Castelo d'Eu é uma saga fascinante que atravessa continentes e períodos históricos distintos. Sua origem remonta ao Brasil da segunda metade do século XIX, quando a família imperial brasileira, liderada pelo conde d'Eu e pela princesa Isabel, construiu uma coleção de livros de valor inestimável em suas terras.

Com o exílio da família imperial na França, em 1889, a biblioteca acompanhou-a em sua partida forçada e permaneceu sob a guarda do casal imperial até seu falecimento, sendo transferida por herança a seu único filho sobrevivente naquela época, o príncipe do Grão-Pará, o que manteve ainda no seio da família seu patrimônio cultural.

No entanto, o destino da biblioteca tomou um novo rumo quando os descendentes do conde e da condessa d'Eu decidem vender a um influente empresário brasileiro o Castelo e parte do que ali havia, entre livros, documentos e obras de arte. Assis Chateaubriand, adquirindo e reconhecendo o valor histórico e cultural da propriedade e da coleção, cria a Sociedade de Estudos Brasileiros Dom Pedro II, que se dedicaria, a partir de então, à preservação e promoção do acervo, transformando a biblioteca em um renomado centro de pesquisa histórica.

Embora a referida Sociedade tenha iniciado um importante trabalho na promoção do conhecimento e da pesquisa, sua jornada foi interrompida e a biblioteca na ocasião retornou à sua terra natal por meio de uma decisão da própria instituição, estabelecendo-se em seu local de origem sob os cuidados do Ministério das Relações Exteriores (MRE). Esse gesto não apenas restaurou a biblioteca ao Brasil, mas também a consagrou como uma valiosa fonte de informação e pesquisa para estudiosos e entusiastas da história brasileira.

Convém esclarecer que o fato de a coleção ter sido registrada em nome do conde d'Eu no catálogo da BHI, há evidências notórias de que a biblioteca transferida do Castelo d'Eu para o Itamaraty no ano de 1968 não pertencera somente ao príncipe, mas também ao casal Orléans e Bragança, tendo em vista a quantidade expressiva das marcas de posse de ambos.

Embora parte dos exemplares represente de forma nítida os interesses políticos dos proprietários (interesses possivelmente relativos ao papel que exerciam como herdeiros do império brasileiro), um número considerável de itens do acervo

corresponde aos anseios da esfera doméstica, contribuindo para o cotidiano de lazer ou estudos da família, inclusive dos filhos que foram para França em idade de formação escolar.

É importante lembrar que os volumes desse acervo que hoje encontram-se localizados nas dependências do Museu Histórico e Diplomático do Itamaraty, no Rio de Janeiro, não contemplam a integralidade da coleção. É de conhecimento público que existem atualmente no Museu Imperial, em Petrópolis, outros exemplares que também pertenceram à Biblioteca do Castelo d'Eu. Esses possivelmente foram doados em outro momento à instituição, conforme publicado no *Jornal do Commercio* (1970), que informava que “foi o príncipe do Grão-Pará quem mandou ao Museu Imperial, então em organização, o precioso arquivo que se achava na biblioteca do Castelo D'Eu, na França, e que hoje é uma das grandes fontes de estudos históricos do século XIX brasileiro”.

No Brasil, a biblioteca do Castelo d'Eu encontrou seu lar final, sendo recebida com gratidão e reverência. Sob os cuidados de instituições dedicadas à preservação do patrimônio cultural, a coleção de livros descansa segura, tornando-se acessível a estudantes e pesquisadores. Cada página virada ecoa os suspiros do passado e os murmúrios da história, convidando todos a explorar os tesouros contidos em suas prateleiras. Assim, a biblioteca do Castelo d'Eu continua a ser uma testemunha silenciosa dos eventos que moldaram o Brasil e o mundo, inspirando futuras gerações a aprender, questionar e descobrir. Sua jornada, que começou em terras nacionais, transitou entre continentes distantes e culminou em um destino em que seu legado brilha com luz própria, indicando o caminho para um futuro enriquecido pelo conhecimento e pela sabedoria do passado.

Referências

AMARAL, Antonio José do. *Indicador da legislação militar em vigor no exército do império do Brasil*. Rio de Janeiro: Typ. do Diario do Rio de Janeiro, 1863.

BARMAN, Roderick J. *Princesa Isabel do Brasil: gênero e poder no século XIX*. São Paulo: UNESP, 2005. 350 p.

BECK, Ingrid. *Conservação preventiva em bibliotecas e arquivos*. Rio de Janeiro: 2001. Disponível em: <http://www.arqsp.org.br/cpba/>. Acesso em: 9 maio 2023.

BOSI, Alfredo. *História concisa da literatura brasileira*. São Paulo: Cultrix, 1983. 582 p.

BRASIL. [Constituição (1988)]. *Constituição da República Federativa do Brasil*. Brasília: Senado Federal, 2016. 496 p.

CASCUDO, Luis da Camara. *Conde D'Eu*. São Paulo: Cia Ed. Nacional, 1933. 166 p.

FARIA, Maria Isabel; PERICÃO, Maria da Graça. *Dicionário do livro*. Lisboa: Guimarães Editores, 2008.

FLICK, Uwe. *Introdução à pesquisa qualitativa*. Tradução: Joice Elias Costa. 3. ed. Porto Alegre: Artmed, 2009.

FREIRE, Matheus. *Biblioteca fluminense: um espaço de leitura do século XIX*. Rio de Janeiro: BN Digital, [20--]. Disponível em: <https://bndigital.bn.gov.br/dossies/historia-da-ciencia/biblioteca-fluminense-um-espaco-de-leitura-do-seculo-xix/>. Acesso em: 24 fev. 2024.

IMPERIAL OBSERVATÓRIO DO RIO DE JANEIRO. Rio de Janeiro: O Observatório, 1888.

INSTITUTO PEDRA. *Quem somos*: sobre o instituto. São Paulo: Instituto Pedra, 2016. Disponível em: <https://institutopedra.org.br/#about>. Acesso em: 27 fev. 2024.

ITAIPU BINACIONAL. *Gestão transparente*. Foz do Iguaçu: Portal Itaipu Binacional, [200-?]. Disponível em: <https://www.itaipu.gov.br/institucional/gestao-transparente>. Acesso em: 27 fev. 2024.

JORNAL DO COMMERCIO. Rio de Janeiro, Quarta-feira 13 de Maio de 1970. Disponível em: https://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=364568_16&pesq=%22Biblioteca%20do%20Castelo%20d%27eu%22&pasta=ano%20197&hf=memoria.bn.br&pagfis=2394. Acesso em: 11 jan. 2024.

LIMA JÚNIOR, Carlos. A sacração e a coroação de D. Pedro I, de Jean-Baptiste Debret, sobre a trajetória de uma pintura histórica. *Almanack*, Guarulhos, n. 29, ed. 421, 2021. Disponível em: <https://periodicos.unifesp.br/index.php/alm/article/view/12224/9055>. Acesso em: 6 nov. 2023.

LIMA JÚNIOR, Carlos. Evocações do Império na morada do exílio: percalços de uma coleção brasileira no Castelo d'Eu. In: *Anuário do Museu Imperial: nova fase*. Petrópolis, Museu Imperial, 2022. v. 3. Disponível em: https://museuimperial.museus.gov.br/wp-content/uploads/2023/06/Anuario-2022-com_OCR.pdf. Acesso em: 29 out. 2023.

MARTINS, Wilson. *A palavra escrita*: história do livro, da imprensa e da biblioteca: com um capítulo referente à propriedade literária. 3 ed. São Paulo: Ática, 2001.

MIRANDA, Lydia Combacau de. *Relatório da biblioteca 1972*. Rio de Janeiro: MRE, 1972.

MIRANDA, Lydia Combacau de. *[Relatório da biblioteca] 1973*. Rio de Janeiro: MRE, 1973.

MONTEIRO, A. P. M. *Relatorio da Repartição dos Negocios Estrangeiros apresentado na sessão da Assemblêia Geral Legislativa*. Rio de Janeiro: Typographia Nacional, 1838.

MOREL, Marco. *As transformações dos espaços públicos*: imprensa, atores políticos e sociabilidades na cidade imperial (1820–1840). São Paulo: Hucitec, 2005. 326 p.

MURGUIA, Eduardo Ismael. O colecionismo bibliográfico: uma abordagem do livro para além da informação. *Encontros Bibli: revista eletrônica de biblioteconomia e ciência da informação*, Florianópolis, p. 87-104, 2009. Disponível em: <https://www.redalyc.org/pdf/147/14712771007.pdf>. Acesso em: 22 jan. 2024.

O POTI. Natal, Quinta-feira, 6 de Janeiro de 1955. Disponível em: https://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=031151_01&pesq=%22biblioteca%20do%20castelo%20d%27eu%22&pasta=ano%20195&hf=memoria.bn.br&pagfis=1123. Acesso em: 11 jan. 2024.

PIEROTTI, Maria de Lourdes Carvalho; NEILS, Valéria Rocha. Inventário rotativo: uma visão pragmática. *Revista de Biblioteconomia de Brasília*, Brasília, v. 13, n. 1, p. 59-65, jan./jun. 1985. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/rbbsb/article/view/30121/32365>. Acesso em: 2 jul. 2023.

PINHEIRO, Andréa de Souza; VON HELDE, Rosângela Rocha; PEREIRA, Silvia Fernandes (org.). *Glossário ilustrado de livros raros e acervos de memória*. Rio de Janeiro: Fundação Biblioteca Nacional, 2023. 242 p. Disponível em: https://objdigital.bn.br/objdigital2/acervo_digital/Livros_eletronicos/bndigital2607/bndigital2607.pdf. Acesso em: 15 fev. 2024.

PITANGA, Betânia Martins. *Hugo Auler: o crítico de arte de Brasília*. 2021. 324 f. Dissertação (Mestrado em Artes Visuais) – Instituto de Artes, Universidade de Brasília, Brasília, 2021. Disponível em: <https://educapes.capes.gov.br/handle/capes/647169>. Acesso em: 12 fev. 2024.

PRIORE, Mary del. *Castelo de Papel: uma história de Isabel de Bragança, princesa imperial do Brasil e Gastão de Orléans, conde d’Eu*. Rio de Janeiro: Rocco, 2013. 317 p.

RODRIGUES, M. C. O que é livro raro?, *ComCiência*, Campinas, n. 127, 2011. Disponível em: <http://comciencia.scielo.br/pdf/cci/n127/a08n127.pdf>. Acesso em: 19 jan. 2024.

SANTOS, Vania Aparecida de Jesus dos. *Aquisição, registro e inventário de acervo bibliográfico e documental*. Curitiba: UTFPR, 2010. 43 p. Disponível em: http://www.gestaoescolar.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/profuncionario/13aquisicao_registro_inventario.pdf. Acesso em: 21 jun. 2023.

SPINELLI, Jayme; BRANDÃO, Emiliania; FRANÇA, Camila. *Manual técnico de preservação e conservação: documentos extrajudiciais C N J*. [Rio de Janeiro]: Arquivo Nacional, 2011. 45 p. Disponível em: <file:///C:/Users/Funcion%C3%A1rio/Downloads/Manual-T%C3%A9cnico-de-Preserva%C3%A7%C3%A3o-e-Conserva%C3%A7%C3%A3o-de-Documentos-Extrajudiciais-.pdf>. Acesso em: 5 maio 2023.

VIANNA, Hélio. D. Isabel e Conde D’Eu: príncipes espoliados: um “memorial” de 1919, de Gastão de Orléans. *Revista de História*, São Paulo, v. 36, n. 74, p. 391-401, 1968. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/revhistoria/article/view/127381/124563>. Acesso em: 5 jun. 2023.

VOLPATO, Sílvia Maria Berté. *A trajetória de uma biblioteca especializada: o caso de uma biblioteca do curso de pós-graduação em administração da UFSC*. 1999. 153 f. Dissertação (Mestrado em Engenharia de Produção) – Universidade de Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 1999. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/xmlui/bitstream/handle/123456789/81133/150708.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 22 jun. 2023.

Tessituras de raridades na Coleção Pessoal Nélida Piñon da biblioteca do Instituto Cervantes do Rio de Janeiro

Carlos Alberto Della Paschoa

Mestre em Língua e Literatura Alemã pela USP, bibliotecário responsável
pela Biblioteca Nélida Piñon do Instituto Cervantes do Rio de Janeiro

Elisete de Sousa Melo

Doutoranda em Psicossociologia pela UFRJ, pesquisadora e consultora
independente em Gestão do Conhecimento e da Informação

Marcelo Carneiro Ruas

Especialista em Comércio Exterior pela UFRJ,
internacionalista, consultor e pesquisador independente





Resumo

A Coleção Pessoal da escritora galego-brasileira Nélida Piñon, doada ao Instituto Cervantes do Rio de Janeiro, reúne obras com características de raridades bibliográficas. Este trabalho visa a discorrer sobre a experiência de catalogar uma coleção pessoal singular que exigiu da equipe de catalogação a adoção de procedimentos para reconhecer o nível de raridade das obras. Recorreu-se à literatura especializada para fundamentar na representação descritiva as marcas de proveniência e *marginalia* de cada obra. O referencial teórico pesquisado possibilitou a determinação do grau de raridade a ser considerado. Acredita-se que as investigações e estudos realizados pela equipe de catalogação da Biblioteca Nélida Piñon contribuíram para o delineamento dos critérios de raridade da referida coleção.

Palavras-chave: Coleções pessoais. Biblioteca Nélida Piñon. Obras raras. Marcas de proveniência.

Abstract

The Personal Collection of Galician-Brazilian writer Nélida Piñon, donated to Instituto Cervantes Rio de Janeiro, includes works with the characteristics of bibliographic rarities. This paper aims to discuss the experience of cataloguing a unique personal collection, which required the cataloguing team to adopt procedures to recognise the level of rarity of the works. Specialised literature was used to support the descriptive representation of the provenance and *marginalia* marks on each document. The theoretical basis researched made it possible to determine the degree of rarity to be considered. It is believed that the research and studies carried out by the cataloguing team at the Nélida Piñon Library contributed to outlining the rarity criteria for this collection.

Keywords: Personal collections. Nélida Piñon Library. Rare books. Ownership marks.



Introdução

As singularidades de um documento podem classificá-lo como sendo um livro raro? Quais são os métodos ou critérios para identificar e classificar uma obra como rara ou antiga? Em que medida esses critérios se aplicam quando se trata de uma coleção pessoal?

O acervo pessoal da escritora e acadêmica galego-brasileira Nélida Piñon, doado à Biblioteca Nélida Piñon do Instituto Cervantes do Rio de Janeiro, reúne documentos cujas particularidades únicas os caracterizam como possíveis obras raras. O apreço com que a escritora se dedicou à sua biblioteca pessoal não se restringia somente a esta, mas também a todos os objetos colecionados por ela durante a sua vida, conforme pode ser verificado em seu relato no *Livro das Horas*.

Zelo também pelos demais objetos familiares, que não aceitam ser negligenciados. Dou-lhes atenção, não permito que a poeira ou minha vida os apaguem. Devo-lhes amor e piedade, choro às vezes ao vê-los. Confundo-os com quem partiu e os confiou a mim. (Piñon, 2012, p. 101)

O esmero e o zelo de Nélida por sua coleção bibliográfica está presente em cada documento nela contido, revelando facetas e testemunhos que evidenciam fragmentos de sua vida pessoal e literária, bem como do universo histórico-social em que viveu.

Durante o processamento técnico dos documentos, a equipe de catalogação identificou exemplares com aspectos únicos e diversos que revelaram a presença de raridades bibliográficas nesta coleção como dedicatórias, anotações, edições numeradas, marcas de proveniência, entre outras. Isto levou os catalogadores a investigarem na literatura das áreas de Bibliofilia e de Obras Raras critérios que pudessem auxiliar na classificação dessas obras quanto ao grau de raridade.

Observou-se que nas literaturas nacional e internacional ainda não existe um consenso no estabelecimento de critérios que permitam definir a raridade de uma obra. Pôde-se verificar, por meio de levantamentos bibliográficos, de análise e de estudo de artigos especializados, que cada instituição e sua respectiva unidade de informação “tende a elaborar os próprios critérios de raridade bibliográfica que, geralmente, não são universais, mas que devem ser aceitos universalmente” (Silva; Freire, 2006).

O presente trabalho tem por objetivo discorrer sobre a experiência de catalogar uma coleção pessoal que reúne preciosidades bibliográficas, cujas peculiaridades exigiram da equipe de catalogação a adoção de procedimentos para identificá-las, analisá-las, reconhecê-las e classificá-las quanto ao nível de raridade. A estratégia metodológica adotada foi o relato de experiência de natureza descritiva com

abordagem qualitativa. Foram descritos alguns aspectos presentes na Coleção Pessoal Nélida Piñon identificados durante o processamento técnico para o reconhecimento dos documentos com características singulares que permitem classificá-los como possíveis obras raras. A equipe de catalogação recorreu à literatura especializada para analisar e identificar os critérios e atributos de raridade bibliográfica presentes na Coleção Nélida Piñon, visto que esta apresenta uma diversidade de aspectos que singularizam cada documento.

Biblioteca Nélida Piñon - Instituto Cervantes Rio de Janeiro

Criado pelo governo espanhol em 1991 (Lei 7/1991, de 21 de março), o Instituto Cervantes tem por missão promover o ensino do espanhol e difundir as culturas espanhola e hispano-americana no mundo. Um dos pilares da instituição para alcançar esse objetivo é o departamento de bibliotecas e documentação responsável pela coordenação da maior rede internacional de bibliotecas espanholas especializadas, a RBIC – Red de Bibliotecas del Instituto Cervantes. Esta rede, por sua vez, integra o Sistema de Bibliotecas Estatais do Governo Espanhol. Atualmente, o conjunto congrega 60 unidades informacionais distribuídas nos cinco continentes e atua em espaços multiculturais e multilíngues.

Aberta ao público em 2004, a unidade da RBIC no Rio de Janeiro foi concebida como um centro de informação e documentação especializado nas línguas, culturas e literaturas hispânicas e transformou-se em um centro de referência na capital carioca. As bibliotecas da RBIC costumam levar o nome de um autor representativo da cultura hispânica. No Rio de Janeiro, em 20 de junho de 2022, a instituição recebeu o nome da escritora galego-brasileira Nélida Piñon, ganhadora do do Prêmio Internacional Menéndez Pelayo 2003, do Prêmio Príncipe de Asturias de las Letras 2005 e do Prêmio Jabuti de Literatura 2005/2020. Assim, tornou-se a única unidade da rede a ter o nome de uma escritora de língua portuguesa. Esta exceção se deve ao fato de o Instituto Cervantes ser o ponto de encontro das culturas da Espanha e as dos países em que está presente – neste caso o Brasil. Em retribuição a este gesto, Nélida Piñon doou sua biblioteca pessoal ao acervo do Instituto Cervantes do Rio de Janeiro.

A coleção pessoal Nélida Piñon

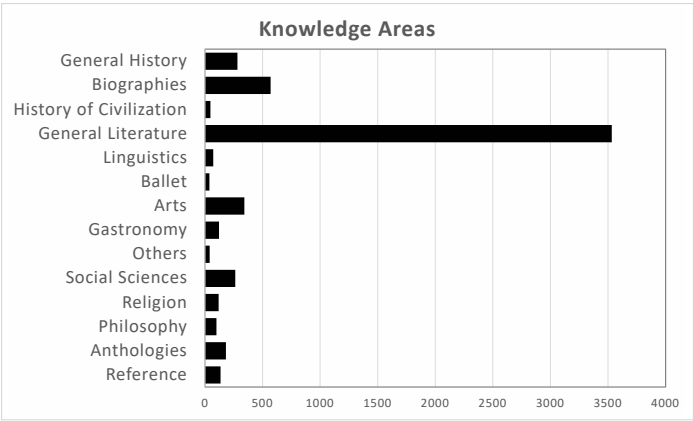
A coleção doada pela escritora reúne cerca de 8 mil documentos, além de objetos decorativos e uma obra de arte. Conforme dados preliminares, constitui um acervo repleto de particularidades, curiosidades e preciosidades. Para elucidar estas peculiaridades, são apresentadas nos quadros a seguir algumas

dessas características detectadas que confirmam a relevância e a singularidade da coleção.

Áreas do conhecimento

No Gráfico 1, a seguir, nota-se a profusão de obras de diferentes áreas do conhecimento, o que revela a variedade de temas e assuntos que despertavam o interesse de Nélida Piñon.

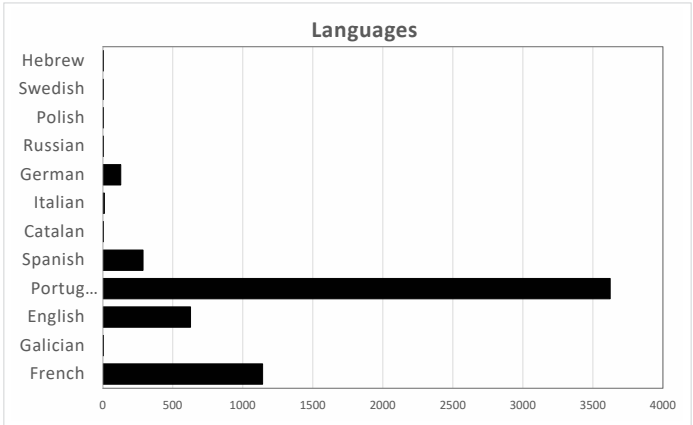
Gráfico 1



Idiomas

Conforme o Gráfico 2, a diversidade linguística não se restringe somente às obras em diversos idiomas presentes na coleção, mas também às dedicatórias manuscritas. A coleção reúne também as obras de Nélida Piñon traduzidas para o francês, inglês, italiano, galego, catalão, espanhol, polonês e russo.

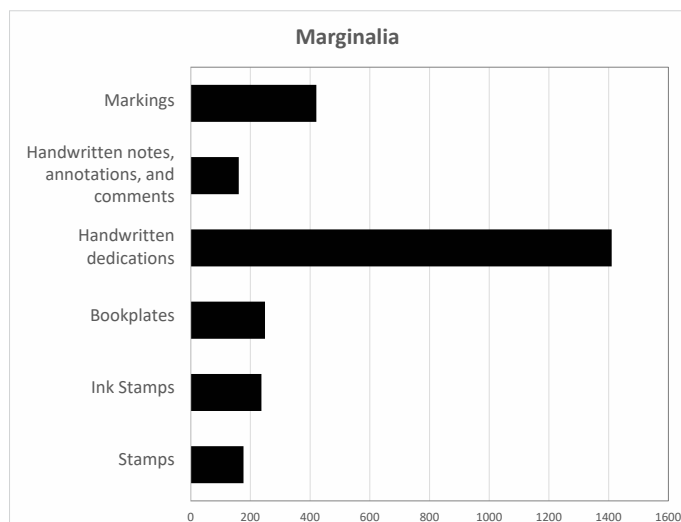
Gráfico 2



Marginalia

Verifica-se, no Gráfico 3, que a riqueza da *marginalia* presente na coleção a torna ainda mais singular e única porque contém dedicatória, notas, anotações, comentários e marcações manuscritas, além das marcas de proveniência como selos, ex-líbris, carimbos etc.

Gráfico 3



Devido a essas particularidades, foi desenvolvido um projeto de catalogação para o processamento técnico do acervo, com o suporte da Rede de Bibliotecas e Centros de Informação em Arte do Estado do Rio de Janeiro – Redarte/RJ, com o propósito de disponibilizar esse conjunto documental no catálogo coletivo da Rede de Bibliotecas do Instituto Cervantes, acessível a nível mundial.

Durante o projeto em curso, a equipe de catalogação tem constatado a presença de elementos indicativos de preciosidades bibliográficas, o que exigiu da equipe a adoção de procedimentos para identificá-las, analisá-las, reconhecê-las e classificá-las quanto ao nível de raridade e singularidade.

Mas o que é uma obra rara?

Esta foi a pergunta que motivou a equipe a buscar uma resposta. Observou-se na literatura nacional e internacional que o conceito de “raro” é relativo, o que não permite uma definição universal, por isso, necessita-se do estabelecimento de critérios de raridade que permitam classificar uma obra como rara ou não.

Segundo Pinheiro (1989), as obras raras podem ser definidas por diferentes razões, devendo-se levar em consideração cinco aspectos relevantes:

- 1) Limite histórico;
- 2) Aspectos bibliológicos;
- 3) Valor cultural;
- 4) Pesquisa bibliográfica;
- 5) Características do exemplar.

As Bibliotecas Nacionais no mundo se utilizam de critérios internacionais para estabelecer os seus próprios critérios de raridade condizentes com seus respectivos acervos. Conforme Silva e Freire (2006, p. 1), cada instituição “tende a elaborar os próprios critérios de raridade bibliográfica que, geralmente, não são universais, mas que devem ser aceitos universalmente”.

Os critérios de raridade internacionalmente aceitos serviram de referência para a equipe de catalogação, no entanto não atendiam a todas as singularidades dos documentos presentes na Coleção Nélida Piñon. Isto fez com que a equipe se perguntasse se haveria critérios que definissem o conceito de “raro” em acervos pessoais. Verificou-se uma escassez de literatura especializada em acervos pessoais que apresentasse critérios de análise e identificação de atributos de raridade bibliográfica presentes em coleções pessoais. De acordo com Krtalic, Dinneen, Liew, Goulding (2021, p. 149),

as pessoas de importância cultural mantêm por vezes extensas coleções pessoais que atestam o trabalho da sua vida e a sua influência na sociedade e até captar o meio social e político do seu tempo. Por vezes, tais coleções são doadas a organizações que preservam e tornam essas coleções acessíveis a outras, como instituições nacionais de memória ou patrimônio. (Krtalic; Dinneen; Liew; Goulding, 2021, p.149) (tradução livre dos autores)

Verifica-se que os autores acima citados confirmam um aspecto identificado por Pinheiro (1989), o Valor Cultural, como um dos fatores fundamentais para a análise e identificação dos atributos de raridade bibliográfica presentes em coleções pessoais.

Mas o que é raridade em um acervo pessoal?

Diante das informações coletadas, a equipe mais uma vez questionou o que pode ser considerado raridade em um acervo pessoal. Segundo Lacerda (2017, p. 1), as bibliotecas pessoais

são importantes fontes de pesquisa e representam uma abrangência inesgotável de investigação bibliográfica de interesse científico, literário, cultural e artístico; cada uma abrange um universo do conhecimento particular de seu dono, conforme o interesse intelectual ou artístico do proprietário. Estas bibliotecas agregam materiais diversos, guardados ao longo de uma vida, objetos além de livros (materiais bibliográficos), objetos pessoais que representam não somente a experiência individual, mas do grupo social em que ele, o proprietário, está ou estava inserido. (Lacerda, 2017, p. 1)

No caso de acervos pessoais, cada documento possui informação única que o diferencia e que o distingue de outros exemplares, o que permite identificá-lo e classificá-lo como uma obra rara. É necessário ao catalogador um conhecimento abrangente sobre o proprietário do acervo e sobre o entorno em que esteve inserido para estabelecer a unicidade e o grau de raridade ou de preciosidade ou de curiosidade de um documento.

Tessituras de raridades da Coleção Pessoal Nélida Piñon

Conforme identificado pela equipe de catalogação, a Coleção Pessoal de Nélida Piñon reúne as seguintes características que demonstram o valor e o grau de raridade das obras: manuscritos, fac-símiles, códices, edições de luxo e de colecionadores, primeiras edições, marcas de propriedade e de proveniência, ex-líbris, comentários, marcações e anotações, correções linguísticas, livros de dimensões excepcionais, dedicatórias manuscritas, cartas-dedicatórias, edições esgotadas, livros valiosos por sua procedência, biblioteca herdada (Biblioteca Elza Tavares Ferreira), teses e dissertações sobre a obra literária de Nélida Piñon etc.

Lições aprendidas

A peculiaridade de cada documento exigiu tratamento adequado para atender e ajustar-se às normas técnicas da RBIC, o que implicou desdobramento e geração de produtos, tais como um glossário com especificidades da coleção e normalização tipológica das marcas de proveniência, uma listagem de termos descritores de literatura brasileira em espanhol e um guia de preenchimento dos campos no sistema AbsysNet. Essas iniciativas contribuem para que os valores cultural e agregado da Coleção Nélida Piñon estejam acessíveis e disponibilizados, por meio da representação descritiva extensiva e dos recursos informacionais, à sociedade.

Considerações

Verifica-se que na literatura ainda não há um consenso sobre os critérios de raridades para coleções pessoais devido à riqueza de informações extrínsecas e intrínsecas presentes em tais documentos. As particularidades das coleções pessoais podem contribuir não somente para uma catalogação personalizada, como também para o estabelecimento de critérios de raridade, e de preciosidade bibliográfica.

Considera-se que os critérios identificados pela equipe de catalogação atendem no momento às características de raridade bibliográfica, cultural e patrimonial recomendados pela Rede de Bibliotecas do Instituto Cervantes – RBIC, assim como àquelas definidos pela literatura sobre o tema.

Constata-se que a Coleção Pessoal Nélida Piñon constitui um legado que a escritora deixa à sociedade e à posteridade. Este gesto traz consigo uma mensagem subjetiva de conservação e perpetuação de sua memória, que deve estar contida na representação descritiva das obras que compõem o seu acervo.

Referências

CDU: Clasificación Decimal Universal: norma española. Madrid: AENOR, 2000.

DELLA PASCHOA, C. A. Desenvolvimento de coleção e preservação do patrimônio cultural. In: Seminário de Informação em Arte, 6, 2018, Rio de Janeiro. *Anais eletrônicos* [...]. Rio de Janeiro: REDARTE/RJ, 2019. Disponível em: <https://www.doity.com.br/anais/seminario-de-informacao-em-arte/trabalho/81459>. Acesso em: 18 jan. 2024.

DELLA PASCHOA, C. A.; MELO, Elisete de S. *Nélida Piñon Personal Collection: cataloguing documents from the Nélida Piñon Library at Instituto Cervantes Rio de Janeiro: a case study*. Disponível em: <https://repository.ifla.org/handle/123456789/2751>. Acesso em: 18 jan. 2024.

DELLA PASCHOA, C. A.; MELO, Elisete de S. *The particularities of a ballet collection: the Nélida Piñon Collection at Instituto Cervantes Rio de Janeiro*. *Art Libraries Journal*, v. 47, n. 4, October 2022, p. 103-108.

FERNÁNDEZ DE ZAMORA, Rosa María. Conocer, valorar y difundir el patrimonio documental de América Latina y el Caribe. In: *WORLD LIBRARY AND INFORMATION CONGRESS*, 75, 2009, Milão. Disponível em: <https://www.ifla.org/past-wlic/2009/98-fernandez-es.pdf>. Acesso em: 10 fev. 2024.

INSTITUTO CERVANTES. *Rede de Bibliotecas. Política de desarrollo de colecciones de la Red de Bibliotecas del Instituto Cervantes*. Madrid: Instituto Cervantes, 2009.

KRTALIC, Maja; DINNEEN, Jesse D.; LIEW, Chern Li; GOULDING, Anne. Personal Collections and Personal Information Management in the Family Context. *Library Trends*, v. 70, n. 2, p. 149-179, 2021.

LACERDA, Ana Regina Luz. *A importância das bibliotecas particulares incorporadas aos acervos públicos: as coleções da Biblioteca Central da Universidade de Brasília. Repositório–FEBAB*, 2017. Disponível em: <http://repositorio.febab.org.br/files/original/23/2859/1973-1990-1-PB.pdf>. Acesso em: 20 mar. 2024.

PINHEIRO, Ana Virginia. *Que é livro raro?: uma metodologia para o estabelecimento de critérios de raridade bibliográfica*. Rio de Janeiro: Presença, 1989.

PIÑON, Nélida. *Livro das horas*. 2. ed. Rio de Janeiro: Editora Record, 2012.

SILVA, Gracineide S. da; FREIRE, Bernardina M. J. Folheando livros: incursão teórica em tesouros bibliográficos e bibliológicos. *Biblionline*, v. 2, n. 2, 2006. Disponível em: https://www.brapci.inf.br/_repositorio/2010/11/pdf_74a9612071_0013373.pdf. Acesso em: 10 fev. 2024.

Identificação das obras raras do
acervo da Biblioteca Professor
João Ferreira da Silva Filho –
IPUB/UFRJ e sua contribuição para
a história da psiquiatria brasileira

Cátia Maria Mathias

Bibliotecária chefe da Biblioteca Professor João Ferreira da Silva Filho,
doutoranda em História das Ciências e da Saúde - COC/Fiocruz
e mestre em História das Ciências e da Saúde - COC/Fiocruz





Resumo

Este artigo visa apresentar como foi identificada, organizada e também as medidas implementadas para a salvaguarda da coleção de obras raras e especiais da Biblioteca Professor João Ferreira da Silva Filho do Instituto de Psiquiatria da Universidade Federal do Rio de Janeiro, especializada em psiquiatria e saúde mental. Também foi evidenciado o potencial dessa coleção como fonte de pesquisa para auxiliar na elucidação de algumas lacunas relativas à história da psiquiatria. Para alcançar tal propósito foi realizado um levantamento no primeiro livro de tombo, no acervo de obras gerais e nas doações recebidas pela biblioteca, com o objetivo de identificar obras que se enquadravam nos critérios de raridade bibliográfica estabelecidos por nós. Até o presente, foram identificadas 873 obras que estão descritas na Base Minerva/UFRJ. As informações levantadas foram registradas em planilha Excel e têm nos ajudado a compreender o papel que esse pequeno acervo desempenhou na história da psiquiatria.

Palavras-chave: Biblioteconomia de Livros Raros. Biblioteca Professor João Ferreira da Silva Filho da Universidade Federal do Rio de Janeiro (IPUB/UFRJ). Critérios de raridade. Obras raras.

Abstract

This article aims at presenting how it was identified, organized and the measures implemented to safeguard the rare collection of the Library Professor João Ferreira da Silva Filho from the Institute of Psychiatry at the Federal University of Rio de Janeiro, specializing in psychiatry and mental health. The potential of this collection as a source of research to help elucidate some gaps relating to the history of psychiatry was also highlighted. To achieve this purpose, a bibliographical research was carried out in the first registry book, in the collection of fit the bibliographic rarity criteria established by us. To date, 873 books have been identified and described in the Minerva/UFRJ Base. The information collected was register in an Excel spreadsheet and has helped us general books and in donations received by the Library, with the aim of identifying works that understand the role that this small collection played in the history of psychiatry.

Keywords: Rare book librarianship. Library Professor João Ferreira da Silva Filho da Universidade Federal do Rio de Janeiro (IPUB/UFRJ). Criteria of bibliographical rarity. Rare books



Introdução

Afinal, o que vem a ser um livro raro? A biblioteconomia de obras raras nos apresenta vários critérios para qualificar uma obra como sendo rara ou valiosa. Observamos que tais critérios, nem sempre relacionados com a antiguidade, podem variar de uma instituição para outra e também dependem da área do conhecimento à qual pertence a obra a ser avaliada. Corroborando essa afirmação, Ana Virginia Pinheiro informa que “a noção de raridade bibliográfica envolve tantos valores e circunstâncias, que é necessário formalizar uma metodologia para organizar esse conhecimento (2009, p. 32). Nesse sentido, uma biblioteca especializada na área de psiquiatria e saúde mental, ao definir e elencar os parâmetros que serão utilizados para avaliar e selecionar quais exemplares de sua coleção bibliográfica poderão ser considerados raros e/ou valiosos, necessitará buscar embasamento na literatura para ter suporte teórico e poder selecionar, entre os parâmetros já consagrados, os que se aplicam à sua área. Também será necessário elaborar alguns critérios que atenderão as especificidades relacionadas tanto com essa área médica quanto com a instituição na qual a biblioteca está inserida. A Biblioteca do Instituto de Psiquiatria, segundo seu primeiro livro de tombo, existe desde 1949. Cinquenta anos depois, foi nomeada como Biblioteca Professor João Ferreira da Silva Filho. Cabe mencionar que a raiz histórica do Instituto de Psiquiatria remonta ao antigo Pavilhão de Observação, instituição criada em 1892, que era a porta de entrada do Hospício Nacional de Alienados (HNA). Este hospital psiquiátrico, anteriormente denominado Hospício de Pedro II (HPII), foi o primeiro do Brasil e um dos primeiros da América Latina (Teixeira, 1998; Engel, 2001). Por esse espaço circularam os precursores da psiquiatria brasileira, bem como foram realizados os estudos e pesquisas inaugurais dessa especialidade médica no país.

Observamos que, da mesma forma como mencionaram Pinheiro *et al* (2014, p. 4) em seu texto publicado no Seminário Nacional de Bibliotecas Universitárias, encontravam-se dispersos pelo acervo geral da Biblioteca do IPUB/UFRJ livros remanescentes do período seminal da psiquiatria brasileira, além de obras científicas da área, de caráter retrospectivo, consideradas desatualizadas. Consequentemente, possíveis obras raras e especiais estavam disponibilizadas ao público para consultas e empréstimo domiciliar sem a proteção de uma política de conservação preventiva, além de estarem suscetíveis a perdas, danos e a agentes de deterioração.

Cabe mencionar que na Biblioteca do IPUB existia uma coleção denominada obras raras, com 309 exemplares, cujo único critério utilizado para seu agrupamento era a antiguidade dos livros. A partir dessa constatação, além do critério de antiguidade, buscamos na literatura sobre acervos raros, e na *Política para Gestão de Acervos Bibliográficos Raros e Especiais da Universidade Federal do*

Rio de Janeiro, a definição de obras raras, especiais e valiosas, com o objetivo de estabelecer critérios para sua identificação, além de elaborar uma rotina de trabalho visando à padronização das atividades seguintes à definição da raridade das obras, como a revisão do processamento técnico e a implementação de algumas medidas para a salvaguarda desses exemplares. Tais ações contribuíram para evidenciar a memória da instituição e valorizar seu patrimônio histórico bibliográfico.

Durante o processo de identificação das obras raras e especiais presentes no acervo geral, percebemos que esse material bibliográfico, além do seu conteúdo acadêmico e científico em psiquiatria e áreas afins,¹ se constituía também como uma significativa fonte de pesquisa para a história da psiquiatria. Seus dados (autor, título, ano, temáticas dos livros, marcas de proveniência, etc), após análise e cruzamento com outras fontes como os periódicos da *Hemeroteca Digital Brasileira* (Fundação Biblioteca Nacional) e documentos administrativos, apresentam informações que contribuirão para a elucidação de alguns pontos ainda não esclarecidos na história da psiquiatria no Brasil, que enriquecerão a história acadêmica da especialidade. Além disso, trarão à luz novos conhecimentos para o campo, pois se constituem como fontes ainda pouco utilizadas que permitirão interpretar e problematizar dados por meio de alguns pontos de vista que envolvem tanto a história da Psiquiatria quanto a história do livro médico no Brasil. Assim, tal trabalho tornou-se um desdobramento de um projeto em andamento do curso de doutorado do Programa de Pós-Graduação em História das Ciências e da Saúde da Casa de Oswaldo Cruz, que tem como objetivo evidenciar o papel dos livros especializados na formação e construção da autoridade profissional e social dos psiquiatras, a partir da instauração da cátedra de clínica psiquiátrica na Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro.

1. Psicologia, psicanálise, medicina e etc.

Imagem 1 – Coleção de obras raras e especiais da Biblioteca do IPUB



Fonte: Biblioteca Professor João Ferreira da Silva Filho

Algumas considerações sobre obras raras

Não existe um conceito engessado que defina uma obra como rara; sendo assim, dentro desse pressuposto, Pinheiro (2009, p. 31) aponta que

é impossível predeterminar as características de um livro raro, porque cada livro é um universo restrito de manifestações culturais – originais e acrescentadas; e é difícil discernir sobre características postas em evidência quando se tenta provar a raridade de um livro – os argumentos são frágeis, baseados no “inquestionável” pressuposto da antiguidade.

Nesse sentido, como já mencionado, a antiguidade de um livro não é o único fator que deve ser considerado ao se definir a raridade de um livro. A literatura da área apresenta vários aspectos e critérios que, dependendo da época e da localidade, determinam a raridade ou preciosidade de um livro. Vale mencionar que esses parâmetros, de acordo com as circunstâncias e com o passar dos anos, também podem ser alterados. Considerando estas especificidades, Márcia Carvalho Rodrigues (2006, p. 115) esclarece que cada instituição deve selecionar e elaborar seus próprios critérios de raridade, baseados nas determinações da

Biblioteca Nacional (Brasil) e em experiências de outras instituições. Diante desse contexto, constatamos que o levantamento de critérios já estabelecidos por instituições semelhantes, permitiu construir um norte para o estabelecimento de parâmetros que melhor se enquadraram na realidade e nas necessidades da nossa biblioteca.

Outro ponto que define o valor de uma obra são seus aspectos científico e cultural. O livro, tanto como objeto físico, quanto meio de transmitir informações e novas visões de mundo, inclusive as científicas, “seria um representante factual da história do conhecimento, ou seja, um documento verdadeiro do desenvolvimento cultural e social da humanidade.” (Sant’Anna, 2001, p.2).

Assim, os livros, periódicos, teses e folhetos, entre outras tipologias documentais pertencentes à psiquiatria, podem ser considerados como sendo valiosos por representarem o saber especializado já consolidado, o conhecimento dominante, os princípios definidos por essa área da medicina numa determinada época e relacionados com a sociedade na qual estão inseridos. Por outro lado, além de a coleção de obras raras e especiais ligadas à psiquiatria permitirem estudos científicos, sociais e culturais, ela também possibilita análises relacionadas com sua estrutura, como sua produção, características físicas e a forma como a informação era organizada e apresentada em cada tipo de publicação.

Então, dentro dessa miríade de possibilidades, Rodrigues (2006, p. 115) aponta que

de maneira bastante simplificada, pode-se dizer que livro raro é aquele difícil de encontrar por ser muito antigo, ou por tratar-se de um exemplar manuscrito, ou ainda por ter pertencido a uma personalidade de reconhecida projeção e influência no país e mesmo fora dele (por exemplo: imperadores, reis, presidentes), ou reconhecidamente importantes para determinada área do conhecimento (física, biologia, matemática e outras). Enfim, os elementos qualificadores envolvidos são diversos.

Cabe destacar que, embora o conceito de obras raras esteja relacionado a livros, nesta definição também é possível incluir coleções de periódicos, folhetos, mapas, folhas volantes, cartões-postais e outros materiais impressos (Sant’Ana, 2009, p. 2; Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2021, p. 11).

Portanto, é primordial que cada biblioteca possuidora de obras consideradas raras, valiosas e especiais, elabore critérios para identificar os itens bibliográficos de sua coleção que se enquadram nessa categoria. Também se faz necessário implementar políticas de gestão, salvaguarda e acesso a essa tipologia documental que justifiquem os cuidados relacionados com sua segurança e preservação.

Um pouco da história da psiquiatria no Brasil

Para compreender o papel do livro na implementação da psiquiatria no Brasil e a representatividade da clínica psiquiátrica da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro (FMRJ) nesse cenário, é necessário conhecer um pouco da história dessa especialidade médica.

Os marcos do processo de medicalização da loucura no Brasil são a fundação do Hospício de Pedro II, em 1841, e a criação da cadeira de Clínica Psiquiátrica e Moléstias Nervosas, em 1881, nas Faculdades de Medicina do Rio de Janeiro e da Bahia. Este ato reconheceu essa especialidade como um campo do saber e da prática médica no Brasil (Peres *et al.*, 2011, p. 703).

Inicialmente, a Clínica Psiquiátrica da FMRJ não possuía um espaço exclusivo para o exercício prático da psiquiatria, pois a Faculdade de Medicina não dispunha de um hospital próprio para as aulas práticas. Por essa razão, a disciplina de psiquiatria foi ministrada no Hospício de Pedro II, que na República foi renomeado como Hospício Nacional de Alienados.

Em 1892, foi criado o Pavilhão de Observação Clínica do HNA, entretanto a instituição só foi inaugurada em 1894. O serviço possuía a dupla função de avaliar gratuitamente os suspeitos de alienação mental enviados pelas autoridades policiais – desempenhando o papel de porta de entrada para o Hospício Nacional de Alienados – e servir de espaço destinado às aulas teórica e prática da Clínica Psiquiátrica da FMRJ.

Ao longo dos anos ocorreram algumas mudanças na nomenclatura do Pavilhão de Observação: em 1911, passou a denominar-se Instituto de Neuropatologia; em 1927, Instituto de Psicopatologia e, finalmente, em 1938, a instituição foi transferida para a Universidade do Brasil, passando a ser designada como Instituto de Psiquiatria da Universidade do Brasil – IPUB. Em 1965, esta universidade foi renomeada como Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ (Mathias, 2017).

Sendo o Pavilhão de Observação um espaço destinado às aulas, que também fazia parte do serviço de assistência pública em psiquiatria, por meio de atendimento médico especializado e internação temporária de pacientes, era fundamental a existência de livros especializados, adquiridos de acordo com as necessidades específicas da instituição para consultas locais, o que conferia respaldo às práticas clínicas e pedagógicas e facilitava os estudos e pesquisas ali desenvolvidas.

Vale mencionar que os primeiros livros de psiquiatria moderna remontam aos primeiros anos do século XIX. Aquele século foi representativo para as ciências médicas, visto que transformações políticas, sociais, econômicas, científicas e tecnológicas contribuíram para mudanças que se refletiram nos saberes teóricos e, consequentemente, nas práticas e no cotidiano dos hospitais.

Foi nesse contexto que surgiram as especialidades médicas que, segundo Weisz (2003; 2006), representaram o resultado de amplas transformações, criando novas comunidades científicas, disciplinas e identidades no campo da medicina. Cada especialidade se originou e progrediu a partir de situações peculiares como localismo orgânico, grupo de pacientes específicos, técnicas terapêuticas, tecnologias e necessidades do Estado. No caso da psiquiatria, o hospício ao reunir em seu interior um quantitativo de pessoas diagnosticadas com distúrbios mentais, proporcionou aos médicos especialistas a seleção e observação de pacientes, construindo e sistematizando o conhecimento, permitindo assim a produção de escritos com descrições semiológicas e classificações nosográficas complexas (Campos-Marin; Huertas, 2008, p. 474), o que fundamentou o pensamento médico-científico da área. Tais teorias se consolidaram ao longo das décadas e passaram a circular, por meio de livros e periódicos, nas capitais europeias e em comunidades científicas distantes, fora da Europa, atualizando os médicos sobre as mudanças e inovações ocorridas na área médica e gerando novos saberes.

O acervo bibliográfico que se originou no Pavilhão foi aumentando, a fim de atender as necessidades informacionais de docentes e discentes. Obras que pertenceram a personalidades e a outras instituições ligadas à área, que encerraram suas atividades, foram incorporadas a esse acervo inicial e ainda hoje fazem parte do patrimônio da Biblioteca Professor João Ferreira da Silva Filho, também conhecida como Biblioteca do IPUB.

Metodologia

Foi realizada uma revisão bibliográfica na literatura da área com vistas a buscar elementos para fundamentar os critérios utilizados para a identificação e seleção das obras raras e especiais existentes no acervo da Biblioteca Professor João Ferreira da Silva Filho do Instituto de Psiquiatria – IPUB/UFRJ. Foram analisados os critérios estipulados pela Biblioteca Nacional, pela Fundação Oswaldo Cruz e pela Biblioteca Central da Universidade de Caxias do Sul, além das orientações estipuladas pela UFRJ para sua rede de bibliotecas.

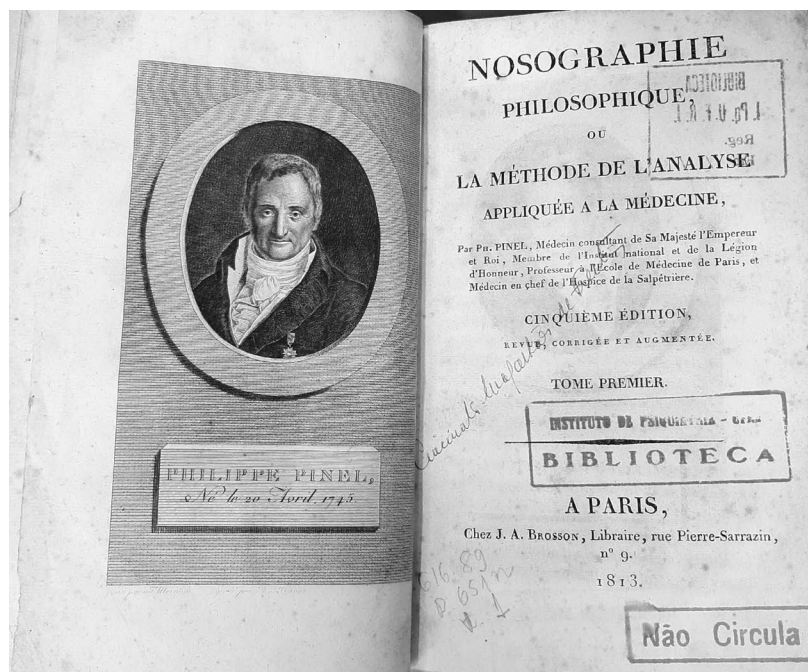
O passo seguinte foi a definição das etapas de trabalho, que foram executadas da seguinte forma:

- avaliação dos primeiros livros que formaram a coleção de obras raras. Cabe lembrar que, inicialmente, o único critério para que a obra fizesse parte dessa coleção era a antiguidade. A coleção inicial era composta por 309 exemplares;
- foi realizada a análise do primeiro livro de tombo da biblioteca (1949);
- foi feita uma pesquisa no acervo geral da Biblioteca, a fim de identificar os livros que atendiam aos novos critérios estipulados;

- as obras identificadas como raras e/ou especiais foram retiradas do acervo geral (livros, folhetos, teses e periódicos). Estas foram incorporadas à coleção de obras raras e especiais e armazenadas em arquivo deslizante, destinado a essa coleção. Tal medida visa à maior segurança e reduz a exposição das obras ao excesso de luz, poeira e umidade;
- o material bibliográfico proveniente de doações, que ainda não tinha sido processado, foi avaliado em busca da identificação de obras raras e especiais;
- foi feito um cadastro com o diagnóstico de conservação dessas obras, a fim de verificar seu estado de deterioração;
- as características e particularidades dos exemplares foram fotografadas e anexadas ao seu cadastro de identificação;
- foi realizada a descrição catalográfica detalhada e a indexação, de acordo com o *Manual para a entrada de Obras Raras e Especiais na Base Minerva/ UFRJ*. Esta etapa ainda está em processo de implementação;
- as obras foram ordenadas nos arquivos deslizantes seguindo sistema de localização fixa (imagem 1);
- foi feita a seleção de títulos que serão digitalizados e inseridos na Biblioteca Digital de Obras Raras da UFRJ.

Seguindo as normas da UFRJ, serão definidos os padrões que nortearão o acesso, o uso e a divulgação da coleção. Também há a necessidade de se elaborar um projeto, visando à captação de recursos para a realização de uma nova higienização e pequenos reparos dessa coleção.

Imagem 2 – Livro de Pinel, que pertenceu ao doutor Cincinato Magalhães de Freitas (1918-1979)



Fonte: PINEL, Philippe, 1813.

Resultados

Embora o trabalho de organização da coleção de obras raras e especiais da Biblioteca do Instituto de Psiquiatria da UFRJ ainda esteja em andamento, algumas etapas do mesmo já foram concluídas e já é possível apresentar alguns resultados. Nesse sentido, foram identificadas 873 obras raras e especiais no acervo geral da biblioteca, entre livros, folhetos, periódicos e teses. Esse material bibliográfico foi reunido com os 309 itens da coleção original de obras raras. Hoje, essa coleção é composta por 1.182 exemplares.

Alguns livros que originalmente pertenciam ao patrimônio bibliográfico do Pavilhão, adquiridos por compra ou por doação, e possuíam um carimbo: Assistência a Alienados – Instituto de Neuropathologia.² Não é possível afirmar quando esses livros foram adquiridos e se todos foram carimbados. Também foram identificados livros com informações manuscritas e dedicatórias: “Instituto de Neuropathologia - Laboratório”, ou “à Biblioteca da Clínica Psiquiátrica”. As obras que pertenceram aos psiquiatras e professores da FMRJ possuem as

2. Em 1911, o Pavilhão de Observação foi renomeado como Instituto de Neuropathologia (Decreto nº 8.834, de 1911).

assinaturas e/ou carimbos dos respectivos antigos proprietários, como Henrique de Brito Belford Roxo (1877-1969), Adauto Junqueira Botelho (1895-1963), Faustino Esposel (1888-1931), José Leme Lopes (1904-1990), entre outros. Muitas dessas obras, além das assinaturas, trazem dedicatórias, data e local em que foram adquiridas, algumas vezes revelando que o livro foi comprado durante uma viagem.

Os livros especializados em psiquiatria e ciências afins apresentam uma ciência que já foi aceita e certificada pela comunidade da área, ressaltando os autores que embasaram o conhecimento da especialidade e representam a memória científica e cultural daquela época. Estudar como o conhecimento científico, veiculado por meio dos livros, favoreceu a experimentação e a geração de novos saberes, que foram impressos nas produções acadêmicas, traz esclarecimentos tanto sobre como a psiquiatria construiu seus saberes a partir do momento em que foi reconhecida como especialidade médica (1881), quanto acerca de aspectos relativos à formação dos futuros psiquiatras. Por meio da análise e cruzamento de informações presentes na coleção de obras raras e especiais com outras fontes produzidas naquele período, é possível identificar o cenário no qual esses especialistas instauraram sua autoridade profissional, assim como outros conhecimentos.

Segundo Pinheiro (2014, p. 3-4), o acervo de uma biblioteca universitária conta a história de sua formação e trajetória, e também do ensino e da pesquisa ministrados pela instituição que esse acervo representa. Nesse sentido, a amplitude, a atualização e até mesmo a incompletude das coleções bibliográficas especializadas em psiquiatria revelam e refletem a história da especialidade, as teorias e práticas que circularam naquele espaço, os processos de ensino selecionados e os valores presentes no cotidiano da instituição.

Tais obras apresentam dados que já contribuíram para revelar algumas informações sobre a história do curso de psiquiatria na FMRJ, como, por exemplo, a relação de algumas obras com os programas de curso da clínica psiquiátrica da FMRJ, no final do século XIX e início do XX; evidenciam a preocupação dos psiquiatras com alguns problemas sociais do período; revelam as temáticas, em psiquiatria, pesquisadas numa determinada linha de tempo; mostram obras que pertenceram a personalidades relacionadas com a psiquiatria; apresentam os interesses teóricos dos docentes da clínica psiquiátrica da FMRJ; as dedicatórias presentes nessas obras que revelam as redes de sociabilidade construídas entre docentes e discentes. Essas obras também apresentam dados sobre o processo de formação dos primeiros profissionais da área no Rio de Janeiro. Dessa forma, essa coleção de obras raras e especiais corrobora a ideia de que “os acervos raros podem, ainda, ser usados como fonte de pesquisa para gerar novas informações” (Rodrigues, 2006, p. 116).

Além do livro propriamente dito, podemos afirmar que outros indicativos, como algumas informações encontradas nas marcas de proveniência,

são fundamentais para a compreensão e preenchimento de algumas lacunas encontradas na história da Psiquiatria. As marcas de proveniência bibliográfica são “elementos que foram acrescentados ao exemplar após a sua produção” (Vilela, 2012, p. 37), tornando o exemplar único, pois o distingue dos demais, revelando aspectos de seu ex-dono, uso e trajetória. Vale mencionar que foram primordiais para identificar, em meio ao acervo bibliográfico do IPUB, as obras raras e especiais da coleção. As marcas de proveniência permitiram que essas obras revelassem “sua própria história e a história das instituições ou pessoas que os possuem ou possuíram. Sua presença nos livros abordados como objetos são bastante eloquentes, já que narram determinados fatos, e por elas permite-se reunir coleções dispersas (Azevedo e Loureiro, 2019, p. 17). Tais marcas trouxeram à tona indícios e informações relevantes, que foram incluídas em uma planilha Excel e que, além de dados como autor, título, editor, ano, idioma do livro, etc., contêm campos como livrarias, encadernadores, bibliotecas, ex-donos, assinaturas, dedicatórias, data e local de aquisição da obra, encadernação, se possuem grifos ou não etc. Esses dados, relacionados e/ou complementados com outras fontes, podem revelar novas informações para enriquecer o campo da psiquiatria.

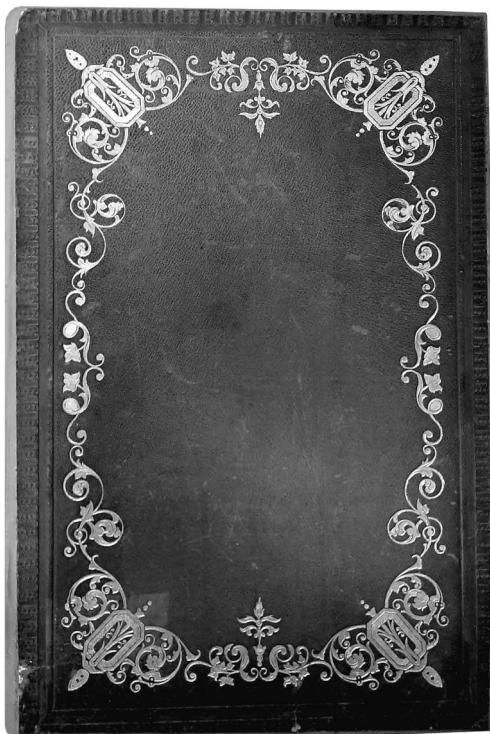
Podemos dizer que, do ponto de vista da História, a psiquiatria, como especialidade médica, é um campo recente. Nesse sentido, os livros da área começaram a ser produzidos por volta de 1800. Já no Brasil, apesar de o Hospício de Pedro II ter sido criado em 1841, e inaugurado em 1852, a criação da cátedra de clínica psiquiátrica e moléstias nervosas só viria a ocorrer em 1881. Durante esse período, a maioria dos impressos que circulavam eram importados (Hallewell, 2005). Somente a partir do início do século XX é que começaram a ser produzidos os primeiros livros de psiquiatria, de autores brasileiros, no Brasil.

Assim, os critérios de raridade adotados e definidos para serem implementados na Biblioteca Professor João Ferreira da Silva Filho são bem específicos, relacionados com as singularidades da psiquiatria, como a criação do Hospício de Alienados, a instituição da cadeira de clínica psiquiátrica e a própria origem e períodos significativos do Instituto de Psiquiatria da UFRJ. Entre os critérios estipulados, podemos citar, por exemplo:

- primeiras obras produzidas na área de psiquiatria;
- primeiras obras de psiquiatria publicadas no Brasil;
- obras que pertenceram a personalidades da área;
- obras que pertenceram às primeiras instituições psiquiátricas do país;
- obras com anotações manuscritas relevantes (assinaturas, autógrafos, dedicatórias);
- obras com marcas de propriedade relevantes (carimbos, selos, ex-líbris);
- marcas de propriedade de uso (anotações feitas no exemplar pelo autor ou pelo leitor);
- encadernações originais de luxo (imagem 2);

- anais dos primeiros eventos da área;
- primeiros periódicos editados na área;
- primeiras teses produzidas na área;
- obras editadas pelo Instituto de Psiquiatria da UFRJ;
- obras produzidas por docentes e pesquisadores do Instituto de Psiquiatria da UFRJ;

Imagem 2 – Capa de tese de doutoramento de Theophilo Rodrigues (1885)



Fonte: Rodrigues, Theophilo Affonso, 1885.

Considerações finais

Atualmente, a coleção de obras raras e especiais da Biblioteca Professor João Ferreira da Silva Filho está na etapa de descrição catalográfica detalhada na Base Minerva/UFRJ e, simultaneamente, estamos verificando a possibilidade de inclusão das mesmas na Biblioteca Digital de Obras Raras da UFRJ.

A identificação das obras raras, a descrição catalográfica, a divulgação e a disponibilização para consultas à comunidade interna e externa da UFRJ

possibilitará a realização de pesquisas diversas que contribuirão para o enriquecimento tanto da história da psiquiatria como a do livro médico no Brasil.

Os critérios de identificação de obras raras e especiais definidos pela Biblioteca do IPUB poderão contribuir, a título de sugestão, para que outras bibliotecas congêneres possam vir a formar suas coleções de obras raras, garantindo assim a preservação desse patrimônio para futuras pesquisas.

Referências

AZEVEDO, F. C.; LOUREIRO, M. L. N. M. Afinal, os objetos falam? Reflexões sobre objetos, coleções e memória. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 20., 2019, Florianópolis. *Anais eletrônicos...* Florianópolis: ANCIB, 2019. Disponível em: <http://hdl.handle.net/20.500.11959/brapci/123799>. Acesso em: 14 maio 2022.

BRASIL. Decreto nº 8.834, de 11 de julho de 1911. Reorganiza a Assistência a Alienados. Disponível em: <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/1910-1919/decreto-8834-11-julho-1911-507693-publicacaooriginal-1-pe.html>. Acesso em: 22 out. 2016.

CAMPOS-MARÍN, R.; HUERTAS, R. Los lugares de la locura: reflexiones historiográficas en torno a los manicomios y su papel en la génesis y el desarrollo de la psiquiatría. *Arbor: ciencia, pensamiento y cultura*, v.184, n. 731, p. 471–80, 2008. Disponível em: <https://doi.org/10.3989/arbor.2008.i731.197>. Acesso em: 28 abr. 2023.

ENGEL, Magali Gouveia. *Os delírios da razão: médicos, loucos e hospícios*: Rio de Janeiro, 1830- 1930. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2001.

HALLEWELL, Laurence. *O livro no Brasil: sua história*. São Paulo: Edusp, 2005.

MATHIAS, Cátia. *O Pavilhão de Observação na psiquiatria do Distrito Federal: a gestão de Henrique Roxo (1921-1945)*. 2017. 205 f. Dissertação (Mestrado em História das Ciências e da Saúde) – Casa de Oswaldo Cruz, Fundação Oswaldo Cruz, Rio de Janeiro, 2017.

PERES, M. A. A. *et al.* O ensino da psiquiatria e o poder disciplinar da enfermagem religiosa: o Hospício de Pedro II no segundo reinado. *Texto & Contexto - Enfermagem*, v. 20, n. 4, p.700-708, 2011. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/tce/al/rzVvcPqPGqS5BBnfbVqWxfM/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 27 set. 2016.

PINEL, Philippe (1745-1826). *Nosographie philosophique ou la méthode de l'analyse appliquée à la médecine*. 5 ed. vercorr et augm. Paris: Chez J. Brosson, 1813. 3 v.

PINHEIRO, A. V. *A ordem dos livros na biblioteca: uma abordagem preliminar ao sistema de localização fixa*. Rio de Janeiro: Interciência; Niterói: Intertexto, 2007.

PINHEIRO, A. V. Livro raro: antecedentes, propósitos e definições. In: SILVA, H. C.; BARROS, M. H. T. C. (org.). *Ciência da Informação: múltiplos diálogos*. Marília: Oficina Universitária; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2009. p. 31-44. Acesso em: <https://doi.org/10.36311/2009.978-85-60810-16-1.p31-44>. Acesso em: 15 jan. 2024.

PINHEIRO, A. V. *et al.* O histórico da biblioteca como instrumento de gestão e salvaguarda das coleções de livros raros e especiais na biblioteca universitária brasileira. In: SEMINÁRIO NACIONAL DE BIBLIOTECAS UNIVERSITÁRIAS, 18., 2014, Belo Horizonte. *Anais eletrônicos...* Belo Horizonte: SNBU: UFMG, 2014. Disponível em: <https://www.bu.ufmg.br/snbu2014/wp-content/uploads/trabalhos/549-2341.pdf>. Acesso em: 8 mar. 2022.

RODRIGUES, M. C. Como definir e identificar obras raras? Critérios adotados pela Biblioteca Central da Universidade de Caxias do Sul. *Ciência da Informação*, Brasília, v. 35, n. 1, p. 115-121, 2006. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ci/a/kjVbynXtsnhVZCcgnVPB6xH/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 5 fev. 2021.

RODRIGUES, Theophilo, Affonso (18??-1908). Das allucinações. Tese de doutoramento (Medicina) – Cadeira de Clínica Psiquiátrica, Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1885.

SANT'ANA, R. B. Critérios para a definição de obras raras. *ETD – Educação Temática Digital*, v. 2, n. 3, p. 1-18, 8 jan. 2009. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/etd/article/view/577>. Acesso em: abr. 2022.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO. Sistema de Bibliotecas e Informação. *Política para gestão de acervos bibliográficos raros e especiais da Universidade Federal do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: UFRJ, 2021.

TEIXEIRA, Manoel Olavo Loureiro. *Deus e a ciência na terra do sol: o Hospício de Pedro II e a constituição da medicina mental no Brasil*. 1998. 264 f. Tese (Doutorado em Psiquiatria e Saúde Mental) – Instituto de Psiquiatria, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1998.

VILELA, K.G.F. *et al.* (org.). *Obras raras e valiosas: critérios adotados pela Biblioteca da Faculdade de Direito do Recife*. Recife: Ed. Universitária da UFPE, 2012. 90 p. Disponível em: <https://editora.ufpe.br/books/catalog/download/274/309/925?inline=1>. Acesso em: 19 ago. 2023.

WEISZ, George. The Emergence of Medical Specialization in the Nineteenth Century. *Bulletin of the History of Medicine*, v. 77, n. 3, p. 536-575, 2003.

WEISZ, George. From divisions of medicine to specialties. In: WEISZ, George. *Divide and conquer: a comparative history of medical specialization*. New York/Oxford: Oxford University Press, 2006. p. 191-230.

Carlos Drummond de Andrade
é raridade? Um estudo de caso
da Seção de Atendimento e
Curadoria de Obras Gerais da
Fundação Biblioteca Nacional

Daniele Cavaliere Brando

Arquivista e mestre em Ciência da Informação, Técnica em
Documentação da Fundação Biblioteca Nacional





Resumo

Trata-se de pesquisa sobre as fontes de informação resultantes da prática biblioteconômica de acervos raros, no contexto da organização da informação e, em particular, do critério de raridade dos livros e documentos de Carlos Drummond de Andrade. A ausência de um estudo fundamentado especificamente sobre a obra de Carlos Drummond de Andrade, no acervo de Obras Gerais da Fundação Biblioteca Nacional, levou à realização deste estudo. A análise foi realizada através da elaboração de pesquisa bibliográfica, documental e também de conversas com os funcionários antigos da casa para que se pudesse avaliar os critérios de raridade e a localização física das obras raras de Drummond no acervo, além de verificar se, efetivamente, há modificações que devam ou não ser feitas, levando-se em conta o planejamento dos serviços da seção de Obras Gerais. Por fim, sugere-se realizar estudos que abarquem a documentação e o acervo de Drummond de forma integral na Fundação Biblioteca Nacional, como prioridade para o estabelecimento de serviços mais dinâmicos, visando ao atendimento das expectativas e necessidades dos leitores e pesquisadores.

Palavras-chave: Carlos Drummond de Andrade. Acervo raro. Fundação Biblioteca Nacional. Recuperação da informação em arquivos.

Abstract

This is a research on the sources of information resulting from the Rare Collections Library practice, in the context of information organization and, in particular, the rarity criterion of Carlos Drummond de Andrade's books and documents. The absence of a well-founded study on the work of Carlos Drummond de Andrade, specifically in the General Works collection of the National Library Foundation led to this study. The study was carried out through the elaboration of bibliographical and documentary research and conversations with former employees of the Fundação Biblioteca Nacional, so that it was possible to evaluate the rarity criteria and the physical location of Carlos Drummond de Andrade's rare works in the collection and verify whether, in fact, there are modifications that should or should not be made, taking into account the planning of services in the General Works section. Finally, it is suggested to carry out studies that cover Drummond's documentation and collection in full, at the National Library Foundation, as a priority for the establishment of more dynamic services, aiming to meet the expectations and needs of readers and researchers.

Keywords: Carlos Drummond de Andrade. Rare Collection. Fundação Biblioteca Nacional. Information retrieval in archives.



Introdução

As fontes de informação de natureza histórica têm sido estudadas pela biblioteconomia de acervos raros em suas diversas especialidades. Consultando o Regimento Interno da Fundação Biblioteca Nacional, publicado em 2022, verificamos que o Plano Nacional de Recuperação de Obras Raras - Planor tem como competência:

- I - identificar, coletar, reunir e disseminar informações sobre acervos dos séculos XV a XVIII, impressos no exterior, e a partir do século XIX, impressos no Brasil, sob a guarda de outras instituições, que não a Fundação Biblioteca Nacional;
- II - difundir a existência e a potencialidade de uso desses acervos através de catálogos impressos e eletrônicos;
- III - propor o desenvolvimento de ações de processamento bibliográfico, mediante a aferição do estado da arte de acervos preciosos sob a guarda de instituições cooperantes;
- IV - difundir e promover, junto às instituições de guarda de acervos, ações de normalização bibliográfica, de acordo com normas e padrões nacionais e internacionais, no âmbito da Biblioteconomia de Acervos Raros implementadas pela FBN; e
- V - prestar assessoria técnica e emitir pareceres em sua área de competência.

Nesse trabalho pesquisaremos as fontes de informação resultantes da prática biblioteconômica de acervos raros no contexto da organização da informação e, em particular, do critério de raridade dos livros de Carlos Drummond de Andrade que estão em sua maioria na Seção de Obras Gerais, e mais alguns livros e documentos que estão na Fundação Biblioteca Nacional.

A ausência de um estudo fundamentado especificamente sobre as obras raras de Carlos Drummond de Andrade, no acervo de Obras Gerais da Fundação Biblioteca Nacional, levou à realização deste estudo.

Drummond

Carlos Drummond de Andrade, mineiro de Itabira, nasceu em 1902 e era o nono filho do fazendeiro Carlos de Paula Andrade e de d. Julieta Augusta Drummond de Andrade. Ele estudou em Belo Horizonte e também em Nova Friburgo, graduou-se em farmácia em Ouro Preto e, mais tarde, mudou-se para o Rio de Janeiro para trabalhar como chefe de gabinete no Ministério da Educação e, em seguida, no Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. Paralelamente, foi cronista em jornais importantes da época, como a Tribuna Popular, e notável poeta, tendo publicado seus primeiros poemas em 1930.

Completo 80 anos em 1982, quando foram realizadas exposições comemorativas na Biblioteca Nacional e na Casa de Rui Barbosa. Recebeu o título de doutor honoris causa pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Em 31 de outubro de 1982 a cidade do Rio de Janeiro amanheceu com grandes *outdoors* saudando o poeta. Em 1984, assinou contrato com a editora Record após 41 anos na José Olympio. Encerrou sua carreira de cronista regular após 64 anos dedicados ao jornalismo.

O prefeito do Rio de Janeiro, Marcelo Alencar, informou-o de que ia homenageá-lo, dando o seu nome à pracinha formada pelo cruzamento da avenida Rainha Elizabeth (hoje da Bélgica) com a rua Conselheiro Lafayette, onde vivia o poeta. Drummond protestou, numa carta que hoje se encontra ali gravada, à esquerda da estátua do rei Alberto, na qual dizia: “A lei proíbe homenagem a pessoas vivas para identificação de logradouros públicos. Entendo que precisa ser respeitada. Além do mais o lugar pertence de justiça ao rei Alberto, muito mais herói do que este velho escriba...”.

Em 1986, sofrendo de insuficiência cardíaca, passou catorze dias hospitalizado.

Em 1987, foi homenageado com o samba-enredo “O reino das palavras”, pela Estação Primeira de Mangueira, que se sagrou campeã do Carnaval. No dia 5 de agosto do mesmo ano morreu sua filha, Maria Julieta, vítima de câncer. Muito abalado, faleceu em 17 de agosto.

Drummond nos espaços do Rio, a Estátua

Quem passar pelo calçadão da praia de Copacabana, nas imediações do Posto 6, no Rio de Janeiro, verá a silhueta de um velhinho que, desde que ali chegou em 30 de outubro de 2002, nunca mais abandonou a postura circunspecta e contemplativa. Carlos Drummond de Andrade, ali esculpido e imortalizado pelas mãos do mineiro Leo Santana, foi lavrado em bronze com tamanho primor que hoje é um grande destaque para os turistas e para os curiosos. É comum ver filas de pessoas que se sentam ao lado da estátua para tirar fotos, conversar, ou simplesmente olhar a paisagem fazendo companhia ao ilustre poeta. A estátua pesa cerca de 150 quilos, e foi feita para retratar um momento rotineiro da vida de Drummond, a partir de registro fotográfico feito por Rogério Reis. Sua inauguração se deu em meio às homenagens ao poeta que, embora mineiro, passou parte significativa de sua vida no Rio de Janeiro. Segundo Ziraldo, Drummond tinha muito medo de ser esquecido. Hoje, no banco em que assenta a estátua, o mesmo em que o poeta costumava ficar nos finais de tarde, lê-se o verso: “No mar estava escrita uma cidade”. Drummond escreveu a história de sua vida nesta cidade, e nela será sempre lembrado.

Drummond e sua representação documentária na Biblioteca Nacional

A representação documentária da obra de Carlos Drummond de Andrade está disponível através de material bibliográfico e de documentos arquivísticos. O estudo foi realizado através da elaboração de pesquisa bibliográfica, documental e de conversas com os servidores antigos da Fundação Biblioteca Nacional, para que se pudesse avaliar os critérios de raridade e a localização física das obras raras de Carlos Drummond de Andrade no acervo; e também verificar se, efetivamente, há modificações que devam ou não ser feitas, levando-se em conta o planejamento dos serviços do Setor de Obras Gerais.

A valorização da representação de Drummond no imaginário social, e de seu entendimento como mineiro, leitor, funcionário público, escritor e pessoa que ocupa os espaços no Rio de Janeiro, em especial, os espaços da Biblioteca Nacional, traz questionamentos dos usos desse lugar de memória, das vivências desse leitor/autor ilustre na Biblioteca Nacional, e de como as respostas a esses questionamentos podem promover uma reavaliação dos usos das práticas biblioteconômicas de acervos raros do passado pelos profissionais da informação do presente, permitindo aos profissionais da informação da atualidade repensar as práticas e aprimorá-las para o futuro.

O objetivo de nossa investigação é identificar as obras raras de Carlos Drummond de Andrade no acervo de Obras Gerais. A pesquisa foi realizada através da busca no catálogo geral da base de dados Sophia da Fundação Biblioteca Nacional, nos catálogos físicos no Salão de Leitura de Obras Gerais e em alguns documentos e livros das seções de Obras Raras, de Iconografia e de Manuscritos.

Drummond, o leitor

Nossa BN

Ama-se um país, uma cidade, uma rua, uma casa. Como se ama um ser humano? É diferente, mas com amor indiscutível. A advertência de que a Biblioteca Nacional pode virar cinza de uma hora para a outra, sem escapar um só de seus 2 milhões de livros, desperta em mim e em outras pessoas a consciência deste sentimento: nós amamos a Biblioteca Nacional. É um amor que envolve suas enormes coleções bibliográficas, seus manuscritos e estampas, suas salas e corredores de sombra, seu pesado arcabouço de fortaleza literária, sua bela escadaria central, sua rampa de acesso... Tudo. Ama-se tudo no objeto amado, inclusive os seus defeitos, e a Biblioteca Nacional os tem muitos, como negá-lo? Defeitos que não resultam desta ou daquela causa particular, mas da inevitável desatualização de sua estrutura física, mais de meio século depois de ser concebida. (...). Corramos a proteger a nossa

amada! Fazemos plantão, noite afora, e ao primeiro sinal de uma fumacinha sejamos os primeiros entre os bombeiros que acudirão o local! (...) Já percebeu leitor, e se não percebeu não adianta esclarecer-lhe, que não sou corretor de companhia de seguros nem estou a soldo de empresa de instalações elétricas, de olho no bom negócio de reequipar a BN contra o risco de fogueira. Declaro-me apenas amante devedor da casa, pelo muito que ali recebi em serviços e favores, na Sala de Periódicos, onde cada cabeça curvada sobre os jornais velhos é uma cabeça conhecida das outras e todas se sentem protegidas e libertas do caos urbano, em plena ilha de sossego cercado de barulho, fumaça e palavrão por todos os lados.

Há entre os frequentadores de biblioteca uma estima tácita, espécie de maçonaria que não exprime por gestos simbólicos, ao mesmo tempo que um ciúme sigiloso: Que está pesquisando aquele cara da mesa junto à coluna: será matéria da nossa especialidade, irá passar a nossa frente depois de gastarmos tanto tempo em pesquisas inglórias no velho Correio Mercantil? Que tinha ele que atravessar o nosso caminho? Por outro lado, manda a justiça reconhecer que o cara é simpático. Todos somos simpáticos se passamos horas e horas numa biblioteca; para nós não existe a pressa da vida nem o negócio imobiliário nem a paixão política. Somos mineradores do ouro sem valor bolsátil, arqueólogos do nada, malucos inofensivos. E formamos confraria de silêncio. Se um de nós arrisca uma palavra em voz alta, é severamente punido pelo olhar dos companheiros. Pode-se murmurar, trocar poucas e surdas palavras, mas nem há necessidade: a gente se entende com os funcionários por meio de sinais codificados. Aprendemos com o papel impresso, que diz tanta coisa, a dizê-las sem recorrer ao som, que hoje em dia é signo alarmante de poluição. Enfim, a Biblioteca Nacional é amor (...)"

Fonte: ANDRADE, Carlos Drummond de. Nossa BN. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 10 nov. 1973. Segundo Caderno, p. 5. Disponível em: https://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=030015_09&pasta=ano%20197&pesq=&pagfis=22176. Acesso em: 8 mar. 2024.

bado, 10 de novembro de 1973 □ PAGINA 5

Carlos Drummond de Andrade

Nossa BN

Ama-se um país, uma cidade, uma rua, uma casa. Como se ama um ser humano? É diferente, mas com amor indiscutível. A advertência de que a Biblioteca Nacional pode virar cinza de uma hora para outra, sem escapar um só de seus 2 milhões de livros, desperta em mim e em outras pessoas a consciência deste sentimento: nós amamos a Biblioteca Nacional. É um amor que envolve suas enormes coleções bibliográficas, seus manuscritos e estampas, suas salas e corredores de sombra, seu pseudo arcabouço de fortaleza literária, sua bela escadaria central, sua rampa de acesso... Tudo. Ama-se tudo no objeto amado, inclusive os seus defeitos, e a Biblioteca Nacional os tem muitos, como negá-lo? Defeitos que não resultam desta ou daquela coisa em particular, mas da inevitável desatualização de sua estrutura física, mais de meio século depois de ser concebida.

Penso no Jota Elege, no Almaraz, em Simões dos Reis e na Magalhães Junior, em algumas dezenas de frequentadores teimosos da Biblioteca, e sinto o impulso de convocá-los pelo telefone, com voz afilada: Corramos a proteger a nossa amada! Fazemos plantão, noite afora, e ao primeiro sinal de uma fumacinha sejamos os primeiros entre os bombeiros que acudirão ao local! E se não restar da fogueira nem a Bíblia, de Magalhães, nem As Noltas da Virgem, de Victoriano Palhares, se nada mais restar do que foi este amor de nossas vidas, deixemo-nos inofensivos entre as chamas, como suprema oferenda amantística a excelente casa que nos deu tantas horas de voluptuosidade do espírito!

Sofrito o impulso, pois afinal lá está Dona Jantoe Montemor, diretora da casa, que sabe das coisas, como primeira bibliotecária chamada a selar pela maior biblioteca brasileira. O Conselho Federal de Cultura, o Departamento de Assuntos Culturais do MEC, o Ministro da pasta e o Presidente da República estão informados de que a Biblioteca Nacional corre perigo, em face de suas precárias instalações preventivas de incêndio. É preciso que eu e o Simões, por exemplo, em vez de ajudar, atrapalhemos, numas posições de sinistra emergência, de que a sorte preserve a amada nossa. Mas, em pensamento, vigilamos. E tensos, angustiados.

Já percebeu o leitor, e se não percebeu não adianta esclarecer-lhe, que não sou corretor de companhia de seguros nem estou a soldo da empresa de instalações elétricas, de olho no bom negócio de reequipar a BN contra o risco de fogueira. Declaro-me apenas amante devedor da casa, pelo muito que ali recebi em serviços e favores, na Sala de Periódicos, onde cada cabeça curvada sobre jornais velhos é uma cabeça conhecida das outras, e todas se sentem protegidas e libertas do caos urbano, em plena ilha de sossego cercada de barulho, fumaça e palavrão por todos os lados.

Há entre os frequentadores de biblioteca uma estima tácita, espécie de maçonaria que não se exprime por gestos simbólicos, ao mesmo tempo que um ciúme sigiloso: Que está pesquisando aquele cara da mesa junto à coluna: será matéria da nossa especialidade, irá passar à nossa frente depois de gastarmos tanto tempo em pesquisas inglórias no velho Correio Mercantil? Que tinha ele de se atravessar em nosso caminho? Por outro lado, manda a justiça reconhecer que o cara é simpático. Todos somos simpáticos, se passamos horas e horas numa biblioteca; para nós não existe a pressa da vida nem o negócio imobiliário nem a paixão política. Somos mineradores de ouro sem valor bolsátil, arqueólogos do nada, malucos inofensivos. E formamos confraria de silêncio. Se um de nós arrisca uma palavra em voz alta, é severamente punido pelo olhar dos companheiros. Pode-se murmurar, trocar poucas e surdas palavras, mas nem há necessidade: a gente se entende com os funcionários por meio de sinais codificados. Aprendemos com o papel impresso, que diz tanta coisa, a dizê-las sem recorrer ao som, que hoje em dia é signo alarmante de poluição.

Enfim, a Biblioteca Nacional é amor, não direi de muita gente, mas de alguma, que se atrepeia com as possibilidades terríveis, mais uma vez trazidas a público. Não podemos conceber que este amor acabe num montão de fibras torcidas. Amor é fogo que arde sem se ver; lá dista o Outro. E arde-nos com medo daquele outro fogo que se vê, e que se deseja evitar na amada BN.

A mesa 4 do salão de leitura de Obras Gerais

Segundo relatos de servidores antigos da Fundação Biblioteca Nacional, Drummond era leitor assíduo e sempre escolhia mesa 4 do salão de leitura de Obras Gerais.

Foto da mesa 4 no Salão de Obras Gerais



Foto de: Daniele Cavaliere Brando

Experiências com leitores

Um professor de literatura portuguesa frequenta assiduamente o salão de Obras Gerais desde sua aposentadoria. Ele faz questão de se sentar à “mesa 4” porque se sente bem e revigorado. Relata inspiração e renovo, a cada manhã, em que passa uma média de duas horas lendo poemas, ficção e obras clássicas na biblioteca.

Dois pesquisadores baianos, professores universitários, vieram assistir a um Congresso de Literatura na Universidade Fluminense, em Niterói. Um deles me

abordou na saída das Barcas na Estação Praça XV, no Rio de Janeiro. Perguntou se eu poderia informá-los como chegar até a Biblioteca Nacional, porque eram admiradores de Carlos Drummond de Andrade e tinham o sonho de ver a “mesa 4” e de ir até a estátua em homenagem a ele em Copacabana. Eu, então, disse que trabalhava no salão de Obras Gerais da Biblioteca Nacional e poderia conduzi-los até lá. No caminho contaram que tinham apenas um dia para passear no Rio de Janeiro e escolheram ir a esses dois lugares que representavam Drummond.

Um leitor e escritor pediu permissão para entrar no salão de leitura com um contrato impresso entre ele e uma grande editora. Após a autorização, se dirigiu até o balcão de atendimento e pediu a placa da “mesa 4”. Sentou-se à mesa, pousou as mãos sobre o documento jurídico de olhos fechados, esboçou um sorriso e disse:

- Obrigado Drummond! Eu tinha que vir até aqui para te agradecer.

O acervo de Obras Gerais

Ocupa aproximadamente 18 quilômetros lineares de prateleiras e suas obras estão armazenadas em seis andares de armazéns no prédio sede e no prédio anexo. Concentra a maior quantidade de pesquisadores da BN e atendeu 2.740 no ano de 2023.

As obras no acervo estão à disposição para consulta imediata pelos pesquisadores, mas não podem ser emprestadas em nenhuma hipótese. A reprodução está condicionada à observância da Lei de Direitos Autorais (Lei nº 9.610, de 19 de fevereiro de 1998) e ao estado de conservação de cada obra.

O crescimento do acervo é fruto da Lei do Depósito Legal, que tem como objetivo assegurar o registro e a guarda da produção intelectual nacional, através da entrega à Biblioteca Nacional de um exemplar de toda obra editada no país. Nele estão inclusas obras de natureza bibliográfica e musical.

A equipe de Obras Gerais é coordenada por uma bibliotecária e é composta por profissionais das áreas de Arquivologia, Biblioteconomia, História, Comunicação Social, Odontologia, estagiários e terceirizados.

Drummond, o autor

Com o intuito de localizar as obras raras de Drummond no universo das Obras Gerais da Biblioteca Nacional traçamos um percurso.

A Biblioteca Nacional tem um sistema informatizado através da base de dados Sophia no endereço web: acervo.bn.gov.br/sophia_web. Os dados podem ser recuperados em catálogo eletrônico e acessados via internet, de modo que os usuários possam acessar o conteúdo do acervo. Os campos de busca da base

de dados são: Título, Autoria, Assunto, Série, Editora, ISBN/ISNN, Coleção, Material, Idioma, Ano, Edição, Últimas Aquisições.

O ponto de acesso escolhido para a busca das obras/documentos da amostra foi acionado por meio da inserção de “Andrade, Carlos Drummond de” no campo “Autoria” da base de dados Sophia Web. Como resultado, foram encontrados 1.059 registros no acervo da Biblioteca Nacional.

Selecionamos 26 obras de crônica e poesia, 9 obras de antologia poética, 3 obras infantis e 15 obras de prosa. Após essa seleção buscamos no catálogo Sophia Web pelo autor e pelo título.

As poesias e crônicas são: *Alguma poesia* (1930), *Brejo das almas* (1934), *Sentimento do mundo* (1940), *José* (1942), *A rosa do povo* (1945), *Novos poemas* (1948), *Claro enigma* (1951), *Fazendeiro do ar* (1954), *Viola de bolso* (1955), *A vida passada a limpo* (1959), *Lição de coisas* (1962), *Versiprosa* (1967), *Boitempo* (1968), *A falta que ama* (1968), *As impurezas do branco* (1973), *Menino antigo* (Boitempo II) (1973), *A visita* (1977), *Discurso de primavera e algumas sombras* (1977), *O marginal Clorindo Gato* (1978), *Esquecer para lembrar* (Boitempo III) (1979), *A paixão medida* (1980), *Corpo* (1984), *Amar se aprende amando* (1985), *Poesia errante* (1988), *O amor natural* (1992) e *Farewell* (1996).

As obras de antologia poética são: *Poesia até agora* (1948), *A última pedra no meu caminho* (1950), *50 poemas escolhidos pelo autor* (1956), *Antologia poética* (1962), *Uma pedra no meio do caminho: biografia de um poema* (1967), *Seleção em prosa e verso* (1971), *Amor, amores* (1975), *Carmina Drummondiana* (1982), *Boitempo I e Boitempo II* (1987).

As obras infantis são: *O elefante* (1983), *História de dois amores* (1985), *Rick e a girafa*.

As prosas são: *Confissões de Minas* (1944), *Contos de aprendiz* (1951), *Passeios na ilha* (1952), *Fala, amendoeira* (1957), *A bolsa & a vida* (1962), *A minha vida* (1964), *Cadeira de balanço* (1966), *Caminhos de João Brandão* (1970), *O poder ultrajovem e mais 79 textos em prosa e verso* (1972), *De notícias & não-notícias faz-se a crônica* (1974), *Os dias lindos* (1977), *70 historinhas* (1978), *Contos plausíveis* (1981), *Boca de luar* (1984), *O observador no escritório* (1985), *Tempo Vida Poesia* (1986), *Moça deitada na grama* (1987), *O avesso das coisas* (1988), *Autorretrato e outras crônicas* (1989), *As histórias das muralhas* (1989).

Os critérios de raridade escolhidos foram as publicações de primeira edição, segunda edição e/ou que possuíssem dedicatória ou assinatura do autor.

Identificamos que a primeira obra publicada por Drummond, o livro *Alguma poesia* (1930), se encontra no setor de Obras Raras.

As poesias e crônicas selecionadas e suas respectivas obras raras localizadas no acervo de Obras Gerais são:

Alguma poesia (1930), 1ª edição, dois exemplares foram transferidos para o setor de Obras Raras;

Brejo das almas (1934), 1ª edição, *Sentimento do mundo* (1940), 1ª edição, dois exemplares (com dedicatória manuscrita a Beatrix Reynal¹), e 2ª edição, um exemplar publicado em 2002; *Sentimento do mundo* 2ª edição, um exemplar publicado em 2002.

José (1942), 1ª edição, *José & outros: poesia*² (assinado pelo autor); *A rosa do povo* (1945), 1ª edição, três exemplares, exemplar 2 (com dedicatória manuscrita a Beatrix Reynal), exemplar 3 (assinado pelo autor), proveniente da Coleção José Olympio; *Novos poemas* (1948), 2ª edição, um exemplar.

Claro enigma (1951), 1ª edição, dois exemplares, o exemplar 2 (assinado pelo autor), proveniente da Coleção José Olympio, 2ª edição, um exemplar publicado em 1991.

Fazendeiro do ar (1954), 1ª edição, dois exemplares, o exemplar 2 (assinado pelo autor), proveniente da Coleção José Olympio, 2ª edição, um exemplar publicado em 1955.

Viola de bolso (1955), 1ª edição, dois exemplares; *Viola de bolso: novamente encordoadas* (1955), 1ª edição, três exemplares, exemplar 2 (com dedicatória manuscrita a Beatrix Reynal), exemplar 3 (assinado pelo autor), proveniente da Coleção José Olympio.

A vida passada a limpo (1959), 2ª edição, um exemplar publicado em 1998.

Lição de coisas (1962), 1ª edição, dois exemplares, exemplar 2 (assinado pelo autor), proveniente da Coleção José Olympio, 2ª edição, um exemplar publicado em 1965.

Versiprosa (1967), 1ª edição, dois exemplares, exemplar 2 (com dedicatória manuscrita a Beatrix Reynal e Reis Junior).

Boitempo & A Falta que Ama (1968), 1ª edição, um exemplar (com dedicatória manuscrita de Carlos Drummond de Andrade para a Biblioteca Nacional).

As impurezas do branco (1973), 1ª edição, dois exemplares, exemplar 2 (assinado pelo autor), proveniente da Coleção José Olympio, 2ª edição, um exemplar publicado em 1974.

Menino antigo: (Boitempo II) (1973), 1ª edição, dois exemplares, exemplar 1 (assinado pelo autor), 2ª edição, um exemplar publicado em 1974.

A visita (1977) encontra-se em Obras Raras – código de localização 082,005,004. Cadernos sem costura. Planejamento editorial e gráfico de José E. Mindlin e Antonio Marcos da Silva, com a colaboração de Diana Mindlin.

1. A Coleção Beatrix Reynal contém correspondência com personalidades brasileiras e estrangeiras, documentos pessoais, trabalhos literários, artigos de periódicos, fotografias, partituras, material sobre campanhas políticas e beneficentes e sobre a Resistência Francesa, diplomas e condecorações. Cada registro é composto de diversos documentos, principalmente as correspondências, elevando a coleção para mais de 3 mil peças. Livros e documentos iconográficos (matrizes e desenhos) estão sob a guarda do Setor de Obras Gerais e da Divisão de Iconografia.

2. São cinco livros de poemas que nunca apareceram em volumes autônomos. Só foram publicados nas edições de suas poesias completas ou em antologias.

Tiragem de 125 exemplares assinados pelo poeta. O exemplar da BN está sem numeração. Publicação: São Paulo: Digital Gráf. Ltda., 1977.

Discurso de primavera e algumas sombras (1977), 2ª edição, um exemplar publicado em 1978.

O marginal Clorindo Gato (1978), 1ª edição, um exemplar publicado em 1978.

Esquecer para lembrar (Boitempo III) (1979), 1ª edição, dois exemplares, 2ª edição, um exemplar publicado em 1980.

A paixão medida (1980), 1ª edição, dois exemplares, 2ª edição, um exemplar publicado em 1980;

Corpo (1984), 2ª edição, um exemplar publicado em 1984.

Documentos no acervo de Manuscritos sobre o livro *Corpo*: capa da obra *Corpo*, de autoria do escritor, trazendo dedicatória para Ester Kosovski. Documento textual. Consta assinatura do autor. Publicação: Rio de Janeiro: [s.n.], 30/9/1984. Localização: Manuscritos -I-07,35,005. Dedicatória a Marco Lucchesi na página de rosto de seu livro *Corpo*. Documento textual. Localização: Manuscritos - 36,03,009 nº001. Assunto: Andrade, Carlos Drummond de, 1902-1987 – Correspondência. Número de chamada: Marco Lucchesi. Publicação: Rio de Janeiro: [s.n.], 4/10/1986.

Amar se aprende amando (1985), 2ª edição, um exemplar.

Documentos no acervo de Manuscritos sobre o livro *Amar se aprende amando*: Folha de rosto do livro *Amar se aprende amando*, de Carlos Drummond de Andrade. Documento textual. Localização: Manuscritos - 79,01,05 nº 041. Publicação: [S.l.: s.n.], [19--]. Descrição física: dois docs. (2 p.). Impresso (fotocópia). Folha de rosto com dedicatória de Carlos Drummond de Andrade a José Olympio (maio de 1985). Anexo: Excerto de livro com opiniões sobre a poesia de Carlos Drummond de Andrade. Folha de rosto. Prova Tipográfica. Autoria: Andrade, Carlos Drummond de, 1902-1987 Olympio, José, 1902-1990. Projetos Gráficos.

Poesia errante (1988), 1ª edição, um exemplar, 2ª edição, um exemplar publicado em 1989.

O amor natural (1992), 1ª edição, um exemplar, 2ª edição, um exemplar publicado em 1993.

Farewell (1996), 1ª edição, um exemplar, 2ª edição, um exemplar publicado em 1996.

Antologia poética

As obras de antologia poética selecionadas e suas respectivas obras raras localizadas no acervo de Obras Gerais são:

Poesia até agora (1948), 1ª edição, dois exemplares, exemplar 1 (assinado pelo autor).

A última pedra no meu caminho (1950), não há exemplar na Biblioteca Nacional.

50 poemas escolhidos pelo autor (1956), 1ª edição, um exemplar.

Antologia poética (1962), 1ª edição, um exemplar.

Uma pedra no meio do caminho: biografia de um poema (1967), 1ª edição, um exemplar (com dedicatória manuscrita a Beatrix Reynal).

Seleção em prosa e verso (1971), 1ª edição, um exemplar, 2ª edição, um exemplar publicado em 1973.

Amor, amores (1975), 1ª edição, um exemplar (edição limitada de 423 exemplares. A Biblioteca Nacional possui o nº 395 assinado pelo autor e ilustrador) no setor de Iconografia.

Carmina Drummondiana (1982), 1ª edição, um exemplar.

Boitempo I e Boitempo II (1987), 1ª edição, um exemplar, 2ª edição, um exemplar publicado em 1989.

Infantis

As obras infantis selecionadas e suas respectivas obras raras localizadas no acervo de Obras Gerais são:

O elefante (1983), 1ª edição, um exemplar publicado em (1984?).

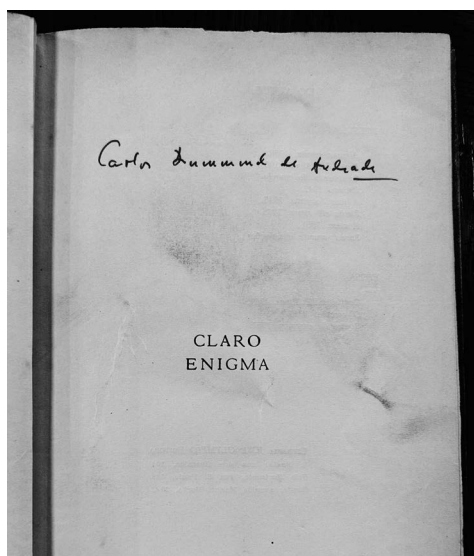
História de dois amores (1985), 2ª edição, um exemplar publicado em (1987).

Rick e a girafa: antologia, 1ª edição, 1ª impressão em 2001.

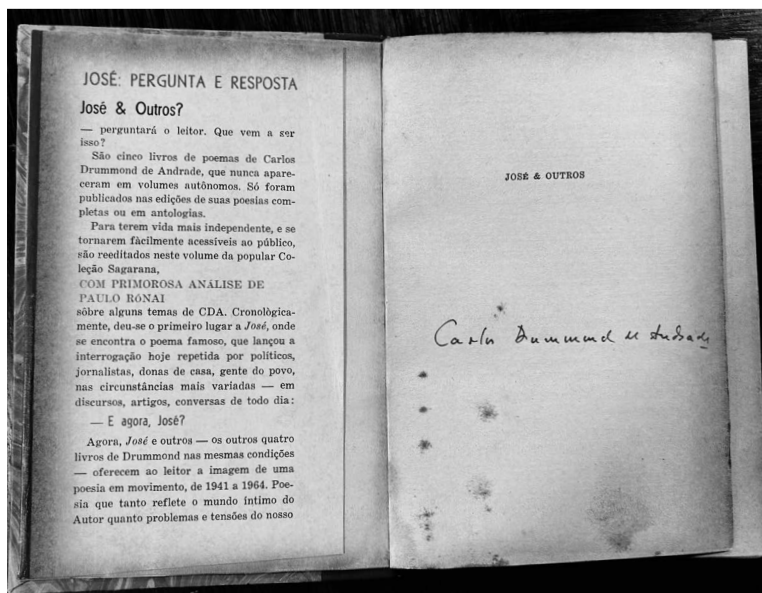
Drummond, o escritor

Claro Enigma: poesia (1951). 1ª edição. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1951.

Localização: Obras Gerais - VI-248,4,9 (exemplar 2: Coleção J. Olympio, assinado pelo autor).



Localização: Obras Gerais - V-312,2,32 (exemplar 1 assinado)



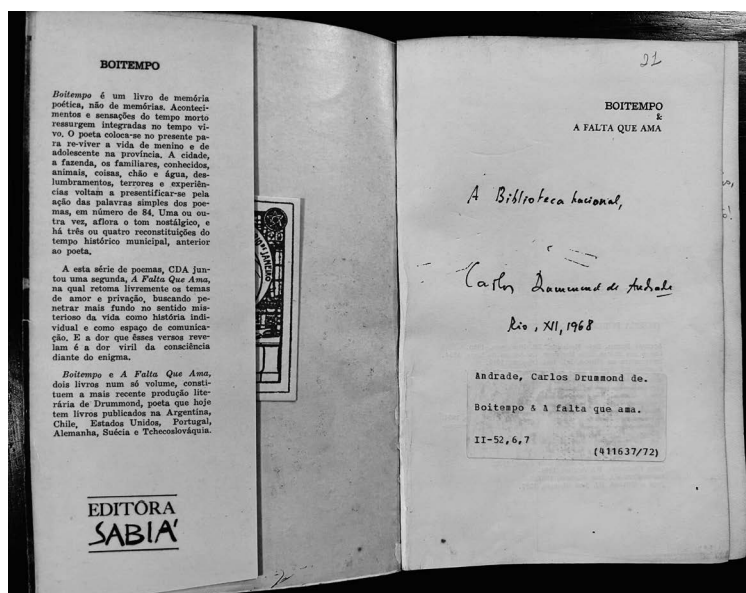
Fonte: José & Outros: poesia (1967). 1ª edição. Publicação: Rio de Janeiro : J. Olympio, 1967.

São cinco livros de poemas que nunca apareceram em volumes autônomos. Só foram publicados nas edições de suas poesias completas ou em antologias.

Boitempo (1968)

Publicação: Rio de Janeiro: Sabiá, 1968. Localização: Obras Gerais - II-52,6,7

Dedicatória manuscrita do autor para a Biblioteca Nacional.



Levantamento de obras raras de Carlos Drummond de Andrade no acervo da Fundação Biblioteca Nacional										
Título		Ano	Critério de raridade			Localização				Observações
			1ª ed. ▼	2ª ed. ▼	Dedicatôri a/assinatu ra do au t	Obras Gerais ▼	Obras Raras ▼	Manuscritos ▼	Iconografia ▼	
POESIA/CRÔNICA										
1	1	"Alguma Poesia"	1930	x				073,003,036		
2	1	"Alguma Poesia"	1930	x				073,003,037		
3	1	"Alguma Poesia"	2001		x					
4	2	"Brejo das Almas"	1934	x				VI-248,1,19		
5	3	"Sentimento do Mundo"	1940	x				VI-248,2,21		
6	1	"Sentimento do Mundo"	1940	x		x		B-3,46		
7	1	"Sentimento do Mundo"	2002		x			VI-41,7,46		Dedicatória do autor à Beatriz
8	4	"José & Outros: poesia"	1967	x		x		V-312,2,32		
9	5	"A Rosa do Povo"	1945	x		x		VI-248,2,22		Coleção José Olympio
10	1	"A Rosa do Povo"	1945	x		x		A-3,60		Dedicatória do autor à Beatriz
11	1	"A Rosa do Povo"	1945	x				Anexo II-873,5,06		
12	6	"Corpo: novos poemas"	1984		x			VI-296,2,47		
13	7	"Claro Enigma: poesia"	1951	x		x		VI-248,4,9		Coleção José Olympio
14	1	"Claro Enigma: poesia"	1991					IV-278,6,36		
15	8	"Fazendeiro do Ar & Poesia até agora"	1955	x		x		II-340,7,20		Coleção José Olympio
16	1	"Fazendeiro do Ar & Poesia até agora"	1955	x				Anexo II-839,5,25		
17	9	"Fazendeiro do Ar & Poesia até agora"	1955		x			II-418,4,24		Coleção José Olympio
18	9	"Viola de Bolso"	1952	x				VI-248,1,13		
19	1	"Viola de Bolso"	1952	x				I-346,3,26,n.4		
20	10	"Viola de Bolso: novamente"	1955	x		x		II-328,4,7		Coleção José Olympio
21	1	"Viola de Bolso: novamente"	1955	x				A-4,11		Dedicatória do autor à Beatriz
22	1	"Viola de Bolso: novamente"	1955	x				Anexo II-867,4,19		
23	11	"A Vida Passada a Limpo: a falta que	1994	x				VI-36,2,47		
24	12	"Lição de Coisas: poesia"	1962	x				II-133,3,26,n.2		
25	1	"Lição de Coisas: poesia"	1962	x		x		I-98,6,24		Coleção José Olympio
26	1	"Lição de Coisas: poesia"	1965		x			V-306,1,28		
27	13	"Versiprosa: crônica da vida cotidiana e de algumas miragens"	1967	x		x		V-291,4,18		Dedicatória do autor à Beatriz Reynal e Reis Junior
28	1	"Versiprosa: crônica da vida cotidiana e de algumas miragens"	1967	x				ANEXO II-839,1,13		Coleção José Olympio
29	14	"Boitempo & A falta que ama"	1968	x		x		II-52,6,7		Dedicatória do autor à BN
30	15	"As Impurezas do Branco"	1973	x		x		VI-406,5,9		Coleção José Olympio
31	1	"As Impurezas do Branco"	1973	x				Anexo II-859,2,39		
32	1	"As Impurezas do Branco"	1974			x		Anexo II-829,2,26		
33	16	"Menino Antigo: (Boitempo II)"	1973	x		x		II-194,3,18		
34	1	"Menino Antigo: (Boitempo II)"	1973	x				Anexo II-838,5,34		
35	1	"Menino Antigo: (Boitempo II)"	1974		x			V-292,4,40		
36	17	"A Visita"	1977	x		x		082,005,004		Tiragem de 125 exemplares
37	18	"Poesias"	1942	x		x		II-6,3,15		Coleção José Olympio
38	19	"Discursos de Primavera e Algumas	1978		x			III-418,6,46		

Levantamento de obras raras de Carlos Drummond de Andrade no acervo da Fundação Biblioteca Nacional									
Título	Ano	Critério de raridade			Localização				Observações
		1ª ed.	2ª ed.	Dedicatória/assinatura do autor	Obras Gerais	Obras Raras	Manuscritos	Iconografia	
39 20 "O marginal Clarindo Gato"	1978	x			III-390,6,20				
40 21 "Esquecer para Lembrar: (Boitempo III)"	1979	x			VI-349,1,35				
41 1 "Esquecer para Lembrar: (Boitempo III)"	1979		x		Anexo II-836,3,39				Coleção José Olympio
42 1 "Esquecer para Lembrar: (Boitempo III)"	1980		x		VI-349,1,40				
43 22 "A Paixão Medida"	1980	x		x				Arm.20.7.6	Tiragem de 643 exemplares assinados (BN nº 385)
44 1 "A Paixão Medida"	1980		x		VI-348,6,40				Nova edição aumentada
45 1 "A Paixão Medida"	1980		x		Anexo II-830,1,10				Coleção José Olympio
46 1 "A Paixão Medida"	1980		x		VI-386,1,4				Coleção José Olympio
47 23 "Amar se Aprende Amando: poesia de convívio e de humor"	1985		x		VI-393,1,66				
48 24 "Poesia Errante: derrames líricos, e outros nem tanto, ou nada"	1988	x			IV-200,6,48				
49 1 "Poesia Errante: derrames líricos, e outros nem tanto, ou nada"	1989		x		IV-253,2,62				
50 25 "O Amor Natural"	1992	x			VI-434,4,18				
51 1 "O Amor Natural"	1993		x		Anexo II-932,4,06,n.20				
52 26 "Farewell"	1996	x			VI-38,1,75				
53 1 "Farewell"	1996		x		VI-250,5,66				
TOTAL		36	17	16					

ANTOLOGIA POÉTICA									
1 1 "Poesia até Agora"	1948	x		x	VI-248,3,4				
2 1 "Poesia até Agora"	1948	x			Anexo II-838,4,03				
3 2 "50 poemas escolhidos pelo autor"	1956	x			II-315,4,7				
4 3 "Antologia poética"	1962	x		x	II-119,3,23				Coleção Beatriz Reynal; Dedicatória do autor à Beatriz
5 4 "Uma pedra no meio do caminho"	1967	x		x	B-3,05				Coleção Beatriz Reynal; Dedicatória do autor à Beatriz
6 5 "Seleta em prosa e verso"	1971	x			II-28,2,48				
7 1 "Seleta em prosa e verso"	1973		x		II-5,2,26				
8 6 "Amor, amores"	1975	x		x				Arm.20.7.10	Tiragem de 423 exemplares (BN nº 395)
9 7 "Carmina Drummondiana"	1982	x			V-433,2,14				
10 8 "Boitempo I"	1987	x			VI-254,4,57				
11 1 "Boitempo I"	1989		x		IV-249,2,53				
12 9 "Boitempo II"	1987	x			VI-254,4,58				
13 1 "Boitempo II"	1990		x		II-428,2,22				
TOTAL		10	3	4					

Levantamento de obras raras de Carlos Drummond de Andrade no acervo da Fundação Biblioteca Nacional										
Título		Ano	Critério de raridade			Localização				Observações
			1ª ed. ▼	2ª ed. ▼	Dedicatória /assinatura do aut. ▼	Obras Gerais ▼	Obras Raras ▼	Manuscritos ▼	Iconografia ▼	
INFANTIS										
1	1	"O elefante"	1983	x		Anexo II-				
2	2	"História de dois amores"	1987		x	Anexo II-735,1,10				
3	3	"Rick e a girafa: antologia"	2001	x		Anexo II- 968,2,06,n.16				
TOTAL			2	1	0					
PROSA										
1	1	"Contos de aprendiz"	1951	x		Anexo II-864,2,16				
2	2	"Contos de aprendiz"	1958		x	II-233,4,25				
3	2	"Passeios na ilha: divagações sobre a vida literária e outras matérias"	1952	x		VI-248,2,20				
4	4	"Passeios na ilha: divagações sobre a vida literária e outras matérias"	1975		x	V-395,2,17				
5	3	"Fala, Amendoeira"	1957	x		II-255,3,22				
6	4	"A bolsa e a vida: crônicas"	1962	x		II-88,1,27				
7	5	"Cadeira de balanço: crônicas"	1966	x		II-74,3,2				
8	6	"Cadeira de balanço: crônicas"	1968		x	V-322,2,21				
9	6	"Caminhos de João Brandão"	1970	x		II-27,3,13				
10	6	"Caminhos de João Brandão"	1976		x	IV-147,7,5				
11	7	"De notícias & não-notícias faz-se a crônica: histórias, diálogos, divagações"	1974	x		x IV-407,5,18				
12	7	"De notícias & não-notícias faz-se a crônica: histórias, diálogos, divagações"	1974	x		Anexo II-839,5,26				
13	7	"De notícias & não-notícias faz-se a crônica: histórias, diálogos, divagações"	1975		x	VI-94,1,27				
14	8	"Os dias lindos"	1977	x		V-406,2,19				
15	8	"Os dias lindos"	1978		x	III-420,6,40				
16	9	"70 historinhas: antologia"	1978	x		III-59,8,5				
17	10	"70 historinhas: antologia"	1979		x	VI-237,1,53				
18	10	"Contos plausíveis"	1981	x		IV-431,4,34				
19	10	"Contos plausíveis"	1985		x	Anexo II-825,3,18				
20	11	"Boca de luar"	1984	x		VI-271,5,18				
21	11	"Boca de luar"	[1985]		x	VI-273,3,12				
22	12	"O observador no escritório"	1985	x		VI-239,4,36				
23	12	"O observador no escritório"	2006		x	I-131,1,51				
24	13	"Moça deitada na grama"	1987	x		V-294,3,20				
25	14	"O avesso das coisas"	1988	x		V-357,5,1				
26	14	"O avesso das coisas"	1990		x	III-321,3,34				
27	15	"Auto-retrato e outras crônicas"	1989	x		Anexo II-813,6,39				
28	15	"Auto-retrato e outras crônicas"	1993		x	VI-1,5,28				
TOTAL			16	12	1					

	Título	Ano	Dedicatória/ assinatura do autor	Localização em Manuscritos	Observações
DOCUMENTOS ARQUIVÍSTICOS					
1	Capa da obra Corpo, de autoria do escritor, trazendo dedicatória para Ester Kosovski	30/09/1984	x	I-07,35,005	
2	Dedicatória a Marco Lucchesi na página de rosto de seu livro "Corpo"	04/10/1986	x	36,03,009 nº001	Correspondência
3	Folha de rosto do livro Amar se aprende amando de Carlos Drummond de Andrade	[19-]	x	79,01,05 nº041	Excerto de livro com opiniões sobre a poesia de Carlos Drummond de Andrade;
4	Capas do livro Contos de Aprendiz de Carlos Drummond de Andrade, editado pela Livraria José Olympio Editora	[19-]		79,02,02 nº003	Projetos Gráficos
5	Arte de capa para o livro Fala amendoeira de Carlos Drummond de Andrade, editado pela Livraria José Olympio Editora	[19-]		79,02,04 nº030	Prova tipográfica;
6	Resenha de divulgação para os livros Fala Amendoeira de Carlos Drummond de Andrade e Drummond: A Estilística da Repetição de Gilberto Mendonça Teles	[19-]		80,03,06 nº019	Projetos Gráficos
7	Provas de páginas do livro "Bolsa & vida" de Carlos Drummond de Andrade.	[19-]		79,01,07 nº006	
8	Cadeira de balanço: Provas tipográficas	1966		80,05,03 nº021	
9	Recibo à Livraria José Olympio referente ao pagamento de direitos autorais do livro Cadeira de Balanço, 10/01/1972	1972	x	81,02,05 nº125	
10	Carta a José Olympio sobre lembranças do passado	02/06/1983		81,05,06 nº134	

Resultado do levantamento

Do total de 53 obras, temos 97 livros consultados, 92 livros estão em Obras Gerais, três estão em Obras Raras e duas estão em Iconografia.

Classificados como:

Poesia/Crônica – foram consultados (26 títulos) 53 livros, sendo 36 de primeira edição, 17 de segunda edição e 16 com dedicatória ou assinados pelo autor.

Antologia Poética – foram consultados (9 títulos) 13 livros, sendo 10 de primeira edição, três de segunda edição e quatro com dedicatória ou assinados pelo autor.

Infantil – foram consultados (três títulos) três livros, Sendo dois de primeira edição, um de segunda edição e nenhum com dedicatória ou assinado pelo autor

Prosa – foram consultados (15 títulos) 28 livros, sendo 16 de primeira edição, 12 de segunda edição e um com dedicatória ou assinado pelo autor.

Concluímos que as obras raras de Carlos Drummond de Andrade estão em sua grande maioria inseridas no acervo de Obras Gerais da Fundação Biblioteca Nacional. Dessa forma, lançamos luz a essas obras destacando a importância do acervo de Obras Gerais como um todo. Abrimos assim as gavetas de fichas dos arquivos imaginários para coleta, pesquisa e materialização do grande valor que o Setor de Obras Gerais tem para a Fundação Biblioteca Nacional e para a sociedade como um todo.

Conclusões

Devido à diversidade de usuários e de instituições que procuram a Biblioteca Nacional em busca de informações e instruções que possam constituir ou aprimorar seus respectivos acervos, programas e pesquisas, percebe-se a necessidade de aprofundar o estudo na área de Acervos Raros através da identificação do modo como essas obras estão descritas, representadas e inseridas no conjunto documental e bibliográfico da Biblioteca Nacional, em especial no Setor de Obras Gerais. O objetivo é entender se a aplicação dos critérios de raridade de obras/documentos que constituem o acervo/objeto desta pesquisa são efetivos.

A excelência de uma instituição de acervo, memória e guarda está diretamente relacionada ao conhecimento que esta possui das necessidades de informação dos usuários que utilizam seus serviços e a forma pela qual as informações estão disponíveis para consulta.

Através do estudo das obras raras de Carlos Drummond de Andrade no Setor de Obras Gerais pode-se avaliar e planejar os serviços e sistemas de representação e recuperação dessas obras, levando-se em conta os critérios de raridade estabelecidos pelo Plano Nacional de Recuperação de Obras Raras - Planor. Pode-se também melhorar a descrição das mesmas nos registros da base de dados da Fundação Biblioteca Nacional, com o intuito de colaborar para a melhor disseminação da informação.

Ao pensar sobre o fato de que uma das atividades que cabe ao Planor, segundo o parágrafo II, artigo 56 do Regimento Interno da Fundação Biblioteca Nacional, é “Difundir a existência e a potencialidade de uso desses acervos através de catálogos impressos e eletrônicos”, compreendemos que o tratamento, o aprimoramento da descrição³ e a recuperação da informação das obras raras selecionadas podem também lançar luz sobre uma reflexão para a disseminação dessas informações coletadas como construção do conhecimento.

Referências

ANDRADE, Carlos Drummond de. Nossa BN. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 10 nov. 1973. Segundo Caderno, p. 5. Disponível em: https://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=030015_09&pasta=ano%20197&pesq=&pagfis=22176. Acesso em: 8 mar. 2024.

BIBLIOTECA NACIONAL (Brasil). *Carlos Drummond de Andrade: exposição comemorativa dos 80 anos: catálogo*. Rio de Janeiro: A Biblioteca, 1982. 53 p.

BIBLIOTECA NACIONAL (Brasil). *Regimento Interno da Fundação Biblioteca Nacional – FBN*, 2022. Disponível em: <https://www.gov.br/bn/pt-br/aceso-a-informacao-2/institucional/portarias/portarias-fbn-2022-2/portaria-fbn-no-082-de-23-de-dezembro-de-2022.pdf>. Acesso em: 5 nov. 2022.

ANDRADE, Carlos Drummond de. *Carlos Drummond de Andrade: a dimensão lírica do cotidiano*. Porto Alegre: Mecenaz, 2013. 341 p. (Dicionários, 8).

FUNDAÇÃO CASA DE RUI BARBOSA. *Arquivo Museu de Literatura Brasileira. Inventário do Arquivo Carlos Drummond de Andrade*. Rio de Janeiro: A Fundação, 1998.

GUIA de coleções da Divisão de Manuscritos da Biblioteca Nacional [recurso eletrônico]. Eliane Perez (org.); Ana Lúcia Mereghe et al. (colab.). Rio de Janeiro: FBN, 2018. 677 p. Disponível em: <https://www.gov.br/bn/pt-br/central-de-conteudos/producao/publicacoes/guia-colecoes-divisao-manuscritos-fbn/guia-colecao-divisao-manuscrito-fbn.pdf>. Acesso em: 8 mar. 2024.

PY, Fernando. *Bibliografia comentada de Carlos Drummond de Andrade: 1918-1934*. 2. ed. rev. e aum. Rio de Janeiro: Edições Casa de Rui Barbosa, 2002. 301 p.

TAVARES, Ednalva. [*Medalha Biblioteca Nacional, 2ª. cerimônia*]. [Rio de Janeiro: Biblioteca nacional], [1985]. Documento fotográfico.

ZAHHER, Celia Ribeiro. Relatório da Diretora-Geral da Biblioteca Nacional - 1982. *Anais da Biblioteca Nacional*, Rio de Janeiro, v. 102, p. 246 e 257, 1982. Disponível em: <https://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=402630&pesq=&pagfis=43072>. Acesso em: 15 abr. 2023.

3. Entende-se como conceito de descrição o “Conjunto de procedimentos que levam em conta os elementos formais e de conteúdo dos documentos para elaboração de instrumentos de pesquisa.” ARQUIVO NACIONAL (Brasil, 2005, p. 67).

Proposta de um novo critério de raridade ao Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal do Pará

Elisangela Silva da Costa

Doutoranda em História Social da Amazônia pela PPHIST/UFPA,
bibliotecária do Centro de Memória da Amazônia da UFPA





Resumo

Este artigo visa a propor a inclusão de um novo critério de raridade ao SIBI/UFPA, baseado na análise de livros didáticos antigos, oriundos de acervos pessoais adquiridos pelo Centro de Memória da Amazônia da UFPA que possuem potencial de raridade. A pesquisa tem como objetivo geral: a) investigar os materiais didáticos que compuseram a cena educacional de Belém do Pará, principalmente no período supracitado. E tem como objetivos específicos: a) identificar os editores dos livros didáticos; e, b) selecionar os livros didáticos de acordo com o recorte temporal que vai de 1850 a 1950. Dos quinze acervos pessoais existentes no CMA/UFPA foi possível identificar 76 livros didáticos raros. Conclui-se que estas publicações didáticas são extremamente úteis e justificam a sua permanência na Seção de Obras Raras do CMA/UFPA por resgatarem parte do nosso passado tipográfico.

Palavras-chave: Obras raras – critérios. Livros didáticos raros – século XIX. Livros didáticos raros – século XX.

Abstract

This article aims to propose the inclusion of a new rarity criterion in SIBI/UFPA, based on the analysis of old textbooks, originating from personal collections acquired by the Centro de Memória da Amazônia at UFPA which have rarity potential. The research has the general objective of: a) investigating the teaching materials that made up the educational scene in Belém do Pará, mainly in the aforementioned period. And its specific objectives are: a) identify the publishers of the textbooks; and, b) select the textbooks according to the time frame that goes from 1850 to 1950. Of the fifteen personal collections existing at CMA/UFPA, it was possible to identify 76 rare textbooks. It is concluded that these didactic publications are extremely useful and justify their stay in the Rare Works Section of the CMA/UFPA as they rescue part of our typographic past.

Keywords: Rare works – criteria. Rare textbooks – 19th century. Rare textbooks – 20th century.



Introdução

A educação brasileira sempre foi um setor problemático para os seus governantes quer fosse por desinteresse proposital, quer fosse por óbices emergentes das diversas especificidades que a Educação demanda.

Durante o final do século XIX e o início do século XX Belém do Pará atravessou um período de grande efervescência cultural motivada em grande medida pelo soerguimento da economia gomífera (Sarges, 2000).

Apesar da produção de publicações ter sido introduzida e ampliada no Brasil com a vinda da família real portuguesa, as tipografias só passaram a fazer parte do cotidiano paraense muito tempo depois. Neste contexto, emerge oacaraense João Francisco Madureira, figura por vezes invisibilizada na história da cultura impressa no Pará. Via de regra, o pai da imprensa paraense é Filipe Alberto Patroni Martins Maciel. Contudo, Madureira foi quem deu o pontapé inicial na imprensa paraense, em 1820 (Masp, 1979). As grandes distâncias entre a porta de entrada da Amazônia e o Rio de Janeiro (a capital do Reino, daquela época); e seus poucos recursos para superar essas distâncias, o motivaram a construir o seu próprio prelo e tipos móveis (Martins; Lima, E; Lima, G., 2017).

No ano seguinte, uma tentativa de tipografia mais profissional foi realizada pelo bacharel em Direito, Filipe Alberto Patroni Martins Maciel, um jovem revolucionário, que ansiava pela independência do Brasil, o que motivou o governo provisório da Província do Pará, em uma tentativa de se livrar dos ideais separatistas e abolicionistas do jovem bacharel em Direito, a enviá-lo para Portugal. Porém, o efeito desta ação foi colateral, posto que Patroni não só fez articulações em terras lusitanas, como voltou ainda mais forte, com uma prensa profissional na bagagem, e, aliado ao francês Luís José Lazier, ao espanhol João Antônio Alvarez e a Daniel Garção de Melo, produziram o primeiro periódico do norte do Brasil - *O Paraense*, publicação de teor altamente revolucionário e separatista (Costa; Sarges, 2022). O jornal teve vida breve, produzindo apenas setenta edições,¹ atravessou várias interdições e recomeços, até ter sido efetivamente empastelado em 1823 (Santana, 2022). De todo modo as novidades que emergiram em Belém do Pará, e a liberdade nunca tida antes para poder produzir impressos, deram vazão a uma grande produção represada (Masp, 1979).

Todavia, muitos desses materiais didáticos criados com o aparelhamento das escolas paraenses se perderam ao longo do tempo (Moreira, 1979). Essa premissa é particularmente verdadeira quando se observa o acervo das bibliotecas universitárias que, imersas nas idiosincrasias dos critérios do MEC, os quais

1. Cf. Costa e Sarges (2022), existem pouquíssimos exemplares de *O Paraense*, os quais podem ser encontrados no Arquivo Público do Estado do Pará (APEP) e na Fundação Biblioteca Nacional (FBN); porém, a coleção mais completa está armazenada nos Arquivos da Torre do Tombo, em Lisboa (Coelho, 1989).

privilegiam mormente a atualização do acervo, acabam forçando o descarte de obras potencialmente raras. No entanto, de modo consciente ou não, o recebimento de acervos pessoais ajuda às novas gerações a terem contato com publicações produzidas pelos intelectuais do passado que pavimentaram o início da história da educação no Pará. Este aspecto se fez sentir particularmente com os Acervos Pessoais que o Centro de Memória da Amazônia da Universidade Federal do Pará adquiriu via doação, em abril de 2022 (Ufpa, 2023).

Essa celeridade em avaliar e se adequar aos critérios do MEC motivou a autora desta pesquisa a buscar motivos para que obras regionais importantes não sejam descartadas. Além disso, a autora desta pesquisa pertence ao Grupo de Estudos e Pesquisas sobre Patrimônio Bibliográfico (GEPPB). Uma das preocupações dele reside na aplicabilidade das discussões intelectuais desenvolvidas.

O interesse da autora desta pesquisa sobre esse objeto de estudo surgiu após a participação em eventos ligados à História do Livro Didático por ocasião da feitura de um curso de Mestrado em Educação pela UFPA, no período de 2014 a 2016, e vem se ampliando ainda mais após o ingresso no curso de Doutorado em História Social da Amazônia, em que me debruço a estudar o itinerário intelectual da professora Maria Annunciada Chaves, uma jurista que abandonou os tribunais e se dedicou ao ensino de História no Pará; e, por conta de seu ofício, amalehou muitos livros didáticos de todas as épocas. Essa participação em eventos sobre História de Livros Didáticos chamou a atenção para esse tipo de material que é objeto de estudo de vários tipos de profissionais (pedagogos, historiadores, bibliotecários, jornalistas, artistas plásticos, etc.), o que demonstrou que o livro didático possui uma comunidade pesquisadora atuante que sofre com a dificuldade de acesso a esse tipo de material devido a muitas dessas obras serem antigas, terem sido produzidas com tiragem limitada, não serem mais editadas e terem sido descartadas das escolas em que foram utilizadas. Essa conjuntura multifatorial motivou a feitura desta pesquisa e a futura proposição da adoção de livros didáticos antigos ao acervo de obras raras do CMA/UFPA.

Metodologia

A metodologia de pesquisa utilizada para esse estudo foi a Pesquisa-ação, que no entender de Thiollent (2002, p. 4) é um tipo de pesquisa “realizada em um espaço de interlocução onde os atores implicados participam na resolução dos problemas, com conhecimentos diferenciados, propondo soluções e aprendendo na ação”. Considera-se que a autora da pesquisa pertence ao quadro funcional do Sistema de Bibliotecas da UFPA (SIBI/UFPA), e que o material em estudo em questão compõem itens de acervos pessoais integrantes do Centro de

Memória da UFPA, além de que existe a proposição da inclusão de uma nova categoria de material a ser incorporada ao Acervo de Obras Raras da UFPA.

Locus da Pesquisa

Este estudo foi desenvolvido nos acervos pessoais do Centro de Memória da Amazônia da Universidade Federal do Pará (CMA/UFPA), uma unidade de informação criada em 2007, por ocasião dos cinquenta anos da UFPA, com o objetivo de salvaguardar documentos importantes para a história da Amazônia, quando foram salvaguardados documentos pertencentes ao Arquivo Histórico do Tribunal de Justiça do Estado do Pará (TJE-PA), que em contrapartida reformou e aparelhou o prédio, que outrora abrigou a Gráfica da UFPA, e mais anteriormente a Gráfica Amazônia.

O CMA possui quinze acervos pessoais, a saber: a) Marga Rothe; b) Napoleão Figueiredo; c) Paulo Fonteles (que já pertenciam ao CMA desde sua fundação em 2007); d) Acervo Cênico Carlos Miranda; e) José Caripunas; f) Baim Klautau; g) Célia Bassalo; h) Clóvis Moraes Rêgo; i) Dalcídio Jurandir; j) Francisco Paulo Mendes; k) Guaimiaba; l) José Caripunas; m) Maria Annunciada Chaves; n) Paulo Nunes; e, o) Raimundo Jinkings (esses acervos foram herdados após a extinção do projeto Memorial do Livro Moronguetá). (Ufpa, 2023).

Quadro 1 - Acervos particulares integrantes do Sistema de Bibliotecas da UFPA

NOME DA COLEÇÃO	PERFIL	TEMÁTICAS
Arthur Napo- leão Figueiredo	Antropólogo paraense. É uma das maiores referências no estudo da etnologia amazônica. Foi um dos fundadores da Faculdade Antropologia da UFPA. Depois de se aposentar da docência da UFPA se dedicou ao estudo de coleções etnográficas do MPEG.	Antropologia

NOME DA COLEÇÃO	PERFIL	TEMÁTICAS
Baim Klautau (Adalberto Cavaleiro de Macêdo Klautau Filho)	Advogado paraense. Atuou por muitos anos como consultor jurídico da Federação das Indústrias do Pará (Fiepa), também exerceu o cargo de procurador-geral do Estado, bem como o de procurador-geral da Prefeitura de Belém, além de ter sido titular de um dos mais conceituados escritórios de advocacia do Pará.	Direito comercial e Ensino do Direito
Carlos Miranda	Professor universitário e teatrólogo paraense	História da arte e teatro
Célia Bassalo	Professora universitária paraense. Uma das maiores autoridades no estudo de <i>Art Nouveau</i> no Pará.	Língua portuguesa e Artes decorativas
Clóvis Moraes Rêgo	Professor secundarista paraense. Ex-governador do Estado do Pará. Foi membro da APL, CEC-PA e IHGP. Um dos maiores biógrafos do célebre maestro Carlos Gomes.	Artes; História (Universal, do Brasil e do Pará); Literatura (Universal, do Brasil e do Pará); Direito; Folclore; Política Cultural e Língua portuguesa
Dalcídio Jurandir	Escritor paraense de relevância nacional. Escreveu <i>Marajó</i> , <i>Três casas e um rio</i> , <i>Chão de lobos</i> , <i>Belém do Grão-Pará</i> , <i>Ponte do Galo</i> . Ganhou vários prêmios Jabuti	Literatura paraense
Francisco Paulo Mendes	Crítico literário paraense e professor universitário. Revelou vários talentos literários, dentre eles: Paulo Plínio Baker Abreu, Mário Faustino e Max Martins	Literatura (Universal, do Brasil e do Pará); Crítica literária
Guaimiaba (Aluizio Lins Leal)	Economista paraense e professor da UFPA. Foi um grande combatente da ditadura militar. Lecionou economia na USP. É um dos maiores estudiosos sobre os grandes projetos econômicos na Amazônia	Economia

NOME DA COLEÇÃO	PERFIL	TEMÁTICAS
Inocêncio Machado Coelho	Crítico de arte paraense. Foi diretor do Museu Paraense Emílio Goeldi e da Aliança Francesa	História (Universal, do Brasil e do Pará); Literatura (Universal, do Brasil e do Pará); Artes e Museologia
José Caripunas	Foi advogado e um grande estudioso de esperanto	Esperanto, Latim e Tupi
Marga Rothe	Ativista política	Sociologia
Maria Annunciada Ramos Chaves	Advogada, professora de História. Uma das fundadoras da Faculdade de História da Universidade do Pará (atual UFPA). Foi presidente do CEC-PA por 14 anos consecutivos, foi membro da Academia Paraense de Letras e do Instituto Histórico e Geográfico do Pará	História (Universal, do Brasil e do Pará); Literatura (Universal, do Brasil e do Pará); Direito; Artes e Folclore
Paulo Fontelles	Advogado, especializado em Direito Agrário	Essa coleção não possui acervos bibliográficos só arquivísticos
Paulo Nunes	Professor universitário, um dos maiores estudiosos do literato Dalcídio Jurandir	Literatura Nacional e Regional; Crítica literária
Raimundo Jinkings	Livreiro maranhense, responsável pela introdução do pensamento de esquerda no estado do Pará	Ciências Políticas e Jornalismo

Fonte: UFPA (2023).

Coleta de dados e critérios de inclusão e de exclusão

A coleta de dados envolveu a consulta dos inventários dos acervos pessoais do CMA composta por quinze acervos que perfazem o montante de 31 mil itens. Como critério de inclusão privilegiou-se a seleção de livros didáticos antigos, independente da nacionalidade de seus autores. Já como critério de

exclusão adotamos o recorte cronológico que compreende os anos de 1850 a 1950, por constituir o período da *Belle Époque* em Belém, quando a produção, circulação e importação de livros em Belém foi muito copiosa.

Procedimentos

Os dados levantados foram listados em uma planilha do Excel (ver Anexo A), e foram isolados fisicamente a fim de que, se o critério for aprovado, esses itens sejam incorporados ao Acervo da Seção de Obras Raras do CMA/UFPA.

Fundamentação teórica ou discussões

O interesse pela história dos livros didáticos é bem recente, e vem tomando espaço nos últimos trinta anos, como salienta Choppin (2004).

Em se tratando de estudos sobre livros didáticos raros a identificação de fontes é mais exígua ainda e, pode-se até dizer, inexistente. Uma obra importante para enveredar nesse universo de pesquisa foi escrita pela historiadora Circe Bittencourt, em que ela chama a atenção para a ampla gama de tipologias documentais compreendidas na esfera do livro didático, a saber: “cartilha, silabários, Livros de Leitura, resumos, antologias, livros de professores, catecismo e apostilas” (Bittencourt, 2016, p. 119).

Ressalta-se que a quantidade de livros didáticos antigos pode ser ainda mais abundante, porém, conforme aponta Razzini (2000), com a instalação da República no Brasil somente “poderiam ser adotados, nas escolas públicas, livros previamente aprovados pelos conselhos de instrução ou órgãos similares” (Razzini, 2000, p. 107).

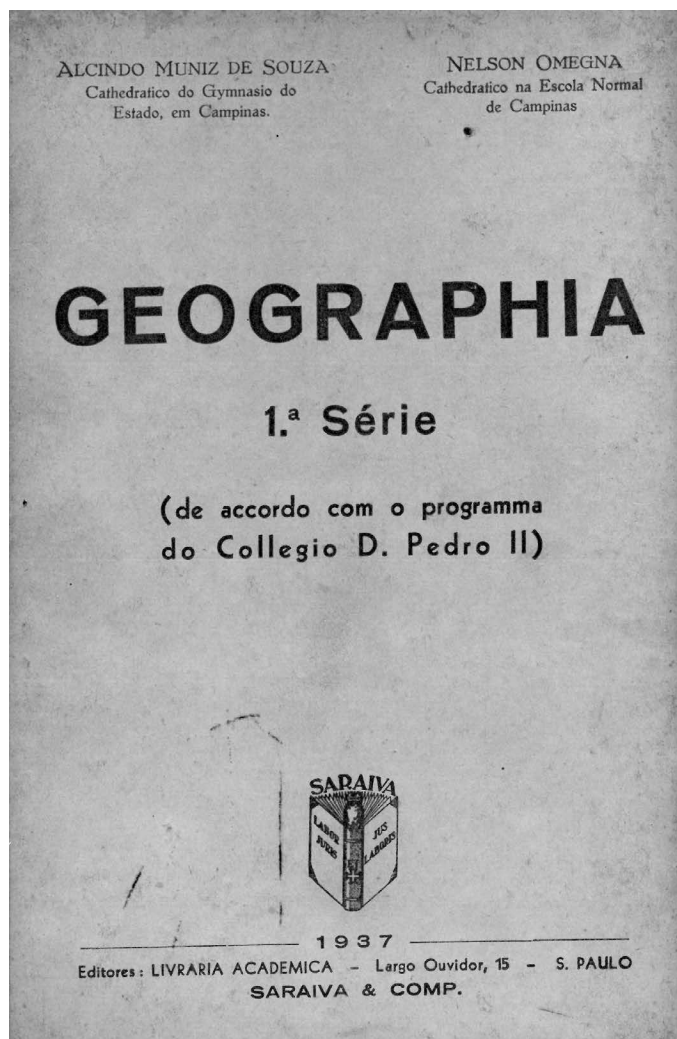
Inicialmente os livros didáticos existentes nas escolas brasileiras eram traduções de livros estrangeiros, porém essas traduções demoravam muito a serem concluídas, então optou-se por privilegiar autores nacionais, e as dimensões continentais de nosso país conduziu a fomentação de publicações escritas pelos professores que lecionavam em seus próprios estados, isso ocorreu: no Pará, em Manaus, no Maranhão, na Bahia em Pernambuco, em São Paulo e no Rio Grande do Sul (Bittencourt, 2016).

Para identificar as obras didáticas fizemos uso dos princípios de análise de gêneros discursivos do linguista britânico John Swales (1990), o qual analisa documentos de diversas tipologias documentais observando a estrutura discursiva dos textos, identificando certas recorrências, que configuram um determinado gênero textual. Conforme Swales (1990), gênero textual:

[...] compreende uma classe de eventos comunicativos cujos exemplares compartilham os mesmos propósitos comunicativos. Esses propósitos são reconhecidos pelos membros mais experientes da comunidade discursiva original e constituem a razão do gênero. A razão subjacente dá o contorno da estrutura esquemática do discurso e influência e restringe as escolhas de conteúdo e estilo. O propósito comunicativo é o critério que é privilegiado e que faz com que o escopo do gênero se mantenha enfocado estreitamente em determinada ação retórica compatível com o gênero. Além do propósito, os exemplares do gênero demonstram padrões semelhantes, mas com variações em termos de estrutura, estilo, conteúdo e público-alvo. Se forem realizadas todas as expectativas em relação àquilo que é altamente provável para o gênero, o exemplar será visto pela comunidade discursiva original como um protótipo. Os gêneros têm nomes herdados e produzidos pelas comunidades discursivas e importados por outras comunidades. Esses nomes constituem uma comunicação etnográfica valiosa, mas precisam de validação posterior. (Swales, 1990, p. 58).

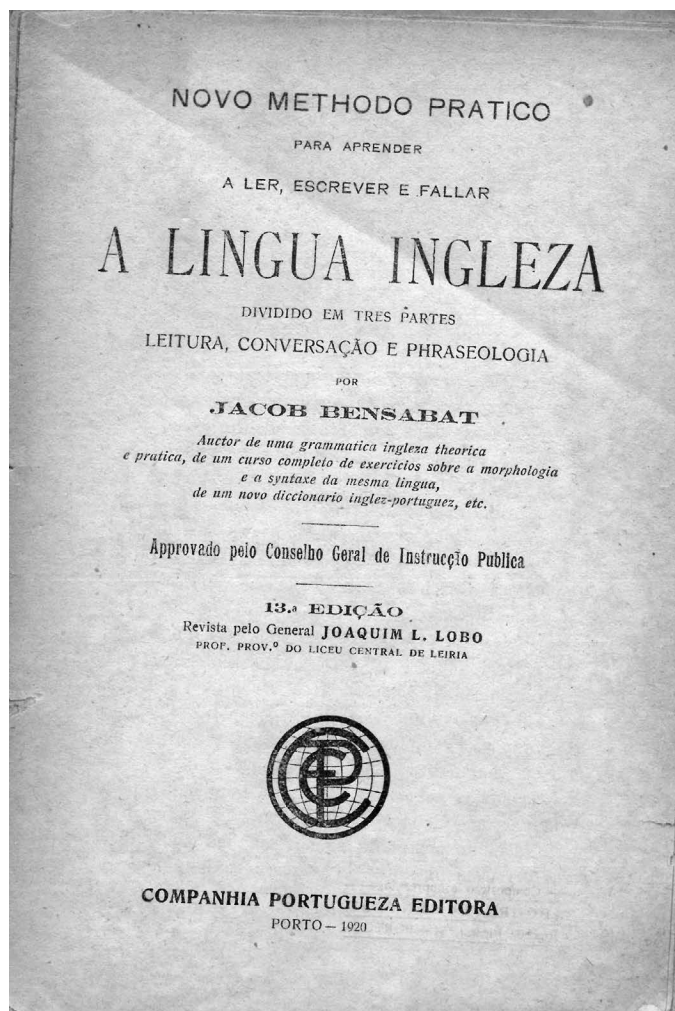
No caso desta pesquisa, em específico, foram identificados: o nome do autor seguido da titulação, em que se referia, na maioria dos casos, a um professor de uma reputada instituição. O título no centro seguido das fórmulas-chave, tais como: *aprovado pelo Conselho de Instrução Pública*; ou, *De acordo com o programa do Colégio Pedro II* e logo abaixo o local, seguido da casa impressora e o ano de publicação (ver figura 1, 2 e 3).

Figura 1 – Curso de Geographia (1935)



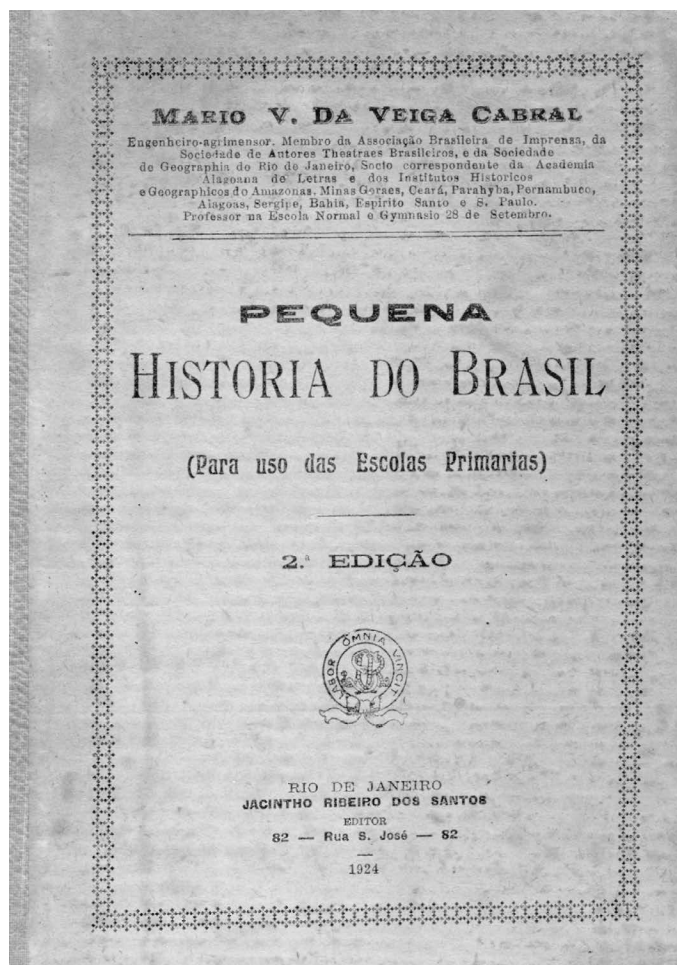
Fonte: CMA. Acervo Annunciada Chaves (2023).

Figura 2 – Novo Methodo Pratico para aprender a ler, escrever e falar a língua inglesa, escrito por Jacob Bensabat (1880).



Fonte: CMA. Acervo Annunciada Chaves (2023).

Figura 3 – Pequena História do Brasil, escrito por Mario V. de Veiga Cabral (1924)



Fonte: CMA. Acervo Annunciada Chaves (2023).

Devido ao fato de os livros didáticos serem voltados para um público em formação moral e intelectual, os livros didáticos sempre precisaram passar pela supervisão de órgãos censores. Segundo Luís Milanesi (1983, p. 24) a censura era ainda maior em relação à América Portuguesa, posto que: “Desde 1536, qualquer impressão de livro passava por três censuras, Santo Ofício e Ordinário (da Igreja Católica) e o Desembargo do Paço (poder civil). As censuras eram independentes”. Marcia Razzini (2010) especifica ainda mais essa ação censória ao dizer que, no Brasil, esta era exercida em grande medida, pelos jesuítas, pelos reinóis ou pelos chefes de província.

Em relação aos critérios de raridade de obras raras é importante lembrar que eles são recursos extremamente importantes, para evitar que obras relevantes para a história da editoração ou de uma localidade sejam descartadas.

Via de regra, a maior parte das bibliotecas brasileiras que possuem seção de Obras Raras se baseia nos critérios de raridade preconizados pela Fundação Biblioteca Nacional. Os critérios de raridade atualmente em vigor no sistema de bibliotecas da UFPA, são:

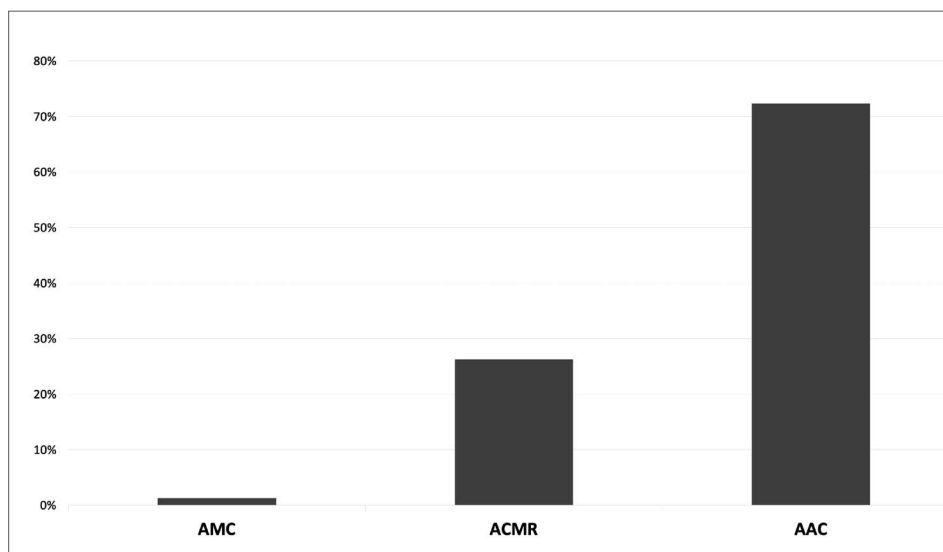
- a) Impressões dos séculos XV, XVI, VII e XVIII;
- b) Obras editadas no Brasil até 1860;
- c) Primeiras edições de obras clássicas escritas por autores brasileiros consagrados, publicadas até o final do século XIX;
- d) Edições de tiragens reduzidas com aproximadamente 100 exemplares, numerados e/ou assinados;
- e) Edições especiais de luxo para bibliófilos;
- f) Edições consagradas, esgotadas e não reeditadas;
- g) Edições censuradas e/ou clandestinas;
- h) Exemplares com anotações manuscritas de importância (autógrafos de personalidades de projeção regional, nacional ou mesmo internacionais, ou reconhecidas em determinada área do conhecimento e dedicatórias ou anotações de punho do próprio autor);
- i) Exemplares que comprovadamente pertenceram a personalidades de projeção política, científica, literária e religiosa;
- j) Exemplares de coleções especiais com marcas de propriedades (ex-líbris e carimbos);
- k) Monografias originais de personalidades importantes;
- l) Periódicos impressos no Brasil até o final do século XIX;
- m) Todo periódico que caracteriza a fase inicial da tipografia local de qualquer região do Brasil;
- n) Obras que constarem em catálogos ou bibliografias de obras raras nacionais ou internacionais. (UFPA, 2019).

Ressalta-se que estes critérios estão em aberto porque a *Política de Desenvolvimento de coleções do SIBI/UFPA* está em fase de reformulação.

Análise dos resultados

O Centro de Memória da Amazônia possui 15 acervos pessoais, que perfazem um total de 31 mil itens, da consulta aos inventários destes acervos. Foram identificados 101 títulos como livros didáticos antigos com potencial de raridade, e, destes, mais especificamente 8 obras foram escritas por autores paraenses. As obras pertencem aos acervos pessoais de: Annunciada Chaves (AAC), de Clóvis Moraes Rego (ACMR) e de Inocêncio Machado Coelho (AMC). E como pode ser visto no Gráfico 1, a maior parte do corpus está concentrada no Acervo da Professora Annunciada Chaves (55 obras), seguida do Acervo Clóvis Moraes Rego (20 obras) e do Acervo Machado Coelho (1 obra).

Gráfico 1 - Percentual de livros didáticos antigos distribuídos por acervos pessoais do CMA



Fonte: Elaborado pela autora desta pesquisa

No que tange ao local de publicação, observou-se a manutenção de certas convenções que são comuns ao estudo da produção do livro didático, posto que São Paulo (27 menções) despontou como o local em que mais se produzia livros didáticos, ratificando o epíteto que Márcia de Paula Razzini atribuía à terra da garoa, que foi denominada de cidade dos livros escolares; seguida do Rio de Janeiro (23 menções), que se mantém em posição de destaque por ter sido capital do Brasil, por ter mais parques editoriais e sobretudo por ser o lugar de onde emanavam as políticas educacionais que norteavam o engendramento dos materiais didáticos.

Vale ressaltar que Belém do Pará ocupou a terceira posição do ranking, tendo recebido 12 menções, infere-se que Belém tenha ocupado essa posição devido a injeção de capital financeiro que recebeu principalmente na virada do século XIX para o século XX com a ascensão do ciclo da borracha. Quanto às editoras sediadas no exterior, as praças de Portugal e da França tiveram maiores destaques, recebendo seis e quatro menções respectivamente.

Tabela 1 - Praças comerciais que vendiam livros didáticos no Brasil e no exterior

LOCALIDADES	F
São Paulo	27
Rio de Janeiro	23
Belém	12
Portugal (Coimbra: 3; Lisboa 2; Porto 1)	6
França (Paris 3; Tour 1)	4
Porto Alegre	2
[s.l.]; [São Luiz]; Barcelona; Belo Horizonte; Suíça e Turim	1
TOTAL	76

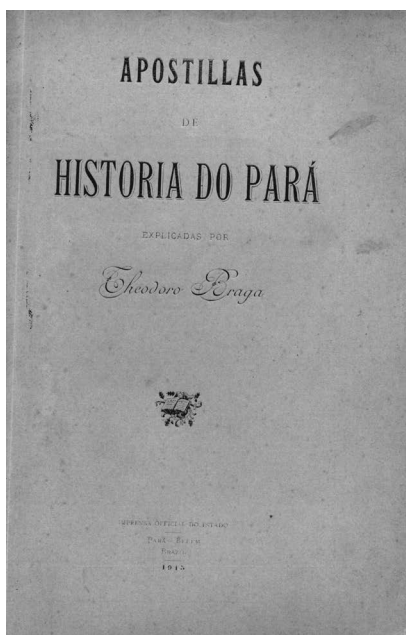
Fonte: Elaborado pela autora desta pesquisa

Apesar dos muitos esforços empreendidos pelos editores brasileiros na transição do Império para a República, era praticamente impossível competir com os editores estrangeiros, que possuíam mais expertise que os brasileiros. A situação se torna ainda mais dramática se formos observar as produções das outrora províncias e agora unidades federativas, que possuíam ainda menos aparelhamento que a capital do Brasil. Particularmente, no caso de Belém do Pará a situação não foi diferente, como Moreira (1979, p. 14) relata:

De modo geral, nossas primeiras obras didáticas são materialmente pobres, de pequeno formato, com desinteressante apresentação gráfica. Não havia ainda comércio editorial organizado, de modo que essas obras eram quase sempre impressas às expensas dos próprios autores. Só com o advento da fase áurea da borracha é que surgiu verdadeiramente mercado para essas obras, cujo ritmo de editoração cresceu por isso consideravelmente nessa fase, permitindo até mesmo a impressão de algumas delas no estrangeiro, principalmente na França [...].

Ratificando a assertiva de Eidorfe Moreira, olhemos as Figuras 4 e 5. A primeira, intitulada *Apostillas de História do Pará*, escrita por Theodoro Braga, foi impressa em Belém no primeiro quartel do século XX, no debacle da economia gomífera. Já a segunda obra, intitulada *Elementos de Carthografia*, de José de Castro Figueiredo, foi impressa em Turim no final do século XIX, na época do auge da *Belle Époque* no Pará.

Figura 4 - Capa da obra *Elementos de Cartografia*, de José de Castro Figueiredo (1898)



Fonte: CMA. Acervo Clóvis Moraes Rêgo

Figura 5 - Capa da obra *Apostillas de História do Pará*, escrita por Theodoro Braga (1915)



Fonte: CMA. Acervo Clóvis Moraes Rêgo

Observando as duas imagens acima é notória a discrepância entre a produção editorial paraense e a produção editorial italiana. O livro paraense foi impresso em papel comum, em monocromia, cuja diagramação apresenta poucos efeitos, a não ser uma letra em itálico para destacar o nome do autor e uma pequena vinheta; ao passo que o livro produzido em Turim foi impresso em papel couchê, em policromia, com destaque da cor vermelha para o país de origem, o nome do autor e a edição, bem como o título apresenta capitulares ornamentadas, além de adorno em *art nouveau*.

Em relação à editoração, a casa publicadora que mais produziu livros didáticos antigos foi a Companhia Editora Nacional (que apresentou 14 publicações), seguida da Liv. Francisco Alves e da Liv. F. Briguiet (com cinco publicações cada), vale destacar que a editora paraense mais representativa do *corpus* foi a J. B. Santos Livraria Clássica (com quatro publicações).

Tabela 2 - Quantitativo de editoras que produziram livros didáticos

CASA DE PUBLICAÇÃO	F
Companhia Editora Nacional	14
F. Alves e F. Briguiet	5
Saraiva e J. B. Santos Livraria Clássica	4
Melhoramentos e Paulo de Azevedo	3
Acadêmica, Benziger; Globo; IOE-PA; Jacintho Ribeiro dos Santos; Saber e Poder e Typ. Lauro Sodré	2
[s.n.]; Aillaud,; Aillaud e Bertrand; Antiga Casa França e Arménio; B. L. Garnier, Clássica (RJ); Companhia Portuguesa Ed.; Doyen de L. Simondelli; Empresa Graphica Amazônia; Francisco F. Amado, Freitas Bastos; Hachette; Iberia – Joaquín Gil; J. Olympio; J. R. de Oliveira, Liv. Esc. e Casa de Publ. Porto de Oliveira; Liv. Scientifica Brasileira; Monteiro Lobato; Of. graf. Mangione; Orcel; Pap. Americana; Typ. B. de Mattos; Typ. Pinto Barbosa e Vve Ch. Poussièlgue.	1
TOTAL	76

Fonte: Elaborado pela autora desta pesquisa

A Livraria Clássica foi um dos mais longevos estabelecimentos de comércio de livros paraense. Na realidade, ela constitui uma franquia muito exitosa que cedo se instalou no Brasil, em 1854. E, logo no ano seguinte, já possuía uma sede em Belém, cuja gerência foi exercida por diferentes livreiros, porém

foi com J. B. Santos que a Livraria Clássica atingiu seu período mais áureo, e conforme a educadora Raimunda Dias Duarte, coordenadora do Grupo de Estudos em História do Livro Didático na Amazônia, aduz: “A Livraria Clássica foi a recordista de obras escolares no Pará” (Duarte, 2018, p. 119).

Quanto às disciplinas mais contempladas nos livros didáticos analisados no *corpus*, observou-se uma maior concentração de livros de História (27 itens), seguidos dos de Geografia (20 itens), e de Língua Portuguesa (11 itens); percebeu-se também uma menor frequência de livros das disciplinas Desenho; Latim; Meteorologia e Música, com 1 item cada.

Tabela 3 - Quantitativo de livros didáticos agrupados por disciplina

DISCIPLINAS	F
História	27
Geografia	20
Português	11
Matemática	4
Inglês e Literatura	3
Educação Moral e Cívica e Religião	2
Desenho; Latim; Meteorologia e Música	1
TOTAL	76

Fonte: Elaborado pela autora desta pesquisa

Dentre os exemplares encontrados podemos destacar: o *História do Pará* escrito por Theodoro Braga, editado pela Melhoramentos, em 1931, este livro constitui uma coleção de *A História de...* (cada unidade federativa do Brasil), que, além de Theodoro, contou com a contribuição de outros historiadores de peso, tais como Pedro Calmon, Max Fleiuss e Rocha Pombo, entre outros. Eidorfe Moreira salienta, na obra *O livro didático paraense*, que Theodoro Braga foi lembrado para fazer parte desta coleção por ninguém menos que Afonso Taunay, “um dos coordenadores editoriais deste projeto editorial” (Moreira, 1979).

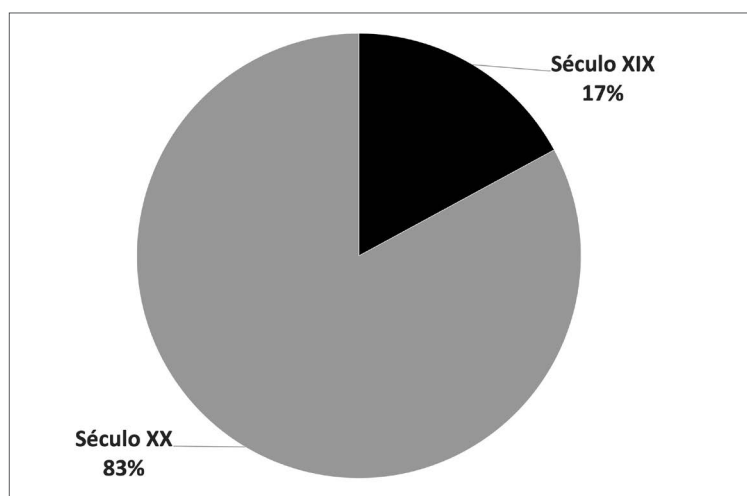
Ressalta-se que Theodoro Braga foi um talentoso intelectual paraense, embora fosse advogado por formação, notabilizou-se de fato, por meio das artes plásticas, sobretudo da pintura (Rêgo, 1974). Ele foi apadrinhado pelo antigo intendente de Belém - Antônio Lemos - que lhe financiou bolsas de estudo na Escola Nacional de Belas Artes do Rio de Janeiro, em São Paulo e até mesmo no exterior. Em troca, Theodoro Braga produziu grandiosas pinturas, das quais

a mais célebre é a *Fundação de Belém*, a qual adorna o Salão Nobre da Prefeitura Municipal de Belém. É importante lembrar que, para a feitura desta tela, Theodoro Braga fez muitas pesquisas historiográficas, as quais resultaram em outro livro também bastante usado nas escolas paraenses, o *Apostilas de História do Pará*, (que também consta no *corpus* desta pesquisa), publicado em 1915, que constitui uma série de publicações alusivas ao tricentenário de fundação da cidade de Belém do Pará - em 12 de janeiro de 1616 (Chaves, 2019).

Outro expoente da coleção de obras didáticas paraenses que compõe o *corpus* desta pesquisa é o *Compendio de analyse moderna: lexicológica e syntactica*, coligido pelo escritor e professor paraense Francisco Ferreira de Vilhena Alves, publicado em 1875². Vilhena Alves estava incomodado com o modo como a língua e a literatura pátrias vinham sendo ensinadas nas escolas paraenses, sobretudo, pela propagação de muitos textos escritos por estrangeiros para o consumo da mocidade. Vilhena Alves se incomodava também com a obsolescência das teorias gramaticais utilizadas nas escolas e por isso fez o seu *Compendio*, o qual foi muito bem recebido pelo Conselho Superior de Instrução Pública do Estado do Pará (Costa; Menezes Neto, 2016).

No tocante ao ano de publicação, identificou-se que a maior parte dos materiais que constituem o *corpus* da pesquisa foram produzidos no século XX (63 itens) e em quantidade bem inferior aparecem os materiais produzidos no século XIX (13 itens).

Gráfico 2 - Quantitativo de livros didáticos agrupados por século em que foram produzidos



Fonte: Elaborado pela autora desta pesquisa

2. Esta obra pode ser consultada na íntegra, na Biblioteca Digital de Obras Raras da Fundação Cultural do Pará via URL: obrasraras.fcp.pa.gov.br/publicacao/compendio-de-analyse-moderna-lexicologica-e-syntactica/.

No que se refere às décadas, verificou-se uma maior concentração de obras na década de 1940 e na década de 1930, período em que os antigos proprietários dos acervos começaram a lecionar, apesar de serem bastante jovens.

Tabela 4 - Quantitativo de livros didáticos agrupados pela década em que foram produzidos

DÉCADA	F
D1860	2
D1870	2
D1880	5
D1890	4
D1900	6
D1910	6
D1920	14
D1930	17
D1940	19
D1950	1
TOTAL	76

Fonte: Elaborado pela autora desta pesquisa.

A pesquisa de campo demonstrou que a quantidade de livros didáticos crescia anualmente ao longo do tempo. É interessante perceber que inicialmente os livros didáticos eram pouco atrativos para as editoras, porém com a persistência e o faro comercial de editores, como Aillaud, Garnier e sobretudo, a Livraria Clássica e Francisco Alves demonstraram a importância das obras didáticas como estas e elas se tornaram um filão de mercado, posto que os livros didáticos até hoje são vendas certas e em grande escala.

Considerações finais

Com base no exposto, percebe-se que a proposição de incluir livros didáticos antigos como obras raras é factível, por eles refletirem uma produção autóctone, que marcou um período muito pujante da produção intelectual nacional e sobretudo paraense.

Ressalta-se que essas obras tinham um fim específico e principalmente no caso das obras paraenses possuíam uma tiragem limitada, o que as torna mais raras ainda.

A dificuldade na produção e circulação de livros didáticos foi um óbice que acabou favorecendo o fomento e a valorização de escritores locais. A transformação das apostilas e outros escritos destes intelectuais em livro foi útil também para a preservação do patrimônio bibliográfico, posto que se tivessem sido mantidas como apostilas ou textos didáticos eles teriam provavelmente se perdido no cotidiano da sociedade, ao passo que a conversão em livro garantiu que esses materiais fossem patrimonializados e adquiridos via compra ou doação de cidadãos, que devido a ação generosa dos parentes dos antigos proprietários tornou possível o resgate desse material e a democratização e acesso da comunidade universitária na contemporaneidade.

Espera-se que a proposição deste novo critério seja aceita pelas autoridades do SIBI/UFPA a fim de garantir uma maior salvaguarda deste útil e precioso material.

Referências

- BITTENCOURT, Circe Fernandes. História dos livros escolares no Brasil: produção e circulação. In: VELÁZQUEZ CASTELLANOS, Samuel Luís; CASTRO, César Augusto (org.). *Livro, leitura e leitor: perspectivas históricas*. São Luís: Edufma; Café & Letras, 2016. p. 125-138.
- CHAVES, I. G. A fundação da cidade de Belém inventada pelos pincéis artísticos. *Revista Hydra: Revista Discente de História da UNIFESP*, v. 1, n. 1, p. 118-130, 2019. Disponível em: doi.org/10.34024/hydra.2016.v1.9118. Acesso em: 13 jan. 2024
- CHOPPIN, Alain. História dos livros e das edições didáticas: sobre o estado da arte. (2004). *Educação e Pesquisa*, São Paulo, v.30, n.3, p. 549-566, set.-dez. 2004.
- COELHO, Geraldo Mártires. *Letras & Baionetas*. Belém: Cejup, 1989.
- COSTA, Elisangela Silva da; SARGES, Maria de Nazaré. Rememorando as antigas livrarias de Belém do Pará: um estudo com base nas etiquetas e carimbos dos livros da Coleção Annunciada Chaves. *PontodeAcesso: Revista do Instituto de Ciência da Informação da UFBA*, Salvador, v. 16, n. 3, 2022. Disponível em: www.ufba.br/index.php/revistaici/article/view/53322/28105. Acesso em: 19 jan. 2024.
- COSTA, Mayco Bruno Cruz; MENEZES NETO, Geraldo Magela. Livros escolares e provas de “português”: formação civilizadora na instrução pública do Pará (1898-1912). *Revista Latino-Americana de História*, v. 5, n. 15, jul. 2016.
- DUARTE, Raimunda Dias. *Livros escolares da Amazônia: produção, edição, autoria e discurso sobre educação de meninos, civilidade e moral cristã*. Campinas, SP: Pontes, 2018.

MARTINS, Fernanda de O.; LIMA, Edna Cunha; LIMA, Guilherme Cunha. O engenhoso pioneiro da tipografia da Província do Grão-Pará - João Francisco Madureira. In: INFORMATION DESIGN INTERNATIONAL CONFERENCE, 8., 2017, Natal. *Blucher proceedings* ... Natal, E. Blucher, 2017. Disponível em: pdf.blucher.com.br/designproceedings/cidi2017/113.pdf. Acesso em: 12 fev. 2024.

MASP - MUSEU DE ARTE DE SÃO PAULO. *História da tipografia no Brasil*. São Paulo: Secretaria de Cultura, 1979.

MILANESI, Luís. *O que é biblioteca?* São Paulo: Brasiliense, 1983.

MOREIRA, Eidorfe. *O livro didático paraense: breve notícia*. Belém: IOE-PA, 1979.

RAZZINI, Márcia P. G. *O espelho da nação: antologia nacional e o ensino de português e de literatura (1838-1971)*. 2000. Tese (Doutorado em Teoria Literária) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2000.

RAZZINI, Márcia P. G. *São Paulo: cidade dos livros escolares*. São Paulo: Unesp, 2010.

RÊGO, Clóvis Moraes. *Theodoro Braga: historiador e artista*. Belém: Conselho Estadual de Cultura, 1974.

SANTANA, Laís. Imprensa completa 200 anos no Pará. *O Liberal*, 2022. Disponível em: www.oliberal.com/para/chegada-da-imprensa-no-para-celebra-200-anos-1.537661. Acesso em: 1 fev. 2024.

SARGES, Maria de Nazaré. *Belém: riquezas produzindo a Belle-Époque (1870-1912)*. Belém: Paka-Tatu, 2000.

SWALES, J. M. *Genre Analysis: English in Academic and Research Settings*. Cambridge (UK); New York: Cambridge University Press, 1990.

THIOLLENT, M. *Pesquisa-Ação nas organizações*. São Paulo: Atlas, 2002.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ. Centro de Memória da Amazônia. Biblioteca. *Relatório gerencial 2023*. Belém: UFPA, 2024.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ. Sistema de Bibliotecas. Biblioteca Central Professor Doutor. Clodoaldo Beckmann. *Política de Formação e Desenvolvimento de Coleções do Sistema de Bibliotecas da UFPA (SIBI/UFPA)*. Belém: UFPA, 2019. Disponível em: bc.ufpa.br/wp-content/uploads/2019/04/POLÍTICA_DE_DESENVOLVIMENTO_DE_COLEÇÕES_SIBI_UFPA_2019.pdf. Acesso em: 2 dez. 2024.

ANEXO A – Livros didáticos potencialmente raros, que fazem parte dos acervos bibliográficos do Centro de Memória da UFPA

Quadro 2 - Livros didáticos analisados nesta pesquisa

AUTOR	TÍTULO	ED.	LOCAL	EDITORA	ANO	ACERVO	ASSUNTO
ACÁCIO, Lobo	Curso prático de inglês comercial		Lisboa	Clássica	1934.	AAC	Inglês
AZEVEDO, Aroldo de	Geografia do Brasil: geografia dos continentes. De acordo com o programa da 2. série ginásial		São Paulo	CEN	1943.	AAC	Geografia
AZEVEDO, Aroldo de	Geografia do Brasil: a terra, o homem, a economia. De acordo com o programa da 3 série ginásial	2. ed.	São Paulo	CEN	1944.	AAC	Geografia
AZEVEDO, Aroldo de	Geografia para a primeira série secundária: de acordo com o programa oficial	10. ed.	São Paulo	CEN	1944.	AAC	Geografia
AZEVEDO, Aroldo de	Geografia dos continentes, para a 2. série ginásial		São Paulo	CEN	1943.	AAC	Geografia
AZEVEDO, Aroldo de	Geografia do Brasil. De acordo com o programa da 4 série ginásial	4. ed.	São Paulo	CEN	1944.	AAC	Geografia
BASTOS, Brito	Geometria prática ou desenho linear		Belém	J. B. Santos	[1930].	ACMR	Matemática

AUTOR	TÍTULO	ED.	LOCAL	EDITORA	ANO	ACERVO	ASSUNTO
BENSA-BAT, Jacob	Novo methodo pratico para aprender a ler, escrever e fallar Língua ingleza: dividido em três partes: leitura, conversação e phraseologia. Aprovado pelo Conselho Geral de Instrução Pública	13. ed.	Porto	Companhia Portugueza Ed.	1920.	AAC	Inglês
BRAGA, Theodoro	Apostillas de História do Pará		Belém	IOE-PA	1915.	AAC	História
BRAGA, Theodoro	Guia do Estado do Pará		Belém	Typ. Lauro Sodré	1916.	ACMR	História
BRAGA, Theodoro	História do Pará: resumo didático		São Paulo	Melhoramentos	1931.	ACMR	História
BRAGA, Theodoro	Noções de chorographia do Estado do Pará		Belém	Empreza Graphica Amazônia	1919.	ACMR	Geografia
CABRAL, F. da Conceição, Pe	O Dia mais feliz da vida, ou Leituras edificantes, para uso de meninos que se preparam para a primeira communhão. Approvada e recomendada por vários prelados	3. ed.o	Einsiedeln, Suíça	Benziger	[1923]	AAC	Religião
CABRAL, Mario V. da Veiga	Pequena historia do Brasil: para uso da escola primária	2. ed.	Rio de Janeiro	Jacinto Ribeiro dos Santos	1924.	AAC	História
CALMON, Pedro	História da civilização: primeira série		São Paulo	Saraiva	1942.	AAC	História
CARREIRO, Carlos Porto	Grammatica nacional	2. ed.	Rio de Janeiro	Jacinto Ribeiro dos Santos	1929.	AAC	Português

AUTOR	TÍTULO	ED.	LOCAL	EDITORA	ANO	ACERVO	ASSUNTO
CARVALHO, Carlos Delgado de	Geografia regional do Brasil: para a quarta série		São Paulo	CEN	1943.	AAC	Geografia
CARVALHO, Carlos Delgado de	Geografia física e humana: para a primeira série		São Paulo	CEN	1943.	AAC	Geografia
CARVALHO, Delgado de	História moderna e contemporânea: para a segunda série ginasial		São Paulo	CEN	1946.	AAC	História
CARVALHO, Delgado de	Sumulas de História colegial: para a primeira série colegial		São Paulo	CEN	1947.	AAC	História
CARVALHO, M. Delgado de	Geographia do Brasil: de accordo com o programma de Chorographia do Brasil do Collegio Pedro II de 1923 (Livro indicado pelo Programma)		Rio de Janeiro	Liv. Scientifica Brasileira	1923.	AAC	Geografia
CARVALHO, M. Delgado de	Geografia do Brasil, para a 3 série	2. ed.	São Paulo	CEN	1943.	AAC	Geografia
CINTRA, Assis	Nossa primeira história		São Paulo	Melhoramentos	1921.	AAC	História
COSTA, D. Antonio Macedo da	Resumo da História Bíblica ou narrativa do Velho e novo testamento		[s.l.]	Benziger	1875.	AAC	Religião
DUCOURDRAY, G	Cours D' Histoire: cours supérieur		Paris	Hachette	1888.	AAC	História
ELLIS JUNIOR, Alfredo	Geografia 2 série (de acordo com o programa do Colégio Pedro II		São Paulo	Acadêmica	1935.	AAC	Geografia

AUTOR	TÍTULO	ED.	LOCAL	EDITORIA	ANO	ACERVO	ASSUNTO
ESPI-NHEIRA, Ariosto	Ciências sociais	4. ed.	Rio de Janeiro	Saber e Poder	1939.	AAC	História
ESPI-NHEIRA, Ariosto	Ciências sociais: de acordo com o programa do departamento de educação do Distrito Federal	8. ed.	Rio de Janeiro	J. R. de Oliveira	1940.	AAC	História
FIGUEIREDO, José de Castro	Elementos de cartographia: para uso dos lyceus e collegios de curso superior. Obra aprovada unanimemente pelo Conselho Superior da Instrução pública do Estado	2. ed.	Turim	Doyen de L. Simondelli	1898.	AAC	Desenho
FLENNLEY, R.; WEECH, W. N.	Historia del mundo: el desarrollo de la civilización occidental		Barcelona	Iberia – Joaquín Gil	1945.	AAC	História
GICOVATE, Moisés	Geografia geral: 1ª série	6. ed.	São Paulo	Melhoramentos	1945.	AAC	Geografia
LEITE, A. F. (org.)	Hinário escolar		São Paulo	Of. graf. Mangione	1934.	AAC	Música
LEITE, José Marques ; CINTRA, Geraldo de Ulhoa	Língua Portuguesa: Gramática	19. ed.	São Paulo	CEN	1950.	AAC	Português
LENTZ, Luiz Gonzaga	Geografia 3. sé. (de acordo com atual programa de ensino		São Paulo	Saraiva	1937.	AAC	Geografia
LENZ, Luís Gonzaga	Geografia física e humana	2. ed.	São Paulo	Saraiva	1946.	AAC	Geografia
LIMA, A. G.	Noções de Geographia		Porto Alegre	Globo	1930.	AAC	Geografia
LIMA, Henrique José de	Primeiras Lições de inglês		Belém	J. B. Santos	1925.	ACMR	Inglês

AUTOR	TÍTULO	ED.	LOCAL	EDITORA	ANO	ACERVO	ASSUNTO
LIMA, Rocha	Gramatica normativa da língua portuguesa		Rio de Janeiro	J. Olympio	1889.	ACMR	Português
MONSE- NHOR, Daniel	Curso de historia universal: obra destinada para uso em escolas brasileiras	3. ed.	Rio de Janeiro	B. L. Garnier	1889.	AAC	História
MONTEIRO, Clóvis	Nova antologia brasileira ou curso da Língua vernácula	5. ed.	Rio de Janeiro	F. Brigueit	1937.	ACMR	Literatura
NASCI- MENTO, Silvio	Em torno da Inconfidên- cia mineira: o papel de Tiradentes		Belém	Of. Graf. Col. Lauro Sodré	1926.	ACMR	História
NETTO, Coelho; BILAC, Olavo	EMC: A patria Brasileira (para os alunos das escolas Primárias)		Rio de Janeiro	F. Alves	[1890].	AMC	EMC
NETTO, Coelho	Compendio de literatura brasileira: segundo o programa do Gymnasio Nacional		Rio de Janeiro	F. Alves	1905.	AAC	Literatura
NOGUEIRA, Julio Freitas Bastos	O Exame de portuguez	4. ed.	Rio de Janeiro	Freitas Bastos	1930.	AAC	Português
NUNES, Cantiniano	Meteorologia		Belém	Typ. Pinto Barbosa	1900.	ACMR	Meteoro- logia
OLIVEIRA, Bento José de	Nova Grammatica portugueza: compilada de nossos melho- res auctores e coordenada para uso das eschololas. Approvada pelo Conse- lho Geral de Instrução Pública	18. ed.	Coimbra	Orcel	1887.	ACMR	Português

AUTOR	TÍTULO	ED.	LOCAL	EDITORA	ANO	ACERVO	ASSUNTO
OLIVEIRA, Bento José	Nova gramática portuguesa	26. ed.	Coimbra:	Francisco F. Amado	1887.	ACMR	Português
OLIVEIRA, Tito Cardoso	Arithmética complementar: para os cursos primário complementar, normal e comercial	16. ed.	Belém	Liv. Esc. e Casa de Publ. Porto de Oliveira	[1919]	ACMR	Matemática
P. S. et al	Syntaxe e grammatica da lingua portugueza		Porto Alegre	Globo	1909.	ACMR	Português
PEIXOTO, Afrânio	Minha terra, minha gente	2. correcta e diminuida.	Rio de Janeiro; F. Alves;	Paris: Aillaud e Bertrand	1916.	AAC	EMC
PINTO, Leonardo	Locuções adverbiais francesas. Traduzidas em português. Obra aprovada pela congregação do Gymnásio Oficial da Cidade de São Paulo	2. ed.	São Paulo:	Monteiro Lobato	1923.	AAC	Português
PRADO, Guilherme (coord)	Trechos dos autores clássicos para os exames geraes de preparatorios	3. ed.	Rio de Janeiro	Clássica	1890.	AAC	Literatura
PROENÇA, Raimundo	Pontos de História do Pará: para o curso complementar dos estabelecimentos de ensino do Estado do Pará		Belém	Pap. Americana	1937.	AAC	História
RAJA GABAGLIA, F. A.; RAJA GABAGLIA, J. C.	Curso de geografia: 2ª série: para uso no Collegio Pedro II e no ensino secundário normal		Rio de Janeiro	F. Briguier	1935.	AAC	Geografia

AUTOR	TÍTULO	ED.	LOCAL	EDITORA	ANO	ACERVO	ASSUNTO
REIS, Francisco Sotero dos	Postillas de Grammatica Geral, aplicada à língua portugueza pela analyse dos classicos, ou guia para a construção portugueza	3. ed.	[São Luiz]	Typ. B. de Mattos	1870.	ACMR	Português
REIS, Otelio	Noções sumárias de história do Brasil: para o exame de admissão. (de accordo com programmas officiais)		São Paulo	CEN	1946.	AAC	História
RIALVA, Rita Amil de	História do Brasil		Rio de Janeiro	F. Brigueit	1941.	AAC	História
RIBEIRO, João	História do Brasil		Rio de Janeiro	F. Alves	1909.	ACMR	História
ROSA, Henrique Santa	Belem e a sua topografia		Belém	J. B. Santos	1924.	AAC	Geografia
RUCH, Gastão	História geral da civilização: da antiguidade ao XX ^o século		Rio de Janeiro	F. Brigueit	1926.	AAC	História
SARDEGAS, Eduardo Primo da Cunha	História medieval, moderna e contemporânea. Ensino Official secundário		Paris; Lisboa	Aillaud	1901.	AAC	História
SCROSOPPI, Horácio	Curso superior de Geographia geral	8. ed.	Rio de Janeiro	F. Alves	1923.	AAC	Geografia
SERRANO, Jonhathas	História da civilização: em cinco volumes, para o curso secundário	2. ed.	Rio de Janeiro	F. Brigueit,	1937.	AAC	História
SILVA, Joaquim	História do Brasil: para o terceiro ano ginasial	9. ed.	São Paulo	CEN,	1944.	AAC	História

AUTOR	TÍTULO	ED.	LOCAL	EDITORIA	ANO	ACERVO	ASSUNTO
SILVA, Joaquim	História geral: para o primeiro ano ginasial	3. ed.	São Paulo	CEN,	1942.	AAC	História
SOARES, João	História de Roma e da Idade média: compendio para a IV classe dos liceus aprovado oficialmente		Coimbra	Antiga Casa França e Armenio	1929.	AAC	História
SOUZA, Alcindo Muniz de; OMEGNA, Nelson	Geographia: 3ª série: de acordo com o actual programma de ensino secundário		São Paulo	Saraiva	1939.	AAC	Geografia
SOUZA, Alcindo Muniz de; OMEGNA, Nelson	Geographia: 1ª série: de acordo com o actual programma de ensino secundario		São Paulo	Acadêmica,	1937.	AAC	Geografia
VIANNA, Arthur	Pontos de História do Pará		Belém	[s.n.]	1937.	ACMR	História
VILHENA ALVES, Francisco Ferreira de (org.)	Compendio de analyse moderna: lexicologica e syntactica		Belém	IOE-PA	1895.	ACMR	Português
	Algebra elementar para uso das escolas primárias segundo o programa do Gymnasio Nacional das Escolas Normaes, etc Curso Médio		São Paulo	Paulo de Azevedo	1926.	ACMR	Matemática
	História Universal para o uso dos Gymnasios		Rio de Janeiro	Paulo de Azevedo	[1861].	AAC	História

AUTOR	TÍTULO	ED.	LOCAL	EDITORIA	ANO	ACERVO	ASSUNTO
	Arithmétique: cours supérieur. Une Réunion de professeurs		Tours: Mame A. et Fils	Paris, Vve Ch. Poussièlgue	1900.	AAC	Matemática
	Novo manual de Língua Portuguesa		Rio de Janeiro	F. Alves,	1912.	ACMR	Português
	Gramática Latina		Rio de Janeiro	Saber e Poder	1938.	ACMR	Latim
	HISTÓRIA universal: para o uso dos gymnasios: curso superior		Rio de Janeiro	Paulo Azevedo	[1861].	AAC	História

Edições censuradas como critério de raridade bibliográfica, o processo de Baudelaire

Joana Darc Moreno de Andrade

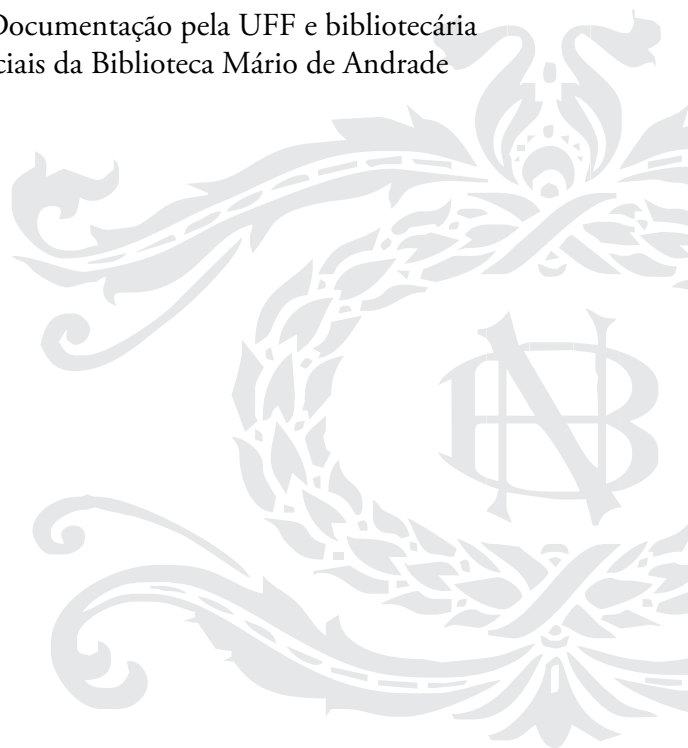
Graduada em Biblioteconomia pela Escola de Biblioteconomia
e Documentação de São Carlos e coordenadora da Seção de
Obras Raras e Especiais da Biblioteca Mário de Andrade

Gabriela Aparecida Cunha Yamane

Graduada em Biblioteconomia e Ciência da Informação, mestranda
em Ciência da Informação pela UFSCar e bibliotecária da Seção
de Obras Raras e Especiais da Biblioteca Mário de Andrade

Renata Cristina de Melo

Graduada em Biblioteconomia e Documentação pela UFF e bibliotecária
da Seção de Obras Raras e Especiais da Biblioteca Mário de Andrade





Resumo

Objetiva-se contextualizar a formação do acervo da Seção de Obras Raras e Especiais da Biblioteca Mário de Andrade e identificar critérios de raridade bibliográfica em exemplares da primeira edição da obra *Les fleurs du mal*, de Charles Baudelaire, nas coleções de Félix Pacheco e Paulo Prado. Entre os objetivos específicos está incluída a análise das marcas de proveniência e propriedade em edições censuradas. Utiliza-se uma abordagem exploratória e descritiva, com a coleta de dados por observação sistemática e levantamento bibliográfico. Conclui-se que as marcas de proveniência e propriedade dessas edições podem ser consideradas critérios de raridades bibliográficas e ressaltam seu valor histórico e cultural, tornando-as obras preciosas para a preservação da memória literária e cultural da instituição.

Palavras-chave: Biblioteca pública. Obras raras. Critérios de raridade. Edições censuradas.

Abstract

The objective is to contextualize the formation of the collection of the Rare and Special Works Section of the Mário de Andrade Library and to identify criteria of bibliographic rarity in copies of the first edition of Charles Baudelaire's *Les fleurs du mal* in the collections of Félix Pacheco and Paulo Prado. The analysis of provenance and ownership marks in censored editions is included among specific objectives. It uses an exploratory and descriptive approach, collecting data through systematic observation and a bibliographic survey. It concludes that the provenance and ownership marks of these editions can be considered criteria of bibliographic rarity and highlights their historical and cultural value, making them precious works for the preservation of the literary and cultural memory of the institution.

Keywords: Public library. Rare works. Criteria of rarity. Censored editions.



Introdução

Em bibliotecas públicas, uma das formas mais comuns de aquisição de obras raras ocorre por meio de doações. No entanto, a formação e o desenvolvimento dos acervos também podem ser constituídos através de compras. Neste estudo específico, foram abordadas as duas vias de aquisição realizadas pela Biblioteca Mário de Andrade (BMA), a compra e a doação, esta última efetuada, sobretudo, por familiares de bibliófilos e/ou colecionadores.

Assim sendo, o assunto principal deste estudo consiste nas informações além do texto que uma obra carrega ao percorrer seu caminho em uma biblioteca pública de obras raras e especiais. Com o objetivo de contextualizar o percurso das obras que aqui serão discutidas, é necessário considerar as origens e a formação do acervo que as salvaguarda.

Cabe ressaltar que as origens da Biblioteca Mário de Andrade remontam ao acervo de livros que pertenciam à biblioteca da Câmara Municipal de São Paulo. A coleção da Câmara foi criada em 1907, durante a gestão do então prefeito Antonio da Silva Prado, com o propósito de atender às necessidades dos vereadores e dos órgãos municipais. A criação do acervo da Câmara Municipal foi o marco inicial da primeira Biblioteca Pública Municipal na cidade de São Paulo, a qual posteriormente foi denominada Biblioteca Mário de Andrade (Sant'Ana, 2021). A Biblioteca Pública Municipal foi fundada no ano de 1926, por meio do ato nº 1, datado de 12 de janeiro de 1926, e teve como primeiro endereço a rua 7 de Abril, número 37, em um casarão com estilo arquitetônico neoclássico, onde permaneceu por mais de dez anos. No momento de sua constituição, o acervo era composto por uma coleção que totalizava 15 mil volumes (Reipert, 1972).

Ainda de acordo com Reipert (1972, p. 33), em 1937, o acervo da Biblioteca do Estado também foi incorporado ao da Biblioteca Pública Municipal, somando mais de 40 mil volumes, os quais foram adquiridos por compra na Europa.

Desde os anos 1920, um grupo de intelectuais esteve envolvido na concepção da primeira biblioteca pública de São Paulo, e entre eles reuniam-se Mário de Andrade, Paulo Duarte, Sérgio Milliet, Rubens Borba de Moraes e Antônio de Alcântara Machado. Os esforços culminaram tanto na criação da atual biblioteca Mário de Andrade, quanto no Departamento de Cultura e Recreação da cidade de São Paulo.

No ano de 1942, foi inaugurado o atual edifício da biblioteca, localizado na rua da Consolação, nº 94, que foi concebido por Rubens Borba de Moraes e projetado pelo arquiteto francês Jacques Pilon. Considerado um exemplar da arquitetura *art déco* em São Paulo, foi reconhecido na categoria de bem cultural e tombado pelas autoridades de preservação histórica municipais através da Resolução SC-82, de 20 de agosto de 2013, pelo Conselho de Defesa do

Patrimônio Histórico, Arqueológico, Artístico e Turístico (Condephaat), órgão subordinado à Secretaria da Cultura do Estado de São Paulo (Sant’Ana, 2021).

Inicialmente, a intenção era estabelecer uma rede de bibliotecas públicas na cidade, cuja sede ficaria na rua da Consolação nº 94, local em que estaria a Seção de Obras Raras e Especiais de acordo com Moraes (2011). O acervo de Obras Raras, conforme Sant’Ana (2016), começou a ser organizado por Rubens Borba de Moraes em 1943, e seu propósito era “guardar” a Brasileira de Félix Pacheco. Questões políticas resultaram na saída de Rubens Borba de Moraes da direção da Biblioteca Pública Municipal, de forma que a seção foi criada apenas em 1945 e aberta ao público em 1946, durante a gestão de Sérgio Millet.

Naquele período, além da aquisição da Coleção de Félix Pacheco (1879-1935), que inclui uma grande quantidade de livros sobre a História do Brasil, a Seção de Obras Raras e Especiais foi se desenvolvendo principalmente através de doações de acervos de bibliófilos, estudiosos e intelectuais como Paulo Duarte (1899-1984), Antonio Batista Pereira (1880-1960), Herculano de Freitas (1865-1926) e Paulo Prado (1869-1943), que continham livros, manuscritos, obras de iconografia, periódicos e mapas (Sant’Ana, 2021).

Portanto, a formação e o desenvolvimento do acervo da Biblioteca Mário de Andrade, assim como sua história, estão intrinsecamente ligados aos intelectuais e bibliófilos que conceberam, projetaram e organizaram a instituição. Essa trajetória pode ser melhor compreendida ao longo da linha do tempo apresentada abaixo:

Quadro 1 - Histórico de criação da Biblioteca Mário de Andrade.

1925	Bibliotheca Municipal	Lei nº 2836, 25 de fev. 1925 (autoriza o presidente da câmara a reformar a biblioteca municipal)
1926	Fundação Da Biblioteca Pública Municipal de São Paulo	Acto nº 2, 23 mar. 1926 (regulamenta a biblioteca pública municipal). Localizada à Rua 7 de Abril
1936	Aquisição da Brasileira Félix Pacheco	Ato nº 1078, 4 de maio 1936 (através do mesmo ato são liberados recursos para a compra do terreno à Rua da Consolação)
1937	Acervo Biblioteca do Estado	Incorporação do acervo devido ao aumento de público
1942	Inauguração do Edifício Consolação nº 94	Rubens Borba de Moraes, direção; Jacques Pilon, arquiteto
1945	Criação da Seção de Obras Raras e Especiais	Sérgio Millet, direção
1946	Abertura da Seção ao Público	Sérgio Millet, direção
1960	Biblioteca Mário de Andrade	Homenagem ao primeiro secretário de Cultura

Fonte: Os autores, 2024.

Objetivo

Os objetivos gerais são contextualizar a formação do acervo da Seção de Obras Raras e Especiais da Biblioteca Mário de Andrade e identificar critérios de raridade bibliográfica.

Nesse contexto, os objetivos específicos a serem abordados são os seguintes:

- Contextualizar a formação histórica dos acervos que originaram a Seção de Obras Raras e Especiais a partir de acervos de bibliófilos;
- Identificar critérios de raridades bibliográficas pertinentes a edições censuradas ou condenadas do século XIX;
- Apresentar e analisar as marcas de proveniência e de propriedade na primeira edição da obra *Les fleurs du mal*, do autor Charles Baudelaire;
- Discutir edições censuradas como critérios de raridade bibliográfica.

Metodologia

Como metodologia, este estudo é identificado como uma pesquisa que utiliza análise exploratória e descritiva com o objetivo de possibilitar uma compreensão mais aprofundada do tópico em questão, e uma análise detalhada das questões relacionadas às marcas de proveniência em edição censurada de coleções de bibliófilos como critérios de raridade bibliográfica.

Conforme os parâmetros estabelecidos por Prodanov e Freitas (2013, p. 127), a categorização do estudo exploratório “visa a proporcionar maior familiaridade com o problema, tornando-o explícito ou construindo hipóteses sobre ele”, ao passo que a descritiva “expõe as características de uma determinada população ou fenômeno, demandando técnicas padronizadas de coleta de dados”.

Em relação ao método de coleta de dados será adotada a observação sistemática e o levantamento bibliográfico. De acordo com Prodanov e Freitas (2013, p. 104), são objetivos da observação sistemática “a descrição precisa dos fenômenos ou o teste de hipóteses. Nas pesquisas desse tipo, o pesquisador sabe quais os aspectos da comunidade ou do grupo que são significativos para alcançar os objetivos pretendidos; “já o levantamento bibliográfico é o processo que envolve a busca, identificação e seleção de fontes bibliográficas relevantes sobre um tema específico, e conforme os mesmos autores” (2013, p. 80) o levantamento bibliográfico é “um apanhado geral sobre os principais documentos e trabalhos realizados a respeito do tema escolhido, abordados anteriormente por outros pesquisadores para a obtenção de dados para a pesquisa”.

Grandes colecionadores e a formação do acervo

Sobre a formação dos acervos que compõem a primeira biblioteca pública municipal da cidade de São Paulo, Bandeira (2007, p. 28) afirma que Rubens Borba de Moraes “tratou igualmente de adquirir coleções de livros raros e preciosos de forma a enriquecer a [Coleção] Brasileira. Adquiriu não só livros raros vasculhados em livrarias, mas também coleções inteiras, como, por exemplo, a coleção de Félix Pacheco”. De acordo com a autora, esta coleção inclui livros, estampas e manuscritos, e a aquisição foi fundamental para suprir uma ausência que existia em São Paulo em relação a obras raras. Sobre Pacheco, Sant’Ana (2021, p. 117) afirma que ele foi eleito “para a Academia Brasileira de Letras em 1912, sendo reconhecido como introdutor, no Brasil, de traduções e estudos sobre Charles Baudelaire”.

Entre as coleções de bibliófilos que compõem o acervo da Seção de Obras Raras e Especiais, foram escolhidas para fins desse estudo as coleções de Félix Pacheco e Paulo Prado.

Paulo Prado, filho de Antonio da Silva Prado, o primeiro prefeito de São Paulo, e sobrinho de Eduardo Prado, um dos fundadores da Academia Brasileira de Letras, desempenhou papéis de advogado, fazendeiro e escritor. Além disso, Prado foi um dos idealizadores da Semana de Arte Moderna de 1922. Após seu falecimento, em 1944, sua família fez a doação de sua vasta coleção, a qual continha mais de seis mil volumes, abrangendo obras de História e de Literatura Francesa, livros significativos de artistas e manuscritos (Sant’Ana, 2021).

Dessa forma, pode-se constatar duas formas de aquisição, tanto por compra quanto por doação. A aquisição por compra da coleção de Félix Pacheco ocorreu em 1936, conforme citado anteriormente na introdução, e a coleção de Paulo Prado foi doada pela família após o falecimento do escritor.

Assim sendo, a incorporação dos acervos de colecionadores como Félix Pacheco e Paulo Prado na formação do acervo da Seção de Obras Raras e Especiais da Biblioteca Municipal de São Paulo representou um marco na preservação do patrimônio literário, salvaguardando em sua coleção obras únicas, manuscritos e registros históricos. Essas contribuições ressaltam a importância da colaboração entre colecionadores, bibliófilos, e instituições culturais na promoção do conhecimento e na preservação intelectual.

Identificação das marcas de proveniência e propriedade

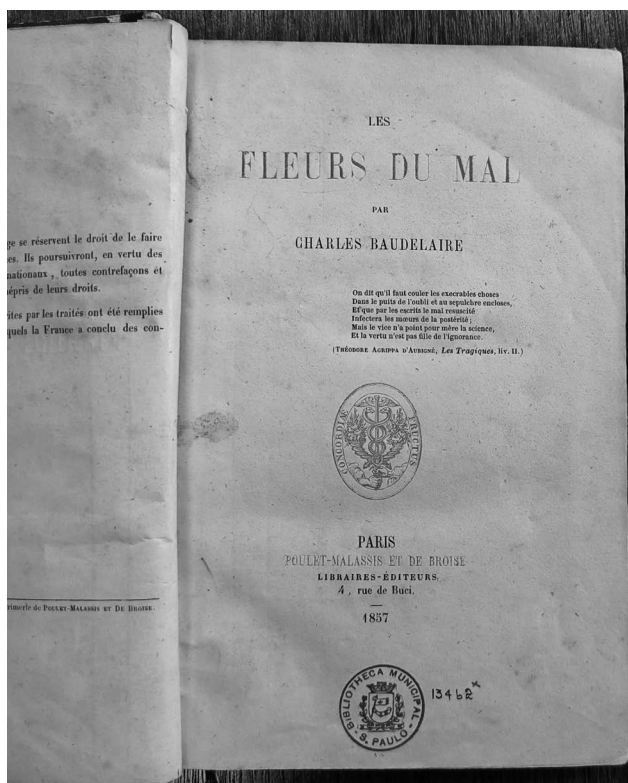
Conforme Azevedo e Loureiro (2019), os acervos privados carregam características de seus proprietários e podem ser considerados como objetos repletos

de memória que, em geral, concedem aos livros uma identidade, como no caso dos colecionadores citados anteriormente, quando estes são institucionalizados.

As diretrizes sobre as competências do profissional responsável por livros raros e coleções especiais da *International Federation of Library Associations* (IFLA, 2020), em seu capítulo introdutório, propõem uma reflexão sobre a materialidade das coleções especiais que compõem os acervos das bibliotecas. Nesse universo, o documento ressalta a importância do acervo como objeto em si, não apenas por seu conteúdo informativo, mas também por todo seu potencial histórico e cultural.

Nesse contexto, o presente estudo buscou identificar e analisar as marcas de proveniência e propriedade da primeira edição da obra *Les fleurs du mal*, de Charles Baudelaire, que encontra-se no acervo da Seção de Obras Raras e Especiais da Biblioteca Mário de Andrade relacionando ao seu histórico e incorporação ao acervo.

Figura 1 –Página de rosto



Fonte:Acervo da Biblioteca Mário de Andrade

Conforme Pinheiro, Von Helde e Pereira (2023, p. 177) as marcas de proveniência referem-se aos

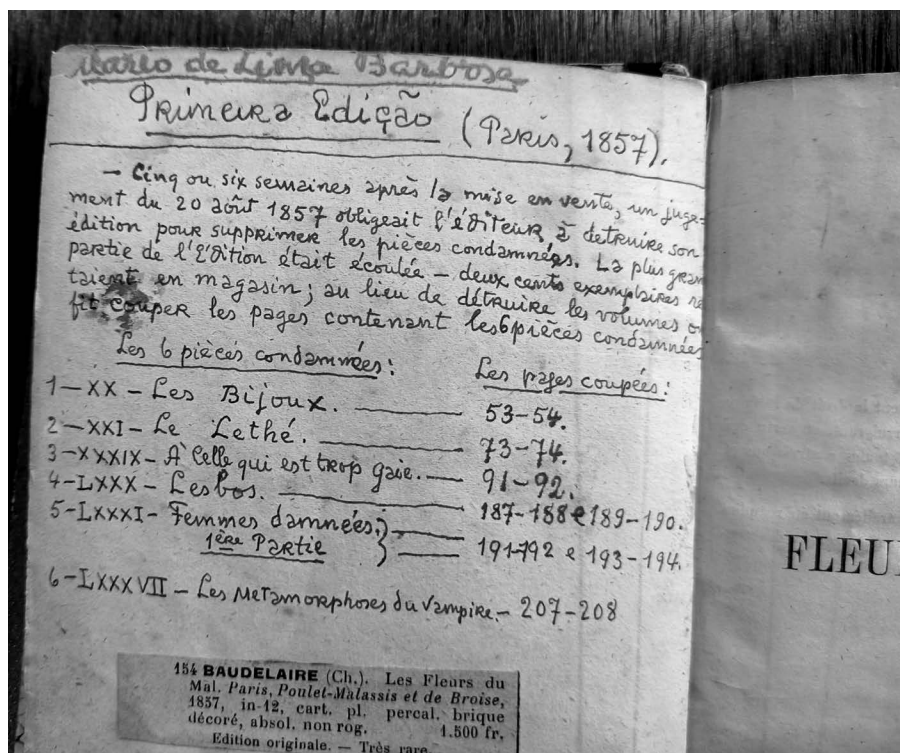
elementos que podem atestar a procedência, propriedade e trajetória de um livro ou documento por uma instituição e as práticas atribuídas ao livro ao longo do tempo, sob a forma de assinaturas, autógrafos, carimbos, ex-donos, ex-líbris, super libros, etiquetas, dedicatórias, entre outros.

De acordo com Faria e Pericão (2008, p. 483) no *Dicionário do livro: da escrita ao livro eletrônico*, são fornecidas definições relacionadas aos termos “marca de posse”, “marca de possuidor” e “marca de propriedade”. Esses conceitos fornecem significados que se relacionam com o termo “marca de proveniência”, apesar de possuírem terminologia diferente. No entanto, os significados desses termos apresentam correspondências, todos referindo-se à indicação ou identificação associada à posse ou propriedade de um objeto, no caso, um livro. Sendo a “marca de posse” definida por Faria e Pericão (2008, p. 483) como “elemento que se coloca no livro e que identifica o seu possuidor; marca de propriedade; nota de posse, por vezes iniciada pela expressão “sou de”, ver ex-libris, pertence, super libros; marca de propriedade”, Os mesmos autores, Faria e Pericão (2008, p. 483), também definem “marca de propriedade” como: “carimbo, etiqueta, selo branco ou outro distintivo, que identifica um documento como pertencente a um determinado particular ou instituição; marca de posse; pertence, marca pessoal”.

A partir das definições apresentadas por Pinheiro, Von Helde e Pereira (2023), e Faria e Pericão (2008), é possível observar que as marcas de proveniência são características importantes que auxiliam na identificação da procedência e propriedade dos documentos em acervos raros e coleções especiais. Embora os termos utilizados pelos autores possam variar, como “marca de posse” e “marca de propriedade”, as definições convergem para a mesma ideia ao indicar a posse ou propriedade do livro por parte de um determinado indivíduo ou instituição. Essas marcas, que podem incluir assinaturas, carimbos, ex-líbris, entre outros, constituem elementos que permitem compreender a trajetória e história dos livros, contribuindo para sua contextualização e documentação.

No texto publicado pela revista *Investigações*, editada pelo Departamento de Investigações da Polícia de São Paulo, em 1949, Sérgio Milliet – diretor da Biblioteca Pública Municipal naquele período – indica que a seção possui dois exemplares da primeira edição de *Les fleurs du mal* (1857) e, com base na análise das obras, afirma que um dos volumes pertenceu a um dos membros do tribunal, o sr. Nacquart, que condenou a obra à censura – o outro teria pertencido ao próprio poeta francês. De acordo com Milliet, o exemplar pertencente ao censor consta íntegro, com todas as páginas, enquanto aquele pertencente a Baudelaire foi amputado e encontra-se com a falta de duas páginas.

Figura 2 – Anotações manuscritas



Fonte: Acervo da Biblioteca Mário de Andrade

A análise dos exemplares teve como premissa o fascículo inicial do periódico *Investigações*. Posteriormente, os dois exemplares da edição de 1857 de *Les Fleurs du Mal* foram localizados e identificados no acervo da Seção de Obras Raras e Especiais da Biblioteca Mário de Andrade. Em seguida, foram minuciosamente identificadas todas as marcas de proveniência e/ou propriedade, bem como as características que agregam valor ao documento, como a encadernação e as gravações. Por último, todas as informações foram relacionadas a fim de refletir sobre os critérios de raridade bibliográfica que distinguem esses exemplares.

O exemplar amputado, que pertenceu ao bibliófilo Félix Pacheco, encontra-se encadernado em couro vermelho, com lombada gravada em dourado (autor, título e as iniciais C.B.), corte superior em dourado, ex-líbris de Félix Pacheco no verso da primeira capa. O verso da folha de guarda contém anotação manuscrita [Mário de Lima Barbosa], anotações manuscritas em azul com a lista dos poemas que foram censurados na edição, nota de raridade, que se trata de um recorte colado de catálogo de livraria, anotações manuscritas a lápis; a página de rosto, em vermelho e preto, contém vinheta — marca do tipógrafo —, carimbo [Bibliotheca Municipal S. Paulo] e número de tombo.

Figura 3 – Ex-líbris Felix Pacheco

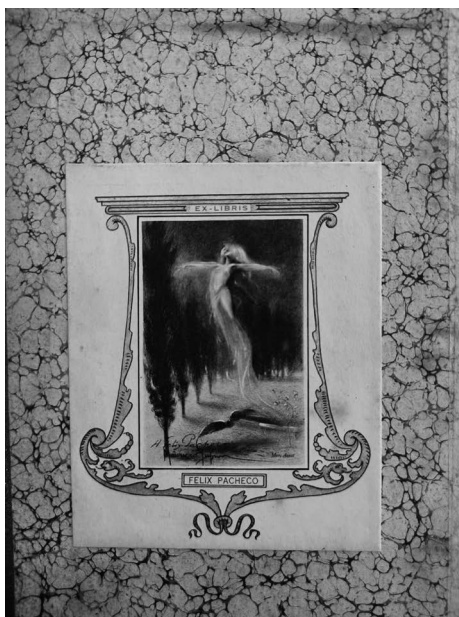


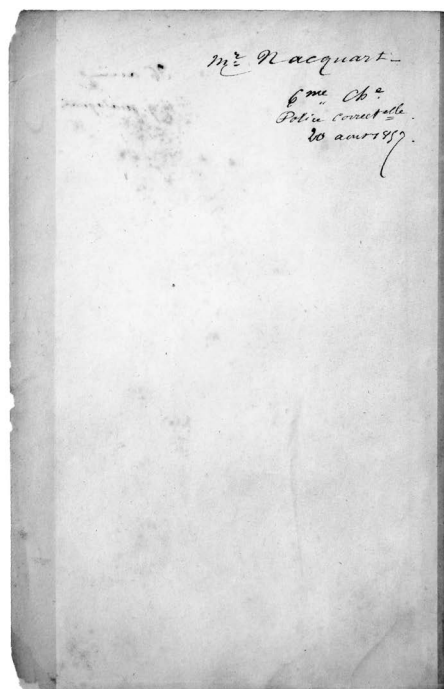
Figura 4 – Ex-líbris Paulo Prado



Fonte: Acervo da Biblioteca Mário de Andrade

Já o exemplar que pertenceu ao escritor e bibliófilo Paulo Prado encontra-se encadernado em couro com ornamentação gravada em baixo-relevo na primeira capa em dourado, lombada gravada em dourado (autor, título, local e data), cortes em dourado, encadernação assinada por [S.] David, etiqueta na lombada, folha de guarda em tecido e papel marmorizado, ex-líbris de Paulo Prado no verso da primeira folha de guarda, assinatura manuscrita no canto superior da primeira falsa página de rosto, assinatura manuscrita [Nacquart] na folha que antecede a segunda falsa página de rosto – frente e verso –, página de rosto em vermelho e preto com vinheta – marca do tipógrafo –, carimbo [Bibliotheca Municipal S. Paulo] e número de tombo. Índice com marcações dos poemas que foram censurados na página não numerada [249] e anotação manuscrita na página não numerada [252].

Figura 5 – Sr. Nacquart



Fonte: Acervo da Biblioteca Mário de Andrade

Desse modo, além do critério bibliográfico fundamental por serem edições clandestinas ou censuradas, é possível identificar que ambos os exemplares possuem identificação de seus colecionadores por meio de ex-líbris. Além das anotações manuscritas e assinaturas que podem estabelecer uma relação com a história do autor e o período de censura de seus poemas, um dos exemplares

possui uma encadernação assinada, o que pode caracterizá-lo como um exemplar de luxo.

Tabela 1 - Origens das marcas de proveniência dos exemplares censurados de *Les fleurs du mal*.

Coleção	Marcas Pessoais	Marcas Comerciais	Marcas Institucionais
Félix Pacheco	ex-líbris; anotações manuscritas; páginas ampu- tadas	nota de raridade; encadernação em couro vermelho; gravação da capa em dourado; corte superior em dourado; marca do tipógrafo	carimbo; nº tombo
Paulo Prado	ex-libris; assina- tura manuscrita	encadernação em couro com ornamentação; cortes em dourado; ass. de encadernação; folha de guarda em tecido e papel marmorizado; marca do tipógrafo	etiqueta lombada; carimbo; nº tombo

Fonte: Os autores, 2024.

De acordo com a análise das obras das coleções de Félix Pacheco e Paulo Prado, foi possível identificar algumas características comuns entre as marcas de proveniência e/ou propriedade, as quais podem ser separadas com base nas origens de cada marca, sendo divididas em: marcas pessoais, comerciais e institucionais. As marcas pessoais correspondem às identificações do próprio colecionador, como ex-líbris, anotações e assinaturas manuscritas. Por outro lado, as marcas comerciais correspondem às identificações de livreiros e informações que agregam valor monetário à obra, como encadernações assinadas, folhas de guarda ornamentadas e marcas do tipógrafo. Há ainda as marcas institucionais que se referem às identificações da origem da própria instituição, como carimbos e anotações de registro de tombamento.

Em relação aos critérios de raridade bibliográfica utilizados pela Biblioteca Nacional do Brasil, através do Plano Nacional de Recuperação de Obras Raras (Planor), Fróes (1995, p. 94-95) lista recomendações, que compreendem:

1. Primeiras impressões (séculos XV-XVI);
2. Impressões dos séculos XVII e XVIII (até 1720);
3. Edições de tiragens reduzidas;
4. Edições especiais, de luxo, para bibliófilos;
5. Edições clandestinas;

6. Obras esgotadas;
7. Exemplares de coleções especiais (regra geral, com belas encadernações e ex-líbris);
8. Exemplares com anotações manuscritas de importância (incluindo dedicatórias);
9. Em relação ao Brasil, sobretudo nos estados, a produção gráfica se desenvolve a partir do Segundo Reinado, por essa razão estende-se o conceito de obra rara até 1841.

A autora transcreve ainda recomendações da Biblioteca Nacional/Planor, em que se deve considerar os interesses específicos de cada biblioteca e/ou colecionadores. Classificar uma obra conforme esses padrões requer um embasamento bibliográfico, sendo necessário ter conhecimento da história do livro e outras fontes de informação.

Pinheiro (1989, p. 30-31) propõe recomendações metodológicas para formação de acervos raros:

3. valor cultural
 - 3.1 edições limitadas e esgotadas, especiais e fac-similares, personalizadas e numeradas, críticas, definitivas e diplomáticas;
 - 3.2 os assuntos tratados à luz da época em que foram pensados e escritos:
 - obras científicas que datam do período inicial de ascensão daquela ciência.
 - histórias de descobrimentos e de colonização;
 - teses;
 - obras impressas em circunstâncias pouco convenientes a esta arte, tais como guerra, seca, fome...
 - memórias históricas de famílias nobres e usos e costumes;
 - edições censuradas, interditas e expurgadas;
 - obras 'desaparecidas', face as contingências do tempo e da sorte;
 - edições populares, especialmente romances e folhetos literários, panfletos, papéis impressos, folhas volantes, etc.;
 - 3.3 edições de artistas renomados e/ou considerados na história das artes que representam tais como tipógrafos, impressores, editores, desenhistas, pintores, gravadores, etc.
 - 3.4 edições de clássicos, assim considerados nas histórias das literaturas específicas.

Dentro dessas diretrizes, os exemplares analisados abrangem sobretudo as recomendações que tratam de "edições censuradas, interditas e expurgadas".

A Seção de Obras Raras e Especiais da Biblioteca Mário de Andrade adota critérios de raridade bibliográfica que são discutidos por Sant'Ana (2001, p. 13-14):

Nível III: Livros editados até antes de 1801, qualquer que seja o local de publicação; Livros editados até antes de 1901 no Brasil, sobre o Brasil ou por autores brasileiros

(da chamada “coleção brasileira”); Livros editados até 1901 fora do Brasil, quando forem de literatura de viagem e primeiras edições de obras importantes ou em edições luxuosas; Livros editados após 1901, em primeira edição, quando forem de editores renomados e de escritores modernistas ou de vanguarda; e Livros artísticos ou de luxo, com tiragens limitadas e ilustrações originais.

Nível II: Livros publicados fora do comércio, por órgãos governamentais ou devido às leis de incentivo fiscal, desde que tenham algum interesse histórico, artístico ou literário; Livros raros reimpressos de forma fac-similar, que servirão de fonte de consulta, para preservação dos originais; Livros, mesmo recentes, dos quais só existam poucas cópias conhecidas, por qualquer motivo (destruição dos exemplares por desastre, acidente, perseguição moral ou política, etc.); e Livros publicados em formatos pouco usuais, especialmente aqueles com menos de dez centímetros de altura.

Nível I: Livros comuns.

A classificação dos livros em níveis pela Seção de Obras Raras e Especiais da Biblioteca Mário de Andrade reflete o reconhecimento não apenas da antiguidade, mas também da singularidade dos exemplares. Dentro desse contexto, destacam-se os livros que, embora recentes, possuem poucas cópias conhecidas devido a diferentes circunstâncias, como perseguições morais, políticas ou censura. Esses exemplares, mesmo sendo contemporâneos, podem ser considerados raros devido à importância histórica e cultural que representam.

Considerações finais

A Biblioteca Mário de Andrade é uma instituição que tem suas origens relacionadas com a história literária e cultural de São Paulo. Desde sua criação, quando era um acervo destinado a atender às necessidades da Câmara Municipal, até se tornar uma Biblioteca Pública, a BMA desempenhou um papel fundamental na preservação do patrimônio literário paulista.

As contribuições dos colecionadores como Félix Pacheco e Paulo Prado, entre outros, possibilitaram a formação do acervo da Seção de Obras Raras e Especiais e a preservação de exemplares que carregam a memória de seus proprietários. A identificação das marcas de proveniência e propriedade nos exemplares de *Les fleurs du mal* revela a sua trajetória ao longo do tempo.

As edições censuradas de *Les fleurs du mal*, de Charles Baudelaire, das coleções Félix Pacheco e Paulo Prado podem ser consideradas itens de raridade bibliográfica, pois além das especificidades das obras, adequam-se aos critérios já consolidados e adotados pela Biblioteca Nacional do Brasil, através do Plano Nacional de Recuperação de Obras Raras (Planor), destacados por Fróes (1995, p. 94-95):

Estas edições também podem ser consideradas raras em consonância com as recomendações metodológicas para a formação de acervos raros propostas por Pinheiro (1989, p. 31), quando indica que as edições censuradas compreendem os aspectos que descrevem o valor cultural da obra.

Primeiramente, as características identificadas nas obras dessas coleções, como marcas de proveniência e propriedade, são elementos que agregam valor histórico e cultural às obras. As marcas pessoais, como ex-líbris, anotações e assinaturas manuscritas, podem fornecer maior compreensão sobre a relação do colecionador com o livro, suas impressões e interpretações pessoais, o que pode ser de interesse para a pesquisa histórica e literária. Esses detalhes únicos podem ser raros e valiosos para a compreensão do contexto da época.

Além disso, as marcas comerciais, como identificações de livreiros e elementos que aumentam o valor monetário da obra, também contribuem para a raridade das edições. Encadernações assinadas, folhas de guarda ornamentadas e marcas do tipógrafo não apenas destacam a singularidade de uma cópia específica, mas também podem indicar a autenticidade e a proveniência da edição, tornando-a única e, portanto, rara.

Por último, as marcas institucionais, como carimbos e anotações de registro de tombamento, atestam a importância histórica dessas obras para instituições culturais e de patrimônio. Essas identificações indicam que as obras foram preservadas e valorizadas ao longo do tempo, o que aumenta sua importância como fonte de pesquisa.

Conclui-se que os critérios de raridade bibliográfica adotados pela Biblioteca Nacional do Brasil, por meio do Plano Nacional de Recuperação de Obras Raras, em consonância com as recomendações metodológicas propostas por Pinheiro (1989), permitem a identificação dos aspectos de raridade que caracterizam os exemplares de uma coleção. Um exemplo disso é a identificação de características únicas e históricas que os exemplares podem apresentar, como as marcas de proveniência e de propriedade, que agregam valor cultural e histórico a essas edições, tornando-as valiosas para a preservação da memória literária e cultural.

Referências

- AZEVEDO, F. C.; LOUREIRO, M. L. N. M. *Afinal, os objetos falam?* Reflexões sobre objetos, coleções e memória. ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, n. XX, ENANCIB, 2019.
- BANDEIRA, S. P. *O mestre dos livros*: Rubens Borba de Moraes. Brasília: Briquet de Lemos/Livros, 2007.
- BAUDELAIRE, Charles. *Les fleurs du mal*. Paris: Poulet-Mallassis et De Broise, 1857. 5 f., [5]-248 p., 2 f.

FARIA, M. I.; PERICÃO, M. da G. *Dicionário do livro: da escrita ao livro eletrônico*. São Paulo: Edusp, 2008.

FRÓES, R. C. *Obras raras no Brasil: estudo dos critérios de raridade bibliográfica, tratamento técnico e preservação das coleções*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1995.

IFLA – International Federation of Library Associations and Institutions. *Diretrizes sobre as competências do profissional responsável por livros raros e coleções especiais*. IFLA, 2023. Disponível em: <https://repository.ifla.org/handle/20.500.14598/2534>. Acesso em: 11 jun. 2025.

MORAES, R. B. de. *Testemunha ocular* (recordações). Brasília: Briquet de Lemos/Livros, 2011.

PINHEIRO, A. de S.; VON HELDE, Rosângela Rocha Von; PEREIRA, Sílvia Fernandes. *Glossário ilustrado de livros raros e acervos de memória*. Rio de Janeiro: Fundação Biblioteca Nacional, 2023. 239 p. Disponível em : https://objdigital.bn.br/objdigital2/acervo_digital/Livros_eletronicos/bndigital2607/bndigital2607.pdf. Acesso em: 25 mar. 2024.

PINHEIRO, A. V. *Que é livro raro?: uma metodologia para o estabelecimento de critérios de raridade bibliográfica*. Rio de Janeiro: Presença, 1989.

PRODANOV, C. C.; FREITAS, E. C. *Metodologia do trabalho científico: métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico*. 2. ed. Novo Hamburgo: Feevale, 2013.

REIPERT, H. J. *História da Biblioteca Pública Municipal Mário de Andrade*. São Paulo: Secretaria de Educação e Cultura, 1972.

SANT'ANA, R. B. A coleção Félix Pacheco na Biblioteca Mário de Andrade. *Livro*, São Paulo, n. 6, p.289-303, nov. 2016.

SANT'ANA, R. B. Coleções formadoras da Seção de Obras Raras da Biblioteca Mário de Andrade. *Anais da Biblioteca Nacional*, Rio de Janeiro, v. 138 – (2018), p. 113-129, 2021.

SANT'ANA, R. B. Critérios para a definição de obras raras. *Rev. Online Bibl.* Prof. Joel Martins, Campinas, v. 2, n. 3, p. 1-18, 2001.

Critérios de raridade na Biblioteca do Uruguai: um modelo em desenvolvimento

Gabriela Jaureguiberry Romanelli

Graduada em Biblioteconomia pela Universidad de la República. Chefe de departamento da Sala Uruguai e de Materiais Especiais da Biblioteca Nacional do Uruguai

José Debesa Guillén

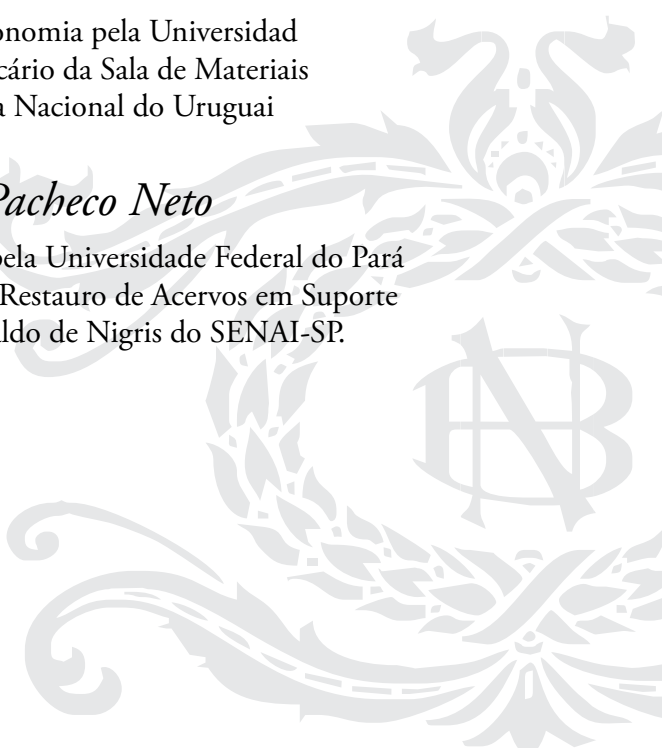
Graduado em Biblioteconomia pela Universidad de la República. Bibliotecário da Sala de Materiais Especiais da Biblioteca Nacional do Uruguai

Anilán Nieves González

Graduada em Biblioteconomia pela Universidad de la República. Bibliotecário da Sala de Materiais Especiais da Biblioteca Nacional do Uruguai

Antônio Pacheco Neto

Mestre em Antropologia Social pela Universidade Federal do Pará e especialista em Conservação e Restauro de Acervos em Suporte de Papel pela Escola Theobaldo de Nigris do SENAI-SP.





Resumo

Os critérios de raridade bibliográfica para itens dos séculos XIX e XX implicam desafios, por isso será gerado um modelo de acordo com a Biblioteca Nacional do Uruguai (BNU), levando em conta as instituições que estão trabalhando com critérios de raridade. Serão apresentados casos específicos de nossa coleção, assim como o tratamento para sua preservação, dado o valor dos documentos armazenados na Sala de Materiais Especiais.

Palavras-chave: Obras raras. Critérios de raridade. Bibliotecas nacionais. Preservação.

Abstract

The bibliographic rarity criteria for items from the 19th and 20th centuries imply challenges, hence a model will be generated according to the National Library of Uruguay (BNU) taking into account institutions that are working on rarity criteria for books. Specific cases from our collection will be presented, as well as the treatment for its preservation, given the value of the documents stored in Special Materials Room.

Keywords: Rare works. Rarity criteria. National libraries. Preservation.



Introdução

Este artigo tem como objetivo elaborar um modelo de critérios para a identificação de exemplares raros na coleção dos séculos XIX e XX e apresentar alguns dos tesouros mantidos pela Biblioteca Nacional do Uruguai (BNU). Para tanto, os critérios de raridade são questionados sob a perspectiva de país, instituição e seção, ao lado da análise da importância que cada item tem nesses aspectos. Também se propõe a gerar um guia de critérios específicos para a BNU, de modo a dar visibilidade aos seus materiais e a mostrar como se processa a preservação das obras referidas.

Neste artigo, são apresentados e analisados cinco exemplos da Sala de Materiais Especiais considerados relevantes.

Histórico

Em 26 de maio de 1816, a primeira biblioteca pública foi inaugurada no Forte de Montevideu, que servia como Casa do Governo (Ribeiro, 2021).

O padre naturalista e intelectual Dámaso Antonio Larrañaga (1771-1848) escreveu ao cabildo governador (instituição administrativa municipal), em agosto de 1815, sobre a necessidade de fundar uma biblioteca pública. Ele reforçou seu pedido com argumentos de validade universal: “As nações cultas sempre consideraram as bibliotecas como o sinal do esclarecimento público, o melhor apoio aos costumes e à liberdade...”. (Larrañaga, 1816).

Assim, José Gervásio Artigas, nosso herói nacional, ao tomar conhecimento do pedido, o aprovou.

Larrañaga, junto com outras personalidades, como o padre José Manuel Pérez Castellano, doou parte de sua coleção pessoal, além de se oferecer para ser o diretor. Esses livros doados constituem a primeira coleção da Biblioteca Nacional do Uruguai.

Os livros de Dámaso Antonio Larrañaga chegaram à coleção em dois momentos, em 1816 e a partir de 1848, por meio de doações de proprietários posteriores, embora muitos exemplares não sejam identificados hoje como tendo sido pertencentes a ele (Castellanos, 1949; Bajter, 2021).

A Biblioteca Nacional do Uruguai tem um departamento chamado Sala Uruguai e Materiais Especiais. Essas duas salas são algumas das que abrigam as obras mais valiosas da biblioteca, sejam por sua antiguidade, formato ou importância histórica e patrimonial.

A Sala de Materiais Especiais abriga livros estrangeiros, incunábulo, livros com iluminuras, relatos de viajantes, livros de arte, manuscritos históricos etc.

Além do material bibliográfico, possui uma grande coleção de fotografias, uma coleção de mapas com peças de grande antiguidade, uma importante pinacoteca, imagens, medalhas, moedas, partituras, folhas impressas, entre outros.

Em termos de pesquisa regional sobre o tema, destacam-se iniciativas para definir e caracterizar livros raros para sua identificação, como o Catálogo Coletivo do Patrimônio Bibliográfico Mexicano, o Plano Nacional de Recuperação de Obras Raras da Biblioteca Nacional do Brasil e o Programa Nacional de Bibliografia Colonial, Catálogo Nacional Unificado (Fernández Rojo, 2008).

No Uruguai, há estudos acadêmicos, como os trabalhos e teses “Lista de libros raros de la Biblioteca Nacional”, de 1987, e “Bibliotecas digitales de libros raros: una propuesta para la Biblioteca Central de Educación Secundaria de Uruguay”, de 2022, apresentados na Facultad de Información y Comunicación de la Universidad de la República.

Na BNU, não há precedentes para conceituar ou caracterizar livro raro, o que é atestado em regulamentos e indicações em que essa tipologia não aparece.

Vale considerar que os critérios de inclusão na Sala de Materiais Especiais baseiam-se em materiais de diferentes formatos (fotografias, placas, pôsteres, mapas etc.), e a inclusão de livros baseia-se em critérios temporais (antes de 1850) e geográficos (estrangeiros).

Coleções especiais e o conceito de livro raro

Coleções especiais podem ser definidas como a formação de uma unidade distintiva, fisicamente e/ou por tratamento específico, envolvendo material que, por seu formato e qualidades significativas, difere da coleção geral (Ezcúrdia y Vertiz, 1987; American Library Association, 2016; Azevedo; Pereira; Fernández Rojo, 2017; Thomas, 2022).

O exposto acima implica analisar o acervo de forma geral e detalhada, a fim de focar em sua preservação de maneira adequada, levando em conta vários riscos.

De acordo com Jones (2004), o fenômeno das Coleções Ocultas implica a invisibilidade de muitos itens, formando coleções que não estão disponíveis, sendo sua principal causa o não processamento ou o subprocessamento desses itens.

É importante definir com clareza e sem ambiguidade quais são as qualidades significativas a serem levadas em conta. O conceito de raridade evoluiu com diferentes significados de acordo com a época, o local, os interesses individuais e o contexto cultural, social e político.

McKitterick (2023) afirma que o termo livro raro aparece nos Países Baixos como “rari libri”, conforme evidenciado em um catálogo Delft do século XV.

No século XVIII, “[...] surgiu um interesse especial em certos livros que passaram a ser conhecidos como ‘raros e curiosos’” (Fernández Esquivel, 2009, p. 112).

Para Powell (1939, p. 98), definir um livro raro implica: “... alguma qualidade de antiguidade, escassez, importância para a pesquisa, beleza, o critério de associação que estabelece um livro...”.

Ademais, o valor do livro apresenta várias dimensões, pois é polissêmico, depende de uma sociedade que lhe atribui valor por meio de processos que o afetam e vêm de várias perspectivas. São identificados fatores intrínsecos e extrínsecos, constituídos, respectivamente, por qualidades físicas apreciáveis no livro e outras dadas por características contextuais (Martínez Rider, 2021).

Critérios de raridade

Cinco exemplos para a reformulação de critérios próprios são apresentados a seguir, como uma amostra.

Em primeiro lugar, Powell (1949) propõe critérios de tempo e geografia, levando em conta períodos históricos que ajudam a identificar a origem de uma obra. Ele também aponta os critérios de número de cópias publicadas, primeiras edições, associação por autoria ou autógrafos, importância estética do livro e valor monetário; livros valorizados pela imprensa local por sua importância; livros sujeitos à deterioração, devido à fragilidade ou ao perigo de mutilação.

O segundo conjunto de critérios é o da Seção de Livros Raros e Manuscritos da American Library Association [RBMS].

As pessoas valorizam os livros por seu conteúdo ou por suas características físicas. As primeiras edições de importantes obras literárias ou históricas e os primeiros relatos de descobertas ou invenções científicas são excelentes exemplos de livros que são importantes por seu conteúdo. Livros ilustrados que dão uma nova interpretação de um texto ou são obra de um artista estimado também são valorizados. Livros que foram suprimidos ou censurados podem ser importantes e escassos, pois poucos exemplares podem ter sobrevivido. Características físicas, como uma encadernação especial; o uso precoce de um novo processo de impressão; ou um autógrafo, inscrição ou anotações marginais de uma pessoa famosa; também podem contribuir para a importância e o preço de mercado de um livro.

(RBMS, 2011)

A terceira enumeração é retirada de Ana Virginia Pinheiro, que propõe os seguintes conceitos:

- 1 limite histórico;
- 2 aspectos bibliológicos;

- 3 valor cultural;
 - 4 pesquisas bibliográficas;
 - 5 características do exemplar
- (Pinheiro, 2009, p. 33).

Em quarto lugar, são levadas em conta as propostas de Jeremy Michael Norman, do site Historyofscience, que estuda e comercializa livros raros, manuscritos e gravuras sobre a história da ciência, da medicina e da tecnologia. Eles detalham:

- Escassez de cópias
 - Importância do conteúdo do livro
 - Características como um objeto físico
 - Contexto da publicação
 - Crítérios de associação (marcas que o relacionam a figuras ou eventos históricos)
 - Condição física do item.
- (Norman, 2019)

Em quinto lugar, estão as propostas da International Federation of Library Associations and Institutions (IFLA – Federação Internacional de Associações e Instituições Bibliotecárias) em suas “Diretrizes sobre as competências da equipe responsável por fundos antigos e coleções especiais”

- 1) valor de mercado;
 - 2) raridade e escassez;
 - 3) data e local de publicação;
 - 4) características físicas e intrínsecas;
 - 5. valor bibliográfico e de pesquisa (interesse histórico, cultural ou intelectual); e
 - 6) estado de preservação.
- (Ifla, 2020, p 6.)

Em sexto lugar, trazemos parte da entrevista com Analía Fernández Rojo, da Biblioteca Nacional Mariano Moreno da Argentina, na qual, em nossa opinião, são expostos conceitos relevantes na identificação da raridade bibliográfica:

[...] pertencente a uma pessoa que o doou, ou com anotações de uma pessoa importante ou historiador de cada cidade ou povoado, uma figura de destaque na história da comunidade, da cidade ou do país, ou que tenham ex-líbris, que tenham particularidades em sua encadernação, ou que o livro tenha pertencido a um período da história e que seja relevante apenas por ter pertencido a esse período da história, que tenha sido um livro de poucas impressões e que não se possa obter

versões desse livro em outro lugar. Há muitos critérios pelos quais se pode dizer que esse livro é raro [...]
(Fernández Rojo, 2021, p. 2).

A autora destaca a característica da importância geográfica em diferentes níveis, desde o local até o global.

Em último lugar, tomamos os critérios expressos na Ordem de Serviço 12/1984 da Fundação Biblioteca Nacional (FBN) do Brasil.

- a) todas as gravuras dos séculos XV, XVI – Incunábulos;
 - b) do século XVIII até 1720 (data limitada por espaço físico na então Divisão de Obras Raras da FBN);
 - c) obras publicadas no Brasil até 1841 (“Em relação ao Brasil, especialmente nos estados, a produção gráfica se desenvolve a partir do segundo reinado; por essa razão o conceito de obras raras se estende até 1841”);
 - d) edições de tiragens reduzidas;
 - e) edições especiais de luxo para bibliófilos;
 - f) edições clandestinas;
 - g) obras esgotadas;
 - h) exemplares de coleções especiais, geralmente com belas encadernações e ex-líbris;
 - i) exemplares com importantes anotações manuscritas, incluindo dedicatórias.
- (Helde; Pereira, 2023, p. 5)

A lista anterior é ampliada no texto de Rosângela Rocha Von Helde e Sílvia Fernandes Pereira (2023) pelo acréscimo de abordagens valiosas, como indicação de especialistas, a consulta a catálogos especializados, além de levar em conta interesses geográficos, primeiras impressões em nível local e regional e a edição por suas características, entre outros.

Todos esses critérios foram levados em conta na definição de nosso modelo.

Construção do modelo

Com base nas fontes já analisadas anteriormente, chegamos à definição de um modelo adequado para a BNU:

- Data e local de impressão: permitem estabelecer corretamente a origem de cada obra e auxiliar na sua identificação e avaliação.
- Existência limitada: devido a tiragens reduzidas ou numeradas e também devido a vários tipos de destruição de cópias (censura, desastres naturais ou causados pelo homem etc.).

- Características da edição, qualidades físicas no momento da impressão: tamanho, formato, tipos de material de fabricação, tipo de impressão, decoração etc.
- Características extrínsecas que foram adquiridas no exemplar ao longo do tempo: associação com eventos significativos, anotações de pessoas relevantes e histórico de propriedade.
- Valores atribuídos: cultural, patrimonial, temático, de pesquisa, de mercado, entre outros, gerados em diferentes níveis, regional, nacional ou local e por diferentes comunidades.

Modelos de critérios de identificação

Modelo de critérios de identificação				
Data e local de impressão:	Data e local de impressão:	Características da edição:	Características extrínsecas:	Valores atribuídos
Informações contidas no livro ou fontes a ele relacionadas	Absoluta	Elementos Materiais	Marcas de providência	Catálogos bibliográficos
	Relativa	Elementos textuais	Ex libris, super livros	Investigação histórica e cultural
			Carimbos, marcas de fogo	Participação de grupos interessados
			Marcas manuscritas	

Fonte: Elaboração própria.

Apresentaremos cinco exemplos analisados:

Galileo Galilei

Alla serenissima madama la duquesa de Toscana. / Galileo Galilei. Padova: Tipogr. Salmin, 1836. 205/2/p. 10 x 15 mm.

Exemplar número 21. Livro miniatura.

Galileo Galilei

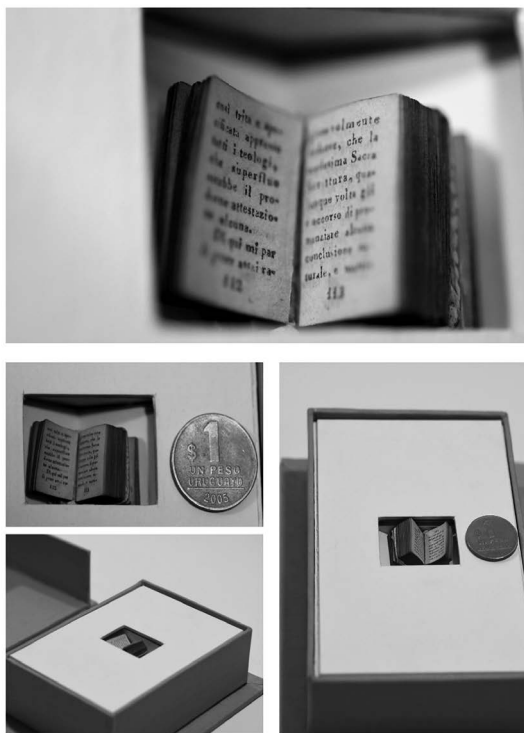


Foto: Anilán Nievas.

A carta original está na Biblioteca do Vaticano e foi escrita por volta de 1615 pelo astrônomo cientista e intelectual renascentista Galileu Galilei. Ela trata do problema da religião e da ciência, sendo um material com crítica textual e valor literário e até mesmo teológico. A carta é endereçada a uma de suas protetoras, a duquesa Cristina de Lorena.

| ANÁLISE

É considerada uma obra rara por ser uma cópia numerada e de pequena tiragem.

Edição curiosa, encadernada em pergaminho em um formato muito pequeno (1,5 x 1 cm), publicada em 1836 pela tipografia Salmin.

Valor cultural internacional atribuído ao autor e ao destinatário da carta.

Associação por doação: feita em 1987 pelo professor Armando Piroto (1907-1982), que foi um eminente bibliófilo uruguaio.

Nossa cópia está preservada em uma caixa feita sob medida com um berço de papelão livre de ácido, de fabricação própria.

Coleção Giovanni Battista Piranesi

Piranesi, Giovanni Battista, 1720-1778.

Opera / de Giambatista Piranesi. Parigi: Firmin Didot, 1835. 22 volumes:
Água-forte; 80x57 cm

Colección Giovanni Battista Piranesi



[Foto: Anilán Nievas.]

Giovanni Battista Piranesi nasceu em Veneza, em 1720, e morreu em Roma, em 1778. Foi um importante arquiteto, arqueólogo e gravador de paisagens de Roma, antiguidades romanas, prisões e fantasias arquitetônicas, obtendo um reconhecimento que o coloca entre os maiores gênios da gravura de todos os tempos.

Morreu aos 58 anos de idade e seu filho Francesco continuou seu trabalho e, quando ele morreu, as placas foram adquiridas pela empresa francesa Firmin Didot.

A BNU possui praticamente toda a obra, 1180 gravuras, encadernada em 22 volumes.

| ANÁLISE

Edição limitada, poucos exemplares com alto valor cultural e de mercado.

Excelente estado de conservação, preservado em um armário de metal feito sob medida com dispositivo de medição de temperatura e umidade.

Em 1868, foi adquirido por mais de 100 personalidades da esfera política e cultural do Uruguai, que conseguiram obter a edição da firma parisiense Firmin Didot e a doaram a BNU.

Folhas grandes de papel de algodão, 80x57 cm. Encadernação de luxo. Técnica de gravura em água-forte.

Em 2020, por ocasião do 300º aniversário do nascimento do autor, a BNU prestou-lhe homenagem com a exposição de algumas de suas obras.

Coleção Alexander von Humboldt

Viage a las regiones equinocciales del nuevo continente, hecho en 1799 hasta 1804 / por Al. De Humboldt, A. Bonpland continuación indispensable al ensayo político sobre el reino de la Nueva España por el mismo autor. París: Rosa, 1826. 5 t. : mapas; 19 cm.

Assinatura pessoal de Dámaso Antonio Larrañaga.

Colección Alexander von Humboldt

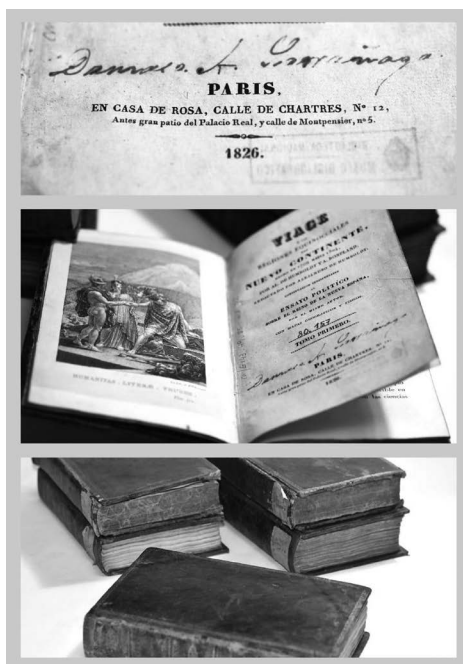


Foto: Anilán Nievas.

Alexander von Humboldt (1769-1859) nasceu e morreu na Alemanha e foi um importante naturalista que, através de suas viagens pela América do Sul, desenvolveu os primeiros estudos que mais tarde formaram as bases para os conceitos de ecologia e ecossistema.

| ANÁLISE

Apresenta marca de propriedade: assinatura manuscrita nos volumes 1 e 3 do Padre Dámaso Antonio Larrañaga, fundador da BNU.

Atende ao critério de associação por ser uma doação do doutor José P. Varela (Montevideú, 1874 - Montevideú, 1950), ex-reitor da Universidade da República.

- Cortes marmorizados.
- Valor patrimonial e cultural.
- Valor de pesquisa.

Jornal La estrella del sur = The southern Star

La estrella del sur = The southern Star (may./jul. 1807). Montevideo: Real Imprenta de la Estrella del Sur, 1807.

Periódico La estrella del sur = The southern Star



Foto: Anilán Nieves.

Primeiro jornal publicado em Montevideu durante a ocupação britânica da cidade. Os britânicos o usaram como meio de promover o livre comércio e incentivar a lealdade à coroa britânica.

Inclui notícias gerais e anúncios.

Preservado em uma caixa de papelão livre de ácido, feita sob medida pela própria instituição.

Restauração, aplicação de enxerto nas bordas do anverso e do reverso das folhas, realizando a reintegração do suporte em papel japonês Bulberry.

| ANÁLISE

Primeiro jornal publicado em Montevideu com a particularidade de ser bilíngue.

Sua chegada é anterior à tipografia da Cidade de Montevideu (ou Imprensa da Carlota, que chegou do Rio de Janeiro com tipos semelhantes aos da “Impressão Régia” e administrada por tipógrafos portugueses), em 1810 (Rocca, 2021).

De importante valor histórico, com tiragem limitada, pois seu período de existência foi inferior a um ano, e escassa, pois restam poucos exemplares atualmente.

Imprensa La Galatea

Imprensa La Galatea



Foto: Anilán Nieves.

Em 2010, a BNU recebeu a doação da máquina de impressão La Galatea, pertencente ao casal de escritores José Pedro Díaz e Amanda Berenguer. Eles faziam parte da geração de 45, grupo de autores uruguaios que se destacaram entre os anos 1945-50 e marcaram um fenômeno social, cultural e político que influenciou a identidade intelectual do país.

Os autores instalaram a máquina em sua casa e reproduziram algumas das obras de intelectuais da época, como Carlos Maggi, Carlos Real de Azúa, Mario Benedetti, Ida Vitale, Idea Vilariño, Líber Falco, Armonía Somers, entre outros (Alzugarat, 2022).

Essa máquina de impressão do tipo Minerva “Liberty” com pedal, de origem alemã e datada de 1902, imprimiu em dois períodos, que são detalhados a seguir.

Publicações do 1º período da Galatea (século XX)

Os livros impressos têm uma qualidade de associação com seus impressores (o casal Díaz-Berenger), bem como com a comunidade para a qual seus livros foram reproduzidos (obras de intelectuais da geração de 45), com valor cultural e patrimonial.

Publicações da 2ª época da Galatea (século XXI)

A referida impressora permaneceu em exposição como peça de museu até 2021. Nesse mesmo ano, La Galatea voltou a ser o centro das atenções, pois foi decidido restaurá-la para que pudesse voltar a imprimir.

O projeto foi confiado à oficina Caja Baja e, até o momento, quatro obras foram reproduzidas com uma tiragem reduzida de 50 cópias numeradas.

| ANÁLISE

Edição limitada e numerada.

Impressas em máquinas de tipos móveis dos séculos XIX e XX (anacrônicas), o que as torna exemplares raros.

Sua produção artesanal se reflete nas características físicas do livro (impressão, encadernação e tipo utilizado).

As bibliotecas nacionais preservam a memória cultural de um país, criam comunidades, fomentam a pesquisa e são agentes essenciais para o desenvolvimento (Jaureguiberry; Debesa; Nievas, 2023).

Preservação

Esforços são feitos para manter políticas de conservação preventiva, aplicando padrões específicos baseados na norma ISO 11799 adequada aos diferentes suportes.

O material em formato de papel é controlado com temperatura e umidade relativa adequadas, usando desumidificadores e dispositivos de medição. Nos

casos em que é detectada uma área friável, os livros são restaurados e uma caixa personalizada é feita com papelão sem ácido.

Desde 2007, temos uma câmara projetada para armazenar fotografias. Todo o material desse espaço é preservado com guardas de papel e caixas de papelão livre de ácido.

Pôsteres, cartões-postais, gravuras e mapas antigos são encapsulados com um material transparente e inerte chamado Mylar, facilitando seu manuseio e conservação.

Tal como a BNU tem uma política de preservação, também digitalizamos documentos que podem ser visualizados no site institucional, no qual temos repositórios que incluem mais de 100 mil objetos digitais, de modo a disseminar e preservar nossa coleção.

Considerações finais

Entendemos que produzir uma análise de raridade bibliográfica é uma oportunidade de revalorizar a coleção, gerando melhores instâncias na descrição do material, bem como sua conservação e divulgação.

Pelos critérios mencionados, além da análise dos exemplares, é importante a utilização de catálogos e guias especializados, sendo também recomendável o envolvimento de diferentes atores da sociedade e da pesquisa.

Sem dúvida, esse é um trabalho que está apenas começando e que pode contribuir para outras instituições e para a comunidade como um todo.

O papel das bibliotecas depende, em parte, do papel do profissional bibliotecário encarregado de gerenciar e tornar visíveis os tesouros de sua coleção para satisfazer as necessidades da comunidade de usuários que atende.

Referências

ALZUGARAT, A. *Historia de La Galatea*. Montevideo: Biblioteca Nacional de Uruguay, 2022.

AMERICAN LIBRARY ASSOCIATION. *Guidelines on the selection and transfer of materials from general collections to special collections*. 2016. Disponível em: <http://www.ala.org/acrl/standards/selctransfer>. Acesso em: 19 out. 2023.

AZEVEDO, Fabiano Cataldo de; PEREIRA, Diná Marques; FERNÁNDEZ ROJO, Analía. Proyecto de aproximación a la situación actual de las colecciones especiales en bibliotecas de Latinoamérica. In: *El patrimonio bibliográfico en América Latina y el Caribe: desafíos y perspectivas*. Buenos Aires: BNMM, 2017.

BAJTER, I. Biblioteca, common place. In: *Revista de la Biblioteca Nacional*, Montevideo, n. 17, p. 23-52, 2021.

CASTELLANOS, A. La biblioteca científica del Padre Larrañaga. *Revista Histórica*, Montevideo, v. 16, n. 46-48, p. 589-626, 1949.

EZCURDIA Y VERTIZ, M. *Las colecciones especiales*. México: SEP, Dirección General de Bibliotecas, 1987.

FERNÁNDEZ ESQUIVEL, Rosa Maria. *Los impresos mexicanos del siglo XVI: su presencia en el patrimonio cultural del nuevo siglo*. 2008. Dissertação (Doutorado em Bibliotecología y Estudios de la Información) – Universidad Nacional Autónoma de México, Cidade do México, 2009.

FERNÁNDEZ ROJO, Analía. Catálogo Nacional Unificado: catálogo colectivo de libros antiguos existentes en Argentina. In: Encuentro Nacional de Catalogadores, 1., 2008. *Anais...* Buenos Aires: BNMM, 2008.

FERNÁNDEZ ROJO, Analía: Entrevista. Colecciones bibliográficas especiales: el Catálogo Nacional Unificado de la Biblioteca Nacional “Mariano Moreno”. Entrevistadores: Ángela Paladino, Micaela Villalba, Matías Miguel. *Palabra clave*, La Plata, v. 11, n. 1, p. 148-148, 2021.

HELDE, Rosângela R.; PEREIRA, Sílvia F. Critério de raridade bibliográfica no Brasil: uma diversidade sistematizada. In: Encuentro Nacional de Instituciones com Fondos Antiguos y Raros, 6., 2023. *Anais...* Buenos Aires: BNMM, 2023. Disponível em: <https://www.bn.gob.ar/resources/files/vonhelde-ernandespereira-texto.pdf>. Acesso em: 11 ago. 2023.

HELDE, Rosângela R.; PEREIRA, Sílvia Fernandes; PINHEIRO, Andréa de Souza (org.). *Glossário ilustrado de livros raros e acervos de memória*. Rio de Janeiro: Fundação Biblioteca Nacional, 2023. Disponível em: https://objdigital.bn.br/objdigital2/acervo_digital/Livros_eletronicos/bndigital2607/bndigital2607.pdf. Acesso em: 11 fev. 2024.

IFLA [INTERNATIONAL FEDERATION OF LIBRARY ASSOCIATIONS AND INSTITUTIONS]. *Competency guidelines for rare books and special collections professionals*. 2020. Disponível em: <https://www.ifla.org/publications/node/93544>. Acesso em: 12 out. 2023.

JAUREGUIBERRY, G.; DEBESA, J.; NIEVAS, A. La Biblioteca Nacional del Uruguay y su fondo antiguo. In: Encuentro Nacional de Instituciones com Fondos Antiguos y Raros, 6., 2023. *Anais...* Buenos Aires: BNMM, 2023. Disponível em: <https://www.bn.gov.ar/resources/conferences/libros-antiguos-y-raros/presentaciones/9-Jaureguiberry,%20Debesa,%20Nievas.pdf>. Acesso em: 9 out. 2023.

JONES, Barbara M. Hidden collections, scholarly barriers: creating access to unprocessed special collections materials in America's Research Libraries. *RBM: a journal of rare books, manuscripts, and cultural heritage*, [S.l.], v. 5, n. 2, p. 88-105, sep. 2004. Disponível em: <https://rbm.acrl.org/index.php/rbm/article/view/230>. Acesso em: 9 jul. 2023.

LARRAÑAGA, D. A. *Oración inaugural que en la apertura de la Biblioteca Pública de Montevideo*. Montevideo. 1816.

MARTÍNEZ RIDER, Rosa Maria. El valor de un libro. In: ORTEGA, J. (org.). *El valor social de la información y las bibliotecas*. México: UNAM. Instituto de Investigaciones Bibliotecológicas y de la Información, 2021. p. 35-57.

MCKITTERICK, D. *La invención de los libros raros*. Tradução Márgara Averbach. Buenos Aires: Ampersand. 2023.

NORMAN, J. History of Science. *Tradiciones y cultura del coleccionismo: ¿Qué es un libro raro?*. 2009. Disponível em: <https://www.jnorman.com/>. Acesso em: 9 jul. 2023.

PINHEIRO, A. V. Glossário de codicologia e documentação. In: *Anais da Biblioteca Nacional*, Rio de Janeiro, n. 115, p. 123-213, 1995.

PINHEIRO, A. V. Livro raro: antecedentes, propósitos e definições. In: *Ciência da Informação: múltiplos diálogos*. Marília: Oficina Universitária Unesp, 2009. p. 31-44. Disponível em: https://www.marilia.unesp.br/Home/Publicacoes/helen_e%20book.pdf. Acesso em: 4 out. 2023.

POWELL, L. The functions of rare books. *College & Research Libraries*, Chicago, v. 1, n. 1, p. 97-103, dec. 1939.

POWELL, L. Rare book code. *College & Research Libraries*, Chicago, v. 10, n. 3, p. 307-308, jul. 1949.

RBMS [RARE BOOKS AND MANUSCRIPT SECTION]. *Your old books*. RBMS. 2011. Disponível em: <https://rbms.info/yob/>. Acesso em: 15 out. 2023.

RIBEIRO, A. Una ilustre asamblea de ingenios literarios. In: *Revista de la Biblioteca Nacional*, Montevideo, n. 17, p. 7-21, 2021.

ROCCA, P. *Historias tempranas del libro: impresores, textos, libreros en el territorio oriental del Uruguay 1807-1851*. Montevideo: Linardi y Risso, 2021.

THOMAS, Lynne M. Special Collections on a Shoestring: A Survey of Non-ARL Libraries Servicing Rare Book Collections. *RBM: a journal of rare books, manuscripts, and cultural heritage*, [S.l.], v. 23, n. 2, p. 75, nov. 2022. Disponível em: <https://rbm.acrl.org/index.php/rbm/article/view/25695>. Acesso em: 5 out. 2023.

A Brasileira da Companhia Editora Nacional no acervo da Biblioteca Central do Museu Nacional/UFRJ

Leandra Pereira de Oliveira

Bibliotecária-documentalista do Museu Nacional/UFRJ e
mestre em Ciência da Informação pelo IBICT/UFRJ

Edson Vargas da Silva

Bibliotecário-documentalista do Museu Nacional/UFRJ e
especialista em Documentação Científica pelo IBICT

Vânia Melo da Rocha de Jesus Alves

Bibliotecária-documentalista do Museu Nacional/
UFRJ e mestre em Biblioteconomia pela Unirio





Resumo

Esta pesquisa objetiva investigar a Brasileira da Companhia Editora Nacional em busca de elementos que subsidiem a raridade bibliográfica no acervo da Biblioteca Central do Museu Nacional/UFRJ. Para isso, o estudo caracteriza-se como exploratório, documental e empírico por se configurar em um cenário de particularidades da Biblioteconomia de Livros Raros aliada à História Natural. Considerando como pano de fundo o contexto histórico, social e político do início do século XX, que propiciou o surgimento de tal empreendimento editorial.

Palavras-chave: Coleção Brasileira; Companhia Editora Nacional; Biblioteca Central; Museu Nacional.

Abstract

This research aims to investigate Brasileira from Companhia Editora Nacional, in search of elements that support the bibliographic rarity in the collection of the Central Library of the National Museum/UFRJ. To this end, the study is characterized as exploratory, documentary and empirical as it is configured in a scenario of particularities of Rare Book Librarianship combined with Natural History. Considering as a background, the historical, social and political context of the beginning of the 20th century that led to the emergence of such an editorial enterprise.

Keywords: Brasileira Collection; National Publishing Company; Central Library; National museum.



Introdução

A biblioteca central do Museu Nacional, pertencente à Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), como todas as bibliotecas de reconhecida importância e precioso acervo, teve originalmente a formação por meio de doações espontâneas de pessoas ilustres e instituições de destaque na história do país e do mundo, favorecendo a reunião de obras clássicas ao longo da história do Museu Nacional.

Especializada em Ciências Naturais e Antropologia, é possível localizar no acervo itens da coleção Brasileira da Companhia Editora Nacional, tendo em vista que esse foi um empreendimento editorial que trouxe traduções de narrativas sobre o Brasil escritas por viajantes estrangeiros (Rodrigues, 2012). Por isso, o estudo objetiva investigar a Brasileira em busca de elementos que subsidiem a raridade bibliográfica no acervo da biblioteca central do Museu Nacional/UFRJ.

Companhia Editora Nacional: uma abordagem histórica

Para pensar a raridade dos livros publicados pela Coleção Brasileira, o estudo se volta para o momento que o mundo e, conseqüentemente, o Brasil vivia à época.

O mundo passava por transformações geopolíticas. A Primeira Guerra Mundial era o pano de fundo, vivia-se um momento de vários questionamentos e inquietações, tais como: a luta pelo voto das mulheres, pelos direitos dos trabalhadores, a Revolução na Rússia, a criação de sindicatos, entre outros, o que naturalmente se refletia no Brasil. Tivemos aqui a revolta tenentista, o movimento dos trabalhadores, o primeiro centenário da independência do Brasil e a famosa Semana de Arte Moderna.

O Brasil passou pela República Velha, dividida em dois momentos: a República da Espada, por conta da tomada do poder pelos militares, e a Oligarquias, conhecida também como período café com leite, onde quem mandava eram os governos de São Paulo e Minas Gerais, que se revezavam no poder central por sua força na produção cafeeira.

Politicamente, começaram a aparecer no país lideranças fascistas que se instalaram em vários estados brasileiros, muitos eram adeptos da política de branqueamento da população brasileira com a segunda onda de incentivo à imigração, que tinha como base a teoria da eugenia.

De certa forma, é um cenário perfeito para justificar a tomada do poder em 1930 por Getúlio Vargas, que se utilizou de vários desses fatores para chegar ao Poder Executivo, lá ficando por 15 anos, de 1930 a 1945.

Partindo da década de 1930, em que temos como marco a criação, em 1931, da *Brasileana* pela Companhia Editora Nacional, encontra-se o Brasil num contexto econômico desafiador, devido aos impactos da crise de 1929 em todo o mundo, sobretudo nos países do chamado Terceiro Mundo, exportadores de *commodities* e importadores de produtos finais. Afinal, o Brasil tinha uma economia baseada nas exportações de café. São Paulo liderava a produção do grão e Minas tinha também uma participação importante. Em relação aos produtos industrializados, o país importava quase tudo o que consumia, e era totalmente dependente de países do chamado Primeiro Mundo (Cano, 2012).

Com a falta de vários produtos, Getúlio Vargas, que havia tomado o poder destituindo o presidente Washington Luís (1926-1930), estendeu exatamente a bandeira da industrialização, adotando-a conforme a orientação internacional uma política de substituição às importações. Essa fragilidade política foi alicerçada ainda nas revoltas tenentistas ocorridas durante a década de 1920, em que ocorreram as manifestações e greves operárias e a insatisfação de parcelas da população brasileira (Cano, 2012).

Aumentaram os movimentos culturais, notadamente o editorial no Rio de Janeiro e em São Paulo, e a diversificação de eventos, como os de cunho modernista. O parnasianismo, o simbolismo e o regionalismo perdem força para obras com uma dimensão mais cosmopolita e internacional (Cano, 2012).

Cita-se a Semana de Arte Moderna de fevereiro de 1922, da qual participaram artistas e literatos como Anita Malfatti, Brecheret, Di Cavalcanti, Mário de Andrade, Oswald de Andrade, M. del Picchia, Graça Aranha, Guilherme de Almeida, Ronald de Carvalho. O movimento é ampliado posteriormente com a poesia de Carlos Drummond de Andrade, a arquitetura de G. Warchavchik, a pintura de Tarsila do Amaral, a música de Noel Rosa, as propostas para a reforma do ensino de Anísio Teixeira, e outros vultos culturais da década de 1930, a saber: Caio Prado Júnior, Sérgio Buarque de Holanda, Gilberto Freire, Plínio Salgado, José Lins do Rego, Jorge Amado, Rachel de Queiroz, Flávio de Carvalho, Lúcio Costa, Oscar Niemeyer etc. (Cano, 2012).

Sintetizando as circunstâncias que conceberam três das mais importantes coleções de assuntos brasileiros editadas na denominada Era Vargas estavam a *Brasileana* (série da Biblioteca Pedagógica Brasileira), a *Documentos Brasileiros*, de 1936, da Editora José Olympio e a *Biblioteca Histórica Brasileira*, de 1940, da Livraria Martins Editora (Rodrigues, 2012).

A Companhia Editora Nacional foi fundada em 1925 com o capital restante da falida Companhia Gráfico-Editora Monteiro Lobato, e da venda de uma casa lotérica que Octalles Marcondes Ferreira possuía em sociedade com Monteiro Lobato. O criador do Sítio do Pica-Pau Amarelo, além de autor, também foi editor e tradutor, e responsável por variadas inovações na indústria do livro, como a importação de novas tecnologias de impressão e uma transformação nas dinâmicas de distribuição (Rodrigues; Miranda; Toledo, 2015).

Octalles Marcondes, o *big boss*, como era conhecido, foi engrenagem fundamental para o início dessa grande e emblemática editora, e destacou-se como um dos nomes que fizeram a indústria editorial brasileira, e também esteve à frente de uma editora que publicou os grandes clássicos das letras no Brasil. Octalles comandava a editora em São Paulo, enquanto Monteiro Lobato cuidava da filial carioca e escreveu até se mudar para os Estados Unidos em 1927 para ocupar o cargo de adido comercial brasileiro. Ele teve problemas com a bolsa de valores em 1929, vendendo suas ações da Companhia Editora Nacional para o irmão de Octalles, Themístocles Marcondes. Ao retornar ao Brasil no ano seguinte ficou na condição de autor e tradutor da empresa (Rodrigues; Miranda; Toledo, 2015).

O primeiro livro editado pela nova casa foi a tradução de *Meu cativo entre os selvagens brasileiros*, de Hans Staden, em 1927, na coleção Brasil Antigo, adaptado no mesmo ano por Monteiro Lobato e reeditado em 1932, 1934 e 1944 na coleção Biblioteca Pedagógica Brasileira com o título *Aventuras de Hans Staden* (Rodrigues; Miranda; Toledo, 2015).

Sobre a linha editorial, em 1931, a coleção foi lançada logo após a Revolução de 1930 e a criação do Ministério da Educação. O projeto “Biblioteca Pedagógica Brasileira” foi criado e dirigido com cinco séries - por 25 anos pelo educador Fernando de Azevedo, depois substituído pelo historiador Américo Jacobina Lacombe -: I) Literatura Infantil, cujo primeiro volume foi “Reinações de Narizinho”, de Monteiro Lobato; II) Livros Didáticos; III) Atualidades Pedagógicas; IV) Iniciação Científica e V) Brasiliana.

Observando os catálogos de livros da Companhia Editora Nacional na década de 1930, nota-se que a editora optou pela publicação de coleções, caracterizando-se por livros com grandes tiragens e relativamente baratos. O presente estudo destaca a “Brasiliana, Série V”, que reeditava vários autores nacionais e estrangeiros, e direcionava-se aos profissionais de ensino, alunos da graduação e público em geral interessado na discussão de questões referentes ao Brasil (Rodrigues; Miranda; Toledo, 2015).

Entre os títulos de autores já consagrados naquele período estão *A escravidão africana no Brasil*, de Evaristo de Moraes, *Viagem ao Araguaia*, de Couto de Magalhães, e *Evolução do povo brasileiro*, de Oliveira Viana. Também foram lançadas obras inéditas, como *Raça e assimilação*, de Oliveira Viana, *Os africanos no Brasil*, de Nina Rodrigues, *Dom Pedro II*, do Visconde de Taunay, *Mocidade e exílio*, de Rui Barbosa etc. Em adição, também publicaram obras de viajantes estrangeiros, como Saint-Hilaire, Spix e Martius.

Idealizada por Octalles Marcondes, a quinta série da Biblioteca Pedagógica Brasileira, Brasiliana, compõe-se por 387 volumes, acrescida de 25 da série Grande Formato e de dois da Série Especial (Brasiliana, 2023).

A editora tinha outras duas linhas editoriais voltadas para histórias de aventura e para moças, que se estenderam até a década de 1980. Mas, já nesse período,

mantinha-se apenas com reimpressões, e não com novos títulos. Além disso, em meio à crise mundial, Octalles Marcondes ampliou o negócio ao comprar a Editora Civilização Brasileira, fundada em 1929. Foi o principal selo para atingir o público de leitores adultos, dirigido pelo médico e etnólogo Artur Ramos, e posteriormente, na década de 1960, por Ênio Silveira, genro do *big boss*.

Na década de 1940, a empresa de Octalles Marcondes sofreu impactos de alguns problemas, como a reforma promovida pelo ministro da Educação, Gustavo Capanema, que estipulou novas regras, por lei, para publicação de livros didáticos, o que acabou por estimular os professores-autores a deixarem seus empregos e abrirem sua própria empresa, a Editora do Brasil. E, por fim, a saída de um importante colaborador, Artur Neves, que fundou com outros a Editora Brasiliense. Mesmo com as novas concorrências, o ápice da Companhia Editora Nacional foi nos anos de 1950, quando aumentou seus negócios ao investir em livros para o ensino superior, manter os títulos já existentes e criar a Biblioteca Universitária.

Falecido em 1973, os herdeiros de Marcondes venderam a empresa para o governo. Em 1980, o Instituto Brasileiro de Edições Pedagógicas (IBEP), especializado em edições de livros didáticos e paradidáticos, promoveu o relançamento de títulos de destaque no catálogo da Companhia Editora Nacional, rebatizada como Editora Nacional.

Em 2025, completará seu centenário de nascimento. Por isso, a Editora está planejando a comemoração em uma nova fase, em termos de *branding*¹ e estruturação de catálogo.

O Projeto Brasiliana e a Brasiliana na Base Minerva da UFRJ

Por estar a biblioteca fechada devido à reforma total do prédio, com o acervo acondicionado em caixas e guardado em diferentes depósitos desde janeiro de 2020, o presente estudo está endossado pelas pesquisas realizadas na Brasiliana Eletrônica e na base Minerva, ambas administrados pelo Sistema de Bibliotecas e Informação (SiBI) da UFRJ. Isso porque algumas bibliotecas da UFRJ contribuíram emprestando livros para a concretização do projeto, além de professores-pesquisadores também ajudarem.

A Brasiliana Eletrônica contou com apoio da Secretaria de Educação à Distância do Ministério da Educação, da Financiadora de Estudos e Projetos (Finep), da Fundação Carlos Chagas de Apoio à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro (Faperj) e da Fundação José Bonifácio, e também com a parceria entre a Companhia Editora Nacional, sendo viabilizado pela UFRJ com o propósito

1. *Branding* é o nome dado a estratégias de gestão de uma marca com o objetivo de torná-la mais conhecida, agregando valor e fazendo com que seja cada vez mais desejada (Sebrae, 2022).

de “disseminar entre a população um precioso acervo de conhecimentos sobre o Brasil e uma das mais fecundas reflexões sobre a nossa terra e a nossa gente”.

No presente momento, o site disponibiliza para consulta online e *download* 415 títulos de 439 volumes publicados originalmente entre os anos de 1931 e 1993 de autores brasileiros e estrangeiros (Brasiliiana, 2023).

Cinco bibliotecas da UFRJ, incluindo o Museu Nacional, e quatro pesquisadores, emprestaram de seus acervos 437 volumes para digitalização e disponibilização na Brasiliiana Eletrônica. Estatisticamente, foram digitalizadas 15.8204 páginas de 273 autores (Brasiliiana, 2023).

Em uma pesquisa geral realizada na base Minerva, a Brasiliiana aparece em aproximadamente 21 bibliotecas da UFRJ. Contudo, nenhuma delas possui a coleção completa, e tampouco se completam entre si. O maior número de registros se concentra nas bibliotecas CFCH, IFCS, MN, FCC, EBA-OR, FL e FND, e aproxima-se dos 415 títulos quando reunidas no projeto Brasiliiana Eletrônica.

Quadro 1: Registros/volumes da Brasiliiana nas bibliotecas da UFRJ

Sigla	Biblioteca	Registros	Volumes
CCJE	Centro de Ciências Jurídicas e Econômicas	3	4
CCMN	Centro de Ciências Matemáticas e da Natureza	4	3
CCS	Centro de Ciências da Saúde	1	2
CELIN	Centro de Documentação de Línguas Indígenas	11	11
CFCH	Centro de Filosofia e Ciências Humanas	214	471
COPPEAD	Instituto de Pós-Graduação e Pesquisa em Administração	1	1
CT	Centro de Tecnologia	2	0
CT-OR	Biblioteca de Obras Raras do CT	6	6
EBA	Escola de Belas Artes	1	1
EBA-OR	Biblioteca de Obras Raras da EBA	121	139
EM	Escola de Música	4	5
FCC	Fórum de Ciência e Cultura	174	218
FL	Faculdade de Letras	113	149

Sigla	Biblioteca	Registros	Volumes
FND	Faculdade Nacional de Direito	80	2
IFCS	Instituto de Filosofia e Ciências Sociais	190	291
IPPUR	Instituto de Pesquisa e Planejamento Urbano e Regional	2	4
IPUB	Instituto de Psiquiatria	1	1
MN	Museu Nacional	180	300
PPGAS	Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social	7	2
PPGG	Programa de Pós-Graduação em Geografia	21	26
XISTO	Pólo de Xistoquímica	1	2

Na base Minerva foram recuperados 890 registros nas bibliotecas que compõem o SiBI, usando o termo *Brasiliana* na busca básica. Desses, apenas 672 registros pertencem à coleção *Brasiliana* da Companhia Editora Nacional. Sob o termo *Biblioteca Pedagógica Brasileira, Série 5. Brasiliana*, temos 266 registros.

Especificamente na biblioteca central do Museu Nacional, foram recuperados aproximadamente 383 registros com o termo *Brasiliana* e 180 registros para *Biblioteca Pedagógica Brasileira, Série 5*.

O estudo ocupou-se da análise comparativa entre os títulos recuperados na base Minerva e os publicados pela Companhia Editora Nacional, destacando que muitos dos itens recuperados na pesquisa bibliográfica com o termo *Brasiliana* não devem fazer parte da coleção, podendo ser registros duplicados e, em alguns poucos casos, são títulos baixados.

Primeiras considerações

Com o estudo foi possível identificar no acervo da biblioteca central do Museu Nacional os títulos da *Brasiliana* da Companhia Editora Nacional, e, com isso, fazer uma reflexão sobre os critérios de raridade para obras produzidas no século XX a partir de uma perspectiva histórica. Isso, porque a raridade não deve ser atrelada apenas à antiguidade da obra e às características do livro, como belas encadernações e tiragem.

Nessa direção, percebe-se um mundo passando por grandes transformações que se refletiam diretamente no Brasil e no mercado editorial que estava surgindo

e se consolidando. A fundação da Companhia Editora Nacional, em 1931, e consequentemente a criação da Brasileira, consistem em uma fonte de referência para interessados em autores nacionais e estrangeiros que se debruçaram sobre o Brasil do passado e do presente naquela época.

Outras inúmeras iniciativas do gênero se seguiram, tais como as coleções Documentos Brasileiros, da Editora José Olympio, Azul, da Editora Schmidt, Reconquista do Brasil, da Editora Itatiaia, Memória Brasileira, da Melhoramentos, Corpo e Alma do Brasil, da Difel, Dimensões do Brasil, da Vozes, Retratos do Brasil, da Civilização Brasileira, e mais recentemente da Companhia das Letras.

Deve-se destacar que embora o Brasileira Eletrônica informe que todos os títulos tenham sido publicados, dos 439 estão disponíveis só 437.

Ressalta-se que o título *Rondônia*, de Roquette Pinto, pertencente à coleção Brasileira, foi originalmente publicado no periódico *Arquivos do Museu Nacional*, em 1917, e depois em 1919 pela *Imprensa Nacional*, por ordem do Museu Nacional.

Diante do exposto, percebe-se que a importância histórica da Brasileira é indiscutível para a memória do país e está alicerçada no tripé da seleção de obras raras que aponta para o raro, único e precioso. Embora os títulos publicados na coleção Brasileira ainda existam em algumas bibliotecas e com alguns colecionadores, deve-se levar em conta a dificuldade de se encontrar as primeiras edições e a qualidade ruim do papel de impressão da época.

Por fim, aponta-se a dificuldade de se reunir em uma única biblioteca da UFRJ todos os títulos publicados pela coleção Brasileira. Dessa forma, o estudo pode ter outros usos, auxiliando inclusive na aquisição futura dos volumes que estão faltando para formar uma coleção completa da Brasileira pelo Museu Nacional.

Referências

BRASILIANA Eletrônica UFRJ. Rio de Janeiro, 2023. Disponível em: <http://brasilianadigital.com.br>. Acesso em: 14 set. 2023.

CANO, Wilson. Da década de 1920 à de 1930: transição rumo à crise e à industrialização no Brasil. *Economia*, Brasília, DF, v. 13, nº 3b, p. 897-916, set./dez. 2012. Disponível em: https://www.anpec.org.br/revista/vol13/vol13n3bp897_916.pdf. Acesso em: 14 set. 2023.

PINHEIRO, Ana Virginia. Os cimélios bibliográficos da biblioteca do Museu Nacional. In: OLIVEIRA, Leandra Pereira de; MENEZES, Mariângela; ALVES, Vânia M. R. de Jesus. *Catálogo de obras raras do Museu Nacional*. Rio de Janeiro: Museu Nacional, 2022. Disponível em: <https://pantheon.ufrj.br/handle/11422/20148>. Acesso em: 27 ago. 2023.

RODRIGUES, Cristina Carneiro. Brasileira e reconquista do Brasil: projetos editoriais de traduções. *Revista Letras*, Curitiba, nº 85, p. 219-230, jan./jun. 2012. Disponível em: <https://repositorio.unesp.br/handle/11449/122317>. Acesso em: 14 set. 2023.

RODRIGUES, Jaime; MIRANDA, Marcia Eckert; TOLEDO, Rita de Almeida. O acervo da Companhia Editora Nacional. *Revista de Fontes*, São Paulo, v. 2, nº 3, p. 61-69, 2015. Disponível em: <https://doi.org/10.34024/fontes.2015.v2.9379>. Acesso em: 14 set. 2023.

SEBRAE. *Branding: tudo o que a sua empresa precisa saber*. Mato Grosso: SEBRAE-MT, 2022. Disponível em: https://sebrae.com.br/sites/PortalSebrae/ufs/mt/conteudo_uf/branding-tudo-o-que-a-sua-empresa-precisa-saber,7dd8713f2535d710VgnVCM100000d701210aRCRD. Acesso em: 14 set. 2023.

Avelar Brotero e o primeiro livro jurídico

Maria Lucia Beffa

Bacharel em Biblioteconomia pela UNESP/Marília, mestre pela Faculdade de Direito da USP, chefe técnica da Biblioteca da Faculdade de Direito da USP e integrante do Grupo de Estudo e Pesquisa em Patrimônio Bibliográfico e Documental

Luciana Maria Napoleone

Bacharel em Biblioteconomia e Documentação pela Escola de Comunicações e Artes da USP, supervisora da Seção de Biblioteca do TRF da 3ª Região e integrante do Grupo de Estudo e Pesquisa em Patrimônio Bibliográfico e Documental





Resumo

Análise do primeiro livro didático jurídico escrito para a Academia de Direito de São Paulo. São abordados aspectos históricos sobre o autor da obra, o lente José Maria de Avelar Brotero, e referências à obra ao longo da história. São analisados os dois exemplares existentes no acervo da Biblioteca da Faculdade de Direito da USP sob os aspectos das marcas de proveniência e de uso. Além da análise desses elementos extrínsecos, seus aspectos intrínsecos também são analisados para demonstrar os elementos que caracterizam a raridade bibliográfica.

Palavras-chave: Compêndio jurídico, Brasil. Academia de Direito, São Paulo. Bibliografia material. Marcas de proveniência bibliográfica. Raridade bibliográfica.

Abstract

An analysis of the first legal textbook written for the São Paulo Law Academy. Historical aspects about the author of the work, the professor José Maria de Avelar Brotero, and references to the work throughout history are discussed. The two copies in the collection of the USP Law School Library are analyzed from the point of view of provenance and usage marks. In addition to the analysis of these extrinsic elements, their intrinsic aspects are also analyzed to demonstrate the elements that characterize bibliographic rarity.

Keywords: Legal compendium, Brazil. Academy of Law, São Paulo. Material bibliography. Bibliographic provenance marks. Bibliographic rarity.



Introdução

Os cursos jurídicos foram criados para funcionar provisoriamente no Brasil pelo Decreto de 9 de janeiro de 1825, de acordo com a previsão no art. 179, § 33 da Constituição de 1824. No ano de 1827, são fundados dois cursos jurídicos pelo imperador conforme a Lei de 11 de agosto, um a ser instalado em Olinda e o outro em São Paulo, conforme relatam Martins e Barbuy (1999).

O artigo 1.º da Lei, além de apontar os locais onde serão instalados os dois cursos de ciências jurídicas e sociais – São Paulo e Olinda –, estabelece a duração do curso em cinco anos, com nove cadeiras. A primeira cadeira, do primeiro ano, era “*Direito natural, público, Analyse de Constituição do Império, Direito das gentes, e diplomacia*”.

O curso em São Paulo efetivamente se iniciou com a aula magna proferida pelo primeiro lente, José Maria de Avelar Brotero,¹ no dia 1º de março de 1827. O professor Brotero também ficou com a cadeira do primeiro ano, e conforme os estatutos do visconde de Cachoeira, Luís José de Carvalho e Melo, o lente poderia, não havendo manual ou compêndio para ensinar, escrever o seu próprio manual, observando as normas.

Art. 7.º - Os Lentes farão a escolha dos compendios da sua profissão, ou os arranjarão, não existindo já feitos, com tanto que as doutrinas estejam de accôrdo com o systema jurado pela nação. Estes compendios, depois de aprovados pela Congregação, servirão interinamente; submettendo-se porém á aprovação da Assembléa Geral, e o Governo os fará imprimir e fornecer às escolas, competindo aos seus autores o privilegio exclusivo da obra, por dez annos. (Brasil..., 1827)

O compêndio é um “livro de texto escolar”, um manual, uma “obra, geralmente destinada ao ensino, na qual se expõem, sucintamente, os princípios de uma ciência ou arte”. E lente era o professor do curso jurídico, “nome dado ao professor universitário que tradicionalmente lia a *lectio* ou fazia o comentário do texto no ensino medieval” (Faria; Pericão, 2008, p. 182, 435).

É nesse diapasão que Brotero escreve o compêndio *Princípios de Direito Natural* para ensinar a matéria ministrada no primeiro ano do curso jurídico em São Paulo. A principal justificativa e motivo para determinar que se trata de uma obra rara é a sua significação histórica para a história do Direito no Brasil.

1. Para este trabalho foi adotada a grafia do nome do autor com uma letra “l”, ou seja, José Maria de Avelar Brotero, embora haja documentos com a grafia com duas letras “l” (Avellar).

Metodologia

A metodologia utilizada é o estudo exploratório, qualitativo, que inclui a análise da bibliografia material do primeiro manual ou compêndio, como eram nomeadas as obras didáticas para ensinar o Direito. Uma pesquisa, não exaustiva, foi realizada nas principais bibliotecas jurídicas nacionais e estrangeiras para verificar a existência de outros exemplares da obra. Também foi realizada uma pesquisa com finalidade exemplificativa para demonstrar a obra ao largo da história na literatura nacional.

Além dos docentes da Faculdade de Direito da USP, observa-se que, ainda hoje, outras universidades buscam na obra de Brotero justificativas, argumentos e fonte para estudos atuais, numa clara demonstração que caracteriza a grande longevidade científica das fontes na área jurídica.

José Maria de Avelar Brotero

Avelar Brotero nasceu em Lisboa em 17 de fevereiro de 1798 (Brotero, 1932). Cursou Direito pela Universidade de Coimbra, formando-se em 1819.² Ele deixa Portugal e vai se fixar nos Açores (Pesso, 2023, p. 90), onde se casa com Ana Dabney, filha do cônsul americano.

A 3 de novembro de 1825 chega ao Rio de Janeiro com a família. Logo após a chegada à corte, Brotero recebeu designação para lecionar num curso universitário que ainda não existia oficialmente, isto é, era um projeto que estava em discussão. A necessidade de criar os cursos jurídicos para estruturar o Estado recém-independente era muito importante – o curso ou uma universidade era premente para o momento político da nova nação. Logo, por meio do Decreto de 6 de outubro de 1826, Brotero foi nomeado lente para o curso de Direito (Viotti, 1998), ou seja, antes mesmo da vigência da Lei de 11 de agosto de 1827, que criou os cursos jurídicos.

Para Reale (1956) a falta de uma bibliografia de autoria de Brotero, antes de sua obra *Princípios de Direito Natural*, “que justificasse aquele ato de tão rara e honrosa confiança”, ou seja, ser nomeado como o primeiro lente de Direito da nação, encontra guarida num “bafejo” do dr. Mamede,³ seu tio do lado materno e médico do Paço Imperial.

Na sessão de 8 de julho de 1845, o deputado Rodrigues dos Santos é manifestamente um admirador de Brotero. Em seu discurso defende que Brotero mesmo “sendo estrangeiro e viajando pela América, passou pelo Rio de Janeiro;

2. Viotti (1998, p. 10), na sua obra sobre o Conselheiro Brotero, afirma que ele se formou em Direito em 1820.

3. As pesquisas realizadas para descobrir o nome completo do doutor Mamede resultaram negativas.

houve quem informasse ao governo de então talentos e da condição do Dr. Brotero o governo quiz aproveitá-lo” (Brasil..., 1881, p. 86).

O deputado Francisco Souza Martins durante a discussão sobre a aposentadoria de Brotero conta que leu a obra e que não é “destituído de mérito; mas a camara dos Srs. deputados não adoptou o seu compêndio; logo, não fez um juízo favorável a respeito do seu mérito litterario” (Brasil..., 1881, p. 89).

Brotero chegou a São Paulo no dia 13 de fevereiro de 1828, e sua chegada foi noticiada no jornal *O Farol Paulistano*, pelo redator. Sobre o início do curso jurídico, este representava “complemento da nossa independência de Portugal” (*O Farol...*, 1828a, p. [363]).

Com o início do curso em São Paulo, Brotero tornou-se o primeiro lente da Academia de Direito,⁴ acumulando por muitos anos – 43 anos mais exatamente – a função de lente, secretário e diretor interino. Assim, no ano de 1827, em 12 de outubro, foi designado para reger a cadeira de Direito Natural para o primeiro ano. De acordo com Reale (1956, p.196) “daí por diante timbrou em ser o mais rigoroso cumpridor dos deveres do magistério, até jubilar-se aos 22 de novembro de 1871”.

A aula magna para abertura do curso em São Paulo foi proferida por Brotero, que era o único lente contratado até aquele momento, conforme muito mencionado na bibliografia sobre a história da Faculdade de Direito de São Paulo, como, por exemplo, em *O Farol Paulistano* (Nogueira, 1907, Vampré, 1924).

Imagem 1 – Retrato de José Maria de Avelar Brotero.



Fonte: Arquivo Museu FDUSP; Heloisa Barbuy. Pintor: não tem assinatura. Data da obra: 1908. Material e técnica: óleo sobre tela. Dimensões: aprox. 78 x 62 cm (chassis).⁵

4. Academia de Direito era o nome também dado à Faculdade de Direito, isto é, aos cursos jurídicos criados pelo Decreto de 11 de agosto de 1827. O termo “academia” foi incorporado a partir de 1831.

5. De acordo com a professora Heloísa Barbuy, seguem as informações sobre o retrato de José Maria de Avelar Brotero. Pintor: não tem assinatura. Pode-se aventar uma atribuição a Felisberto Ranzini,

Traços do autor

A historiografia relata que Brotero era uma pessoa de personalidade muito forte. São muitas as histórias de seus “destemperos”, criando a expressão “brote-radas” para esses rompantes. Para Reale (1956, p. 201), Brotero era um homem naturalmente “ríspido e agressivo, convencido no fundo de sua superioridade intelectual, e excêntrico”. Apesar desse traço psicológico descrito por Reale, nas leituras realizadas durante os anos de exercício profissional não se encontrou nenhum autor que citasse uma manifestação de Brotero sobre o destino de sua obra. Mesmo no seu “Livro Mestre”, publicado muitos anos após sua morte por um neto, Brotero não registrou nenhuma nota sobre a não aprovação de seu compêndio.

No “Livro Mestre”, o primeiro fato narrado é o nascimento do seu primeiro filho que ocorreu em 1831, porém há relatos de 1827, 1829, 1830, 1831, 1833, 1835 etc. As referências existentes nesse “diário” são anteriores e posteriores à fatídica decisão da Comissão de Instrução Pública, na qual não é mencionada a decisão sobre seu compêndio.

Almeida Nogueira (1907, p. 9), ao abordar as desavenças entre o lente e o diretor José Arouche de Toledo Rendon, afirma que muitas das reclamações do diretor a respeito do lente eram relevadas pelo “alto merecimento” de Brotero, e por isso o governo procurava contemporizar. Noutra passagem também citada por Almeida Nogueira (1907, p. 13), Rendon afirma, ao mencionar os problemas com Brotero, que “vivo no maior desgosto e continuamente insultado por um estrangeiro [...]”.

Outro memorialista da Faculdade de Direito, o professor Spencer Vampré (1977, p. 63), descreve Brotero como “curiosa figura” e de “carater irrequieto, e belicoso, [que] suscitou logo antagonismos, e lutas escandalosas” com o primeiro diretor, José Arouche de Toledo Rendon, e também com o segundo lente contratado para a Academia de Direito, Baltazar da Silva Lisboa. Ainda para Vampré (1924, p. 69), o lente Brotero tinha um “gênio rixoso [que] lhe suscitava contínuas inimizades entre os lentes”.

Brotero aceitou o repúdio a seu livro, mas perdeu o “tom jovial e confiante que animara” (Reale, 1956, p. 203), e dedicou-se às tarefas de secretário, de

que pintou os primeiros retratos da Galeria dos Diretores em 1908, mas ainda não foram feitos exames nesse sentido. Trata-se de um retrato em busto, baseado no retrato de corpo inteiro (este de autoria de Angelo Agostini), que desde 1865 compunha a Galeria de Retratos do antigo Salão Nobre, o que indica a semelhança entre ambos. Histórico: o retrato foi encomendado pelo diretor Dino Bueno para colocação no Gabinete do Diretor, com o intuito de fazer justiça ao professor Brotero, que, embora nunca tenha sido nomeado diretor da Faculdade, esteve à sua frente como primeiro professor, como vice-diretor em exercício por muitos períodos, e como secretário por mais de 30 anos. Ao todo, prestou sólidos serviços à Faculdade de Direito por 45 anos. O retrato foi inaugurado na sala de trabalho do diretor, em 26 de dezembro de 1908, logo após reunião da Congregação, na presença de seus membros.

lente e de diretor interino. Anos depois do seu infortúnio com sua primeira obra, Brotero publicou outros livros e inclusive uma peça de teatro em 1845 com o título de *Tumulto do povo em Évora 1635, drama em tres actos*.

A figura do primeiro lente da Faculdade de Direito de São Paulo deixou um personagem marcante na origem da criação dos cursos jurídicos com seu método de ensino e seu comportamento.

O compêndio *Princípios de Direito Natural*

O compêndio *Princípios de Direito Natural* foi escrito para atender à demanda de ensino da Faculdade de Direito de São Paulo e o resultado foi fruto das lições proferidas nas aulas da Academia (Silva, 2007, p. 13).

Brotero (1829, p. 285) se valia de muita franqueza ao afirmar que as “lições eram prontas á noite para servir de manhã, e que estas notas eram parte, ou fundamento da explicação, que fiz em Aula” [...]. O conteúdo da obra, segundo o próprio autor (idem, p. 429), fazendo uma citação em francês no rodapé, afirma que é “um conjunto das regras morais extraídas da natureza do homem”. Informação publicada por *O Farol Paulistano*, em 23 de agosto de 1828, revela que o diretor José Arouche de Toledo Rendon comunicou ao ministro do Império José Clemente Pereira que Brotero já

preparou e adotou o compêndio de que se serve nas lições do 1º ano: advertindo porém que lhe cumpre participar logo o compêndio que escolher, ou arranjar, para ser presente à Assembleia Geral Legislativa, a fim de poder esta aprová-lo, se o julgar conveniente. (*O Farol...*, 1828d, p. 584)

Nesta notícia pode-se aferir que enquanto preparava seu próprio livro para usar no curso, ele valeu-se de algum outro manual.

Em suas notas autobiográficas, transcritas por seu neto Frederico de Barros Brotero (1932, p. 45), ele registrou em seu “Livro Mestre” que no dia 12 de dezembro de 1828, “(via Director)” recebeu ordem do imperador para enviar o compêndio para a corte a fim de publicá-lo. Brotero logo em seguida, em 21 de dezembro, envia o primeiro e segundo capítulos. Em 1º de janeiro de 1829, ele envia o terceiro e parte do quarto capítulo, e informa que ainda faltam os capítulos “5, 6, 7 matérias de contractos e officios”.

No Arquivo da Faculdade de Direito, em algumas correspondências, há registros sobre a publicação do compêndio, como, por exemplo, na correspondência enviada pelo ministro José Clemente Pereira ao diretor José Arouche de Rendon, em 26 de novembro de 1828, solicitando que fosse remetido o compêndio “apresentado pelo Dr. Brotero” para “ser aqui impresso, se não poder concluir-se ahi a sua impressão com a brevidade necessária.”

O empenho de Brotero em escrever seu compêndio estava pautado no art. 7º da Lei de 11 de agosto de 1827, como mencionado anteriormente. Para cumprir o estabelecido no artigo da lei, Brotero apresenta, em 1829, sua primeira obra de Direito Natural, que tem importância histórica especialmente para a área do Direito, pois se trata do primeiro livro didático brasileiro para ensinar o Direito Pátrio.

Para a publicação, Brotero teve o apoio do ministro José Clemente Pereira. Ele enviou cartas ao ministro do Império para tratar da publicação, e numa das correspondências pedia que o ministro se manifestasse sobre a obra; em outra, solicitava que a obra fosse impressa gratuitamente em razão de sua situação financeira. Sobre a manifestação do ministro acerca da qualidade da obra, não há menção em nenhuma das correspondências pesquisadas, e nada foi encontrado na literatura sobre o tema. Quanto à publicação, como a impressão se deu pela Tipografia Imperial e Nacional, o pedido, conforme desejado pelo autor, deve ter sido atendido.

Na Sessão de 28 de maio de 1830, o secretário da Assembleia dos Deputados informa o oferecimento do compêndio feito por José Maria de Avelar Brotero, o qual “foi recebido com agrado” (Brasil...1878, p. 252) e remetido à Comissão de Instrução Pública.

Para divulgar o resultado de seus esforços, Brotero faz publicar em *O Farol Paulistano*, em 21 de março de 1829, um anúncio mostrando que seu compêndio *Princípios de Direito Natural* se achava à venda na loja do senhor D. Thomaz Molina. Noutro anúncio, no mesmo jornal, em 22 de agosto, aparece o valor cobrado pelo Compêndio, 3,800 (O Farol..., 1829a, p. 862; 1989b, p. 1072).

Se por um lado, pelo menos no início, contou com o apoio do ministro do Império, por outro não lhe faltou detrator. Seu maior crítico foi o deputado e médico baiano José dos Santos Lino Coutinho, como veremos a seguir.

Críticas ao Compêndio

A princípio, Brotero teve o apoio do ministro do Império, mas as críticas daqueles que analisaram sua obra foram muito ácidas. Seu algoz, talvez o maior, foi o deputado Lino Coutinho, que em registros da sessão de 8 de junho de 1830, da Câmara dos Deputados, não economizou adjetivos negativos para desqualificar o livro, como “vergonha das vergonhas pelas suas imbecilidades” (Brasil..., t.1 [1830], 1878, p. 357).

Além de atacar a doutrina do compêndio, Lino Coutinho também reclamou do ministro do Império, José Clemente Pereira, por ter aprovado a obra para o ensino da mocidade. Para ele, o compêndio recebeu aprovação, mas não foi analisado em seu conteúdo. Além de qualificar a obra como um “infame

compêndio”, ainda atribuiu um adjetivo nada elogioso a Brotero chamando-o de “tresloucado” (Brasil..., t.1 [1830], 1878, p. 357; Nogueira, 1907, p. 16).

A crítica de Lino Coutinho foi tão mordaz que colocava em dúvida se o ex-ministro leu a obra, em razão de o “catecismo” ser uma “vergonha para a camara dos deputados e para o Brazil inteiro” (Brasil..., t.1 [1830], 1878, p. 357).

O ex-ministro do Império, naquele momento deputado Clemente Pereira, diante das críticas se aquietou e se eximiu de responsabilidade pelo compêndio. Ao que parece, não saiu em defesa do autor ou da obra. As palavras de Clemente Pereira dirigidas a Lino Coutinho retrucando foram: “queria que o Senhor deputado dissesse quem foi que disse que eu mandei que se ensinasse por este compêndio.” E Lino Coutinho numa tréplica afirma “[até] posso atestar pelo Sr. presidente de S. Paulo, que se aha presente.” (Brasil..., t.1 [1830], 1878, p. 357). A discussão acerca da recomendação do governo para o compêndio teve ainda a participação do deputado Almeida Torres: “digo uma verdade, não vi tal ordem do governo, mas diz-se que o governo mandára ordem para se ensinar por aquele compêndio.” (Brasil..., t. 1 [1830], 1878, p. 357).

Para comprovar a afirmação de Lino Coutinho e de Almeida Torres, o deputado paulista Paula Souza confirma que o ministro do Império “mandou”, por meio de portaria, ensinar pelo compêndio. O deputado manifesta sua opinião a respeito da qualidade do compêndio dizendo que “verdadeiramente o compêndio não merece servir de compêndio da escola de direito.” (Brasil..., t. 1 [1830], 1878, p. 357). As críticas ao trabalho de Brotero estavam bastante evidentes, tanto assim que Paula Souza diz que “falei com um dos lentes de S. Paulo e disse que era vergonha que elles obedecessem esta portaria.” (Brasil..., t. 1 [1830], 1878, p. 357).

Entre os possíveis lentes a que Paula Souza se referiu estavam o próprio diretor Arouche Rendon, que tinha uma desavença pública e oficial com Brotero, e também Baltazar da Silva Lisboa, que lecionou apenas no ano de 1829, quando também se desligou. O outro lente era o padre Antônio Maria de Moura, que também lecionou Direito Natural de 1829 até 1831, quando passa a lecionar Direito Processual. O padre Moura depois foi eleito deputado na Assembleia Geral pela província de sua origem Minas Gerais.

Esses eram os personagens que lecionavam na Faculdade de Direito e um deles conversou com Paula Souza sobre o compêndio. O próprio Paula Souza, embora não tenha pronunciado o nome do lente com quem tratou sobre a portaria, declara que “[o] lente de que falei, *não sendo o illustre deputado* (grifo nosso), nem se dizendo quem é, todos o sabem.” Nesta fala de Paula Souza, “*não sendo o nobre deputado*” certamente estava se dirigindo e excluindo do comentário a respeito do compêndio o colega deputado Antônio Maria Moura, que era deputado naquele momento e que também era lente na Faculdade de Direito de São Paulo. Logo, com estas manifestações, deduz-se que o interlocutor de Paula Souza foi o diretor José Arouche de Toledo Rendon.

E assim, o primeiro livro didático, na nomenclatura atual, livro técnico para ensinar o Direito, ficou à deriva esperando a decisão da Comissão da Câmara dos Deputados. A situação era muito delicada naquela altura.

A Comissão de Instrução Pública da Câmara, formada por um padre, um major e um médico, todos deputados, manifestou, após análise, que a obra não tinha “ligação e harmonia nas matérias”, não tinha “uniformidade no estylo”, e que os “raciocínios não tem força de convicção”. A conclusão foi de que a obra nada mais era que uma “complicação de diferentes autores” (José Ribeiro Soares da Rocha (padre), Antônio José do Amaral (major) e Antônio Ferreira França (médico) (Brasil..., t. 2 [1830], 1878, , p. 6).

O parecer conclusivo e negativo da Comissão de Instrução Pública afirmou que os princípios dos diversos autores citados não eram convergentes e aconselhou que o Direito Natural fosse ensinado por um compêndio “que melhor desempenhe a matéria” (Vampré, 1924, p. 95).

Na sessão de 10 de julho de 1830, foi informado que um ofício fora expedido pelo ministro do Estado e Negócios do Império para comunicar ao diretor do curso de Direito de São Paulo que o ensino de Direito Natural fosse feito por outro compêndio diferente do proposto por Brotero (Brasil..., t. 2 [1830], 1878, p. 88).

Com a não aprovação da sua obra e com a ordem do governo (Brasil..., t. 2 [1830], 1878, p. 88) para que se ensinasse a matéria por outra obra, Brotero obrigou-se a adotar outro manual para substituir o seu. O compêndio escolhido então foi o do francês Jean Andre Perreau, *Éléments de législation naturelle*.⁶

O compêndio volta à baila na sessão de 8 de julho de 1845, durante a discussão da resolução número 15, que tratava sobre a jubilação do “desembargador Brotero”, apresentada pelo deputado Alvares Machado, em 1º de fevereiro. O deputado Lopes Netto, contrário a quem justificou um abono na aposentadoria de Brotero por ser o único lente a ter apresentado compêndio, afirmou que “nem quando fosse estava no caso de merecer uma exceção à cerca da sua jubilação” (Brasil..., t. 2 [1845], 1881, p. 85).

Lutando para que o Império concedesse a Brotero uma aposentadoria especial, o deputado Francisco Alvares Machado de Vasconcellos, em seu discurso, afirmava que Brotero era “um homem de muito talento, de muita capacidade intelectual”, que “era olhado como um sábio português” e “trouxe uma gama de massa de luzes para espalhar pelo Brazil”, portanto não pode ser tratado como um empregado qualquer (Brasil..., t. 2 [1845], 1881, p. 93). Outro deputado que apoiou a aposentadoria com a incorporação da gratificação foi Rodrigues dos Santos, que votou pela resolução da aposentadoria com o ordenado e a gratificação (Brasil..., t. 2 [1845], 1881, p. 98). A incorporação da gratificação à aposentadoria era o desejo de Brotero e, como tentativa, a proposta foi apresentada ao Parlamento.

6. Cf. Pisciotta, 2017 e Pessoa, 2023.

A Biblioteca da FDUSP possui três exemplares da obra de Perreau: um exemplar com data de impressão de 1798, outro de 1801[?] e o terceiro de 1834. Na impressão de 1834 consta na página de rosto uma nota “*Ouvrage adopté par les Cours Juridiques de Saint-Paul et d’Olinda, au Brésil*”.

No alto da página há um importante registro manuscrito de propriedade da obra “*Da Livraria Pública de S. Paulo*”. Esta anotação significa que este exemplar foi “patrimoniado” como pertencente à Biblioteca Pública da Província de São Paulo, que foi fundada em 1825 para criar infraestrutura para que a província de São Paulo pudesse disputar em posição de igualdade a reivindicação do curso de Direito em terras paulistas.

O interessante nesta designação de propriedade é que a Biblioteca da Faculdade de Direito já existia antes da instalação do curso em 1828. Com a instalação da Faculdade de Direito no Convento, algumas salas foram disponibilizadas para as aulas, e a Biblioteca Pública da Província e a do convento também passaram a fazer parte como recurso para viabilizar o curso.

Vampré (1977, p. 66), ao comentar “com a maior franqueza”, afirmou que se tratava de uma obra “pelo confuso, e espreado, das ideias, pela ausência de método e de divisões sistemáticas, pela falta de crítica apurada, pelo desleixo do estilo, pela consideração unilateral dos assuntos, *o livro não corresponde à fama de cultura*, que deixou o seu autor” (grifo nosso).

José Afonso da Silva (2007, p. 15) afirmou que apesar dos defeitos, se *Princípios de Direito Natural* tivesse sido adotado teria sido mais benéfico que a obra de Perreau com lições “alinhadas e polidas na mediocridade e no bom senso”.

Spencer Vampré (1924), catedrático das disciplinas de Direito Romano e Filosofia do Direito, além de memorialista da Faculdade de Direito de São Paulo, depois de analisar o compêndio não discordou do parecer da Câmara, atribuindo que a “pressa é a inimiga da perfeição”. Entretanto, Reale (1956) afirma que a obra de Brotero estava à frente do seu tempo. Assim, consequentemente, as ideias apresentadas no manual suscitaram rejeição. O constitucionalista José Afonso da Silva também atribuiu qualidade e valor à obra:

[...] na improvisada obra do mestre recém-chegado a São Paulo, um novo sopro vivo de modernidade, de arrojo e entusiasmo, que não mereciam as críticas acerbas ditadas pela paixão que suas ideias suscitaram. (Silva, 2007, p. 15)

Alguns dos temas tratados, por exemplo, foram a defesa do divórcio, a liberdade de consciência, a escravidão⁷, o celibato dos padres e a liberdade de religião. Sobre a escravidão, professava que “toda alma grande e generosa olha para a escravidão como

7. Brotero tratou sobre a escravidão na sua obra de forma muito arrojada, porém, como um homem do seu tempo, possuía escravizados, com os quais fazia negócios. Inclusive teve duas filhas com duas de suas escravizadas, conforme pode ser visto no “Livro Mestre”, p. 40-41. Brotero anota nesse “diário” seus descendentes começando pelo primeiro filho que teve com sua mulher, nascido em 11 de janeiro de 1831 e assim sucessivamente até a sétima nascida em 1 de janeiro de 1848. Logo abaixo, com um recuo, há o registro de “Josefa filha de Catarina nasceu a 29 de fevereiro de 1840.

um dos maiores males [...]” (Brotero, 1829, p. 215). Brotero também tratou de assuntos que não haviam sido acolhidos na Constituição de 1824, como a liberdade, a igualdade, o direito de propriedade e o direito de segurança” (Silva, 2007, p. 16).

O manual *Princípios de Direito Natural* também foi rejeitado na Academia de Olinda, como afirmou Bevilaqua (1927, p. 43). Toda essa história pode dar a impressão de que o autor e a obra cairiam no ostracismo. Mas não foi assim! A obra permaneceu em evidência suscitando muitas discussões no meio acadêmico até os dias atuais, e o autor é também muito citado por diversos autores da área jurídica e inclusive não jurídica. A análise da bibliografia material dos dois exemplares do acervo da Biblioteca da FDUSP, e a estrutura física e do conteúdo da obra serão apresentados a seguir.

Análise da bibliografia material

Os dois exemplares que foram analisados detidamente pertencem ao acervo da Biblioteca da Faculdade, com marcas de uso, de propriedade e talvez de edições distintas. Vale registrar que porventura a Biblioteca ao longo da sua história tenha possuído três ou mais exemplares do *Princípios*. A tese para esta informação se dá pela análise do registro existente no *Catálogo da Bibliotheca da Faculdade de Direito de São Paulo, 1887*. Na página 68, com o número “nº 799”, consta o registro da existência no acervo de dois exemplares naquela época.

No relatório da Biblioteca de novembro de 1892, apresentado ao diretor pelo bibliotecário Joaquim Mendonça de Aguiar, há uma lista dos lentes e professores com obras “offerecidas à Bibliotheca por seus autores, professores e lentes”. Nesta relação significativa com treze folhas pautadas aparece a doação feita pelo autor de “2 vols” do *Princípios*, um volume da obra *Questões sobre presas marítimas*, de 1836, e três exemplares deste numa segunda edição de 1863 (Faculdade..., 1891-1895).

Na edição de 1920 do *Catálogo Alfabético da Bibliotheca da Faculdade de Direito de São Paulo*, publicado por Augusto Siqueira & C, consta apenas um exemplar do *Princípios* encadernado, sob o mesmo número do *Catálogo* de 1887, “nº 799”, p. 108.

O professor Spencer Vampré, designado pela Congregação para coordenar os trabalhos desta impressão, em suas “Duas Palavras Preliminares” escreve que, em virtude da distância entre a primeira publicação, 1887, e a de 1920, houve um grande crescimento da Biblioteca o que dificultou “apresentar, por agora, um trabalho completo, nem de extreme de defeitos”, além da falta de recursos para a execução dos trabalhos.

Baptizada no dia 14 de março de 1840; Margarida filha da Maria Cutia nasceu aos 27 de novembro de 1843 e foi baptizada na Sé, Madrinha N. Senhora e Padrinho o Jorge”.

É difícil com os dados ora analisados afirmar que, em 1887, a Biblioteca possuía dois exemplares, e que o exemplar de 1920 era um entrado depois da edição de 1887. Se O *Catálogo* de 1920 corrigiu alguma falha do *Catálogo* de 1887 quanto ao número de exemplares, a Biblioteca possuía um exemplar e não dois em 1887.

Considerando o *Relatório do bibliotecário* em 1892, se correto o *Catálogo* de 1887 este exemplar seria o terceiro, e portanto não fazia parte do *Catálogo* de 1887. O registrado em 1920 seria o resultado correto por um trabalho diligente, embora com defeitos como o próprio Vampré afirma.

Na pesquisa e análise atual, a Biblioteca continua a ter dois exemplares da obra. Mas, com a análise das marcas de propriedade, constata-se que num dos exemplares está o carimbo úmido de doação do professor Mário Masagão, conforme a imagem 2. O professor Mário Masagão nasceu em 1899 e morreu em 1979, se formou na Faculdade de Direito em 1919. Logo, este exemplar não pode ser um dos dois existentes no *Catálogo* de 1887. Se toda a documentação descrita até este momento estava correta, o exemplar doado por Masagão passava a ser o terceiro exemplar no acervo.

No carimbo úmido aplicado na página de rosto, no campo “Data”, esta informação não foi preenchida. Esse dado, para esta análise, é muito relevante, mas na ausência da data de entrada da doação do professor Masagão procuramos buscar a resposta, ou possível resposta, com outros dados. Se, em 1887, o *Catálogo* da Biblioteca já possuía dois exemplares, quando houve a doação do professor Masagão a Biblioteca passou, em tese, a ter três exemplares. Atualmente, no acervo constam dois exemplares que são aqui analisados.

Imagem 2 – Detalhe da página de rosto de exemplar do compêndio, doado pelo Prof. Mário Masagão



Nas pesquisas realizadas em bibliotecas brasileiras foram encontrados apenas quatro exemplares assim localizados: na Biblioteca Mindlin um exemplar, na Biblioteca Nacional são dois exemplares e um na Biblioteca do Senado, que foi digitalizado. A pesquisa em busca da obra não foi exaustiva, mas procuramos nas principais bibliotecas, inclusive do exterior. Foi pesquisado na Biblioteca Mário de Andrade (BMA), John Carter Brown (JCB), Gallica, Biblioteca Nacional de Portugal, Biblioteca de Direito da UFPE e UnB. Na BMA e JCB foram encontrados outros títulos do autor, mas não a obra aqui em análise.

A tipografia escolhida para a impressão do compêndio foi a Tipografia Imperial e Nacional por razões históricas. A tipografia em São Paulo à época era privada e surgiu no mesmo período dos cursos jurídicos. Em 1827, o marquês de Monte Alegre, José da Costa Carvalho, adquiriu uma tipografia de origem inglesa para publicar o primeiro jornal impresso da província paulista, *O Farol Paulistano*. Em um exemplar de 1830, noticiou-se que havia entrado em terceira discussão, na sessão de 11 de janeiro, a proposta para o estabelecimento de uma tipografia nacional em São Paulo, e a proposta foi aprovada e encaminhada à Comissão de redação (*O Farol...*, 1830, p. [1325]). Este fato revela a situação da falta de uma tipografia na província de São Paulo quando a obra de Brotero foi impressa.

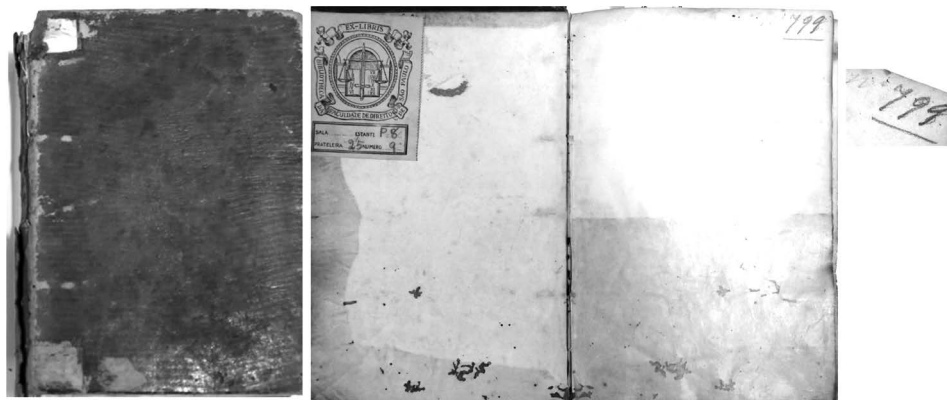
A província paulista somente passou a contar com recursos para impressão quase concomitantemente com a instalação da Faculdade de Direito, e a tipografia foi uma delas. Pode-se afirmar que as oficinas tipográficas tiveram um impulso com os lentes da Academia, como Costa Carvalho que foi diretor nomeado por decreto em 5 de novembro de 1835, exonerando-se em 24 de junho de 1836.

A aula magna dada pelo lente Brotero, no dia 1º de março de 1828, para a abertura do curso jurídico, foi publicada no jornal *O Farol Paulistano*. Sobre o tema da aula, Poveda Velasco (2007, p. 1134) afirmou que versou sobre um “Direito Natural alicerçado na razão, cuja violação levaria o homem à ignorância, ao desprezo da inteligência [...]”.

Sobre a análise do exemplar “nº 799”, número correspondente ao *Catálogo da Bibliotheca da Faculdade de Direito de São Paulo em 1887* (1887, p. 68), destacamos algumas das características. A encadernação é pleno couro, com perdas de partes da lombada, com marcas de fita adesiva no local onde foi anexada a antiga etiqueta com a localização da Biblioteca. Partes da lombada estão soltas e com ressecamento do couro. Na primeira folha de guarda aparece anotado a lápis “nº 799”, como pode ser visto no canto direito da imagem 3. Pesquisando o *Catálogo Alfabético de 1920* encontra-se o registro da existência de dois exemplares In 4º, encadernado. Este número do *Catálogo* está sendo adotado numa revisão da catalogação do acervo do século XIX, para identificar características e marcas que tornaram o exemplar valioso ou raro, como o número de tombo da obra. Deste modo, quando a obra é descrita quanto

às suas marcas de propriedade e de uso, esse dado de existência no Catálogo é anotado como número de tombo junto com as notas do item.

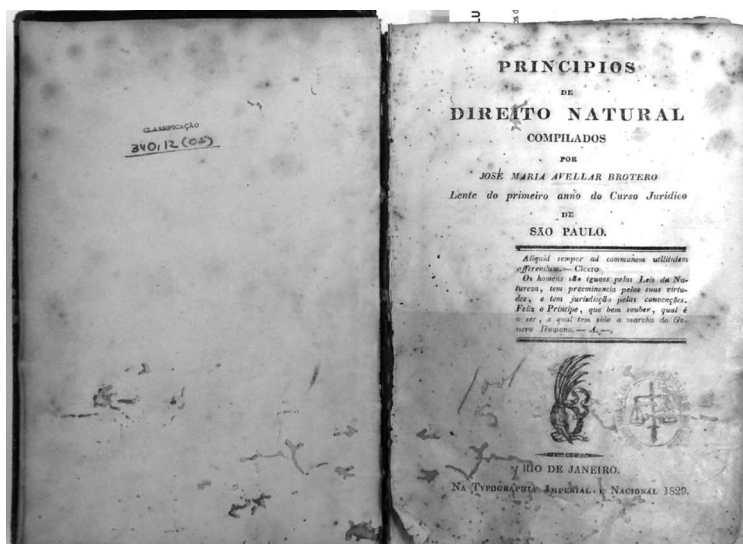
Imagem 3 – Compêndio *Princípios de Direito Natural*, exemplar de tombo 799



Fonte: Biblioteca da FDUSP

O exemplar ora descrito, assim como muitos outros, em algum momento da história da Biblioteca sofreu uma intervenção de restauro (imagem 3). Em destaque do lado esquerdo, há o ex-líbris da Biblioteca. Este ex-líbris está com uma grafia antiga, pois a palavra biblioteca está escrita com “th”. Nas 19 páginas iniciais e nas 18 finais foi usado um papel semelhante ao “papel vegetal” para estabilizar os inúmeros ataques de insetos. Algumas dessas intervenções tomam conta de mais da metade de uma página. Algumas páginas foram “cortadas” e ficaram até um centímetro menor que o tamanho da folha original.

A página de rosto está composta com os principais dados bibliográficos como título, autor, impressor, ano de publicação e local. Assim, o impressor foi a Typographia Imperial e Nacional e a obra foi impressa em 1829, em papel trapo ou pasta mista. Consta ainda uma vinheta com uma guirlanda e um ramo de flores com um laço (imagem 4). Para configurar a propriedade, a biblioteca adicionou seu carimbo úmido na cor azul: “Bibliotheca da Faculdade de Direito de São Paulo”, e ao centro do carimbo a balança. Este carimbo corresponde à época em que a Faculdade de Direito de São Paulo estava ligada à esfera federal, isto é, antes de ser incorporada à Universidade de São Paulo, em 1934. No verso da folha de guarda, antes da página de rosto, foi aplicado um carimbo úmido com a palavra “classificação” e com a anotação a lápis do número decimal de assunto “340.12(02)” que significa filosofia e teoria do direito (340.12) e manual (02).

Imagem 4 – Página de rosto de *Princípios de Direito Natural*, exemplar de tombo 799

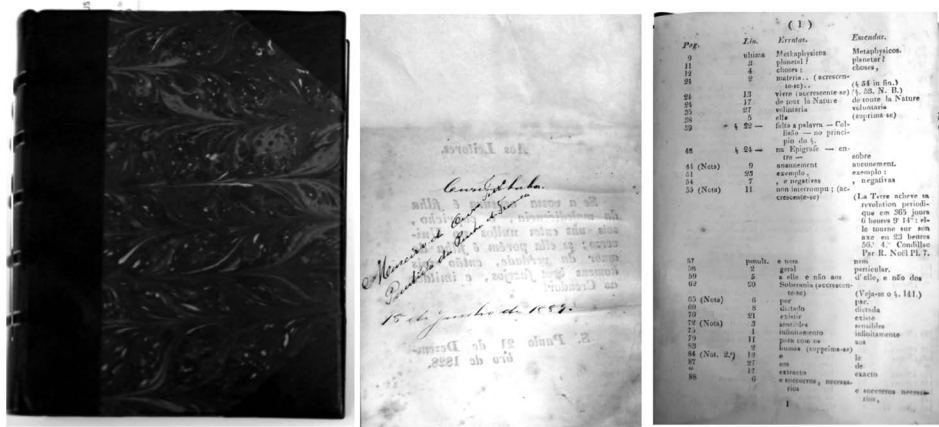
Fonte: Biblioteca da FDUSP

Em algumas páginas há pequenos grifos à caneta tinteiro, a lápis grafite, a lápis vermelho, e em outras à caneta esferográfica. Os grifos foram inseridos na horizontal, embaixo do texto ou na vertical na marginalia. Percebe-se num grifo, em particular, que a marca foi realizada numa palavra com erro tipográfico. Alguns patronímicos de autor foram grifados, como Cabanis, Xavier Bichat, Condillac, Perreau, Donnant e Helvétius. Também aparece grifado o título “Syst. de la. Nature” em tinta esferográfica, cujo autor é Von Holbach. Ainda aparece uma anotação manuscrita a lápis com patronímico de autoria na nota de rodapé, como “De Holboch”, “De Holbach?” e “Tracy”. No caso do autor Von Holbach, Reale (1956, p. 209) registra que Brotero não cita seu nome explicitamente nenhuma vez, mas faz uso das duas principais obras do autor. Certamente o leitor que folheou as páginas do *Princípios* era um conhecedor da filosofia de Von Holbach e fez questão de identificar o autor em diversos trechos do compêndio. Outras anotações à caneta esferográfica azul na marginalia “O cérebro”, “graça”, “Mor”; e a lápis “Tirado de Perreau”, “note-se” e “O interesse” são palavras relacionadas ao assunto tratado naquela altura do texto. Talvez como marcas de leitura, inseridas pelo leitor para destacar, há pequenas flechas em caneta azul apontando um trecho na página e em outra marca um ponto de interrogação.

Entre as páginas 154 e 155 aparecem partes de carcelas e nas páginas 33 até 53, entre outras, ataques de insetos com pequenas perdas do suporte sem afetar o texto. O papel é de boa qualidade, a tinta utilizada para gravar está bem marcante e a mancha tipográfica na página 162 saiu levemente na diagonal.

Numa análise geral e sem a mesa de luz algumas filigranas foram identificadas com a marca pessoal de Gior Magnani, papaleiro italiano de Pescia, inclusive na errata existente no exemplar número 2, analisado a seguir. Uma marca d’água bem visível de Gior Magnani pode ser constatada nas páginas 447 e 449. O uso desse papel para impressão no Brasil pode ter vindo da filial que os irmãos Magnani possuíam em Lisboa. Os cortes deste exemplar são tintados em vermelho.

Imagem 5 – Compêndio *Princípios de Direito Natural*, exemplar 2 com ex-libris e primeira página da errata



Fonte: Biblioteca da FDUSP

O exemplar número 2, apresentado na figura 5 é proveniente da doação do professor Mário Masagão. A obra foi guilhotinada e não foi deixada nenhuma margem em algumas páginas, porém a guilhotina não chegou a afetar o texto. Esse exemplar foi restaurado e encadernado contemporaneamente, sua lombada e cantos estão em couro preto, com nervuras no lombo e a capa está em papel marmorizado. Os florões aplicados, assim como o nome do autor, o título e a data de publicação foram impressos em dourado. As duas guardas dianteiras e as três guardas no final são em papel neutro cinza. Esse exemplar tem características de um exemplar de leitor e não de biblioteca, em razão das marcas existentes em suas páginas. Diferentemente do primeiro, esse pertenceu originalmente a alunos que estudaram na Faculdade de Direito. Desse modo, no decorrer de suas páginas são encontradas marcas de uso e de estudo, com anotações que foram utilizadas para “clarear” o texto, como um diálogo entre a obra e seu leitor.

Na página de rosto, ao alto, consta um ex-líbris “Curimbaba” manuscrito com tinta ferrogálica. Essa assinatura aparece em outras páginas ao longo do

livro, como no verso do prefácio, na folha do primeiro capítulo, e na página 66 “Curimbaba 15 de junho de 1889”.

Pesquisando no jornal *Correio Paulistano*, de 23 de junho de 1885, encontramos o nome de Alvaro Augusto da Rocha Curimbaba prestando exames de português. Quase ao lado, no canto superior direito, está escrito a lápis a localização fixa da Biblioteca “P4-17-23”. E logo abaixo aparece primeiro o número “1” e abaixo o número “21”, números para os quais não foi possível atribuir significado. No centro da parte inferior da página, com a mesma tinta ferrogálica da assinatura, foi anotada à mão a data “15 de Junho de 1889”. Ao lado esquerdo, na parte inferior, foi aplicado o carimbo úmido “Biblioteca da Faculdade de Direito da Universidade de São Paulo Lgo. S. Francisco São Paulo-Brasil”, e anotado à mão o número de tombo “1807”. Do lado direito, o carimbo úmido registra a doação do professor Masagão. O carimbo úmido da doação foi colocado sobre uma outra assinatura que não se identificou, o que se consegue decifrar é um “G de Al...”. Também na parte inferior do carimbo de doação, há uma linha já muito esmaecida à caneta tinteiro ferrogálica; pode-se, com certo esforço ler alguma coisa da linha escrita quase numa diagonal, “... Souza Araujo ...”. No canto inferior do lado direito há outro carimbo úmido com o dizer “Duplicata usual”. Este carimbo aparece em algumas obras da biblioteca, mas não foi encontrado ainda o significado ou o motivo para a aplicação deste carimbo em alguns exemplares.

No verso da página de rosto constam dados de gestão da biblioteca como a assinatura do bibliotecário responsável pela classificação e a data, o número de tombo à caneta esferográfica, e um carimbo utilizado desde a década de 1980 “Serv. de Bibliot. e Doc. da Fac. de Dir. da USP”. Este carimbo foi confeccionado para marcar a nova categoria, isto é, a categoria de Serviço dentro da estrutura administrativa da Universidade.

Na página do prefácio que o autor chamou de “Aos Leitores”, a lápis há o número “3” e consta o número de classificação e a localização fixa da Biblioteca. No rodapé dessa página aparecem as iniciais do autor J. M. A. B. impressas, o sobrenome foi completado na letra “B” em tinteiro “rotero”, formando “Brotero”, e sobre esta escrita com uma caneta parecendo uma cor roxa escreveram mais forte “rotero”.

No verso do prefácio aparece novamente o ex-libris manuscrito “Curimbaba Mineiro de Ouro Fino Paulista de Penha de França 15 de Junho de 1889” (imagem 5). Na primeira página do primeiro capítulo, acima do número de página [5], novamente o ex-libris manuscrito “Curimbaba 18 abril-90”.

O que faz esse exemplar mais especial é que após o índice há uma errata com quatro páginas (imagem 5). Conferindo os apontamentos da errata nas páginas indicadas coincide a indicação da palavra impressa erroneamente. No primeiro exemplar da biblioteca, analisado anteriormente, e nos demais identificados na pesquisa, a saber, o da Biblioteca Mindlin, o da Biblioteca

do Senado, que está digitalizado facilitando a comparação, e o da Biblioteca Nacional não consta essa errata. Como mencionado na análise do primeiro exemplar, a errata foi impressa com papel “Gior Magnani”. Uma hipótese para a existência dessa errata somente nesse exemplar conhecido se explica com a leitura da correspondência do ministro do Império, José Clemente Pereira, ao diretor Rendon. Na correspondência de 9 de março de 1829, constante no Arquivo da Faculdade (Poveda Velasco, 2007), o ministro escreve que

[...] ordena Sua Magestade o Imperador que eu participe V. S^a que a impressão do compêndio do Doutor Brotero se acha muito adiantado, e brevemente ficará acabado; e por isso poderá muito bem servir desde já para as lições do corrente anno.

Outro trecho do documento informa que para que se possa adotar o compêndio já naquele ano, “se enviarão já daqui para essa cidade *as folhas* (grifo nosso), que se achão impressas, d’alguns exemplares.” Pela descrição de como seria enviado o compêndio, isto é, envio de folhas, é possível que em algum momento o próprio autor tenha percebido as imprecisões, solicitando a impressão da errata.

Estrutura do compêndio

Na abertura o autor dedica uma mensagem de meia página “Aos Leitores”, datada e assinada com suas iniciais J. M. A. B. Embora a história relate que a obra foi elaborada a fim de atender a necessidade de material didático para o ensino do curso na cadeira do primeiro ano, Brotero não declara a finalidade de sua criação, ou seja, não disse na apresentação que o livro era destinado a ensinar no curso de Direito de São Paulo, muito embora esse fosse o propósito.

A obra está dividida em sete capítulos e em cada capítulo a matéria está dividida em parágrafos. Por exemplo, o capítulo primeiro vai tratar do tema “Leis, e suas divisões”. A matéria do parágrafo 1.^o é Natureza, e no parágrafo seguinte, Deos.

A paginação é sequencial para toda a obra. Entre as páginas 66 e 67, 158 e 159 há encartes que não fazem parte da paginação. O índice dos capítulos e dos parágrafos com quatro páginas está no final do volume e é uma lista em ordem numérica de parágrafos, sem a remissão de página.

O autor faz uso de muitas citações no rodapé e em algumas páginas o rodapé ocupa quase a página inteira. Há citações em português, latim e francês. Há algumas longas citações na língua original da obra citada, como a que está em francês da página 123 até a 127. Na sequência há outra citação, também no francês, que vai da página 128 até a 131. Em algumas passagens o texto original ocupa três linhas, sendo o maior espaço da folha destinado à citação.

Reale se refere à obra como um “cipoal de citações.” Alguns dos autores citados no texto são Mably, Holbach, Helvetius, Cabanis, Barthez e Perreau.

Sobre as citações em francês, por exemplo, o autor justifica que o método adotado é a praticidade, e explica que a citação está no original “[e] porque ellas em Francêz. Para poupar trabalho, ou para melhor dizer por falta de tempo.” (Brotero, 1829, p. 285).

O exemplar, cujo tomo é do ano de 1989, traz uma errata com sete páginas numeradas de um a sete. Essa errata consta somente nesse exemplar. Na pesquisa efetuada em busca de exemplares em outras bibliotecas do país encontramos um digitalizado na biblioteca do Senado Federal. Ao pé da página de rosto consta um ex-líbris manuscrito no qual é possível identificar o patronímico “Menezes de Drummond”. Muito provavelmente, trata-se do ex-líbris manuscrito de Antônio de Vasconcellos Menezes de Drummond, de Recife, provavelmente o nome completo do antigo proprietário da obra existente na Biblioteca do Senado.

Sobre a bibliografia utilizada para escrever o compêndio, Mably é o autor predileto de Brotero segundo Vampré, e muito da obra *Droits et devoir des citoyens* foi usada no compêndio (1977, p. 66). O próprio Brotero comenta autores e obras citados no compêndio: Holbach, Helvetius / Helvetio - *Systema da Natur., abbe du Phanjas - Elem. de Metaph.*, Clark - *Methaphysicos*, Perreau, Cabanis, Barthez, Mably - *l'Etude de Hist.; droits et devoirs du citoyen*, Tracy - *elem. d'ideologie*, Fortuna, Puffendorf, Donnant - *Elem. de l'orga. sociale - discours*. A bibliografia utilizada, por si só, merece um estudo específico.

Trabalhos que estudaram o autor

Embora o compêndio não tenha sido aprovado para ser adotado no curso da Faculdade de Direito de São Paulo, ao longo dos anos muitas pesquisas se referem ao autor e sua obra *Princípios de Direito Natural*. Entre os trabalhos sobre Brotero dois são de juristas de renome nacional, o jurista e filósofo Miguel Reale e o constitucionalista José Afonso da Silva. Na primeira edição do livro *Horizontes do Direito e da história: estudos de filosofia do direito e da cultura*, de 1956, Reale dedicou um capítulo para tratar de Brotero, no qual reaviva a figura e a obra do primeiro lente da Academia de Direito. José Afonso da Silva em sua obra *A filosofia do direito constitucional de Brotero*, publicada em 2007, também se debruçou sobre os *Princípios de Direito Natural*.

Na Faculdade de Direito, vários docentes pesquisaram e emitiram opiniões a respeito de Brotero e sua obra. Alguns desses nomes foram José Luiz de Almeida Nogueira, Spencer Vampré, Reynaldo Porchat, Miguel Reale, José Afonso da Silva, Ignacio Poveda Velasco, Paulo Borba Casella, Fernando Dias Menezes.

Alunos da pós-graduação da FDUSP, como Paulo Henrique Rodrigues Pereira e Ariel Engel Pessô, também fizeram o mesmo.

Embora tenha sido encontrada apenas uma referência ao pensamento de Brotero por pesquisadores fora da área jurídica, como o trabalho de Marina Massani, do Instituto de Psicologia da USP, há um indicativo de que sua obra interessa conceitualmente a outras áreas do conhecimento.

Brotero também foi objeto de pesquisa por parte de professores ou pesquisadores de outras instituições do Brasil, como Ricardo Marcelo Fonseca – UFPR; Sonia Regina de Oliveira Martins – UFPR e Universidad Internacional de Andalucía; Everaldo Quilici Gonzalez – Universidade Metodista de Piracicaba; Renato Eugênio de Freitas Peres – PUC/SP; Renato Matsui Pisciotto – Unisuz/Mogi das Cruzes; Adécio Machado dos Santos – UFSC; Guilherme Bedin – UFSC; José Antonio Tobias – Fac. Dir. de Alta Floresta; Artur Henrique Quirino – Ponte Nova, MG; Breezy Myazato Vizeu Ferreira – UFPR; Hidenberg Alves da Frota – PUC/MG; Rubens Galdino Silva – Faculdades Adamantinenses Integradas – FAI; Larissa Alves Mundim – Unicamp.

Considerações finais

A análise da bibliografia material dos dois exemplares do acervo da Biblioteca da Faculdade de Direito da Universidade de São Paulo aliada ao estudo do autor e do contexto de publicação permitiram destacar elementos que indicam ser uma obra rara, apesar das críticas recebidas quando da sua impressão.

As *Diretrizes sobre as Competências do Profissional Responsável por Livros Raros e Coleções Especiais da IFLA* (International..., 2023) apontam seis critérios para a atribuição da raridade bibliográfica: “1) valor de mercado; 2) raridade e escassez; 3) data e local de publicação; 4) características físicas e intrínsecas; 5) valor bibliográfico e de pesquisa (interesse histórico, cultural ou intelectual); e 6) condição.” O estudo individualizado dos dois exemplares constantes no acervo da Biblioteca da Faculdade de Direito abrange a maioria dos elementos para a determinação de raridade.

A partir do estudo de elementos biográficos do autor e de sua obra, principalmente na área jurídica, é delineada a sua importância, apesar das críticas à época e considerando sua repercussão em pesquisas mais recentes. A avaliação de elementos intrínsecos e extrínsecos, incluindo as particularidades do suporte impresso e das marcas de proveniência, destaca as características que compõem seu valor cultural. Sua escassez também é abordada pela pesquisa em outras bibliotecas referenciais dentro e fora do Brasil.

O estudo individualizado de títulos e exemplares da área jurídica brasileira é um roteiro potencialmente poderoso para a identificação de raridade bibliográfica e igualmente fundamental para a preservação do patrimônio bibliográfico

nacional. Os bibliotecários jurídicos brasileiros ocupam lugar privilegiado para realizar e estimular estes estudos, e ainda podem se valer da parceria e da contribuição de historiadores e juristas.

A multiplicação de estudos como este é uma estratégia viável e acessível aos profissionais de biblioteca para identificar e valorar o patrimônio existente nos acervos, além de constituir fonte de pesquisa para atribuição de raridade e de memória da área jurídica brasileira.

Referências

BEVILAQUA, Clóvis. *História da Faculdade de Direito do Recife*. São Paulo: Francisco Alves, 1927.

BRASIL. Congresso Nacional. Câmara dos Deputados. *Annaes do Parlamento Brasileiro: Câmara dos Srs Deputados: primeiro anno da segunda legislatura: sessão de 1830*. Tomo I [1830]. Rio de Janeiro: Typographia de H. J. Pinto, 1878. Disponível em: http://memoria.bn.br/pdf/132489/per132489_1830_00001.pdf. Acesso em: 19 set. 2023.

BRASIL. Congresso Nacional. Câmara dos Deputados. *Annaes do Parlamento Brasileiro: Câmara dos Srs Deputados: primeiro anno da segunda legislatura: sessão de 1830*. Tomo II [1830]. Rio de Janeiro: Typographia de H. J. Pinto, 1878. Disponível em: <http://memoria.bn.br/docreader/DocReader.aspx?bib=132489&pagfis=4930>. Acesso em: 19 set. 2023.

BRASIL. Congresso Nacional. Câmara dos Deputados. *Annaes do Parlamento Brasileiro: Câmara dos Srs Deputados: segundo anno da sexta legislatura: segunda sessão de 1845*. Tomo II [1845]. Rio de Janeiro: Typographia de H. J. Pinto, 1881. Disponível em: <http://memoria.bn.br/docreader/DocReader.aspx?bib=132489&pagfis=24990>. Acesso em: 16 jul. 2025.

BRASIL. Leis, decretos, etc. Decreto de 9 de janeiro de 1825. *Crêa provisoriamente um Curso Juridico nesta Corte*. Disponível em: https://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret_sn/1824-1899/decreto-38388-9-janeiro-1825-566672-publicacaooriginal-90211-pe.html. Acesso em: 21 set. 2023.

BRASIL. Lei 11 de Agosto de 1827. *Crêa dous Cursos de sciencias Juridicas e Sociaes, um na cidade de S. Paulo e outro na de Olinda*. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/lim/lim.-11-08-1827.htm. Acesso em: 21 set. 2023.

BROTERO, Frederico de Barros. *Traços biográficos do Conselheiro José Maria de Avellar Brotero*, São Paulo, dezembro de 1932. São Paulo: Escolas Profissionais do Lyceu Coração de Jesus, 1933.

BROTERO, José Maria de Avelar. *Princípios de Direito Natural*. Rio de Janeiro: Typographia Imperial e Nacional, 1829. Disponível em: <http://www2.senado.leg.br/bdsf/handle/id/224210>. Acesso em: 20 nov. 2023.

EDITAIS: Faculdade de Direito de S. Paulo. *Correio Paulistano*. São Paulo, Tip. Imparcial, p. 3, coluna a, 23 jun. 1885. Disponível em: http://200.144.6.120/uploads/acervo/periodicos/jornais/BR_APESP_CPNO_18850623.pdf. Acesso em: 30 mar. 2024.

FACULDADE DE DIREITO DE SÃO PAULO. *Catalogo da Bibliotheca da Faculdade de Direito de São Paulo*. São Paulo: A Siqueira, 1920.

FACULDADE DE DIREITO DE SÃO PAULO. *Catalogo da Bibliotheca da Faculdade de Direito de São Paulo em 1887*. São Paulo: Typographia A Vapor de Jorge Seckler & Comp., 1887.

FACULDADE DE DIREITO DE SÃO PAULO. Archivos. *Correspondencias do Governo (1891-1895)*. Arquivo da FDUSP.

FARIA, Maria Isabel; PERICÃO, Maria da Graça. *Dicionário do livro: da escrita ao livro eletrônico*. São Paulo: Edusp, 2008.

INTERNATIONAL FEDERATION OF LIBRARY ASSOCIATIONS AND INSTITUTIONS. *Diretrizes sobre as competências do profissional responsável por livros raros e coleções especiais da IFLA*. Den Haag: IFLA, 2020-2023 [2023]. Disponível em: repository.ifa.org/bitstream/123456789/2534/1/competency-guidelines-for-rbsc-professionals-pt.pdf. Acesso em: 20 set. 2023.

O FAROL Paulistano. São Paulo: Imprensa de Roa, n. 89, 16 fev. 1828a. Disponível em: <https://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=700169&pesq=bibliotheca&pasta=ano%20182&hf=memoria.bn.br&pagfis=365>. Acesso em: 29 fev. 2024.

O FAROL Paulistano. São Paulo: Imprensa de Roa, n. 93, 5 mar. 1828b. Disponível em: http://memoria.bn.br/pdf/700169/per700169_1828_00093.pdf. Acesso em: 30 mar. 2024. Notícia sobre a aula inaugural do curso jurídico em 1º mar. 1828.

O FAROL Paulistano. São Paulo: Imprensa de Roa, n. 94, 8 mar. 1828c. Disponível em: http://memoria.bn.br/pdf/700169/per700169_1828_00094.pdf. Acesso em: 30 mar. 2024. Extrato do discurso de Brotero na aula inaugural do curso jurídico em de 1º mar. 1828.

O FAROL Paulistano. São Paulo: Imprensa de Roa, n. 141, 23 ago. 1828d. Disponível em: https://memoria.bn.br/pdf/700169/per700169_1828_00141.pdf. Acesso em: 30 mar. 2024.

O FAROL Paulistano. São Paulo: Imprensa de Roa, n.199, 21 mar. 1829a. Disponível em: http://memoria.bn.br/pdf/700169/per700169_1829_00199.pdf. Acesso em: 30 mar. 2024.

O FAROL Paulistano. São Paulo: Imprensa de Roa, n. 240, 22 ago. 1829b. Disponível em: https://memoria.bn.br/pdf/700169/per700169_1829_00240.pdf. Acesso em: 30 mar. 2024.

O FAROL Paulistano. São Paulo: Imprensa de Roa, n. 306, 11 fev. 1830. Disponível em: <https://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=700169&pesq=bibliotheca&pasta=ano%20182&hf=memoria.bn.br&pagfis=1289>. Acesso em: 29 fev. 2024.

MARTINS, Ana Luiza; BARBUY, Heloisa. *Arcadas: Largo de São Francisco: história da Faculdade de Direito da Universidade de São Paulo*. São Paulo: Melhoramentos/Alternativa, 1999.

NOGUEIRA, José Luiz de Almeida. *Reminiscências e tradições da Academia de São Paulo: estudantes, estudantões e estudantadas*. São Paulo: Vanorden, 1907.

PESSO, Ariel Engel. *As faculdades de Direito e a escravidão no Brasil (1827-1888): direito natural e economia política na fundamentação teórica do “elemento servil”*. 2023. Tese (Doutorado em Direito) – Faculdade de Direito, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2023.

PISCIOTTA, Renato Matsui. *Sociedades, ideias e compêndios: direito natural no Largo de São Francisco (1827-1889)*. 2017. Tese (Doutorado em História) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2017. Disponível em: https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8138/tde-31072017-125906/publico/2017_RenatoMatsuiPisciotta_VOrig.pdf. Acesso em: 30 mar. 2024.

POVEDA VELASCO, Ignácio Maria. Por uma visão humanista e universitária do Direito: aula inaugural do ano acadêmico de 2007. *Revista da Faculdade de Direito da Universidade de São Paulo*, São Paulo, v. 102, jan./dez. 2007. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/rfdusp/article/view/67788/70396>. Acesso em: 30 mar. 2024.

REALE, Miguel. *Horizontes do direito e da história: estudos de filosofia do direito e da cultura*. São Paulo: Saraiva, 1956.

SILVA, José Afonso. *A filosofia do direito constitucional*. São Paulo: Malheiros, 2007.

VAMPRÉ, Spencer. *Memórias para a história da Academia de Direito de São Paulo*. São Paulo: Saraiva, 1924.

VAMPRÉ, Spencer. *Memórias para a história da Academia de Direito de São Paulo*. 2.ed. São Paulo: INL; Conselho Federal de Cultura, 1977. 2 v.

VIOTTI, Dario Abranches. *O Conselheiro Brotero*. Brasília: Thesaurus, 1998.

As marcas de proveniência nos ex-líbris: achados preliminares em uma coleção ex-librista

Luiz Felipe P. Stelling

Mestre em Educação (UFF), professor do Instituto Federal
do Rio de Janeiro, integrante das associações Grupo Ex-Líbris
Brasil, The Bookplate Society (Reino Unido) e DEG – Die
Deutsche Exlibris-Gesellschaft e.V. (Alemanha)





Resumo

A pesquisa verificou a existência de marcas de proveniência em uma coleção ex-librista brasileira recente. Foram encontradas as seguintes marcas de propriedade e de uso: carimbos úmidos, folhas de colecionador, dedicatórias e anotações de colecionador. As marcas coletadas permitiram a identificação de proprietários, locais e estimativa de datas, e, por meio dessas informações, foram delineados entrelaçamentos históricos envolvendo artistas, proprietários, colecionadores e instituições na história do ex-librismo.

Palavras-chave: Marcas de proveniência. Ex-líbris. Ex-librismo. História do colecionismo.

Abstract

A recently-formed Brazilian collection of bookplates (ex-libris) has been examined for traces of former collectors as evidenced by the found following provenance marks: ink stamps; collector sheets; dedications and collector's notes. By this research, it was found possible to identify, locate and date bookplates, its owners, collectors, artists and institutions, shedding light on what contact they had amongst themselves and their place in the history of bookplate collecting.

Keywords: Marks of provenance. Bookplate. Ex-libris. Bookplate collecting.



Introdução

As marcas de proveniência são elementos de informação que indicam a história de uso e a trajetória social do exemplar de um livro. Como alguns exemplos dessas marcas, temos anotações, carimbos de biblioteca, carimbos de colecionador, ex-líbris, dedicatórias, etiquetas de livraria, etiquetas de encadernador, douraões personalizadas na capa dura do livro etc. O ex-líbris, em sentido estrito, é uma marca de proveniência na forma de etiqueta que é fixada no interior do livro. De acordo com Pearson (2019, p. 68), o uso de etiqueta de papel, gravada ou impressa, portando a identidade de um proprietário, para marcar a posse ou doação de um livro é quase tão antigo como a própria imprensa, e é uma das mais familiares marcas de propriedade observadas pelos pesquisadores de proveniência bibliográfica. Desde a década de 1880, na Europa e nos Estados Unidos, ex-líbris foram colecionados e estudados (Pearson, p. 89).

O autor desse texto é colecionador e pesquisador de ex-líbris desde 1992, possuindo uma coleção ex-librista construída a partir daquela data, cujos itens principais são ex-líbris brasileiros e estrangeiros. Os exemplares de ex-líbris estão soltos ou dispostos em folha de colecionador – que é uma base (folha de papel) na qual se fixa o exemplar de ex-líbris para seu bom manuseio e conservação. A coleção ex-librista também inclui *memorabilia* referente a proprietários, colecionadores e artistas ex-libristas, assim como desenhos, esboços, projetos e artes originais de ex-líbris, matrizes de xilogravura, clichês metálicos etc. A partir de 2018, o autor teve contato com profissionais da biblioteconomia, o que o fez se aproximar do campo de estudo das marcas de proveniência. E assim, uma indagação se impôs: haveria marcas de proveniência em uma coleção ex-librista?

Essa pesquisa objetivou localizar, identificar e classificar as marcas de proveniência em uma coleção ex-librista, e avaliar a relevância dessas marcas como informação para a história do ex-librismo.

Metodologia

Essa pesquisa, de caráter qualitativo e empírico, teve os seguintes objetivos:

- 1 – Investigar a presença de marcas de proveniência em coleção ex-librista.
- 2 – Classificar, em categorias, as marcas encontradas.
- 3 – Avaliar a possibilidade de relacionar essas marcas à história do ex-librismo.

Por ser uma pesquisa inicial, foi decidido que os resultados não precisariam ser extensos, mas, sim, representativos qualitativamente. Por facilidade de acesso, se optou por limitar a coleta de dados à coleção ex-librista do autor – essa escolha metodológica foi fundamentada, por analogia, ao trabalho do renomado

escritor Ubiratan Machado, que se valeu de sua própria coleção bibliófila para elaborar o livro *A capa do livro brasileiro – 1820-1950* (Deaecto, 2017).

A metodologia de coleta de dados foi realizada do seguinte modo: em percurso aleatório, não predeterminado, foram manuseadas caixas com inúmeros ex-líbris soltos (não aderidos ou fixados a nenhum suporte) à procura de marcas extrínsecas ao formato original de produção dos ex-líbris, ou seja, tudo o que foi adicionado na história de cada exemplar. Todos os ex-líbris foram examinados na sua face frontal (recto) e em sua face posterior (verso).

Após alguns achados relevantes nos ex-líbris soltos, passou-se a compulsar folhas de colecionador com ex-líbris fixados para se localizar marcas de proveniência no recto e verso deles, e também nas próprias folhas de colecionador, igualmente no recto e verso. Quando foram encontradas ocorrências representativas, foi encerrada a coleta de dados.

A seguir, foi realizada a classificação das marcas segundo as categorias dedicatórias, carimbos, anotações. As folhas de colecionador foram classificadas como uma marca de proveniência, pois elas têm a função de vincular fisicamente o ex-líbris a um determinado colecionador. Em seguida, as marcas coletadas foram avaliadas como indicadores de proveniência, e como referências históricas em relação aos proprietários, aos colecionadores e às associações ex-libristas – para isso, foram consultadas bibliografias de marcas de proveniência e especializadas em ex-librismo.

Resultados e discussões

Nessa seção, enumeram-se e descrevem-se os resultados obtidos e procura-se avaliar a potencial utilidade das marcas de proveniência nos estudos sobre a história do ex-librismo. Os resultados aqui relatados incluem imagens ilustrativas.

* Ex-líbris de E. P. Arruda com carimbo úmido do Clube Internacional de Ex Libris (verso) (figura 1), que pode indicar que o exemplar foi de propriedade da citada associação e, posteriormente, houve doação/troca/venda para outro(s) proprietário(s). O Clube Internacional de Ex Libris foi criado em 1949, no Rio de Janeiro, tendo como presidente o artista e colecionador Alberto Lima. O carimbo úmido permitiu evidenciar relação direta entre o exemplar e uma instituição ex-librista brasileira.

Figura 1



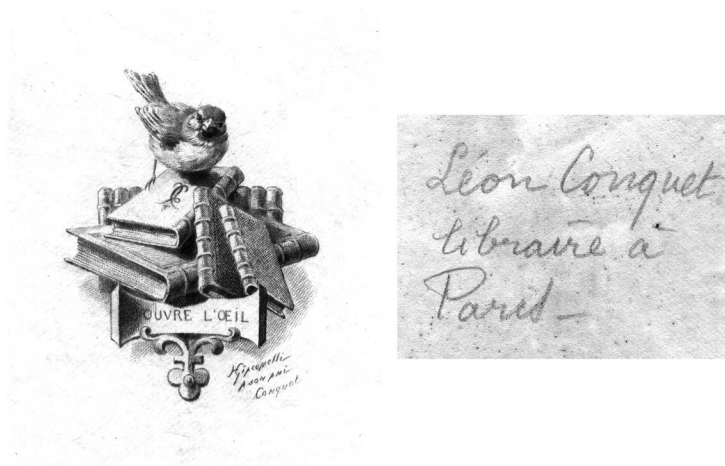
* Ex-líbris de Salomão de Vasconcellos. (figura 2) Na face anterior (recto), observamos uma dedicatória manuscrita a Odécio Bueno de Camargo, não datada, no canto inferior direito, em tinta avermelhada. A transcrição da dedicatória sugere que eram membros de algum tipo de sociedade, talvez, ex-librista: “Ao distinto consocio // Dr. Odecio Bueno de // Camargo, ofe. // Salomão de Vas.con.”. Salomão de Vasconcellos (1877-1965) é considerado um insigne historiador de Minas Gerais (Vieira, 2016). Odécio Bueno de Camargo (1901-1965), romancista e contista, foi membro do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo (Fangueiro, [2023?]). O ex-líbris de Salomão de Vasconcellos está catalogado no *Arquivo Brasileiro de Ex Libris* (Tourinho, 1950, p. 124), portanto se pode datar o ex-líbris como anterior a 1950. Tourinho informa que a autora do ex-líbris foi Jenny Dreyfus, ela mesma uma colecionadora de ex-líbris, cuja coleção foi doada ao Museu da República no Rio de Janeiro. Esse é um exemplo de como uma marca de proveniência (uma dedicatória) pode aglutinar informações no campo da história do colecionismo.

Figura 2



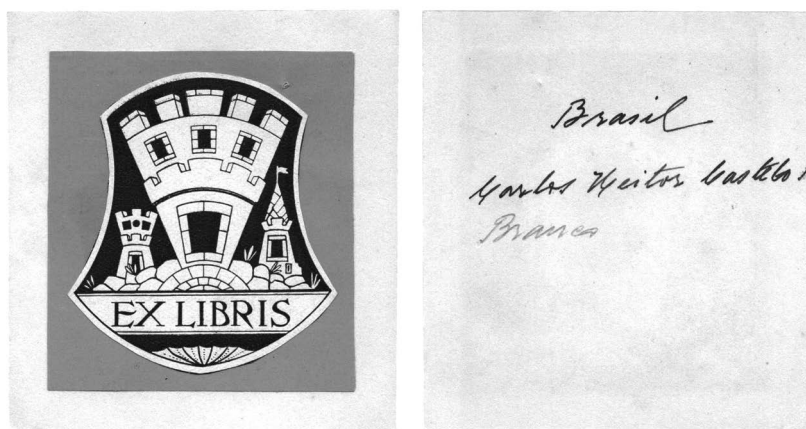
* Ex-líbris de Antoine Léon Conquet (1848-1897), livreiro e editor francês especializado em bibliofilia (figura 3). No recto, notamos que o design é composto de um amontoado de livros, acima do qual é posicionado um pássaro. Na capa de um dos livros se encontra o monograma LC, e abaixo há uma cartela com a expressão *j'ouvre l'oeil*. O artista é Hector Giacomelli (1822-1904), que foi um aquarelista, gravador e ilustrador francês, muito conhecido por suas composições de pássaros. No canto inferior direito, há uma dedicatória gravada na matriz: “HGiacomelli // a son ami // Conquet”. No verso, encontramos uma anotação manuscrita a lápis: “Léon Conquet // libraire // a Paris”. A anotação traz luz sobre o proprietário, informando o nome Léon Conquet – que revela o monograma LC –, e o local das atividades de livreiro e editor (Paris); desse modo, a anotação é uma marca de proveniência que revela informações sobre o proprietário, adicionando valor a esse item da coleção ex-librista.

Figura 3



* Folha de colecionador não identificado (figura 4) com ex-líbris de Carlos Heitor Castelo Branco (recto), e anotação manuscrita do nome (completo) do proprietário e do país (Brasil) (verso). A identificação dessa pessoa, da nacionalidade e a estimativa da data não seria possível somente pelo design do ex-líbris, uma composição heráldica não acompanhada do nome do proprietário. A identificação do proprietário pela anotação no verso foi confirmada compulsando-se o livro *Arquivo Brasileiro de Ex Libris* (Tourinho, 1950, p. 31), assim como a datação do ex-líbris como anterior a 1950.

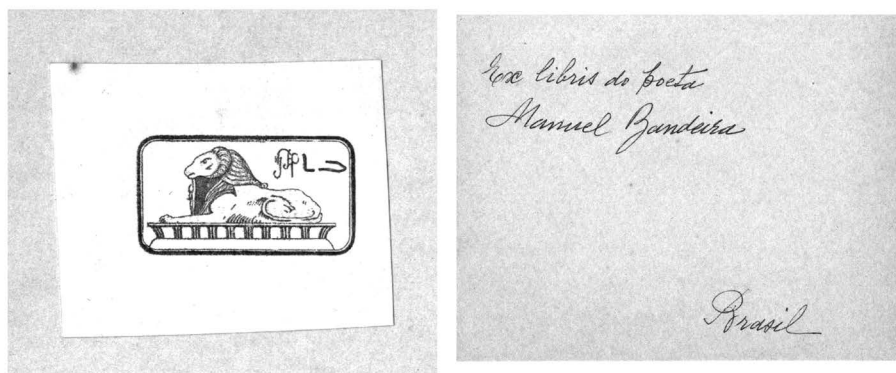
Figura 4



* Folha de colecionador não identificado (figura 5), com ex-líbris de Manuel Bandeira (recto), com inscrição manuscrita identificando o proprietário do ex-líbris e o país (Brasil) (). Essa folha pertenceu a um colecionador (talvez

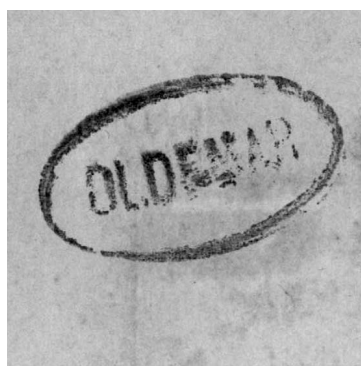
contemporâneo ao poeta) que conhecia essa marca de propriedade bibliográfica tão peculiar. Se o ex-líbris estivesse solto e sem anotações, talvez outro colecionador não tivesse como identificar a peça como sendo um ex-líbris, pois não há o nome do proprietário nem uma expressão de posse como *ex-libris* ou “da biblioteca de”.

Figura 5



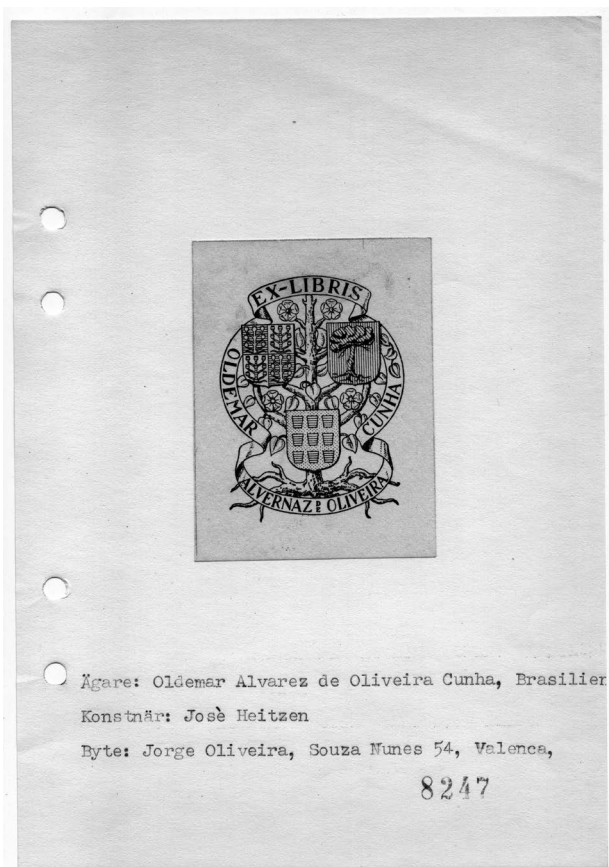
* Carimbo úmido “Oldemar” em uma moldura oval (figura 6) no verso de folha de colecionador não identificado. É muito provável que se trate de uma folha do colecionador Oldemar Alvernaz de Oliveira Cunha, que foi ex-librista e tesoureiro da Sociedade de Amadores Brasileiros de Ex-Líbris (Sabel, 1948). Pesquisas ulteriores poderão localizar outras folhas e ex-líbris com esse carimbo de colecionador e outras inscrições, e confirmar nossa suposição.

Figura 6



* Folha de colecionador sueco não identificado (figura 7) com ex-líbris de Oldemar Alvernaz de Oliveira Cunha e anotações datilografadas: “Ägare: Oldemar Alvarez de Oliveira Cunha, Brasilien // Konstnär: Josè Heitzen // Byte: Jorge Oliveira, Souza Nunes 54, Valença”, e o número 8247, provavelmente de identificação do exemplar, em caracteres de carimbo úmido. Note-se que, em sueco, temos os seguintes significados: Ägare = proprietário; Konstnär = artista; Byte = permutador. Essa folha de colecionador nos permite inferir que o exemplar do ex-líbris foi oferecido/permutado por Jorge de Oliveira (1936-2018), importante artista ex-librista e colecionador de ex-líbris brasileiros. Segundo Tourinho (1950, p. 107), a autoria do design é do artista José Heitzen. Além das informações do proprietário e do artista, as anotações datilografadas trazem o endereço de Jorge de Oliveira (Rua Souza Nunes 54, Valença – RJ), provavelmente onde residia na época em que houve a oferta ou permuta com o colecionador anônimo sueco. Essa folha de colecionador, portanto, é uma evidência de relações que ocorriam entre colecionadores de países distantes, Suécia e Brasil, mas aproximados pela atividade do ex-librismo.

Figura 4



Considerações

Os objetivos propostos foram alcançados. Os resultados apontam que coleções ex-libristas podem apresentar marcas de proveniência – e tais marcas permitem lançar luz sobre relações sociais na evolução do colecionismo nacional e estrangeiro. As marcas de proveniência auxiliam como evidências na identificação e resgate de inter-relações históricas entre proprietários, colecionadores, artistas e sociedades ex-libristas, assim como adicionam mais informação e valor a coleções particulares e a coleções em instituições de memória, como bibliotecas e museus.

Referências

DEAECTO, Marisa Midori. Prefácio ‘Capistas brasileiros e “o arrepio da terra”’ In: MACHADO, Ubiratan. *A capa do livro brasileiro 1820-1950*. Cotia, SP: Ateliê Editorial; São Paulo: SESI-SP Editora, 2017, p. 7-8.

FANGUEIRO, Maria do Sameiro. *Odécio de Camargo*. [2023?] Disponível em: <https://bndigital.bn.gov.br/dossies/periodicos-literatura/personagens-periodicos-literatura/odécio-de-camargo/> Acesso em: 10 set. 2023.

MACHADO, Ubiratan. *A capa do livro brasileiro – 1820-1950*. Cotia: Ateliê Editorial São Paulo: SESI-SP Editora, 2017.

PEARSON, David. *Provenance research in Book History: a handbook*. Oxford (UK): The Bodleian Library; New Castle (USA): Oak Knoll Press, 2019.

SABEL. *Boletim da Sociedade de Amadores Brasileiros de Ex-Libris*, ano I, n. 2, jul. 1948.

VIEIRA, Pollianna Gerçossimo. *Salomão de Vasconcellos e a consagração da “Atenas Mineira” em Monumento Nacional (1936-1947)*. 2016. 177 f. Dissertação (Mestrado em História) - Instituto de Ciências Humanas e Sociais, Universidade Federal de Ouro Preto, Mariana, 2016. Disponível em: [www.repositorio.ufop.br/bitstream/123456789/7137/1/DISSERTA%
c3%87%c3%82O_Salom%c3%a3oVasconcelosConsagra%c3%a7%c3%a3o.pdf](http://www.repositorio.ufop.br/bitstream/123456789/7137/1/DISSERTA%c3%87%c3%82O_Salom%c3%a3oVasconcelosConsagra%c3%a7%c3%a3o.pdf). Acesso em: 10 set. 2023.

TOURINHO, Octavio de Campos. *Arquivo Brasileiro de Ex Libris*. Rio de Janeiro: [s.n.], 1950.

A Divina Comédia de Dante na Biblioteca Rio-Grandense: a memória leitora rio-grandina resgatada a partir da pesquisa de proveniência

Alissa Esperon Vian

Mestre em História e bacharel em Biblioteconomia; pesquisadora
da Universidade Federal do Rio Grande (FURG).

Marcia Carvalho Rodrigues

Doutora em Memória Social e Patrimônio Cultural; docente
da Universidade Federal do Rio Grande (FURG).





Resumo

Apresenta as edições dos séculos XIX e XX da obra *A Divina Comédia*, de Dante Alighieri, disponíveis na Biblioteca Rio-Grandense (Rio Grande, RS, Brasil) e as examina à luz da pesquisa de proveniência. A metodologia utilizada para a realização desta investigação incluiu a pesquisa de proveniência para o estudo das marcas presentes nos exemplares selecionados e a revisão bibliográfica para a construção do aporte teórico. Os resultados obtidos permitem conhecer parte da história do acervo, revelando quem foram os antigos proprietários das obras em questão, o que evidencia, em última instância, parte da história cultural e intelectual da cidade do Rio Grande.

Palavras-chave: Divina Comédia. Dante Alighieri. Pesquisa de proveniência. Marcas de proveniência. Biblioteca Rio-Grandense.

Abstract

It presents the 19th and 20th century editions of the work *A Divina Comédia*, by Dante Alighieri, available at the Rio-Grandense Library (Rio Grande, RS, Brazil) and examines them in the light of provenance research. The methodology used to carry out this investigation included provenance research to study the marks present in the selected specimens and a bibliographic review to build the theoretical support. The results obtained allow us to understand part of the history of the collection, revealing who the former owners of the works in question were, ultimately highlighting part of the cultural and intellectual history of the city of Rio Grande.

Keywords: Divine Comedy. Dante Alighieri. Provenance research. Provenance marks. Rio-Grandense Library.



Introdução

Livros percorrem caminhos ao longo de sua existência: são criados em um local geográfico, produzidos em outro, depois de prontos são distribuídos para diversos lugares, passam por diferentes mãos: autor(es), revisor(es), editor(es), livreiro(s), leitor(es) etc.; ocupam espaços nas estantes de bibliotecas particulares, públicas, institucionais, entre outras, nas mais diversas localidades do planeta. Além do percurso em si, carregam as marcas da interação das pessoas com os textos, tais como indícios de leitura (por exemplo: anotações, rabiscos, dobras, manchas) e marcas de propriedade (assinaturas, etiquetas, ex-líbris, carimbos, entre outras). Essa interação promove o intercâmbio cultural e social, colocando os livros sob uma perspectiva histórica.

O trabalho que aqui se apresenta aborda o livro sob uma perspectiva histórica brasileira, regional e local: a do encontro da obra *A Divina Comédia*, do poeta italiano Dante Alighieri, com os leitores rio-grandinos.

Metodologia

A pesquisa de proveniência se baseia em dois tipos de evidências: as evidências físicas, nas quais estão incluídas as marcas presentes no livro, tais como anotações, assinaturas, etiquetas, carimbos, rabiscos, desenhos etc.; e os registros associados ao livro, tais como as obras que tratam sobre os livros, descrevendo-os, como catálogos, dicionários especializados e repertórios bibliográficos, assim como quaisquer indícios extrínsecos à publicação, por exemplo, papéis avulsos, bilhetes, cartões-postais, santinhos, selos, cartas etc. inseridos na obra (Reed, 2018).

Neste trabalho serão apresentados os resultados de uma pesquisa de proveniência realizada a partir das evidências físicas presentes nas obras de autoria do poeta italiano Dante Alighieri, especificamente *A Divina Comédia*, pertencentes à Biblioteca Rio-Grandense.

Com base na temática do XV Encontro Nacional de Acervo Raro, “Raridade bibliográfica dos séculos XIX e XX: identificar, fundamentar e preservar”, procedeu-se à seleção dos itens junto ao acervo da Biblioteca, obtendo-se uma amostra de cinco obras (sete exemplares) consideradas raras.

Para a fundamentação teórica, fez-se uso da revisão documental e bibliográfica.

Dante Alighieri e A Divina Comédia

Dante Alighiero degli Alighieri (1265-1321) foi um escritor, poeta e político italiano do final da Idade Média, famoso por ter escrito *La Divina Commedia*, poema épico e teológico dividido em três partes: *Inferno*, *Purgatorio* e *Paradiso*, considerado uma das obras-primas da literatura universal.

A Divina Comédia é um texto em italiano, reconhecido como o maior poema da Idade Média, que tem como tema o estado da alma após a morte, e apresenta a punição ou a recompensa aplicadas como ardl da justiça divina. Este texto é considerado uma das maiores obras da literatura mundial e a obra mais importante da literatura italiana. Por mais de 700 anos esse poema narrativo italiano tornou-se um dos textos primordiais da literatura europeia.

No Brasil, a tradução da *Divina Comédia* para o português e sua publicação em solo nacional se deu em 1843, de forma parcial, na obra *Ramalhete poético do parnaso italiano*, organizada por Luiz Vicente De Simoni. Nessa obra, há partes do Inferno, do Purgatório e do Paraíso em português e italiano (edição bilíngue). A obra foi produzida em homenagem ao casamento de d. Pedro II e d. Thereza Cristina. Somente em 1888 saiu a tradução da obra completa pela Imprensa Nacional do Rio de Janeiro, realizada pelo barão de Villa da Barra.

É interessante o fato de a obra de Dante, na Itália do século XIX, ter ganhado notoriedade em razão de uma necessidade de culto ao nacional, para fortalecer uma constituição política e ideológica. O que se replicou, também, no Brasil, por meio das suas traduções e dos seus tradutores (De Simone, Gonçalves Dias, Generino dos Santos, Carlos Candiani, Machado de Assis, Teófilo Dias, d. Pedro II), elas assumiram uma figura de patriotismo, colaborando para enriquecer a cultura e a literatura locais como uma forma de resistência à dominação e à opressão, por meio do destaque dado a alguns personagens e determinados trechos do poema.

Essa obra cheia de simbolismos foi interpretada por eruditos de nacionalidades distintas de diversas maneiras ao longo dos séculos; no entanto, a materialidade das edições que aportaram em solo brasileiro e as pessoas que as mantiveram preservadas até os dias atuais segue sendo pesquisada e explorada por historiadores do livro. É nesse sentido que se busca, por meio da realização do estudo relatado, conhecer a história das edições dos séculos XIX e XX d'*A Divina Comédia* disponíveis na Biblioteca Rio-Grandense, instituição mais antiga do estado do Rio Grande do Sul, localizada na cidade do Rio Grande.

Resultados e discussões

A partir do levantamento realizado na Biblioteca Rio-Grandense, obteve-se como resultado a amostra de cinco obras (sete exemplares) d'*A Divina Comédia* publicadas nos séculos XIX e XX, as quais serão apresentadas na sequência do texto.

a) La Divine Comédie (1854-1857)

La Divine Comédie apresenta uma tradução, em francês, da obra de Dante publicada em três volumes em Paris, por Amyot, em 1854 (volume 1: *L'Enfer*), 1855 (volume 2: *Le Purgatoire*) e 1857 (volume 3: *Le Paradis*). A Biblioteca Rio-Grandense possui a obra completa, encadernada em couro marrom com gravações em dourado na lombada, que apresenta nervuras. Os três volumes pertenceram, anteriormente, a Guilherme Henrique Lorena. As figuras 1 e 2 apresentam, respectivamente, *ex dono* e carimbo do antigo proprietário e etiqueta da Biblioteca.

Figura 1. Inscrição e carimbo de Guilherme Henrique Lorena

Na parte superior da página: inscrição manuscrita a tinta "A Bibliotheca Riograndense oferece Guilherme Lorena. Rio Grande 3 de setembro 84"; na margem esquerda da página: carimbo seco do antigo proprietário.

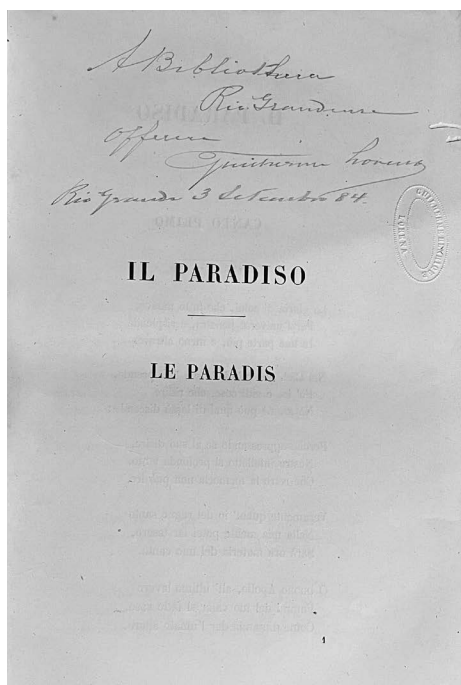
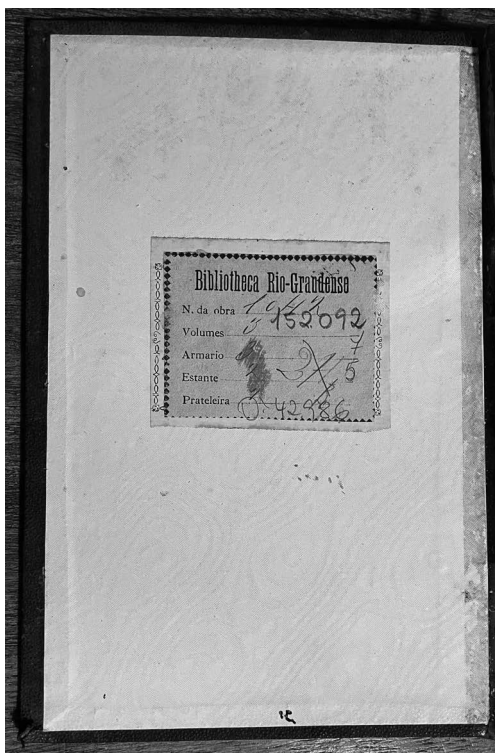


Figura 2. Etiqueta da Biblioteca

No centro da guarda: etiqueta da Biblioteca Rio-Grandense contendo informações de registro e localização do exemplar na instituição.



Fonte: as autoras (2023).

Em relação à raridade dos exemplares, destaca-se que a obra está referenciada em diversos catálogos de bibliotecas, incluindo o *Catalogue général des livres imprimés de la Bibliothèque Nationale* (Bibliothèque..., 1908, v. 35, p. 756) e o *Catalogue des livres rares et précieux composant la Bibliothèque de M. Jules Janin* (1877, p. 84). Merece atenção, ainda, o fato de essa edição, em específico, ter sido reeditada em 2012 e 2018 por diferentes editoras, mantendo as características do original, tendo como justificativa o fato de se tratar de um artefato histórico de destacada relevância cultural.

A respeito do antigo proprietário, Guilherme Lorena, não foi possível encontrar mais informações substanciais sobre sua história de vida além de uma citação no Almanak Administrativo, Mercantil e Industrial do Rio de Janeiro (1863, p. 393), em que é apontado como conselheiro e suplente da diretoria da Sociedade Riograndense Beneficente e Humanitária, atualmente denominada de Sociedade Sul Riograndense, localizada em Santa Cruz (RS). O Almanak aponta ainda um endereço ao lado do nome do proprietário: Rua

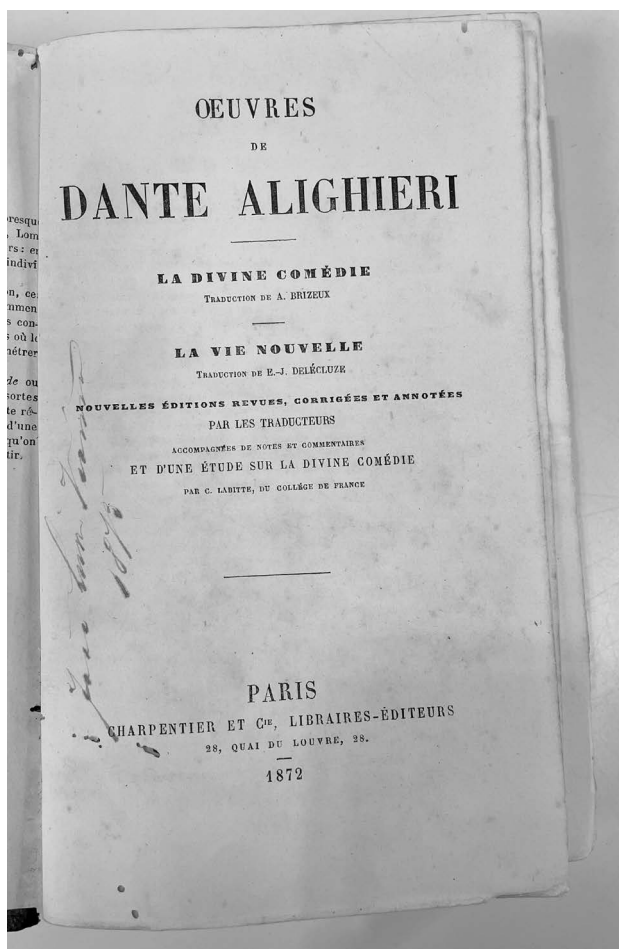
das Violas, 132. Os três volumes da obra encontram-se armazenados na sala Augusto Duprat da Biblioteca Rio-Grandense.

b) La Divine Comédie (1872)

La Divine Comédie, volume único editado em francês, publicado em Paris, em 1872, por Charpentier & Cie., apresenta assinatura de João Luiz Vianna na página de rosto, bem como *ex dono* manuscrito a tinta na folha de guarda, conforme pode ser observado nas figuras 3 e 4. O exemplar possui, ainda, etiqueta de Daniel de Barros e Silva, livreiro rio-grandino.

Figura 3. Inscrição de João Luiz Vianna

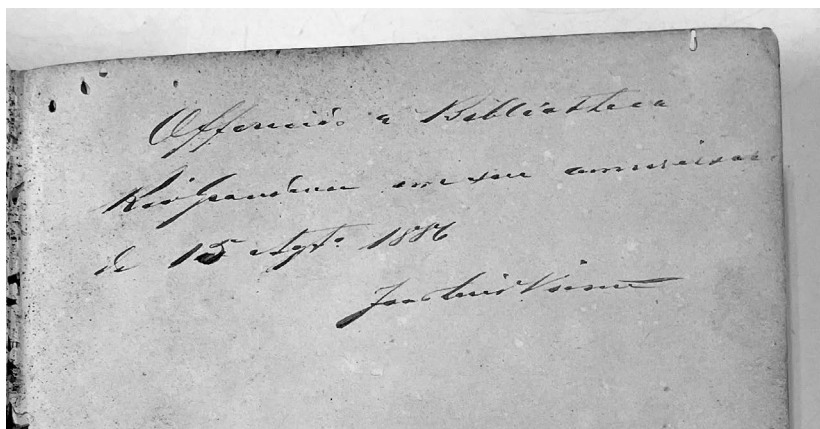
Na margem interna da página de rosto: inscrição a tinta “João Luiz Vianna 1875”.



Fonte: as autoras (2023).

Figura 4. Inscrição de J. L. Vianna

Na margem superior da folha de guarda: inscrição a tinta “Offerecido a Bibliotheca Riograndense em seu [ilegível] de 15 Sept. 1886”.



Fonte: as autoras (2023).

O exemplar pertencente à Biblioteca Rio-Grandense apresenta encadernação em papelão com revestimento marmoreado e lombada em couro. A obra está referenciada no *Catalogue général des livres imprimés de la Bibliothèque Nationale* (Bibliothèque..., 1908, v. 35, p. 755).

O antigo proprietário, o tenente-coronel João Luiz Vianna, falecido em 7 de novembro de 1908, era médico do Exército, nomeado delegado de polícia da cidade de Rio Grande em 1885. Tinha como irmã Antonia Vianna Ferraz (mantenedora do internato Escola Maternal). Foi tesoureiro (1885) e diretor (1886) da Biblioteca Rio-Grandense. Atuava, juntamente com o barão de São José do Norte, exercendo a função de secretário da Associação Comercial da cidade (1886). Foi membro influente e candidato do Partido Republicano, e ocupou uma cadeira na Câmara Municipal (1889), exercendo ainda o cargo de vice-presidente do Conselho Municipal. Operava a J. L. Vianna & C. (1889), empresa voltada para o comércio de comissões, consignações, importação e exportação. Era acionista da fábrica de charutos Pook (1891). Foi sócio da empresa Hormain e Cia., que fabricava gravatas, espartilhos, confecções similares e cartonagens. Fez parte também do conselho fiscal da Companhia Moinho Sul Brasil (1892). Foi vice-presidente do Centro Republicano do Rio Grande (1907). Era reconhecido como um católico fervoroso, sendo um dos beneméritos da Igreja Menino Deus (Porto Alegre), doando 30\$000 para as obras da igreja em 1907 (A Federação, 1884-1937).

c) *La Divina Commedia* (1887)

La Divina Commedia, volume único, em italiano, editado em Milão por Edoardo Sonzogno em 1887, possui ilustrações de Gustave Doré (1832-1883), famoso pintor e ilustrador francês.

É importante destacar o trabalho de Gustave Doré na ilustração d'*A Divina Comédia*. O artista trabalhou na sua criação entre os anos de 1857 e 1868, tendo começado pelo *Inferno*. Rocha (2000) observa que Doré não sabia italiano e que provavelmente tenha utilizado uma tradução em prosa para criar as ilustrações. O autor menciona, ainda, a falta de interesse dos editores em publicar a obra de Doré, o que o teria obrigado a lançar uma edição por conta própria, em 1861. “Em 1868 terminou as ilustrações do *Purgatório* e do *Paraíso* e publicou uma obra com as ilustrações de toda a *Divina Comédia*” (Rocha, 2000). Esse trabalho projetou o artista como um dos maiores ilustradores de Dante de todos os tempos.

O exemplar pertencente à Biblioteca Rio-Grandense encontra-se danificado, com folhas soltas e encadernação prejudicada, e possui dedicatória manuscrita a tinta de Angelo Caldonazzi à Biblioteca, carimbos e decalque, conforme ilustram as figuras 5 e 6.

Figura 5. Inscrição de Angelo Caldonazzi

Na margem superior do verso da folha de guarda: inscrição a tinta “Onore e gloria ai fondatori di questo utile sodalizio; nemici dell' ignoranza, benemeriti dell' umanità. Onore e gloria a tutti quelli che durante questo primo Giubileo, elevarono la Bibliotheca Rio Grandense al punto culminante in che oggi si trova, tornando centro gradito delli amanti dell' utile, bello, grande e nobile. In memoria al I Giubileo della Bibliotheca Rio Grandense, 15 Agosto 1896 offre: Angelo Caldonazzi”.

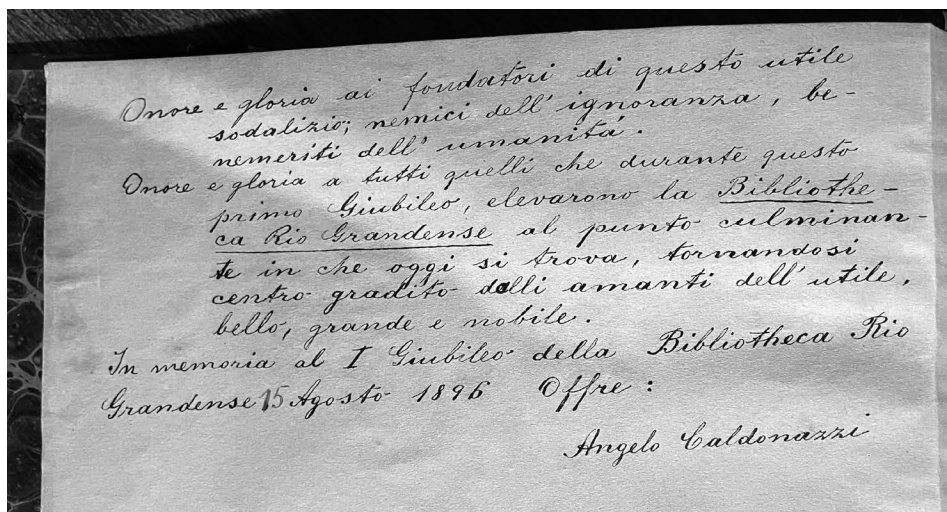


Figura 6. Decalque

Na margem inferior do verso da folha de guarda: decalque contendo duas figuras humanas (a imagem sugere um adulto sentado com uma criança no colo).



Fonte: as autoras (2023).

Angelo Caldonazzi foi advogado e maçom, integrante da loja maçônica Philantropia, localizada em Rio Grande, em 1896. Angelo ascendeu ao grau maçônico 18, considerado um dos mais importantes graus da maçonaria, no mesmo ano em que doou a obra citada para a Biblioteca Rio-Grandense. Esteve ligado à imprensa rio-grandina, tendo integrado o *Echo Operário*, jornal socialista que circulou na região entre os anos de 1896 e 1899. Atuou também junto à revista literária *Reacção*, editada por maçons, que circulou entre 1915 e 1917.

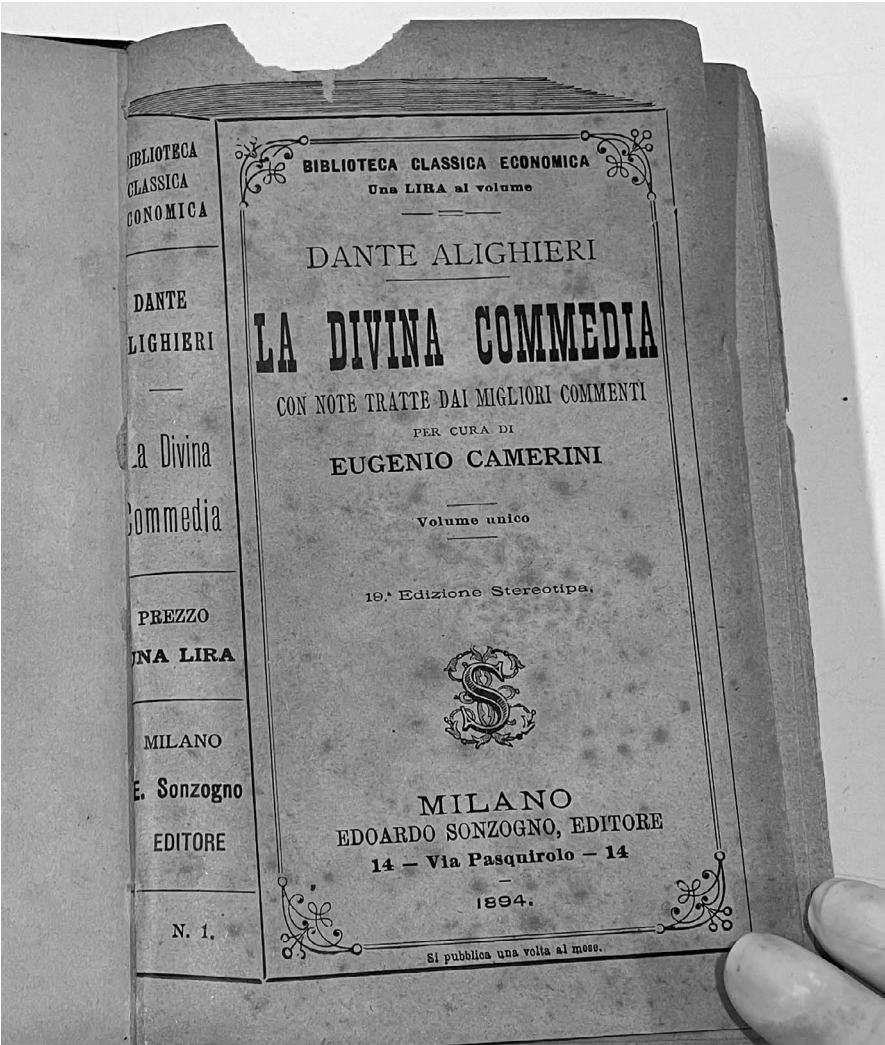
d) La Divina Commedia (1894)

La Divina Commedia, volume único, em italiano, editado em Milão por Edoardo Sonzogno, em 1894, possui encadernação personalizada em couro preto e papel marmorizado, lombada em couro com nervuras, sobre brochura.

A vigésima impressão de 1895 dessa obra encontra-se referenciada no *Catalogue général des livres imprimés de la Bibliothèque Nationale* (Bibliothèque..., 1908, v. 35, p. 751).

O exemplar da Biblioteca Rio-Grandense possui uma etiqueta colada na margem superior da capa contendo a seguinte inscrição manuscrita a tinta: “420 Bf-2”. Apresenta, ainda, inscrições a tinta, dedicatória manuscrita de Miguel Lemos e carimbo da Biblioteca na folha de guarda, conforme ilustram as figuras 7 e 8.

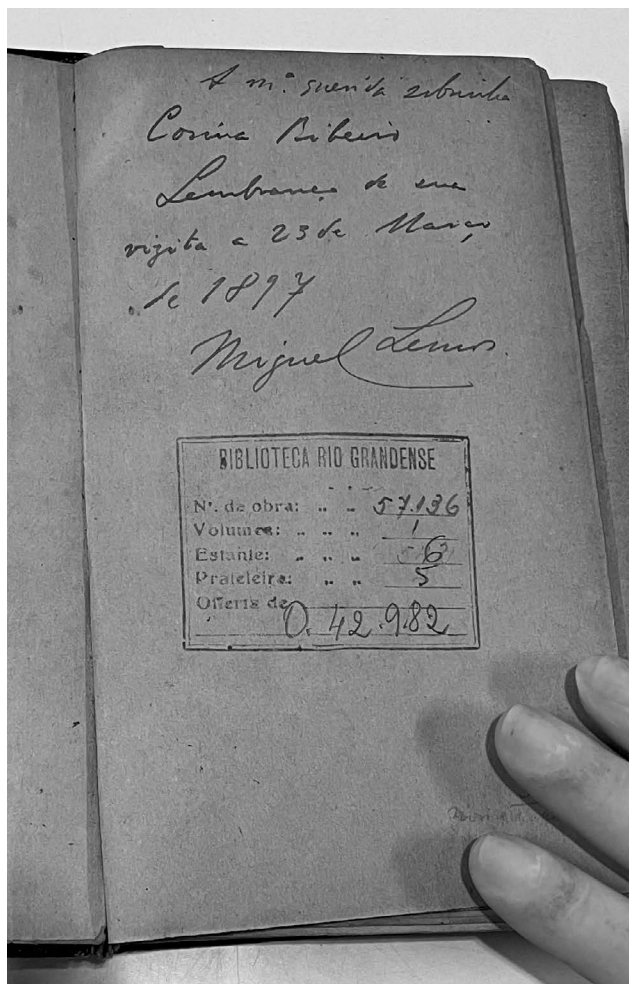
Figura 7. Capa interna (brochura) de *La Divina Commedia* (1894)



Fonte: as autoras (2023).

Figura 8. Inscrição de Miguel de Lemos

Na margem superior da folha de guarda: inscrição manuscrita a tinta “A ma. querida sobrinha Corina Ribeiro. Lembrança de sua vizita a 23 de Março de 1897. Miguel Lemos”; no centro da folha: carimbo da Biblioteca Rio-Grandense contendo informações de registro e localização do exemplar.



Fonte: as autoras (2023).

Miguel Lemos (1854-1917) foi um filósofo carioca. Estudou na Escola Politécnica do Rio de Janeiro, engajando-se no Positivismo naquela época. Posteriormente, foi um dos fundadores da Sociedade Positivista Brasileira, em 1876. Em viagem a Paris aderiu à linha de Augusto Comte após conhecer Emile Littré e Pierre Laffite; e, a partir daí, ocupou-se da corrente positivista religiosa defendida por Laffite, que achava que era mais completa do que a corrente filosófica seguida por Littré. (Miguel Lemos, 2023; Silva, 2006).

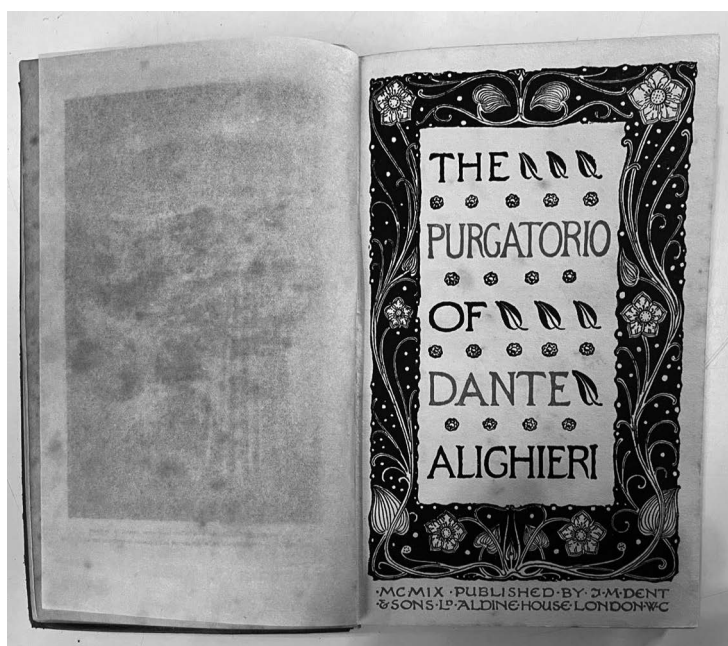
Corina Ribeiro (1871-1957), depois de casada, assumiu o nome do marido e passou a se chamar Corina Ribeiro Otero. Miguel Lemos era amigo do esposo

de Corina – Ernesto de Otero. A família Otero tem sua história ligada à cidade do Rio Grande devido à aquisição, em 1909, de grande parte das terras do Balneário Cassino pelo coronel Augusto Leivas Otero (Barcellos, 2000).

e) The Purgatorio (1909)

The Purgatorio, edição ilustrada, em inglês, publicada em Londres, em 1909, por J. M. Dent (figura 9), apresenta encadernação em couro verde com a estampa dourada de uma coruja ao centro da capa, emblema característico das obras publicadas na série *The Temple Classics*, conforme se pode observar na figura 10.

Figura 9. Folha de rosto da obra *The Purgatorio* (1909)



Fonte: as autoras (2023).

Figura 10. Emblema de J. M. Dent
No centro da capa: coruja gravada em dourado.



Fonte: as autoras (2023).

O exemplar pertencente à Biblioteca Rio-Grandense não possui indícios de propriedades anteriores.

Considerações finais

A proveniência deve ser debatida de forma interdisciplinar, pois ela constrói tanto a biografia do objeto quanto da pessoa que o colecionou. No contexto das bibliotecas, a proveniência pode ser fator determinante na atribuição de raridade de um item ou coleção, tendo em vista a significância cultural e histórica agregada ao (à) antigo(a) proprietário(a).

O estudo realizado permitiu conhecer uma pequena parte da história das edições d'*A Divina Comédia*, de Dante, pertencentes à Biblioteca Rio-Grandense. Os livros apresentados no estudo fazem parte da coleção de obras raras da referida biblioteca devido a fatores como idade cronológica, beleza e

proveniência. Porém, especificamente neste estudo, buscou-se observar aspectos como a presença de ilustrações e os artistas que as elaboraram; características de encadernação; e evidências de posse e propriedade.

O estudo das marcas compreende apenas uma das etapas da pesquisa de proveniência. No entanto, tal etapa possibilitou conhecer antigos proprietários e parte da trajetória percorrida por essas obras, o que nos permite concluir que: todas as edições presentes na Biblioteca, publicadas nos séculos XIX e XX, têm origem estrangeira (dos sete exemplares, quatro são franceses, dois são italianos e um é inglês); a aquisição de um dos exemplares de edição francesa se deu pelo comércio local, através de um livreiro rio-grandino; os proprietários anteriores foram predominantemente homens, com exceção de Corina Ribeiro Otero. Quanto aos grupos sociais dos proprietários das marcas de proveniência encontradas na pesquisa, pode-se perceber que, em sua maioria, estes proprietários possuíam mais de uma profissão. Entre eles há empresários, membros das forças armadas, delegados, políticos, filósofos, advogados e médicos; como não foram encontradas mais informações sobre Corina Otero, não foi possível determinar sua profissão, o que ressalta o apagamento da memória das mulheres na história do livro. Destaca-se que alguns desses leitores faziam parte de associações comerciais e culturais, e de sociedades filantrópicas discretas, como a maçonaria, eram membros da Igreja Positivista do Brasil, integrantes de partidos políticos, da força policial e da Sociedade Riograndense Beneficente e Humanitária.

A continuidade dos estudos permitirá descobrir mais elementos que completarão a história desta importante obra da literatura mundial, além de recuperar os apagamentos e as memórias dos benfeitores da cultura bibliográfica local.

Referências

A FEDERAÇÃO: orgam do Partido Republicano. Porto Alegre: Partido Republicano, 1884-1937. Disponível em: <http://memoria.bn.br/hdb/periodico.aspx>. Acesso em: 11 set. 2023.

ALMANAK administrativo, Mercantil e Industrial da Provincia do Ceará. Fortaleza: Typ. Constitucional. 22x15 (1863). Disponível em: <http://memoria.bn.br/DOCREADER/DocReader.aspx?bib=706043>. Acesso em: 16 Jul. 2025.

BARCELLOS, João. O Balneário do Cassino: uma inspiração europeia. *Biblos*, Rio Grande, v. 12, p. 43-48, 2000. Disponível em: <https://www.brapci.inf.br/index.php/article/download/19520>. Acesso em: 7 set. 2023.

BIBLIOTHÈQUE NATIONALE DE FRANCE. *Catalogue général des livres imprimés de la Bibliothèque Nationale*: auteurs. Paris: Imprimerie Nationale, 1908. v. 35.

CATALOGUE des livres rares et précieux composant la Bibliothèque de M. Jules Janin. Paris: Adolphe Labitte, 1877. Disponível em: <https://archive.org/embed/cataloguedesliv00ratigoog>. Acesso em: 4 mar. 2024.

MIGUEL LEMOS. *In: Wikipedia: a enciclopédia livre*. Flórida: Wikimedia Foundation, 2023. Disponível em: <https://w.wiki/7sdS>. Acesso em: set. 2023.

REED, M. Provenance of rare books. *In: MCDONALD, John D.; LEVINE-CLARK, Michael (ed.). Encyclopedia of library and information sciences*. 4. ed. Boca Raton: CRC Press, 2018. v. 6, Physical Sciences – Special Librarianship, p. 3766-3773.

ROCHA, Helder da. *Dante Alighieri: A Divina Comédia*. [S.l.:s.n.], c. 2000. Disponível em: <https://www.stelle.com.br>. Acesso em: 4 mar. 2024.

SILVA, João Carlos da. Miguel Lemos. *In: HISTEDBR: Grupo de estudos e pesquisas “História, Sociedade e Educação no Brasil”*. Campinas: Unicamp, 2006. Disponível em: <https://www.histedbr.fe.unicamp.br/navegando/glossario/miguel-lemos>. Acesso em: 10 set. 2023.

Primeiros impressos de Brasília como critério de raridade na Coleção de Obras Raras da Biblioteca Nacional de Brasília (BNB)

Mariana Giubertti Guedes Greenhalgh

Doutora em Ciência da Informação; bibliotecária
da Biblioteca Nacional de Brasília





Resumo

Os critérios de raridade em coleções de obras raras se fundamentam na importância e na escassez das obras. Na Coleção de Obras Raras da Biblioteca Nacional de Brasília (BNB), um dos critérios de raridade adotado é “primeiros impressos brasilienses até 1970”. Neste sentido, a presente pesquisa tem como objetivo analisar o contexto da produção editorial de Brasília para justificar o critério de raridade dos primeiros impressos da capital do Brasil. Como metodologia buscou-se identificar a quantidade de publicações em Brasília no período de 1956 a 1970, através de levantamento bibliográfico, esclarecendo se há escassez de publicação nesse período. Também foram analisadas características intrínsecas das obras para identificar a importância destas para o contexto brasiliense. Como resultado, foram identificados 731 títulos, de livros e folhetos, publicados entre 1959 e 1970, sendo que mais de 95% desses títulos foram publicados a partir de 1966. Além dos dados quantitativos foi possível identificar o perfil de publicação, no que diz respeito aos conteúdos, percebendo-se obras que tratam da nova capital federal, tanto da sua criação quanto do seu desenvolvimento durante a primeira década de existência. A partir dos resultados, conclui-se que dentre os primeiros impressos em Brasília há condições de escassez e importância identificada nas obras, o que justifica o critério adotado pela BNB.

Palavras-chave: Memória regional. Critério de raridade. Coleção de Obras Raras. Incunábulo regionais.

Abstract

The rarity criteria in collections of rare books are based on the importance and scarcity of the documents. In the Collection of Rare Works of the Biblioteca Nacional de Brasília (BNB), one of the rarity criteria adopted is “first prints from Brasília until 1970”. In this sense, the present research aims to analyze the context of editorial production in Brasília to justify the rarity criterion of the first printed matter in the capital of Brazil. As a methodology, we sought to identify the number of publications in Brasília in the period from 1956 to 1970, through a bibliographic survey, clarifying whether there was a shortage of publications in that period. Intrinsic characteristics of the documents were also analyzed to identify their importance for the Brasília context. As a result, 731 titles, books and pamphlets, published between 1959 and 1970 were identified, with more than 95% of these titles being published from 1966 onwards. In addition to quantitative data, it was possible to identify the publication profile, with regard to the contents, perceiving documents that deal with the new federal capital, both its creation and its development during the first decade of its existence. From the results, it is concluded that among the first prints in Brasília there are conditions of scarcity and importance identified in the books and pamphlets, which justifies the criteria adopted by BNB.

Keywords: Regional memory. Rarity criterion. Collection of Rare Works. Regional incunabula.



Introdução

A coleção de obras raras é formada a partir de critérios de raridade definidos conforme a realidade e o contexto da instituição em que está vinculada. A história da região pode influenciar na definição de critérios específicos, na busca por salvaguardar parte da memória regional, como a produção regional ou obras que pertenceram a personalidades relevantes na história da região, por exemplo.

No caso da Biblioteca Nacional de Brasília (BNB), a definição dos critérios de seleção de obras raras tem um histórico desde 2008, quando formalizaram a primeira Política de Acervamento, com um critério específico para a região: “Registros da construção de Brasília até 1970” (Biblioteca Nacional de Brasília, 2008, p. 10). Apesar de ter os critérios definidos e parte do processo de seleção ter acontecido, a coleção de obras raras não chegou a ser concretizada.

Em 2019, formalizou-se o projeto de criação das Coleções Especiais da BNB, buscando-se instituir também a coleção de obras raras, com uma política de seleção atualizada. Dentre os critérios definidos está o de “primeiras publicações brasilienses até 1970”, critério este que foi acrescentado considerando-se os “incunábulo regionais” de Brasília.

“O termo ‘incunábulo regionais’ se refere às primeiras publicações de determinado local. No caso de Brasília, desde o deslocamento para a área de construção, em 1956, até 1970 será considerado o período dos ‘incunábulo regionais’ da região” (Biblioteca Nacional de Brasília, 2019, p. 12).

É de se notar, todavia, que a fixação da data de 1850 para obras raras, como é feita por algumas bibliotecas, exclui todos os impressos publicados na Província do Amazonas, que só ganhou uma imprensa a partir de 1852, em Manaus, ou na Província do Paraná, que inicia a edição de obras apenas em 1854, após sua separação de São Paulo. Nestes casos, de qualquer forma, existe a possibilidade de se tratar estas obras como “incunábulo regionais ou locais” (Helde, 2014, p. 65).

Segundo Teixeira, Garcia e Rodrigues (2018, p. 138), os livros possuem importâncias histórica, cultural e patrimonial que podem estar relacionadas a uma região em um determinado tempo, tendo assim mais relevância localmente. Desta forma, algumas instituições salvaguardam “livros raros, tidos como elementos da memória cultural de um determinado local, povo ou instituição”.

Considerando a quantidade de obras publicadas nos primeiros anos da nova capital federal, o *Anuário Estatístico do Brasil*, editado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), apresenta dados de difusão bibliográfica, que registra os números totais e parciais de títulos e tiragens de livros e folhetos no Brasil. Os primeiros registros de edições em Brasília aparecem nas estatísticas de

1969, com 42 livros e folhetos publicados naquele ano (Anuário [...], [1908-], p. 767). Contudo, os dados de difusão bibliográfica possuem falhas entre 1959 e 1970; primeiramente pelo fato de a difusão bibliográfica não aparecer nos anuários de 1965, 1966, 1968 e 1970 e, em segundo lugar, porque a especificação do local de edição não é apresentada em todos os anos do *Anuário*. Desta forma, faltam informações estatísticas sobre as primeiras edições em Brasília.

Portanto, o presente trabalho busca distinguir produções brasilienses no período de 1956 a 1970, identificando características, de escassez em contexto nacional ou de importância das obras para a região, que justifiquem a salvaguarda de títulos deste período conforme o critério proposto pela BNB de primeiros impressos em Brasília.

Metodologia

A pesquisa se caracteriza como descritiva e exploratória, utilizando como método principal a pesquisa documental. Tendo como objetivo identificar produções de Brasília entre 1956 e 1970, a consulta de fontes relacionadas ao controle bibliográfico nacional se apresenta como a melhor metodologia a seguir.

Conforme aponta Juvêncio e Rodrigues (2016, p. 166), “as bibliografias são uma importante fonte de informação quanto à produção intelectual de determinada área do conhecimento, país, região ou autor”. Porém, na história da bibliografia brasileira corrente, não houve consolidação de uma fonte única para essas informações.

Para identificar impressos em Brasília no período de 1956 a 1970, foi utilizado o levantamento bibliográfico em bibliografias nacionais que relacionaram as produções de tal período. As fontes utilizadas na presente pesquisa foram:

- *Bibliografia brasileira corrente*, na Revista do Livro: 1956 a 1961, 1963 a 1964;
- *Bibliografia brasileira*, do Instituto Nacional do Livro: 1965 e 1966;
- *Boletim Bibliográfico*, da Biblioteca Nacional: 1959 a 1962; e
- *Bibliografia Brasileira Mensal*, do Instituto Nacional do Livro: 1967 a 1970.

Todos os títulos que foram registrados como sendo de Brasília foram listados, com identificação do ano de publicação, da editora responsável pela impressão e das quantidades totais e parciais no período analisado, e comparação com a produção nacional.

Análise dos resultados

A partir do levantamento documental realizado, foi possível identificar as primeiras obras publicadas na nova capital federal. Em 1957 surge a primeira revista, intitulada *Revista Brasília*, criada pela Companhia Urbanizadora da Nova Capital do Brasil (Novacap) e publicada mensalmente entre janeiro de 1957 e maio de 1963. “O objetivo da revista era documentar a construção da nova capital, como um boletim informativo, para abastecer a opinião pública nacional e internacional sobre o andamento das obras” (Arquivo Público do Distrito Federal, 2023).

Em 1957, também entrou em circulação o jornal *Primeira Hora*, fundado por Jesus Boquady e dirigida por Genaro Maltez, que se proclamava “o primeiro jornal de Brasília a circular em Brasília” (*Primeira Hora*, 1957, p. 1). O *Correio Braziliense*, apesar de já ter sido considerado o primeiro jornal brasiliense, começa a ser publicado somente a partir da inauguração da nova capital federal, em 21 de abril de 1960. Além desses títulos, foram identificados entre 1959 e 1970 outros 31 periódicos publicados em Brasília, na sua grande maioria, de órgãos do governo federal.

Em meio a uma prevalência de publicações do Rio de Janeiro e de São Paulo nas bibliografias consultadas, Brasília publicou 731 títulos de livros e folhetos entre 1959 e 1970. O primeiro título de livro identificado nas bibliografias foi *Bagana: monólogo*, escrito por Ruy Carneiro, publicado em 21 de abril de 1959, sendo o único livro publicado naquele ano. De 1960 a 1965, 32 obras foram publicadas em Brasília. A produção editorial aumenta consideravelmente a partir de 1966, período que reúne 95,6% da produção total, com 699 obras.

Os impressos em Brasília contam também com publicações da Editora da Universidade de Brasília (UnB) que, segundo Hallewell (2012), lançou seis títulos em 1968 e apenas dois títulos em 1969, tendo dificuldades no lançamento dos livros no início das impressões. Porém, com relação a data é possível identificar nas bibliografias brasileiras publicações anteriores, em 1967, da Gráfica Piloto da UnB. Entre 1967 a 1970, foram identificadas 41 publicações editadas pela Universidade de Brasília, sendo somente 5,6% do total de obras. Além das obras publicadas pela UnB serem escassas nesse período, estas publicações exibem importância por apresentarem informações históricas da primeira universidade localizada no Distrito Federal.

O maior volume de publicação na nova capital federal é a dos governos federal e distrital, com o total de 555 livros e folhetos, que representam 75,9% das publicações no período de 1959 a 1970. Dentre essas publicações é possível identificar as primeiras informações da nova capital federal e de seu desenvolvimento urbano nos primeiros dez anos de existência.

Segundo Hallewell (2012), o Distrito Federal contava com duas editoras de projeção nacional: Coordenada de Brasília e Editora de Brasília (Ebrasa), informação constatada na consulta às bibliografias. De acordo com o levantamento realizado, as duas editoras iniciaram os lançamentos no ano de 1968. De 1968 a 1970, a Coordenada de Brasília publicou 25 títulos e a Ebrasa publicou 28. Além dessas editoras foi possível identificar publicações da Editora Dom Bosco e da Gráfica Horizonte.

Além dos dados quantitativos, foi possível identificar que uma das obras publicadas pela Coordenada de Brasília foi censurada em 1969. A obra *O diário de Che Guevara*, que foi identificada no levantamento das bibliografias com publicação provável em 1969, foi apreendida no dia 11 de novembro de 1969 na Livraria Encontro, propriedade do editor e livreiro Victor Alegria. Na ocasião, 600 exemplares foram apreendidos na livraria e mil exemplares foram apreendidos no depósito da editora (Greenhalgh, 2020, p. 8).

A censura de livros impressos reforça a importância e a escassez de obras publicadas nesse período em Brasília. O período considerado pelo critério das primeiras publicações brasilienses coincidiu com anos do governo militar (1964-1985), marcado por censura de livros que a partir do momento que eram “considerados subversivos ou imorais não podiam ser publicados ou tinham sua circulação impedida” (Greenhalgh, 2020, p. 2).

Considerações finais

O período considerado para os “incunábulo regionais” de Brasília coincide com um período em que o mercado editorial brasileiro se manteve em níveis extremamente baixos. E, em comparação com outras localidades, Brasília representa uma quantidade menos representativa do total de publicações do período. Segundo Reimão (2018, p.18), durante toda a década 1960, os índices registrados não ultrapassam a barreira de um livro por habitante ao ano, “a transposição deste patamar só se dará no início dos anos 70”. Tal informação é reforçada pelos dados obtidos nas bibliografias brasileiras. Além da baixa produção, o período representa a fase da consolidação editorial e da impressão na nova capital federal, manifestando-se um aumento considerável somente em 1966, graças também às publicações governamentais, tendo em vista a mudança efetiva dos órgãos para o Distrito Federal.

Desta forma, as 731 obras, entre livros e folhetos, identificadas no período de 1959 a 1970, demonstram que há uma escassez de títulos, principalmente de editoras não governamentais, que publicaram 135 títulos em 11 anos. Dentre essas obras estão as primeiras produções literárias brasilienses, representando o início do desenvolvimento de uma cultura literária regional, títulos que, além de escassos, são relevantes para o registro da memória cultural de Brasília.

Por fim, constatou-se que o critério de raridade definido pela Biblioteca Nacional de Brasília de primeiros impressos em Brasília até 1970 se justifica nos valores cultural e de limite histórico das obras para a memória brasiliense. Como defendem Teixeira, Garcia e Rodrigues (2018), dentre os diversos critérios de raridade adotados em coleções de obras raras, há aqueles universalmente aceitos e aqueles considerados circunstanciais. Os critérios de raridade de caráter circunstancial podem ser de “livros que foram impressos dentro de um determinado período, em uma determinada localidade, levando em consideração o surgimento da tipografia nesta localidade” (Teixeira; Garcia; Rodrigues, 2018, p. 136). Sendo assim, o critério adotado pela BNB se caracteriza como um critério de raridade circunstancial, sendo relevante para a biblioteca brasiliense, que é a maior biblioteca pública do Distrito Federal e que tem dentre suas funções a de salvaguarda da memória regional.

Referências

- ANUÁRIO ESTATÍSTICO DO BRASIL. Rio de Janeiro: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. [1908-]. Disponível em: <https://biblioteca.ibge.gov.br/biblioteca-catalogo?id=720&view=detalhes>
- ARQUIVO PÚBLICO DO DISTRITO FEDERAL. *Revista Brasília*. 2023. Disponível em: <https://www.arpdf.df.gov.br/revista-brasilia/>. Acesso em: 19 set. 2023.
- BIBLIOGRAFIA brasileira corrente. *Revista do Livro*, Rio de Janeiro, 1956.
- BIBLIOGRAFIA brasileira corrente. *Revista do Livro*, Rio de Janeiro, 1957.
- BIBLIOGRAFIA brasileira corrente. *Revista do Livro*, Rio de Janeiro, 1958.
- BIBLIOGRAFIA brasileira corrente. *Revista do Livro*, Rio de Janeiro, 1959.
- BIBLIOGRAFIA brasileira corrente. *Revista do Livro*, Rio de Janeiro, 1960.
- BIBLIOGRAFIA brasileira corrente. *Revista do Livro*, Rio de Janeiro, 1961.
- BIBLIOGRAFIA brasileira corrente. *Revista do Livro*, Rio de Janeiro, 1963.
- BIBLIOGRAFIA brasileira corrente. *Revista do Livro*, Rio de Janeiro, 1964.
- BIBLIOGRAFIA BRASILEIRA MENSAL. Rio de Janeiro: INL, v. 1, n. 1-2, 1967.
- BIBLIOGRAFIA BRASILEIRA MENSAL. Rio de Janeiro: INL, v. 1, n. 3-14, 1968.
- BIBLIOGRAFIA BRASILEIRA MENSAL. Rio de Janeiro: INL, v. 2, n. 1-12, 1969.
- BIBLIOGRAFIA BRASILEIRA MENSAL. Rio de Janeiro: INL, v. 3, n. 1-12, 1970.
- BIBLIOTECA NACIONAL DE BRASÍLIA. *Política de Acervamento da Biblioteca Nacional de Brasília*. Brasília: Biblioteca Nacional de Brasília, 2008. Disponível em: <http://bnbdigital.cultura.df.gov.br/colecao-bnb/politica-de-acervamento-da-biblioteca-nacional-de-brasilia/>. Acesso em: 10 set. 2023.

BIBLIOTECA NACIONAL DE BRASÍLIA. *Política de Seleção das Coleções Especiais da Biblioteca Nacional de Brasília (BNB)*. Brasília: Biblioteca Nacional de Brasília, 2019. Disponível em: <http://bnbdigital.cultura.df.gov.br/colecao-bnb/politica-de-selecao-das-colecoes-especiais-da-biblioteca-nacional-de-brasilia-bnb-2/>. Acesso em: 19 set. 2023.

BOLETIM BIBLIOGRÁFICO. Rio de Janeiro: Biblioteca Nacional, v. 9, 1959.

BOLETIM BIBLIOGRÁFICO. Rio de Janeiro: Biblioteca Nacional, v. 10, 1960.

BOLETIM BIBLIOGRÁFICO. Rio de Janeiro: Biblioteca Nacional, v. 11, 1961.

BOLETIM BIBLIOGRÁFICO. Rio de Janeiro: Biblioteca Nacional, v. 12, 1962.

GREENHALGH, R. D. Os livros e a censura em Brasília durante a Ditadura Militar (1964-1985). *Informação & Sociedade: estudos*, [S. l.], v. 30, n. 3, p. 1-15, 2020. DOI: 10.22478/ufpb.1809-4783.2020v30n3.52231. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/ojs2/index.php/ies/article/view/52231>. Acesso em: 19 set. 2023.

HALLEWELL, Laurence. *O livro no Brasil: sua história*. 3. ed. São Paulo: Universidade de São Paulo, 2012.

HELDE, Rosângela R. von. Critérios de raridade bibliográfica, conhecer e preservar. In: *Curso Informativo sobre Preservação de Coleções Bibliográficas e Documentais*, 17, 2014, Rio de Janeiro. Apresentação em Power Point. 75 slides.

INSTITUTO NACIONAL DO LIVRO. *Bibliografia brasileira: 1965-1966*. Rio de Janeiro, 1966-1967.

JUVÊNCIO, Carlos Henrique; RODRIGUES, Georgete Medleg. A bibliografia nacional brasileira: histórico, reflexões e inflexões. *CID: revista de Ciência da Informação e Documentação*, Ribeirão Preto, v. 7, p. 165-182, ago. 2016. N. esp.. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/incid/article/view/118769/116240>. Acesso em: 22 mar. 2024.

PRIMEIRA HORA. 1957. Disponível em: https://hemeroteca.ihgg.org/publicacao.asp?PUB_IDEN=17&EDI_IDEN=17. Acesso em: 10 set. 2023.

REIMÃO, Sandra. *Mercado editorial brasileiro*. São Paulo: Universidade de São Paulo. Escola de Comunicações e Artes, 2018. DOI: <https://doi.org/10.11606/9788572052122>. Disponível em: www.livrosabertos.sibi.usp.br/portaldelivrosUSP/catalog/book/264. Acesso em: 19 set. 2023.

TEIXEIRA, H. D.; GARCIA, N. de M.; RODRIGUES, M. C. Critérios de raridade bibliográfica: problemas, metodologias e aplicações. *Biblos*, [S. l.], v. 32, n. 1, p. 134-145, 2018. DOI: 10.14295/biblos.v32i1.8288. Disponível em: <https://periodicos.furg.br/biblos/article/view/8288>. Acesso em: 27 set. 2023.

Desvendando as marcas de proveniência da Coleção do Imperador Dom Pedro II

Priscila de Assunção Barreto Côrbo

Doutora em Ciência da Informação pelo IBICT/UFRJ e
coordenadora do Sistema de Bibliotecas Colégio Pedro II

Tatyana Marques de Macedo Cardoso

Doutora em História, Política e Bens Culturais pela FGV e
coordenadora da Biblioteca Histórica Colégio Pedro II





Resumo

O estudo tem por objetivo revelar as marcas de proveniência presentes na Coleção do Imperador Dom Pedro II pertencente ao acervo da Biblioteca Histórica do Colégio Pedro II, setor vinculado ao Centro de Documentação e Memória que reúne coleções consideradas raras e/ou preciosas devido à sua importância histórica, cultural e patrimonial. São obras que retratam as fases e reformas políticas institucionais e educacionais brasileiras, assim como apontam importantes transformações sociais, políticas e culturais. Nesta pesquisa de cunho teórico-documental, optou-se pela análise e interpretação das marcas de proveniência presentes nas obras da Coleção do Imperador Dom Pedro II. Busca-se realizar uma revisão de literatura especializada nos campos da História do Livro e das Bibliotecas.

Palavras-chave: Coleção Dom Pedro II. Colégio Pedro II. Marcas de Proveniência. Obra Rara. Memória.

Abstract

The study aims to reveal the marks of provenance present in the Collection of Emperor Dom Pedro II belonging to the collection of the Historical Library of Colégio Pedro II, a sector linked to the Documentation and Memory Center and which brings together collections considered rare and/or precious due to their historical, cultural and heritage importance. Works that portray Brazilian institutional and educational political phases and reforms, as well as pointing out important social, political and cultural transformations. In this theoretical-documentary research, we have opted for the analysis and interpretation of the provenance marks present in the works of the Emperor Dom Pedro II Collection. The aim is to carry out a review of specialized literature in the fields of Book History and Libraries.

Keywords: Dom Pedro II Collection. Colégio Pedro II. Marks of Provenance. Rare work. Memory.



Introdução

O presente artigo tem por objetivo revelar as marcas de proveniência presentes nas obras da Coleção do Imperador Dom Pedro II, pertencente à Biblioteca Histórica do Colégio Pedro II. Busca-se por meio dos traços, vestígios e marcas do passado, desvendar o itinerário geográfico e intelectual da coleção, bem como as redes de conexões que se estabelecem com a memória histórico-institucional e com a memória da educação brasileira.

O Colégio Pedro II (CPII), fundado em dois de dezembro de 1837, constituiu-se, hoje, em uma autarquia federal do Ministério da Educação (MEC) e está localizado no estado do Rio de Janeiro. A instituição oferta educação básica, cursos de graduação e pós-graduação *stricto e lato sensu*, contribuindo para a formação continuada de docentes. Com mais de 12 mil alunos, o colégio conta com 14 *campi*, sendo 12 no município do Rio de Janeiro, um em Niterói e um em Duque de Caxias, além do Centro de Referência em Educação Infantil, no bairro de Realengo.

No decorrer dos anos, o Colégio Pedro II produziu documentos do cotidiano da administração escolar, gerados a partir do resultado de suas atividades administrativas e pedagógicas, no cumprimento de seus objetivos, missão e finalidade. Hoje, este valioso conjunto documental, formado por acervo bibliográfico, hemerográfico, iconográfico, museológico, histórico e por coleções especiais, retrata a história da educação brasileira e reflete a influência humanística da instituição, na formação do corpo docente e discente (Côrbo, 2020).

Com o intuito de salvaguardar os acervos e as coleções, hoje considerados históricos, raros e/ou especiais, foi instituído, no ano de 2014, o Centro de Documentação e Memória (Cedom), localizado no *campus* Centro, responsável pela proteção do patrimônio documental. Além de disseminar e preservar o patrimônio documental do colégio, o Cedom tem por atribuição subsidiar os trabalhos de pesquisa, cultura e extensão da comunidade escolar e atender às necessidades informacionais de pesquisadores de instituições de ensino do país, em nível médio, de graduação e de pós-graduação. Os setores que fazem parte do Centro são o Museu Histórico; o Centro de Estudos e Biblioteca Antenor de Veras Nascentes; o Núcleo de Documentação e Memória; o Laboratório de Digitalização do Acervo Histórico; e a Biblioteca Histórica.

A Biblioteca do Imperial Colégio de Pedro II, atualmente denominada Biblioteca Histórica, agrega coleções especiais, raras e/ou preciosas que refletem a contribuição dada pelo colégio à sociedade e à educação brasileira, desde sua fundação como elemento político e articulador de novos saberes.

Partimos do pressuposto de que todo patrimônio documental, esteja sob a guarda de particulares, institutos, fundações, bibliotecas, arquivos, museus, centros de documentação e memória ou outro, pode vir a se constituir como

valiosa fonte de informação e de pesquisa. Seja pela particularidade dos tipos documentais ou pelo testemunho histórico, seja pelas possibilidades de informação que fornece ou por proporcionar novas indagações e novos caminhos de pesquisa (Côrbo, 2020).

Neste sentido, consideramos que, por meio da interpretação das marcas de proveniência contidas nas obras da já citada coleção, seja possível identificar as particularidades e as potencialidades deste valioso acervo de memória, especialmente os possíveis valores que possam vir a pretender, os que se transfiguram ou os que se manifestam no decorrer do tempo.

Metodologia

A pesquisa atual caracteriza-se como um estudo qualitativo e exploratório, de cunho teórico-documental, sobre a temática central das marcas de proveniência presentes nas obras raras e especiais da Coleção do Imperador Dom Pedro II. Busca-se realizar a revisão de literatura especializada concentrada nos campos da História do Livro e das Bibliotecas.

No que tange ao percurso histórico e às particularidades da Biblioteca do Imperial Colégio de Pedro II, optou-se pela realização de pesquisa bibliográfica e documental. Para isso, são investigados os acervos institucionais – bibliográfico, histórico e iconográfico – pertencentes aos setores do Centro de Documentação e Memória do colégio.

Busca-se, por meio das marcas de proveniência contidas nas obras desta coleção, como indícios do passado, identificar, mais precisamente, as particularidades de seus autores e de seus proprietários – docentes e discentes da instituição –, a influência que tiveram na vida social e acadêmica, os hábitos e costumes da própria instituição, da comunidade escolar da sociedade e de época.

Neste sentido, propõe-se identificar indícios de história e memória do passado desta casa secular de ensino e sua contribuição para o desenvolvimento da educação no país, especialmente as conexões que essas obras estabelecem com a memória histórico-institucional e com a memória da educação brasileira.

Desvendando as marcas de proveniência e suas potencialidades

Apoiando-nos nas afirmações de Leung (2016), entendemos ser de suma importância uma análise acurada do objeto livro, a fim de identificar as marcas de proveniência nele presentes. Assim, é necessária a análise bibliológica do item, de modo a traçar o seu percurso, buscando as inúmeras marcas nele presentes.

Conhecer a história do livro, da editoração, da leitura e do colecionismo nos fornece subsídios para perceber e apontar, com maior precisão, suas características, tais como o tipo de papel usado na sua confecção; os materiais empregados na sua encadernação; marca(s) de impressor(es); gravura(s), etc. A este levantamento ou identificação de características, dá-se o nome de análise bibliológica, o qual precede o colacionamento [descrição minuciosa de todos os detalhes identificados durante a análise bibliológica]. (Rodrigues; Vian; Teixeira, 2020, p. 7).

Assim como na análise bibliológica, podemos identificar o itinerário e as características extrínsecas de uma coleção por meio da “cartografia de livros”. A “cartografia” é considerada a área da ciência que se preocupa em produzir, estudar e analisar mapas, plantas e demais representações gráficas do espaço, ou seja, através dessas representações, somos capazes de nos localizar e conhecer diferentes localidades. Com os livros não é diferente. Por meio de um código de classificação, conseguimos encontrar o livro na estante, seja através de uma localização fixa, com número da estante, da prateleira e da posição que o mesmo ocupa naquela prateleira, seja através do assunto abordado na obra. Há algum tempo, “sociólogos e críticos literários também fazem uso da cartografia como instrumento de análise das condições de produção literária e, em outro sentido, das representações dos espaços sociais dentro da literatura” (Deaecto, 2011, p.183).

Além dessas representações espaciais que podem ser localizadas no interior de uma obra literária, também podemos encontrar diferentes marcas de proveniência em um livro. Essas marcas podem contar a história de cada exemplar de livro presente em uma determinada biblioteca, pois, como uma espécie de “arqueologia biblioteconômica” (Azevedo, 2010, p. 234), os livros podem conter indícios que se tornam imprescindíveis para conhecermos sua história. Os livros, portanto, possuem diversos elementos que devem ser investigados e apurados. Tais elementos podem ser considerados marcas de proveniência, que não se restringem apenas ao proprietário do livro ou sua origem. De acordo com David Pearson (1998), outras marcas devem ser levadas em consideração, por exemplo, as marcas de uso encontradas no exemplar de um livro, tais como etiquetas, carimbos etc.

Segundo o *Dictionnaire encyclopédique du livre* (apud Azevedo, Freire, 2018, p. 5) “a proveniência também pode estar associada à história da posse do livro. Ou seja, signo ou traço que o livro contém e que permite identificar seus antigos possuidores ou sua posse atual”.

Ao consultarmos o Dicionário do Livro, de autoria de Maria Isabel Faria e Maria das Graças Pericão, a palavra proveniência é definida como:

Informação acerca da transmissão de propriedade de um manuscrito ou impresso; uma encadernação especial com superlivros, ex-libris, carimbo, selo branco ou

qualquer outra inscrição de anteriores possuidores pode indicar a proveniência. Reveste particular importância numa biblioteca, quando o exemplar pertenceu a uma personalidade conhecida que, eventualmente, aí terá consignado os seus comentários; pertence, marca de posse, origem [...] (Faria; Pericão, 2008, p. 605).

Por meio dessas marcas podemos mapear a origem das obras, a quem elas pertenceram, de que maneira foram organizadas em suas bibliotecas, rastrear as redes comerciais da época, enfim, por meio delas podemos identificar uma série de particularidades que definem as redes de sociabilidade, bem como os circuitos diferenciados de produção – intelectual e industrial e difusão livresca.

Biblioteca Histórica do Colégio Pedro II

O colégio desde sua fundação já previa a criação de diferentes espaços de ensino-aprendizagem. A Biblioteca do Imperial Colégio de Pedro II é referida no Regulamento nº 8, de 31 de janeiro de 1838, capítulo XXIV, artigo nº 146, que dispõe sobre os Estatutos do Colégio, tais como os Laboratórios de Química, Física e Biologia, em que podemos identificar as primeiras diretrizes para a realização das atividades administrativas e as deliberações sobre a estrutura, a finalidade e o funcionamento, assinados pelo ministro do império, Bernardo Pereira de Vasconcelos.

A Biblioteca do Imperial Colégio de Pedro II foi criada para atender aos programas de ensino e seu acervo foi adquirido e desenvolvido ao longo dos anos. As obras serviam de instrumentos para o ensino e a aprendizagem no cotidiano escolar, e de modelo para os programas de outras instituições de ensino. Depois de um grande período atendendo à comunidade escolar, o acervo da biblioteca ficou desatualizado, não somente devido ao fato da extinção de algumas disciplinas e pela expansão das unidades escolares, mas também pelo surgimento de novas bibliotecas escolares, oferecendo materiais informacionais mais atualizados.

Durante anos, a Biblioteca Histórica sobreviveu em condições precárias em se tratando de recursos humanos e financeiros para sua manutenção e os devidos cuidados à proteção do acervo. Hoje, a Biblioteca Histórica remonta a sua importância institucional e desenvolve projetos e ações de preservação com o intuito de dar acesso permanente a este bem patrimonial bibliográfico.

A Biblioteca Histórica reúne livros e periódicos do século XVI até o início do século XX, perfazendo um total aproximado de 40 mil volumes, incluindo textos que fundamentam a educação no Brasil desde o século XIX. A coleção, em especial, foi adquirida por compra, a fim de atender às necessidades informacionais do corpo docente e discente e dar suporte às atividades de ensino e pesquisa.

O acervo da Biblioteca Histórica está dividido em Acervo Antigo e Coleções Especiais. O Acervo Antigo foi constituído logo após a fundação do colégio e corresponde a obras utilizadas pelo corpo docente, fundamentais para a prática pedagógica. As Coleções Especiais, por sua vez, foram formadas por meio de doações de professores catedráticos¹ e alunos eminentes² contendo obras e objetos pessoais dos referidos.

Para acondicionar as obras do Acervo Antigo, o colégio importou da Alemanha, em 1920, uma estrutura de ferro de dois andares, larga e robusta, com escada e balaústres de ferro fundido, naquele período sob a administração do reitor do externato, Carlos de Laet. O piso superior em vidro é reforçado por malhas de ferro. As colunas de ferro dividem o espaço entre as prateleiras e a circulação de pessoas. No primeiro piso, além da estrutura de ferro, encontram-se armários de ferro e de madeira, onde também são realizados o tratamento das obras e o processamento técnico. Destaca-se, sobretudo, o elevador que foi construído e moldado, de maneira especial, no interior da coluna da biblioteca, talhada na madeira maciça, para conduzir os livros até a Sala de Leitura, que fica no segundo andar do prédio. (Côrbo, 2020).

As obras do Acervo Antigo são raras e/ou preciosas, devido a sua importância histórico-cultural e difere-se das Coleções Especiais por conter obras que, em princípio, não podem ser facilmente adquiridas e nas quais a instituição, por sua área de interesse (valor institucional), atribui importância na sua manutenção e preservação.

São obras que, por um lado, não podem ser substituídas ou descartadas sem causar prejuízo à missão institucional, à sua relação com outros itens do acervo e ao valor de pesquisa; por outro, três obras deste acervo, em particular, foram identificadas como “obras raras” pelo Plano Nacional de Recuperação de Obras Raras (Planor), da Biblioteca Nacional e, assim, registradas no Catálogo do Patrimônio Bibliográfico Nacional (CPBN) e no Guia do Patrimônio Bibliográfico Nacional de Acervo Raro, ambos instrumentos gerenciados (Planor).

A Coleção do Imperador Dom Pedro II pertence ao Acervo Antigo e as marcas de proveniência contidas em suas obras revelam parte importante do viver pedagógico-institucional.

1. A cátedra se tornou uma instituição cultural, destacando figuras de intelectuais proeminentes. Os professores catedráticos deveriam ser nomeados por decreto, mediante concursos de provas e títulos, escolhidos entre diplomados pela Faculdade de Educação, Ciências e Letras.

2. Título honorífico concedido pela Congregação do Colégio aos ex-alunos que tiveram sucesso na vida pública, seja política, cultural, ou outra.

Coleção do Imperador Dom Pedro II

A Coleção do Imperador Dom Pedro II é composta por 27 obras e destaca-se das demais coleções do Acervo Antigo devido a seu valor patrimonial. Ainda hoje, há poucas informações sobre a origem das obras, a quem elas pertenceram, de que maneira foram organizadas e como chegaram até a Biblioteca Histórica. De acordo com relatos de servidores do Cedom, as obras pertenciam ao acervo particular de dom Pedro II e foram doadas, especialmente, ao colégio para dar suporte aos programas de ensino. A coleção encontrava-se armazenada em um armário do gabinete da direção geral do *campus* Centro, no período de gestão do diretor e professor Tito Urbano, e foram confiadas ao Cedom com a finalidade de garantir sua preservação.

São obras que possuem similaridades e seguem o mesmo padrão de encadernação, identificada como “encadernação imperial”. Acredita-se que foram selecionadas propositalmente por algum servidor do educandário devido às suas peculiaridades e à importância de seu conteúdo informacional que, possivelmente, deram suporte aos primeiros programas de ensino do colégio.

De acordo com Flaeschen (2022, p. 396), “as encadernações [que] possuem como características o couro chagrin ou marroquim verde usado no revestimento e a gravação da decoração em ouro, realçando as cores nacionais: verde e amarelo”. Poderiam ter pertencido a alguma repartição pública, ao Império ou à Fazenda Pública. “Eram encadernações oficiais.” (Flaeschen, 2022, p.396).

Identificamos, nesta coleção, algumas similaridades na encadernação armoriada com arabesco em ouro e superlúbris do império, para destacar as cores nacionais: verde e amarelo. Grande parte desta coleção possui douradura no corte. O dourado do corte é uma operação que foi utilizada a partir do século XV e se caracteriza pela aplicação de folha de ouro no corte dos livros, com a finalidade de protegê-los e de valorizar sua apresentação (Faria; Pericão, 2008, p. 209-259).

Imagem 1 – Capa de livro



Fonte: Acervo Antigo, Biblioteca Histórica do Colégio Pedro II.

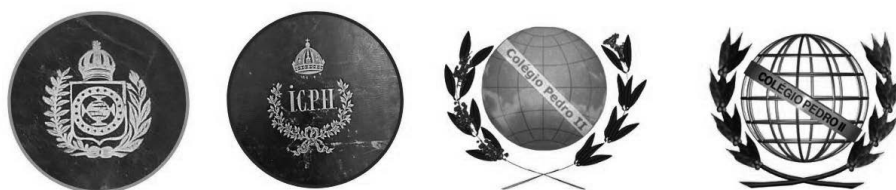
Nota-se que as armas do império carregavam símbolos e encontramos variações que estão expressas nas encadernações dos livros desta coleção, conforme apresentado na imagem 1. Verifica-se o superlíbris do império com a esfera armilar, as estrelas que representaram as províncias, os ramos de café e tabaco, e o manto majestático encimado com a coroa imperial.

Por meio dos elementos estampados nos brasões utilizados pelo colégio, ao longo do tempo, torna-se possível acompanhar o itinerário histórico-temporal das principais reformas educacionais que ocorreram durante todo o século XIX e XX. Até os dias atuais, o colégio utiliza a logomarca mantendo alguns elementos dos superlíbris do império, destacados na imagem 2.

Construindo uma conexão dos significados de cada componente presente na logomarca do colégio e no superlíbris do império, estampados na capa dos livros, no âmbito dos estudos em heráldica, inferimos que a esfera armilar branca personifica a nação; envolvida por ramos verdes de café e tabaco, que

significavam a riqueza da terra; os mesmos podem ser considerados estereótipos da educação, vista como uma riqueza, um bem cultural que deve ser preservado e perpetuado para todas as gerações; o fundo azul-céu, cor-imagem nacional da monarquia, onde se insere a origem da escola oficial do Estado. O bicromo verde-amarelo não era bem visto por um número considerável de artistas e intelectuais durante a monarquia, pela conotação vulgar das vestes dos bobos das cortes desde a Idade Média, vindo, supostamente daí, a opção pelo azul absoluto, cor esta sempre associada à monarquia. (Andrade, 1999).

Imagem 2 – Superlúbrs do Império e logomarca do Colégio Pedro II



Fonte: Acervo Antigo, Biblioteca Histórica do Colégio Pedro II.

As marcas de propriedade encontradas nos carimbos com o brasão do extermato, em tinta úmida, aplicadas nas folhas de rosto das obras, se pautaram nas reformas políticas e institucionais que ocorreram ao longo dos anos.

Imagem 3 - Carimbos do Colégio Pedro II



Carimbo utilizado até a queda do Império

Carimbo utilizado até meados do século XX para identificar e registrar, com número de tombo e data, os exemplares pertencentes ao Internato Frei de Guadalupe.

Carimbo utilizado até meados do século XX para identificar os exemplares pertencentes ao antigo Externato do Colégio Pedro II.

Marca de prateleira normalmente localizada na folha de rosto de cada exemplar, no canto superior direito, de forma manuscrita.

Carimbo utilizado até meados do século XX para identificar os exemplares pertencentes ao antigo Internato do Colégio Pedro II.

Carimbo utilizado até meados do século XX para identificar e registrar, com número de tombo e data, os exemplares pertencentes ao Internato do Colégio Pedro II.

Fonte: Acervo Antigo, Biblioteca Histórica do Colégio Pedro II.

Com a realização de algumas reformas, dias após a queda do Império, no ano de 1889, o Imperial Collegio de Pedro Segundo passou a denominar-se Instituto Nacional de Instrução Secundária. Em novembro de 1890, passa a se chamar Gymnasio Nacional. No ano de 1909, o externato é rebatizado como Externato Nacional Pedro II e o internato como Internato Nacional Bernardo

Pereira de Vasconcelos, seu fundador. A tradição falou mais forte e, em 1911, o educandário retoma seu nome de origem, Colégio Pedro II, que permanece até os dias atuais.

Os programas de ensino e a formação da Coleção do Imperador Dom Pedro II

A tradição do colégio se fez com o decorrer do tempo, mais precisamente quando a instituição começou a crescer cultural e pedagogicamente pela riqueza de seu programa de ensino, admitindo em seu quadro docente e técnico, de preferência, ex-alunos e profissionais formados por outros educandários. (O Colégio Pedro II, 2013).

Os professores catedráticos produziam conteúdo para as disciplinas, indicavam obras e elaboravam compêndios para a instrução pública que eram adotados nas aulas. Os programas de ensino do colégio eram, posteriormente, implantados nas escolas de ensino secundário do país. (Côrbo, 2020).

Verificou-se que nas três primeiras décadas do século XIX o interesse do governo voltava-se exclusivamente para o ensino superior. O ensino secundário era constituído por aulas avulsas e o ensino primário continuava pouco desenvolvido. Diante dessa conjuntura, o governo central cria o Colégio Pedro II, na capital, como uma escola secundária modelo.

A criação do Colégio Pedro II intensificou a busca pela aquisição de livros escolares para atender aos programas de ensino. Verificou-se que muitos dos livros escolares da Baptiste Louis Garnier foram escritos por professores do Colégio Pedro II. O principal autor de livros didáticos da Garnier foi Felisberto Rodrigues Pereira de Carvalho, professor ocupante da cátedra de português. (Hallewell, 2012, p. 245).

Entre as disciplinas que compunham o programa de ensino do colégio, destacam-se as aulas de Filosofia, Latim, Grego, Inglês, Francês, Alemão, Português, Italiano, História Geral, História Natural, Corografia do Brasil,³ Geografia Geral, Matemática, Desenho, Música e, ainda, o ensino de Dança. No ano de 1859, foram iniciadas as aulas de Ginástica, ministradas até o início do século XX – aulas de Ginástica Sueca. (Côrbo, 2020).

Por decreto de 1894, os alunos do externato (atual campus Centro) e internato (atual campus São Cristóvão) também deveriam receber aulas de Instrução Militar – formando um batalhão escolar – ministradas por oficiais subalternos do exército, concorrendo ambos a solenidades cívicas. (Doria, 1997).

3. Corografia brasileira ou relação histórico-geográfica do Reino do Brasil caracteriza-se como o estudo geográfico de um país ou de uma de suas regiões.

As disciplinas ou – como se dizia no século XIX – as “cadeiras” que compunham os programas de ensino do Colégio Pedro II eram estabelecidas pelo governo imperial, em consonância com as propostas que fundamentavam o projeto do estado de formar uma elite capacitada a gerir o projeto de nação que se objetivava concretizar. Apesar disso, o conteúdo das disciplinas estava a cargo dos catedráticos – os professores do colégio responsáveis pelas cadeiras, em sua maioria autores dos livros didáticos ali adotados. (Santos, 2011, p. 56).

Os primeiros livros escolares brasileiros de que se tem registro foram publicados pela Impressão Régia, de acordo com Hallewell (2012):

[...] uma primeira tentativa suscitada pelas guerras napoleônicas, que interromperam os suprimentos normais da Europa. Com o restabelecimento dos intercâmbios, durante muitos anos pouca coisa ouvimos de livros escolares brasileiros. Não apenas o mercado era pequeno demais para interessar a alguma editora nacional, como também os métodos primitivos de ensino usados nas muitas escolas dispensavam inteiramente o uso de livros. (Hallewell, 2012, p. 112-144).

A Impressão Régia tinha como princípio auxiliar a expansão da educação pública. Criada em 1808, deteve até 1822 o monopólio da impressão no Rio de Janeiro. Desvendando as marcas de proveniência da Coleção de Dom Pedro II, encontramos uma obra em latim, de 1826, publicada pela Impressão Régia, que se trata de uma seleção de textos escritos pelos principais autores da época, voltada para o público juvenil.

Esta mesma obra contém um selo, no verso da capa, da livraria Baptiste Louis de Garnier, que foi uma das primeiras e mais importantes livrarias e editoras no Brasil no século XIX. Baptiste-Louis, livreiro e editor francês, chegou ao Brasil em 1844, após ter trabalhado na livraria Garnier Frères, pertencente a seus irmãos mais velhos, Auguste e Hippolyte.

Tomando como modelo as livrarias parisienses, a Garnier foi instalada na rua do Ouvidor, ponto nevrálgico do comércio e da vida intelectual do Rio de Janeiro, e ocupou dois diferentes endereços nessa mesma rua. Teve sua expansão a partir da compra de estoque, mobiliários e direitos de publicação de editoras que encerravam atividades. (Hallewell, 2012, p. 241-242).

Outra obra deste acervo refere-se a uma peça escrita pelo autor, dramaturgo e estadista alemão do Sacro Império Romano-Germânico, Johann Wolfgang von Goethe, sobre o poeta italiano do século XVI, Torquato Tasso. A peça foi concebida inicialmente em Weimar, em 1780, apesar de sua maior parte ter sido escrita durante os dois anos em que Goethe esteve na Itália, entre 1786 e 1788, ficando completa em 1790.

Encontramos nesta importante obra, escrita em alemão, o carimbo do “Imperial Collegio de P. 2º – Externato”, bem como o número do registro e o ano em que a obra foi catalogada. Verificou-se que ela pertencia à primeira

unidade escolar da instituição, localizada no campus Centro, com o carimbo seguindo os moldes dos brasões do império, com os ramos de café e tabaco e a coroa portuguesa.

Também foi encontrada outra obra impressa pela Tipografia da Família Delalain, que se refere ao primeiro tomo da Opera de Publius Vergilius Maro (70 a.C.). A coleção completa contém os últimos seis livros de *Eneida*, uma das grandes obras escritas por Virgílio, considerado um dos maiores poetas de Roma e expoente da literatura latina. O livro é acompanhado por um comentário de Jules Delalain, que fornece uma visão sobre o significado e a importância do texto. Esta edição foi publicada em 1823 e é valiosa para estudiosos e estudantes de literatura clássica. *Eneida* é um poema épico que conta a história do herói troiano Enéias, que viaja para a Itália e funda a raça romana. A obra de Virgílio é considerada uma das maiores obras da literatura latina e teve profunda influência na cultura ocidental.

No livro foram identificadas marcas de propriedade logo na folha de rosto, com o brasão da família Delalain. A obra, que pertenceu ao externato, possui o carimbo que segue os moldes dos brasões do império, com os ramos de café e tabaco e a coroa portuguesa, e mais o carimbo de registro e a data de incorporação ao acervo da Biblioteca Histórica.

Outro importante item da coleção tem a autoria de Gil Vicente, que foi um poeta e dramaturgo português considerado por muitos estudiosos como o pioneiro do teatro português. Sua obra mais conhecida é A farsa de Inês Pereira. Seus textos marcam a fase histórica da passagem da Idade Média para o Renascimento (século XVI).

Este exemplar apresenta detalhes nas páginas de guarda em papel marmorizado, recurso utilizado naquele período para simular mármore. Ele contém ainda um selo da Livraria Luso-Brasileira, propriedade da Livraria Francisco Alves que teve papel capital no mundo editorial, embora Garnier e Laemmert mantivessem seu domínio no mercado durante os primeiros anos do novo século.

A Livraria Francisco Alves teve sua primeira filial em São Paulo, em 1893, onde Manuel Pacheco Leão, filho do secretário de educação e amigo de Francisco, Teófilo das Neves Leão, ficou com parte das cotas da sociedade. Em 1906, foi aberta uma filial em Belo Horizonte. Em São Paulo, ela adquiriu a N. Falconi e a Livraria Melilo; no Rio de Janeiro, adquiriu a Lombaerts, a Livraria Católica de Sauvin, a Livraria Luso-Brasileira, de Lopes da Cunha, a Empresa Literária Fluminense, de A. A. da Silva Lobo, e a casa de Domingos de Magalhães. Comprou também a firma portuguesa A Editora, que fora anteriormente David Corazzi. Em 1909, adquiriu a Laemmert, conseguindo os direitos de *Os sertões*, de Euclides da Cunha, e de *Inocência*, de Taunay. Arrematou ainda a pequena livraria da Viúva Azevedo, no Rio de Janeiro. (Hallewell, 2012, p. 301-330).

Dentro dessa coleção destacam-se três obras impressas pela tipografia da família Tauchnitz. Entre elas, há um livro de história impresso no ano de 1848 e dois livros com óperas, impressos nos anos de 1829 e 1846.

Karl Christoph Traugott Tauchnitz foi um importante editor de livros em alemão, que fundou uma editora em Leipzig, em 1798, onde publicou dicionários, a Bíblia Sagrada e obras em grego e latim. Em 1777, Tauchnitz se tornou aprendiz do impressor Sommer em Leipzig. Mais tarde, estudou com o tipógrafo e xilogravador Unger em Berlim. Fundou em 1796 sua própria empresa e, em 1800, uma fundição de tipos foi acrescentada à gráfica e logo depois à livraria editorial. Os empreendimentos de Tauchnitz foram economicamente bem-sucedidos porque introduziu a técnica de impressão tipográfica da estereotipia na Alemanha, fato reconhecido pela contribuição decisiva para a redução dos preços dos livros. Após a morte de Charles Tauchnitz, seu filho Karl Christian Phillipp Tauchnitz manteve a casa, mas em 1865 ele a vendeu para Otto Holtze.⁴

Os livros com óperas se destacam culturalmente pela relevância que possuem como base de conhecimento da civilização tal como a conhecemos. Foram reproduzidos a partir do artefato original e permanecem o mais fiel possível ao trabalho original. Nota-se que as obras possuem brasão do externato com os ramos de café e de tabaco e a coroa portuguesa. Dessa forma, foram adquiridas pela instituição antes da queda do império. No lado superior direito, estão as anotações manuscritas de sua localização na estante.

Além dos brasões, carimbos e selos de tipografia, foi localizada uma obra com o selo de uma importante papelaria no verso da capa de um livro, no canto superior esquerdo, a Papelaria e Encadernação de Walter Faria Ltda., em que constam o endereço e o telefone da empresa, situada na rua do Senado, nº 243. Agripino Siqueira Campos, Orlando L. Alcântara, Sebastião do Almeida e Walter Faria eram considerados importantes artesãos do livro, discípulos de Leopoldo Berger. Leopoldo Berger publicou o Manual Prático e Ilustrado do Encadernador, o primeiro a ser editado em língua portuguesa. Assim como Berger, Walter e seus colegas de profissão atuavam no processo de encadernação como arte, o livro como obra de arte.

As *Fábulas*, de Esopo, também se destacam dentro desta coleção pela relevância que têm até os dias atuais no campo da literatura e para o desenvolvimento da educação infantil. Corresponde a uma coleção de fábulas creditadas a Esopo, um escravizado e contador de histórias que viveu na Grécia Antiga. Estas obras foram publicadas pela Tipografia Nacional e, compiladas especialmente para atender as aulas avulsas. Na folha de rosto encontramos o carimbo do externato e estampado à folha, o brasão da coroa portuguesa. Contém, ainda por interpretar, uma sigla do proprietário.

4. Disponível em: <https://www.deutsche-digitale-bibliothek.de/person/gnd/119227738>. Acesso em: 25 mar. 2023.

Por fim, destacamos dez exemplares da coleção da obra *Commentarii de Bello Gallico*, de *Juli Caesaris*, publicados em 1844. Caio Júlio César, em latim Caius ou Gaius Iulius Caesar (100 a.C. – 44 a.C.), foi um líder militar e político romano. Desempenhou um papel importante para a transformação da república romana em império romano. Muito da historiografia das campanhas militares de César foi escrita por ele próprio ou por fontes contemporâneas, a maioria cartas e discursos de Cícero e manuscritos de Salústio. César é considerado por muitos acadêmicos como um dos maiores comandantes militares da história.

Comentários sobre a Guerra Gálica, em latim *Commentarii de Bello Gallico*, é um texto de Júlio César onde são relatadas as operações militares durante as guerras da Gália, que se desenrolaram de 58 a.C. a 52 a.C., nas quais ele foi vencedor.

Cada um dos livros de “*Bello Gallico*” é consagrado, mundialmente, como precioso documento histórico. Verificou-se que estes exemplares foram encadernados em couro e na lombada constam o título e o autor da obra, com acabamento dourado. No entanto, distinguem-se das demais obras desta coleção por não possuírem similaridades como corte em ouro, superlúbris do império com a esfera armilar, os ramos de café e tabaco ou do Colégio Pedro II.

Algumas obras foram publicadas pela *Librairie Hachette* e pela tipografia *Imprimerie Lahure* e contêm o carimbo do externato utilizado após a queda do império. Outros dois exemplares foram publicados em Leipzig, pela tipografia de *Caroli Tauchnitz*, e um deles mantém o carimbo do externato antes da queda do império, e o outro o carimbo da instituição utilizado depois da queda do império.

Diante do estudo apresentado neste tópico, sobre as obras da Coleção do Imperador Dom Pedro II, ressaltamos a necessidade de ampliação da pesquisa e da exploração das marcas de proveniência para que possamos identificar todas as potencialidades deste acervo.

Considerações finais

A Coleção do Imperador Dom Pedro II classifica-se hoje como valioso tesouro institucional, e podemos considerá-la como patrimônio bibliográfico nacional devido a sua relevância para a história da educação brasileira. Suas obras, chanceladas por meio de carimbos do Externato e Internato do Imperial Colégio de Pedro II, selos, superlúbris, ex-lúbris, ex-donos, e outras marcas ainda por desvendar, representam o esforço de gerações de reitores e diretores em adquirir um acervo valioso e único para sua comunidade escolar. São obras que retratam parte importante do viver pedagógico-institucional.

As marcas de proveniência contidas na coleção evidenciam não somente seu itinerário geográfico e intelectual, mas, especialmente, revelam as redes de

conexões e desdobramentos que cada item bibliográfico delinea ao longo de sua existência material, e em relação a antigos donos e a seus leitores.

Por meio de uma análise bibliológica, tendo como base as marcas de proveniência pertencentes à coleção, torna-se possível desvendar as particularidades de cada obra dentro desse projeto gráfico e visual de valorização do livro, característico do século XIX. Podemos identificar os tipos de encadernação e de papel utilizados, a aplicação de arabescos e gravação de douração em ouro e superlúbris. Da mesma forma, pode-se analisar seus antigos donos e a contribuição de importantes tipógrafos na manufatura dos livros e nas técnicas de fabricação, bem como o itinerário de cada exemplar que estava circunscrito a um pequeno grupo de livreiros que revolucionaram a indústria nacional e internacional do livro. É possível notar ainda as características intrínsecas de cada livro como a contribuição de seus autores para o enriquecimento do conhecimento humano, e a consequente influência que essas obras tiveram na vida social e acadêmica, nos hábitos e costumes da própria instituição e de sua comunidade escolar.

De fato, o estudo por meio da “cartografia de livros” nos leva a mapear a origem das obras, a quem elas pertenceram, de que maneira foram organizadas em suas bibliotecas, assim como rastrear as redes comerciais da época, já que por meio delas podemos identificar uma série de particularidades que definem as redes de sociabilidade, bem como os circuitos diferenciados de produção – intelectual, industrial e difusão livresca.

Diante desses fatos, torna-se possível afirmar que as marcas de proveniência dão intencionalidade ao valor documental, patrimonial e mesmo informacional da Coleção do Imperador Dom Pedro II. As obras desta coleção potencializam múltiplos interesses e valores. Todos esses elementos devem ser considerados quando se tratar da salvaguarda dessas obras, estejam eles relacionados à raridade bibliográfica, à fabricação, ao valor científico e cultural, à preciosidade do material ou à antiguidade.

A Biblioteca Histórica, com acervos diversificados e características ímpares, tem potencial para atender a diferentes necessidades informacionais e de pesquisa. As obras raras e especiais nos convidam a tecer e a buscar destinos e trajetórias de lugares, de acontecimentos e dos atores sociais, bem como auxiliar no exame da cultura escolar, da prática docente, das disciplinas escolares e de outras tantas temáticas que têm servido, no âmbito da história da educação, como possibilidades de entender e compreender o sentido do cotidiano escolar.

Com efeito, o Colégio Pedro II continua a exercer sua influência sobre o espaço educacional brasileiro. Nos dias atuais, as obras possibilitam que se expresse a sua tradição, não só pelos materiais didáticos produzidos por seus notáveis professores que deram início, no século XIX, a consagrados conceitos culturais e pedagógicos, mas também através das práticas educacionais adotadas pela entidade, através de um conjunto de materiais e utensílios que eram

usados durante as aulas, possibilitando diversas pesquisas em múltiplas áreas do conhecimento.

Referências

ANDRADE, Vera Lucia Cabana de Queiroz. *Colégio Pedro II: um lugar de memória*. Rio de Janeiro, 1999. Tese (Doutorado em História Social) – Instituto de Filosofia e Ciências Sociais da Universidade do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1999.

AZEVEDO, Fabiano Cataldo de. A doação da biblioteca João do Rio ao Real Gabinete Português de Leitura: aspectos de uma história pouco conhecida. *Perspectivas em Ciência da Informação*, v. 15, n. 3, p. 233-249, set./dez. 2010.

AZEVEDO, Fabiano Cataldo de; FREIRE, Stefanie Cavalcanti. *As histórias que cada exemplar de livro nos conta: as marcas de proveniência bibliográfica e as dedicatórias*. Apresentação. Rio de Janeiro: Fundação Biblioteca Nacional, 2018.

CÔRBO, Priscila de Assunção Barreto. *Políticas de informação e memória no Colégio Pedro II: preservação e acesso ao patrimônio documental e seus paradoxos*. 2020. 227 f. Tese (Doutorado em Ciência da Informação) – PPGCI-IBICT/ECO-UFRJ, Rio de Janeiro, 2020.

DEAECTO, Marisa Midori. *O império dos livros*. São Paulo: EDUSP, 2011.

DÓRIA, Escragnolle. *Memória histórica do Colégio de Pedro II: 1837-1937*. 2. ed. Brasília: INEP, 1997.

ENCONTRO NACIONAL DE ACERVOS RAROS, 12, 2018, Rio de Janeiro. Anais eletrônicos [...]. Rio de Janeiro: Biblioteca Nacional, 2018. Disponível em: https://www.bn.gov.br/sites/default/files/documentos/miscelanea/2021/an138_digital-7410.pdf. Acesso em: 11 maio 2021.

FARIA, Maria Isabel; PERICÃO, Maria da Graça. *Dicionário do Livro: da escrita ao livro eletrônico*. São Paulo: EDUSP, 2008.

FLAESCHEN, J. H. F. Marcas de proveniência em coleções doadas à Biblioteca Nacional: Salvador de Mendonça e Tereza Christina Maria. *Ponto de Acesso*, v. 16, n. 3, p. 385-403, 2022. Disponível em: <https://doi.org/10.9771/rpa.v16i3.52315>. Acesso em: 8 set. 2023.

HALLLEWELL, Laurence. *O livro no Brasil: sua história*. 3. ed. São Paulo: Universidade de São Paulo, 2012.

LEUNG, Colette. *The journey of books: rare books and manuscripts provenance metadata in a digital age*. 2016. Dissertação (Master of Arts in Humanities Computing and Master of Library and Information Studies) – University of Alberta, School of Library and Information Studies, Edmonton, Canadá, 2016. Disponível em: <https://goo.gl/L6sHd8>. Acesso em: 6 jul. 2018.

NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. São Paulo, *Projeto História*, n.10, p. 7-28, dez. 1993.

O COLÉGIO PEDRO II: contribuição histórica aos 175 anos de sua fundação. Comissão de Atualização da Memória Histórica, Colégio Pedro II. Rio de Janeiro: 2013.

PEARSON, David. *Provenance research in book history: a handbook*. London: British Library, 1998.

RATO, Fausto Moreira. *Manual de ex-libristica*. Lisboa: Imprensa Nacional Casa da Moeda, 1976.

RODRIGUES, Marcia Carvalho; VIAN, Alissa Esperon; TEIXEIRA, Heytor Diniz. Marcas de procedência: contribuições para o estudo do livro raro. *Encontros Bibli: revista eletrônica de Biblioteconomia e Ciência da Informação*, Florianópolis, v. 25, p. 1-20, 2020. Universidade Federal de Santa Catarina. ISSN 1518-2924. DOI: <https://doi.org/10.5007/1518-2924.2019.e65498>.

SANTOS, Beatriz Boclin Marques dos *et al.* *Memória histórica do Colégio Pedro II: 180 anos de História na Educação do Brasil*. Rio de Janeiro: Colégio Pedro II, 2018.

SOUZA, Ingrid Lopes de; AZEVEDO, Fabiano Cataldo de; LOUREIRO, Maria Lucia de Niemeyer Matheus. Coleções especiais e valor de memória: reflexões no contexto de bibliotecas universitárias. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO (ENANCIB), 18., 2017. Anais eletrônicos [...]. Marília: UNESP, 2017, p. 1-16. Disponível em: <https://brapci.inf.br/index.php/res/v/104446>. Acesso em: 18 set. 2019.

Obras raras na saúde: buscando por Hipócrates na coleção especial do Centro de Memória da Medicina da UFMG

Ráisa Mendes Fernandes de Souza

Mestre em Ciência da Informação pela UFMG e doutora em Ciência da Informação pela UFPA; bibliotecária do Centro de Memória da Medicina

Vitória Chrissie de Oliveira Pinheiro

Graduanda em Medicina pela UFMG; técnica
em Nutrição e Dietética pelo IFMG





Resumo

Hipócrates de Cós (460-377a.C.), conhecido como o pai da medicina, deixou um legado de prática e ética na atuação médica. Esse artigo tem como objetivo geral discutir a contribuição para a área de História da Medicina das obras especiais do Centro de Memória de Medicina da Universidade Federal de Minas Gerais, as quais possuem relação direta ou indireta com Hipócrates. Concluiu-se que os profissionais que atuam em lugares de memória devem explorar também o conteúdo das coleções pelas quais são responsáveis, além de sua conservação preventiva e organização.

Palavras-chave: Hipócrates. Obras raras. História da Medicina. Centro de memória.

Abstract

Hippocrates of Cos (460-377 BC), known as the father of medicine, left a legacy of practice and ethics in medical practice. This article aims to discuss the general contribution to the History of Medicine field from the special works of the Centro de Memoria da Medicina of Universidade Federal de Minas Gerais, which have direct or indirect relation to Hippocrates. It was concluded that professionals working in memory institutions should explore the contents of the collections for which they are responsible, in addition to preventive conservation and organization efforts.

Keywords: Hippocrates; Rare books; History of Medicine; Memory center.



Introdução

O Centro de Memória da Medicina (Cememor) pertencente à Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) foi criado com o objetivo de atender aos requisitos curriculares da reforma de ensino implantada pela universidade da década de 1970.

Para além das novas normas institucionais a serem seguidas pela Faculdade de Medicina (FM), o Cememor também nasceu como resultado das inquietações profissionais de seu idealizador, o professor João Amílcar Salgado, um entusiasta da história da saúde que acreditava que a faculdade deveria investir na preservação de seu patrimônio.

Além da criação do Cememor, foi implantada a História da Medicina como disciplina, também aberta ao público externo, a ser organizada pelo próprio centro. Logo, os alunos matriculados nessa disciplina participaram ativamente da organização do acervo do Cememor, que além de um museu é um laboratório de pesquisa (Ufmg, 2013).

Em seu acervo museológico, arquivístico e bibliográfico de inestimável valor relacionado à FM e à saúde em Minas Gerais, o Cememor detém obras preciosas que citam reflexões de Hipócrates, personagem grego de grande expressividade para a História da Medicina. Trata-se de uma figura responsabilizada historicamente por descingir a superstição da Medicina, inserindo a observação clínica na prática do diagnóstico e cura.

Nesse contexto, este artigo tem como objetivo central discutir a contribuição das obras bibliográficas especiais do Cememor que possuem relação direta ou indireta com Hipócrates para a área de História da Medicina. Para isso, serão desenvolvidos os seguintes objetivos específicos:

- Contextualizar historicamente a Medicina pré e pós-hipocrática, ressaltando a vida de Hipócrates e suas contribuições para a Medicina contemporânea;
- Apresentar os critérios de obras especiais adotados pelo Cememor sob a luz dos conceitos de raridade bibliográfica;
- Difundir o Cememor como referência na preservação do patrimônio histórico brasileiro na área médica.

Quanto aos procedimentos metodológicos, trata-se de um relato de experiência ancorado no contexto do Cememor.

A produção deste trabalho consistiu nas seguintes etapas:

- 1) Revisão de literatura científica sobre Hipócrates e sobre coleções especiais;
- 2) Levantamento de todas as obras bibliográficas especiais relacionadas direta ou indiretamente a Hipócrates, presentes no acervo do Cememor e que foram catalogadas até o mês de agosto de 2023;
- 3) Análise da presença de Hipócrates nas obras selecionadas e apresentação dos critérios de raridade a que elas atendem.

A seguir, será apresentada a vida de Hipócrates e como sua existência interferiu na trajetória da Medicina.

A influência de Hipócrates na Medicina

Achados arqueológicos sugerem que até mesmo homens pré-históricos foram submetidos a algum tipo de tratamento de doenças e a atenção médica, seja pelo cuidado de ferimentos ou pelo uso de ervas medicinais. Nesse sentido, habilidades relacionadas à prática do socorro foram desenvolvidas tão logo surgiu o pensamento crítico nos humanos, além da noção de sobrevivência e empatia por membros do mesmo grupo.

Ao longo da história, as pessoas que se dedicavam à arte da cura baseavam seus tratamentos em credices, religiões, magias e poderes, deixando o doente muitas vezes à própria sorte com tratamentos sem evidência de eficácia e amparados apenas na própria fé. Os costumes superavam a comprovação científica e as doenças eram vistas como revolta dos deuses sobre determinada atitude do então doente (Gottschall, 2003).

Há relatos de que na segunda metade do século V, na ilha de Cós, um homem fundou uma escola de Medicina destinada a findar com as práticas mágicas e superstições em torno do tratamento de doenças. Esse homem foi Hipócrates. Nascido na Grécia, no sudeste do mar Egeu, na ilha de Cós de Dodecaneso, em 460 a.C., esse personagem, filho de uma família de médicos, atuou principalmente em seu lugar de nascimento. Apesar disso, não se limitou à ilha, viajando a estudo e a trabalho para aprimorar seus conhecimentos e atrair novos seguidores de seus pensamentos e métodos (Yapíjakis, 2009).

Influenciado pelas teorias pitagóricas de que a natureza seria formada por quatro elementos (fogo, terra, ar e água), Hipócrates fundamentou que o corpo bem como a saúde e as doenças eram regidos por quatro “humores”: bile negra, bile amarela, catarro e sangue. Junto aos humores, existiriam quatro condições elementares que seriam capazes de influenciar na atuação dos fluidos: frio, quente, seco e úmido. Nesse sentido, o desequilíbrio das condições elementares e/ou dos humores provocariam instabilidade no corpo e na saúde. Hipócrates estabeleceu assim a busca da saúde como um todo e não apenas a cura da doença, mostrando que a Medicina deveria atuar na busca pela harmonia dos fatores naturais do corpo, usando as técnicas necessárias em prol da saúde e do bem-estar físico (Teixeira, 2002).

O “pai da Medicina moderna” norteou a Medicina clínica como é nos dias de hoje, introduzindo novos critérios como o da observação de sintomas, diagnóstico e o tratamento pautado na ciência, desvinculando a origem das doenças da noção divina. Hipócrates formulou termos e conceitos dentro da prática médica que foram perpetuados por centenas de anos e defendeu que as

enfermidades provinham da natureza e que, por isso, sua cura também deveria vir dela. Por seus inúmeros feitos revolucionários, Hipócrates é honrado com enorme aprovação pelos médicos atuais e até mesmo pelos homeopatas. A grandiosidade de sua trajetória após sua morte alastrou-se também na época do Renascimento, momento em que seu nome adquiriu soberania nos termos da Medicina. No auge de sua reputação, muitos livros e textos foram creditados erroneamente a ele, o que aumentou exponencialmente sua coleção de obras, embora tenham sido escritos por seus seguidores ou até mesmo entusiastas. Isso gerou uma dificuldade secular para discernir, entre centenas de produções, quais realmente eram hipocráticas. Seu nome foi tão reverenciado que ganhou proporções heroicas, a ponto de entrelaçarem sua biografia às histórias lendárias. Um exemplo disso seria seu suposto parentesco com Têssalo e Drácon, ou sua relação com Asclépio, o Deus da Medicina. Hipócrates também teve seu nome atrelado ao cristianismo, sendo considerado um santo pela Igreja Católica. Tal afirmativa está presente em manuscritos do Império Romano que demonstram como o médico de Cós era visto (Ribeiro Junior, 2003).

Assim, Hipócrates revolucionou as práticas de cura e tratamento de doenças a partir do momento em que inseriu a observação do paciente e as evidências em seus diagnósticos. Ele compreendia o doente como um ser sistêmico em que o seu bem-estar estaria interligado a vários fatores ao mesmo tempo.

Influenciado pelos conceitos de Pitágoras, Hipócrates foi determinante para alicerçar a dignidade da profissão médica, estabelecendo critérios éticos, profissionais e sociais a serem adotados pelo médico (Machado Filho, 2016). É interessante observar que Hipócrates também buscou o conhecimento de outros cientistas, o que comprova seu perfil de pesquisador em uma época tão remota.

Em suas investigações, Hipócrates produziu conhecimento que se estabeleceu como atemporal. O conjunto de aproximadamente 60 livros atribuídos a ele, denominado “*Corpus Hippocraticum*”, possui seis ou sete obras que tratam diretamente da ética médica, e entre eles cita-se *O Juramento*. Esse texto aponta para um modelo de ética médica a ser seguido e a importância da transmissão do saber da Medicina aos possíveis discípulos. Ainda hoje, o Juramento é feito no Brasil pelos formandos de alguns cursos de Medicina em suas cerimônias de formatura, a que se segue:

Eu juro, por Apolo médico, por Esculápio, Hígia e Panacéia, e tomo por testemunhas todos os deuses e todas as deusas, cumprir segundo meu poder e minha razão, a promessa que se segue: estimar, tanto quanto a meus pais, aquele que me ensinou esta arte; fazer vida comum e, se necessário for, com ele partilhar meus bens; ter seus filhos por meus próprios irmãos; ensinar-lhes esta arte, se eles tiverem necessidade de aprendê-la, sem remuneração e sem contrato escrito; fazer participar dos preceitos, das lições e de todo o resto do ensino, meus filhos, os de meu mestre

e os discípulos inscritos segundo os regulamentos da profissão, porém, só a estes. Aplicarei os regimes para o bem do doente segundo o meu poder e entendimento, nunca para causar dano ou mal a alguém. A ninguém darei por prazer, nem remédio mortal nem um conselho que induza à perda. Do mesmo modo não darei a nenhuma mulher uma substância abortiva. Conservarei imaculada minha vida e minha arte. Não praticarei a talha, mesmo sobre um calculoso confirmado; deixarei essa operação aos práticos que disso cuidam. Em toda a casa, aí entrarei para o bem dos doentes, mantendo-me longe de todo o dano voluntário e de toda a sedução, sobretudo longe dos prazeres do amor, com as mulheres ou com os homens livres ou escravizados. Àquilo que no exercício ou fora do exercício da profissão e no convívio da sociedade, eu tiver visto ou ouvido, que não seja preciso divulgar, eu conservarei inteiramente secreto. Se eu cumprir este juramento com fidelidade, que me seja dado gozar felizmente da vida e da minha profissão, honrado para sempre entre os homens; se eu dele me afastar ou infringir, o contrário aconteça (Rezende, 2009, p. 35).

Para alguns, o Juramento pode ser considerado ultrapassado, contudo é uma declaração ainda de muito valor para grande parte da classe médica, sobretudo por suas afirmações morais. Apesar de ter sido redigido em um período bastante remoto, o Juramento apresenta grande similaridade com o atual Código de Ética que rege a profissão, criado inicialmente no século XX, pois ambos possuem como princípios centrais a atuação responsável e a salvaguarda da saúde e dos direitos do paciente (Rezende, 2009).

O legado de Hipócrates continuou a prosperar durante o período greco-romano, especialmente com a influência de Galeno, um médico romano do século II d.C. Galeno foi um prolífico escritor e sistematizou muitos dos ensinamentos hipocráticos, expandindo-os com sua própria experiência e conhecimento. Ele defendia a importância da anatomia e fisiologia na compreensão das doenças e suas obras tiveram um impacto significativo no desenvolvimento da Medicina durante esse período. Seus escritos e interpretações dos textos hipocráticos foram amplamente estudados e seguidos, e muitas de suas ideias e práticas médicas foram adotadas em toda a Grécia e Roma. A Medicina pós-hipocrática, portanto, foi caracterizada pela expansão do conhecimento médico, pelos avanços nas áreas de anatomia e fisiologia e pela influência de médicos proeminentes como Herófilo, Erasístrato e o próprio Galeno. Esses médicos e suas descobertas continuaram a moldar a prática médica durante o período greco-romano e tiveram um impacto duradouro na História da Medicina (Rebollo, 2006).

Os registros sobre a morte de Hipócrates indicam que ele teria falecido na cidade de Larissa, na Tessália (hoje território da Turquia), em uma de suas viagens. Não há consenso sobre a sua idade, alguns pesquisadores acreditam que ele viveu até os 104 anos, porém a expectativa de vida da população naquela época girava em torno de 56 anos. O mais assertivo é que ele tenha vivido por

um período pouco maior que o de outras pessoas da época. Contemporâneo de Sócrates, morreu por volta de 377 a.C. (Ribeiro Junior, 2003).

A partir desse breve histórico sobre a trajetória de Hipócrates, serão apresentadas as obras raras presentes no Cememor relacionadas a ele.

Hipócrates nas obras bibliográficas especiais do Centro de Memória da Medicina

O Cememor, localizado em Belo Horizonte, é um setor subordinado à Faculdade de Medicina da UFMG. Ele se propõe a resguardar a memória da Medicina em Minas Gerais e busca o cumprimento de tal objetivo por meio do registro e da organização de materiais e informações vinculados ao ensino na área, à prática médica e à investigação em saúde. Para cumprir tal finalidade, o Centro desempenha distintas atividades, a saber: a conservação e catalogação de documentos e objetos históricos, a organização de exposições físicas e virtuais, a realização de pesquisas e a promoção de eventos culturais e acadêmicos. Além dessas atribuições, o Cememor ainda promove atividades de extensão universitária, proporcionando visitas guiadas a toda a população e organizando cursos, palestras e eventos destinados aos estudantes, pesquisadores e profissionais da área da saúde vinculados ou não à Universidade.

O acervo do Cememor é formado por diversos materiais como: convites de formatura, livros, periódicos, vidrarias de laboratório, filmes, fotografias, slides, fitas K7, fitas de vídeo, plantas arquitetônicas, louças, equipamentos médicos, instrumentos cirúrgicos, mobiliário, diplomas, certificados e itens pessoais de médicos e outros profissionais da saúde, sendo responsável pela salvaguarda de um acervo especial de cerca de 100 mil itens. A coleção bibliográfica também é especializada na área da saúde e considerada especial de acordo com os critérios de raridade estabelecidos pelo próprio setor. As datas de publicação dos títulos abarcam um período de mais de quatrocentos anos, uma vez que o exemplar mais antigo foi publicado em 1619, e o mais recente em 2022.

Resumidamente, o Cememor é uma entidade de suma importância para a salvaguarda da memória da Medicina em Minas Gerais e para a disseminação de conhecimentos e informações históricas referentes a esse campo.

Apesar de o setor não possuir uma política de seleção formalizada para seus livros, alguns critérios já foram criados e estabelecidos como política na tentativa de se aplicarem diretrizes mínimas de aquisição e desbaste na gestão do acervo bibliográfico, que pode ser dividido em dois tipos, de acordo com suas funções: coleção de apoio e coleção especial. A primeira, composta por cerca de mil títulos, é formada por livros não especiais que registram pesquisas históricas sobre a área da saúde seja de forma geral, por região ou por especialidade, além de abarcar obras sobre Museologia, Biblioteconomia e Arquivologia. A segunda coleção,

mais robusta, possui cerca de 20 mil títulos e está em processo de organização e desbaste de acordo com os critérios adotados pelo setor. Como toda coleção especial, a consulta de qualquer exemplar é realizada apenas localmente e com o uso de luvas descartáveis para o manuseio da obra.

É importante salientar que a coleção bibliográfica do Cememor não possui conexão direta com o acervo da Biblioteca Baeta Vianna, que por sua vez tem o propósito de servir à graduação e pós-graduação vinculadas ao campus Saúde.

Cunha e Cavalcanti (2008) salientam que é preciso compreender que uma coleção especial é composta por um acervo específico e que, por ser diferenciada do restante por suas características físicas, sua temática ou sua importância histórica, encontra-se separada do acervo geral de uma biblioteca. Vieira e Alves (2015) descrevem a coleção especial como um local destinado a zelar por livros que fossem definidos como raros. Além disso, a coleção especial seria também o local para guardar os arquivos, coleções gerais e serviços de documentação de uma biblioteca que se qualificassem como raros. A acepção de “raro” dá-se por algo de valor que se assemelha à preciosidade e, nesse sentido, conceitua-se a obra rara como uma publicação incomum e complementa-se que as bibliotecas se amparam no fato de as obras raras necessitarem de tratamento diferencial para separá-las em um grupo de raridade. Tal grupo obedece a características relacionadas à escassez dos exemplares para compra ou consulta em acervos históricos, bem como seu valor histórico e monetário (Sant’Ana, 2001).

Ao observar tais definições é possível compreender a essencialidade das coleções especiais à preservação dos saberes científico-culturais de uma comunidade. Essas coleções testemunham a evolução da ciência e contribuem para o fortalecimento da identidade de grupos sociais. Logo, além de seu impacto quantitativo, a coleção bibliográfica do Cememor também possui valor intangível.

A organização do acervo bibliográfico do Cememor foi iniciada em 2010 a partir da tentativa de Hugo (2010) de investigar possíveis critérios de raridade a serem adotados pelo setor. Logo, a primeira seleção foi realizada tendo algumas diretrizes norteadoras, tais como:

- Definição do limite histórico: foram consideradas todas as obras médicas editadas no Brasil até 1900, todas as obras estrangeiras dos séculos XVI, XVII e XVIII, e as obras do século XIX selecionadas por especialistas da área;
- Observação dos aspectos bibliológicos: foram observadas as edições luxuosas, os suportes de impressão, as ilustrações e beleza tipográfica, as obras manuscritas, os volumes produzidos artesanalmente, etc.;
- Observação do valor cultural da obra: foram analisados os aspectos da memória institucional e autores renomados, as primeiras edições e tiragens limitadas, os fac-similares, as edições esgotadas e/ou censuradas, as coleções especiais e edições populares, as obras científicas que datam

do período inicial de ascensão da ciência médica, memórias históricas de famílias nobres e usos e costumes, edições de clássicos, etc.;

- Características do exemplar: foram avaliadas as marcas de propriedade, os ex-líbris, as dedicatórias, as assinaturas de personalidades ou professores ilustres, de encadernadores, comerciantes ou livreiros, restauradores, anotações na obra, etc.;
- Pesquisa bibliográfica: foram feitas consultas a especialistas da área médica que apontaram características das obras, tais como unicidade, relevância e rareza, e pesquisa em *sites* que disponibilizam coleções de obras raras tais como a Biblioteca Nacional, Biblioteca de Manguinhos, Biblioteca Nacional da França, *National Library of Medicine e Library of Congress* (Hugo, 2010, p. 27).

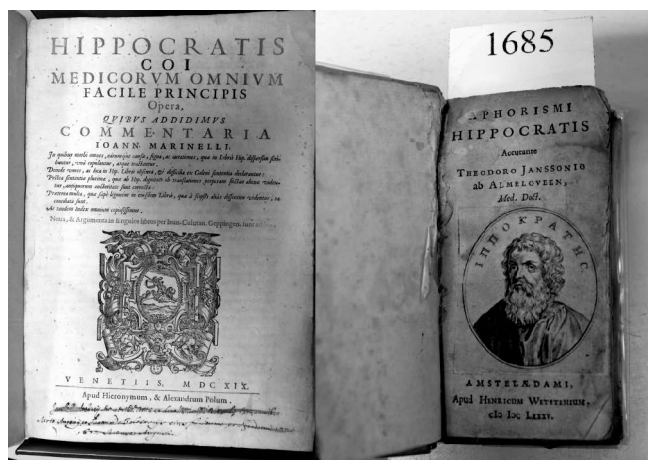
Assim, a primeira seleção revelou três obras preciosas relacionadas a Hipócrates, sendo elas:

- *Hippocratis Coi Medicorum Omnium facile principis opera*, publicada em 1619;
- *Hippocratis aphorismi: variorum auctorum maxime Hippocratis et Celsi*, publicado em 1695;
- *Les Aphorismes d' Hippocrate suivis des Aphorisme de l' Ecole de Salerne*, publicado em 1943.

A primeira obra, presente na imagem 1 e também a mais antiga, é constituída por 61 cadernos unidos por encadernação e foi recebida em um contexto em que o Cememor não possuía nenhuma diretriz de crescimento e estruturação dos acervos (Araújo, 2014).

Em 1575, na localidade de Veneza, foi tipografada por Ioannem Valgristium a obra *Hippocratis*, com comentários de Ioan Marinelle. Já a última impressão deste título foi realizada em 1619, possuindo, assim como as edições anteriores, uma tradução em latim do *Corpus hipocratium*, além de um trecho com comentários. A reimpressão da edição grega e latina, datada de 1619, foi doada ao Cememor em data desconhecida e restaurada em 2014 por Diná Araújo, que na época era bibliotecária da UFMG e integrante do Programa Memória do Mundo-UNESCO.

Imagem 1 - Folhas de rosto das obras *Hippocratis Coi Medicorum Omnium facile principis opera e Hippocratis aphorismi*



Fonte: Hipócrates.; MARINELLI, Ioann. *Hippocratis coi medicorum omnium facile Principis Opera, quibus addidimus*. Venetiis [Veneza, Italia]: Apud Hieronymum, & Alexandrum Polum, 1619. 2 v. em 1. JANSSONIO, Theodoro. *Hippocratis aphorismi. Varioorum Auctorum maxime Hippocratis et Celsi. Locis Parallelis illustrati. Subjiciuntur Celsi sententiae*. Amstelædami: Apud Henricum Wetstenium: 1685. 1 v.

Uma tentativa de tradução do título da segunda obra rara sobre Hipócrates leva o leitor para algo semelhante a: “Aforismos de Hipócrates: obras de vários autores, sobretudo Hipócrates e Celsi”. Nesse sentido, a obra de Theodoro Janssonio é uma coletânea de muitos textos, entre eles os aforismos de Hipócrates (imagem 1). Suas singelas dimensões de 12 cm x 5,5 cm x 2 cm a caracterizam como edição de bolso.

Mendes e Sousa (2010) caracterizam o aforismo como sendo uma sentença curta, universal, a ser usada em situações concretas, e que se propõe a ensinar algo. A autora prossegue pontuando que os aforismos de Hipócrates são mais do que lembretes, e sim instrumentos de clarificação e fortalecimento do pensamento médico.

Entre todos os tratados inseridos no corpus Hipocrático, os aforismos são o texto mais traduzido, comentado e editado ao longo do tempo. Os primeiros comentaristas dessa obra de que se tem registro foram Herófilo e Erasístrato, ainda no século IV a.C. No período Renascentista, a imprensa contribuiu para aumentar a divulgação dos aforismos em todas as línguas europeias, o que resultou em 150 manuscritos comentados em grego, 230 traduções latinas, 70 traduções árabes, quarenta hebraicas e uma síria (Mendes e Sousa, 2010).

É notável o impacto dos aforismos nas elites intelectuais de vários períodos históricos, resultando em uma miríade de novas reflexões a respeito dessa obra hipocrática.

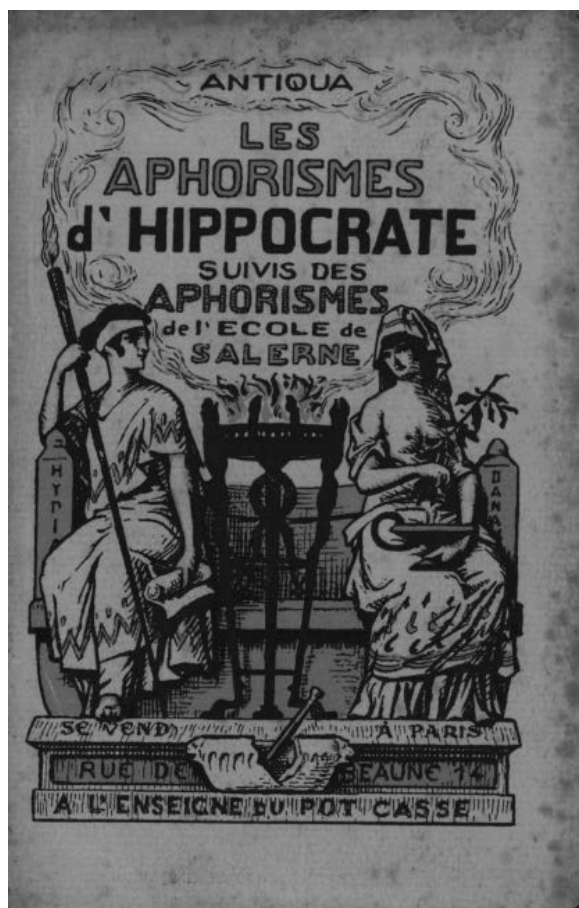
Tanto a obra de Janssonio quanto a de Marinelle atendem aos critérios de raridade da época de impressão, uma vez que foram impressas no século XVII; e também por aspectos bibliológicos, pelas características de tipo de papel, encadernação e estética e pelo seu valor cultural.

A obra intitulada *Les Aphorismes d' Hippocrate suivis des Aphorisme de l' Ecole de Salerne*, selecionada como preciosa por especialistas da área da saúde, trata de dois textos tradicionais da Medicina ancestral que inspiraram a Medicina durante séculos: “Os Aforismos de Hipócrates” e “Os Aforismos da Escola de Salerne” (imagem 2).

Os aforismos da Escola de Salerne foram escritos em latim por um grupo de médicos hipocráticos, trata-se portanto de uma espécie de guia para a prática da Medicina. Na coleção original de aforismos, reúnem-se em sete séries (ou oito séries, como considerado por alguns) os 412 aforismos. Eles direcionam as ideias mais famosas de Hipócrates quanto à postura e atitude médica na arte da cura. A obra baseia-se na observação do corpo e suas mudanças quando exposto a doenças, ao tempo na mudança das fases da vida e à mudança do ambiente. Nos aforismos aborda-se assuntos como evacuações, diferentes febres, convulsões e infecções, apresentando os significados que cada sintoma poderia traduzir aos médicos além dos procedimentos devidos a serem adotados. Nesse sentido, Hipócrates traz textos objetivos e claros com intuito de informar sem ambiguidades (Mendes e Sousa, 2010).

Além das obras mencionadas, o Cememor também possui uma coleção de teses antigas, com mais de 500 exemplares, elaboradas em contextos diversos, podendo ser divididas em três categorias gerais: inaugurais, de livre-docência e de concurso. O primeiro tipo relaciona-se com teses defendidas por alunos de várias instituições brasileiras de educação superior que pretendiam obter o “grau de Doutor em Medicina”, hoje chamado de bacharelado. No final do século XIX e início do século XX, essas teses eram requisitos fundamentais para a conclusão do curso de Medicina e tratava-se de trabalhos de pesquisa originais sobre temas variados da área médica, como anatomia, fisiologia, patologia, clínica médica e cirurgia. As teses inaugurais se tornaram fontes importantes de produção científica no Brasil, testemunhando o posicionamento da comunidade médica no período e a evolução da prática profissional ao longo do tempo. Já as teses de livre-docência e de concurso foram produzidas como etapas de processos seletivos ocorridos no passado para a entrada de docentes em universidades do país (Duarte *et al.*, 2021).

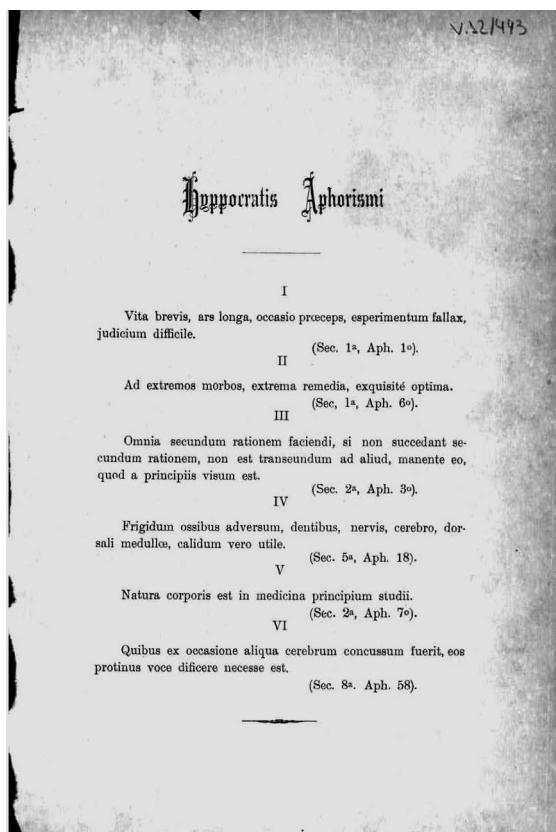
Imagem 2 – Capa da obra *Les Aphorismes d' Hippocrate suivis des Aphorismes de l' Ecole de Salerne*



Fonte: Hipócrates. *Les Aphorismes d' Hippocrate suivis des Aphorismes de l' Ecole de Salerne*. Paris: A l' Enseigne du Pot Cassé, [1943]. 220 p.

Como elementos pós-textuais dessas teses inaugurais, sobretudo aquelas publicadas até 1900, também são citados os aforismos como forma de conclusão dos trabalhos, reverenciando o legado de Hipócrates como consta na imagem 3. Os aforismos, localizados nas últimas páginas das teses inaugurais também são mencionados por Peruzzo e Oliveira (2013) no contexto da coleção de teses da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Elas identificaram a presença dos aforismos até 1911, transcritos em latim e selecionados, provavelmente, pelo autor do trabalho.

Imagem 3 – Aforismos de Hipócrates presentes em uma tese inaugural

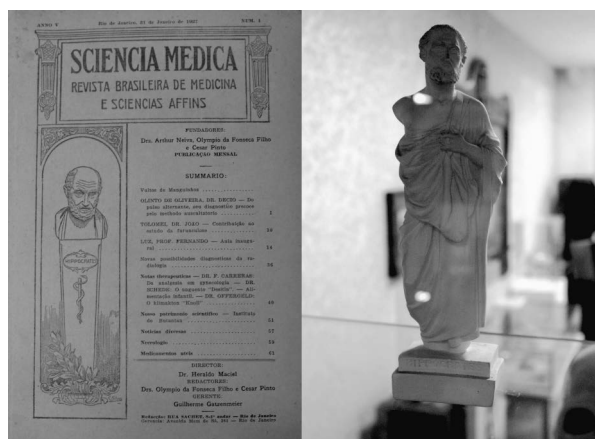


Fonte: AVELLAR JUNIOR, João Antonio de. *Do diagnostico e tratamento das paralyrias de origem bulbar*. Rio de Janeiro : Typographia Hamburgeza do Lobão, 1884. Disponível em: <http://bdor.sibi.ufrj.br/handle/doc/1304>. Acesso em: 20 jan. 2023.

O Cememor possui atualmente vinte e duas teses inaugurais com aforismos, todas datadas do século XIX, em que a mais antiga registra a data de 1844 e a mais recente 1900. Dezessete teses são provenientes do Rio de Janeiro enquanto apenas cinco são provenientes da Bahia. As teses antigas, principalmente as inaugurais, são consideradas especiais, pois se enquadram nos critérios de aspectos bibliológicos e de valor cultural. Essas obras constituem-se como vestígios originais das pesquisas médicas brasileiras desde o Brasil Império até o início do século XX.

Além da presença de Hipócrates no conteúdo de obras raras do Cememor, ele também pode ser encontrado como elemento decorativo tanto em forma de ilustração quanto como obra de arte, como mostram as imagens 4 e 5.

Imagem 4 – Imagens decorativas de Hipócrates



Fonte: Elaborado pelas autoras.

Imagem 5 – Parte do quadro de Jarbas Juarez



Fonte: JUAREZ, Jarbas. Uma síntese histórica da medicina. 1980. Pintura, tinta acrílica sobre madeira, 430 x 230 cm.

O painel “Uma síntese da história da Medicina”, representado na imagem 5, mostra parte de uma obra criada e doada ao Cememor pelo artista mineiro Jarbas Juarez Antunes. A tela possui as dimensões de 4,30 m x 2,30 m, e ocupa quase a totalidade de uma das paredes da galeria Antônio Gonçalves Gomide. Na parte de baixo desse quadro é possível ver um homem idoso que usa túnica

e tem barba e cabelos brancos. Essas características levam o observador a relacionar esse personagem a Hipócrates.

Conclusão

Hipócrates representa um marco histórico na Medicina, cujos pilares e princípios são essenciais para a prática médica moderna. A preservação de obras relacionadas a ele é de grande importância para a história da Medicina e para as memórias das práticas de cura.

Retomando os objetivos específicos deste artigo, foi possível apresentar, mesmo que de forma breve, quem foi Hipócrates e o impacto de sua existência na Medicina da Antiguidade até os dias atuais, reforçando o legado de seus saberes e como eram as práticas de cura antes e depois de sua atuação na Medicina.

O segundo objetivo foi alcançado no momento em que os critérios de raridade criados por Hugo (2010) foram apresentados, demonstrando que a seleção de obras do Cememor segue os preceitos da Biblioteconomia de obras raras.

A apresentação do Cememor quanto ao seu surgimento e quanto ao seu acervo, delimitado no presente artigo estritamente aos exemplares relacionados à Hipócrates, é uma forma de difusão do trabalho desenvolvido no setor que caminha na direção da preservação da história da Medicina. A magnitude quantitativa e qualitativa de sua coleção reflete um setor que pode ser considerado referência nacional na salvaguarda do patrimônio histórico brasileiro na área médica.

É importante que os profissionais que atuam em lugares de memória explorem suas coleções para além da conservação preventiva e da organização, ao identificar e discutir a presença e a influência de personalidades de destaque e de marcos históricos nas coleções preciosas. A construção dessas reflexões resulta em profissionais da informação mais conectados com a historicidade das obras, saindo do lugar-comum da rigidez das normas e dos procedimentos de gestão do acervo.

O trabalho em conjunto entre médicos e profissionais que atuam em coleções especiais da área da saúde é essencial para a troca de saberes e para a edificação de pesquisas interdisciplinares e transdisciplinares. Esse intercâmbio de conhecimento permite que a comunidade médica se aproprie de forma plena de sua história e memória a partir de um patrimônio que já existe na instituição.

Este artigo é um estudo preliminar que sugere o desenvolvimento de reflexões mais complexas sobre a presença de Hipócrates em obras bibliográficas especiais, entrelaçando a visão médica sobre um acervo de memória e a visão bibliotecária sobre um acervo de saúde.

Para estudos futuros, pretende-se investigar mais profundamente o motivo de os aforismos terem diminuído vertiginosamente das teses inaugurais justamente

no período da transição do século XIX para o século XX, até desaparecerem por completo. Intenta-se expandir a identificação de Hipócrates no restante do acervo do Cememor, a exemplo dos convites de formatura, pois a presença do discurso de Hipócrates na coleção de convites pode sinalizar algum costume ou tradição das turmas nos rituais de encerramento da graduação.

Os critérios de preciosidade estabelecidos por Hugo (2010) serão revisados e formalizados junto à congregação da FM.

Referências

ARAÚJO, Diná Marques Pereira. *Conservação-restauração de encadernação em pergaminho: análises e processos*. 2014. 1 CD-ROM. Trabalho de conclusão de curso (Graduação em Conservação de Bens Móveis) – Escola de Belas Artes, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2014.

CUNHA, Murilo Bastos; CAVALCANTI, Cordélia Robalinho de Oliveira. *Dicionário de biblioteconomia e arquivologia*. Brasília: Briquet de Lemos/Livros, 2008. Disponível em: <https://repositorio.unb.br/handle/10482/34113>. Acesso em: 10 jan. 2023.

DUARTE, Mirian Ferreira *et al.* Centro de Memória da Medicina da UFMG e o tratamento de Teses Inaugurais: um estudo de caso. *Múltiplos Olhares em Ciência da Informação*, [S. l.], v. 11, p. e-29230, 2021.. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/moci/article/view/2923>. Acesso em: 4 jul. 2023.

GOTTSCHALL, Carlos Antônio Mascia. *Medicina hipocrática: antes, durante e depois*. Porto Alegre: Stampa, 2007. 64 p. (Coleção Cremers). Disponível em: https://cremers.org.br/conteudos/livros_e_cartilhas/medicina_hipocratica.pdf. Acesso em: 20 nov. 2022.

HUGO, Elza Helena de Almeida. *A trajetória da organização do acervo histórico do Centro de Memória da Medicina de Minas Gerais - CEMEMOR*. 2010. 64 f. Monografia (Especialização em Biblioteconomia) – Faculdades Integradas de Jacarepaguá, Belo Horizonte, 2010.

MACHADO FILHO, Carlinho. The Hippocratic oath and the code of medical ethics. *Ética Médica*, ano 2016, v. 6, n. 1. Disponível em: <http://residenciapediatrica.com.br/detalhes/194/o-juramento-de-hipocrates-e-o-codigo-de>. Acesso em: 10 mar. 2023.

MENDES E SOUSA, Maria José. Pervivência dos aforismos de Hipócrates: a edição portuguesa de 1762. In: ORNELLAS E CASTRO, Inês de; ANASTÁCIO, Vanda. *Revisitar os saberes: referências clássicas na cultura portuguesa do Renascimento à Época Moderna*. Lisboa, Centro de Estudos Classicos, 2010. Disponível em: <https://repositorio.ul.pt/bitstream/10451/29797/1/Aforismos.pdf>. Acesso em: 2 maio 2023.

PERUZZO, Tarcila; OLIVEIRA, Gilda Olinto de. As teses da seção de obras raras da Biblioteca de Ciências Biomédicas da Fiocruz e a saúde pública no Brasil. In: XIV ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO. pesquisa em Ciência da Informação – ENANCIB, 14., 2013, Florianópolis, SC. Anais digitais... Florianópolis: ANCIB, 2013. Disponível em: <http://ridi.ibict.br/bitstream/123456789/493/1/Gilda.pdf>. Acesso em: 4 maio 2023.

RABELO, Maria Clara. As obras raras das bibliotecas brasileiras. *ComCiência*, Campinas, n. 127, abr. 2011. Disponível em: http://comciencia.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1519-76542011000300003&lng=e&nrm=iso. Acesso em: 20 fev. 2023.

REBOLLO, Regina Andrés. The hippocratic legacy and its fortune in the greco-roman period: from Cós to Galen. *Scientlestudia*, São Paulo, v. 4., n. 1, p. 45-82, 2006. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ss/a/V5trSkVBrfFGRMWq7QLRKpb/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 17 maio 2023.

REZENDE, Joffre Marcondes de. O Juramento de Hipócrates. In: REZENDE, J. M. de. *À sombra do plátano*: crônicas de história da medicina. São Paulo: Unifesp, 2009, p. 31-48. (História da Medicina. v. 2). Disponível em: <https://books.scielo.org/id/8kf92>. Acesso em: 25 jan. 2023.

RIBEIRO JUNIOR, Wilson Alves. Aspectos reais e lendários da biografia de Hipócrates, o “pai da medicina”. *Jornal Brasileiro de História da Medicina*, v. 6, n. 1, p. 8-10, 2003. Disponível em: <https://warj.med.br/pdf/hipocrates.pdf>. Acesso em: jan. 2023.

SANT’ANA, Rizio Bruno. Critérios para a definição de obras raras. *Educação Temática Digital*, Campinas, v. 2, n. 3, p. 1-18, 2001. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/etd/article/view/577/592>. Acesso em: 25 mar. 2023.

TEIXEIRA, Marcus Zulian. O vitalismo homeopático ao longo da história da medicina. *Homeopat. Bras*, v. 8, n. 2, p. 109-123, 2002. Disponível em: https://www.homeozulian.med.br/homeozulian_visualizarpublicacaoautor.asp?id=21. Acesso em: 10 jan. 2023.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS (UFMG). Faculdade de Medicina: Centro de Memória. Belo Horizonte: UFMG, 2013. Disponível em: <https://www.medicina.ufmg.br/cememor/sobre>. Acesso em: 10 fev. 2023.

VIEIRA, Brunno; ALVES, Ana Paula Meneses. *Acervos especiais*: memórias e diálogos. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2015. 134 p. (Coleção Memória da FCL, n. 3)

YAPIJAKIS, Christos. Hippocrates of Kos, the father of clinical medicine, and Asclepiades of Bithynia, the father of molecular medicine. *In Vivo*, v. 23, n. 4, p. 507-514, jul./ago. 2009. Disponível em: <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/19567383>. Acesso em: 10 abr. 2023.

As bibliotecas universitárias e a raridade bibliográfica: ensino, pesquisa e extensão nos critérios de raridade da Biblioteca Central da Universidade de Brasília

Raphael Diego Greenhalgh

Doutor em Ciência da Informação; bibliotecário da Seção de
Obras Raras da Biblioteca Central da Universidade de Brasília





Resumo

Considerando o papel social da atribuição de raridade bibliográfica, buscou-se apontar critérios de raridade para livros associados à tríade universitária de ensino, pesquisa e extensão. Para isso, foram observados o contexto histórico de produção livreira nacional e dos marcos de mudança e de ampliação da educação e da ciência no Brasil, assim como foram ponderados os principais trabalhos sobre raridade bibliográfica. Portanto, foram apresentados os três critérios de raridade adotados para livros na Biblioteca Central da Universidade de Brasília e as justificativas para sua aplicação nas bibliotecas universitárias.

Palavras-chave: Raridade Bibliográfica. Critérios de Raridade. Livros raros. Biblioteca Universitária. Universidade de Brasília (UnB).

Abstract

Considering the social role of attributing bibliographic rarity, we sought to point out rarity criteria for books associated with the university triad of teaching, research and extension. For this, the historical context of national book production and the landmarks of change and expansion of education and science in Brazil were observed. Likewise, the main works on bibliographic rarity were considered. Therefore, the three rarity criteria for books adopted in the Biblioteca Central of the Universidade de Brasília and the justifications for their application in university libraries were presented.

Keywords: Bibliographic Rarity. Rarity Criteria. Rare books. University Library. Universidade de Brasília (UnB).



Introdução

A raridade bibliográfica é uma atribuição construída socialmente que se baseia em preceitos subjetivos, conforme apontam Andrade e Cantalino (2003). A partir dessa perspectiva, Araújo (2015) reflete sobre o papel social desta atribuição, dizendo ser necessário que as instituições guardiãs dos itens raros considerem o seu público e o seu entorno para a formação dos seus acervos.

Os elementos constitutivos que definem as universidades estão relacionados à tríade ensino, pesquisa e extensão. Neste sentido, cabe a essas organizações salvaguardar a memória das questões que se relacionam com sua missão institucional. Portanto, para aquelas que possuem acervos raros, torna-se importante identificar possíveis itens para essas coleções, que tratem da evolução histórica e aplicação dos pilares que regem as universidades.

O presente trabalho tem como objetivo principal identificar as características de produção e de circulação de livros que podem indicar relevância e escassez no campo do ensino, da pesquisa e da extensão. Para isso, serão apresentados os critérios de raridade para livros que se relacionam à tríade universitária e que foram recentemente implementados pela Seção de Obras Raras da Biblioteca Central (BCE) da Universidade de Brasília (UnB), acompanhados da justificativa para seu uso por esta instituição.

Metodologia

Trata-se de uma pesquisa descritiva de natureza qualitativa. Para a proposição de critérios de raridade que se associam à tríade universitária de ensino, pesquisa e extensão, foi realizada uma revisão de literatura sobre a temática da raridade bibliográfica, sobre marcos históricos que se relacionam com a evolução do ensino e da ciência no Brasil, sobre aspectos referentes à história do livro no país e, sobretudo, sobre os momentos de aumento de produção e de circulação de títulos e exemplares. Esses são elementos que buscam justificar de forma conceitual e histórica a adoção dos critérios aqui sugeridos.

Fundamentação teórica ou discussões

Araújo (2015) aponta que há um uso alargado e por vezes pasteurizado dos critérios de raridade da Biblioteca Nacional, concluindo que é necessária uma reflexão contínua sobre os saberes e fazeres que envolvem a gestão de acervos raros e especiais. Nesse sentido, o presente trabalho busca inserir-se nessa discussão continuada sobre a raridade bibliográfica, ao tentar trazer elementos

que possam aprimorar a salvaguarda do patrimônio bibliográfico que se relaciona com ensino, pesquisa e extensão, o mote universitário. Portanto, para a atribuição de raridade bibliográfica considerou-se que escassez e importância são elementos primordiais, mas subjetivos, sendo esta uma questão de política cultural, conforme apontam Andrade e Cantalino (2003). Também foram observados os cinco eixos para a construção de critérios de raridade propostos por Pinheiro (1989), o limite histórico, os aspectos bibliológicos, o valor cultural, a pesquisa bibliográfica e as características do exemplar. Dessa forma, são apresentados os critérios de raridade para os livros abaixo, que visam à identificação de itens raros vinculados à missão universitária. São critérios que se somam a outros usados pela BCE, específicos para o contexto das bibliotecas universitárias, que buscam salvaguardar principalmente a memória da educação no Brasil, de modo a subsidiar a historiografia desta área.

Obras nacionais ou estrangeiras importantes para o campo do ensino e da educação brasileira até 1971

A data de corte foi atribuída levando-se em consideração dois marcos no ensino básico/médio e superior, como a Reforma Universitária de 1968 e a Lei de Diretrizes e Bases (LDB) de 1971. A LDB de 1971 é a lei anterior à que vigora atualmente, promulgada em 1996, e a principal modificação realizada por ela foi a inclusão da profissionalização no segundo grau/ensino médio. Enquanto a Reforma Universitária de 1968

[...] produziu efeitos paradoxais no ensino superior brasileiro. Por um lado, modernizou uma parte significativa das universidades federais e determinadas instituições estaduais e confessionais, que incorporaram gradualmente as modificações acadêmicas propostas pela Reforma. Criaram-se condições propícias para que determinadas instituições passassem a articular as atividades de ensino e de pesquisa, que até então – salvo raras exceções – estavam relativamente desconectadas. Aboliram-se as cátedras vitalícias, introduziu-se o regime departamental, institucionalizou-se a carreira acadêmica, a legislação pertinente acoplou o ingresso e a progressão docente à titulação acadêmica. Para atender a esse dispositivo, criou-se uma política nacional de pós-graduação, expressa nos planos nacionais de pós-graduação e conduzida de forma eficiente pelas agências de fomento do governo federal (Martins, 2009, p. 16).

Também foi considerada a evolução da historiografia da educação brasileira, que amplia o número de pesquisas a partir da década de 1970.

A preocupação com a preservação da memória educativa vai assumir, a partir da configuração da história da educação brasileira como um campo específico de

investigação, o caráter de levantamento, identificação, classificação e catalogação de fontes. Isso ocorre de modo especial a partir dos anos de 1970, com a implantação dos programas de pós-graduação, convertendo-se em projetos sistemáticos a partir da década de 1990, com a instalação de grupos de pesquisa na área de história da educação (Saviani, 2009, p. 237).

Nesse sentido, o presente critério tem como objetivo a preservação das obras que primeiro trataram de aspectos relevantes ao contexto educacional brasileiro como as obras que introduziram reflexões sobre ensino de jovens e adultos, ensino no campo, ensino público universal, ensino integral, ações afirmativas no contexto da educação, história da educação brasileira, cursos técnicos e profissionalizantes, entre outras temáticas, assim como a guarda de obras fundamentais e basilares para a estruturação e modificação do ensino no Brasil, do ensino infantil ao ensino superior.

Manuais escolares brasileiros ou estrangeiros usados no Brasil e publicados até 1940

Esta é uma tipologia material com vários exemplares na Seção de Obras Raras da BCE, obras importantes para a historiografia da educação no Brasil. A data de 1940 como recorte se deve à lenta evolução do material didático no país, que passa dos compêndios para os moldes que se assemelham às versões atuais a partir da década de 1940. Essas transformações certamente foram impulsionadas e orientadas pela Comissão Nacional do Livro Didático, criada em 1938. Segundo Matos, apesar de ela:

[...] não instituir um manual único para todas as escolas, a comissão acabou constituindo um conjunto de diretrizes que orientavam a produção dos livros didáticos. Isso porque, se um autor e editora queriam ter seu produto autorizado, precisavam seguir as orientações e diretrizes propostas pela comissão (Matos, 2012, p. 54).

Pelo que Luca (2009, *apud* Matos, 2012) relata, observa-se que a partir da década de 1940 houve uma expansão do mercado editorial, impulsionada pelo aumento do letramento da população brasileira pelas reformas do ensino secundário, pela ampliação do ensino superior e pela conjuntura econômica interna e externa ao país, pouco favorável à importação de livros. Desse modo, os livros didáticos deixaram aos poucos de ser produção secundária de seus autores, que puderam dedicar-se integralmente a eles.

Obras importantes para a evolução científica no Brasil até 1975

Várias instituições voltadas à promoção da ciência no Brasil foram criadas no final da década de 1940 e início da década de 1950, como a Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência (SBPC), fundada em 1948, o Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) e a Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), ambos criados em 1951. Apesar da expansão da atividade científica no país, que aconteceu entre 1950 e 1964, ela “se restringiu fundamentalmente a alguns setores das ciências básicas, uma vez que a instabilidade política deste período prejudicou sensivelmente a alocação de verbas ao setor” (Goldemberg, 1986, p. 44). Os programas de pós-graduação no Brasil se expandiram a partir da década de 1970, sobretudo com a criação do primeiro Plano Nacional de Pós-Graduação (PNPG), em 1975, conforme mostra Hostins (2006). Por isso, houve a adoção da data de 1975 como corte para atribuição de raridade às obras que tratam da evolução científica no Brasil. Buscou-se por meio desse critério, selecionar obras que sejam de extrema relevância para a expansão da ciência no país, somando-se aos demais critérios que visavam à salvaguarda de obras imprescindíveis para a atuação universitária nos campos do ensino, pesquisa e extensão.

Orientações

Foram adaptadas as categorias adotadas pela Biblioteca Universitária da Universidade Federal de Santa Catarina (2018) e Biblioteca Nacional de Brasília (2019),¹ no sentido de delimitar o entendimento sobre o “renome” de um autor. Para isso, o tópico “j” da listagem abaixo foi alterado no original usado nessas instituições, de “todos os compositores, maestros e intérpretes musicais consagrados”, para “todos os compositores, maestros e intérpretes musicais que marcaram época, ou são considerados os expoentes, ou que definiram tendências em determinado gênero musical, ou ganharam as premiações máximas nacionais e internacionais na área musical”. Também o tópico “k” foi alterado de “todos os atores e atrizes de teatro e de televisão que marcaram época ou modificaram comportamentos”, para “todos os atores, atrizes, roteiristas e diretores de teatro, de televisão e cinema que marcaram época, ou modificaram comportamentos, ou ganharam as premiações máximas nacionais e internacionais em atuação, elaboração de roteiro, ou direção”. Assim, como no tópico “n” foram adicionadas ao texto usado pela UFSC e BNB as sentenças: “Membros de todas as

1. O autor deste trabalho auxiliou a equipe da BNB na decisão da adoção dos critérios atuais desta instituição.

academias literárias de Brasília, como:” e “e outras que porventura venham a ser constituídas”. Também foram incluídos integralmente como novos elementos a esta listagem usada pelas bibliotecas mencionadas os itens “p” e “q”, que trazem indicações diretas de relevância aos principais nomes ligados ao ensino e educação no país (destacados em negrito).

As categorias abaixo ajudam na compreensão de outros critérios usados na BCE, como “Primeiras edições de autores brasileiros consagrados” e “Ilustradas por artistas de renome ou pelos próprios autores”, entre outros que possuem termos como “consagrados”, “de renome”, “personalidade”, “ilustre”, etc., sendo considerados como tais:

- a) todos os presidentes do Brasil e também aqueles que governaram o país em períodos anteriores à introdução da República;
- b) todos aqueles que receberam a premiação máxima internacional referente à sua área de atuação;
- c) todos os “imortais” da Academia Brasileira de Letras;
- d) todos aqueles vistos como expoentes ou idealizadores que participaram de movimentos artísticos ou literários representativos para a cultura nacional;
- e) todos aqueles cujas obras assinalam o início, caracterizam o estilo ou delimitam o fim de tendências artísticas ou escolas literárias tradicionais;
- f) todos aqueles que em nome da ciência descobriram, inventaram ou proporcionaram avanços para a humanidade;
- g) todos os reis, rainhas, príncipes e princesas reconhecidos na história;
- h) todos os líderes religiosos ou espirituais máximos;
- i) todos os líderes que “encabeçaram” movimentos separatistas, emancipatórios ou revolucionários;
- j) todos os compositores, maestros e intérpretes musicais que marcaram época, ou são considerados os expoentes, ou que definiram tendências em determinado gênero musical, ou ganharam as premiações máximas nacionais e internacionais na área musical;
- k) todos os atores, atrizes, roteiristas e diretores de teatro, de televisão e cinema que marcaram época, ou modificaram comportamentos, ou ganharam as premiações máximas nacionais e internacionais em atuação, elaboração de roteiro, ou direção;
- l) todos os papas, todos os mártires beatificados, canonizados ou santificados pela Igreja;
- m) todos os homenageados nos maiores monumentos, solenidades ou patrimônios nacionais;
- n) membros de todas as academias literárias de Brasília, como Academia de Letras de Brasília, Academia Taguatinguense de Letras, Academia Cruzense de Letras, Academia Planaltinense de Letras, Artes e Ciências, e outras que porventura venham a ser constituídas;

- o) todos os esportistas vencedores nos principais torneios da sua modalidade;
- p) todos os líderes ou representantes dos movimentos sociais ligados às causas raciais, homossexuais, feministas, indígenas, agrárias, estudantis, trabalhistas e ecológicas;
- q) todos educadores ou pensadores que foram essenciais para a realização de transformações significativas no sistema educacional brasileiro.

As datas que serviram como corte para cada um dos critérios apresentados, além de considerar as condições históricas relacionadas à temática, também refletem o contexto da produção e circulação de livros no país, pois verifica-se que a década de 1970 foi, até aquele período, o momento de expansão da produção livreira no Brasil. Reimão (1996) mostra que em 1960 foram publicados cerca de 36 milhões de exemplares para uma população brasileira de aproximadamente 66 milhões de habitantes, resultando numa média de 0,55 livros por habitante, índice este superior ao triplo encontrado ao final da década de 1970, que chegou a 1,8 livros por habitante em 1979.

Considerações finais

A partir deste trabalho busca-se justificar e ampliar a salvaguarda da memória que se relaciona com a tríade universitária de ensino, pesquisa e extensão, apresentando elementos que trazem escassez e importância aos livros dessas temáticas. A partir dessa proposição, pretende-se também inserir o bibliotecário como um agente cultural que disputa o conceito de raridade bibliográfica, em colaboração com os demais agentes, trazendo o conhecimento e as necessidades específicas das bibliotecas e das instituições às quais está vinculado. Espera-se também que os critérios aqui apresentados possam fomentar a discussão sobre a raridade bibliográfica no contexto analisado e que possam ser adotados por outras universidades no país.

Referências

ANDRADE, R. H. R.; CANTALINO, M. G. N. A raridade como questão epistemológica e política: um novo paradigma para os curadores de acervos especiais. *Anais da Biblioteca Nacional*, Rio de Janeiro, v. 123, p. 49-58, 2003. Disponível em: http://memoria.bn.br/pdf/402630/per402630_2003_00123.pdf. Acesso em: 23 set. 2023.

ARAÚJO, A. V. F. Gestão de coleções raras e especiais no séc. XXI: conceitos, problemas, ações. In: VIEIRA, B. V. G., ALVES, A. P. M. (org.) *Acervos especiais: memórias e diálogos*. Araraquara: Cultura Acadêmica, 2015. Disponível em: <https://www.fclar.unesp.br/Home/Instituicao/Administracao/DivisaoTecnicaAcademica/ApoioaoEnsino/LaboratorioEditorial/colecao-memoria-da-fcl-n9.pdf>. Acesso em: 23 set. 2023.

GOLDEMBERG, José. Análise crítica da história da ciência no Brasil. *Revista da Universidade de São Paulo*, n. 2, p. 29-58, ago. 1986. Disponível em: <https://revistas.usp.br/rusp/article/view/132116>. Acesso em: 23 set. 2023.

GREENHALGH, Raphael Diego. *Critérios de raridade para livros*: Seção de Obras Raras da Biblioteca Central (BCE) da Universidade de Brasília (UnB). [Brasília: s. n.], 2021. 1 PDF (12 páginas).

HOSTINS, Regina Célia Linhares. Os Planos Nacionais de Pós-graduação (PNPG) e suas repercussões na Pós-graduação brasileira. *Perspectiva*, Florianópolis, v. 24, n. 1, p. 133-160, 2006. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/perspectiva/article/view/10315/9578>. Acesso em: 23 set. 2023.

MARTINS, Carlos Benedito. A reforma universitária de 1968 e a abertura para o ensino superior privado no Brasil. *Educação & Sociedade, Campinas*, v. 30, n. 106, p. 15-35, jan./abr. 2009. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/es/a/RKsKcwFYc6QVFBHy4nvJzHt/>. Acesso em: 23 set. 2023.

MATOS, Júlia Silveira. A história nos livros didáticos: o papel das políticas governamentais na produção e veiculação do saber histórico. *Historiæ*, [S. l.], v. 3, n. 1, p. 51-74, 2012. Disponível em: <https://periodicos.furg.br/hist/article/view/3152>. Acesso em: 23 set. 2023.

PINHEIRO, Ana Virginia. *Que é livro raro?: uma metodologia para o estabelecimento de critérios de raridade bibliográfica*. Rio de Janeiro: Presença, 1989.

REIMÃO, Sandra. *Mercado editorial brasileiro*. São Paulo: Fapesp, 1996.

SAVIANI, Dermeval. A produção em história da educação na pós-graduação. *InterMeio*: revista do Programa de Pós-Graduação em Educação, Campo Grande, MS, v. 15, n. 29, p. 235-251, jan./jun. 2009. Disponível em: <https://periodicos.ufms.br/index.php/intm/article/download/2482/1671>. Acesso em: 23 set. 2023.

O bibliófilo e o bibliotecário: critérios para identificar, fundamentar e preservar as raridades bibliográficas regionais dos séculos XIX e XX

Robson Lima da Silva

Graduando em História pela Universidade Estácio de Sá (Unesa)

Samuel Souza da Silva

Graduado em Biblioteconomia pela Universidade Federal
do Amazonas (Ufam) e bibliotecário do Centro de
Documentação e Memória da Amazônia (CDMAM)





Resumo

O presente artigo apresenta estudo sobre critérios para identificar, fundamentar e preservar as raridades bibliográficas dos séculos XIX e XX, procurando definir critérios, conceitos e paradigmas acerca das obras raras regionais brasileiras. Com base na “tríade bibliográfica de raridade”, a partir de textos de Rubens Borba de Moraes (1965), da Ordem de Serviço 12/1984 (OS-GD-12) e de definições de Ana Virginia Pinheiro (1989), buscou-se meios de salvaguardar o patrimônio documental regional brasileiro, fundamentalmente, com obras de doutos escritores que permearam as manifestações literárias do regionalismo. O artigo visa a resgatar e trazer a lume diversas obras clássicas regionais brasileiras.

Palavras-chave: Obras Raras. Regionalismo. Resgate.

Abstract

This article presents a study on criteria for identifying, substantiating, and preserving bibliographic rarities from the 19th and 20th centuries, aiming to define parameters, concepts, and paradigms regarding Brazilian regional rare works. Based on the “bibliographic triad of rarity”—drawing from texts by Rubens Borba de Moraes (1965), *Ordem de Serviço 12/1984* (OS-GD-12), and definitions by Ana Virginia Pinheiro (1989)—the study seeks methods to safeguard Brazil’s regional documentary heritage, particularly works by erudite writers who shaped regionalist literary movements. The article aims to recover and bring to light various classic Brazilian regional works.

Keywords: Rare Books. Regionalism. Recovery.



Introdução

Ao procurar propor critérios para identificar, fundamentar e preservar, em âmbito nacional, as raridades bibliográficas regionais dos séculos XIX e XX, com base na “tríade bibliográfica de raridade”, a partir de textos de Rubens Borba de Moraes, definições de Ana Virginia Pinheiro, e também a Ordem de Serviço 12/1984 da Biblioteca Nacional buscou-se estabelecer critérios que pudessem abranger a plataforma continental brasileira, nas três esferas administrativas – federal, estadual e municipal – do estado brasileiro, além de levar em consideração o contexto histórico-cultural. Citando o bibliotecário Rubens Borba de Moraes: “Quem não gosta de conversar sobre livros raros, quem não dá a menor importância a uma primeira edição, quem não pretende colecionar, não perca tempo em ler esta prosa fiada de um velho bibliófilo”. (Moraes, 1998, p. 16).

Ninguém mais útil pois do que aquele que se destina a mostrar, com evidências, os acontecimentos do presente, e desenvolver as sombras do futuro...

O meu único desejo será de acertar na geral opinião de todos, e para o que dedico a esta empresa todas as minhas forças, na persuasão de que o fructo do meu trabalho tocará a meta da esperança, a que me propus. Londres, 1 de Junho, de 1.808 (sic). (Correio Brasiliense, 1808, p. A2-4)

Metodologia

Por intermédio de pesquisas de campo em algumas regiões do Brasil, de revisões bibliográficas e de caracterizações buscou-se estabelecer critérios e parâmetros que contemplassem as obras raras brasileiras, fundamentando-se na tríade bibliográfica de raridade já mencionada, analisando o contexto histórico-bibliográfico das obras regionais brasileiras.

Com a criação do Plano Nacional de Recuperação de Obras Raras – Planor, em 1983, com o objetivo de identificar e recuperar obras raras existentes, não só na Biblioteca Nacional (BN), como em outras instituições e acervos bibliográficos do país, surgiu a necessidade de estabelecer critérios para qualificação de obra rara. Isso foi feito na Biblioteca Nacional por intermédio da Ordem de Serviço 12/1984 - OS-GD/12, um ano após a criação do Planor, com o objetivo de subsidiar o gerenciamento do Catálogo do Patrimônio Bibliográfico Nacional – CPBN, que reúne dados de obras raras dos séculos XV ao XIX, encontradas em instituições públicas e privadas.

Ao estudar os critérios estabelecidos por Moraes, no âmbito da Biblioteca Nacional, encontramos pontos de convergência e completude de raridade bibliográfica, no qual podemos perceber pontos convergentes e divergentes, que irão atender ao Critério de Raridade Bibliográfica Nacional.

O item 2 da OS-GD/12, Critérios de qualificação de obras raras, determina que conforme interesse específico de bibliotecários e/ou colecionadores, outros critérios podem ser acrescidos. No entanto, classificar dentro dos padrões citados exige um apoio bibliográfico, incluindo-se consultas a bibliografia, catálogos especiais com a descrição de exemplares, conhecimento de história do livro e outras fontes de informação e referência.

Como forma de convergir e concatenar os Critérios Nacionais, os mesmos complementam-se com a citação de Moraes materializada no opúsculo *Bibliographia Brasiliana*: livros raros sobre o Brasil publicados desde 1504 até 1900:

Coleção Brasiliana livros sobre o Brasil impressos desde o século XVI até fins do século XIX ;

Conceitua o autor o que para ele é Coleção Brasiliana: “Todos os livros sobre o Brasil impressos desde o século XVI até fins do século XIX, e os livros de autores brasileiros impressos no estrangeiro até 1808”. Coleção Brasiliense: “Livros impressos no Brasil, de 1808 até nossos dias” (Moraes, 1998, p. 10).

Critério de Raridade Bibliográfica Nacional:

- a) Todas as impressões dos séculos XV, XVI e XVII;
- b) Impressão do século XVIII até 1720 (1700 a 1720);
- c) Obras editadas no Brasil até 1841;
- d) Edição de tiragens reduzidas;
- e) Edições especiais, de luxo, para bibliófilos;
- f) Edições clandestinas;
- g) Obras esgotadas;
- h) Exemplares de coleções especiais, em geral com belas encadernações e “ex-líbris”;
- i) Exemplar com anotações manuscritas de importância, incluindo-se dedicatória;
- j) Coleção Brasiliana: livros sobre o Brasil impressos desde o século XVI até fins do século XIX;
- k) Coleção Brasiliense: livros impressos no Brasil, de 1808 até 1840.

Durante pesquisa no banco de dados do Catálogo do Patrimônio Bibliográfico Nacional – CPBN, que inclui estados brasileiros e alguns rincões do Brasil,

verificou-se que nem todos possuem obras raras dentro dos critérios adotados, devido a alguns estados terem sido criados a partir da década de 1990.

A gênese para a elaboração do Critério de Raridade Bibliográfica Regional, preconizada por Moraes, recomenda colecionar os primeiros impressos produzidos nos estados e determina que não há coleção tola e ridícula quando feita com “arte, gosto e conhecimento”, e neste colecionismo está a mola propulsora para encontrar casualmente as obras raras.

Há outros assuntos pouco explorados em bibliofilia brasileira, onde um colecionador ativo poderia empregar sua erudição e faro. Por que não colecionar os primeiros impressos produzidos nos diferentes estados e cidades do Brasil? É um assunto pouco explorado, onde há um vasto campo para pesquisa e muita descoberta a fazer. Outro assunto tentador seria colecionar os livros sobre escravidão ou sobre imigração ou, ainda, as primeiras edições dos escritores de uma escola literária. Digo de uma ou duas escolas literárias, porque ambicionar possuir todas as primeiras edições de obras literárias brasileiras seria uma ambição napoleônica. (Moraes, 1998, p. 28-30)

Critério de Raridade Bibliográfica Regional:

- a) Primeiros impressos produzidos nos estados ou casa de imprensa;
- b) material de acadêmicos de letras regionais e/ou autores renomados impresso no Brasil, com reconhecimento no âmbito regional, nacional ou internacional, a partir de 1850 até o ano de 1956;
- c) obras regionais esgotadas;
- d) edições regionais especiais, reduzidas, clandestinas, distribuídas pelos autores, salvas de sinistro ou incêndio, de luxo, privativas;
- e) exemplares especiais de autores regionais renomados, com marcas de propriedade, anotações manuscritas, dedicatórias ou autógrafos.

Considerou-se o ano 1956 como o período final do critério de raridade bibliográfica regional, devido à publicação da obra *Grande Sertão: Veredas*, do escritor Guimarães Rosa, considerado pelos críticos literários como um dos livros mais importantes da literatura brasileira.

O escritor e diplomata João Guimarães Rosa, autor de “Sagarana”, “Grandes Sertões Veredas” e “Corpo de Baile” foi homenageado anteontem pela editora José Olímpio, que, também, comemora seu Jubileu de Prata.

Mais tarde o escritor dirigiu-se à Livraria Cultura Nacional, a fim de autografar exemplares de seus livros. Centenas de pessoas acorreram àquela casa, onde foram atendidos (Sic). (Correio Paulista (SP), 1956, p. 5).

Homenageado o autor de Grande Sertão: Veredas



Fonte: Correio Paulista (SP), 1956, p. 5.

A segunda edição de *Grandes Sertões: Veredas*, de João Guimarães Rosa, é um dos lançamentos da Livraria José Olympio. É o “texto definitivo” do grande romance que conquistou o Prêmio Machado de Assis, do Instituto Nacional do Livro, o Carmem Dolores, e o Prêmio Paula Brito, da Prefeitura do Distrito Federal.

O aparecimento da segunda edição desse livro de tão ousada técnica romanesca e invenção verbal mostra que a ficção de Guimarães Rosa, acompanhada aliás, de excepcional atenção crítica, dispõe de ostensiva receptividade na esfera dos leitores (Sic). (Tribuna da Imprensa (RJ), 1958, p.7)

Um período áureo do regionalismo brasileiro que inspirou jovens escritores regionais, e mais especificamente um jovem que, posteriormente, se tornaria um ícone da literatura regional. O jovem amazonense Amadeu Thiago de Mello, mais conhecido internacionalmente como Thiago de Mello, nasceu em 30 de março de 1926, numa ilha de aluvião chamada Bom Socorro, à margem do Paraná do Ramos, no atual município de Barreirinha, no estado do Amazonas. Com poucos meses de vida sua família foi para Manaus onde ele viveu até os 15 anos de idade. Lá, concluiu o curso ginásial e viajou sozinho para o Rio de Janeiro para estudar medicina. Aos 17 anos, sua aprovação foi publicada num

jornal de grande circulação na época – O Jornal, de 20 de janeiro de 1944 –, que trazia informações para a matrícula na Faculdade Nacional de Medicina. Ao longo de sua carreira acadêmica destacou-se em diversos esportes, chegando a ser campeão de voleibol pelo Tijuca Tênis Clube e de basquete pelo Fluminense. Mais tarde, abandona a medicina no período de internato no Hospital de Manguinhos, para dedicar-se exclusivamente a sua paixão, a literatura.

Começou no jornalismo em 1949, no “Diário Carioca”, considerado um dos períodos mais importantes de sua carreira. Posteriormente, foi para o jornal O Globo, onde acumulou as funções de redator e cronista. Logo, passou ao Correio da Manhã, no qual publicou seu primeiro poema, intitulado “Temo por meus olhos” transcrito abaixo:

Temo por meus olhos

A. THIAGO DE MELLO

Temo por meus olhos diante das puras vestes e no entretanto, desejo.

Temor que sugere o epílogo de ser cântaro partido ao lado de fonte pródiga.

A não contemplar, prefiro definitiva cegueira.

Não como os homens cegos, mas como os pés das crianças que são cegos, caminhando. (Correio da manhã, 1950, p. 5)



Fonte: Manchete (RJ), 1955

As pessoas a quem Thiago de Mello queria bem são: José Lins do Rego, Odilon Ribeiro Coutinho, Zé Olympio, Manuel Bandeira, Marcelo Veloso Borges, Carlos Drummond de Andrade, Emanuel de Moraes, Otto Lara Resende e seu filho Manuel Thiago de Mello. Ao residir em João Pessoa, tive

a oportunidade de visitar o Espaço Cultural José Lins do Rego com a Galeria Archidy Picado, Lutheria, Planetário, Escola de Música Anthenor Navarro, Teatro de Arena, Teatro Paulo Pontes, Escola de Dança, Estação Ciências, Escola de Circo, a Biblioteca Juarez da Gama Batista e, principalmente, o Museu José Lins do Rego, onde se encontram suas estantes, seus móveis e o acervo de sua biblioteca pessoal. É fascinante saber que essa biblioteca foi desmontada de seu apartamento no Rio de Janeiro e cuidadosamente transportada e remontada no Espaço Cultural. Um verdadeiro tesouro literário!

O Espaço Cultural José Lins do Rego é um lugar onde a cultura, a arte e o conhecimento se misturam, o que proporciona uma experiência enriquecedora para os visitantes, como podemos observar na fotografia obtida durante a visita.

Biblioteca de José Lins do Rego



Fonte: autor

Em 1957, na prefeitura do Rio de Janeiro, Thiago de Mello tomou posse como diretor do Departamento Histórico e de Documentação da Secretaria Geral de Educação e Cultura.

Em 1959, tornou-se chefe do Centro Cultural Bolívia-Brasil, um centro independente do Instituto Boliviano-Brasileiro, que se desenvolveu rapidamente com a frequência de mais de 600 estudantes, onde ocorriam atividades didáticas, com seções de teatro, rádio, e bibliotecas, promovendo conferências, exposições e atividades culturais, e estreitando as relações com a Bolívia.

Thiago de Mello foi poeta e tradutor brasileiro de grande influência, reconhecido como um ícone da literatura regional. Suas obras foram traduzidas para mais de 30 idiomas e sua contribuição para a cultura e para a educação é

inestimável. Ele também teve a honra de traduzir as palavras poéticas de Pablo Neruda.

A habilidade de Thiago de Mello em expressar a essência da vida, da natureza e das pessoas através de suas palavras é um legado que continua a inspirar gerações. Sua poesia é como um rio que flui pelas veias do Brasil, conectando-nos à nossa história, à nossa terra e à nossa humanidade compartilhada.

A prefeitura de Manaus, como forma de reconhecimento, disponibilizou uma exposição virtual intitulada “Thiago de Mello 95 anos de vida, poesia e amor por Manaus”, que reúne acervos pessoais e públicos do poeta, incluindo registros fotográficos, obras, entrevistas, homenagens, versos e poemas. Está disponível na plataforma digital do portal Vida e Cultura e pode ser acessada no sítio vidaecultura.manaus.am.gov.br.

Thiago de Mello, com sua poesia comprometida com a vida e com os direitos humanos, deixou um legado significativo na literatura brasileira. Seus versos continuam a inspirar e emocionar leitores ao redor do mundo.

Exposição Thiago de Mello 95 anos de vida, poesia e amor por Manaus



Fonte: Prefeitura de Manaus, 2021

Os movimentos literários regionais não apenas estimularam jovens, como também buscaram difundir a cultura tornando-a acessível e palatável aos leitores de diferentes regiões brasileiras. Certo dia, tive a grata experiência, como de costume, de levar o filho Pedro Lucas de 13 anos a um sebo na cidade de João Pessoa. Lá, dei-lhe a liberdade de escolher o livro que desejasse, enquanto escolhia alguns para mim. Para minha grata surpresa, ele escolheu o *livro Cartas de Inglaterra*, do autor Rui Barbosa, de 1896. Pensei: “para quem quer cursar Direito, ele tem a noção da importância do Jurista Rui Barbosa”.

Alguns dias depois questioneei se estava lendo o livro. Ele argumentou que havia parado, pois tinha palavras muito difíceis. Logo lembrei da coleção amazonense, na qual faz parte do acervo o livro de João Leda, *Vocabulário de Rui Barbosa*, de 1924. Será que havia alguma conexão? Ao analisar o livro, todos os vocábulos utilizados por Rui Barbosa encontravam-se lá, o que facilitou a leitura e compreensão do meu filho.

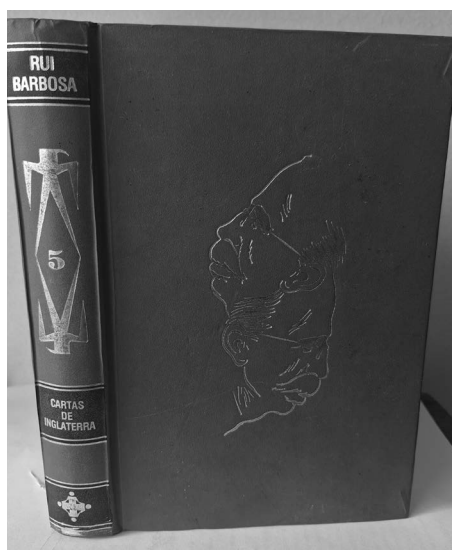
O bibliotecário amazonense Genesino Braga, formado na Biblioteca Nacional e colunista do *Jornal do Commercio* (AM), publicou em 1973 o texto RUI, onde cita o vernaculista João Leda:

Outro foi o nosso saudoso João Leda, dos maiores vernaculistas, nas duas pátrias de fala portuguesa. Em seu livro “Vocabulário de Rui Barbosa”, publicado em 1924, assim escreveu o escritor:

“ A unanimidade crítica consagrou Rui Barbosa o máximo escritor da nossa língua, nos dois países que a falam. Ninguém, como ele, contemporaneamente, a meneou com igual vernaculidade, com o mesmo donaire, a mesma segurança, a mesma eloquência. Ninguém a dotou, como ele de uma divícia vocabular, assim primorosa como intemerata, orquestrando-a de novas vozes, descobrindo-lhe, na infinita gama de inflexões, motivos metódicos e estranhas harmonias, fazendo-a vibrar em sonoridades que ninguém a elevou, como ele, a essa majestade tão nobre, a esse esplendor tão raro, que se experimenta a impressão de a ter o Mestre vitalizado e rejuvenescido, comunicando-lhe a vividez, a energia, o poder emotivo e os arrebatamentos peculiares do seu gênio”. (*Jornal do Commercio* (AM), 1973, p. 3)

Livro *Cartas de Inglaterra*

Autor: Rui Barbosa, 1896



Fonte: autor

Para admirar e enaltecer o maranhense João Leda, filho da Atenas Brasileira, vejamos um episódio narrado pelo imortal amazonense padre Nonato Pinheiro:

Frisando a castidade idiomática de João Leda, não irei ao exagero de sustentar-lhe, ao lado da pureza de linguagem, a elegância do frasear. Palpita-me que esta o preocupava menos que aquela. Lembra-me de uma feita que Péricles Moraes, escritor dos mais elegantes de nossa língua, não lhe perdoou um “bacoreja-me”, que lhe topou numa página de jornal... Assim lhe falou o doutíssimo presidente da Academia Amazonense de Letras, verdadeiro psicólogo do vernáculo, ao jeito de Coelho Netto:

“Leda, esse *bacoreja-me* é detestável! Jamais o empregaria nos meus escritos!”

“...O filólogo limitou-se a dizer-lhe:

“Péricles, que queres?

É vernáculo, e isso me basta!”

(Revista da Academia Amazonense de Letras, 1955, p. 11)

Fundamentação teórica ou discussões

Segundo o sistema interpretativo de Moog (1983), o que mais se ajusta é a análise de núcleos, pois, ao somá-lo, forma o complexo heterogêneo da chamada cultura brasileira.

Como não estamos em presença de uma unidade homogênea e definida, ao jeito das literaturas europeias, para compreender e interpretar a literatura brasileira é preciso antes de tudo renunciar ao intento de abrangê-la como um todo, numa visão geral. E sobretudo encarar com reservas o processo cronológico, à luz do qual ela tem sido até agora estudada. Creio mesmo que já é tempo de pô-lo de lado. Quanto mais me adentro em nossas histórias literárias, mais me convenço que o processo cronológico, a bem dizer o único que lhes tem sido aplicado, não é o que mais se ajusta à exata compreensão dos segredos da nossa literatura. (Moog, p. 18-19, 1983)

Moog fragmentou o Brasil num arquipélago cultural, com muitas ilhas antropogeográficas autônomas e diferenciadas, e sendo assim dividiu o país em sete ilhas culturais. A primeira das ilhas é a Amazônia, a segunda é o Nordeste, a terceira é a Bahia, a quarta é Minas Gerais, a quinta é São Paulo, a sexta é o Rio Grande do Sul, e a sétima e última ilha cultural, o grupo cultural da metrópole, que é o Rio de Janeiro.

São estes sete núcleos, os da Amazônia, do Nordeste, da Bahia, de Minas, de São Paulo, do Rio Grande do Sul e da Metrópole, as sete chaves da literatura brasileira. Não só da literatura, senão de toda a nossa sociogênese (Moog, p. 43, 1983).

Com base nas teses de Moog, é relevante a elaboração de critérios de raridade bibliográfica regional. Essa abordagem é fundamental para valorizar e preservar o rico arquipélago cultural brasileiro.

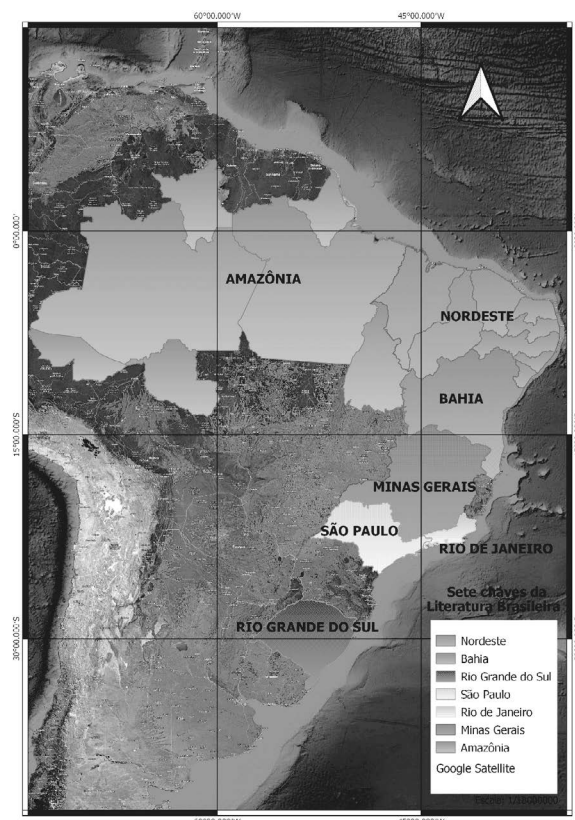
A diversidade de expressões culturais em nosso país é vasta e multifacetada. Desde as tradições indígenas até as influências africanas, europeias e asiáticas, o Brasil é um verdadeiro caldeirão de culturas e saberes. Portanto, considerar a raridade bibliográfica regional nos estudos e pesquisas é uma maneira de ampliar nossa compreensão e apreciação desse patrimônio cultural.

Além disso, ao contemplar a raridade bibliográfica regional, podemos:

- Resgatar vozes silenciadas: Muitas vezes, obras e autores regionais são negligenciados em favor dos grandes centros culturais. Ao reconhecer e estudar essas produções damos voz a perspectivas que podem ter sido marginalizadas.
- Enriquecer o diálogo acadêmico: A diversidade de fontes bibliográficas enriquece os debates e discussões acadêmicas. Obras regionais trazem nuances e contextos específicos que contribuem para uma visão mais completa e crítica dos temas abordados.
- Promover políticas culturais inclusivas: Ao valorizar a produção cultural regional, incentivamos políticas públicas que apoiam a preservação e difusão desse patrimônio. Isso pode incluir a criação de bibliotecas especializadas, incentivos à pesquisa e à publicação de obras regionais, entre outras ações.

Portanto, a elaboração de critérios que considerem a raridade bibliográfica regional é uma iniciativa valiosa para a promoção da diversidade cultural e o fortalecimento do nosso “arquipélago” de conhecimento e expressão.

Mapa das sete chaves da literatura brasileira, segundo Moog (1983)



Fonte: Silva, Robson. “Mapa das sete chaves da literatura brasileira” [mapa]. Cabedelo-PB, Outubro de 2023. Usando: QGIS [software GIS]. Versão 3.16. QGIS Geographic Information System. Open Source Geospatial Foundation Project – qgis.osgeo.org – 2021.

Após a apresentação do artigo no XV Encontro Nacional de Acervo Raro (Enar), surgiram questionamentos plausíveis em relação às teses de Moog (1983). Segundo ele, algumas regiões do país não fazem parte do arquipélago cultural. Essa discussão é relevante para compreendermos as dinâmicas culturais e identitárias em diferentes partes do Brasil.

Moog provavelmente abordou a diversidade cultural e as variações regionais que moldam a identidade brasileira. Seria interessante explorar mais a fundo as razões pelas quais essas regiões específicas não se encaixam no conceito de arquipélago cultural proposto por ele, lembrando que a cultura é um fenômeno complexo e multifacetado e as interações entre diferentes grupos e regiões podem ser tanto convergentes quanto divergentes. A pesquisa e o debate contínuo sobre essas questões são fundamentais para uma compreensão mais completa da nossa identidade nacional.

A resposta para a pergunta foi ministrada durante o Enar, com a apresentação da pesquisadora Mariana Giuberti Guedes Greenhalgh, da Biblioteca Nacional de Brasília, sobre os Primeiros impressos de Brasília como critérios de raridade, realizada na mesa VI no dia 30 de novembro. Ela traz à tona a importância de valorizar e estudar os primeiros registros impressos dessa cidade icônica, que se encontra no vazio cartográfico cultural. Esses materiais não apenas refletem a história e a cultura local, mas também nos permitem compreender as transformações sociais, políticas e econômicas ao longo do tempo.

A valorização e o estudo desses primeiros registros são essenciais para a compreensão da diversidade e singularidade das produções culturais em diferentes partes do Brasil. Além disso, a análise desses materiais ajuda a traçar conexões entre o passado e o presente, revelando aspectos importantes da nossa identidade coletiva.

O Enar, como um dos maiores eventos científicos da área no Brasil e na América Latina, proporciona um espaço para troca de experiências e conhecimentos entre profissionais, gestores e estudantes. A disseminação dessas informações e a preservação desse acervo são fundamentais para a geração contínua de saberes e a construção de um legado cultural duradouro.

A preservação desses impressos é crucial para garantir que as gerações futuras tenham acesso a essa riqueza de informações e possam contextualizar o passado. Além disso, a divulgação desses materiais contribui para a disseminação do conhecimento e a valorização da memória coletiva. Que iniciativas como essa continuem a iluminar nossa compreensão do passado e a inspirar novas pesquisas e reflexões sobre nossa identidade cultural. Considerações finais

Nada mais brasileiro, brilhante, plausível e salutar que citar Moog :

Conservemo-nos fiéis aos nossos núcleos culturais, convertamo-nos à fé e ao estilo de vida do nosso tempo, intoxiquemo-nos da verdade essencial de que uma civilização é uma conquista de todas as horas, no espírito de uma época, e teremos o Brasil que já se deixa entrever nas brumas do futuro, com a literatura que deve corresponder-lhe: uma literatura que há de ser telúrica, como a amazônica; social, como a do Nordeste; erudita, como a da Bahia; humanística, como a de Minas; bandeirante, como a de São Paulo; a um tempo regional e universal, como a do Rio Grande; tudo isso temperado pela ironia do núcleo cultural da metrópole, para que seja, acima de tudo, como todos desejamos, profundamente humana e brasileira.

A literatura regional é um tesouro que reflete a alma e a diversidade do nosso povo. Os livros que emergem dos recônditos, rincões, sertões e selvas brasileiras carregam consigo as vozes, as histórias e as experiências únicas dessas regiões. Eles nos conectam à terra, à cultura e à identidade que moldam o Brasil.

A criação de critérios de raridade para esses livros é fundamental para preservar e valorizar essa riqueza literária. Ao fazê-lo, garantimos que essas obras sejam

apreciadas, estudadas e compartilhadas pelas gerações futuras. Que continuemos a celebrar a profundidade humana e a brasilidade que permeiam essas páginas!

Compreendo a importância desse período áureo do regionalismo brasileiro, que abrange os anos de 1850 a 1956. Durante essas décadas, a literatura regional floresceu, capturando as nuances, as tradições e as vozes das diferentes regiões do Brasil. Autores como Guimarães Rosa, Rachel de Queiroz, Graciliano Ramos e Jorge Amado enriqueceram nosso patrimônio literário com obras profundamente enraizadas em suas terras natais.

No entanto, é verdade que a partir da década de 1960, o mundo passou por mudanças culturais significativas. Movimentos sociais, avanços tecnológicos, globalização e transformações políticas moldaram a maneira como as pessoas se relacionam com a literatura e a cultura. Essas mudanças também influenciaram a produção literária, levando a novas abordagens e temas.

Apesar dessas transformações, a literatura regional continua a ser uma fonte vital de identidade e expressão. Ela nos conecta às raízes do nosso país, à diversidade de nossas paisagens e à riqueza de nossas tradições. Que continuemos a valorizar e celebrar essa herança literária, mantendo viva a voz das nossas gentes, dos nossos povos e das nossas terras!

Referências

CORREIO BRASILIENSE ou Armazém Literário, v. 1 I, Londres: Impresso por W. Lewis Paternostern-Row, 1808. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=700142x&pesq=literatura&pasta=ano%20180&hf=memoria.bn.br&pagfis=4>. Acesso em: 20 ago. 2023.

CORREIO DA MANHÃ. 1950. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/089842_06/2027?pesq=%22Temo%20por%20meus%20olhos%22. Acesso em: 13 jan. 2024.

CORREIO PAULISTA (SP). 1956. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/090972_10/33190. Acesso em: 13 jan. 2024.

JORNAL DO COMMERCIO. 1973. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/170054_01/105371?pesq=%22vocabulário%20de%20Rui%20Barbosa. Acesso em: 14 jan. 2024.

MANCHETE. 1955. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/004120/12356?pesq=%22Amadeu%20thiago%22>. Acesso em: 13 jan. 2024.

MOOG, V. *Uma interpretação da literatura brasileira: um arquipélago cultural*. 2. ed. Rio de Janeiro, 1983.

MORAES, R. B. *O bibliófilo aprendiz*. 3. ed. Brasília: Briquet de Lemos, 1998.

PINHEIRO, A. V. *Que é livro raro? Uma metodologia para o estabelecimento de critérios de raridade bibliográfica*. Rio de Janeiro: Presença, 1989.

TRIBUNA DA IMPRENSA. 1958. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/154083_01/42531. Acesso em: 13 jan. 2024.

REVISTA DA ACADEMIA AMAZONENSE DE LETRAS. 1955. Disponível em: <https://academiaamazonensedeletras.com/pdf/revistas/REVISTA%20AAL%20N%2002.pdf>. Acesso em: 14 jan. 2024.

O extraordinário universo dos acervos raros: a Biblioteca de Obras Raras da Escola de Belas Artes (UFRJ)

Rosani Godoy

Chefe da Biblioteca de Obras Raras da EBA/UFRJ, mestra em Biblioteconomia, pós-graduada em Docência do Ensino Superior

Wanessa Oliveira

Bibliotecária da Biblioteca de Obras Raras da EBA/UFRJ, mestra em Biblioteconomia, pós-graduada em Editoração





Resumo

O presente trabalho tem como objetivo apresentar as experiências da Biblioteca de Obras Raras da Escola de Belas Artes da Universidade Federal do Rio de Janeiro – Ebaor (UFRJ) quanto aos critérios de raridade bibliográfica adotados na instituição e intensificar diálogos sobre a fundamentação desses critérios no que diz respeito às obras dos séculos XIX e XX. Menciona a “Política de Gestão de Acervos Bibliográficos Raros e Especiais da Universidade Federal do Rio de Janeiro”, elaborada pelo Comitê de Obras Raras e Coleções Especiais do Sistema de Bibliotecas e Informação da Universidade Federal do Rio de Janeiro, que vem contribuindo para os processos decisórios na unidade a respeito de controle, segurança, organização, armazenamento, uso e acesso aos itens e coleções que recebem status de raros e especiais. Considera-se que os gestores das bibliotecas que abrigam acervos históricos são promotores contínuos da memória institucional.

Palavras-chave: Memória. Livros raros. Biblioteca de Obras Raras da Escola de Belas Artes – (UFRJ).

Abstract

The aim of this papers to present the experiences of the Biblioteca de Obras Raras da Escola de Belas Artes da Universidade Federal do Rio de Janeiro – Ebaor (UFRJ) with regard to the bibliographic rarity criteria adopted at the institution and to intensify dialogues on the basis of these criteria with regard to works from the 19th and 20th centuries. It mentions the “Policy for the Management of Rare and Special Bibliographic Collections at Universidade Federal do Rio de Janeiro”, drawn up by Committee for Rare Works and Special Collections of the Library and Information System of Universidade Federal do Rio de Janeiro, which has been contributing to the decision-making processes in the unit regarding control, security, organization, storage, use and access to items and collections that are given rare and special status. The managers of libraries that house historical collections are considered to be continuous promoters of institutional memory.

Keywords: Memory. Rare books. Biblioteca de Obras Raras da Escola de Belas Artes – Ebaor (UFRJ).



Introdução

O extraordinário universo dos livros raros nos anima a idealizar um mundo onde cada página é impregnada com história; cada item da sua materialidade uma janela para o passado; e cada exemplar, muitas vezes, uma preciosidade única. Além do seu valor extrínseco, o acervo da Biblioteca de Obras Raras da Escola de Belas Artes da UFRJ – Ebaor (UFRJ) carrega consigo histórias fascinantes de sua jornada através do tempo, pois além de testemunhar a evolução do ensino artístico no Brasil, também testemunha o pensamento e ações dos antigos professores e diretores desde a Academia Imperial de Belas Artes (Aiba), e a beleza da expressão artística ao longo dos séculos. A missão da Ebaor é guardar o registro dessa memória estimulando os seus usuários a trazerem uma nova perspectiva e uma nova conexão com os tempos precedentes. Os acervos históricos cumprirão sua missão quando, por meio da sua ordenação, o tempo anterior for trazido para o presente. Sendo assim, o papel dos bibliotecários de acervos raros e especiais é fundamental para resgataremos a riqueza da herança cultural deixada pelos antecessores. Explorar o universo dos livros raros é embarcar em uma jornada de descoberta em que inúmeros exemplares revelam maravilhas do passado. Esses acervos históricos são um convite para mergulharmos na história e celebrar a beleza atemporal das belas gravuras e da palavra escrita.

Composto por livros, dicionários, enciclopédias, catálogos de exposições nacionais e internacionais, teses e periódicos antigos, o acervo da Ebaor representa o cenário artístico brasileiro e internacional da época. Originado no início do século XIX, tinha como objetivo formar artistas aptos a emancipar a arte em território brasileiro. Para essa finalidade, foi constituído um acervo com obras de interesse para o ensino artístico, desenvolvendo, assim, uma biblioteca atualizada e competente mesmo para os padrões europeus da época (Godoy, 2015). Atualmente, o acervo é voltado para a pesquisa, como fonte de produção de novos conhecimentos e para a memória da Escola de Belas Artes e da UFRJ.

Pretende-se, neste artigo, refletir e expandir as discussões sobre a importância e o uso de outros critérios de raridades para livros publicados nos séculos XIX e XX, visto que a raridade de obras bibliográficas é frequentemente categorizada pela data de publicação. Nosso objetivo também é apresentar algumas obras do acervo da Ebaor que estão dentro dessa categoria raros e especiais, impressas nesta época. Nesses séculos, diversas obras foram produzidas, e algumas das quais se tornaram verdadeiras raridades bibliográficas, de inestimável valor histórico e acadêmico. Identificar, fundamentar e preservar essas obras se tornou uma missão indispensável para os bibliotecários. Vale acrescentar que esse período foi marcado por inúmeras transformações sociais, culturais e tecnológicas que produziram impactos significativos no mundo das publicações.

Metodologia

Foram pesquisados na Base Minerva da UFRJ os títulos do acervo da Ebaor publicados nos séculos XIX e XX. Após a pesquisa, essa parte específica do acervo foi analisada para identificar características que se aplicavam ao documento “Política de Gestão de Acervos Bibliográficos Raros e Especiais da Universidade Federal do Rio de Janeiro”. Posteriormente, foi feita a seleção de algumas dessas obras a fim de ilustrar os critérios de raridade utilizados pela Biblioteca.

| ANÁLISE/DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Devido à necessidade de padronização das descrições em catálogos bibliográficos, tornou-se indispensável e urgente a adoção de uma política institucional para o uso de critérios de raridade que contemplassem acervos raros e especiais para as obras das bibliotecas integrantes do Sistema de Bibliotecas e Informação da UFRJ (SiBI-UFRJ). Nesse sentido, o SiBI estabeleceu um Comitê de Obras Raras e Coleções Especiais, do qual as bibliotecárias da Ebaor fazem parte, com o propósito de criar um documento que contivesse um conjunto de critérios e recomendações para auxiliar nos processos decisórios da unidade, abordando questões como controle, segurança, organização, armazenamento, uso e acesso dos itens e coleções considerados raros e especiais. Além disso, o documento também teve como objetivo contribuir para a definição desse status para as obras em questão. (Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2021).

Tendo como ponto de partida os resultados de inúmeras discussões estabelecidas nos últimos anos, foi criada a “Política de Gestão de Acervos Bibliográficos Raros e Especiais da Universidade Federal do Rio de Janeiro” que estabelece critérios de raridade para todas as bibliotecas do SiBI. À vista disso, a Ebaor atualmente adota o documento como modelo para o uso desses padrões de raridade. Essa padronização faz parte de um conjunto de ações de conservação e preservação que tem o propósito de manter viva para a geração futura a memória da instituição e das artes no Brasil.

Cabe ressaltar que o acervo da Ebaor foi constituído pela herança das aquisições por compra e doações dos primeiros dirigentes da Aiba, somado a livros doados por instituições brasileiras e internacionais. A Academia, a primeira no Brasil com ensino oficial de artes, inaugurada em 1826, incluía, desde o seu planejamento, a criação de uma biblioteca que dispusesse de um acervo para dar suporte à formação dos artistas no século XIX. Esse acervo, atualmente mantido na Ebaor, tem características específicas, próprias de um acervo histórico, e é considerado por especialistas em História da Arte um tesouro cultural e acadêmico. É constituído por uma coleção com temáticas diversas que relata a história do ensino de artes no Brasil. A coleção é composta por cerca de 4.050

títulos e 6 mil exemplares, abrangendo obras dos séculos XVI ao século XX, entre os quais 2.450 títulos publicados nos séculos XIX e XX que demandam tratamento especial.

Sabendo que os critérios de raridade atribuídos pelas bibliotecas são, em sua maioria, subjetivos e estão sujeitos a processos que levam em conta sua importância (Pinheiro, 2015; Araújo, 2015) para uma determinada instituição, um momento histórico e um assunto, a construção da política foi fundamental para nortear os bibliotecários da instituição que, muitas vezes, se sentiam desorientados devido à multiplicidade dos conceitos de raridade.

Vale dizer que mesmo como um instrumento de apoio à disposição dos bibliotecários, a atribuição de raridade para itens de uma coleção parte de interesses e escolhas específicas de cada gestor e instituição; destarte é fundamental o conhecimento da história do acervo, o contexto da época em que foi formado, a missão institucional e particularidades da biblioteca e da biblioteconomia de livros raros (Pinheiro, 1989).

A compreensão desses elementos é fundamental para atribuir valor à coleção e para utilizar critérios próprios de acordo com a instituição. Dentro do contexto, é bastante proveitosa a interação com profissionais que acrescentem conhecimento aos bibliotecários responsáveis por estabelecer tais critérios. Na Ebaor, o diálogo com professores, conservadores/restauradores da EBA e historiadores é fomentado pela equipe, visando à colaboração dos especialistas na análise de determinadas obras, a fim de reputar a devida importância aos itens do acervo.

A singularidade de um item pode torná-lo raro, sendo fundamental a permanente troca de ideias entre os bibliotecários sobre a literatura e a atualização das políticas institucionais até então estabelecidas (Araújo, 2015; Pinheiro, 2015). Todavia, são critérios de raridade inquestionáveis a procura de uma obra superior à quantidade à disposição, e a data de publicação (Nathanson; Vogt-O'Connor, 1993; Pinheiro, 1989; Moraes, 2005).

Além dos critérios de raridade estabelecidos para orientar os bibliotecários, a “Política” engloba tópicos quanto a:

- Gestão de acervos raros e especiais;
- Perfil das equipes que trabalham com acervos bibliográficos raros e especiais;
- Capacitação dos membros das equipes das bibliotecas que trabalham diretamente com acervos raros e especiais;
- Ferramentas e padronização de descrição de registro em base de dados bibliográfica para catálogos online;
- Ações de preservação e conservação e
- Normativas técnicas.

Baseada no modelo proposto por Pinheiro (1989), a “Política” classifica livros, folhetos, partituras, mapas e outros dentro dos seguintes critérios:

quanto ao período histórico:

São as características históricas da produção livreira que, por muito tempo, produziu livros de modo artesanal com uma quantidade reduzida de exemplares. Deve-se usar como referencial a história do livro, que assume um papel novo a cada século. É comum estender o conceito de livro antigo às publicações editadas até 1820. Para publicações impressas no Brasil a data equivale ao século XIX. Cabe ressaltar que nem todas as primeiras edições (princeps) brasileiras até 1930 ou as segundas edições impressas no Brasil até 1900, devem ser consideradas raras.

- todos os impressos do século XV ao XIX;
- todos os impressos que assinalam o início da produção em determinado local (incunábulo locais) (Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2021).

Impressa entre os anos de 1809 e 1822, a obra *Description de l'Égypte, ou, Recueil des observations et des recherches qui ont été faites en Égypte pendant l'expédition de l'armée française*, a primeira a descrever de modo abrangente o Egito antigo e moderno, foi compilada pelos 165 membros do Institut de l'Égypte, estabelecido por Napoleão para acompanhar sua expedição ao Egito entre 1798 e 1801.

Outra obra do século XIX que cabe destacar é *Colombo*, de Manuel de Araújo Porto-Alegre, que foi impressa no Rio de Janeiro, precisamente em 1866. A obra exalta os europeus e sua importância na história da arte no Brasil (Universidade Federal do Rio de Janeiro, 1867). Alguns cantos do poema foram publicados no periódico *Guanabara*, em 1851, e na *Revista Brasileira*, apesar de não serem ainda concluídos. Alguns consideram ser esta a melhor obra do autor (Blake, 1970).

quanto ao valor cultural:

São critérios que envolvem assuntos tratados à luz da época em que foram pensados e escritos, sendo importantes para o entendimento histórico de uma nação ou povo (Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2021).

Estão arroladas nesta categoria:

- edições numeradas (aproximadamente 300 exemplares, de acordo com a Fundação Biblioteca Nacional);
- edições de tiragem limitada (conforme avaliação da obra);
- edições numeradas com tiragem limitada;
- edições personalizadas (apresentam indicação de propriedade impressas pelo editor, o que as caracterizam como exemplares únicos);
- edições diplomáticas, que são aquelas que sofrem o menor grau possível de interferência editorial, ou seja, respeitam, interpretam e reproduzem

fielmente o livro original. Com o advento de modernas técnicas fotográficas, a edição fac-similada tende a substituí-la;

- edições clandestinas (aquelas que circularam sem autorização do autor ou do editor por motivos políticos, religiosos, morais, fraudulentos ou pirataria editorial);
- edições censuradas (aquelas das quais foram suprimidas algumas passagens por ordem da censura civil, religiosa, moral, social, pessoal, familiar, entre outros);
- edições apreendidas, suspensas ou recolhidas. Apreendidas – quando seus exemplares são retirados de circulação por decisão legal ou arbitrária de uma autoridade constituída. Suspensas – quando a edição é sustada após o início de sua impressão por decisão de uma autoridade, do próprio autor, de sua família ou de seu herdeiro legal. Recolhidas – quando o próprio editor promove a retirada de circulação, por medida de precaução, por imposição do autor ou de sua família;
- obras esgotadas;
- obras impressas em circunstâncias desfavoráveis (guerras, seca, fome, etc.);
- edições de clássicos, assim considerados nas histórias das literaturas específicas.

O acervo da Ebaor conta com diversas obras editadas com tiragem limitada. O livro organizado por Dirk Van Gelder reúne oito litografias originais, formando um portfólio com todas as gravuras assinadas a lápis pelos gravadores, e dispõe de 125 exemplares impressos. Deve-se considerar que exemplares publicados com lâminas originais, principalmente soltas, são suscetíveis a furtos e ao risco de perdas de itens; sendo assim, medidas de segurança precisam ser ampliadas em relação a itens desse tipo.

Com apenas 30 exemplares publicados e numerados, o livro *Arnold Böcklin: eine auswahl der hervorragendsten werke des künstlers in photogravure* é composto por 40 lâminas de fotogravuras. O exemplar da Ebaor é o número 2.

A fotogravura é um processo fotomecânico do século XIX, desenvolvido por Karl Klíč, que envolve a transferência de uma imagem fotográfica para uma placa de cobre. Uma fotogravura possui todas as qualidades de uma fotografia, traduzindo todos os tons de cinza com delicadeza, combinados com a profundidade de uma gravura em metal (Fotogravura, [201-?]).

A publicação é uma seleção das obras mais destacadas do artista em fotogravura. Arnold Böcklin (1827-1901) foi um pintor suíço-alemão, cujas obras simbolistas foram influentes no final do século XIX e início do século XX. A arte de Arnold Böcklin merece ser classificada entre as grandes artes do mundo.

Nos séculos XX e XXI, diversas editoras publicaram e ainda publicam livros com processos produtivos artesanais, com um número de tiragem bem pequeno.

Geralmente, também são publicados em formato digital. É o caso da Editora Arpillera, que retoma o livro artesanal, não negando o digital. As obras da Arpillera são produzidas em poucas tiragens e, por isso, para cada obra a editora disponibiliza o livro em formato e-book.¹ Outro exemplo notável é a Editora Arte e Letra que, não se limitando à produção de livros artesanais, também elaborou uma coleção exclusiva de três títulos clássicos, meticulosamente confeccionados à mão e com tiragem limitada. Seu método de trabalho lembra a tradição dos antigos editores artesanais. A coleção de livros artesanais lançada pela Arte e Letra engloba três obras distintas: *Um coração singelo*, de Gustave Flaubert; *Os assassinatos na rua Morgue*, de Edgar Allan Poe; e *Luzes*, um conto de Anton Tchekhov. Cada uma dessas obras é limitada a uma tiragem de 200 exemplares, todos cuidadosamente numerados e atualmente esgotados na loja virtual da editora. A impressão desses livros é realizada por um habilidoso tipógrafo que monta página por página utilizando linotipos e elabora as ilustrações com matrizes de xilogravuras. Tanto a costura dos cadernos quanto a montagem das capas são realizadas manualmente, sendo estas últimas revestidas de tecido e impressas também com xilogravuras.

A Editora Mínimas publica edições fora do mercado convencional de publicação de livros. Sendo assim, justifica-se o nome Mínimas: “pequenas tiragens, poucos títulos por ano e o desejo de fazer livros especiais, que encantem as pessoas”. (Rosa, 2014).

O item da Política da UFRJ que diz respeito às obras esgotadas ou difíceis de encontrar estipula que ao serem identificadas no acervo corrente, sejam transferidas para a Coleção de Obras Raras da Biblioteca. Com o objetivo de garantir a segurança dos acervos, as obras esgotadas não devem ser emprestadas.

Observando esse critério é necessário que uma equipe preferencialmente interdisciplinar seja criada a fim de colaborar com a equipe de bibliotecários. Os especialistas nas diversas áreas do conhecimento podem cooperar grandemente com informações acerca da escassez de certos exemplares. Além disso, os próprios bibliotecários devem desenvolver pesquisas para a identificação dos itens que já se encontram esgotados, dentro da área de conhecimento da biblioteca, para que esses tenham tratamento diferenciado.

A Biblioteca corrente da EBA, Alfredo Galvão, abriga diversas obras do século XX, algumas cujas edições encontram-se esgotadas. A afinidade dos acervos da Biblioteca Alfredo Galvão e da Biblioteca de Obras Raras da EBA – Ebaor, além da troca de ideias entre os gestores de ambas, visando à transferência dessas obras para o acervo raro, têm sido essenciais para garantir sua conservação, pois a Ebaor adota uma abordagem de consulta e preservação diferenciada da biblioteca corrente.

1. Disponível em: www.editoraarpillera.com.br. Acesso em: 1 jul. 2024.

Algumas obras do século XIX que estavam esgotadas ou com poucos exemplares no acervo atual da Biblioteca Alfredo Galvão, foram recentemente incorporadas ao acervo da Ebaor. Entre elas estão *A inquietação das abelhas*, de 1927, *Um século de pintura: apontamentos para a história da pintura no Brasil*, de Laudelino Freire, publicado em 1916, e o *Dicionário da arquitetura brasileira*, de Eduardo Corona, publicado em 1972 e esgotado há 30 anos.

Ao permitirmos que itens esgotados ou com poucos exemplares permaneçam em estantes de livre acesso, estamos abrindo espaço para possíveis perdas ou furtos. Tão cruciais quanto estabelecer uma política institucional sólida, são o manejo ativo e a utilização eficaz da “Política”. É válido mencionar também que as doações desempenham um papel fundamental no processo de aquisição, especialmente devido à variabilidade das verbas disponíveis.

Adquirir obras raras, esgotadas ou com poucos exemplares disponíveis em sites de leilões e livrarias pode ser uma estratégia vantajosa para enriquecer as coleções de uma biblioteca de obras raras. No entanto, devido à ausência dessas obras nos catálogos das editoras, é necessário localizá-las em catálogos de antiquários ou através de fornecedores especializados em obras fora de circulação. Os catálogos produzidos por antiquários não são amplamente disponíveis, pois são produzidos em tiragens limitadas e distribuídos exclusivamente para clientes específicos. Utilizá-los nem sempre é simples, exigindo atenção à descrição dos itens à venda, que incluem aspectos físicos como encadernação, estado geral da obra e procedência, além de detalhes editoriais como edição, exemplares assinados pelo autor e dedicatórias. Frequentemente, o bibliotecário precisa entrar em contato com o vendedor por telefone ou e-mail, agendando uma visita para avaliar o material. Os sebos também são uma opção viável para instituições que não possuem recursos significativos para investir em obras raras de alto valor monetário. Este é um mercado complexo, sujeito a variações constantes de preço de acordo com a lei da oferta e demanda. Recomenda-se buscar informações em obras especializadas ou consultar especialistas. (Andrade; Vergueiro, 1996).

Em 2022, a obra *Grandjean de Montigny e o Rio de Janeiro* foi adquirida por meio de compra, após consulta a um especialista em história da arte pela bibliotecária-chefe da Ebaor. Este exemplar possui poucas cópias disponíveis para venda e é de grande valor para a instituição, pois aborda as obras do arquiteto que fez parte da Missão Artística Francesa.

Na categoria de valor cultural também se incluem os clássicos, “edições comemorativas ou contemporâneas de acontecimentos de inegável relevância histórica e obras científicas que datam do período inicial de ascensão daquela ciência” (Pinheiro, 1989); como a obra *Três séculos de modas*, considerada a primeira da história da moda escrita e ilustrada por um brasileiro. Foi idealizada como comemorativa ao tricentenário da fundação da cidade de Belém e, antes de serem editados como livro, seus desenhos e textos foram exibidos como exposição artística, em 1917.

A Biblioteca possui em suas coleções a publicação *Grammaire de l'ornement*, que é um dos pilares da arte decorativa, sendo fonte de inspiração para artistas e designers. Owen Jones, o autor, foi um representante das novas linguagens em artes decorativas. A obra é constituída por ilustrações coloridas em cores originais, com estilos de ornamento de 19 culturas e períodos diferentes, utilizados até os dias de hoje nas aulas da disciplina Arte, Objetos e Coleções, do curso de História da Arte da EBA. O conjunto bibliográfico nessa temática é datado do final do século XIX e meados do XX.

A contextualização histórica e artística permite ao pesquisador compreender a evolução das artes visuais no Brasil e no mundo, o que é significativo para a comunidade docente, discente e para todos que se interessam pelo tema. Esse é um critério de raridade considerável para a Ebaor, como a criação, em 1931, do curso de Artes Decorativas na EBA, tardiamente em comparação às outras artes. A coleção bibliográfica de artes decorativas, embora recente, é uma parte do acervo essencial para a construção da história do ensino artístico no Brasil.

Quanto às características das edições originais, ou até mesmo únicas, constam no acervo trabalhos monográficos originais elaborados por artistas (alunos e mestres) da Escola Nacional de Belas Artes. A Ebaor possui o manuscrito de autoria de Adalberto Pinto de Mattos (1888-1966) sobre a vida e obra do notável escultor e professor Rodolpho Bernardelli. Na décima página da obra, Mattos engrandece Bernardelli, afirmando que “para escrever este livro eu queria dispor de uma pena que fosse como a vara das fadas [...]”. Essa obra, além da singularidade, possui inestimável importância para a instituição.

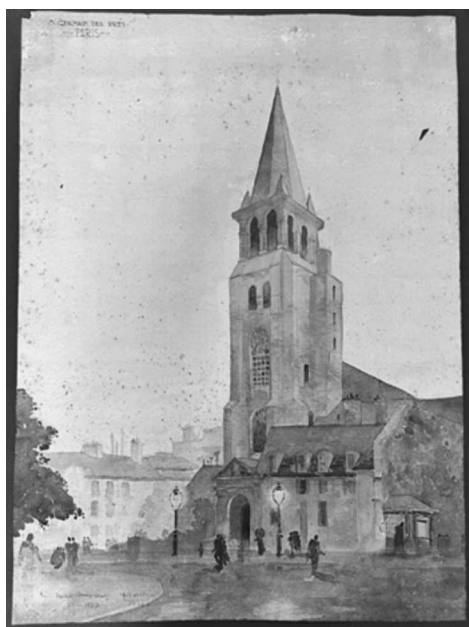
Imagem 1 - Cópia fotográfica de gelatina e prata. Bernardelli modelando o busto de Pereira Passos.



Fonte: Mattos, Adalberto Pinto de. *Rodolpho Bernardelli: sua vida-sua obra-suas atitudes*. Rio de Janeiro, [195-?]. v.1. Acervo Ebaor.

Outro exemplo das edições originais são os *Envios dos pensionistas*, que eram composições enviadas do estrangeiro pelos artistas laureados no concurso “Prêmios de Viagem”, instituído a partir de 1845. A premiação garantia uma estadia, em geral de quatro anos, na Itália ou França. Estas obras singulares preservam a lembrança de uma era em que as viagens internacionais eram financiadas pelo imperador dom Pedro II, viabilizando o aperfeiçoamento técnico dos artistas.

Imagem 2 - Aquarela enviada pelo artista, enquanto pensionista em Paris, para a Enba, em 1928 e 1929.



Fonte: *Envios do pensionista Atílio Corrêa Lima*. Paris. 1928-1929. Acervo Ebaor.

Atílio Corrêa Lima era arquiteto, urbanista, paisagista e designer. Recebeu a medalha de ouro e o prêmio de viagem ao exterior no Salão Nacional de Belas Artes (SNBA) de 1926, e embarcou para Paris no início de 1927.

A inestimável compilação sobre a vida e os trabalhos de João Zaco Paraná, principalmente na Escola Nacional de Belas Artes (Enba) também é destaque do acervo. Zaco Paraná foi escultor, pintor, retratista, desenhista e professor na Enba. Na década de 1940, lecionou modelagem. Essa compilação contém, entre outras, a foto original do seu título de eleitor e o recorte de jornal com a reportagem da estátua premiada de Francisco de Sá em Montes Claros.

A escultura de Zaco Paraná é inicialmente moldada pela interação com a fotografia, empregada como ferramenta para a investigação da composição, como meio de análise do movimento humano, para estudar poses e até mesmo para observar as nuances de luz e sombra sobre objetos e materiais. O artista

atribui uma significativa importância ao ato de modelar, que considera como a fundação de toda criação escultural. (Zaco Paraná, 2024).

É crucial que o bibliotecário reconheça regularmente a importância das publicações que documentam a história da instituição, direcionando-as, quando apropriado, para o acervo especial. A coleção de teses antigas que pertencia ao acervo da biblioteca corrente da EBA – Biblioteca Alfredo Galvão – encontra-se atualmente no acervo da Ebaor por se tratar de publicações consideradas raras para a instituição. As teses antigas eram utilizadas como parte das provas dos concursos para o magistério nas diferentes disciplinas. As teses são publicações que reúnem as teorias implícitas da prática aplicadas nas salas de aula em meados do século XX, visto que esses professores-artistas pouco publicaram sobre o ensino, as técnicas, a metodologia e as formas do fazer artístico (Godoy *et al.*, 2018).

Ainda quanto às publicações que documentam a história da instituição, elaboradas por artistas (alunos e mestres) desde a Enba, citamos a revista *Arquivos*. Com pouquíssimos exemplares existentes, é uma relíquia para a Escola de Belas Artes. Iniciada em 1955, ainda hoje segue sendo publicada pela Escola. Conta com a transcrição de aulas magnas, de documentos antigos relacionados ao ensino e com a produção acadêmica do corpo docente e de técnicos administrativos da EBA (Universidade do Brasil, 1955). Igualmente importantes são as separatas dos *Arquivos da EBA*, que contêm biografias escritas pelos professores sobre outros professores, posses de diretores, discursos, estudos sobre diversos temas das disciplinas ministradas. Apresentam dados curiosos e fascinantes que frequentemente descrevem o cotidiano dos educadores na Escola, permitindo-nos ademais identificar os nomes de outros docentes e indivíduos que interagiram com eles. Tais informações são de grande valia para a busca e identificação de autógrafos e dedicatórias.

A vontade de memória obtida no reconhecimento das coleções de teses e do periódico *Arquivos da EBA* trouxe à luz um tema precioso para a história institucional da UFRJ. Acredita-se que as ideias reunidas em cada uma das publicações apresentadas correspondem a uma materialização do processo de ensino de artes, um registro de saberes práticos.

Na Política da UFRJ, os periódicos recebem os mesmos critérios dos livros, guardando as devidas características para as publicações seriadas a considerar: antiguidade (publicados até o século XIX); importância histórica e relevância como fonte de pesquisa; primeiros fascículos de periódicos de grande valor para as áreas do conhecimento; aspectos de produção e o período de circulação do título.

Segundo informações de professores da área de arquitetura, o periódico *A Casa* é difícil de encontrar. A professora associada da graduação e pós-graduação da EBA/UFRJ, Marize Malta, cujo domínio de investigação, entre outros, é a arte decorativa, esclarece que a *Revista Ilustrada* e a *The Studio* eram

especializadas em artes e artes aplicadas. A última, publicada em Londres, entre 1893 e 1964, trouxe importante impacto na divulgação dos movimentos *art nouveau* e *arts and crafts*, demonstrando assim que a antiga Escola Nacional de Belas Artes não usava apenas referências francesas e que a produção britânica de vanguarda também era considerada. A pesquisa nesses periódicos também é importante para compreendermos quais eram os artistas, designers e suas produções veiculadas, bem como as críticas, de modo a poder comparar com a produção realizada pelos estudantes da Enba.

quanto ao aspecto bibliográfico:

Pode revelar a escassez de um título e o situar dentro do contexto em que foi produzido, trazendo dados que muitas vezes não são possíveis de identificar no próprio exemplar, [...] impressor, importância do ilustrador, do autor, entre outros (Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2021).

Estão ainda relacionados:

- edições de luxo e artística;
- obras ilustradas por artistas renomados ou pelos próprios autores;
- miniaturas;
- cordel;
- obras que aparecem em fontes de informação como sendo raras.

Embora tenha sido uma prática comum até o início do século XIX, aspectos bibliológicos peculiares podem determinar sua raridade apresentando natureza e características dos materiais utilizados em publicações artesanais (Pinheiro, 1989). Esse método de produção é frequentemente encontrado na área das artes, visando a preservar a tradição das ilustrações originais, utilizando técnicas de impressão de gravuras como a xilografia, a água-forte, o metale a litografia, entre outras.

Composta de 35 águas-fortes, heliogravuras e litografias originais, todas produzidas e publicadas no final do século XIX, a obra *Art et nature: études brèves sur quelques artistes d'hier et d'aujourd'hui*, de L. Roger-Milès, é um dos destaques do acervo nesse critério. Entre essas gravuras, destaca-se a do renomado pintor francês do século XIX, Camille Pissarro (1830-1903), cuja atividade plástica abrangeu uma ampla variedade de técnicas, desde óleo e aquarela até litografia e água-forte. Sua obra é reconhecida como um dos mais brilhantes conjuntos pictóricos no domínio da paisagem impressionista, tanto rural quanto urbana.

Outro artista destacado é o pintor de paisagens e gravador Camille Corot (1796-1875). Jean-Baptiste-Camille Corot foi um renomado paisagista e retratista francês, além de ser um hábil gravador em água-forte. Ele desempenhou

um papel central na história da pintura de paisagens, sendo sua extensa obra uma síntese da tradição neoclássica e precursora das inovações *plein-air* (ao ar livre) do movimento impressionista (A história [...], 2017).

Imagem 3 - Gravura em água-forte do pintor de paisagens e gravador Camille Corot (1796-1875).



Fonte: Roger-Milès, L. *Art et nature: études brèves sur quelques artistes d'hier et d'aujourd'hui*. Paris: Librairie Artistique G. Boudet, Éditeur, [1897]. Acervo Ebaor.

Quanto às obras que sobressaem por suas dimensões fora dos padrões, a obra *Description de l'Égypte* se apresenta em grande formato, chegando alguns volumes a medir um metro e sete centímetros. Já a obra comemorativa da *Constituição dos Estados Unidos do Brasil de 1946* possui apenas sete centímetros, sendo necessário, inclusive, acondicionamento diferenciado para ambas.

quanto às características do exemplar:

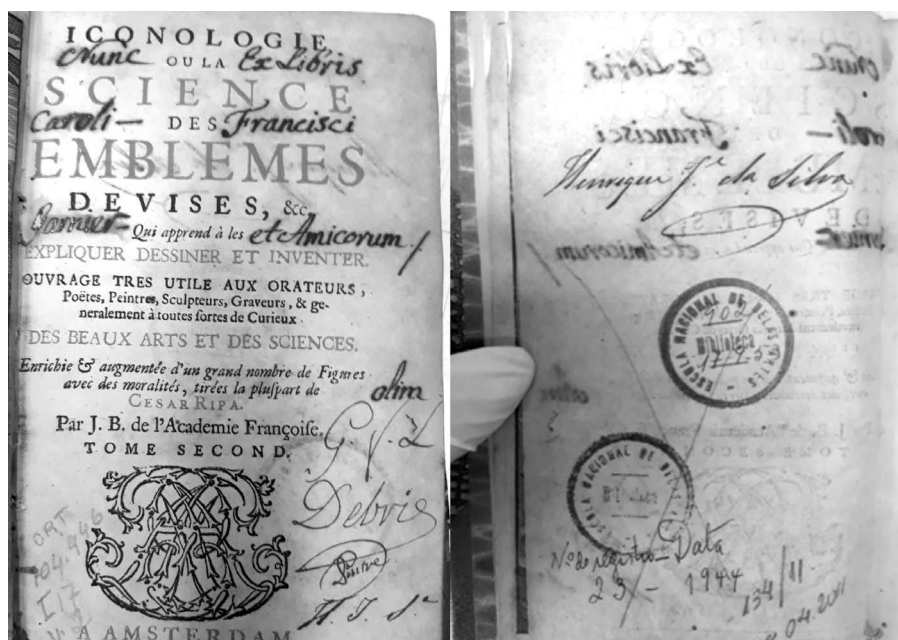
São aqueles extrínsecos à publicação, verificáveis nas inserções, subtrações e complementações que ocorreram posteriormente à sua produção (Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2021).

Encontram-se nessa categoria:

- exemplares com anotações manuscritas importantes (correções e anotações de estudo de especialistas);
- exemplares com marca de livreiros, encadernadores, restauradores etc., renomados ou considerados no mercado livreiro;

- exemplares com marcas de proveniência (ex-líbris, super-líbris, marcas de fogo etc.) de possuidores renomados;
- exemplares autografados, dedicados ou anotados por renomados;
- edições com erros tipográficos a ponto de interferir na contextualização (pastel tipográfico).

Imagem 4 - Folha de rosto e seu verso com as assinaturas e ex-dono de renomados.

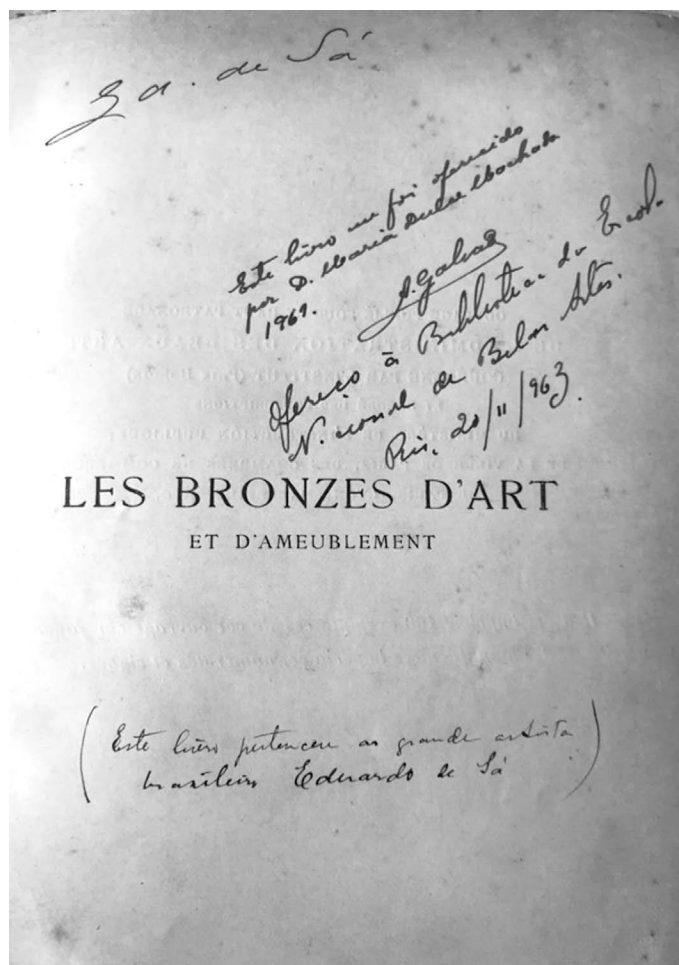


Fonte: Ripa, Cesare; Baudouin, Jean. *Iconologie, ou, La science des emblemes, devises...* Amsterdam: Adrian Braakman, 1698. Acervo Ebaor.

Entre os diversos autógrafos dessa obra (imagem 4), destaca-se o do português Henrique José da Silva, segundo diretor da Aiba, de 1820 a 1834, que sucedeu a Joaquim Lebreton.

No acervo da Ebaor encontramos significativas doações feitas por professores que desempenharam um papel crucial na formação da biblioteca, tanto da antiga Academia quanto da Escola Nacional de Belas Artes, e também influenciaram diretamente a história da própria instituição. Podemos citar os ex-diretores Manuel de Araújo Porto-Alegre e Alfredo Galvão. Esses conceituados personagens, especialmente significativos para a Escola de Belas Artes, deixaram marcantes registros nas obras que compõem o atual acervo, incluindo autógrafos, dedicatórias, anotações de estudo, ex-líbris, pareceres e outras informações relevantes. Estes elementos possibilitam traçar a trajetória da circulação desses livros, compreender sua importância para o acervo e adicionar valor institucional às obras.

Imagem 5 - Anotações e dedicatórias de Alfredo Galvão.



Fonte: Havard, Henry, 1838-1921. *Les bronzes d'art et d'ameublement*. Paris: Librairie Charles Delagrave, [18-?].

O contexto da imagem 5 é relevante para a história do exemplar do livro: inicialmente, pertencia a Eduardo de Sá, renomado pintor, escultor, restaurador e ex-aluno da Aiba. Em 1961, foi gentilmente oferecido por dona Maria Dulce Machado, professora de Eduardo de Sá, a Alfredo Galvão. Posteriormente, em 1963, Galvão generosamente doou o livro à Biblioteca da Enba.

Podemos constatar nos livros doados à Biblioteca por Alfredo Galvão, seu hábito de fazer observações manuscritas em diversas páginas, como no Catálogo da Biblioteca de 1957: “doação minha”, “livro grande”, “livro curioso”, “adquirido em”, “ótimo livro”, “livro de leitura enfadada”, “péssima qualidade de edição” e “posto fora pela bibliotecária”. As anotações de Galvão lançam luz sobre diversos eventos e fatos ocorridos na história da antiga Enba e seu acervo.

Considerações finais

A identificação e catalogação das obras raras na Biblioteca constituem um trabalho em constante desenvolvimento. As características singulares que conferem raridade a uma obra demandam uma atenção especial, requerendo a adoção de procedimentos específicos para garantir sua preservação e difusão. A descrição meticulosa de cada item catalogado é crucial para estabelecer sua raridade bibliográfica, contribuindo não apenas para atribuir valor à obra, como também para ampliar as possibilidades de pesquisas relacionadas a cada exemplar, seja em termos materiais, históricos ou temáticos.

A Biblioteca reúne uma série de medidas para preservar seu acervo, incluindo o monitoramento constante da temperatura e umidade relativa do ar, o manuseio cuidadoso por parte da equipe bibliotecária e dos usuários, e também o armazenamento adequado. A digitalização das obras representa uma estratégia essencial para garantir o acesso às raridades sem comprometer sua integridade física.

As obras dos séculos XIX e XX demandam uma atenção especial por parte do catalogador, visando a identificar características essenciais para a preservação da memória institucional e histórica, garantindo assim sua conservação para as próximas gerações. É desejável que todo o processo de curadoria de coleções de obras raras seja influenciado por um ambiente transdisciplinar, o qual enriquece todas as ações voltadas à reconstrução do passado da instituição.

As ações de preservação, divulgação e disponibilização da coleção revestem-se de significativa importância não apenas para a universidade, mas também para toda a sociedade. Como bibliotecários e gestores de acervos históricos, é imperativo demonstrar, em todo momento, nosso compromisso com a salvaguarda do patrimônio cultural. Isso significa conhecer profundamente a história do acervo que gerenciamos e adotar responsavelmente os critérios de raridade estabelecidos pela instituição à qual pertencemos. Itens raros, quando identificados, muitas vezes são fontes de pesquisa valiosas para estudiosos e pesquisadores. Ao ter conhecimento desses itens, os bibliotecários podem ajudar a facilitar o acesso e a utilização desses materiais para a comunidade acadêmica, contribuindo assim para o avanço do conhecimento em diversas áreas.

Referências

ANDRADE, Diva; VERGUEIRO, Waldomiro. *Aquisição de materiais de informação*. Brasília: Briquet de Lemos Livros, 1996.

ARAUJO, Andre Vieira de Freitas. Gestão de coleções raras e especiais no séc. XXI: conceitos, problemas, ações. In: VIEIRA, Bruno V. G.; ALVES, Ana Paula Meneses (org.). *Acervos especiais: memórias e diálogos*. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2015. p.

33-44. (Coleção Memória da Faculdade de Ciências e Letras/Unesp, n. 3). Disponível em: www.fclar.unesp.br/Home/Instituicao/Administracao/DivisaoTecnicaAcademica/ApoioaoEnsino/LaboratorioEditorial/colecao-memoria-da-fcl-n9.pdf. Acesso em: 2 set. 2023.

FOTOGRAVURA. In: *Ateliê piratininga*. [S. l.], [201-?]. Disponível em: atelierpiratininga.com/tecnicas/fotogravura. Acesso em: 19 mar. 2024.

GODOY, Rosani *et al.* As teses de artistas-professores no acervo da Ebaor: o pensamento sobre o ensino das artes na UFRJ nas décadas de 1940-1950. In: Seminário UFRJ faz 100 anos: História, desenvolvimento e democracia, 1, 2017, Rio de Janeiro. *Anais...* Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, 2018. v. 2. Disponível em: ufrj.br/wp-content/uploads/2020/09/2018-anais-do-seminario-ufrj-faz-100-anos-volume-2-web.pdf. Acesso em: 13 set. 2023.

A HISTÓRIA da pintura de Camille Corot – A Morning, the Dance of the Nymphs. In: ArteeBlog. [S. l.], 17 jul. 2017. Disponível em: www.arteeblog.com/2017/07/a-historia-da-pintura-de-camille-corot.html. Acesso em: 19 mar. 2024.

INTERNATIONAL FEDERATION OF LIBRARY ASSOCIATIONS AND INSTITUTIONS (IFLA). *ISBD(A): International Standard Bibliographic Description for Older Monographic Publications (Antiquarian)*. Haia: IFLA, 1985. Disponível em: archive.ifla.org/VII/s13/pubs/isbda.htm. Acesso em: 12 set. 2023.

MORAES, Rubens Borba de. *O bibliófilo aprendiz*. 4. ed. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2005.

NAMER, Gerard. *Mémoire et société*. Paris: Meridiens Klincksieck, 1987.

NATHANSON, D.; VOGT-O'CONNOR, D. What makes a book rare? *Conserve O Gram*, Washington, v. 19, n. 1, jul. 1993. Disponível em: www.nps.gov/museum/publications/consveogram/19-01.pdf. Acesso em: 9 set. 2023.

PINHEIRO, Ana Virginia. História, memória e patrimônio: convergências para o futuro dos acervos especiais. In: VIEIRA, Bruno V. G.; ALVES, Ana Paula Meneses (org.). *Acervos especiais: memórias e diálogos*. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2015. p. 33-44. (Coleção Memória da Faculdade de Ciências e Letras/Unesp, n. 3). Disponível em: www.fclar.unesp.br/Home/Instituicao/Administracao/DivisaoTecnicaAcademica/ApoioaoEnsino/LaboratorioEditorial/colecao-memoria-da-fcl-n9.pdf. Acesso em: 2 set. 2023.

PINHEIRO, Ana Virginia. *Que é livro raro?: uma metodologia para o estabelecimento de critérios de raridade bibliográfica*. Rio de Janeiro: Presença; Brasília: INL, 1989.

ROSA, Camila Nunes da. *Editoras e livros artesanais: notas e reflexões sobre processos de criação e produção*. 2014. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Comunicação Social – Produção Editorial) – Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, RS, 2014. Disponível em: https://repositorio.ufsm.br/bitstream/handle/1/919/Rosa_Camila_Nunes_da.pdf?sequence=2&isAllowed=y. Acesso em: 19 mar. 2024.

SANT'ANA, Rízio Bruno. Critérios para a definição de obras raras. *Rev. Online Bibl. Prof. Joel Martins*. Campinas, 2001. v. 2, n. 3, p. 1-18, jun. 2021. Disponível em: bibliotecapublica.mg.gov.br. Acesso em: 17 mar. 2024.

UNIVERSIDADE DO BRASIL. *Arquivos da Escola Nacional de Belas Artes*. Rio de Janeiro: Enba, 1955.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO. *Ofício 4365*. Doação da obra Colombo. Rio de Janeiro: [s.n.], 22 jan. 1867. Disponível em: <http://www.docvirt.com/docreader.net/docreader.aspx?bib=MuseuDJoaVI&pasta=Avulsos&pesq=>. Acesso em: 15 jul. 2024.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO. Sistema de Bibliotecas e Informação. *Política para Gestão de Acervos Bibliográficos Raros e Especiais da Universidade Federal do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro, Sistema de Bibliotecas e Informação, 2021.

ZACO Paraná. In: ENCICLOPÉDIA Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileira. São Paulo: Itaú Cultural, 2024. Disponível em: enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoa22133/zaco-parana. Acesso em: 19 mar. 2024.

A arte que mora no livro: a luz devida aos ilustradores

Sonia Alice Monteiro Caldas

Museóloga, arquiteta e técnica em documentação
da Fundação Biblioteca Nacional

Colaboração

Mônica Carneiro

Bibliotecária, coordenadora de Acervos Especiais
da Fundação Biblioteca Nacional





Resumo

O trabalho do ilustrador nem sempre alcança a projeção devida no binômio texto x imagem. O trabalho, ainda que de artistas reverenciados pela historiografia da arte, por vezes não apresenta o destaque que efetivamente é fruído por parte do leitor. O foco, embora a ilustração abarque um universo muito amplo, aqui se restringe aos livros. As fontes utilizadas foram os itens catalogados na base de dados da Fundação Biblioteca Nacional e a busca e análise de fontes bibliográficas que destacam o trabalho da ilustração de forma geral e, em específico, dos livros. A pesquisa aponta que existe ainda uma falha na relevância concedida a esse profissional. Sendo assim, a proposta é destacar a importância do trabalho de ilustrar, mostrando um breve panorama geral da atividade, suas inúmeras formas e sua evolução. A partir daí, trazer a luz para o livro, focalizando a importância do tecido formado por imagem e texto e, mesmo, da imagem como texto.

Palavras-chave: Ilustradores. Livros ilustrados. Arte visual.

Abstract

The illustrator's work does not always achieve the proper projection in the text x image binomial. The work, even of artists revered by the art historiography, sometimes does not have the prominence that is actually enjoyed by the reader. Although illustration encompasses a very broad universe, the focus here is restricted to books. The sources used were the items catalogued in Fundação Biblioteca Nacional database and the search for and analysis of bibliographical sources that highlight the work of illustration in general and, specifically, in books. The research shows that there is still a lack of relevance given to this professional. Therefore, the proposal is to highlight the importance of the work of illustrating, showing a brief overview of the activity, its many forms and its evolution. From there, it brings the book into the spotlight, focusing on the importance of the fabric formed by image and text, and even of the image as text.

Keywords: Illustrators. Illustrated books. Visual art.



Introdução

A imagem exerce cada vez mais um papel de extrema importância na transmissão de ideias e, como qualquer ferramenta, é usada no bom ou no mau sentido. Até na simples comunicação do dia a dia percebe-se que ela toma conta do texto, submetendo-o mesmo à sua vontade. Com a fluidez do tempo, a rapidez e a superficialidade vinculadas, a imagem acaba exercendo com força cada vez maior seu papel de “valer mais que mil palavras”.

Com facilidade ocorre a resposta a uma mensagem que se recebe por WhatsApp, que pode ser expressa na forma de um texto relativamente grande ou de um vídeo, por vezes não assistido na íntegra, ou ainda de um simples símbolo. Se realmente se pretende que a mensagem seja lida e entendida, será necessário, para aumentar a possibilidade de que isso ocorra, enviar várias mensagens, ou seja, dividir o texto em sentenças rápidas para que o interlocutor efetivamente leia e entenda o que se almeja transmitir.

No trabalho diário na seção de Iconografia, dentro da Coordenadoria de Acervo Especializado da Biblioteca Nacional, existe o privilégio de lidar com a gravura brasileira e os impressos, que até há pouco eram aqui classificados como efêmeros, ou seja, rótulos, cardápios, cartões, folders, embalagens, formulários. Sendo assim, o dia a dia é um lidar com imagens. A iconografia, não a seção, mas a ciência mesmo (e, em certos casos, até a iconologia, no dizer de Panofsky), se constitui num vasto campo de trabalho. Estando numa biblioteca, na verdade na Biblioteca, o entrosamento livro x imagem prova ser uma ação, um pensar extremamente envolvente. Então, se está falando das ilustrações e, mais que isso, dos ilustradores.

O mote para essa fala nasceu de uma reflexão da coordenadora de Acervo Especial, Mônica Carneiro, profunda conhecedora do acervo, que despertou para a questão da obscuridade em que pairam os ilustradores e mesmo os capistas em certos casos. Afinal, a arte sempre habitou os livros. Desde o trabalho manual das iluminuras, depois gravuras em suas várias técnicas, até as impressões nos livros atuais, a imagem exerce uma função extremamente importante. Antes mesmo, aliás, de habitar os livros, elas já contavam, e contam, histórias nas pinturas rupestres. Os autores dessas imagens, que compõem e expressam graficamente o teor dos livros, muitas vezes acabam escondidos, uma vez que esse papel nem sempre era ou é mostrado com a relevância que efetivamente possui.

Um pouco do caminho: “Quer que eu desenhe?”

A ilustração de livros já se apresenta nas iluminuras da Idade Média, depois no uso das gravuras sobre as quais explica Orlando da Costa Ferreira no antológico *Imagem e letra*:

Gravura é a arte de transformar a superfície plana de um material duro, ou, às vezes dotado de alguma plasticidade, num condutor de imagem, isto é, na matriz de uma forma criada para ser reproduzida certo número de vezes. Deve para isso a placa ou prancha desse material ser trabalhada de modo a somente transmitir ao papel (que é o suporte de reprodução mais geralmente empregado), por meio da tinta (o elemento ‘revelador’), e numa operação de transferência efetuada mediante pressão, parte das linhas e/ou zonas que estruturam a forma desejada. Deixa-se então ao branco (ou à cor) do papel realizar ativamente a sua contraparte na ordenação e surgimento da imagem integral e autônoma que se chama estampa... Gravura também é a prancha gravada e a estampa impressa (Ferreira, 1976, p. 29).

Artistas como Delacroix (1798-1863), para o *Fausto*, de Goethe, e Goya (1746-1828), para *Los caprichos*, contaram histórias em volumes de gravuras sem textos. Assim já o faziam também gravadores narrando histórias bíblicas nos séculos anteriores. Cumpre notar ainda o incrível trabalho dos artistas que acompanhavam as expedições naturalistas que retratavam fielmente as espécies botânicas e animais através de desenhos, os quais vieram formar verdadeiros compêndios.

O advento da fotografia no século XIX introduz nos livros a tradução do texto em imagens que apresentavam, por assim dizer, a realidade. O século XX apresenta, fora dos livros, mas em marcante significado, os manifestos artísticos com ilustrações fortes e diagramações expressivas e arrebatadoras, de forma a conchamar e anunciar protestos e transformações artísticas.

Movimentos artísticos como o expressionismo, o cubismo, o dadaísmo e o surrealismo combinaram suas imagens com textos pelas mãos de artistas consagrados pela historiografia da arte, tais como Picasso, Léger, De Chirico, Jean Arp, Miró, Max Ernst, além dos artistas que ultrapassam categorias conhecidas, como explica Riva Castelman:

Ao tentar reconhecer correntes estilísticas entre a série de livros aqui apresentados, é preciso fazer alguns desvios importantes. Diversos gigantes da arte do século XX simplesmente não podem ser enquadrados em categorias... há que se fazer uma referência específica a Picasso, Matisse, Chagall e Rouault. Todos contribuíram com material ilustrativo para diversos livros. Matisse, em seu *Poésis*, de Mallarmé,

e Picasso, em seu *Metamorphoses*, de Ovídio, puderam distribuir livremente suas águas-fortes lineares em torno dos textos que as inspiraram (Castleman, 1981, p. 20).

No Brasil, nos anos 1970, acentua-se a presença de artistas que vinham transformando a arte gráfica desde as décadas de 1950 e 1960, concedendo à imagem autonomia expressiva. Ganhava vulto a conjunção letra/imagem. Esse caminhar vem apresentando uma importante imbricação entre esses elementos, agitando-os num processo dinâmico que eleva a interpretação a um patamar mais sugestivo e arrebatador.

A década de 1990 é destacada por Odilon Moraes pela criação de entidades como a própria SIB – Sociedade dos Ilustradores do Brasil.

Mas foi sobretudo nos anos 1990 que se deu o encontro entre uma jovem e criativa geração de artistas – cuja formação se devia justamente aos livros ilustrados – com a consagrada geração precedente de ilustradores, que ousaram se aventurar e experimentar no âmbito das literaturas infantil e juvenil, por princípio dominadas pelas palavras. Esse inevitável encontro fortaleceu a percepção do potencial narrativo e poético das ilustrações, e despertou interesse e apoio de editores e autores que identificaram na mudança de enfoque a possibilidade de renovar as experiências narrativas conhecidas (Ilustradores, 2008, p. [8]).

Apresentam-se na categoria de ilustradores: capistas e ilustradores de livros, anúncios, revistas, cartazes, panfletos, jornais, histórias em quadrinhos, todos, enfim, desenhistas. Incluem-se aqui caricaturistas e cartunistas. Como enquadrar a arte da ilustração num sentido menor? Pode-se pensar que está tão imersa no cotidiano que não mobiliza tanto quanto deveria. Está sempre presente, ágil, dinâmica, mutável. Apesar de caracterizar, sim, pelos seus traços, o artista que a dá forma, como não poderia deixar de ser. Esse artista precisa, em seu processo de criação, de certa forma, conter seu trabalho na diretriz da comunicação imediata, seja no retratar de um texto determinado, seja nos balões de fala de uma personagem ou mesmo sem texto algum. Forma, figura, comunicando logo a que vieram. Assim, atingem as crianças, os adultos e todos os videntes.

São, no dizer de Pietro Maria Bardi, prefaciando o livro *Mestres da ilustração* (Cortez, 1970), produtores de signos. O referido livro foi lançado na inauguração da importante exposição “A Mão do Povo Brasileiro”, no Museu de Arte de São Paulo Assis Chateaubriand, concebida pela arquiteta Lina Bo Bardi, organizada por Pietro Bardi, por Glauber Rocha e pelo diretor teatral Eros Martim Gonçalves. O livro figura como um complemento da exposição porque apresenta essa arte de puro contato, que não é considerada no campo das artes consagradas, mas que se mostra toda, comunica sem pudor, atingindo sem subterfúgios. A mostra, como o livro, além de abrir questões acerca da

própria historiografia da arte, estabelece discussões importantes sobre as funções e posições do museu como ágora, espaço de todos e para todos.

A ilustração no Brasil, de forma geral, e também no livro, é o campo para o qual esse recorte aponta um vislumbre, um caminho para pesquisas futuras. Este ainda não é um tema muito discutido na academia. O foco no livro faz-se necessário, uma vez que a imensidão do espectro que a imagem atinge e, conseqüentemente, atinge a todos, transporta para muito longe, no campo do design em toda a sua abrangência, ou seja, anúncios, propaganda, e todos os aspectos em que a imagem nos capta, ainda mais nestes tempos digitais. Mesmo no recorte do livro, a questão da imagem pode envolver temas que têm sido bastante tratados, como as marcas de proveniência, marcas de propriedade, vinhetas, capas, folhas de rosto e, por exemplo, os maravilhosos ex-líbris dos quais a seção de Iconografia abriga uma consistente coleção.

Optou-se por citar, como exemplo, o catálogo da 1ª Exposição Brasileira de Ex-líbris, de 1942, realizada no Museu Nacional de Belas Artes, para o qual o artistagravador Carlos Oswald elaborou o ex-líbris visto a seguir:

Imagem 1 – Ex-líbris da Exposição



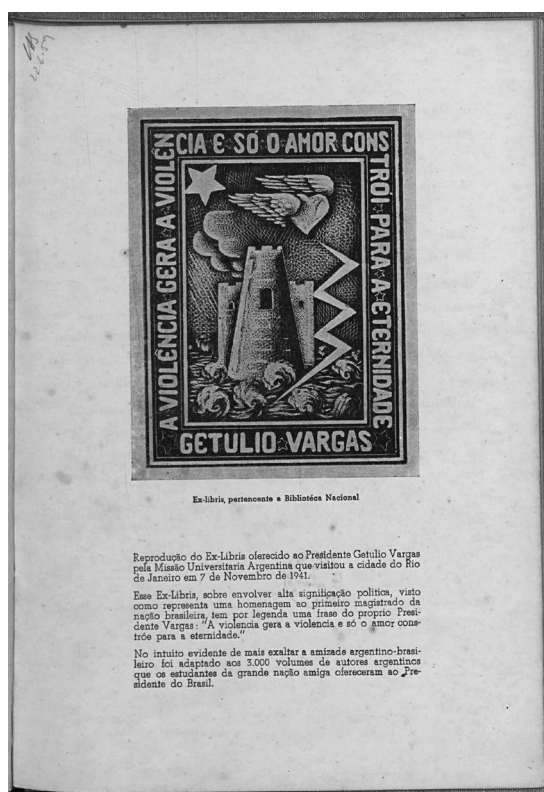
Fonte: EXPOSIÇÃO BRASILEIRA DE EX-LIBRIS, 1. , 1942, Rio de Janeiro. *Catálogo*. [Rio de Janeiro]: Museu Nacional de Belas Artes/Ministério da Educação e Saúde, maio 1942.

Nesse catálogo, há uma definição de Clado Ribeiro de Lessa sobre essa ilustração, com poderes de marca de propriedade, identificação de proveniência, características do colecionador etc.

Cumpre, antes de tudo, bem definir o que seja ex-líbris, distinguindo-o dos demais tipos de marcas usados pelos bibliófilos. Ex-líbris, expressão latina que significa **dos livros, dentre os livros de**, é o nome por que são designadas pequenas etiquetas de papel, reproduzidas por quaisquer processos mecânicos e que se colam na face interna da pasta frontal do livro, ou da capa anterior das brochuras para indicar-lhes o possuidor (Exposição [...], 1942, p. [5], grifo do autor).

Apresenta-se a reprodução do ex-líbris oferecido ao presidente Getúlio Vargas pela Missão Universitária argentina, que visitou o Rio em 1941, cuja legenda é uma frase do próprio Getúlio: “A violência gera a violência e só o amor constrói para a eternidade.”

Imagem 2 – Ex-líbris de Getúlio Vargas



Fonte: EXPOSIÇÃO BRASILEIRA DE EX-LIBRIS, 1. , 1942, Rio de Janeiro. *Catálogo*. [Rio de Janeiro]: Museu Nacional de Belas Artes/Ministério da Educação e Saúde, maio 1942.

Consta do catálogo uma lista de autores cujos trabalhos fizeram parte dessa exposição. Ali são encontrados gravadores como o já citado Carlos Oswald, artista que tem no Brasil o papel de levar a gravura para além do papel técnico nas oficinas gráficas; tratando a gravura em metal como meio expressivo autônomo desde 1908, quando, na Itália iniciou-se naquela arte e, a partir de 1914, quando se torna professor no Liceu de Artes e Ofícios. Nota-se também a presença de caricaturistas famosos como Alvarus e Pederneiras. Essa lista denota o cuidado com a autoria das imagens.

O que concitou a essa breve reflexão foi justamente a pouca relevância dada e até mesmo a omissão da autoria das ilustrações, presença tão importante nas publicações. É importante também a identificação da autoria das capas, pois a função de capista não tem obtido o destaque merecido. Ainda assim grandes artistas cumpriram e cumprem essa função como, por exemplo, Tarsila do Amaral e Carlos Scliar, com ideias cada vez mais bem elaboradas. É fundamental o cuidado dos catalogadores para que a autoria do importante trabalho da ilustração seja não apenas mencionado, mas também destacado.

Diz-nos Paula Ramos:

No Brasil, os trabalhos em ilustração raramente são objeto de pesquisa no âmbito da História da Arte e das Artes Visuais. Aliás, o tema ilustração costuma passar ao largo da academia, e de vários modos: ...apesar de muitos artistas se manterem economicamente por meio desse trabalho. Isso decorre da ideia (quase sempre preconceituosa) de que tais produções não são relevantes no campo das artes visuais pelo fato de não se pautarem por inovações formais (Ramos, 2016, p. 41).

Assim também os próprios artistas, trabalhando como ilustradores, reputavam ou consideravam essa arte como menor. São perceptíveis as forças que interagem para comprimir e até menosprezar o espaço desse profissional na cultura: o historiador da arte, o bibliotecário e o próprio artista. É certo que o ilustrador não percorre o mesmo caminho de um artista em seu processo criativo. Aqui o ilustrador, no exercício mesmo dessa função, não parte de uma ideia sua – a não ser no caso de ser ele mesmo o autor da obra, o que não é comum.

Não se está alijando-os da categoria de artista, mesmo porque muitos deles exerceram e exercem com maestria a função de ilustradores e capistas. Separam-se as duas funções apenas para o fim dessa reflexão. Muitas vezes a imagem que ilustra uma obra inscreve marca indelével em nossa memória, agindo como tradução ou complementação da linguagem textual em imagética. A ilustração acaba por adquirir o poder de se tornar autônoma na comunicação. Além disso, por vezes, chega a promover inovações no campo da arte, o que contradiz o que vimos há pouco, ou seja, a ideia de que a ilustração não contribui para a renovação formal. Deste modo, acaba por surgir a questão: ilustração é obra de arte?

A pergunta bem enigmática surge, com milhões de respostas possíveis: o que é arte? e carrega em si o questionamento feito desde a Antiguidade pelos filósofos gregos. Se considerarmos como arte não só o que os sentidos captam, mas o que nos afeta o emocional, o simbólico, enfim, o velho binômio forma e conteúdo, recorrendo à semiótica, seja pelo método histórico, pelo sociológico ou pelo iconográfico, haverá como considerar a ilustração como arte. Porque, acima de tudo, é uma representação que transforma a linguagem de outra representação, que é o texto.

Há de se pensar numa analogia com o processo da música popular, que gira em torno do letrista e do compositor da canção, no qual letra e música se interpenetram em completa harmonia. Assim também o livro se apresenta – texto e ilustração acontecem em profunda consonância.

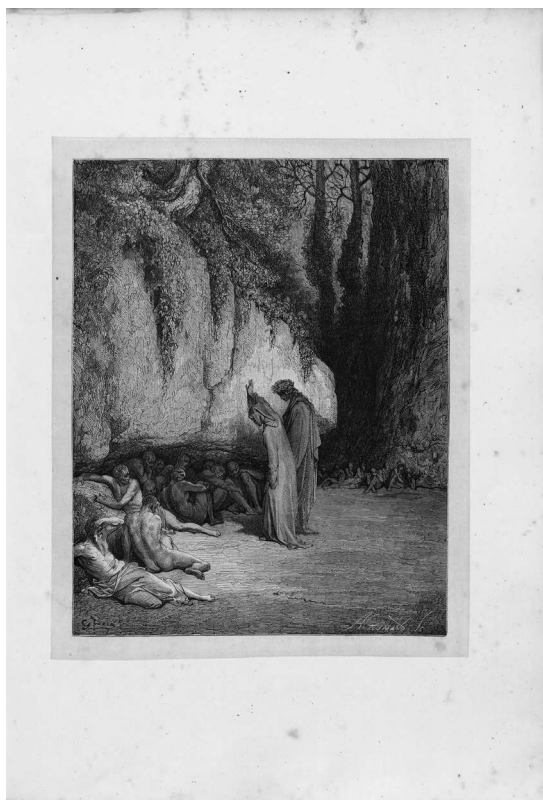
Na seção de Iconografia

O lugar ocupado pela ilustração varia com o tipo de publicação. Na seção de Iconografia, como o foco reside sobre a imagem, há um especial carinho pela ilustração e, consequentemente, pelo ilustrador.

No século XIX, é importante mencionar a obra de Gustave Doré e suas ilustrações em clássicos que imprimem na memória de forma perfeita a forte mensagem do texto, registrando a mensagem transmitida.

Doré trabalhou em litografia desde muito cedo, deixando sua marca em textos de grandes autores clássicos como Rabelais, Cervantes ou Alan Poe. Entre 1861 e 1868, trabalhou na *Divina comédia*. Atuou também como caricaturista, função que exercem muitos ilustradores e, na esteira dos clássicos, ilustrou contos de fada como Gato de Botas, Cinderela e Chapeuzinho Vermelho. Doré é um exemplo de artista cujas ilustrações fizeram mais sucesso que obras de outro tipo.

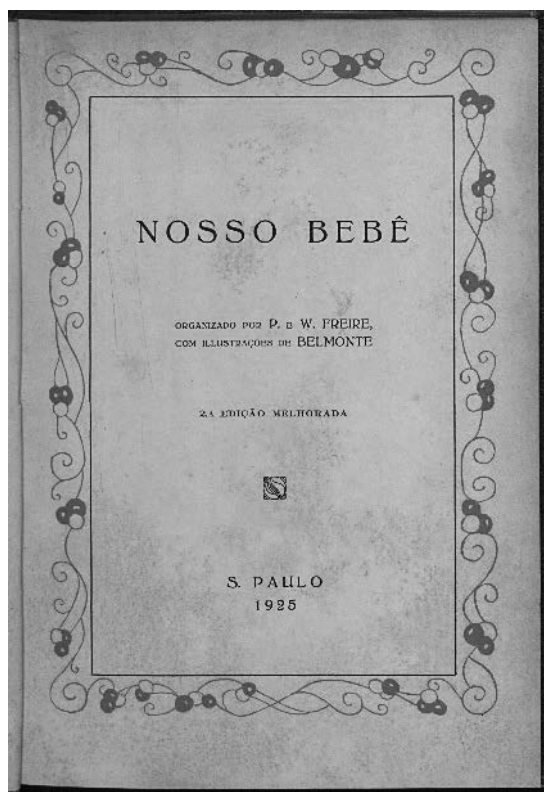
Imagem 3 – Dante no purgatório



Fonte: ALIGHIERI, Dante. **Le Purgatoire [et le Paradise]** ... Paris: Hachette, 1868.

Já que se mencionou o mundo infantil, não pode ser deixado de lado o livro *Nosso bebê*, versão de 1925 daquele álbum clássico com as primeiras informações da vida das crianças. Alguns bebês tiveram a honra de ter seus primeiros registros colocados naquela publicação da editora Monteiro Lobato, com ilustrações de Belmonte. Note-se que a informação sobre o ilustrador foi corretamente informada na folha de rosto da publicação e na catalogação. Ao realizar busca na base de dados da Biblioteca Nacional utilizando Belmonte como palavra-chave, serão resgatadas as publicações que mostram sua atuação importante como ilustrador, assim como várias publicações sobre seu trabalho e sua incrível biografia.

Imagem 4 – Nosso bebê



Fonte: FREIRE, P. *Nosso Bebê*. 2ª ed. São Paulo: Ed. Monteiro Lobato, 1925.

Belmonte foi um grande caricaturista nascido em 1896 e levado pela tuberculose em 1947, criador de ilustre personagem na década de 1920 na imprensa paulista; o Juca Pato, que era uma espécie de alter ego do autor, segundo Gonçalo Junior no livro *Vida e obra de um dos maiores cartunistas brasileiros de todos os tempos: Belmonte*.

Juca Pato surgiu em 1925 no jornal *Folha da Noite*, e aparecia em rótulos de vários produtos como balas e até cigarros, questionava e interpelava autoridades, reclamava e criticava, enfim, em reconhecidas charges, que ajudaram a tornar Belmonte muito famoso. Neste caso, o processamento técnico das obras que ilustrou coloca Belmonte em seu devido lugar. Vemos que as figuras de Belmonte estão também, por exemplo, nas *Memórias da Emília*, de Monteiro Lobato, publicadas pela Editora Nacional, em 1936, na série Biblioteca Pedagógica Brasileira, série 1 Literatura Infantil, em *No tempo dos bandeirantes*, 1939, e ainda em *No tempo dos bandeirinhas*, de 1943. (Lobato, 1936; Belmonte, 1943, 1948).

Falando em livro infantil, no qual a predominância da ilustração é óbvia, nota-se o papel fundamental que ela exerceu no desenvolvimento que se tem notado na estética dessas publicações. Assim, a atividade de ilustradores tem se constituído num chamado para artistas plásticos que investem seu capital artístico nessa especialidade.

Como ressalta Alexei Bueno no catálogo da exposição 5ª Traçando Histórias:

Depois que o famoso boom da literatura infantil no país trouxe novos e talentosos escritores ao longo da década de 70, os quais estabeleceram com muita propriedade novos paradigmas para o texto literário dirigido à criança, na década seguinte observou-se um número significativo de ilustradores (muitos deles artistas plásticos) que se voltaram para a literatura infantil e conquistaram para o seu trabalho o status de criação e coautoria (Bueno, 2006, p. [3]).

Percebe-se que, no texto citado, o objetivo é mesmo o de enaltecer o lugar do ilustrador que, ainda assim, está colocado em categoria separada dos artistas. Entretanto, infere-se que o ilustrador também seria um artista plástico. Há, no mesmo catálogo outro exemplo de atenção demonstrada para com esse profissional da imagem, expressa pelo mesmo autor: “Todo ilustrador, como todo artista, é um elo de uma corrente de tradição interminável [...]” (Bueno, 2006, p. [9]).

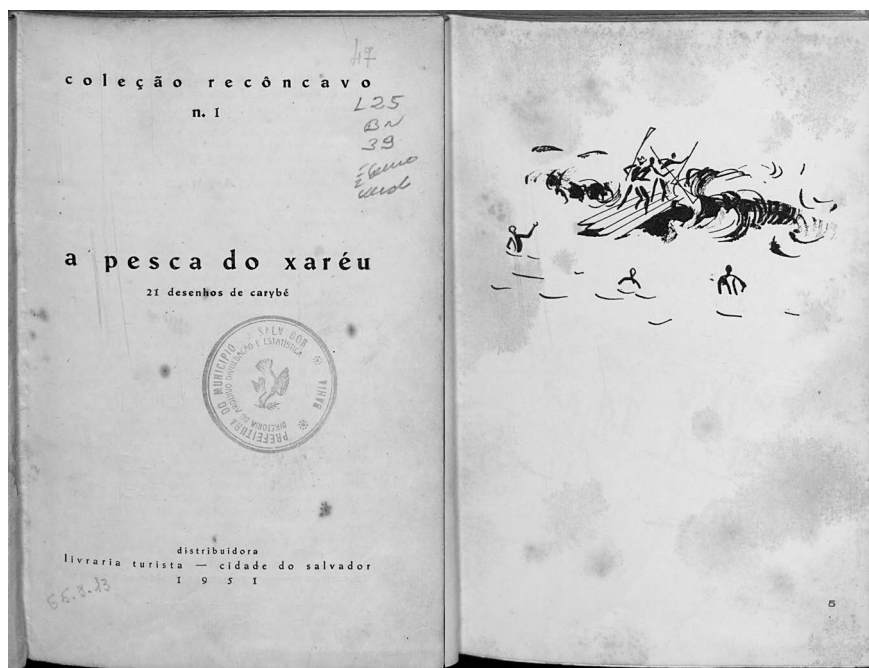
Rui de Oliveira comenta no mesmo catálogo:

Acredito, e isto tem sido o fundamento do meu trabalho, que a fidelidade ao texto não está no culto ou no estilo deificado do ilustrador, e sim na impessoalidade sincera e profissional da procura da verdade de cada palavra, de cada frase, de cada sílaba, de cada letra do escritor (Oliveira, 2006, p.[9]).

Outra observação coloca o foco na liberdade de que os artistas gráficos desfrutavam e que possibilitou, porque se sentiam protegidos e incentivados a ousar, romper as amarras das regras rígidas do academicismo, levando à renovação e antecipação dos processos de rupturas no fazer artístico.

A Iconografia guarda exemplos muito interessantes nesse sentido. É possível citar a coleção Recôncavo, em que dez histórias, encadernadas em um único volume, são ilustradas por Carybé. *A pesca do xaréu* é a primeira delas.

Imagens 5/6 – A pesca do xaréu (Folha de rosto e ilustração)



Fonte: CARYBÉ. *A pesca do xaréu*: 21 desenhos de Carybé ... Salvador: Liv. Turista, 1951.

Na segunda história, *O pelourinho*, o nome de Carybé aparece até com mais destaque do que o do autor do texto, Odorico Tavares.

É fácil observar que as características do traço do artista saltam aos olhos. Assim, por mais que esteja ali dando forma a um tema, a um texto, o artista tem, inerente a sua natureza, sua forma de expressão bem patente. Dessa forma, processo por vezes é tão simbiótico que não sabemos se foram feitas ilustrações para o texto ou se a arquitetura gráfica suscitou a escrita... letra e música.

Falando ainda de Carybé e sua parceria com Jorge Amado, mencionamos *O capeta Carybé*, em que o autor conta a história do pintor, que a ilustra. Esse volume faz parte da coleção Arte para criança/Arte para jovens e conta com ilustradores como Volpi, Tomie Ohtake e Siron Franco, só para exemplificar.

Por fim, não se pode deixar de citar a incrível Sociedade dos 100 Bibliófilos. Um empreendimento sonhado e trazido à realidade por Raymundo de Castro Maya em 1943, inspirado em projetos franceses dos quais ele havia tomado conhecimento.

As publicações eram confeccionadas de maneira artesanal, em tiragem reduzida, com o nome de cada membro da Sociedade impresso em seu exemplar exclusivo, entregue em folhas soltas, depois encadernadas ao gosto de seu proprietário. Os cerca de 20 volumes excedentes eram destinados a instituições culturais brasileiras e estrangeiras

ou doados a colaboradores. Os títulos e ilustradores eram, em geral, sugeridos por Castro Maya, que os submetia aos associados, resultando numa junção de obra literária, artística e artesanal de excepcional qualidade técnica. Num período de quase 30 anos, a Sociedade publicou 23 títulos, marcando definitivamente a história do “livro de artista” no Brasil (Coleção [...], 2017, p. 5).

Os volumes destinados à Biblioteca Nacional foram designados pela letra “E”. Temos duas obras digitalizadas: *4 contos*, de Machado de Assis, com ilustração de Poty; e *Hino nacional brasileiro*, com ilustração de Isabel Pons.

A coleção tem início com *Memórias póstumas de Brás Cubas*, de Machado de Assis, ilustrada por Portinari e vai até *Compadre de Ogum*, de Jorge Amado, com ilustrações de Mário Cravo, editado em 1969, um ano após a morte de Castro Maya.

Outro caso que ganhou repercussão recentemente foi o trabalho de Fayga Ostrower na publicação de sua autoria, em texto e imagem, do livro *A notável história do homem-litrado*, escrito em 1947, para seu sobrinho Peter Lewinsohn, a primeira criança nascida no Brasil, em 1933, após a imigração de sua família em fuga do nazismo. A família de Peter possuía o original e sua sobrinha, que o viu pela primeira vez em 2018, decidiu publicá-lo. Foi lançado na abertura da exposição “Fayga Ostrower: Artista Educadora”, em 9 de março de 2023 e, neste mesmo ano, ganhou o prêmio Jabuti na categoria Ilustração.

Para citar outro interessante destaque recente dessa operação na teia de formas e escritas, temos o livro *Um defeito de cor*, de Ana Maria Gonçalves, que conta, em mais de 900 páginas inspiradas na vida de Luísa Mahin, a trajetória de Kehinde, que teria sido mãe de Luís Gama e participado da Revolta dos Malês na luta pela abolição dos escravizados. A edição comemorativa de 16 anos passou por um novo projeto gráfico nascido de significativo diálogo, no ateliê, entre as artistas da escrita e da imagem, o que permitiu um encontro perfeito das obras de Rosana Paulina e Ana Maria Gonçalves.

É importante que esse breve apanhado tenha deixado clara a admiração, assim como a necessidade de que se valorize mais o papel desse tradutor de texto em imagem, o músico dos livros.

Referências

AMADO, Jorge. *O capeta Carybé*. São Paulo: Berlendis & Vertecchia, 1986. (Arte para criança).

BELMONTE JUNIOR, Gonçalo (org.). *Vida e obra de um dos maiores cartunistas brasileiros de todos os tempos*. São Paulo: Três Estrelas, 2017.

BELMONTE. *No tempo dos bandeirantes*. São Paulo: Melhoramentos, 1948.

- BELMONTE. *No tempo dos bandeirinhas*. [São Paulo]: Melhoramentos, [1943].
- BUENO, Alexei. In: *5ª Traçando Histórias*. Porto Alegre: Câmara do Livro, 2006.
- CARYBÉ. *A pesca do xaréu*: 21 desenhos. Salvador: Liv. Turista, 1951. (Coleção Recôncavo, n. 1-10).
- CASTLEMAN, Riva. *Artistas modernos enquanto ilustradores*. Nova Iorque: Museu de Arte Moderna, 1981.
- COLEÇÃO Sociedade dos Cem Bibliófilos do Brasil. Brasília: Secretaria de Comunicação Social/Câmara dos Deputados, 2017. Disponível em: <https://www2.camara.leg.br/a-camara/visiteacamara/cultura-na-camara/arquivos/colecao-sociedade-dos-cem-bibliofilos-do-brasil>. Acesso em: 8 mar. 2024.
- CORTEZ, Jayme. *Mestres da ilustração, a técnica de ilustração, capas e cartazes*: antologia de ilustradores brasileiros. São Paulo: Hemus, 1970.
- EXPOSIÇÃO BRASILEIRA DE EX-LIBRIS, 1., 1942, Rio de Janeiro. Catálogo. [Rio de Janeiro]: Museu Nacional de Belas Artes/Ministério da Educação e Saúde, maio 1942.
- FERREIRA, Orlando da Costa. *Imagem e letra*: introdução à bibliologia brasileira - a imagem gravada. São Paulo: Melhoramentos/Edusp, 1976.
- FREIRE, Paulo. *Nosso bebê*. 2. ed. São Paulo: Ed. Monteiro Lobato, 1925.
- GONÇALVES, Ana Maria. *Um defeito de cor*. Rio de Janeiro: Record, 2009.
- GRINBERG, Piedade. *Di Cavalcanti, um mestre além do cavalete*. São Paulo: Metalivros, 2005.
- ILUSTRADORES SIB: literatura infantil e juvenil = sib illustrators: books for young people. SIB illustrators. Rio de Janeiro: Sociedade dos Ilustradores do Brasil, 2008.
- LOBATO, Monteiro. *Memórias da Emília*. São Paulo: Nacional, 1936.
- OLIVEIRA, Rui de. In: *5ª Traçando Histórias*. Porto Alegre: Câmara do Livro, 2006.
- PANOFISKY, Erwin. Iconografia e Iconologia: uma Introdução ao estudo do Renascimento. In: PANOFISKY, Erwin. *Significado nas artes visuais*. São Paulo: Perspectiva, 1991.
- RAMOS, Paula. *A modernidade impressa*: artistas ilustradores da livraria do Globo. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2016.

Catálogo de autores negros de Santa Catarina: análise gráfica de livretos do século XIX e XX da Coleção Especial Raridade Catarinense da Biblioteca Universitária

Verônica Pereira Orlandi

Mestre em Preservação do Patrimônio Cultural pelo Iphan e técnica em restauração da Universidade Federal de Santa Catarina

Miguel Ângelo dos Santos Demétrio

Graduando do curso de História da Universidade Federal de Santa Catarina





Resumo

O artigo trata da análise dos elementos gráficos que compõem as capas de livretos do Catálogo da Exposição do 5º Encontro Afro-Literário de Florianópolis, o qual reúne um conjunto de 32 obras de autores negros de Santa Catarina. O acervo está localizado na Biblioteca Universitária da UFSC, na Coleção Especial Raridade Catarinense. Foram analisados ornamentos das capas dos livretos dos autores Trajano Margarida e Ildefonso Juvenal. Esses itens passaram por restauração na instituição, mas o aspecto principal levantado neste trabalho é a análise dos elementos e o seu registro nas fichas de diagnóstico e acompanhamento do livro.

Palavras-chave: Autores negros. Catálogo. Livretos. Preservação. Raridades catarinenses.

Abstract

The article deals with the analysis of the graphic elements that make up the booklet covers of the exhibition catalog of 5º Encontro Afro-Literário de Florianópolis, which brings together a set of 32 works by black authors from Santa Catarina. The collection is located at the UFSC University Library, in the Raridade Catarinense Special Collection. Ornaments on the covers of booklets by the authors Trajano Margarida and Ildefonso Juvenal were analyzed. These items have undergone restoration at the institution, but the main aspect raised in this work is the analysis of the elements and their recording in the book's diagnostic and monitoring forms.

Keywords: Black authors. Catalog. Booklets. Preservation. Rarities from Santa Catarina.



Introdução

O acervo considerado raro na Biblioteca Universitária (BU) da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) é salvaguardado pelo Serviço de Coleções Especiais (SCE), sendo formado por documentos em papéis de diferentes suportes com recorte temporal entre os séculos XVIII e XXI. Alguns exemplares constam no Catálogo do Patrimônio Bibliográfico Nacional (CPBN), gerenciado pelo Plano Nacional de Recuperação de Obras Raras (Planor)¹ A Coleção Especial Raridade Catarinense (Cerc) é a maior (2.032 itens), a mais consultada e de maior relevância para os pesquisadores. Surgiu em 1977, momento em que houve a subdivisão da Coleção Especial Obras Raras em três.

Tratemos como foram selecionados exemplares dessa coleção para serem o objeto de análise deste trabalho. Em 2022, foi elaborado um catálogo com obras da Cerc, como uma das atividades relacionadas ao 5º Encontro Afro-Literário.² Esse evento ocorreu entre os dias 3 de novembro a 18 de dezembro daquele ano e apresentou 32 obras de autores negros de Santa Catarina. Dentre estes, dois autores foram destacados neste trabalho: Ildefonso Juvenal e Trajano Margarida, cada um com seis e sete obras, respectivamente.

Quadro 1 – Referência de livros de cada autor presentes no acervo SCE

	Ildefonso Juvenal	Trajano Margarida
1	JUVENAL, Ildefonso. <i>Contos singelos</i> . Florianópolis: [s.n.], 1914.	MARGARIDA, Trajano. <i>O Natal do orphaosinho ou o presente de Jesus</i> . Florianópolis: Typ. da Liv. Moderna, 1914. 22 p.
2	JUVENAL, Ildefonso. <i>Relevos</i> . Florianópolis: Cysne, 1919.	MARGARIDA, Trajano. <i>A fome e a sede no Ceará</i> : poesia. Florianópolis: Typographia da Livraria Central, 1919. 16 p.
3	JUVENAL, Ildefonso. <i>Páginas Singelas</i> . Florianópolis: Folha Nova, 1929.	MARGARIDA, Trajano. <i>Carnaval de Florianópolis em 1930</i> : canções carnavalescas. Florianópolis: Typ. Schuldt, 1930.

1. Informações retiradas do Portal da BU (2023).

2. A primeira edição do encontro que originou o catálogo ocorreu em 2011, naquele momento a BU cedeu obras raras do seu acervo para compor a exposição do encontro. Em 2022, a parceria entre a editora Cruz e Sousa e a BU ocorreu novamente, com as atividades integrando a ação institucional da UFSC – Novembro Negro. Foram realizadas várias atividades na biblioteca, registradas no projeto de extensão Novembro da Consciência Negra na Biblioteca Universitária: espaço de diálogo e pertencimento (Proex 202217244).

	Ildefonso Juvenal	Trajano Margarida
4	JUVENAL, Ildefonso. <i>Conferencias sobre hygiene</i> . Florianópolis: Liv. Central, 1935.	MARGARIDA, Trajano. <i>Brack</i> : poemeto. Florianópolis: Imprensa Oficial do Estado, 1936. 5 p.
5	JUVENAL, Ildefonso. <i>Teatro</i> . Florianópolis: [s.n.], 1942	MARGARIDA, TRAJANO. <i>Paz</i> . Florianópolis: Imprensa Oficial do Estado, 1936.
6	JUVENAL, Ildefonso. <i>Eduardo Dias; o magico do pincel</i> : palestra realizada no Instituto Historico e Geográfico de Santa Catarina. Florianópolis: Graf. Popular, 1948.	MARGARIDA, Trajano. <i>Nelson</i> : sone-tos. Florianópolis: Estabelecimento Gráfico Brasil, 1943. 23 p.
7		MARGARIDA, Trajano. <i>A pátria e o sorteado</i> : poemeto patriótico. [Florianópolis]: Oficinas Graphics d'Phenix, [19--].

Fonte: Elaborado pelos autores.

Os autores são pessoas catarinenses, negras e do final do século XIX e início do XX. Possuem relevância devido aos temas que abordam, tendo importância política, social e cultural para o estado, mas ainda pouco conhecidos. A partir disso, optou-se por dar destaque a esse acervo no momento em que a UFSC realizou a ação institucional “Novembro Negro”, em 2022. Essa iniciativa somou-se a outras ações institucionais de enfrentamento ao racismo, como a “Política de Enfrentamento ao Racismo” aprovada no Conselho Universitário. Por esses motivos, destacamos essa fonte de informação sobre parte ainda pouco valorizada da história de Santa Catarina.

Esses livros possuem características estéticas e gráficas que foram analisadas e registradas, pois foram incorporadas à ficha diagnóstica – parte do protocolo de intervenção de conservação e restauração nas obras. A análise de símbolos utilizados pelas gráficas no momento da impressão dos periódicos ocorreu a partir da observação realizada na primeira interação com o item, no momento da higienização.

Conforme começam a aparecer os registros das editoras e da comunicação visual, paulatinamente constrói-se um mapeamento da história editorial catarinense. O estudo sobre a leitura e a produção bibliográfica indica as primeiras iniciativas no século XIX, de acordo com o historiador Felipe Matos (2008, p.

22), ocorridas na cidade de Desterro, antiga denominação de Florianópolis, pois teve suas “primeiras tipografias e estabelecimentos comerciais”. O autor ressalta ainda a primeira livraria do século XX, a Livraria Central – dois exemplares analisados foram impressos ali.

Matos (2008, p. 28) destaca que a cidade foi aos poucos “sendo inundada pelas letras” ao longo do século XIX, visto que a transformação social se deu com a implementação de escolas, o que culminou no surgimento de uma sociedade letrada. Nessa época, surge a imprensa na cidade, com a divulgação de periódicos – com o aumento da produção de exemplares em 1850, os quais constam no acervo da SCE – sendo o de 1854 o mais antigo que possuímos. Grande parte do acervo também está disponível na Hemeroteca Digital Catarinense.

O intuito do catálogo foi divulgar a produção literária de intelectuais, poetas e músicos negros do final do século XIX e início do XX. Além disso, essas obras ainda não tinham passado por intervenções de conservação e de restauração. A divulgação através do catálogo buscou publicizar e incentivar a pesquisa, tendo em conta que essa ação também visava estimular a adoção de uma cultura antirracista no ambiente da BU/UFSC. Ao iniciar a análise imagética, de comunicação visual e tipográfica desse acervo, tem-se o objetivo de conhecer a história das letras em Florianópolis, mas também de avaliar as escolhas que esses autores realizaram, e conhecê-las um pouco mais. Isso pode trazer informações sobre suas relações sociais, suas referências artísticas e estéticas.

Os autores: conhecendo Ildefonso Juvenal e Trajano Margarida

Os autores do catálogo foram selecionados a partir de curadoria realizada com auxílio do historiador Fábio Garcia, militante do movimento negro e autor de diversos livros. Essa curadoria, junto ao trabalho realizado no SCE, resultou no catálogo trabalhado. O mesmo foi disponibilizado sem fotos das capas. Compunham essa seleção: Ildefonso Juvenal da Silva, Trajano Margarida, Antonieta de Barros, João Rosa Júnior, João da Cruz e Sousa e Demerval Cordeiro.

A divulgação da produção literária de intelectuais, poetas e músicos negros do final do século XIX e início do XX foi uma das atividades do projeto de extensão relacionado ao 5º Encontro Afro-Literário de Florianópolis e ao projeto institucional Novembro Negro, mas também fez parte do conjunto de ações de preservação do SCE/BU/UFSC. Isso porque busca publicizar, incentivar a pesquisa e estimular a adoção de uma cultura antirracista no ambiente da biblioteca. Iniciar o projeto de preservação da Coleção Especial Raridade Catarinense por esses autores é um posicionamento político na tentativa de garantir

que esse conteúdo seja difundido, portanto essa é a principal justificativa para as ações de preservação nessas obras.

No total, foram selecionados 32 itens que compõem o catálogo, dos quais sete são livros e 25 são livretos. Desse conjunto de obras, foram escolhidos para analisar os livros de Ildefonso Juvenal e de Trajano Margarida. Ambos possuem personalidades bem marcantes e tiveram consistente produção bibliográfica. Cada um possui seis e sete livros respectivamente, o que nos oferece amostra representativa semelhante.

Figura 1: Ildefonso Juvenal discursa na Rádio Diário da Manhã, Florianópolis/SC.



Fonte: UFSC. *Coleção Especial Material Iconográfico*. Florianópolis: Biblioteca Central, [19–].

Figura 2: Trajano Margarida posando para fotos.



Fonte: *Imagem da Ilha*. Disponível em: imagemdailha.com.br. Acesso em: 3 mar. 2024.

Ildefonso Juvenal nasceu em Florianópolis em 10 de abril de 1894. Foi escritor, orador, militar e farmacêutico – o primeiro homem negro a se formar em uma instituição de ensino superior no estado de Santa Catarina, em 1924. Foi amanuense conservador da Biblioteca Pública do Estado, sendo posto à disposição do comando da Força Pública para organizar a farmácia da corporação. Sua primeira ocupação foi a de tipógrafo no jornal *O Estado*, realizou pesquisas históricas, foi sócio do Instituto Histórico e Geográfico Catarinense e membro correspondente do Centro de Letras do Paraná e da Academia Riograndense

de Letras. Sua ligação com as letras é importante traço de sua personalidade. Acredita-se que, por ter trabalhado como tipógrafo, pode ter escolhido os tipos móveis de seus livros, os elementos presentes no interior dos mesmos. Com a colaboração de outros homens negros da cidade, em 1920, fundou o Centro Cívico e Recreativo José Arthur Boiteux, associação que lutava contra a discriminação racial e por direito à cidadania. Faleceu em 9 de março de 1965. Desde 1984, a Medalha de Mérito Intelectual “Major Ildefonso Juvenal” é concedida ao primeiro colocado no curso de Aperfeiçoamento de Oficiais da Polícia Militar de Santa Catarina. Essas informações estão disponibilizadas no site da Polícia Militar de Santa Catarina e no site do Núcleo de Pesquisa em Informática, Literatura e Linguística (NUPILL-UFSC).

Trajanos Margarida também nasceu em Florianópolis, em 16 de janeiro de 1889. Foi poeta, trovador, músico e professor. Teve grande envolvimento com o carnaval da capital, nas décadas de 1920 e 1930, sendo reconhecido como cantor carnavalesco. Promovia encontros e atividades culturais, incluindo reuniões de trovas sertanejas e festivais de cultura. Antes de se tornar funcionário público em 1917, como amanuense, trabalhou como professor em Florianópolis, Itajaí e Brusque no fim dos anos 1910. Em 1920, foi um dos fundadores do Centro Cívico e Recreativo José Boiteux, associação que declarava ser formada exclusivamente por “homens de cor”. Também participou da fundação do Centro Catarinense de Letras, em 1925, que se propunha a ser uma alternativa ao elitismo das letras catarinenses, e tentava alcançar uma literatura mais democrática. Fez parte, ainda, do grupo que fundou o Figueirense Futebol Clube, em 1921, sendo seu primeiro secretário e autor do primeiro hino do clube. Essas informações fazem parte do livro *Trajanos Margarida: poeta do povo*, elaborado por Luana Teixeira e Lucésia Pereira, disponíveis no site https://www.academia.edu/43772065/Trajanos_Margarida_poeta_do_povo.

A família Boiteux é importante referência política e para a educação no estado, sendo José Boiteux fundador do Instituto Histórico de Santa Catarina e da Faculdade de Direito. Ambos como escritores tinham espírito crítico, debruçaram-se sobre os temas da miséria, da injustiça, dos preconceitos raciais e sociais. Ildefonso, com uma postura mais formal, enquanto Trajanos, mais ligado a festas e futebol, de caráter popular. São autores contemporâneos, tendo seus livros publicados no mesmo período. Existem nuances que diferenciam os dois autores e se refletem na estética de seus livros.

Obras: discussão sobre as características estéticas de *Páginas singelas e Paz*

As ações de conservação foram divididas em etapas: higienização, diagnóstico e elaboração de invólucro – com restaurações em dois itens selecionados. Foram

realizadas anotações e análises sobre as ornamentações das capas na ficha de diagnóstico. Ao observarmos suas características, foi necessário realizar pesquisa sobre movimentos estéticos e sobre a tipografia.

O registro foi composto por três partes. A primeira foi a ficha de diagnóstico de documento em suporte de papel, que continha a análise geral do momento de primeiro contato visual, com interpretação organoléptica dos elementos. São informações de proveniência, estilo gráfico, tipografia, e análises gerais do suporte, encadernação, miolo, entre outras, mas não contém imagens fotográficas. Na segunda parte, foi realizada análise aprofundada, no momento da limpeza, com trincha, de pó de borracha, retirada de cola, sujidades e desencadernação, quando necessário. Durante essa análise, foram realizadas fotos gerais do livro, mapeamento de danos da capa e miolo, registro de elementos estéticos e testes (pH e absorção) se necessário. No momento em que estava sendo realizada a higienização, folha a folha, foi preenchida a terceira e última parte da ficha, o mapeamento de danos, no qual são listadas as folhas e realizadas as anotações de intervenções e observações sobre os cadernos – sem fotos.

A análise dos projetos gráficos considerou características importantes na editoração e/ou impressão dos ornamentos, para além das tipográficas. Após esse momento iniciou-se a investigação das editoras. Ao analisar a história do registro escrito, verificou-se o uso de várias formas de adornos, que variam de acordo com o tempo, seguindo movimentos artísticos e a história do design, ou também, podem variar de acordo com as escolhas realizadas pelos autores.

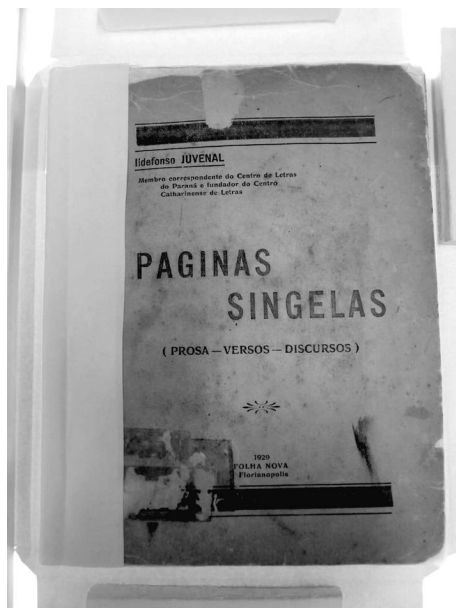
O estilo estético nas capas e no interior dos livros expressa os movimentos artísticos do final do século XIX e início do XX. O movimento estético predominante era o ecletismo, caracterizado pela justaposição de estilos, ocorrendo num momento marcado por profundas transformações culturais que se traduziram em novos modos de pensar e viver o cotidiano. Essas características estão presentes não só em artes como pintura e arquitetura, mas também na editoração da época. A primeira metade do século XX foi o momento em que a indústria papelreira e de impressão gráfica se estabeleceu no Brasil.

Infere-se que a estética de design gráfico dos livros segue o movimento estético *art déco*, que ocorria também na arquitetura ilhéu, como aponta a historiadora e arquiteta Alice Viana (2008). A maioria dos exemplares apresentam vinhetas, molduras, desenhos de flores e vasos, ornamentos característicos do estilo vigente na época em que foram impressos.

De forma geral, esses ornamentos estão presentes predominantemente nas capas. No interior da obra, quando estão presentes, aparecem no topo ou na base da página e, também, para iniciar e finalizar o texto. “Além disso, podem servir para separar informações, como nas páginas de rosto de alguns livros” (Dabner, Stewart e Zempol, 2014, p. 83). Por conta disso, priorizamos a análise das capas.

Nas capas estão presentes desenhos, vinhetas, linhas, molduras, enfim, uma série de elementos que destacam informações centrais – como o nome do autor, data de publicação etc. Ao realizar a impressão tipográfica, é possível valer-se de tipos móveis específicos que, se combinados, geram novos entendimentos estéticos. Esses elementos estão presentes nas composições gráficas até hoje e, de acordo com Dabner, Steward e Zempol (2014, p. 82), os usos de fios e ornamentos “são uma tradição da composição e organização de tipos herdada da impressão tipográfica”, úteis tanto pela função que exercem quanto pela característica estética. Abaixo, seguem duas capas dos autores escolhidos para apresentar as características:

Figura 3: *Páginas singelas*, de Ildefonso Juvenal, 1929.



Fonte: Acervo do Serviço de Coleções Especiais. Florianópolis, 2023.

Figura 4: *Paz*, de Trajano Margarida, 1936.



Fonte: Acervo do Serviço de Coleções Especiais. Florianópolis, 2023.

Na capa do livro *Páginas singelas*, de Ildefonso Juvenal, estão presentes ornamentação em linhas e faixas, em duas cores, presentes acima e abaixo das informações (título, autor, ano e editora/impressão). No interior na folha de rosto, e para separar capítulos e seções de informações, são utilizados tipos móveis de folhas – as vinhetas são tipos móveis pequenos, que podem ser personalizados. O autor utiliza também faixas especiais, com flores e vegetação, para iniciar novas seções. A capa, portanto, apresenta simplicidade nas formas e a escolha de uma cor clássica. As editoras responsáveis pelas impressões dos livros do autor variam bastante. Dois livretos são destoantes dos demais. O livro

Relevos possui ornamentos florais exuberantes e *Teatro* possui imagem com duas cores ocupando toda a capa.

Já no livro *Paz*, de Trajano Margarida, estão presentes as cores amarela e azul e, no centro da capa, existe uma estrela, um tipo móvel especial. Possui moldura fina, com vértices marcados por elementos *déco* e, no interior, textura amarela, além de vinhetas simples e pequenas. Os demais livretos de Trajano Margarida apresentam também molduras com elementos decorativos nos vértices e vinhetas. É possível identificar linhas (espessura maior em “Brack”), curvas e ângulos. Outras capas coloridas do autor são *A pátria e o sorteado: poemeto patriótico* e *O Natal do orphaosinho ou o presente de Jesus*.

Além da influência de movimentos artísticos, considerando-se a história do design e os recursos disponíveis em Florianópolis, as escolhas são pessoais. Ambos os autores tinham conhecimento sobre a impressão tipográfica, ofício no qual trabalharam na Desterro provinciana. Trata-se, portanto, de lançamento inicial de pesquisa, um “piloto” para iniciar a análise, a ser estendido para o restante da Cerc.

Considerações finais

O objetivo do trabalho foi valorizar os autores e o acervo. A análise, que precedeu a intervenção, foi importante para escolha do tema. A realidade das instituições públicas, esvaziadas de recursos humanos e financeiros, exige que sejam selecionados acervos para intervenções mediante análises críticas. Só depois dessa ação política podem ser realizadas as ações de conservação e restauração em determinado conjunto de obras.

Santa Catarina é um estado altamente racista, o que implica a necessidade de projetos que promovam a diversidade e que envolvam a preservação da memória bibliográfica ainda pouco conhecida. A partir da análise dessa experiência, almeja-se a elaboração de projeto de catálogo único de autores negros de Santa Catarina presentes em outras bibliotecas do estado.

Referências

- DABNER, D.; STEWART, S.; ZEMPOL, E. *Curso de design gráfico: princípios e práticas*. São Paulo: Gustavo Gili, 2014.
- MATOS, Felipe. *Uma ilha de leitura: notas para uma história de Florianópolis através de suas livrarias, livreiros e livros (1830-1950)*. Florianópolis: Ed. da UFSC, 2008. 139 p.
- MUÑOZ-VIÑAS, Salvador. *Teoria contemporânea da restauração*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2021.

POLÍCIA MILITAR DE SANTA CATARINA. Major Ildefonso Juvenal. Disponível em: www.pm.sc.gov.br/paginas/maj-juvenal. Acesso em: 25. out. 2022.

PORTAL da BU. Disponível em: portal.bu.ufsc.br/conheca-a-bu/bibliotecas/biblioteca-central/servico-de-colecoes-especiais/. Acesso em: 6 jun. 2023.

POWERS, Alan. *Era uma vez uma capa: história ilustrada da literatura infantil*. São Paulo: Cosac Naify, 2008.

TEIXEIRA, Luana; PEREIRA, Lucésia (org.) *Trajanos Margarida: poeta do povo*. Florianópolis: Cruz e Sousa, 2019. Disponível em: afrosul.com.br/trajanomargarida-poeta-do-povo-2/. Acesso em: 25 out. 2022.

TEIXEIRA, Luana. Trajanos Margarida. *AfroSul*. Florianópolis, 2022. Disponível em: https://www.academia.edu/43772065/Trajanos_Margarida_poeta_do_povo. Acesso em: 17 jul. 2025.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA (UFSC). *Catálogo da Exposição do 5º Encontro AfroLiterário*. Florianópolis: Biblioteca Universitária, 2023. Disponível em: repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/241740/Cat%C3%A1logo.pdf?sequence=3&isAllowed=y. Acesso em: 6 maio 2023.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA (UFSC). *Coleções Especiais*. Disponível em: portal.bu.ufsc.br/conheca-a-bu/bibliotecas/biblioteca-central/servico-de-colecoes-especiais/. Acesso em: 6 maio 2023.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA. *Portal Catarina: Biblioteca Digital da Literatura Catarinense*. Florianópolis: Núcleo de Pesquisa em Informática, Literatura e Linguística (NUPILL-UFSC), 2021c. Disponível em: www.portalcatarina.ufsc.br/. Acesso em: 24 out. 2022.

VIANA, Alice. *A persistência dos rastros: manifestações do art déco na arquitetura de Florianópolis*. 2008. Dissertação (Mestrado em Artes Visuais) – Centro de Artes, Universidade do Estado de Santa Catarina, Florianópolis, 2008. Disponível em: www.dominiopublico.gov.br/pesquisa/DetalheObraForm.do?select_action=&co_obra=110819. Acesso em: 6 maio 2023.

A Brasiliana de León Pinelo no acervo da Fundação Biblioteca Nacional

Daniele de Almeida Simas

Graduada em História pela UFF e em Biblioteconomia
pela UniRio, com mestrado em História Comparada pela
UFRJ, e servidora da Divisão de Manuscritos da FBN





Resumo

Esta pesquisa resgata a Bibliografia Brasileira de León Pinelo, compilada como parte da obra *Epitome de la Biblioteca Oriental y Occidental*, publicada em 1629, reapresentando-a, com dados de descrição e recuperação mais completos, no âmbito da Biblioteconomia de Livros Raros. Para isso, releva a bibliografia literária, a bibliografia material e a pesquisa bibliográfica, à luz do conceito de Brasileira proposto pelo bibliógrafo Rubens Borba de Moraes. Descreve os critérios para essa reapresentação, justificando os dados omitidos no *Epitome* por conta de seu caráter de fonte resumida. Transcreve a Brasileira de León Pinelo, acrescentando informações relevantes sobre as obras e sobre os exemplares recuperados – preferencialmente, no acervo da Biblioteca Nacional brasileira. Essas informações são apresentadas de acordo com padrões estabelecidos em normas técnicas, recomendados na literatura e praticados na Fundação Biblioteca Nacional. Conclui ao ressaltar que a Brasileira de León Pinelo, além de configurar-se como fonte de obras sobre o Brasil, é também parte da Coleção Brasileira da Fundação Biblioteca Nacional. O *Epitome de la biblioteca oriental y occidental, náutica y geográfica*, de Antonio León Pinelo, encontra-se restaurado, microfilmado, digitalizado e acessível, o que cria perspectivas de pesquisas, como esta que ora se apresenta.

Palavras-chave: Brasileira. Bibliografia. León Pinelo. Fundação Biblioteca Nacional.

Abstract

This research redeems the Bibliografia Brasileira by León Pinelo, compiled as part of the work *Epitome de la Biblioteca Oriental y Occidental*, published in 1629, restating it, with description data and recovery more complete, within the Rare Books Library. For this, highlights the Bibliography Literary, Bibliography Material and Bibliography Research, on the lights of the concept of Brasileira proposed by bibliographer Rubens Borba de Moraes. It describes the criteria for resubmission, justifying the data omitted from the *Epitome* because of its short supply of character. It transcribes the Brasileira by León Pinelo, adding relevant information about the works and on the recovered specimens – preferably in the collection of the National Library of Brazil. This information is presented in accordance with standards established by technical standards, which are recommended in literature and practiced in the Fundação Biblioteca Nacional. Finally, it is noticed that beyond a source of works on Brazil, the Brasileira by León Pinelo is also a part of the Coleção Brasileira of the Fundação Biblioteca Nacional. The *Epitome de la biblioteca oriental i occidental, náutica i geográfica* by Antonio Leon Pinelo is restored, microfilmed, digitized and accessible, creating prospects for research as presented here.

Keywords: Brasileira. Bibliography. León Pinelo. Fundação Biblioteca Nacional.



Introdução

A pesquisa resgata a Brasileira de Antonio de León Pinelo no acervo da Fundação Biblioteca Nacional – ou, caso seja necessário, por conta da não localização de títulos neste acervo, a consolidação da Brasileira de Pinelo a partir de exemplares recuperados no *WorldCat* (WorldCat.org: The World's Largest Library Catalog), rerepresentando-a com dados de descrição e recuperação mais completos.

León Pinelo (1590?-1660) foi um cronista espanhol, membro do Conselho das Índias e autor de *Epitome de la Biblioteca Oriental y Occidental, nautica y geográfica*, publicada em 1629, que arrola obras referentes às Índias, Oriental e Ocidental, além de autores cujos conhecimentos tiveram importância na época das Grandes Navegações.

León Pinelo compilou essa bibliografia no período da União Ibérica (Vainfas, 2000), no contexto em que a Espanha tinha passado a ter controle sobre as possessões portuguesas no ultramar – daí a ocorrência de vários títulos sobre o Brasil, o que caracteriza a obra, sob o ponto de vista da bibliografia literária, como uma Brasileira. A compilação de León Pinelo, sob o ponto de vista da bibliografia material, tem as características típicas de um item do século XVII e o arranjo temático no mesmo contexto, que inclui obras impressas e manuscritas. Estas circunstâncias levaram à eleição da bibliografia literária e da material como fundamentos para esta pesquisa e também à escolha da pesquisa bibliográfica, cujo objetivo foi traçar o perfil biográfico do autor e identificar a importância da obra e da análise bibliológica como métodos de estudo da obra e do exemplar.

Esta pesquisa foi concebida no período de realização de estágio acadêmico na Seção de Obras Raras da FBN, onde foram desenvolvidas atividades de inventário. Foram identificados títulos para a composição da Coleção Brasileira da Biblioteca Nacional, recuperados nos catálogos online da instituição. Esta pesquisa pretendeu atender a uma demanda da seção, já que a pesquisa de Brasileiras constitui parte de sua rotina.

Partindo dessas perspectivas, firmou-se a expectativa de recuperar todas as obras da Brasileira de León Pinelo no acervo da Fundação Biblioteca Nacional – especificamente nas coleções de Obras Raras, Manuscritos e Obras Gerais; e, no caso de não ser encontrado um ou outro exemplar, considerou-se a pesquisa em catálogo bibliográfico de caráter internacional, restringindo-se ao primeiro exemplar localizado. Este critério objetivou, apenas, a compilação de uma Brasileira de León Pinelo disponível para consulta na atualidade, embora a motivação da pesquisa estivesse centrada no acervo da Biblioteca Nacional brasileira.

A Brasiliana de León Pinelo cria precedentes de discussão; retrata a polêmica de vida dos autores, até mesmo a relação dos autores citados com o próprio bibliógrafo; não aponta apenas autores renomados, faz referência àqueles sem renome, de outras culturas, de outras religiões; é o retrato de uma época, evidenciando o estágio de desenvolvimento científico das áreas de conhecimento, seus autores e títulos. Como a edição da obra de León Pinelo é de 1629, evidentemente os títulos que compilou são anteriores a essa data; mas, em alguns casos, a pesquisa recuperou apenas edições posteriores.

León Pinelo arrolou 25 obras, impressas e manuscritas, que estão configuradas, nesta pesquisa, em trinta verbetes. Esse número ampliado de verbetes, em relação à bibliografia original, se justifica pela incompletude de dados oferecidos por León Pinelo, o que permite edições diversas.

Os trinta verbetes do catálogo apresentam 27 obras impressas, do século XVI ao XX, com datas-limite de 1535 (verbeta 21) a 1955 (verbeta 11); e três manuscritos. Dessas 27 obras impressas, 22 foram recuperadas no acervo da Fundação Biblioteca Nacional; duas, no acervo da *John Carter Brown Library* (verbetes 4 e 7); uma, no acervo da *British Library* (verbeta 24); e duas, com datas de [16--] (verbeta 20) e 1598 (verbeta 28), não foram localizadas, nem no *Worldcat*, e permanecem não identificadas, em face do modo sumário de descrição utilizado pelo autor, não obstante a busca exaustiva empreendida na pesquisa. Dos três manuscritos, dois foram localizados na Seção de Manuscritos da Fundação Biblioteca Nacional, com datas de 1587 e 1897 (verbetes 10 e 14, respectivamente); e um, de 1625 (verbeta 17), na *New York Public Library*.

Esta pesquisa não só resgata a importância do autor e a grandeza de sua obra para o universo da bibliografia, por exemplo, no contexto do ensino da Biblioteconomia no Brasil; mas também qualifica a obra como fonte e como informação, porque, além de constituir-se como um item passível de arrolamento em coleções brasileiras, é também o catálogo de uma Coleção Brasiliana, organizado no século XVII e, provavelmente, precursor.

A bibliografia de León Pinelo sob a ótica da Biblioteconomia

A obra *Epitome de la Biblioteca Oriental y Occidental*, de Antonio de León Pinelo, impressa, originalmente, em Madri, por Juan González, em 1629 (figura 1), reuniu, “pela primeira vez, a produção bibliográfica relativa ao Novo Mundo, incluindo as Filipinas” (Torre Villar, 1986, v. 1, p. CLXXIX, tradução nossa). Reyes Gómez (2010, p. 112) afirma que o *Epitome de la biblioteca oriental y occidental, náutica y geográfica* de León Pinelo é um dos grandes repertórios do século XVII, o que eleva seu autor à posição de pai da bibliografia hispano-americana.

Figura 1 – página de rosto da *Brasiliana* de León Pinelo.

Fonte: Fundação Biblioteca Nacional

Como referência, foi consultada a bibliografia impressa e publicada de León Pinelo (1629), que consta no acervo da Seção de Obras Raras. Essa bibliografia foi identificada por ocasião da publicação online do Catálogo de Livros Raros de Biblioteconomia, compilado pela professora Ana Virginia Pinheiro.

Ao analisar o *Epitome*, verificou-se que o bibliógrafo traduziu os títulos das obras arroladas para o espanhol, porém indicou em que línguas foram publicadas. Além de obras impressas, incluiu manuscritos – alguns dos quais possivelmente não chegaram a ser impressos. Acrescentou um índice de autores, comentadores e tradutores, destacando as autoridades que considerou principais, em cada assunto. E organizou uma lista dos idiomas em que escreveram os autores citados, com os respectivos locais onde são falados.

Na dedicatória, o bibliógrafo declara ter reduzido sua compilação ao formato de “epitome” por sugestão do duque de Medina de Las Torres, que desejava possuir uma memória de livros das Índias para ter “notícia histórica” e “ciência política” daquele novo mundo, ressaltando que, com o mínimo de “imperfeitas notícias”, tornaria conhecidos os “autores”, a “divisão dos assuntos” e a “censura dos livros” (Pinelo, 1629, p. [11, 12], tradução nossa).

O exame da bibliografia de León Pinelo leva à conclusão de que, através dela, é possível mapear diferentes áreas de conhecimento. Esta qualidade categoriza a obra como uma bibliografia no âmbito da ciência da Bibliografia. Isto pode ser verificado, por exemplo, combinando a definição para bibliografia de Figueiredo e Cunha (1967), como uma obra de pesquisa ou de consulta que indica o que foi e o que está sendo produzido em determinadas áreas do saber, e que fornece informações acerca de um determinado país ou conjunto de países, expressando a atividade intelectual internacional ou nacional de cada ramo do conhecimento; com a definição para ciência da Bibliografia de Xavier Placer (1955), como a ciência do livro, o ramo da Biblioteconomia que enumera, descreve e julga as manifestações da atividade intelectual de todos os povos, em todas as épocas e que de alguma forma foram reduzidos ao escrito.

No que concerne ao contexto histórico da Bibliografia, Figueiredo e Cunha (1967) apontam que o século XVII é considerado referencial, pelo aumento considerável do número de obras impressas e pelo surgimento de bibliografias, paralelamente, em um cenário de surgimento do “espírito científico moderno”.

Gilda Verri (2006, p. 49, grifos da autora) ressalta que “a compilação e a ordenação de referências bibliográficas sempre propiciaram [...] instrumentos, que foram sucessivamente chamados ao longo do tempo, *bibliotheca*, *catalogus*, *repertorium*, *inventarium*, *index*”. Ao conjunto dessas denominações, Figueiredo e Cunha (1967) acrescentam o “Epítome” que, embora seja conceituado como um “resumo de um livro de ciência em que se incluem as partes principais e substanciais” (Faria; Pericão, 2008, p. 298), pode designar uma espécie de bibliografia com breves comentários – como é o caso da obra de León Pinelo.

Segundo Xavier Placer (1955, p. 9), as bibliografias podem ser de várias espécies, que definem uma tipologia a partir de determinados critérios, tais como espaço (regionais, nacionais, continentais e universais); tempo (retrospectivas, para obras publicadas no passado, e correntes, para obras publicadas “no momento”); assuntos (gerais, sobre todos os assuntos, e especializadas, sobre assuntos específicos); arranjo (alfabéticas ou classificadas) – a obra de León Pinelo, por exemplo, arrola obras publicadas em diversos países, sobre diversas regiões geográficas, de autores de diversas nacionalidades, sobre diferentes assuntos.

A Bibliografia de León Pinelo pretendeu, evidentemente, ser exaustiva e corrente, ao listar todas as obras que o autor conseguiu alcançar em sua época. É especial, porque o segmento da Bibliografia de Pinelo, que é objeto da pesquisa, aborda exclusivamente itens sobre o Brasil, configurando-se como uma Brasileira. Os títulos são apresentados de modo sumário, com omissão de dados que facilitariam a pesquisa, e traduzidos para o espanhol, qualificando a bibliografia como sinalética, embora, eventualmente, inclua breve comentário sobre a obra. É internacional (obras de diversos países), primária (publicadas ou, ainda, em manuscrito), e é, indiscutivelmente, erudita (para fins de estudo e pesquisa).

O *Epitome* foi ainda ordenado segundo um arranjo classificado que representava a geografia deste período, dividindo em duas partes o território referente ao Brasil, denominadas *Historias de S. Cruz del Brasil* e *Historias del Marañon i Dorado*. Esse arranjo corrobora a divisão geográfica do território, quando, em 1614, foi criado o estado do Maranhão, abrangendo as capitanias do Pará, do Maranhão e do Ceará (Knauss; Ricci; Chiavari, 2010).

Já a bibliografia ora compilada reproduz todas as obras arroladas por Pinelo, sendo, nesse contexto, exaustiva e retrospectiva. É especial e, também, descritiva, porque complementa os dados que foram omitidos por Pinelo e inclui comentários sobre as obras e os exemplares, transcritos das catalogações, recuperados na pesquisa bibliográfica e verificados no exame do original impresso ou manuscrito, localizado no acervo da BN.

A Bibliografia de León Pinelo é, no contexto de sua produção e conteúdo, de reconhecida importância como fonte de informação histórica, desde o início do século XVII. Esta obra foi publicada pouco mais de um século após a descoberta do Brasil – especificamente, o segmento dedicado ao país é “provavelmente, a mais antiga bibliografia brasileira da Divisão de Obras Raras” (Pinheiro, 2013) da Fundação Biblioteca Nacional, e permanece atual.

A bibliografia brasileira de León Pinelo: o catálogo

Esta bibliografia reproduz os verbetes originais que constam do *Epitome*. Arrola trinta obras, na mesma sequência atribuída pelo compilador, ora identificadas como Brasileira. O conceito de Brasileira abordado na pesquisa pauta-se naquele pensado por Rubens Borba de Moraes – todos os livros sobre o Brasil de autores estrangeiros, impressos desde o século XVI até o final do século XIX, considerando o limite de 1900, e os livros de autores brasileiros, impressos no estrangeiro até 1808 (Moraes, 2005).

Este conceito é ratificado na instrução normativa nº 1, de 11 de junho de 2007, do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, que “dispõe sobre o Cadastro Especial dos Negociantes de Antiguidades, de Obras de Arte de Qualquer Natureza, de Manuscritos e Livros Antigos ou Raros, art. 3º, inciso IX, alínea a” (Pinheiro, 2010).

É importante ressaltar que León Pinelo dividiu seus verbetes em dois grupos, mas nesta bibliografia foram arranjados numa sequência única, numerados de 1 a 30, a saber: *Historias de S. Cruz del Brasil* – aqui, indicados sob os números de 1 a 20; e *Historias del Marañon i Dorado* – indicados sob os números de 21 a 30.

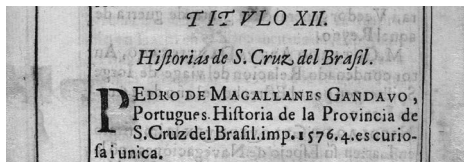
Em cada verbete, as obras são descritas conforme as normas documentárias vigentes, além de incluir o modo de descrição adotado por León Pinelo. Cada verbete foi estruturado do seguinte modo: número de identificação; referência bibliográfica, padronizada de acordo com a NBR 6023, da Associação Brasileira

de Normas Técnicas (2002); verbete original (imagem); exemplar (imagem); proveniência, que trata do local onde era guardado o exemplar descrito, antes de compor a coleção atual, podendo referir-se também a uma instituição ou pessoa responsável pela guarda (Pinheiro, 1998). A proveniência pode ser identificada a partir das marcas de propriedade (superlibris, ex-líbris, ex donos e carimbos) impostas ao exemplar, ou qualquer inscrição de anteriores possuidores (Faria; Pericão, 2008); marginália (se ocorrer no exemplar), que designa “nota marginal” (Faria; Pericão, 2008, p. 485) ou, mais propriamente, o “conjunto das notas que os leitores introduzem nas margens e entrelinhas das páginas, no verso das capas ou nas folhas de guarda dos livros” (Lopez, 2007); raridade/importância, que são definidas pela pesquisa bibliográfica da obra, gerando notas, em geral instigantes, mas sem caráter exaustivo; e comentário (quando necessário), que complementa as informações transcritas.

1

GANDAVO, Pero de Magalhães. *Historia da provincia Sãcta Cruz, a que vulgarmente chamamos Brasil...* Impresso em Lisboa: na officina de Antonio Gonsaluez, 1576. 48 f. (BNBr/OR-C,003,020 ex. 1; OR 023,005,001 n.001 ex. 2).

Figura 2: Verbetes original. Fonte:



Fundação Biblioteca Nacional

Figura 3: Exemplar. Fonte:



Fundação Biblioteca Nacional

Proveniência: Coleção: *Diogo Barbosa Machado* (ex. 2). Carimbo: *Da Real Bibliotheca* (ex. 2)

Raridade/Importância: “É livro de extrema raridade” (Silva, 1858-923, t. 6, p. 429-430, 1862). É quase impossível encontrar a primeira edição deste

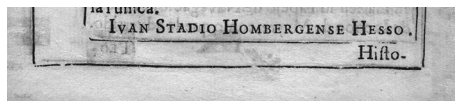
livro famoso, o primeiro sobre o Brasil escrito em português (Moraes, 2010). Rodrigues (1907) afirma que é feliz quem possa se gabar de possuir a raríssima primeira edição de 1576, da qual a Biblioteca Nacional tem um exemplar – existem mais três.

Comentário: León Pinelo comenta ser esta obra curiosa e única.

2

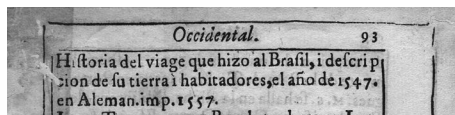
STADEN, Hans, ca. 1525-ca. 1576. *Warhaftige beschreibung eyner landschafft der wilden nachen, grimmigen, menschenfresser leuthen, in der neuen welt America gelegen. Vor und nach Christi geburt im land zu Hessen unbekant, biss uff dise zwey negst vergangene jar da sie Hans Staden von Homberg auss Hessen durch sein eygne erfahrung erkant, und ytz durch den truck an tag gibt. Vnd zum andern mal fleissig corrigirt und gebessert...* Getruckt zu Marburg: bei Andres Colben uff Mariae Geburtstage, 1557. [89] f. (BNBr/OR-C,001,008).

Figura 4 - verbete original.



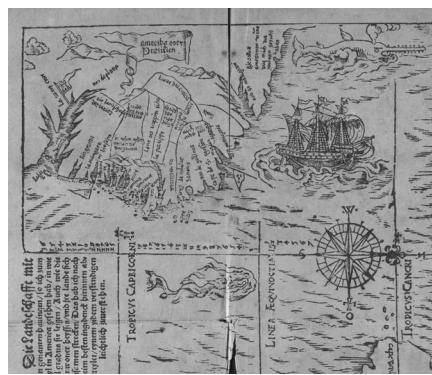
Fonte: Fundação Biblioteca Nacional

Figura 5 - Continuação do verbete original.



Fonte: Fundação Biblioteca Nacional

Figura 6 – Exemplar. Fonte: Fundação Biblioteca Nacional



Proveniência: Ex-líbris: *Eduardo Prado*.

Proveniência: Ex-líbris: *Eduardo Prado*.

Raridade/Importância: “A segunda edição foi impressa no mesmo ano pelo mesmo impressor, com o seguinte colofão: ‘Gedruckt zu Marburg in Hessen land by Andres Colben, uff Mariae Geburtstag Anno M. D. LVII’ (Impresso em Marburg, em Hessen, por Andres Colben, no dia do nascimento de Maria, ano de 1557). O título é ligeiramente diferente: *Warhaftige beschreibung...*, em vez de *Warhaftige Historia...*, como na primeira edição. A vinheta de remate da primeira parte é diferente, em que a xilogravura representa várias pessoas diante de um rei, com um galo à direita. Esta segunda edição não tem imprensa na página de rosto. Como na primeira edição, o título está impresso em preto e vermelho” (Moraes, 2010, t. II, p. 372).

Comentário: Infere-se que este exemplar da BN seja a segunda edição impressa em Marburg pelas características analisadas: exame do colofão, do título e da vinheta de remate da primeira parte, apontados por Moraes (2010).

3

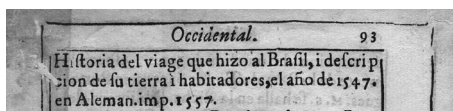
STADEN, Hans, ca. 1525-ca. 1576. *Warhafftig Historia vnnd beschreibung einer Landtschafft der Wilden Nacketen Grimmigen Menschenfresser Leuthen, in der Newen welt America gelegen vor vnd nach Christi geburt im LAnd zu Hessen vnckast biss auff dise ij, nechst vergangenejar...* Gedruckt zu Franckfurdt: durch Weygandt Han, [1557?]. [167] p. (BNBr/OR111,002,005).

Figura 7 – Verbete original.



Fonte: Fundação Biblioteca Nacional

Figura 8 – Continuação do verbete original.



Fonte: Fundação Biblioteca Nacional

Figura 9 – Exemplar.



Fonte: Fundação Biblioteca Nacional

Proveniência: Ex-líbris: *De Maridort*; ex-líbris: *Eduardo Prado*.

Marginalia: “Esta edição é a segunda impressa no mesmo ano que a primeira, 1557. As estampas não são as mesmas que na [primeira] e pertencem, sem dúvida, a alguma outra obra pelo que é de presumir que foi feita sem licença nem conhecimento do [autor do] texto, é inteiramente o mesmo apenas com ligeiras modificações na orthographia” (folha de guarda). “Trabalho feito pelo Peixoto” (verso da última página, abaixo de uma vinheta).

Raridade/Importância: “A terceira e quarta edição foram impressas em Frankfurt, por Weygandt Hand, e não trazem data. Acredita-se que tenham sido impressas em 1557, no mesmo ano da primeira e da segunda edição. Wilberforce Eames (em Sabin) é da opinião de que uma das duas edições de Frankfurt possa ter sido impressa antes da segunda de Marburg. Essas duas

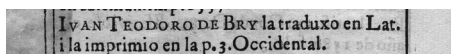
edições de Frankfurt são muito semelhantes e parecem ser duas tiragens e não duas edições [...] Estas são as primeiras edições do famoso livro de Hans Staden” (Moraes, 2010, t. II, p. 372-374).

Comentário: Tudo indica que essa é uma outra tiragem da primeira edição de Frankfurt descrita por Moraes (2010), cuja principal diferença encontra-se na primeira palavra do título: *Warhafftig* em uma, enquanto na outra aparece *Warhafftige*. Outra informação fornecida sobre a outra tiragem é o título em vermelho e preto e a parte 2, cujo título condiz com aquele encontrado no exemplar da BN. No catálogo da exposição de História do Brasil (1981), consta que a obra possui duas partes e que esta é a segunda edição do livro de Hans Staden, já que foi publicada no mesmo ano da primeira, raríssima.

4

DE BRY, Theodori, ca. 1528-1597/1598. *America Tertia Pars Memorabile provinciae Brasiliae Historiam continens germanico primum sermone scriptam a Joāne Stadio Homburgensi Hesso....* Omnia recens evulgata, & eiconibus in aes incisis ac ad virum expressis illustrata, ad normam exemplaris praedictorum Autorum: studio & diligencia Theodori de Bry Leodiensis atque civic Francofurtensis anno, 1592. [8] f., 296 p., 7 f. (*John Carter Brown Library* /J De Bry GV pt. 3 1592 Lat).

Figura 10 – Verbete original.



Fonte: Fundação Biblioteca Nacional

Figura 11 – Exemplar do acervo da John
Carter Brown Library – EUA.



Fonte: Internet Archive (2001-2014)

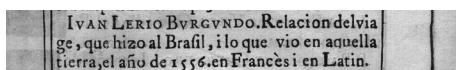
Raridade/Importância: “Este volume contém o relato da viagem de Hans Staden, traduzido por Adam Lonicer; a viagem de Jean de Lery; e duas cartas de Nicolás Barré. Esta terceira parte é a que contém o maior número de relatos de viagens ao Brasil [...]” (Moraes, 2010, t. I, p. 295- 296).

Comentário: León Pinelo refere-se brevemente à obra de Hans Staden, como a parte 3 (*occidental*), impressa por Teodoro de Bry. Este verbete corresponderia ao anterior, que indica a edição em alemão, de 1557, da mesma obra de Hans Staden.

5

LÉRY, Jean de, 1534-1611. *Histoire d'un voyage fait en la terre du Bresil, autrement dite Amerique* [...] *Non encores mis en lumiere, pour les causes contenues en la preface*. A La Rochelle: Pour Antoine Chuppin, 1578. [48], 424, [13] p. (BNBr/OR-C,001,010).

Figura 12 – Verbetes original.



Fonte: Fundação Biblioteca Nacional

Figura 13 – Exemplar.



Fonte: Fundação Biblioteca Nacional

Proveniência: Ex-líbris: *Colecção Benedicto Ottoni*.

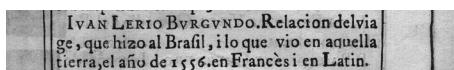
Raridade/Importância: “É a primeira edição deste famoso livro. A maioria dos exemplares não trazem o lugar de impressão. Somente alguns contém a indicação de La Rochelle, e estes são de maior raridade [...] Léry descreveu cerimônias indígenas e transcreveu duas ou três canções (letra e música) que

figuram entre os primeiros documentos musicais brasileiros conhecidos” (Moraes, 2010, t. I, p. 537-538).

6

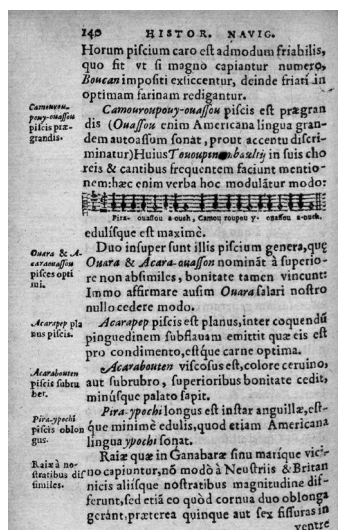
LERY, Jean de, 1534-1611. *Historia navigationis in Brasiliam quae et America...* [Geneve]: Excudebat Eustathius Vignon ..., 1586. [64], 341 [i. e. 359] p., [17] p. (BNBr/OR-C,001,014 ex. 001; OR049,002,034 ex. 002; OR-CII,002,012 ex. 003; OR050,004,021 ex. 004).

Figura 14 – Verbetes original.



Fonte: Fundação Biblioteca Nacional

Figura 15 – Exemplar.



Fonte: Fundação Biblioteca Nacional

Proveniência: Ex-líbris: *Coleção Benedicto Ottoni* (ex. 1). Carimbo: *Da Real Bibliotheca* (ex. 2).

Marginália: Anotações ao longo do texto (ex. 4).

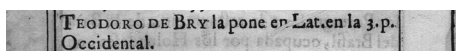
Raridade/Importância: “Primeira edição latina” (Moraes, 2010, t. I, p. 539).

Comentário: León Pinelo cita a obra fazendo referência às edições em francês e em latim. Apesar de o bibliógrafo não indicar a data das duas edições, constatou-se, por meio da pesquisa bibliográfica, que se tratava, provavelmente, da primeira edição em francês (1578) e da edição em latim (1586).

7

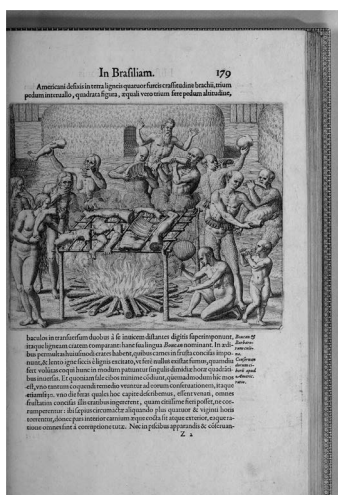
DE BRY, Theodori, ca. 1528-1597/1598. *America Tertia Pars Memorabile provinciae Brasiliae Historiam* [...] *Addita est Narratio profectiones Ioannes Lerij in eamdem Proviciam*.... Omnia recens evulgata, & eiconibus in aes incisis ac ad virum expressis illustrata, ad normam exemplaris praedictorum Autorum: studio & diligencia Theodori de Bry Leodiensis atque civic Francofurtensis anno, 1592. [8] f., 296 p., 7 f. (*John Carter Brown Library* /) De Bry GV pt. 3 1592 Lat).

Figura 16 – Verbete original.



Fonte: Fundação Biblioteca Nacional

Figura 17 – Exemplar do acervo da John Carter Brown Library – EUA.



Fonte: Internet Archive (2001-2014)

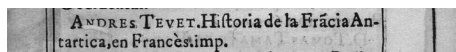
Raridade/Importância: “Somente na edição da coleção De Bry (em outros pontos tão defeituosa), as melodias, revisadas por um músico, ganharam verdadeira importância.” (Moraes, 2010, t. I, p. 539).

Comentário: Apesar de León Pinelo não apontar a data desta obra, o verbete correspondente na edição do *Epitome* de 1737 esclarece que a data é 1592. Após pesquisas em várias fontes, sobretudo na *Bibliografia Brasileira*, de Rubens Borba de Moraes (2010), deduz-se que é a terceira parte das *Grandes Viagens* (*America tertia pars*) e que contém a narração da viagem de Léry. Este verbete corresponderia ao anterior, que indica a edição em francês (no original também é indicada a edição latina) da mesma obra de Jean de Léry.

8

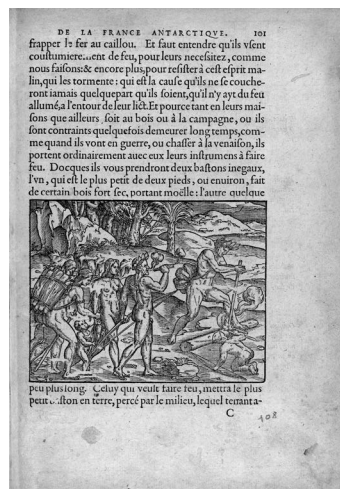
THEVET, André, 1502-1590. *Les singularitez de la France antarctique...* A Paris: chez les heritiers de Maurice de la Porte, au clos Bruneau, a l'enseigne S. Claude, 1557. [8], 166, [2] f. (BNBr/OR060,003,001 ex. 1; OR 060,003,002 ex. 2).

Figura 18 – Verbete original.



Fonte: Fundação Biblioteca Nacional

Figura 19 – Exemplar.



Fonte: Fundação Biblioteca Nacional

Proveniência: Coleção: *Benedicto Ottoni*. (ex.2)

Marginália: “Já foi comprado sem folha de rosto, mas esta é a edição de Paris, de 1558, in 4”; “esta é a edição de 1557” (folha de guarda, ex. 2).

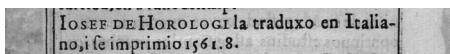
Raridade/Importância: “Do ponto de vista artístico, é um dos mais belos livros franceses do século XVI [...]. Acredito que a gravura que representa um índio fumando é a primeira que retrata alguém envolvido nessa prática. [...] Ambas as tiragens são extremamente raras” (Moraes, 2010, p. 401-402). “Edição original de um dos relatos mais importantes de viagem realizada pelos franceses no século XVI. Apenas poucos exemplares trazem a data de 1557 [com o exemplar em epígrafe] na folha de rosto, que provavelmente foi mudada para 1558 durante a composição da obra. À parte isso, os textos são inteiramente idênticos [...]” (Koppel, 1992, p. 35).

Comentário: O exemplar 2 da Biblioteca Nacional pode ter sido impresso como uma segunda tiragem, já que esta é datada de 1558, o que só pode ser observado pelas anotações manuscritas na folha de guarda deste exemplar.

9

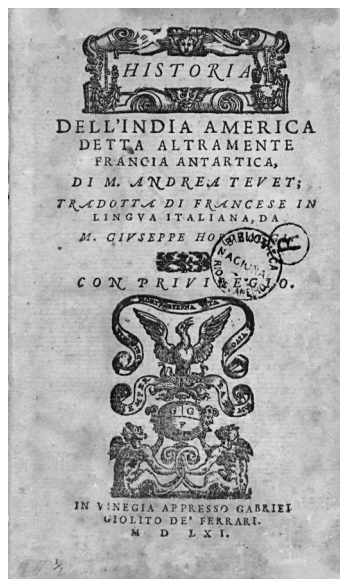
THEVET, André, 1502-1590. *Historia dell'India America detta altramente Francia Antartica*. Tradotta di francese in lingua italiana, da M. Giuseppe Horologgi. In Vinegia: appresso Gabriel Giolito de' Ferrari, 1561. [32], 363, [2] p. (BNBr/OR 060,001,019).

Figura 20 – Verbetes original.



Fonte: Fundação Biblioteca Nacional

Figura 21 – Exemplar.



Fonte: Fundação Biblioteca Nacional

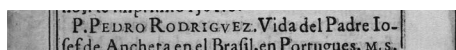
Raridade/Importância: Essa tradução não é encontrada facilmente (Brunet, 1860-1865, t. 5, pt. 1, p. 814, tradução nossa). “De fato, esta edição é rara, mas certamente mais fácil de encontrar do que a primeira ou segunda edição” (Moraes, 2010, t. II, p. 402).

Comentário: Na bibliografia de León Pinelo, o título da obra não é citado no verbete; o bibliógrafo refere-se à tradução italiana de Giuseppe Horologgi da obra de André Thevet, e à data dessa edição, remetendo ao verbete anterior, em que o título consta em espanhol, porém indicado na sua língua original – o francês.

10

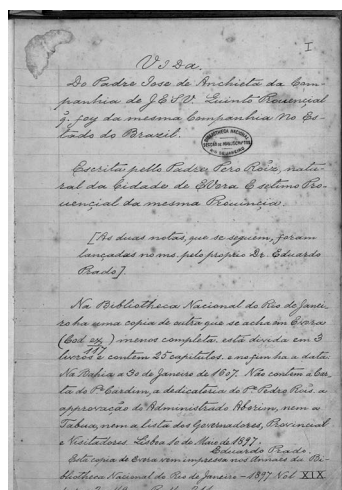
RODRIGUES, Pedro, sac., 1542-1628. *Vida do Padre José de Anchieta*. [1897?]. 118 f. (BNBr/Mss19,3,24).

Figura 22 – Verbete original.



Fonte: Fundação Biblioteca Nacional

Figura 23 – Exemplar.



Fonte: Fundação Biblioteca Nacional

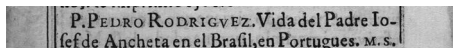
Raridade/Importância: “Esse manuscrito era inédito na época, mas dele circulavam várias cópias, e serviu de base para todas as biografias de Anchieta. Dois desses manuscritos foram preservados: um na Biblioteca Nacional de Lisboa e o outro, menos completo, na Biblioteca de Évora” (Moraes, 2010, p. 134).

Comentário: Há uma nota no final da primeira folha deste manuscrito com a seguinte indicação: “Esta cópia de Évora vem impressa nos Annaes da Bibliotheca Nacional do Rio de Janeiro – 1897 vol. XIX de pag. 2 a 49.” Esta informação serviu para atribuir data à cópia manuscrita. A Divisão de Manuscritos da Biblioteca Nacional utilizou, na entrada principal, a grafia antiga do nome do autor (Roiz, Pero). Neste catálogo, foi adotada a entrada padronizada, conforme o catálogo de autoridades da Biblioteca.

11

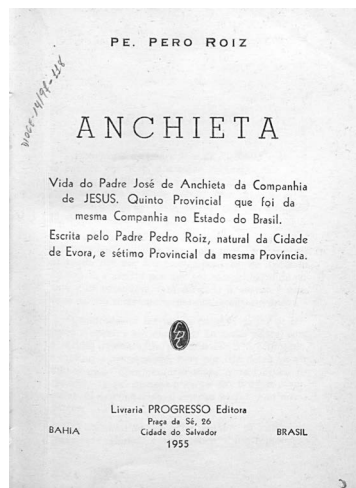
RODRIGUES, Pedro, sac., 1542-1628. *Anchieta; vida do Padre José de Anchieta...* Salvador: Progresso, 1955. 216 p. (BNBr/OG-V-429,2,32).

Figura 24 – Verbetes original.



Fonte: Fundação Biblioteca Nacional

Figura 25 – Exemplar.



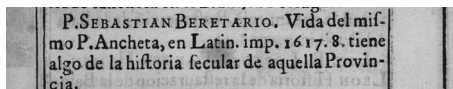
Fonte: Fundação Biblioteca Nacional

Raridade/Importância: “A biografia do padre José de Anchieta, que ora se publica em livro, é a cópia do códice 431 (306 moderno) da Biblioteca de Alcobça, em Portugal, localizado [... por] Eduardo Prado.” (Apresentação, 1955).

12

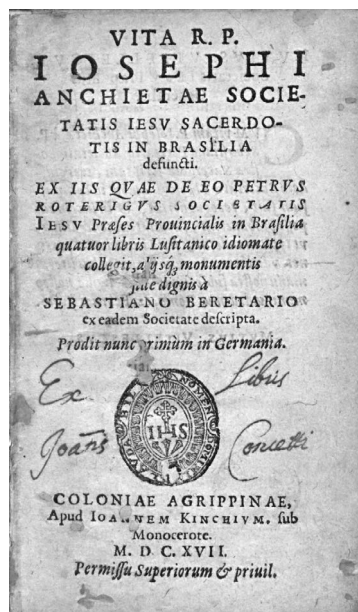
BERETTARI, Sebastiano, 1543 - 1622. *Vita r.p Iosephi Anchietae...* Coloniae Agrippinae [Cologne]: Apud Ioannem Kinchivm, 1617. [2] f., 428 p., [1] f. (BNBr/OR044,001,012 ex.1; 044,001,013 ex. 2).

Figura 26 – Verbete original.



Fonte: Fundação Biblioteca Nacional

Figura 27 – Exemplar.



Fonte: Fundação Biblioteca Nacional

Proveniência: Ex dono: “Ex-líbris João Concetti”.

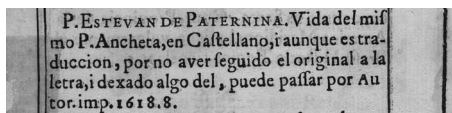
Marginália: Anotações manuscritas (folhas de guarda, ex. 1 e 2).

Raridade/Importância: A vida de Anchieta escrita por esse autor baseia-se no manuscrito do padre Rodrigues, visitador em Angola e no Brasil. A primeira edição da obra de Beretario (a edição de Lyon), hoje em dia, é considerada rara (Moraes, 2010).

13

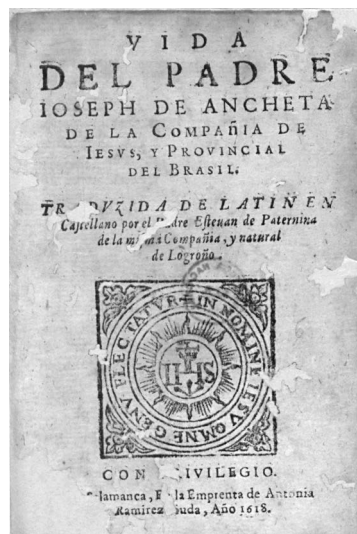
BERETTARI, Sebastiano, 1543-1622. *Vida del padre Ioseph de Ancheta...* Traduzida de latine castellano por el padre Esteuan de Paternina... Salamanca: En la Emprenta de Antonia Ramirez viuda, 1618. [8] f., 430 p., 1 f. (BNBr/OR044,001,014).

Figura 28 – Verbete original.



Fonte: Fundação Biblioteca Nacional

Figura 29 – Exemplar.



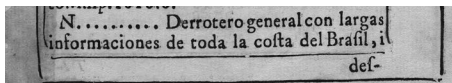
Fonte: Fundação Biblioteca Nacional

Raridade/Importância: “Existe uma tradução italiana feita pelo padre Luigi Flora, S.J. publicada em Messina, por Pietro Brea, em 1639. Existe outra edição impressa em Barcelona, ‘Por Estevan Liberos [...], Año 1622’ (Moraes, 2010, p. 181).

14

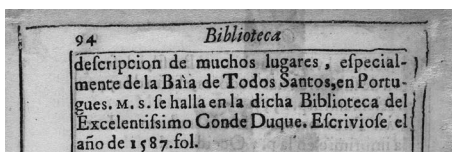
SOUSA, Gabriel Soares de, ca. 1540-1591. *Descrição geographica da America Portuguesa*. 1587. 156 f. (BNBr/Mss50,4,006).

Figura 30 – Verbetes original.



Fonte: Fundação Biblioteca Nacional

Figura 31 – Continuação do verbete original.



Fonte: Fundação Biblioteca Nacional

Figura 32 – Exemplar.



Fonte: Fundação Biblioteca Nacional

Proveniência: Carimbo: *Da Real Biblioteca*.

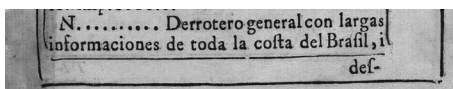
Raridade/Importância: “A impressão foi iniciada em princípios do século XIX, na Tipografia do Arco do Cego, mas não foi concluída e, portanto, não veio a público. Tratava-se de uma cópia manuscrita do século XVII, com o título de Descrição Geográfica da América Portuguesa. Apesar de vasculhar arquivos e bibliotecas em diversas localidades, Varnhagen não a conheceu. Um exemplar desta primeira revelação se encontra na Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro [...]. A cópia autenticada do códice possui em todas as folhas o selo ‘Da Real Biblioteca’[...]. A compilação foi interrompida na segunda parte” (Azevedo, 2007, p. [49]).

Comentário: Em folha avulsa, acompanhando o documento, aparece a informação de que esta é uma cópia autenticada do códice com a peculiaridade de vir com o sinete do Santo Ofício em todas as folhas; do exemplar desta obra foi feita outra cópia por Agostinho Marques que se encontra no IHGB.

15

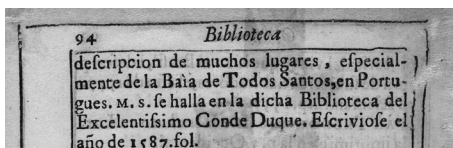
SOUSA, Gabriel Soares de, ca. 1540-1591. *Tratado descriptivo do Brazil em 1587, obra de Gabriel Soares de Souza...* Rio de Janeiro: Typographia Universal de Laemmert, 1851. 442 p., [1] f. (BNBr/OR104,005,022).

Figura 33 – Verbete original.



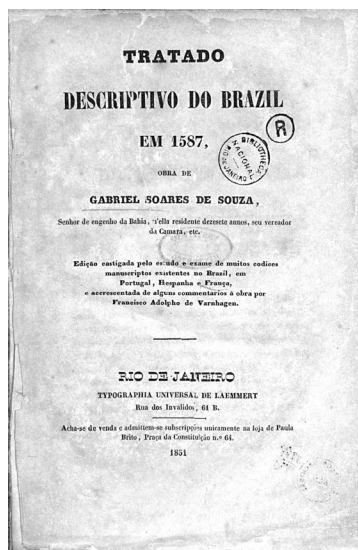
Fonte: Fundação Biblioteca Nacional

Figura 34 – Continuação do verbete original.



Fonte: Fundação Biblioteca Nacional

Figura 35 – Exemplar.



Fonte: Fundação Biblioteca Nacional

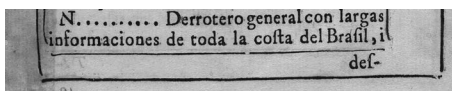
Proveniência: Carimbo do Instituto Histórico (verso da folha de rosto).

Raridade/Importância: “Apenas no século XIX os dois manuscritos quinhentistas de Gabriel Soares de Sousa, ‘Roteiro Geral com largas informações de toda a Costa do Brasil’ e ‘Memorial e Declaração das Grandezas da Bahia de Todos os Santos, de sua fertilidade e das notáveis partes que tem’, foram reunidos e publicados sob sua autoria. Foi o historiador brasileiro Francisco Adolfo de Varnhagen (1816-1878) quem organizou essa primeira edição da obra, em 1851, a partir do cotejamento de cópias dos manuscritos encontradas em arquivos europeus, uma vez que os textos originais não são conhecidos, e atribuiu a autoria a Soares” (Luciani, 2008-2010).

16

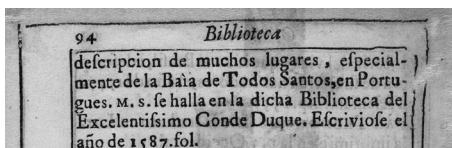
SOUSA, Gabriel Soares de, 1540-1591. *Derrotero general de la costa del Brasil y memorial de las grandezas de Bahia* (manuscrito del siglo XVI). Madrid: Cultura hispanica, 1958. xxxiii, 305 p. (BNBr/OG-II-268,5,3).

Figura 36 – Verbete original.



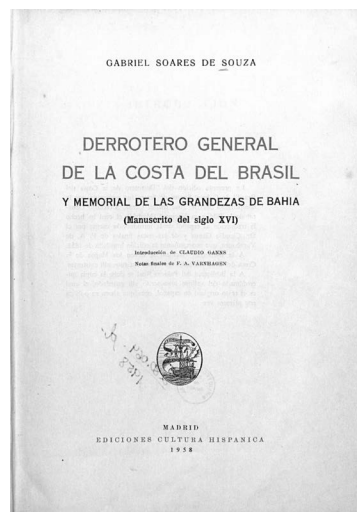
Fonte: Fundação Biblioteca Nacional

Figura 37 – Verbete original.



Fonte: Fundação Biblioteca Nacional

Figura 38 – Exemplar.



Fonte: Fundação Biblioteca Nacional

Raridade/Importância: “Única edición del manuscrito de 1587 de la obra de Gabriel Soares, localizada por Claudio Ganns em arquivos de La Biblioteca Del Palacio Real de Madrid” (Moreira Neto, 1992).

17

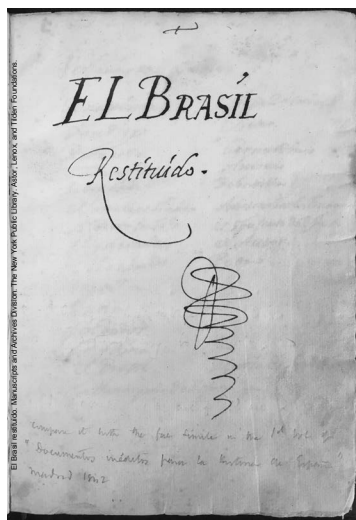
VEGA, Lope de, 1562-1635. *El Brasil restituído*. 1625. 1 v. (New York Public Library – Schwarzman Building/MssCol 3151).

Figura 39 – Verbete original.



Fonte: Fundação Biblioteca Nacional

Figura 40 – Exemplar. Acervo da New York Public Library – EUA.



Fonte: New York Public Library

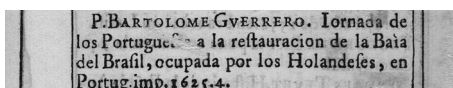
Raridade/Importância: “Se conserva el manuscrito original del autor, firmado el 23 de octubre de 1625, hoy en la Sección de Manuscritos de la New York Public Library, y del que existen dos copias manuscritas. Existe una copia fotostática del original autógrafo en la Lenox Library de Nueva York y en la Biblioteca Nacional de Madrid” (Gomez; Martínez, 2011, p. 16, tradução nossa).

Comentário: Foi localizado um exemplar manuscrito, apresentado como original, e autógrafo, na Biblioteca Pública de Nova York. Esta, gentilmente, cedeu cópia do título de partida (estruturado como página de rosto). Este exemplar é, provavelmente, aquele arrolado por León Pinelo (New York Public Library, 2016).

18

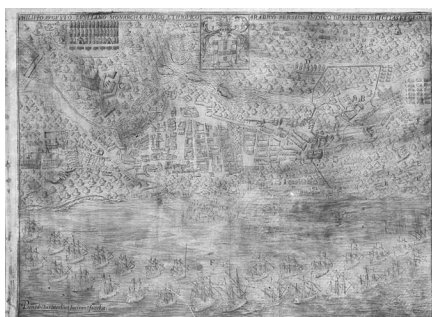
GUERREIRO, Bartolomeu, 1564-1642. *Jornada dos vassalos da coroa de Portugal, pera se recuperar a cidade do Saluador, na Bahya de todos os Santos, tomada pollos Olandezes, a oito de Mayo de 1624, e recuperada ao primeiro de Mayo de 1625*. Lisboa: Mattheus Pinheiro, Impressa à custa de Francisco Alvarez liureiro, 1625. 74 p., [1] f. (BNBr/OR-CII,002,003 ex. 1; OR074,002,003 ex. 2; OR074,002,004 ex. 3; OR023,005,001 n.003 ex. 4; OR023,005,007 n. 001 ex. 5).

Figura 41 – Verbete original.



Fonte: Fundação Biblioteca Nacional

Figura 42 – Exemplar.



Fonte: Fundação Biblioteca Nacional

Proveniência: Ex-líbris: *Colleção Benedicto Ottoni* (ex. 1); ex-líbris: *Coll. J.A. Marques* (ex. 2); Carimbo: *Bibl. Nac. e Publ. da Corte* (ex. 5); Carimbo: *Da Real Bibliotheca* (ex. 4; ex. 5); *Coleção Didacus Barboza Machado* (ex. 4; ex. 5).

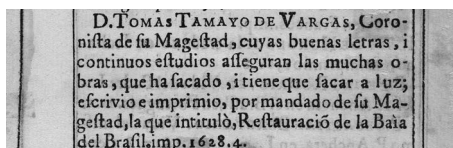
Marginalia: Anotações manuscritas (ex. 1).

Raridade/Importância: “Existem duas edições deste livro [...] Ambas as edições são igualmente raras. A *Iornada dos Vassalos* é uma das fontes clássicas da luta pela retomada da Bahia [...] Uma gravura, que representa a frota portuguesa a observar a Bahia, é incluída no final com os seguintes dizeres: ‘Philippo Augusto Lusitano Monarchae Africo Aethiopico Arabico Persico Indico Brasilico Felicitas et Gloria’ [...] Já faz muito tempo que a *Iornada dos Vassalos* é considerada obra rara” (Moraes, 2010, t. I, p. 436).

19

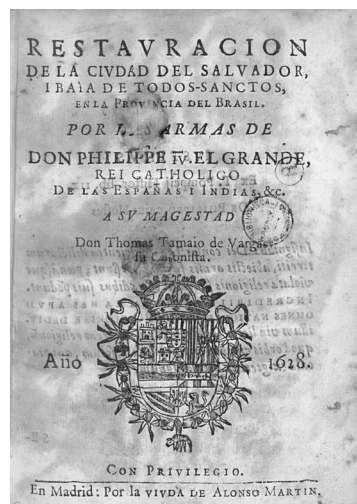
TAMAYO DE VARGAS, Tomas, 1587?-1641. *Restauracion de la ciudad del Salvador, i Baia de Todos-Santos, en la Provincia del Brasil...* En Madrid: Por la viuda de Alonso Martin, 1628. [7], 178, [4] f. (BNBr/OR076,002,028).

Figura 43 – Verbete original.



Fonte: Fundação Biblioteca Nacional

Figura 44 – Exemplar.



Fonte: Fundação Biblioteca Nacional

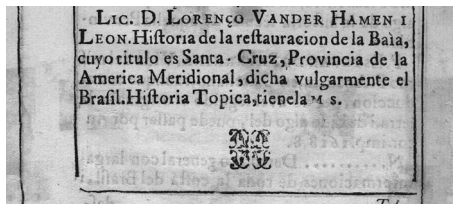
Proveniência: Selo: *March-Regaliae D. 1751* (f. 1 e 178).

Raridade/Importância: Trata-se de uma documentação detalhada sobre a reconquista da Bahia, em 1625 (Koppel, 1992). “Tamaio de Vargas afirma que usou uma narrativa ‘de mano del Maestro de Campo J. Vincencio Sanfeliche Conde de Bagnolo’, então inédita. É provável que também tenha usado outro manuscrito, de D. Juan de Valencia y Gusman, igualmente inédito. A *Restauracion de la ciudad de Salvador* tem sido um livro raro há muito tempo. Em alguns exemplares foi acrescentada uma vista da Bahia que nada tem a ver com o livro” (Moraes, 2010, t. II, p. 387).

20

VANDERHAMMEN Y LEÓN, Lorenzo de, 1589-1664. *Historia tónica de la restauracion de la Bahía de Santa Cruz*. [16--]. (Exemplar não recuperado).

Figura 45 – Verbete original.



Fonte: Fundação Biblioteca Nacional

Imagem não recuperada.

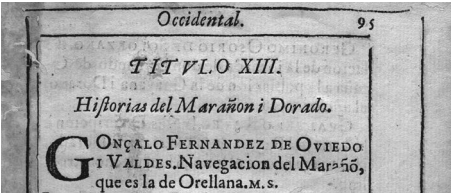
Raridade/Importância: Lorenzo Vanderhammen y Leon nasceu no dia de S. Lourenço, no ano de 1589. Filho de Juan de Vanderhammen, arqueiro do rei e pintor famoso. Suas obras o tornaram um célebre teólogo e humanista [...] Foi capelão, na capela Real do Reino de Granada, posição conseguida graças a Felipe IV (Alvaréz y Baena, 1789-1791, p. 378-379, 1790, tradução nossa).

Comentário: Não foram encontradas muitas informações sobre o autor e a obra. Contudo, pode-se atestar a existência do título atribuído ao autor na obra *Hijos de Madrid, ilustres en santidad, dignidades, armas, ciencias y artes* (...), de José Antonio de Álvarez y Baena (1790).

21

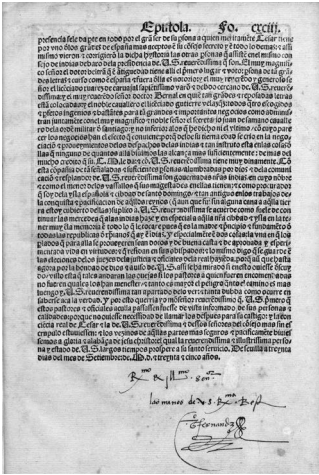
FERNANDÉZ DE OVIEDO Y VALDÉS, Gonzalo, 1478-1557. *La historia general de las Indias*. En la ciudad de Sevilla: En la empreta de Juan Cromberger; Valladolid: Francisco Fernandez de Cordova, 1535-1557. 2 v. (BNBr/OR-C,002BIS,017-017A ex. 1; 029,004,009 ex. 2).

Figura 46 – Verbete original.



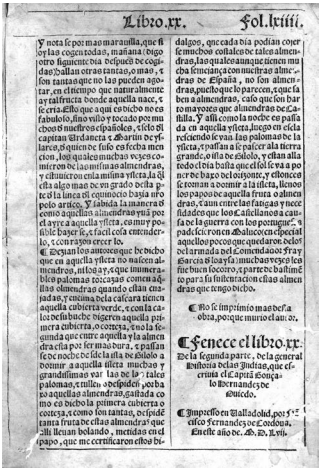
Fonte: Fundação Biblioteca Nacional

Figura 47 – Exemplar.



Fonte: Fundação Biblioteca Nacional
(v. 1, ex. 1)

Figura 48 – Exemplar.



Fonte: Fundação Biblioteca Nacional
(v. 2, ex. 1)

Proveniência: Ex-líbris: *Collecção Benedicto Ottoni* (v. 1-2, ex. 1). Ex-líbris: *Sunderland Library* (v. 2, ex. 1).

Raridade/Importância: “[...] O livro XX é, sobretudo, da maior raridade. [...] Como se sabe, sendo chronista-mór do Reino, Oviedo escreveu segundo documentos officiaes, de modo que sua obra tem grande valor” (Rodrigues, 1907, p. 474). O vigésimo capítulo foi publicado em Valladolid, apenas em 1557 (Koppel, 1992).

Comentário: Consta à folha exciii, do v. 1, ex. 1, do acervo da Divisão de Obras Raras da Biblioteca Nacional brasileira uma assinatura que é, provavelmente, do próprio autor.

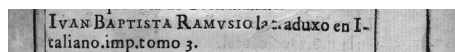
No v. 2, ex. 1, na última folha, após a indicação do término da obra, denominado “fenece el libro XX”, há a informação de que não se imprimiu mais desta obra, porque o autor morreu.

22

FERNANDÉZ DE OVIEDO Y VALDÉS, Gonzalo, 1478-1557. Della generale et naturale historia...In: RAMUSIO, Giovanni Battista, 1485-1557. *Primo[-terzo] volume delle navigationi et viaggi...* In Venetia: Apresso gli heredi di Lucantonio Giunti..., 1550-1559.

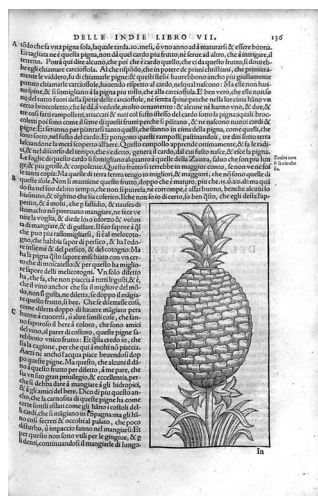
v. 3, p. 74-224 (BNBr/OR049,005,001-002 ex. 1; OR 126,002,009 ex. 2).

Figura 49 – Verbete original.



Fonte: Fundação Biblioteca Nacional

Figura 50 – Exemplar.



Fonte: Fundação Biblioteca Nacional

Proveniência: Ex-líbris: *Benedicto Ottoni*, v. 2, ex. 1; ex-líbris: *Bibliotheca Sabolwskiana*, ex. 2.

Marginália: Anotações manuscritas (v. 2 e 3, ex. 1)

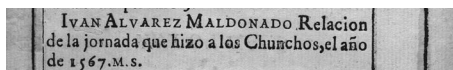
Raridade/Importância: “As *Navigacioni et Viaggi* são, ao lado da obra de Hakluyt, a coleção mais importante de relatos de viagem e notícias da era dos descobrimentos do século XVI; algumas das descrições só foram recolhidas nesta coleção” (Koppel, 1992, p. 72). “Todos os autores são unânimes em elogiar a seleção de Ramusio [...]. Não podemos esquecer que devemos a Ramusio a preservação de relatos de viagens da máxima importância para o estudante da história americana” (Moraes, 2010, p. 229-230).

Comentário: O título da obra de Gonzalo de Oviedo, inserida na coleção compilada por Ramusio, foi transcrito do título de partida. Vale reiterar que na bibliografia de León Pinelo esse título não é citado no verbete; o compilador refere-se à tradução italiana de Giovanni Battista Ramusio, remetendo ao verbete anterior da bibliografia onde o título consta em espanhol.

23

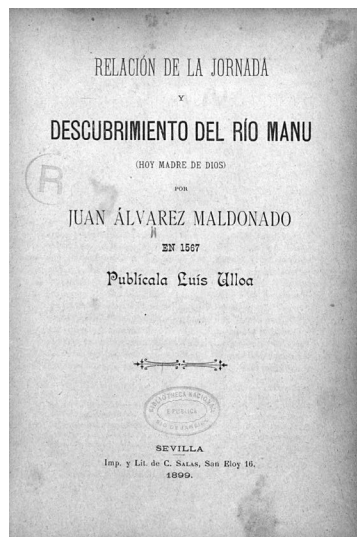
ÁLVAREZ MALDONADO, Juan, sec. XVI. *Relación de la jornada y descubrimiento del río Manu (Hoy Madre de Dios)*. Sevilla: Imp. y Lit. de C. Salas, 1899. xxiii, 53 p. (BNBr/OG-V-315,4,21).

Figura 51 – Verbetes original.



Fonte: Fundação Biblioteca Nacional

Figura 52 – Exemplar.



Fonte: Fundação Biblioteca Nacional

Raridade/Importância: “Juan Alvaréz Maldonado é considerado um dos conquistadores que chegaram tarde em um mundo já velho. Foi relegado ao esquecimento[...]. Depois da grande expedição de Juan Alvaréz Maldonado, o

nome *Chunchos* passou a se generalizar para designar ‘á los salvajes de las cabeceras del Inambari y El Madre de Dios’ e mais tarde a quase todos ‘los salvajes Del Oriente del Peru’. Até então, em todos os documentos espanhóis, *Chunchos* referia-se a um território [...]. Surpreende a precisão dos dados geográficos que contém, quando examinamo-os à luz dos conhecimentos modernos (Ulloa, 1899, p. IV-XV, tradução nossa)

Comentário: No catálogo online de Obras Gerais da Fundação Biblioteca Nacional consta que a obra teve pequena tiragem e não foi posta à venda.

24

RECIO DE LEON, Juan. *Breve relacion de la descripcion y calidad de las tierras y rios de las provincias de Tipuane, Chuchos, y otras muchas que a ellas se siguen, del grande reyno del Paytite*. [Madrid: s.n., 1626]. (*British Library-General Reference Collection*/ C.62.i.19.(19).).

Figura 53 – Verbete original.

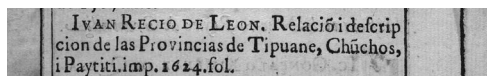


Imagem não recuperada.

Fonte: Fundação Biblioteca Nacional

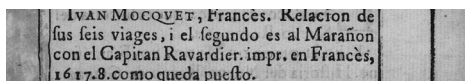
Raridade/Importância: *Breve Relación (...) de las Provincias de Tipuani, Chunchos y otras muchas que a ellas se siguen del Grande Reino del Paititi*, data de 1623, é uma das fontes mais citadas pelos estudiosos da etno-história amazônica. Os funcionários do monarca não acreditaram em Juan Recio de León quando afirmava que, navegando pelos rios e passando pela região de Paititi e o Amazonas, seria mais fácil conseguir ouro do Peru, além do ouro de Paititi e Amazonas (Cingolani, 2014, tradução nossa).

Comentário: Nesta pesquisa foram recuperadas três edições, provavelmente da mesma obra, com variação de títulos, publicadas em 1623, 1624 e 1626, sendo a de 1624 aquela arrolada por León Pinelo. Essas edições foram indicadas no catálogo da USTC (*Universal Short Title Catalogue* – base de dados coletiva e exhaustiva dos livros publicados na Europa entre a invenção da tipografia e o século XVII), em que após a descrição bibliográfica das obras editadas em 1623 e 1624, consta a seguinte informação: “não se conhecem exemplares” (University of St. Andrews, 2016). O catálogo também remete à edição de 1626, da British Library (British Library, 2016).

25

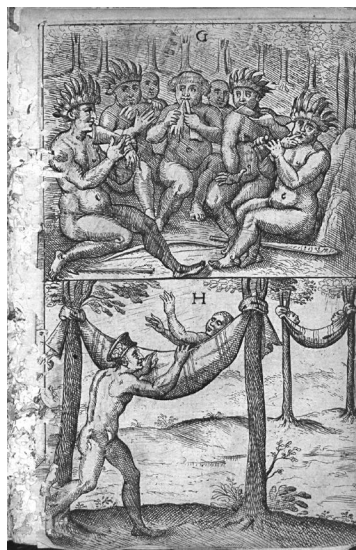
MOCQUET, Jean, 1575-1617. *Voyages en Afrique, Asie, Indes Orientales [et Occi]dentales*. Paris: [Chez Jean] de Henqueville, 1617. [8], 442, [12] p., [3] f. de estampas. (BNBr/OR060B,003,065).

Figura 54 – Verbete original.



Fonte: Fundação Biblioteca Nacional

Figura 55 – Exemplar.



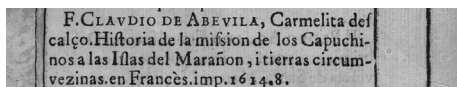
Fonte: Fundação Biblioteca Nacional

Raridade/Importância: “Parece existir uma edição impressa em Paris, em 1616, que, portanto, seria a primeira. Tendo em mente a prática da época, é possível que esta edição de 1617 seja apenas a de 1616 com uma página de rosto nova” (Moraes, 2010, t. II, p. 94). “As ilustrações com cenas de vidas dos indígenas são exemplos típicos da representação gráfica francesa do século XVII” (Koppel, 1992, p. 84).

26

ABBEVILLE, Claude d', padre, m. 1632. *Histoire de la Mission des Peres Capucins en L'isle de Maragnan et terres circomuoyiones...* Paris: De l'Imprimerie de François Huby..., 1614. [8], 394 [15] f. (BNBr/OR-C,001,019 ex. 1; OR049,004,008 ex. 2).

Figura 56 – Verbete original.



Fonte: Fundação Biblioteca Nacional

Figura 57 – Exemplar.



Fonte: Fundação Biblioteca Nacional

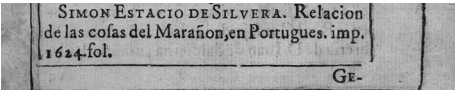
Proveniência: Ex-líbris: *Collecção Benedicto Ottoni* (ex.1).

Raridade/Importância: “Existem duas edições da *Histoire de la Mission*. Ambas datam de 1614 e possuem o mesmo formato e os mesmos frontispícios gravados. [...] O relato do padre Claude nos proporciona valiosa informação sobre a religião e a “astronomia” dos tupis, o que não se encontra em qualquer fonte. Capistrano de Abreu [...] acredita que até então pouco uso se fizera dessas informações, em virtude da raridade da obra. De fato, foi durante longo tempo um livro muito raro” (Moraes, 2010, t. I, p. 29-32). “Fonte importante para a história da segunda tentativa francesa de colonização no Brasil, sob a direção do Sieur de la Ravardière e do almirante de Rasily, e um relato circunstanciado sobre a missão no Maranhão” (Koppel, 1992, p. 81).

27

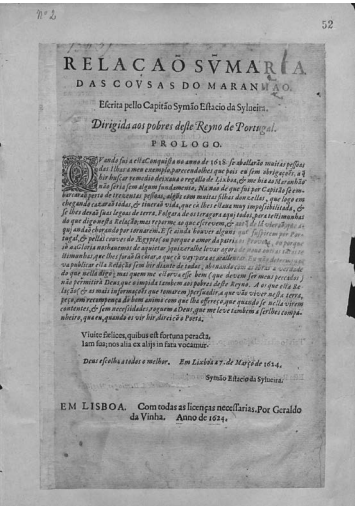
SILVEIRA, Simão Estação da. *Relação sumaria das covsas do Maranhão* [...]. *Dirigida aos pobres deste Reyno de Portugal*. Lisboa: por Geraldo da Vinha, 1624. [12] f. (BNBr/OR023,005,001 n. 002).

Figura 58 – Verbete original.



Fonte: Fundação Biblioteca Nacional

Figura 59 – Exemplar.



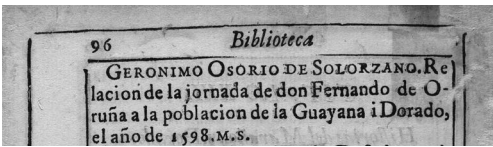
Fonte: Fundação Biblioteca Nacional

Proveniência: Ex-líbris: *Didacus Barboza Machado*. Carimbo: *Da Real Bibliotheca*.
Raridade/Importância: “São conhecidos pouquíssimos exemplares desta Relação famosa e raríssima” (Moraes, 2010, t. II, p. 353).

28

OSORIO DE SOLORZANO, Geronimo. *Relacion de la jornada de don Fernando de Oruña a la poblacion de la Guayana i Dorado*. 1598. (exemplar não recuperado).

Figura 60 – Verbete original.



Fonte: Fundação Biblioteca Nacional

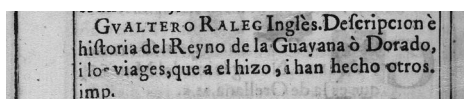
Imagem não recuperada.

Comentário: Não foram localizados exemplares desta obra, nem manuscritos nem impressos. O bibliógrafo Nicolás Antonio (1783-1788) reproduz a citação de León Pinelo, permanecendo como documento de arquivo que não chegou a ser impresso, ou o documento possivelmente desapareceu – do mesmo modo, para a redação deste verbete, foi reproduzida a forma de descrição adotada por León Pinelo.

29

RALEIGH, Walter, Sir, 1552?-1618. *Waerachtighe ende Grondighe beschryvinge van het groot ende Goudt-rijck Coninckrijk van Guiana; gheleghen zijnde in America, by noorden de Groote Riviere Orelliana...* T'Amstereldam: By Cornelis Claesz opt water ..., 1598. [2], 30, [2], 31-47 f. (BNBr/OR-W001,002BIS,026).

Figura 61 – Verbete original.



Fonte: Fundação Biblioteca Nacional

Figura 62 – Exemplar.



Fonte: Fundação Biblioteca Nacional

Proveniência: Ex-líbris: *Alphonse Pinart* (1852-1911) (Réseau des médiatèques, 2015)

Ex dono: “À Bibliotheca Nacional offerece Salvador de Mendonça. New York, Março de 1885” (dedicatória manuscrita).

Raridade/Importância: Sobre o explorador inglês [...] conhecido por levar o fumo e a batata da América para a Inglaterra [...]. Depois de sucessivos aprisio- namentos [...] organizou expedições à América do Norte e explorou Trinidad e o rio Orenoco, em busca do Eldorado (a “cidade perdida”). A expedição foi um grande fracasso. De volta à Inglaterra, foi preso, condenado e decapitado (BBC – History, 2014, tradução nossa).

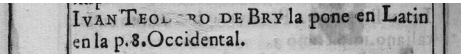
Comentário: León Pinelo cita a obra sem indicar o ano de publicação. A partir da pesquisa bibliográfica, foi recuperada esta edição de 1598 no catálogo da Divisão de Obras Raras da Fundação Biblioteca Nacional, anterior à data de publicação do *Epitome*. Presume-se que esta seja a edição arrolada pelo bibliógrafo. A Coleção Salvador de Mendonça foi doada pelo próprio,

quando era cônsul do Brasil em Nova York, em 1884 [...]. No seu conjunto, há um destaque para o material referente ao domínio holandês no Brasil, peças da maior raridade impressas no século XVII (Biblioteca Virtual Miguel de Cervantes, 2016).

30

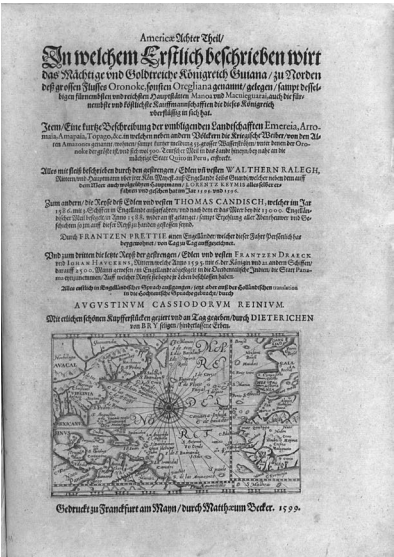
BRY, Theodor de, 1528-1598. *Americae achter theil welchem Erstlich beschrieben wirt das Mächtige vnd Goldtreiche Königreich Guiana [...]. Alles mit fleiss beschrieben durch den gestrengen/Edlen vñ vesten WALTHERN RALEGH...* Gedruckt zu Franckfurt am MAYn: durch Matthaeum Becker, 1599. [8], 56, 30, 73 p. (BNBr/OR209,001,004 n. 003).

Figura 63 – Verbete original.



Fonte: Fundação Biblioteca Nacional

Figura 64 – Exemplar.



Fonte: Fundação Biblioteca Nacional

Raridade/Importância: Trata-se da parte VIII das Grandes Viagens, que inclui: “as viagens inglesas de Drake (estreito de Magalhães e Pacífico), 1577-1580; Cavendish (ao redor do mundo), 1586-1588; Raleigh e Keymis (Guiana), 1595-1596 [...]. Após a morte de De Bry, seus filhos deram sequência à coleção, mas o ritmo e a qualidade das publicações decairia”. (Baumann, 2016).

Conclusão

A bibliografia de León Pinelo não é uma lista de obras sobre as Índias, ou sobre o Brasil – é uma bibliografia brasileira.

Pode-se afirmar também que a obra de León Pinelo é uma fonte histórica e geográfica essencial porque, em face da pouca informação sobre as terras do Novo Mundo, no início do século XVII, atendia às demandas de pesquisa descrevendo esse território e oferecendo subsídios para o mapeamento de suas ilhas, rios, mares e relevos a estudiosos contemporâneos.

Mas o *Epitome* extrapola essa abordagem porque não se restringe ao caráter de fonte de informação histórica e geográfica, já que inclui, também, obras no âmbito das artes, como a *Comédia del Brasil Restaurado*, uma peça de teatro de Lope de Vega.

Além disso, a bibliografia de León Pinelo revela-se instigante como fonte de referência que serve, em termos de informações, aos interesses de viajantes, governantes, religiosos, comerciantes e militares, desde a época de sua publicação, e permanece útil.

Nesse sentido, a bibliografia de León Pinelo permite delinear áreas do conhecimento em determinados contextos, a partir de obras reunidas conforme determinados critérios, revelando títulos que se mostravam relevantes em determinada época e outros que se perderam no tempo ou permaneceram manuscritos.

Como um tesouro da Coleção Brasileira da Fundação Biblioteca Nacional, o *Epitome de la biblioteca oriental y occidental, náutica y geográfica*, de Antonio León Pinelo, encontra-se restaurado, microfilmado, digitalizado e acessível no Portal da Biblioteca, criando perspectivas de pesquisas como esta que ora se apresenta.

Referências

ALVARÉZ Y BAENA, Josef Antonio. *Hijos de Madrid: ilustres en santidad, dignidades, armas, ciencias*. Madrid: En la Oficina de D. Benito Cano, 1789-1791. Disponível em: <https://books.google.es/books?hl=pt-BR&id=UWesZ-4AQBEC&q=lorenzo#v=snippet&q=lorenzo&f=false>. Acesso em: 10 fev. 2016.

ANTONIO, Nicolás. *Bibliotheca hispana nova: sive Hispanorum scriptorum qui ab anno MD. Ad MDCLXXXIV. Floruere notiria*. Auctore d. Nicolao Antonio, Hispalensi... nunc primum prodit, recognita emendata aucta ab ipso auctore. Matriti: J. de Ibarra, 1783-1788.

APRESENTAÇÃO. In: RODRIGUES, Pedro, sacristão, 1542-1628. *Anchieta: vida do Padre José de Anchieta da Companhia de Jesus. Quinto Provincial que foi da mesma Companhia no Estado do Brasil*. Salvador: Progresso, 1955.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. NBR 6023: informação e documentação: referências: elaboração. Rio de Janeiro, 2002.

AZEVEDO, Gabriela Soares de. *Leituras, notas, impressões e revelações do Tratado Descritivo do Brasil em 1587 de Gabriel Soares de Sousa*. 2008. Dissertação (Mestrado em História Política) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2008. Disponível em: <https://www.bdttd.uerj.br:8443/handle/1/13113>. Acesso em: 6 mar. 2025.

BAUMANN, Thereza B. *Notícia de uma coleção*: as “Grandes Viagens 1” da família De Bry. HUMANAS CJB. Net, 2016. Disponível em: <http://www.ifcs.ufrj.br/humanas/index.html>. Acesso em: 10 fev. 2016.

BBC-HISTORY: Historical Figures. Londres, 2014. Disponível em: http://www.bbc.co.uk/history/historic_figures/raleigh_walter.shtml. Acesso em: 17 dez. 2016.

BIBLIOTECA NACIONAL (Brasil). *Catálogo da exposição de história do Brasil*. Introdução de José Honório Rodrigues. Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 1981. 3 v.

BIBLIOTECA Virtual Miguel de Cervantes. *Fundação Biblioteca Nacional*. Madrid: Fundación Biblioteca Virtual Miguel de Cervantes, 2016. Disponível em: <http://www.cervantesvirtual.com/bib/portal/FBN/presentacion.shtml>. Acesso em: 20 abr. 2016.

BRITISH LIBRARY. *Explore the British Library*. London, 2016. Disponível em: [http://explore.bl.uk/primo_library/libweb/action/display.do?tabs=moreTab&ct=display&fn=search&doc=BLL01003054608&indx=1&recIds=BLL01003054608&recIdxs=0&elementId=0&renderMode=poppedOut&displayMode=full&fribVersion=&dscnt=1&scps=scope%3A%28BLCONTENT%29&fribg=&tab=local_tab&dscnt=1463933943260&srt=rank&mode=Basic&vl\(488279563UI0\)=any&dum=true&tb=t&vl\(freeText0\)=Breve%20relacion%20de%20la%20descripcion%20y%20calidad%20de%20las%20tierras%20y%20rios%20de%20&vid=BLVU1](http://explore.bl.uk/primo_library/libweb/action/display.do?tabs=moreTab&ct=display&fn=search&doc=BLL01003054608&indx=1&recIds=BLL01003054608&recIdxs=0&elementId=0&renderMode=poppedOut&displayMode=full&fribVersion=&dscnt=1&scps=scope%3A%28BLCONTENT%29&fribg=&tab=local_tab&dscnt=1463933943260&srt=rank&mode=Basic&vl(488279563UI0)=any&dum=true&tb=t&vl(freeText0)=Breve%20relacion%20de%20la%20descripcion%20y%20calidad%20de%20las%20tierras%20y%20rios%20de%20&vid=BLVU1). Acesso em: 15 abr. 2016.

BROWN University. *Library Catalogue*. Providence, 2016. Disponível em: <http://josiah.brown.edu/search~S7?/Xamericae+tertia+pars&searchscope=7&SORT=D/Xamericae+tertia+pars&searchscope=7&SORT=D&searchscope=07&SUBKEY=a-mericae+tertia+pars/1%2C10%2C10%2CB/frameset&FF=Xamericae+tertia+pars&searchscope=7&SORT=D&4%2C4%2C>. Acesso em: 2 maio 2016.

BRUNET, Jacques Charles. *Manuel du libraire et de l'amateur de livres*. 5. ed. Paris: F. Didot, 1860-1865.

CINGOLANI, Pablo. Todos los caminos conducen a Pelechuco. *La Razon*, La Paz, 23 nov. 2014. Disponível em: http://www.la-razon.com/index.php?_url=/suplementos/tendencias/caminos-conducen-Pelechuco_0_2166383471.html. Acesso em: 1 fev. 2016.

CUNHA, Manoela Carneiro da. Imagens de índios do Brasil: o século XVI. *Estudos avançados*, São Paulo, v. 4, n. 10, p. 91-110, set./dez. 1990. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ea/v4n10/v4n10a05.pdf>. Acesso em: 6 jan. 2016.

FARIA, Maria Isabel; PERICÃO, Maria da Graça. *Dicionário do livro*: da escrita ao livro eletrônico. São Paulo: Edusp, 2008.

FIGUEIREDO, Laura Maia de; CUNHA, Lélia Galvão Caldas da. *Curso de Bibliografia Geral para uso dos alunos das escolas de Biblioteconomia*. Rio de Janeiro: Record, 1967.

GÓMEZ, Elena Esperanza Haz; MARTÍNEZ, Elías Serra. *El Brasil restituído de Lope de Vega*. Brasília: Embajada de Espanha em Brasil, Consejería de Educación, 2011. Disponível em: http://www.mecd.gob.es/brasil/dms/consejerias-exteriores/brasil/2015/publicaciones/brasil_restituído_2015.pdf. Acesso em: 9 out. 2015.

INTERNET Archive: Digital Library of Free Books, Movies, Books... San Francisco, 2001-2014. Disponível em: <https://archive.org/index.php>. Acesso em: 7 mar. 2016.

KNAUSS, Paulo; RICCI, Cláudia; CHIAVARI, Maria Pace. *Brasil: uma cartografia*. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2010.

KOPPEL, Susane. *Biblioteca brasileira da Robert Bosch GmbH*: catálogo. Tradução: Rosemaire Erika Horch. Rio de Janeiro: Kosmos, 1992.

LATIN Place Names. In: *RARE Books and Manuscripts Section*. Chicago: American Library Association (ALA), 2015. Disponível em: <http://rbms.info/lpn/>. Acesso em 5 mar. 2016.

LEÓN PINELO, Antonio. *Epítome de la biblioteca oriental i occidental, náutica i geográfica...* Madrid: Iuan Gonzalez, 1629.

LOPEZ, Telê Ancona. A criação literária na biblioteca do escritor. *Ciência e Cultura*, São Paulo, v. 59, n. 1, p. 33-37, jan./mar. 2007. Disponível em: http://cienciaecultura.bvs.br/scielo.php?pid=S0009-67252007000100016&script=sci_arttext. Acesso em: 2 abr. 2016.

LUCIANI, Fernanda Trindade. Tratado Descritivo do Brazil em 1587. In: *Biblioteca Brasileira Guita e José Mindlin*, 2008-2010. Disponível em: <http://www.bbm.usp.br/node/96>. Acesso em: 1 jan. 2016.

MORAES, R. B. de. *Bibliographia Brasiliana*: livros raros sobre o Brasil publicados desde 1504 até 1900 e obras de autores brasileiros do período colonial. São Paulo: Edusp, 2010. 2 t.

MORAES, R. B. de. *O bibliófilo aprendiz*. 3. ed. Brasília: Briquet de Lemos/ Livros; Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2005.

MOREIRA NETO, Carlos de Araújo. Gabriel Soares de Souza: caracter y costumbre de los índios aimorés (1587). In: *La Fundacion de Brasil: Testemonios 1500-1700*. Prólogo: Darcy Ribeiro; selección de textos: Darcy Ribeiro y Carlos de Araújo Moreira Neto; notas introductorias a los textos-testimonio; quadro sinóptico: Gisele Jacon de A. Moreira. Venezuela: Biblioteca Ayacucho, 1992. Disponível em: https://books.google.com.br/books?id=UM6PMFaZjWMC&pg=RA1-PA269&lpg=RA1-PA269&dq=La+Fundacion+de+Brasil:+Testemonios+1500-1700&source=bl&ots=oMS6Ys8xN3&sig=Rn8VCV-_UwKSb4wNUy1MkIoEvdg&hl=pt-BR&sa=X&ved=0ahUKEwjJoaj41_vMAhVJNSYKHUiNCVMQ6AEIJAB#v=onepage&q=La%20Fundacion%20de%20Brasil%3A%20Testemonios%201500-1700&cf=false. Acesso em: 10 maio 2016.

NEW YORK PUBLIC LIBRARY. *Catalogue*. New York, 2016. Disponível em: <https://catalog.nypl.org/search-S1?/XEl+Brasil+restituído&searchscope=1&SORT=D/XEl+Brasil+restituído&searchscope=1&SORT=D&SUBKEY=El+Brasil+restituído/1%2C4%2C4%2CB/frameset&FF=XEl+Brasil+restituído&searchscope=1&SORT=D&3%2C3%2C>. Acesso em: 3 abr. 2016.

PINHEIRO, Ana Virginia. Glossário de codicologia e documentação. *Anais da Biblioteca Nacional*, Rio de Janeiro, v. 115, p. 123-213, 1995. Volume publicado em 1998. Disponível em: http://objdigital.bn.br/acervo_digital/anais/. Acesso em: 21 dez. 2015.

PINHEIRO, Ana Virginia. *Livros raros de biblioteconomia: a memória científica da Biblioteca Nacional brasileira*. Rio de Janeiro: Fundação Biblioteca Nacional, 2013. Disponível em: <http://biblioo.info/wp-content/uploads/2013/09/LivrosRarosDeBiblioteconomia-Catalogo.pdf>. Acesso em: 8 set. 2015.

PINHEIRO, Ana Virginia. Sobre a coleção Brasiliana na Biblioteca Nacional. In: Fundação Biblioteca Nacional (Brasil). *200 anos: as coleções formadoras*. Rio de Janeiro, 2010. Disponível em: <http://bndigital.bn.br/200anos/brasiliana.html>. Acesso em: 23 jan. 2016.

PLACER, Xavier. *A bibliografia e sua técnica*. Rio de Janeiro: MEC/Serviço de Documentação, 1955.

RÉSEAU des Médiathèques. Montpellier: Montpellier Méditerranée Métropole, 2015. Disponível em: [https://mediatheques.montpellier3m.fr/DEFAULT/search.aspx?SC=DEFAULTGENERAL&QUERY=ex-libris+alph+pinart++#/Detail/\(query:\(Id:'0_OFFSET_0',Index:1,NBResults:1,PageRange:3,SearchQuery:\(CloudTerms:!\),-ForceSearch:!,t,Page:0,PageRange:3,QueryString:'ex-libris%20alphonse%20pinart',ResultSize:10,ScenarioCode:DEFAULTGENERAL,ScenarioDisplayMode:display-standard,SearchLabel:',SearchTerms:'ex%20libris%20alphonse%20pinart',SortField:!n,SortOrder:0,TemplateParams:\(Scenario:',Scope:DEFAULT,Size:!n,-Source:',Support:'\)\)\)\)](https://mediatheques.montpellier3m.fr/DEFAULT/search.aspx?SC=DEFAULTGENERAL&QUERY=ex-libris+alph+pinart++#/Detail/(query:(Id:'0_OFFSET_0',Index:1,NBResults:1,PageRange:3,SearchQuery:(CloudTerms:!),-ForceSearch:!,t,Page:0,PageRange:3,QueryString:'ex-libris%20alphonse%20pinart',ResultSize:10,ScenarioCode:DEFAULTGENERAL,ScenarioDisplayMode:display-standard,SearchLabel:',SearchTerms:'ex%20libris%20alphonse%20pinart',SortField:!n,SortOrder:0,TemplateParams:(Scenario:',Scope:DEFAULT,Size:!n,-Source:',Support:'))))). Acesso em: 1 abr. 2016.

REYES GÓMEZ, Fermín de los. *Manual de bibliografía*. Madrid: Castalia Instrumenta, 2010.

RODRIGUES, José Carlos. *Catálogo anotado dos livros sobre o Brasil e de alguns autographos e manuscriptos pertencentes a J. C. Rodrigues...* Rio de Janeiro: Typ. Do Jornal do Comercio de Rodrigues & C., 1907.

SILVA, Innocencio Francisco da. *Diccionario bibliographico portuguez*. Lisboa: Imprensa Nacional, 1858-1923.

TORRE VILLAR, Ernesto de la. Antonio de León Pinelo y la primera bibliografía de America. In: EGUIARA Y EGUREN. Juan José. *Biblioteca mexicana*. México: Universidad Nacional Autónoma de México, Coordinación de Humanidades, 1986.

ULLOA, Luís. Introdução. In: MALDONADO, Juan Álvarez. *Relación de la jornada y descubrimiento del rio Manú (hoy Madre de dios)... en 1567*. Sevilla: Imp. Y Lit. de C. Salas, 1899.

University of St. Andrews. *Universal Short Title Catalogue*. St Andrews, 2016. Disponível em: <http://ustc.ac.uk/index.php/record/5022982>. Acesso em: 15 fev. 2016.

VAINFAS, Ronaldo. *Dicionário do Brasil colonial (1500-1808)*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2000.

VERRI, Gilda Maria Whitaker. *Tinta sobre papel: livros em Pernambuco no século XVIII, 1769-1807: catálogo*. Recife: Ed. Universitária UFPE/Secretaria de Educação e Cultura,

Pernambuco, 2006. Disponível em: https://books.google.com.br/books?id=5FGsCh-6fNUoC&pg=PA34&lpg=PA34&dq=Tinta+sobre+papel:+livros+em+Pernambuco+-no+s%C3%A9culo+XVIII,+1769-1807&source=bl&ots=BUIYuMhpYp&sig=QXjG-JmIQXXSBgr9k6CT0rtk_ji0&hl=pt-BR&sa=X&ved=0ahUKEwirl7ac1fvMAhXJT-SYKHQ-MA6kQ6AEIHDA#v=onepage&q=Tinta%20sobre%20papel%3A%20livros%20em%20Pernambuco%20no%20s%C3%A9culo%20XVIII%2C%201769-1807&f=false. Acesso em: 15 mar. 2016.

WORLDCAT.ORG: The World's Largest Library Catalog. Dublin, Ohio: OCLC, 2001-2016. Disponível em: <https://www.worldcat.org>. Acesso em: 5 fev. 2016.

Preciosidades do Acervo



Os mapas mais influentes dos séculos XIX e XX publicados no Brasil, segundo a obra de Max J. Guedes

Leniza de Faria Lima Glad

Chefe do Departamento de Biblioteca da Marinha/Marinha do Brasil

Maria Dulce de Faria

Chefe da Seção de Cartografia/FBN

Terezinha de Fatima Puppim dos Reis

Encarregada da Divisão de Materiais Especiais/Marinha do Brasil





Resumo

O trabalho visa a apresentar mapas dos séculos XIX e XX, impressos no Brasil, selecionados pelo almirante Max Justo Guedes, reconhecido internacionalmente como autoridade em história marítima e cartografia brasileira. A identificação dos mapas mais relevantes desse período foi realizada por meio de sua obra *A cartografia impressa do Brasil: os 100 mapas mais influentes (1506-1922)*, que aponta aos pesquisadores, instituições culturais e profissionais da área sobre a importância desses mapas para o patrimônio cultural brasileiro. A metodologia consistiu no cotejamento dos mapas mencionados na obra e dos existentes na Biblioteca da Marinha e na Biblioteca Nacional. O conhecimento desses mapas citados apoia a avaliação dos critérios de raridade do acervo raro sob suas guardas e a difusão dessas coleções.

Palavras-chave: Mapoteconomia. Cartografia histórica. Critérios de raridade. Impressa-Brasil. Cartobibliografia.

Abstract

The work aims to present maps from the 19th and 20th centuries, printed in Brazil, selected by admiral Max Justo Guedes, internationally recognized as an authority on maritime history and Brazilian cartography. The most important maps from this period were identified in his book *A cartografia impressa do Brasil: os 100 mapas mais influentes (1506-1922)*, which points out to researchers and professionals of cartographic collections institutions the importance of these maps for the Brazilian cultural heritage. The methodology consisted of comparing the maps mentioned in the book with those in the Navy Library and the National Library. Knowledge of the mentioned maps supports the assessment of the rarity criteria of the rare collections under their care and their dissemination.

Keywords: Map librarinship. Historical cartography. Rarity criteria. Printing-Brazil. Cartobibliography.



Introdução

As obras cartográficas são documentos que baseiam os estudos históricos, registram os espaços onde os fatos políticos, sociais, religiosos e econômicos ocorreram, e auxiliam na compreensão dos acontecimentos que influenciaram a geopolítica de sua época.

O termo “mapoteconomia” (Oliveira, 1987, 1994), estudo dos mapas, empregado por Jaime Cortesão, reconhece a importância dos mapas e atlas como valiosas fontes de pesquisa histórica, que precisam ser identificadas pelos profissionais da informação, para compor o precioso patrimônio cultural brasileiro.

Contudo, esse tipo de material é raro de ser encontrado nas bibliotecas e arquivos. Trata-se de um material especial, que requer uma descrição específica para seu processamento técnico, e que se encontra no Anglo-American Cataloguing Rules (AACR2), além de conhecimentos básicos de cartografia e geografia, como escalas, coordenadas geográficas, projeções etc.

Outro desafio é identificar a relevância e raridade desses materiais. Por essa razão, recorreu-se à obra *A cartografia impressa do Brasil: os 100 mapas mais influentes (1506-1922)*, de Max Justo Guedes (1927-2011), conhecido como almirante Max, para destacar a seleção dos mapas mais relevantes impressos no Brasil, nos séculos XIX e XX, nos acervos da Biblioteca Nacional e Biblioteca da Marinha. O almirante Max é internacionalmente apreciado e reconhecido como autoridade nos diversos assuntos a que se dedicou, em especial a história marítima e a cartografia brasileira.

A referida obra foi publicada em 2012, isto é, após a inesperada morte do almirante Max, e por isso apresenta algumas inconsistências decorrentes, provavelmente, da falta de revisão do próprio autor. Levou-se em consideração os critérios de raridade bibliográfica da Biblioteca Nacional e conceitos da obra *O bibliófilo aprendiz*, de Rubens Borba de Moraes.

Metodologia

A metodologia consistiu em cotejar os mapas citados na obra *A cartografia impressa do Brasil* com as bases de registros catalográficos da Biblioteca da Marinha e da Biblioteca Nacional. Como o livro trata de mapas impressos, muitos dos seus exemplares podem existir em outras bibliotecas e arquivos.

Rubens Borba de Moraes (1998) propõe a classificação “Brasileira” a todos os livros sobre o Brasil, impressos desde o século XVI até os fins do século XIX, e os livros de autores brasileiros, impressos no exterior até 1808. A classificação para Brasileira são os primeiros livros publicados no Brasil, a partir da Imprensa Régia, até os nossos dias, as primeiras edições de autores brasileiros de literatura.

No que se refere à Cartografia Brasileira, pode-se fundamentar na obra do almirante Max, que abrange o período de 1506 a 1825, quando o litógrafo Johann Jacob Steinmann (1800-1844) foi contratado pelo Arquivo Militar (1825) para ensinar a impressão de mapas. Quanto à Cartografia Brasiliense, pode-se considerar a partir de 1826 até os nossos dias, quando a cartografia influencia acontecimentos de transformações geográficas, tecnológicas, sociais e humanas, como questões de fronteiras, anexação do Acre e publicação da *Carta geográfica do Brasil*, de 1922, pelo Clube de Engenharia.

Conforme o tema do XV Encontro Nacional de Acervo Raro – *Raridade bibliográfica dos séculos XIX e XX: identificar, fundamentar e preservar* –, o corte temporal deste cotejamento abrange os mapas editados no Brasil dos séculos XIX e XX.

Entre os exemplares dos mapas relacionados e selecionados no mencionado livro do almirante Max, foram recuperados 11 títulos na Biblioteca da Marinha e 18 na Biblioteca Nacional. Após a identificação, as obras tiveram suas catalogações aprimoradas, a fim de facilitar a recuperação nos sistemas, além do levantamento das biografias dos autores.

Como resultado, espera-se apresentar aos pesquisadores, instituições culturais e profissionais da área a importância desses mapas selecionados, monumentos cartográficos do patrimônio cultural brasileiro.

Fundamentação teórica

A palavra cartografia foi criada pelo visconde de Santarém, Francisco de Barros e Sousa Mesquita de Macedo e Carvalhosa em uma carta (1839) ao historiador brasileiro Francisco Adolfo de Varnhagen (Guedes, 2012), e definida pela Associação Cartográfica Internacional (ICA – International Cartographic Association):

[...] a arte, ciência e tecnologia de construção de mapas, juntamente com seus estudos como documentação científica e trabalhos de arte. Nesse contexto, mapa deve ser considerado como incluindo todos os tipos de mapas, plantas, cartas, seções, modelos tridimensionais e globos representando a Terra ou qualquer outro corpo celeste (Menezes, 2021, p. 19).

O estudo da cartografia histórica, que é uma das disciplinas auxiliares da história, aplica os mesmos princípios críticos com que se discute a autenticidade, integridade e veracidade das fontes escritas. O mapa é um documento histórico e civil, bem como um documento militar. É considerado documento porque todo acontecimento histórico se desenrola num espaço e, por essa razão, pode ser ou estar representado numa carta, exprimindo a necessidade do homem

de situar-se em relação ao meio em que vive, registrando os fatos políticos, religiosos, econômicos, sociais e geográficos.

Os estudos dos acontecimentos históricos ligados à expansão geográfica, descobrimentos, conquista do litoral, expedições das bandeiras, questões de fronteiras, entre outros, baseiam-se na cartografia histórica, pautados na análise crítica das cartas e atlas (Rodrigues, 1978).

Por isso, reveste-se de importância o reconhecimento dos mapas e atlas como documentos que compõem o patrimônio cultural, constituindo valiosas fontes de pesquisa, que precisam ser identificadas pelos profissionais da informação.

A Cartografia do século XVI é obra quase que exclusiva dos portugueses e tem por objeto os litorais. Ela é feita pelos próprios pilotos e revista por geógrafos e cartógrafos. Nem sempre é um documento estritamente científico e digno de fé, já que obedece muitas vezes a protótipos políticos, quer escondendo o conhecimento de territórios cuja soberania era disputada, quer viciando as respectivas coordenadas para alargamento desta soberania (Rodrigues, 1978, p. 283).

Como exemplo, observa-se o uso político dos mapas feito pelos pilotos, cartógrafos e geógrafos do século XVI, quando se disputava a soberania de Espanha e Portugal na América Meridional.

Os estudos dos mapas do século XVI revelam como o litoral do Brasil foi conhecido, o que testemunham monumentos cartográficos como o planisfério de Cantino (1502), primeiro mapa manuscrito em que aparecem as descobertas portuguesas na costa do Brasil. Naquele contexto foram nomes dados ao território brasileiro: Terra antes chamada de Vera Cruz, Santa Cruz e dos Papagaios.

No século XVII, uma nova fase se inaugura, com a introdução das denominações indígenas sendo usadas como nomes geográficos, em substituição aos nomes religiosos. Deixam de prevalecer as cartas de marear e as de litoral e começam a aparecer as cartas fluviais, com mais elementos sobre a navegação. A cartografia desse século especializa-se na representação do Amazonas, Colônia do Sacramento, além de registrar as fortalezas, baías e barras.

No século XVIII, a cartografia caracteriza-se por deixar de ser obra de pilotos e descobridores, e passa a ser obra científica de exploradores. Figuras centrais dessa reforma são os padres matemáticos Diogo Soares e Domingos Capassi ou Capacci, que conseguiram marcar longitudes e conferir mais precisão aos mapas.

A obra científica iniciada pelos dois padres jesuítas vai ser continuada pelos exploradores e demarcadores de limites que, em geral, eram engenheiros, matemáticos, geógrafos e astrônomos. Cabe destacar, no período de 1750 a 1777, a cartografia dos limites que delinearam o corpo físico do Brasil, monumentos cartográficos que, reitera-se, elucidaram complicadas questões de limites.

No século XIX, a cartografia caracteriza-se pelas detalhadas cartas hidrográficas e roteiros da costa resultantes dos levantamentos do barão de Roussin,

Manuel Antônio Vital de Oliveira, Ernest Amédée Barthélemy Mouchez e o barão de Tefé. O volume cartográfico de conhecimento produzido no Brasil estimulou Cândido Mendes a reunir e publicar o *Atlas do Império do Brasil*, que representa uma excelente contribuição cartográfica da época, bem como os trabalhos de Duarte da Ponte Ribeiro e Henrique de Beurepaire-Rohan.

Assim, no século XX, acumulados os numerosos subsídios do desenvolvimento da cartografia no Brasil, somados à larga experiência de ilustres geógrafos, cartógrafos e expoentes intelectuais da época, foram elaborados atlas e cartas memoráveis, com detalhamento das descrições geográficas do solo, da estrutura geral, dos sistemas orográfico, hidrográfico, do clima, dados estatísticos, políticos, sociais e econômicos. Um exemplo é o *Atlas do Brasil*, editado em 1909 com diversas informações sobre telégrafos, correios, estradas de ferro e estatísticas. Em 1922, com as questões de fronteiras entre o Brasil e os países da América do Sul resolvidas, o Clube de Engenharia decidiu organizar a *Carta internacional do mundo ao 1.000.000º*, com 51 mapas em série em padrão internacional, sendo relator Francisco Bhering. Nessa mesma data, o Clube de Engenharia publicou também *Carta Geographica do Brasil*, de 1922, reduzida em 4 folhas, que reuniu as múltiplas informações disponíveis para elaborar o mapa definitivo do território brasileiro.

Discussões

Durante o cotejamento foram observadas algumas inconsistências na obra do Almirante Max. O mapa 86 foi referenciado como parte da *Revista do IHGB*, porém não mencionava o número da revista. O texto do mapa 89 cita a instituição detentora como a Biblioteca Nacional, mas a imagem apresenta o carimbo da Mapoteca do Itamaraty. O mapa 95, na referência do livro, indica que se trata de publicação de 1907 do acervo da Biblioteca da Marinha. No entanto, a Biblioteca da Marinha não possui a edição de 1907, mas a edição do mapa de 1910 (figura 1). A imagem correta do item 95 do livro deveria ser a edição de 1907 (figura 2), que faz parte do acervo da Biblioteca Nacional.

O mapa 96 está no acervo da Biblioteca Nacional, contudo na referência está atribuído à Mapoteca do Itamaraty. O mapa 100 do livro não corresponde à descrição da preciosa *Carta Geographica do Brasil*, de 1922, dividida em 4 partes. A ilustração no livro é da edição de 1925, sem seções, conforme a figura 3. O mapa de 1922 encontra-se no acervo da Biblioteca Nacional, de acordo com a figura 4.

Embora a obra apresente erros é uma publicação valiosa para orientar o especialista, tanto em acervos cartográficos, quanto no critério de seleção e no entendimento da formação geográfica do Brasil.

Relação dos mapas citados na obra do almirante Max

A relação cartobibliográfica está de acordo com a sequência da numeração dos mapas no livro *A cartografia impressa do Brasil: os 100 mapas mais influentes (1506-1922)*. Além da referência, foram indicadas as formas de localização das obras nos acervos, assim como uma descrição da obra e uma breve bibliografia do autor. Para as obras guardadas pela Biblioteca Nacional, há duas formas de identificação, o Objeto Digital (OD), para as obras já digitalizadas, e a localização para as obras não digitalizadas. Já para os acervos sob a guarda da Biblioteca da Marinha, foram indicados os códigos do acervo. Dessa forma, facilita-se a localização de todas as obras nos catálogos digitais das bibliotecas.

Número do mapa: 75

NIEMEYER, Conrado Jacob de. *Carta corographica do Império do Brazil*. Dedicada ao Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro. Rio de Janeiro: Heaton & Rensburg, 1846. 1 mapa, litografado, 150x150 cm.

Biblioteca Nacional – OD: cart170429.

Notas:

Confeccionada por Conrado Jacob Niemeyer (1787-1868), em parceria com seu sobrinho Pedro de Alcantara Bellegarde (1807-1864), a carta apresenta o território brasileiro desde os limites da Guiana Francesa até as proximidades do rio da Prata. Conrado Jacob Niemeyer foi o militar que levantou a planta de Recife e Olinda, estabeleceu a linha telegráfica entre o Recife e o sul da província, além de ser nomeado, em 1856, como oficial da Repartição Geral das Terras Públicas e encarregado da confecção da Carta Corográfica do Império do Brasil e, posteriormente, a da província do Rio de Janeiro.

Número do mapa: 78

NIEMEYER, Conrado Jacob de. *Nova carta corographica do Imperio do Brazil*: confeccionada avista dos trabalhos existentes por ordem do Illmo. Exmo. Snr. Tenente Coronel Marquez de Cachias [*sic*], Presidente do Conselho, e Secretario d'Estado dos Negócios da Guerra. Rio de Janeiro: Lithographia Imperial Eduardo Rensburg, 1857. 1 mapa em 4 f., 62x71 cm cada folha.

Biblioteca Nacional – OD: cart208911.

Notas:

Elaborada por ordem do marquês de Caxias na época em que ele presidia o Conselho de Estado. A carta é dividida em quatro partes e destaca as diversas nações indígenas do nordeste e as exportações de cada província. Inclui a província da banda oriental, atual Uruguai, e possui dados gerais sobre o Exército, Marinha, Marinha Mercante e estabelecimentos científicos, educacionais de nível superior e culturais do Império do Brasil. Litografado por Guilherme

Kramer, sobre papel nacional da fábrica do barão de Capanema, na Serra da Estrela em Petrópolis, que funcionou entre 1850 e 1874.

Número do mapa: 83

ALMEIDA, Cândido Mendes de. *Atlas do Império do Brasil*: compreendendo as respectivas divisões administrativas, ecclesiasticas, eleitoraes e judicarias dedicado á sua Magestade o Imperador o Senhor D. Pedro II destinado á instrucção publica no Império com especialidade á dos alumnos do Imperial Collegio de Pedro II. Rio de Janeiro: Lithographia do Instituto Philomathico, 1868. [36] p. 27 mapas.

Biblioteca da Marinha – acervo: 338546.

Biblioteca Nacional – localização: AT.020,02,026/027.

Notas:

Cândido Mendes de Almeida (1818-1881) foi advogado, jornalista, deputado e senador do Império. Entre suas obras, publicou o *Atlas do Império do Brasil*, que procura oferecer imagens geográficas do país no ano de 1868. “O trabalho inicia-se com o mapa-múndi e a Carta Geral do Brasil e é seguido por representações das vinte províncias então existentes e da cidade do Rio de Janeiro” (Guedes, 2012, p. 224). Como curiosidade projeta uma hipotética província de Pinsonia, formada pelo norte do Pará e pelo Amapá, totalizando 26 mapas.

O *Atlas* teve um fac-símile impresso no ano 2000.

Número do mapa: 84

PONTE RIBEIRO, Duarte da. *Carta do Império do Brasil*: reduzida no Archivo Militar em conformidade da publicada pelo coronel Conrado Jacob de Niemeyer em 1846 e das especiaes das fronteiras com os estados limitrophes. Rio de Janeiro: Lith. do Archivo Militar, 1873. 1 mapa, 64x63 cm.

Biblioteca Nacional – OD: cart163385.

Biblioteca da Marinha – acervo: 31318.

Notas:

Duarte da Ponte Ribeiro (1795-1878), barão da Ponte Ribeiro, nasceu em Viseu, Portugal, e veio para o Brasil em 1807. Em 1811, formou-se em Medicina pela Escola de Medicina da Bahia. Entretanto, tornou-se mais conhecido como diplomata e cartógrafo. Além de receber as comendas da Imperial Ordem de Cristo e a Imperial Ordem da Rosa, foi sócio do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro.

A carta é uma redução, feita pelo Arquivo Militar, da carta produzida em 1846 pelo coronel Conrado Jacob de Niemeyer. Sua importância está na divisão político-administrativa do Brasil, com destaque para suas principais províncias e áreas limítrofes com as repúblicas da Argentina, Uruguai, Peru, Bolívia e Guianas.

Número do mapa: 85

(Figura 6)

BRASIL. Comissão da Carta Geral do Império. *Carta do Imperio do Brasil*: organizada pela Comissão da Carta Geral sob a presidência do General Henrique de Beaurepaire Rohan com a coadjuvação do Ex.mo. Sñr. Barão da Ponte Ribeiro. - [Rio de Janeiro]: Inst.o. Heliographico A.o. Henschel, 1875. - 1 mapa em 4 f.; 60x63 cm cada folha.

Biblioteca Nacional – OD: cart163398.

Notas:

Organizada pela Comissão da Carta Geral do Império, que então era presidida por Pedro Carlos de Beaurepaire-Rohan (1812-1894), visconde com grandeza de Beaupaire-Rohan, essa carta teve sua confecção iniciada em 1864 e foi finalizada somente em 1875 pelo conselheiro Tomás José Coelho de Almeida (1838-1895), senador do império e ministro da Marinha, que foi elevado ao cargo de ministro da Guerra no fim do reinado de dom Pedro II. (Guedes, 2012)

Apresentada na Exposição Internacional da Filadélfia em 1876, segundo Guedes (2012, p. 228), “foi a melhor carta que tivemos por mais de meio século, isto é, até o mapa do Brasil organizado pelo Club de Engenharia em 1922”.

Número do mapa: 87

(Figura 7)

BRASIL. Comissão da Carta Arquivo. *Carta do Imperio do Brasil com a designação das ferro-vias, colonias, engenhos centraes, linhas telegraphicas e de navegação a vapor*: mandada organizar por ordem do Ministério d’Agricultura durante a administração do ex.mo. s.r. conselheiro P. L. Pereira de Sousa a do ex.mo. s.r. conselheiro A. A. Moreira Penna na comissão da Carta Arquivo sob a presidência do tenente general H. de Beaurepaire Rohan[,] pelo professor L. J. M. Penha tendo por auxiliares o adjunto J. C. do Amaral e o desenhador J. R. F. Rio de Janeiro: Lith. Paulo Robin, & Ca., 1883. 1 mapa em 4 f., col., 47x48,5 cm., cada folha. Biblioteca Nacional – OD: cart163353.

Notas:

Elaborada por Lauriano José Martins Penha, auxiliado por J. C. Amaral e José Ribeiro da Fonseca Silveiras. Utilizou-se na produção da carta o material reunido pela comissão da carta Arquivo, que foi publicada em 1875. Foi elaborada sob as ordens dos conselheiros Pedro Luiz Pereira de Sousa e Afonso Augusto Moreira Pena, ministros da agricultura (Guedes, 2012).

A obra teve por base a carta de 1875 de Henrique de Baurepaire-Rohan (1812-1894) e indica as linhas de navegação brasileiras e estrangeiras, além de alguns apontamentos estatísticos.

Descreve as províncias do Império do Brasil e os seus limites. Destacam-se no mapa linhas telegráficas, engenhos, colônias militares, civis e emancipadas,

além de algumas ferrovias, em especial a Estrada de Ferro D. Pedro II. Essa estrada de ferro foi construída para ligar a Corte, sediada no Rio de Janeiro, às províncias de São Paulo e de Minas Gerais. Em 1889, esta linha férrea teve seu nome alterado para Estrada de Ferro Central do Brasil.

Apresenta também alguns dados sobre a imigração europeia que chegou ao porto do Rio de Janeiro, além de mostrar as linhas de navegação a vapor brasileiras, inglesas, americanas, italianas, francesas e alemãs.

Embora o texto do almirante Max descreva a medida do mapa como 47x48 cm, essa é a medida de uma das quatro folhas e não do mapa como um todo.

Número do mapa: 88

CARVALHO, Claudio Lomellino de. Mapa do Império do Brasil. *In*: CARVALHO, Claudio Lomellino de. *Atlas do Império do Brasil*. 2. ed. aumentada. Rio de Janeiro: Lith. Paulo Robin, 1885. 1 mapa: col. 53,8x44,6 cm em f. 72,7x50,5 cm dobrada em 36,5x25,5 cm.

Biblioteca Nacional – localização: AT.012,02,009.

Notas:

O almirante Max atribuiu como autor principal o barão de Homem de Melo. No entanto, quem organizou e gravou a carta e o atlas foi Claudio Lomellino de Carvalho com a supervisão do barão de Homem de Melo e Pimenta Bueno (1803-1878).

O exemplar da Biblioteca Nacional apresenta a assinatura e carimbo de Pedro de Alcântara de Orléans e Bragança.

O barão de Homem de Melo (1837-1918) foi professor do colégio Pedro II, Colégio Militar e Escola Nacional de Belas Artes. Foi também um exponencial político, no entanto se afastou da carreira política após a ascensão da República.

Número do mapa: 89

BRASIL. Inspetoria Geral de Estradas de Ferro. *Carta da Republica dos Estados Unidos do Brazil*: com a designação das ferrovias, rios navegaveis, colônias, engenhos centraes, linhas telegraphicas e de navegação a vapor. Rio de Janeiro: Lith. Paulo Robin, 1892. 1 mapa em 2 f. de 92,7x49 cm.

Biblioteca da Marinha – acervo: 271477.

Biblioteca Nacional – localização: ARC.001,01,033/038.

Notas:

Este mapa foi produzido sob a direção do engenheiro João Chrockatt de Sá Pereira de Castro (1851-1911), que foi presidente do Clube de Engenharia entre 1902 e 1903. Formado em Construções Navais, foi nomeado diretor das construções navais do Arsenal de Marinha de Pernambuco (1874) e diretor interino das construções navais do Arsenal de Marinha do Rio de Janeiro (1876), sendo efetivado neste cargo em 16 de maio de 1881.

Na carta, constam todos os países que fazem fronteira com o Brasil, assim como linhas de navegação a vapor, imigração europeia e dados sobre a população (Guedes, 2012).

Embora o mapa esteja citado na legenda do livro como acervo da Biblioteca Nacional, apresenta na imagem o carimbo da Mapoteca do Itamaraty. Portanto, o exemplar reproduzido no livro, pertence à Mapoteca do Itamaraty.

Número do mapa: 90

DOSSERAY, J. *Novo mappa geral dos Estados Unidos do Brazil*. Paris: J. Dosseray, 1895. 1 mapa, col., 17,6x65,6 cm em f. 124,30x93 cm.

Biblioteca Nacional – localização: ARC.001,05,028.

Notas:

Jean Dosseray (1868-1904), editor belga, proprietário do estabelecimento Geographico e de Cromolithographia. O mapa cartografa parte do território da América do Sul; ao norte, Venezuela e Guianas; a oeste, parte do Gran Chaco e ao sul, região do Prata (Guedes, 2012).

Possui “Carte a figures”, que mostra vistas de algumas cidades. Na parte superior, registra bandeiras de todos os países; na parte inferior, a “Série Universal dos Pavilhões Marítimos”.

Número do mapa: 92

(Figura 8)

BRASIL. Repartição da Carta Marítima. *Carta geral da iluminação da costa da Republica dos Estados Unidos do Brazil*. Rio de Janeiro: Lith. Luiz Francisco de Pinho, 1899. 1 mapa em 3 f., 92x56 cm.

Biblioteca da Marinha – acervo: 31387.

Biblioteca Nacional: OD – cart519674.

Notas:

Elaborada pela Repartição da Carta Marítima durante a direção do almirante Joaquim Antonio Cordovil Maurity (1844-1915). Militar condecorado como herói na Guerra do Paraguai, foi o comandante do monitor encouraçado Alagoas na Passagem de Humaitá e presidente do Clube Naval.

O mapa reúne de forma sistemática todos os faróis da costa brasileira, posicionando-os na latitude e longitude precisas onde se situavam (Guedes, 2012).

Número do mapa: 94

BRASIL. Superintendência de Navegação. *Oyapock ao Maranhão*: dezenhada por ordem do Sñr; Vice-Almirante Arthur Jaceguay, Superintendente de Navegação, de accordo com os levantamentos feitos pelo Cap[i]tão de Fragata E. Mouchez, em 1861, ultimas correções do Almirantado Inglez, e muitas outras determinadas por trabalhos hydrographicos de Officiaes da Marinha do Brazil, sendo Director de Hydrographia o Cap[i]tão de Fragata Estevão Adelino

Marins. S[ão] Paulo; Rio [de Janeiro]: Comp. Lith. Hartmann-Reichenbach, 1909. 1 mapa, col., 61x96,7 cm em f. 73 x 104,5cm (America do Sul, Brazil).

Biblioteca da Marinha – acervo: 280579.

Biblioteca Nacional – OD: cart168898 (ver Figura 5)

BRASIL. Superintendência de Navegação. *Maranhão a Pernambuco*: Dezenhada por ordem do Sñr; Vice-Almirante Arthur Jaceguay, Superintendente de Navegação, de accordo com os levantamentos feitos pelo Cap[i]tão de Fragata E. Mouchez, em 1861, pelo 1º te[ne]nte. Vital de Oliveira e outros officiaes da Marinha do Brazil, sendo Director interino, de Hydrographia o Cap[i]tão de Corveta Nicolau Possollo. S[ão] Paulo; Rio [de Janeiro]: Comp. Lith. Hartmann-Reichenbach, 1909. 1 mapa, col., 59,5x96,4 cm em f. 71,6x98,3 cm (America do Sul, Brazil).

Biblioteca da Marinha – acervo: 268947.

Biblioteca Nacional – OD: cart533083.

BRASIL. Superintendência de Navegação. *Parahyba a Bahia*: Dezenhada por ordem do Sñr; Vice-Almirante Arthur Jaceguay, Superintendente de Navegação, de accordo com os levantamentos feitos pelo Cap[i]tão de Fragata E. Mouchez, em 1861, ultimas correcções do Almirantado Inglez, e muitas outras determinadas por trabalhos hydrographicos de Officiaes da Marinha do Brazil, sendo Director de Hydrographia o Cap[i]tão de Mar e Guerra João de Andrade Leite. S[ão] Paulo; Rio [de Janeiro]: Comp. Lith. Hartmann-Reichenbach, 1908. 1 mapa, col., 60,2x99,3 cm em f. 72x117,5 cm (America do Sul, Brazil).

Biblioteca da Marinha – acervo: 21470.

Biblioteca Nacional – OD: cart531964.

BRASIL. Superintendência de Navegação. *Bahia a Benevente*: Dezenhada por ordem do Sñr. Almirante Arthur Jaceguay, Superintendente de Navegação, de accordo com os levantamentos feitos pelo Cap[i]tão de Fragata E. Mouchez, em 1861, ultimas correcções do Almirantado Inglez, e muitas outras determinadas por trabalhos hydrographicos de Officiaes da Marinha do Brasil, sendo chefe da Secção de Hydrographia o Cap[i]tão de Mar e Guerra João Andrade Leite. S[ão] Paulo; Rio [de Janeiro]: Comp. Lith. Hartmann-Reichenbach, 1908. 1 mapa, col., 69x104 cm em f. 84,2x108 cm (America do Sul, Brazil).

Biblioteca Nacional – OD: cart175749.

BRASIL. Repartição da Carta Marítima. *Victoria ao C.bo S.ta Martha*: Dezenhada por ordem do Sñr. Almirante Arthur Jaceguay, chefe da Carta Marítima, de accordo com os levantamentos feitos pelo Cap[i]tão de Fragata E. Mouchez, em 1861, ultimas correcções do Almirantado Inglez, e muitas outras determinadas por trabalhos hydrographicos de Officiaes da Marinha do Brazil, sendo chefe da Secção de Hydrographia o Cap[i]tão de Mar e Guerra João Andrade Leite. S[ão] Paulo; Rio [de Janeiro]: C. L. Hartmann & Reichenbach, 1908. 1 mapa, col., 73,6x105,5 cm em f. 84,7x118 cm (America do Sul, Brazil).

Biblioteca da Marinha – acervo: 11599.

Biblioteca Nacional – OD: cart164734.

BRASIL. Repartição da Carta Marítima. *Porto Bello ao rio Chuy*: Dezenhada por ordem do Sñr. Almirante Arthur Jaceguay Chefe da Carta Marítima, de accordo com os levantamentos feitos pelo Cap[i]tão de Fragata E. Mouchez em 1861 e com grandes correções determinadas por trabalhos hydrographicos de Officiaes da Marinha do Brazil, sendo chefe da Secção de Hydrographia o Cap[i]tão de Mar Guerra João Andrade Leite. [São Paulo; Rio de Janeiro: Comp. Lith. Hartmann-Reichenbach], 1907. 1 mapa, col., 60,1x97,6 cm em f. 76x108,5 cm (América do Sul, Brazil).

Biblioteca da Marinha – acervo: 19648.

Biblioteca Nacional – OD: cart175750.

Notas:

Coleção de seis cartas náuticas que descrevem a costa brasileira. Produzidas pela Superintendência de Navegação da Marinha, sob a direção de Arthur Silveira da Mota, o barão de Jaceguai. No seu livro, o almirante Max dá o título para essa coleção de “Mapas parciais da costa do Brasil 1907-1908”, enquanto outras fontes a citam como Coleção Jaceguai. No entanto, nos cartuchos das cartas não há um título que unifique todos esses mapas.

O barão de Jaceguai (1843-1914), foi um dos mais distintos oficiais da Marinha do Brasil, lutou na Guerra do Paraguai, foi membro da Academia Brasileira de Letras, comandou uma esquadra incumbida de fazer levantamento hidrográfico no estuário do Prata, assinou o Tratado de Amizade, Comércio e Navegação entre o Brasil e a China no ano de 1881, além de ter sido diretor da Biblioteca da Marinha, Museu e Arquivo e ainda redator da Revista Marítima Brasileira (Guedes, 2012).

Número do mapa: 95

BRASIL. Repartição da Carta Marítima. *Schema da iluminação da costa do Brazil*. S[ão] Paulo: Lith. Hartmann & Reichenbach, 1907. 1 mapa, col., 60,2x45,8 cm em f. 73,5x52,2 cm.

Biblioteca Nacional – OD: cart514080.

BRASIL. Superintendência de Navegação. *Schema da iluminação da costa do Brazil*. [Rio de Janeiro]: Officina Typo-Lithographica da Superintendencia de Navegação, 1910. 1 mapa, 44,4x59,4 cm.

Biblioteca da Marinha – acervo: 15250.

Biblioteca Nacional – OD: cart325156.

Notas:

No livro, o almirante Max descreve a carta de 1907, no entanto, a imagem representada é a da carta de 1910.

A carta de 1907 foi impressa pela Litografia Hartmann-Reichenbach, já a de 1910, pela Tipografia da Superintendência de Navegação, e mostra os faróis da costa brasileira.

A carta foi também elaborada e publicada no período em que o barão de Jaceguai foi diretor da repartição da Carta Marítima e desenhada pelo tenente José Manuel Monteiro.

Número do mapa: 96

BRASIL. Ministério da Indústria, Viação e Obras Públicas. *Mappa geral da Republica dos Estados Unidos do Brasil*: publicado por ocasião da exposição nacional de 1908. São Paulo; Rio de Janeiro: Comp. Lith. Hartmann-Reichenbach, [1908]. 1 mapa, col., 135x102 cm. No alto do mapa emblema da Republica e fotografia de dr. [A]ffonso Penna.

Biblioteca Nacional – localização: ARC.002,01,025.

Notas:

Este mapa foi elaborado por ordem do ministro da Indústria, Viação, e Obras públicas, Miguel Calmon Du Pin e Almeida (1879-1935) para a grande exposição de 1908 no Rio de Janeiro. No canto superior direito, constam as armas da República e no canto superior esquerdo, a fotografia do então presidente Affonso Augusto Moreira Penna.

O mapa apresenta um comparativo do tamanho dos estados brasileiros com os principais países do mundo, assim como um mapa estatístico. Inclui dois encartes, medindo 7x7 cm, da Ilha de Fernando de Noronha e da Ilha de Trindade.

Embora no texto do almirante Max esteja descrito que o mapa pertence à Mapoteca do Itamaraty, a imagem apresentada possui carimbo da Biblioteca Nacional. Portanto, esse exemplar reproduzido no livro pertence à Biblioteca Nacional.

Número do mapa: 98

HOMEM DE MELO, Francisco Inácio Marcondes. Carta dos Estados Unidos do Brazil: segundo os melhores autores. *In*: HOMEM DE MELO, F. I. Marcondes. *Atlas do Brazil*. 1. tiragem. Rio de Janeiro: F. Briguiet, 1909. 37 cm. p. 80.

Biblioteca da Marinha – acervo: 28515.

Biblioteca Nacional – OD: cart295750.

Notas:

A carta faz parte do Atlas do Brasil do barão Homem de Melo e Francisco Homem de Melo, de 1909. A divisão administrativa apresenta 20 estados do Brasil e o território federal do Acre, que passou a ser estado em 1962.

Observa-se que o atual estado de Rondônia pertencia ao Estado de Mato Grosso; Roraima, ao Amazonas; Amapá, ao Pará; Mato Grosso do Sul; ao Mato Grosso; e Tocantins, ao Estado de Goiás. O Distrito Federal correspondia à cidade do Rio de Janeiro.

O barão Homem de Melo (1837-1918) foi professor do colégio Pedro II, Colégio Militar e Escola Nacional de Belas Artes. Foi também um exponencial político, no entanto se afastou desta carreira após a ascensão da República.

Número do mapa: 99

BRASIL. Diretoria Geral dos Telégrafos. *Schema das linhas telegraphicas do Brazil*: abrangendo as da União, as dos estados, das estradas de ferro e das companhias estrangeiras. S[ão] Paulo; Rio [de Janeiro]: Companhia Lithographica Ypiranga, 1917. 1 mapa em 2 f., col., cada f. 129,8x69,8 cm.

Biblioteca Nacional – OD: cart171174.

Notas:

Apresenta o cabeamento das linhas telegráficas assim como a divisão política dos estados.

Inclui um encarte no canto superior esquerdo com as linhas compreendidas no perímetro central do Distrito Federal, então no Rio de Janeiro.

Mapa desenhado por Henrique Jacques Boiteux (1863-1945). O cartucho destaca que no momento da publicação da carta, o diretor da Repartição Geral de Telégrafos era o engenheiro Euclides Barroso (1861-); o subdiretor técnico, o engenheiro Francisco Bhering (1866-1924) e o chefe da seção, Alberto B. Cotrim.

Número do mapa: 100

CLUBE DE ENGENHARIA (Rio de Janeiro, RJ). *Carta geographica do Brasil*: em comemoração do primeiro centenário da independência. Paris: Institut Cartographique, 1922. 1 mapa em 4 f.: col.; 174x202 cm em f. 87x101 cm.

Biblioteca Nacional – OD: cart163357.

Notas:

O almirante Max descreve a carta de 1922 publicada em 4 folhas, no entanto a imagem do livro é da carta reproduzida por Arthur Duarte Ribeiro, publicada em 1925.

A carta de 1922 foi concebida com dados reunidos pelo Clube de Engenharia. O almirante Max observa que ela foi baseada nos mapas de Antônio Pires da Silva Pontes Leme (1750-1805), Conrado Jacob de Niemeyer (1788-1862), Cândido Mendes de Almeida (1818-1881), visconde Henrique de Beaurepaire-Rohan (1812-1894), barão de Homem de Melo (1837-1918) e barão do Rio Branco (1845-1912). Observa-se que o autor também recorreu às cartas hidrográficas do barão Roussin (1781-1854), Vital de Oliveira (1829-1867), barão de Tefé (1837-1931), almirante Mouchez (1821-1892) e do almirantado Inglês (Guedes, 2012).

A edição de 1922 foi feita em comemoração aos 100 anos da independência do Brasil e apresenta a divisão política dos estados do Brasil e suas fronteiras naquele ano. A Biblioteca Nacional tem as duas edições no seu acervo.

Considerações finais

Os critérios de raridade para coleção cartográfica se aplicam aos movimentos políticos (acordos de fronteiras, posses entre as nações), científicos (novas tecnologias e descobertas territoriais e hidrográficas), sociais e culturais. Assim, o conhecimento desses critérios auxilia os profissionais de bibliotecas ou arquivos a diferenciar e destacar o acervo raro regional, estadual, nacional ou internacional sob sua guarda.

A cartografia é uma ciência essencial para o desenvolvimento dos territórios, países e suas sociedades. Portanto, é de grande valor que as instituições de guarda de acervos preservem e divulguem esse material, a fim de fomentar a produção de trabalhos que usem a cartografia como meio de entender os processos sociais. Por isso, é tão importante entender o acervo e delinear as coleções especiais.

O livro *A cartografia impressa do Brasil: os 100 mapas mais influentes (1506-1922)*, de Max Justo Guedes, curador da história naval e cartográfica do Brasil, reconhecido internacionalmente pelos estudiosos, é uma das grandes contribuições para a avaliação da coleção cartográfica impressa no Brasil.

Referências

ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS. *Vocabulário ortográfico da língua portuguesa*. Disponível em: <https://www.academia.org.br/nossa-lingua/busca-no-vocabulario>. Acesso em: 18 abr. 2024.

ADONIAS, Isa. *Mapa: imagens da formação territorial brasileira*. Rio de Janeiro: Odebrecht, 1993.

BRASIL. Diretoria do Patrimônio Histórico e Documentação da Marinha. *Proposta de Instituição do Patrono da Cultura da Marinha*: Contra-Almirante (Honorário) Max Justo Guedes. Documento textual. 16 p.

BRASIL. Ministério das Relações Exteriores. *Curso de história da cartografia, geografia das fronteiras do Brasil e mapoteconomia*. Jaime Cortesão e Murillo de Miranda Basto (org.), 1944.

CÓDIGO de catalogação anglo-americano. 2. ed., rev. 2002 São Paulo: Febab: Imprensa Oficial, 2004. 1 v. (folhas soltas).

FUNDAÇÃO BIBLIOTECA NACIONAL. *Crêterios de raridade bibliográfica da Biblioteca Nacional*. Disponível em: <https://antigo.bn.gov.br/sites/default/files/documentos/producao/apresentacao/criterios-raridade-fundacao-biblioteca-nacional/criteriosraridadefbn.pdf>. Acesso em: 8 abr. 2024.

GUEDES, Max Justo. *A cartografia impressa do Brasil: os 100 mapas mais influentes (1500-1922)*. Rio de Janeiro: Capivara Editora, 2012. 264 p.

HOUAISS, Antônio. *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva/ Instituto Antônio Houaiss de Lexicografia, 2001.

MENEZES, Paulo Márcio Leal de; FERNANDES, Manoel do Couto. *Roteiro de cartografia*. São Paulo: Oficina dos Textos, 2013. 288 p.

MENEZES, Paulo Márcio Leal de; FERNANDES, Manoel do Couto; CRUZ, Carla Bernadete Madureira (org.). *Cartografia do ontem, hoje e amanhã*. Curitiba: Appris, 2021.

MORAES, Rubens Borba de. *Bibliographia brasiliana*: livros raros sobre o Brasil publicados desde 1504 até 1900 e obras de autores brasileiros do período colonial. São Paulo: Edusp/Fapesp, 2010.

MORAES, Rubens Borba de. *O bibliófilo aprendiz*: prosa de um velho colecionador para ser lida por quem gosta de livros, mas pode também servir de pequeno guia aos que desejam formar uma coleção de obras raras, antigas ou modernas. 3. ed. Brasília/Rio de Janeiro: Briquet de Lemos/Casa da Palavra, 1998.

OLIVEIRA, Cêurio de. *Dicionário cartográfico*. 3. ed. rev. e aum. Rio de Janeiro: IBGE, 1987. Disponível em: <https://biblioteca.ibge.gov.br/index.php/biblioteca-catalogo?view=detalhes&id=281222>. Acesso em: 23 mar. 2024.

OLIVEIRA, Cêurio de. *Dicionário cartográfico*. 4. ed. Rio de Janeiro: IBGE, 1994. Disponível em: <https://biblioteca.ibge.gov.br/index.php/biblioteca-catalogo?view=detalhes&id=281223>. Acesso em: 23 mar. 2024.

RODRIGUES, José Honório. As fontes históricas: Cartografia. In: RODRIGUES, José Honório. *Teoria da história do Brasil*: introdução metodológica. 5. ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1978.

Impresso por Tavares & Tavares Ltda.
Uberlândia (MG), verão de 2025
Composição em Adobe Garamond
Capa em papel cartão supremo Duo Design 300g/m²
Miolo em papel Off-set 90g/m²

